COMENTÁRIOS DO ANTIGO TESTAMENTO



SALMOS

Allan Harman



EMANUENCE DIGITAL

AVISO:

Este PDF foi construído para uso pessoal.

PROIBIDA A VENDA DO MESMO.

Caso você tenha condições financeiras para comprar o livro impresso, pedimos que abençoe o autor adquirindo a versão em questão.

COMENTÁRIOS DO ANTIGO TESTAMENTO

SALMOS

Allan Harman

Comentários do Antigo Testamento – Salmos © 2011, Editora Cultura Cristã. Publicado em inglês com o título *Psalms* © 1998, Allan M. Harman. Publicação em português autorizada pela Christian Focus Publication Ltd. Geanies House – Fearn, Tain – Ross-Shire. IV20 TWE – Scotland UK. Todos os direitos são reservados.

1ª edição 2011 – 3.000 exemplares

Conselho Editorial
Ageu Cirilo de Magalhães Jr.
Cláudio Marra (*Presidente*)

Fabiano de Almeida Oliveira
Francisco Solano Portela Neto
Heber Carlos de Campos Jr.
Mauro Fernando Meister
Tarcízio José de Freitas Carvalho
Valdeci da Silva Santos

Produção Editorial
Tradução
Valter Graciano Martins
Revisão
Gecy Macedo
Wilton Vidal de Lima
Editoração
Eline Alves Martins
Capa
Magno Paganelli

H2841c Harman, Allan M.
Comentários do Antigo Testamento – Salmos / Allan M. Harman; tradução de Valter Graciano Martins. _ São Paulo: Cultura Cristã, 2011

480 p.

Tradução Psalms

ISBN 978-85-7622-128-9

1. Comentários 2. Estudos bíblicos

I. Título
2-277 CDU

EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP
Caixa Postal 15.136 – CEP 01599-970 – São Paulo - SP
Fone (11) 3207-7099 – Fax (11) 3209-1255 – 0800–0141963
www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas
Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

A
Mairi

SUMÁRIO

PREFÁCIO
ANALISANDO OS SALMOS

1. Cantando os Louvores de Deus
2. O Uso de Poesia
3. Introduzindo o Saltério
4. Os Salmos e a Vida Espiritual
5. O Desenvolvimento do Saltério
6. Os Salmos e a Aliança Divina
7. Tipos de Salmos
8. Deus nos Salmos
9. A Realeza de Deus
10. A Lei de Deus nos Salmos
11. Tipos Especiais de Salmos
12. Salmos de Recordação
13. O Problema dos Cânticos
14. Uma Leitura Cristã dos Salmos
15. Usando os Salmos Hoje

Sugestões para Leitura Adicional

LIVRO 1
LIVRO 2
LIVRO 3
LIVRO 4
LIVRO 5

PREFÁCIO

Alguém, ao escrever sobre os Salmos, deve estar cônscio da rica herança de literatura que temos neste livro da Bíblia. Quero aqui reconhecer minha dívida para com muitos autores de quem tenho aprendido por tantos anos. Olhando para trás, agora acho difícil localizar muitas das fontes das quais consegui ajuda e as quais me foram tão estimulantes. Idéias de vários livros se tornaram parte de meu próprio pensamento e o ensino sobre os Salmos, e outra coisa não posso fazer senão expressar minha profunda gratidão a todos cujos escritos sobre os Salmos tenho usado.

Expresso meu reconhecimento aos estudantes a quem ministrei cursos sobre os Salmos em várias instituições teológicas. Em particular, penso nos estudantes do Free Church College, Edimburgo, Escócia; o Reformed Theological College, Geelong, Austrália; o Reformed Theological Seminary, Jackson, Mississippi, USA; e o Presbyterian Theological College, Melbourne, Austrália. Interagiram comigo quando estudamos o Saltério juntos, e repetidas vezes suas respostas me conduziram de volta ao texto.

Dois amigos, Bernard Secombe e Mark Tonkin, têm sido de grande ajuda na leitura do manuscrito e fazendo comentários sobre ele, e de coração lhes agradeço.

Finalmente, minha esposa Mairi sempre me encorajou enquanto caminhamos juntos na causa do evangelho por mais de 35 anos. Neste caso, ela me tem ajudado a manter-me na tarefa em meio a muitas demandas competitivas de meu tempo no colégio e na vida da igreja, e seus comentários têm também melhorado o manuscrito.

ANALISANDO OS SALMOS

1. CANTANDO OS LOUVORES DE DEUS

1.1. Introduzindo os Cânticos de Deus

Cânticos de louvor a Deus não ocorrem só no Livro dos Salmos. Espalhados pelos vários livros do Antigo Testamento se acham cânticos entoados pela comunidade crente de Israel. A lista inclui cânticos tais como:

O Cântico do Mar (Êx 15.1–18), que foi composto para celebrar o livramento que o Senhor proveu para seu povo, de sua escravidão no Egito, e registrado seguindo sua dramática passagem pelo mar.

O Cântico de Moisés (Dt 32.1–43), que foi ensinado aos filhos de Israel por Moisés como um retrospecto e uma despedida.

O Cântico de Débora e Baraque (Jz 5.1–31), no qual deram graças pelos justos e protetores atos do Senhor que acabara de se manifestar em seu meio (Jz 4).

O Cântico de Ana (1Sm 2.1–10), um canto de ação de graças com um reconhecimento de que a vida e a morte vêm do Senhor.

2 Samuel 22.2–51 (aparecendo também como Salmo 18), um canto de alegria por Davi em Deus como sua rocha e libertador.

O Cântico de Ezequias (Is 38.9–20), composto depois que ele descobriu sua doença, e no qual ele canta a fidelidade de Deus para com ele (vs. 18,19).

Estes e vários outros cânticos têm muita semelhança com o Livro dos Salmos. Sua linguagem é a mesma, e usam o mesmo tipo de estilo. Ao cantar tanto *a* Deus quanto *sobre* ele, fazem assim de uma forma que imediatamente reconhecemos como sendo iguais aos salmistas. Ela ajudará a visualizar algumas características gerais desses cânticos de louvor antes de adentrarmos especificamente o Saltério.

1.2. Cantando Doxologias

O louvor é dirigido a Deus, primariamente, porque é um modo especial de celebrar quem ele é e o que ele faz. Amiúde, pensamos em usar o que chamamos “doxologias” no início e no final de um serviço de culto. Entretanto, cada hino dirigido a Deus é realmente uma doxologia, pois ao usá-lo estamos proclamando a Deus o que sabemos de sua pessoa e obra. Assim dizemos a Deus: “Tu és aquele cuja glória está acima de toda a

terra" (Sl 108.5); ou: "Tu és meu Rei e meu Deus, que decretas vitórias para Jacó. Por teu intermédio derrubamos nossos inimigos; através de teu nome pisamos nossos inimigos" (Sl 44.4,5).

Cantar desta maneira diante de outros, ou unir-nos a eles em cânticos comunitários de louvor, também envolve um elemento de confissão. Ao dirigirmo-nos a Deus em palavras ou em cântico estamos dizendo a outros o que sabemos sobre ele, e também confessando que ele é o Deus diante de quem temos que comparecer em honra e confiança. Cantar os louvores do Senhor, pois, pode ser um reconhecimento de nosso compromisso com ele.

1.3. O Louvor e os Maravilhosos Feitos do Senhor

Os cânticos de louvor no Antigo Testamento focalizam a atenção no que Deus tem feito. São às vezes longos recitais dos grandes feitos de Deus. Isto é particularmente assim dos "salmos históricos", tais como Salmos 78,105,106 e 136, enquanto em muitos outros salmos há referências a incidentes históricos. O salmista, no Salmo 77, fala de evocar à mente os feitos do Senhor e rememorar as maravilhas do Deus de outrora (vs. 11,12). O uso da palavra "maravilha" é importante em salmos como este, porque traduz uma palavra hebraica que contém a idéia de que é algo que somente Deus pode fazer. Contar as "maravilhas do Senhor" significa proclamar as grandes coisas que Deus tem feito para a salvação de seu povo.

1.4. Louvor e Comprometimento com a Aliança de Deus

Os louvores de Israel devem ser vistos no contexto mais amplo do comprometimento de Israel com o Senhor. Havia um vínculo ou aliança entre Deus e Israel, e se comprometeram solenemente ser o povo do Senhor. Em todo seu culto reconheciam tal relacionamento; e numerosos elementos de sua vida se diziam ser "para o Senhor" (p.ex., a Páscoa, Êx 12.11,27,48; o Sábado, Êx 16.23; o Ano do Jubileu, Dt 15.2; o Nazireato, Nm 6.2). Ao cantar ao Senhor, o povo estava de uma forma verbal pagando seu tributo a seu grande Rei e Salvador. Era outra forma de reafirmar o juramento que assumira para com ele. Isto se manifesta notavelmente nas palavras de Davi: "O SENHOR vive, louvada seja minha Rocha" (Sl 18.46). De Jeremias 5.2 fica claro que a frase "como vive o SENHOR" era parte de

uma fórmula de juramento. Aqui, ela aparece em conjunção com a doxologia entoada a Deus.

Outro modo de ver este mesmo compromisso é com respeito à lei de Deus. Há salmos tais como o 119 nos quais há referência constante à palavra de Deus, ou aos estatutos, ou aos testemunhos. Em outros termos, o louvor da lei de Deus consiste uma vez mais em submissão aos requisitos da aliança divina. Do mesmo prisma podemos ver que os lamentos, especialmente de uma natureza comunitária, estão dizendo que o povo se afastara do padrão pactual que Deus fizera para eles.

1.5. Louvor e Promessa para o Futuro

Os crentes estão aptos a cantar em termos contemporâneos com os crentes glorificados no céu. Há uma união entre os santos sobre a terra e os santos no céu (ver Hb 12.22–24). Cantam um cântico sobre a terra que ecoa aquele dos santos lá do alto. Os crentes que ainda vivem na terra têm acesso a Sião celestial da qual já nos tornamos cidadãos. Eles são "Os benditos habitantes de Sião, lavados no sangue do Redentor" (hino de John Newton, *Ouvimos falar coisas gloriosas de ti*), e assim podem cantar em uníssono com a grande companhia celestial de pecadores redimidos e anjos que juntos entoam louvores ao Cordeiro que foi morto (Ap 5.12,13; 7.9–12).

Havendo aprendido da graça de Deus na salvação, o salmista veterotestamentário também aprendeu que ela tem implicações para o futuro. O reino de Deus ainda não tinha vindo em sua plena expressão. Os gentios mal tinham sido tocados com as bênçãos de Deus, mas já podiam experimentar a bênção do Senhor (Sl 67). Há cânticos que expressam anelo pela extensão do reino de Deus, para que o Messias reine desde o rio (i.e., o Eufrates) aos extremos mais longínquos da terra (Sl 72.8–11), e todos os confins da terra virão ao Senhor, e todas as famílias das nações se curvarão diante dele (Sl 22.27).

O fato de que Deus às vezes intervenha na história humana e faça coisas grandes e maravilhosas, encoraja seu povo a cantar os eventos vindouros. Os crentes nutrem a confiança de que o Senhor os guardará e por fim os conduzirá à sua glória (Sl 73.24). No fim, o Senhor virá para julgar o mundo com justiça (Sl 96.13). Ele já estabeleceu um trono do qual julgará o mundo (Sl 9.7,8), porém defenderá a seu próprio povo (Sl 135.14).

2. O USO DE POESIA

2.1. Poesia e Música

O culto judaico e cristão faz uso extensivo de poesia religiosa. Tal poesia envolve dois aspectos distintos:

(a) É um estilo de escrito que é diferente do estilo normal de narrativa em prosa. Por exemplo, compare o relato da aliança divina com Davi como registrada em 2 Samuel 7 com a expressão poética dela no Salmo 89; ou Gênesis 1 com o Salmo 8. As mesmas idéias podem ser comunicadas em prosa e poesia, mas a poesia contém músicas em palavras e isto nos atrai e é mais memorável.

(b) Essa poesia religiosa não é apenas *disse*, mas também *cantou*, e esse cantar forma uma importante parte da expressão religiosa. Naturalmente, não temos exemplos diretamente dos tempos bíblicos, porém são muitos os exemplos da música das sinagogas. Alguns desses exemplos são demonstrados no culto cristão, como, por exemplo, a melodia de Leoni, feita para o hino "Ao Deus de Abraão Louvai".

A música, como linguagem, tem sua origem no fato de que o homem é uma criatura de Deus, e ao compor música o homem está imitando ao próprio Deus. Ele foi criado à imagem de Deus, e sua capacidade de usar tanto palavras quanto música é um resultado de ser ele o único portador da imagem divina. A música não é dada para o mero entretenimento, mas como algo belo que dirige a atenção para as obras da criação divina (criatividade) e a providência (ordem). Quando a música e a poesia religiosas são enfeixadas em harmonia, há um apelo especial à mente e emoções humanas. Em si mesma, a música não é idêntica à linguagem, porém possui algo das mesmas habilidades que a linguagem poética, a qual apela à imaginação e toca as emoções humanas.

Criatividade em linguagem e música é enfeixada em salmódia e hinódia. Comunica-se uma mensagem tanto em palavras quanto em música que combinam para produzir um efeito sobre o ouvinte, que por sua vez eleva o entendimento e a experiência religiosos.

2.2. Características da Poesia

A poesia do Antigo Testamento partilha alguns aspectos com a poesia ocidental; porém, em outros aspectos, é bem diferente do que entendemos por poesia. Alguns dos aspectos em comum são:

(a) Os padrões normais da ordem das palavras podem ser variados em poesia. O impacto da ordem normal das palavras é importante quando podemos, às vezes, predizer qual será o fim de uma sentença. Entretanto, um padrão incomum tem o efeito de chamar nossa atenção para a idéia que está sendo apresentada.

(b) A linguagem da poesia é amiúde mais conservadora do que o discurso popular, e freqüentemente se usam palavras incomuns. Algumas palavras são até mesmo inventadas para adequar-se ao contexto particular. Baste-nos relancear os olhos num hinário mais antigo a fim de percebermos exemplos que seriam muito estranhos na conversação ordinária. Retém também palavras que são omitidas do uso diário, e com isso são fossilizadas na forma poética. Por exemplo, na Escritura moderna em Cânticos você ainda achará termos como “ti”, “teu”, “tu”, “reino”, “diadema” e muitos outros.

(c) Usa muitos aspectos de estilo tais como dar seqüência ao som inicial em palavras (aliteração) ou som em outras sílabas (assonância). A poesia também usa símiles (em que há uma comparação) e metáforas (em que se afirma que alguma coisa é algo mais; p.ex., o Senhor é uma rocha). As metáforas são muito importantes, porque asseguram que nossa mente está envolvida porque temos de engendrar o significado das palavras do poema. Também apelam para nossa imaginação, que é atraída pela idéia total. Além disso, as metáforas às vezes tocam nossas emoções, pois que apelam para nossos sentidos. Daí, visto que combinam uma idéia com um sentimento, nos expressam muito mais do que a mera idéia expressa sem uma metáfora.

(d) Não há nenhuma linha divisória aguda entre a prosa e a poesia, pois às vezes a prosa elevada conterá aspectos que normalmente são característicos da poesia. Há característicos distintivos tanto da prosa quanto da poesia, e muitos exemplos da literatura partilham de aspectos de ambas. A distinção entre poesia e prosa pode ser de grau, e não de uma divisão absoluta. Para a poesia veterotestamentária, isto pode ser ilustrado pelo seguinte diagrama:

2.3. A Distinção da Poesia Veterotestamentária

Outros aspectos da poesia veterotestamentários são bem diferentes, porque são parte do estilo poético hebraico e, portanto, do estilo poético do Oriente Próximo.

O aspecto mais importante da poesia veterotestamentária é o uso de frases numa forma paralela. Daí o salmista dizer:

Os olhos do SENHOR estão sobre os justos
e seus ouvidos estão atentos ao seu clamor (Sl 34.15).

Há certa correspondência entre as duas frases que podem ser semelhantes a esta ou que podem expressar opostos como no Salmo 1.6:

Porque o SENHOR vela sobre o caminho dos justos,
Mas, o caminho dos ímpios perecerá.

Talvez o padrão mais comum seja onde a segunda frase adicione algo mais que a expressão. O poeta introduz uma idéia, e então a focaliza mais especificamente na frase seguinte. Podemos expressar isto evocando as duas frases A e B. O padrão é:

A, e mais do que,
B.

Por exemplo, o Salmo 6 começa com as palavras:

Ó SENHOR, não me repreendas em tua ira
nem me disciplines em teu furor.

O salmo começa com uma súplica a Deus para que não pronuncie contra ele palavras de repreensão (A); mas então, na segunda parte do versículo (B), o salmista roga que nenhuma ação ("disciplina") seja tomada contra ele. As frases, evidentemente, não são idênticas, porém mostram uma progressão de pensamento.

A poesia hebraica também usa uma fileira de artifícios para atrair a atenção para as idéias. Estas incluem aspectos que são muito bombásticos se tentarmos produzi-los nas versões inglesas. Por exemplo, muitos poemas no Antigo Testamento usam acrósticos, nos quais as letras do alfabeto aparecem em ordem no início das linhas. Isso pode ser feito onde uma linha segue sozinha (Sl 34) ou onde seguem várias linhas (Sl 9 e 10), ou como no Salmo 119, no qual cada linha das vinte e duas seções começa

com a letra apropriada do alfabeto hebraico. Isso explica por que nas versões inglesas deste salmo as letras hebraicas estão realmente impressas em nosso texto (ver também a nota de rodapé da NIV). Para os que falam naturalmente o idioma hebraico, tais artifícios atrairiam a atenção e fariam um apelo ao leitor ou ao ouvinte. Podem assemelhar-se a bordados que levam muitas horas para que sejam elaborados, mas cujo resultado constitui uma linda peça de trabalho que atrai e deleita.

2.4. Louvores no Culto Veterotestamentário

A música era empregada desde os tempos mais remotos (Gn 4.21) e cânticos de louvor impregnam o Pentateuco (Êx 15.1–18,21; Dt 32) e os livros históricos antigos (Jz 5; 1Sm 2). A música e a poesia religiosa são inseparavelmente relacionadas desde o tempo de Davi. Quando a Arca da Aliança foi conduzida a Jerusalém, Davi instruiu os líderes dos levitas a designarem cantores de cantos alegres, que fossem acompanhados com liras, harpas e címbalos (1Cr 15.16). Para o serviço na casa de Deus, ele designou os filhos de Asafe, Hemã e Jedutum, como ministros do canto (1Cr 25.1–8; cantar é designado como "profetizar", no hebraico desta passagem). No dia em que a Arca foi conduzida a Jerusalém, Davi entregou a Asafe e a seus associados um cântico que é uma combinação de vários salmos (cf. 1Cr 16.8–36 com Sl 105.1–15; 96; 106.1,47,48), e a este cântico o povo respondia "Amém", e "Louvem ao Senhor". Mais de 80% dos Salmos vêm do período de Davi ou mais tarde, e mais de 40% são atribuídos ao próprio Davi. Havia cântico no Templo especialmente quando os sacrifícios estavam sendo oferecidos, e às vezes o povo respondia com estribilhos (2Cr 7.3; Ed 3.11).

3. INTRODUZINDO O SALTÉRIO

3.1. Os Títulos

A Bíblia Hebraica simplesmente chama o Livro dos Salmos, *tehillim*, em hebraico "Louvores". A Septuaginta, versão grega do Antigo Testamento (comumente referida como a LXX), produzida em cerca de 200 a.C., os denomina de "Salmoi", e é desta palavra que finalmente obtemos nossa palavra "Salmos" (Lc 20.42; At 1.20), e dessa expressão obtemos nosso título descritivo geral para o livro. Um manuscrito antigo

da versão LXX traz o título “Psalterion”. Esta era a palavra usada para um instrumento como uma cítara, e desta palavra grega obtivemos outro título para os Salmos, “o Saltério”.

Muitos dos salmos individuais têm títulos que lhe foram dados. Esses títulos podem não ter sido originalmente parte dos salmos, porém são certamente muito antigos. Isto é mostrado pelo modo como os cânticos fora do Livro dos Salmos têm títulos, tais como o salmo de Davi de ação de graça (2Sm 22.1), o cântico de Ezequias (Is 38.9) e o salmo de Habacuque (Hc 3.1,19b). Além disso, o fato de que os tradutores do Antigo Testamento para o grego tiveram dificuldades com os títulos, quando chegou sua vez de traduzi-los, pressupõem sua antigüidade. Os títulos podem ser agrupados em conformidade com o tipo de informação que contêm. Alguns meramente designam o tipo de salmos em questão (p.ex., hino ou canto, Sl 32,83,145), enquanto outros contêm informação musical (p.ex., Sl 4 e 5) ou uma indicação de uso especial (p.ex., Sl 30, “Para a dedicação do templo”; Sl 92, “Para o dia de sábado”). Muitos dos títulos se relacionam com uma pessoa ou grupos de pessoas (p.ex., Davi, Sl 3; Salomão, Sl 72; Moisés, Sl 90) ou dão informação relativa ao salmo em particular para uma situação histórica, particularmente com referência a Davi (p.ex., 18,56,60 e 63).

3.2. Dificuldades na Análise dos Salmos

A maior dificuldade que enfrentamos consiste em nossa familiaridade com o Livro dos Salmos. Para muitos cristãos, os Salmos, ou os mui queridos salmos pessoais, são as partes da Bíblia que mais conhecem. Em muitos ramos da tradição cristã, os Salmos são recitados ou cantados de uma maneira distintiva e tradicional. Daí, nas igrejas anglicanas, geralmente os Salmos são lidos ou entoados. Nas igrejas reformadas, oriundas ou do continente europeu ou da Escócia, por muito tempo os Salmos formavam ou a maior parte do louvor cantado ou, em muitos casos, o conteúdo exclusivo do louvor. Outros são conhecidos porque são agora partes da poesia parafraseada do hinário. Simplesmente porque são usados tanto que necessariamente não significa que são mais assimilados que outras partes da Bíblia. Uma nova visão dos Salmos nos trará uma apreciação mais profunda de seu conteúdo e significado.

O Saltério é também um livro difícil para estudo, visto que tem um acúmulo de problemas que não enfrentamos da mesma forma em outros

livros do Antigo Testamento. Por exemplo, quando abrimos outro livro do Antigo Testamento, tal como um livro histórico como Josué, ou um livro profético como Ezequiel, somos capazes de colocá-los num cenário histórico distinto. Quando chegamos diante do Saltério, temos uma tremenda dimensão dos cenários históricos, de modo que cada salmo tem de ser interpretado individualmente. Além do mais, não estamos tratando apenas de um tipo de literatura nos Salmos. Embora possamos ir às partes históricas, proféticas e poéticas do Antigo Testamento, em geral, no Saltério temos todas essas representadas, e ainda outras. Para o Saltério, no entanto, a ausência de contexto histórico para um salmo em particular, torna nossa tarefa ainda mais difícil, quando tentamos datar o período de que procede e ver se a tela de fundo histórica nos ajuda a interpretá-lo melhor.

3.3. O Credo de Israel

O Livro dos Salmos enfeixa a fé de Israel num só livro. O formato no qual aparece é novo, porém não o conteúdo. Todos os temas do livro são enfeixados pelo fato de ser a confissão de Israel, pois ele constitui o credo de Israel, cantado, não recitado. Equivale dizer, ele expressa a nós o que os crentes em Israel de outrora sabiam e sentiam sobre o Senhor em quem confiavam. É uma palavra do coração, não expressão formal de uma afirmação de fé criteriosamente composta à qual pudessem acrescentar sua assinatura. A unidade que ele possui é a unidade que essa fé imprime em todo o livro.

O Saltério é também importante porque é virtualmente uma teologia do Antigo Testamento. Mesmo sem os demais livros que compõem nosso Antigo Testamento poderíamos produzir dos Salmos todo o material essencial do qual pudéssemos escrever a teologia. Ele contém longos salmos históricos que recontam a história do povo de Deus, enquanto outros salmos, como conhecemos ou por seus títulos ou por seu conteúdo, nos mostram como a igreja dos tempos do Antigo Testamento reagia a situações particulares. Sua fé estava em formação, e os cânticos que entoavam expressavam suas mais profundas convicções religiosas.

A teologia dos Salmos, além do mais, é teologia popular. Equivale dizer, não é a teologia ou filosofia de um grupo de teólogos expertos a discutir matérias e a formular suas conclusões de uma forma totalmente abstrata. A realidade dos Salmos nos choca quando os lemos, e também

quão comuns eles são. Exibem como a vida em resposta a Deus era vivida no antigo Israel, e como os crentes, "por meio de cada passo desconcertante da vida" (*O God of Bethel*, Paráfrase 2), punham sua confiança nele. Quando lemos outras partes do Antigo Testamento, temos que contrabalançá-las com as idéias subjacentes sobre o Deus contido no Saltério, pois ele nos fornece o que as pessoas estavam pensando e sentindo em relação às suas experiências religiosas. Esta é também outra razão por que os Salmos apelam para a vasta comunidade cristã. Enquanto muitos cristãos sentem que necessitam de auxílio especial para entender, por exemplo, o Livro de Levítico, são capazes de analisar e apropriar-se dos Salmos para si mesmos.

Como veremos mais adiante, os agrupamentos dos salmos podem bem refletir alguns aspectos da significação teológica. Equivale dizer, o modo como os Salmos estão enfeixados num só feixe pode bem ter significação em que os salmos, com significados semelhantes, são às vezes postos em estreita proximidade. Os Salmos 3 e 4 têm similaridades e são postos juntos, enquanto os Salmos 9 e 10 podem bem ter sido originalmente uma só composição, pois juntos formam em hebraico um só poema acróstico. Outros salmos, tais como 42 e 43, bem como 142 e 143, são enfeixados em razão de temas comuns.

É igualmente importante notar os dois primeiros salmos como cenário-padrão para todo o livro. O Salmo 1 contém a distinção básica entre os justos e os ímpios e fala da bem-aventurança ou felicidade da pessoa que se deleita no Senhor e em sua lei (vs. 1–4). Jesus, no Sermão do Monte, também usa a idéia de bem-aventurança, quando expõe os mesmos princípios básicos ainda mais plenamente e dá seguimento ao ensino concernente aos dois caminhos (Mt 5–7). O segundo salmo continua o tema dos dois caminhos enfatizando como as nações se põem contra o Senhor e seu ungido, o que se concretiza na crucifixão (ver a citação deste salmo em At 4.25,26). Ambos os salmos se referem a "o caminho" (1.1; 2.12). O rei ungido do Salmo 2 transcende a quaisquer dos sucessores de Davi, e a apresentação desta figura aponta para Jesus como o Filho e Servo ungido (ver Mt 3.17; 17.5; 2Pe 1.17).

3.4. O Livro de Oração da Bíblia

Às vezes, o Livro dos Salmos tem sido chamado o livro de oração da Bíblia. Isto, não obstante, pressupõe que todos os salmos são direcionados

a Deus, mas que ainda alguns não o são (p.ex., 1,2,32,45 entre outros). É preferível pensar dos Salmos como que nos mostrando a verdadeira natureza da oração, e como os crentes podem responder aos grandes atos salvíficos de Deus. Ao que Deus faz de uma forma objetiva, seu povo formula sua resposta subjetiva na meditação e orações do Saltério.

Os Salmos nos ajudam a entender a verdadeira natureza da oração em razão de seus principais característicos.

(a) Para que os homens orem a Deus usando palavras humanas, só pode ser em resposta às palavras de Deus dirigidas a nós. Assim, enquanto os salmistas estão orando a Deus, estão lhe repetindo o que ele mesmo tem falado. Apelam também a Deus para que se lembre da palavra que ele mesmo nos tem dado (Sl 119.49). Todo o princípio de meditação repousa no fato de que Deus, respectivamente, tem falado e agido.

(b) O foco da atenção é Deus mesmo. Isto é um fato mesmo quando os salmistas estão orando com respeito a suas próprias necessidades. Boa parte dos salmos se compõe de declarações do caráter gracioso de Deus, e basicamente, pois, são cânticos de louvor. Não surpreende, pois, que os judeus chamassem todo o livro *tehillim* (‘louvores’). O próprio ato de orar a Deus é um reconhecimento de quem ele é, e ao chegarmos a ele desta forma estamos proclamando que reconhecemos que ele é precisamente quem ele alega ser.

(c) Os Salmos também nos ensinam que uma marca da oração genuína é a humildade diante de Deus. As descrições que temos do pecado e culpa do ser humano, nos Salmos, não são acidentais. Ao contrário, essas descrições vão ao próprio cerne da oração com o reconhecimento de que não temos direito de nos prostrarmos diante de um Deus santo (Sl 24.3), pois nenhum vivente é justo a seus olhos (Sl 143.2). Devemos ter em mente que aqueles que oram se chegam como servos humildes, esperando que o Senhor ainda revele misericórdia (Sl 123.2). As referências constantes nos Salmos à necessidade da intervenção divina constituem outro aspecto de sua humildade diante dele. Eles sabem que na necessidade ou no livramento a glória deve ser do nome de Deus em virtude de seu amor e fidelidade (Sl 115.1).

4. OS SALMOS E A VIDA ESPIRITUAL

4.1 Os Salmos – O Mais Abrangente Livro do Antigo Testamento

O Livro dos Salmos é bem diferente de cada um dos livros do Antigo Testamento. Para usar a ilustração de Atanásio (ca. de 295–373 d.C.), todos os demais livros são como pomares que desenvolvem só um tipo de fruto. O Livro dos Salmos, contudo, além de desenvolver sua própria espécie de fruto, também desenvolve algum fruto de todos os demais pomares. Assim, ele inclui história e profecia, bem como louvor e oração. Como Lutero o expressou: "Você pode com justiça chamar o Saltério de uma Bíblia em miniatura."

Não há outro livro veterotestamentário que contenha uma galeria histórica como esta. O Salmo 90 é atribuído a Moisés, enquanto o grosso do livro vem do período de Davi e Salomão. Há salmos, tais como 74,79 e 80, que evidentemente foram escritos depois da destruição de Jerusalém. Neles os salmistas lembram algo da destruição da cidade (74.3–8; 79.1–4; 80.4–6,8–16) e apelam a Deus para que visite seu povo novamente e o restaure. O Salmo 137 retrata os exilados sendo ridicularizados em seu cativeiro em Babilônia, enquanto o Salmo 126 se regozija no que o Senhor tem feito na restauração de sua própria terra.

Nos Salmos temos uma amostra da fé de Israel ao longo dos séculos. Isto nos ajuda a ver quão duradouro era o compromisso do povo com o Senhor, e como sua confiança nele os sustentou durante os períodos de prova. Evidentemente, os salmistas igualmente viam a responsabilidade de pais e anciãos de transmitir a fé às gerações vindouras. Queriam que as gerações sucessivas não só soubessem sobre os grandes feitos do Senhor, mas também depositassem nele sua própria confiança (Sl 78.7). Gerações ainda por nascerem tinham também de ser informadas sobre o Senhor e sua justiça, de modo que também o servissem (Sl 22.30,31). Os filhos eram encorajados a aprender o temor do Senhor, a saber, que seus olhos estavam postos sobre os justos (Sl 34.11–16).

4.2. Os Salmos – O Mais Pessoal Livro do Antigo Testamento

O Saltério é marcantemente diferente dos demais livros do Antigo Testamento. Neles, o autor humano normalmente está escrevendo na terceira pessoa dentro dos eventos, ainda que sejam sobre ele mesmo. Vemos isso ilustrado pelo modo como Moisés notifica o conflito entre ele mesmo, Arão e Miriã (Nm 12.1–16), ou o modo como Amós fala na terceira pessoa em conexão com seu conflito pessoal com Jeroboão e Amazias (Am 7.10–17). Há breves elementos biográficos em alguns dos

profetas tais como Isaías (6.1–13) e Jeremias (1.4–19), mas, no todo, o Antigo Testamento está escrito na terceira pessoa.

Entretanto, o Saltério, como um todo, usa a primeira pessoa. Ele fala de "Eu" ou "Nós", o que ressalta diretamente que são expressões de vida religiosa pessoal. Os Salmos não são escritos abstratos sobre teologia, ou alguma abordagem de discussão filosófica de temas religiosos. São realmente uma expressão do conhecimento sobre Deus e seus caminhos que está radicado na experiência pessoal de uma relação vital com ele. Se o conhecimento de Deus foi revelado assim, a ponto de todos em Israel tirarem proveito dele, então é preciso apropriar-se desse conhecimento e ser usado por todos. Os Salmos articulam essa teologia para o antigo Israel, e assim vemos neles o sentimento religioso popular de pecadores redimidos.

Outro notável aspecto dos Salmos é que retratam todas as variadas experiências e emoções do coração humano, com todos os seus altos e baixos. Descrevem a vida real na qual os salmistas desnudam suas almas para que outros vejam e expressem suas mais profundas emoções e aspirações. Não só os vemos no auge da alegria, mas expressam seus honestos sentimentos de desespero e dúvidas.

4.3. Identificação com o Salmista

Os Salmos também provocam em nós uma resposta em virtude de nossas experiências espirituais semelhantes. São em si mesmos uma resposta a Deus e às verdades concernentes a ele. Eles nos estimulam como enfrentar experiências semelhantes e a descobrir que podemos identificar-nos com os salmistas em seus dias. Suas palavras se tornam nossas palavras, e descobrimos que podemos tomar sua expressão de fé religiosa e usá-la como se fosse nossa.

Isso também significa que os Salmos servem de espelho da alma. Calvino o expressou nestes termos: "Costumo chamar este livro uma anatomia de todas as partes da alma, porque ninguém achará em si um único sentimento do qual a imagem não se reflita neste espelho." Aqui, Calvino está ecoando as palavras de Atanásio, que disse: "Além do mais, parece-me que, uma vez que os Salmos assim servem de espelho para quem os entoa, para que neles veja a si e sua própria alma, ele nada mais pode fazer senão abraçá-los de tal maneira que suas palavras partam com igual força rumo àqueles que o ouvem cantá-los, e os estimulem também

à mesma reação.” Os Salmos servem como um meio adequado para expressarmos nossos próprios sentimentos, bem como para estimular-nos ainda mais a cristalizarmos nossos pensamentos a respeito de como Deus nos trata. E assim, os Salmos não só nos falam, mas também falam por meio de nós.

A variedade de experiências descritas pelos salmistas vem também ao encontro de nossas necessidades. Qualquer que seja a situação em que nos encontramos, podemos volver-nos aos Salmos sabendo que algo apropriado haveremos de achar ali. Esta é a razão por que Martinho Lutero pôde achar nos Salmos tal conforto durante sua própria agonia espiritual, porque achou neles seus sentimentos pessoais mais profundos. Se Lutero se exasperava, então o mesmo se dava com o salmista! Lutero disse que nos Salmos “todos, em qualquer situação em que se encontrem, acham palavras que se ajustam com exatidão a seu caso e consigo próprio, como se fossem postas ali somente para ele … Então ele se certifica de que vive na comunhão dos santos”.

O elemento emocional de poesia e canto nos capacita a expressar com poder e sentimento nossa resposta a Deus nas palavras dos Salmos. Estes são direcionados para as emoções dos homens e mulheres, porque são as expressões de seres humanos quando enfrentam crises em suas vidas. Uma das maneiras em que podemos classificar os Salmos é pela emoção expressa neles. Assim podemos pensar nos cânticos de alegria, ou de crises de desespero, ou de lamentos de abandono, ou de serena paz de inabalável confiança. As emoções estão fundamentadas em nossa fé, e assim nossa presente relação com Deus afetará nossas emoções. Os Salmos nos ajudam a ver como os crentes veterotestamentários lutavam com resposta emocional a situações, e como sua compreensão transformada acerca de Deus e seus caminhos os impelia a agir.

4.4. A Fé dos Salmistas

Não devemos fazer nenhuma distinção entre a fé dos crentes do período veterotestamentário e a dos crentes do período neotestamentário no que tange à confiança em Deus e em sua Palavra. O mesmo princípio se aplica a nós ainda hoje. Quando os escritores neotestamentários desejam ilustrar a natureza da fé, eles apelam para exemplos do Antigo Testamento (ver Rm 4; Gl 3; Hb 11; Tg 2.20–26). Aqueles crentes são parte da grande nuvem de testemunhas cujo testemunho deve nos estimular a correr com

paciência olhando para Jesus (Hb 12.2). Embora não possuíssem a plenitude da revelação neotestamentária, contudo respondiam ao que Deus lhes havia revelado em seus dias, e eles criam nessa revelação.

Quando nos voltamos para os Salmos, nos deparamos com expressões freqüentes de confiança no Senhor. Aqueles cuja confiança está nele demonstram um total comprometimento pessoal para com ele, acopladas a expressões de obediência à sua Palavra e mandamentos. Uma ampla gama de linguagem é usada para descrever esta relação. Ao povo de Deus se ordena que aja de um modo correto, inclusive "crer", "confiar", "se refugiar", "entregar", "aguardar" e "esperar com paciência". Algumas dessas expressões são usadas em contraste com a atitude de depositar confiança em substitutivos, tais como armas militares, príncipes, ídolos ou até mesmo na própria pessoa (Sl 44.6; 146.3; 135.15–18; 52.7). As palavras do Salmo 62.8 expressam a mensagem básica dos Salmos em referência à fé: "Confie nele em todos os momentos, ó povo."

Em todas as suas experiências, os salmistas estavam confiando no caráter de Deus como ele se tornara conhecido deles. Não há palavra especial de revelação para ajudá-los em seus momentos de necessidade. Uma vez que não havia nenhuma mensagem pessoal, eles tinham que simplesmente confiar no amor e misericórdia de Deus revelados previamente. Nos momentos de grande perplexidade, era o conhecimento da revelação existente de Deus que vinha a lume e lançava luz numa situação escura. Assim no Salmo 73, o salmista se sentia perturbado acerca da prosperidade dos ímpios, até que se dirigiu à casa de Deus e então entendeu o fim dos ímpios (vs. 16,17). No Livro dos Salmos, a fé é como a fé nas demais partes da Bíblia; significa confiança nele e em seu caráter como revelado nos períodos mais antigos do Antigo Testamento.

5. O DESENVOLVIMENTO DO SALTÉRIO

5.1. Os Agrupamentos

Evidentemente, os Salmos foram dispostos em alguma ordem, mas por certo não de forma cronológica. Embora tenhamos os salmos do período do exílio ou final dele (tais como 126 ou 137) sendo figurados já quase no final do Saltério, não significa que eles surgiram exatamente no final. O mais que se pode dizer é que os salmos de Davi aparecem de forma predominante na primeira metade do Saltério, ainda que logo depois de

um cântico do exílio (137) segue um salmo de Davi (138). O arranjo não é por autor nem por conteúdo, ainda que algumas seções enfeixem salmos de um autor em particular ou são ligados por um tema. Entretanto, isto não se dá de forma consistente por todo o livro.

O que transparece é que, enquanto os Salmos foram enfeixados num livro completo, atualmente há cinco livros separados que foram combinados para formar um todo. A divisão em cinco pode bem ser em imitação dos cinco livros de Moisés (Gênesis a Deuteronômio). Esta divisão pode ser apresentada numa tábua como esta:

O Saltério Completo
Livro 1: Salmos 1–41
Livro 2: Salmos 42–72
Livro 3: Salmos 73–89
Livro 4: Salmos 90–106
Livro 5: Salmos 107–150

Cada uma dessas divisões termina com uma doxologia. Assim, o primeiro livro termina com as palavras do Salmo 41.13:

Louvado seja o SENHOR, o Deus de Israel,
De eternidade em eternidade!
Amém e amém!

Doxologias semelhantes ocorrem no final do Livro 2,3,4 (72.18,19; 89.52; 106.48). Não há doxologia desse tipo para o final do livro, mas todo o Salmo 150 é uma doxologia, que fecha apropriadamente todo o Saltério com a convocação: "Tudo o que tem vida, louve o SENHOR! Aleluia!"

Esta divisão é antiga, porque a versão grega (LXX) a contém. A doxologia que encerra o quarto livro é também citada em 1 Crônicas 16.36, em relação com a arca da aliança que é conduzida a Jerusalém.

5.2. O Desenvolvimento do Saltério

O desenvolvimento gradual do Saltério é demonstrado por vários fatos:

(a) Em adição à doxologia no final do terceiro livro há também uma nota: "Encerram-se aqui as orações de Davi, filho de Jessé" (72.20). Como alguns salmos de Davi vêm depois deste (cf. 108–110,138–145), parece que o Salmo 72 teria sido o término de uma coleção mais antiga incorporada mais tarde no Saltério atual.

(b) Há vários salmos e/ou porções que são reiterados no Saltério. Por exemplo:

Salmo 14	=	Salmo 53
Salmo 40.13–17	=	Salmo 70
Salmo 57.7–11	=	Salmo 108.1–5
Salmo 60.5–12	=	Salmo 108.6–13

Duplicação não é algo desconhecido nos livros proféticos onde a mesma passagem pode ocorrer em dois diferentes profetas (cf. Is 2.2–4 com Mq 4.1–3), porém bem raro dentro do mesmo livro. Aqui, pressupõe-se que coleções de salmos estavam em uso anterior ao Saltério presentemente completo.

(c) Dentro do Saltério há claramente blocos definidos de matéria, os quais parecem ter sido colecionados antes de haver-se introduzido no Saltério completo. Há vários grupos menores, porém as coleções subsidiárias principais podem ser vistas à luz da seguinte tábua:

Grupos de cânticos dentro do Saltério

Salmos davídicos	3–41; 51–72; 108–110; 138–145
Salmos coraítas	42–49; 84,85; 87,88
Salmos eloítas (que usam o nome Elohim em referência a Deus)	42–83
Salmos asafitas	73–83
Salmos de realeza	93–100
Salmos de louvor	103–107
Salmos de ascensão (usados em peregrinação a Jerusalém ou no regresso do exílio)	120–134

Salmos de aleluia (que começam e terminam com "Aleluia!") 111–118; 146–150

(d) O uso dos nomes para Deus no Saltério também pressupõe estágios no desenvolvimento. Os Salmos 1–41 (Livro 1) usam principalmente o título pactual *Yahweh*, com Elohim ocorrendo só raramente. Nos Salmos 42–72 (Livro 2), a palavra principal para Deus é *Elohim*, enquanto no Livro 4 só é usado Yahweh. A preferência dada a um nome de Deus sobre outro se mostra bem claramente nos salmos duplicados. Enquanto o Salmo 13 usa o nome *Yahweh*, sua duplicata no Salmo 53 em seu lugar traz *Elohim* (há também algumas outras alterações menores). Os judeus sentiam grande reverência pelo nome *Yahweh* a ponto de nem mesmo pronunciá-lo, substituindo-o pela palavra hebraica *Adonai* (Senhor). Onde a palavra *Yahweh* aparece no texto hebraico, quase todas as nossas versões grafam a palavra SENHOR, enquanto *Adonai* é grafada Senhor. Esta prática relativa ao uso de "Senhor" aparece no Novo Testamento, onde Senhor é usado para Deus e Cristo.

Evidentemente, o Saltério é uma coleção de cânticos que foi enfeixada há muitos séculos, e finalmente, algum tempo depois do regresso do exílio, foi posta em sua presente forma. Às vezes, tem sido chamada "o hinário do segundo templo", isto é, o livro usado para o louvor no templo restaurado em Jerusalém (completado em 516 a.C.) e que permaneceu em uso até a destruição de Jerusalém em 70 d.C. Embora não haja prova definitiva desse fato, a evidência certamente aponta para o uso do Saltério nas observâncias judaicas antes e depois de Cristo e no uso contínuo dos Salmos no culto da igreja primitiva (ver Mt 26.30; 1Co 14.26; Tg 5.13). O Saltério não deve ser comparado à construção de um palácio magnificente, mas antes ao desenvolvimento de uma catedral ao longo de séculos. Ele porta as marcas de vários estilos, desenvolvimento distintivo em estágios e, contudo, de uma beleza geral como um livro que integra a Bíblia.

Há outro movimento no Saltério e que é favorável para um clímax de louvor. Com todos os anseios do coração do ser humano a transparecer nos cânticos antigos, é claro que já no final do Saltério a exultante alegria do povo de Deus se põe em evidência. Os cânticos finais (144–150) são todos eles cânticos jubilosos que culminam na convocação: "Tudo o que tem vida louve o SENHOR. Aleluia!" (150.6). A ênfase ao louvor que avança

para o fim do Saltério parece deliberada, e este movimento pode bem ser a razão por que todo o livro foi denominado *tehillim cânticos de louvor*.

5.3. A Numeração dos Salmos e Versículos

Embora a numeração não afete nossa compreensão dos Salmos, ela afeta nosso uso da Bíblia e também os comentários sobre o texto. Há uma diferença entre a numeração dos versículos na Bíblia hebraica impressa e na maioria das versões inglesas. A razão para isto é que nas Bíblias hebraicas os títulos dos Salmos são às vezes considerados como um versículo, e por isso a numeração do que consideramos como o primeiro versículo seria o versículo 2. Isto significa que para muitos salmos o texto hebraico mostra mais de um versículo nas versões inglesas correspondentes. Uns poucos comentários, especialmente os que trabalham no texto hebraico, seguem este sistema.

Há também uma diferença na numeração dos Salmos propriamente ditos. A explicação para isto está nas diferenças entre a Bíblia hebraica e o modo como os Salmos vieram para nosso idioma. A Bíblia grega subdividiu dois dos salmos (116 e 147) e duas vezes juntaram dois deles (9/ 10 e 114/115). A Bíblia grega também contém um salmo adicional (151) que jamais foi reconhecido por outros como parte do Saltério. Nota-se especialmente no título que este salmo está “fora do número”. A tábua abaixo mostra os dois sistemas de numeração dos salmos.

Numeração dos Salmos

6. OS SALMOS E A ALIANÇA DIVINA

6.1. Deus e a Aliança

A Bíblia fala da relação de Deus com seu povo como sendo uma aliança. Esta relação constitui o conceito que propicia unidade a toda a revelação bíblica. Uma aliança é um vínculo entre Deus e o homem, e ela é dada por um Deus soberano como expressão de sua graça. De um modo formal ela expressa a relação que existe entre ele mesmo e seu povo. O âmago da aliança consiste no fato de Deus prometer: “Eu serei o seu Deus e vocês serão o meu povo.” Há uma manifestação progressiva desta

aliança por todo o Antigo Testamento, em vários estágios. O ajuste introduzido por Deus na criação (Gn 1,2) é reafirmado depois do dilúvio (Gn 6.18; 9.1–7). O chamado de Abraão é seguido por um acordo pactual formal (Gn 12,15,17) que é suplementado pela aliança do Sinai (Êx 20–23), seguindo o êxodo do Egito. Depois da introdução da realeza há uma aliança especial na qual a família davídica é escolhida (2Sm 7). Finalmente, o Antigo Testamento fala sobre uma nova aliança que virá a transcorrer (Jr 31.31–40; e ver Hb 8.7–13; 10.11–16).

Das descobertas arqueológicas, sabemos que Deus usou uma forma de aliança que era familiar ao povo. Reis que conquistavam outros povos os forçavam a entrar num vínculo pactual, no qual se comprometiam em servi-los como seus suseranos. Muitas das expressões usadas no Antigo Testamento das relações pactuais podem ser paralelas de fontes extrabíblicas. Os tratados ou alianças dessas fontes seguiam um padrão formalizado que tem muitas similaridades com elas e vários aspectos da cerimônia de formalizar uma aliança ou de forçar uma tem sua contraparte no Antigo Testamento.

6.2. Aliança nos Salmos

A palavra “aliança” não é comum nos Salmos, ocorrendo somente no texto hebraico vinte e uma vezes (25.10,14; 44.17; 50.5,16; 55.20; 74.20; 78.10,37; 83.5 [NIV “aliança”]; 89.3,28,34,39; 103.18; 105.8,10; 106.45; 111.5,9; 132.12). Este é muito semelhante a seu uso nos livros proféticos do Antigo Testamento, onde o termo não aparece com freqüência. Contudo, em ambos há muitas outras indicações da presença de toda a idéia de aliança que é subjacente a todas as expressões da fé e sentimento religiosos.

Os Salmos contêm muitas referências às partes mais antigas do Antigo Testamento, especialmente à relação entre Deus e os patriarcas e com o povo de Israel depois de ser redimido do Egito. Há também referência à aliança com Davi que se acha registrada em 2 Samuel 7. Segue-se um sumário das referências:

Aliança com Abraão	105.1–22
Êxodo e a Aliança no Sinai	50.4–6,16; 66.5–12; 78.12–53; 80.8–11; 81.1–16; 86.5; 99.7; 103.7;

	105.23–38; 106.6–33; 114; 135.5,8,9
Aliança com Davi	78.70–72; 89.1–52; 132.1–18

Uma série de outras expressões também chama a atenção para a relação pactual. Muitas dessas expressões ecoam passagens do Pentateuco que falam de Deus e seu povo. Pode-se focalizar a atenção em uns poucos termos desses.

(a) Às vezes fala-se de Israel como o povo de Deus (Sl 29.11; 81.11; 100.3). Esse povo constituía a herança do Senhor, e às vezes esta frase é usada em conjunção com referência a eles como o povo de Deus (Sl 28.9; 78.62,71; 94.5; 106.4,5). A frase "Serei o seu Deus e vocês serão o meu povo" ecoa em passagens como Salmo 95.7, que declara: "pois ele é o nosso Deus e somos o povo de seu pastoreio, o rebanho sob seu cuidado."

(b) O fato de Deus haver escolhido a Israel para ser o povo de sua aliança é enfatizado no Saltério. A palavra "escolher" é primeiramente usada em Deuteronômio para descrever Israel como o escolhido de Deus (Dt 7.6). Os Salmos a usam quando rememoram a maravilha divina de eleger a Israel, e a ligam a outras palavras que também apontam para a mesma escolha soberana. Por exemplo, o Salmo 33.12 fala de Israel sendo escolhido como herança de Deus, enquanto o Salmo 135.4 diz que ele escolheu a Israel como "sua possessão entesourada". Esta última palavra é rara, sendo usada para denotar a posição muitíssimo especial que Israel ocupava diante de Deus (Êx 19.5; Dt 7.6; 14.2; Ml 3.17).

(c) Uma variedade de outros termos associados à aliança também se faz presente no Saltério. O reiterado uso da palavra "servo" lembra como esta expressão é usada para uma submissão inferior a algum grande rei. Assim o rei Acaz enviou um recado ao rei da Assíria e disse: "Eu sou teu servo e teu vassalo" (2Rs 16.7). Faz-se também referência ao juramento pelo qual a aliança era firmada, e também à fidelidade de Deus, que não está apenas expressando a confiança no caráter de Deus em geral, mas na forma específica na qual ele a revelou na relação pactual. Ele era o Deus que mesmo nas Dez Palavras declarou que mostraria seu "amor até mil gerações" aos que o amam e guardam seus mandamentos (Êx 20.6; Dt 5.10).

6.3. A Relação Pactual

Os Salmos são não apenas expressões individuais da compreensão religiosa, mas antes são distintamente expressões de fé que procedem de uma comunidade de fé. A esfera da qual os cânticos de Israel vêm era a comunidade pactual, vinculada por compromisso comum com o Senhor. Alguns dos salmos são evidentemente comunitários, uma vez que usam a primeira pessoa plural (“nós”, “nosso”), porém mesmo a maioria, que usa a primeira pessoa singular (“eu”, “meu”), provém de um compromisso comum com o Deus de Israel.

Os Salmos também mostram quão vital era a relação pactual, pois os vários cânticos em forma poética revelam a profundidade da relação com Deus. A fé dos salmistas é edificada na palavra de Deus a seu povo, não nas promessas pessoais do indivíduo. O conhecimento do caráter de Deus e de suas obras forneceu a base comum sobre a qual os indivíduos podiam viver. Os cantores sabiam que Deus se preocupava com suas vidas pessoais e com o bem de cada um de seus filhos pactuais. O Salmo 84 está expresso assim: “O SENHOR Deus é sol e escudo; o SENHOR concede favor e honra; não recusa nenhum bem aos que vivem com integridade. Ó SENHOR dos Exércitos, como é feliz aquele que em ti confia!” (vs. 11,12; note a conexão com passagens tais como Gn 15.1; 17.1). Não surpreende que quisessem cantar e se alegrar nesta relação; pois, para os que temiam o Senhor, nenhum bem lhes faltava (Sl 34.9).

O fator central é o reinado de Deus sobre seu povo. Como servos pactuais, o povo tinha que reafirmar de diversas maneiras seu compromisso com o Senhor. Pagavam-lhe seu tributo de louvor enaltecendo sua criação ou seus grandes atos redentores. Ao falarem da majestade de sua pessoa, estavam oferecendo sacrifícios espirituais de louvor a seu Rei. Quando cantavam as belezas da lei de Deus, esta era outra afirmação da maneira em que estavam se submetendo às reivindicações dele sobre eles. O Saltério, pois, serviu ao amplo propósito de lembrar ao povo que este constituía o povo de Deus, o povo que formava seu rebanho (100.3). Assistia-lhes também manter uma relação correta com ele.

A presença de Deus com seu povo em sua história e também com eles como indivíduos é reafirmada nos Salmos. Os longos salmos históricos, em particular, são recitais das formas como o poder de Deus se revelara na vida de Israel. Nos momentos importantes, Israel tinha que repetir resumos

do que Deus fizera por ele (ver a declaração no momento de apresentar as primícias [Dt 26.3–10] e no momento de renovar o compromisso pactual [Js 24.16–18]).

Finalmente, o Saltério enfatiza a graça de Deus em perdoar e restaurar um povo pactual no momento de erro. Assim um salmista pode dizer a Deus: "Foste para com Israel um Deus perdoador, ainda que puniste seus malfeitos" (Sl 99.8). Isto constituía simplesmente uma reafirmação da declaração que Deus fizera de si mesmo quando proclamou seu próprio nome a Moisés por ocasião da segunda doação das tábuas de pedra (Êx 34.6,7). Davi diz que "todos os caminhos do SENHOR são amoráveis e fiéis para com os que guardam os mandamentos de sua aliança". Então, com base na aliança divina, ele roga: "Por amor de teu nome, ó SENHOR, perdoa minha iniqüidade, ainda que seja grande" (Sl 25.10,11). Um Deus pactual era veraz à sua palavra empenhada e perdoaria e restauraria.

7. TIPOS DE SALMOS

7.1. Identificando Tipos

Em nosso idioma temos vários tipos de literatura, bem como temos vários tipos de linguagem falada. Antes de tudo, para ilustrar o último, sabemos que há diferentes estilos a conservar para diferentes ocasiões. Assim, quando um noivo se levanta para falar em suas núpcias, quase sempre podemos prever o estilo que seu discurso assumirá e algumas das expressões-padrão que se ouvirão. Sempre se espera uma forma de discurso, e ficamos quase desapontados se ela não ocorre. Outros tipos semelhantes de discursos poderiam ser a de um político admitindo uma derrota eleitoral, ou um discurso apresentando um presente a um colega de profissão em sua aposentadoria.

O mesmo se dá a respeito da linguagem escrita. Adotamos um etilo particular que depende do conjunto completo de circunstâncias que conduziram nossa composição. Uma carta escrita à mãe de alguém será bem diferente de uma carta formal dirigida aos solicitantes de alguém concernente a alguma questão de propriedade. A forma em que a notícia de um jornal sobre um acidente de trânsito é escrita será bem diferente do estilo do editorial do mesmo jornal. Uma variedade de situações demanda um estilo notório e previsível.

Nós mesmos identificamos rapidamente formas particulares de escrita, e inconscientemente as lemos com isso em mente. Isso é importante, porque nosso acesso mental à forma às vezes determinará nossa atitude para com o texto. Se, por exemplo, reconhecemos uma peça particular, como uma novela, sabemos que podemos lê-la rapidamente, e ainda saltamos algumas partes sem afetar o fluxo da história. Entretanto, se tentarmos isso com outras peças de composição, por exemplo, uma seção de instruções sobre como montar uma peça de mobília que veio desmontada, poderíamos incorrer em grande dificuldade e criar problemas para nós mesmos.

Assim se dá quando chegamos aos Salmos. Há vários tipos de salmos e temos de reconhecer as diferenças. Visualize estas três citações de salmos sucessivos:

> *SENHOR, meu Deus, em ti me refugio*;
> *salva-me e livra-me de todos os que me perseguem,*
> *para que, como leões, não me dilacerem nem me despedacem,*
> *sem que ninguém me livre* (Sl 7.1,2).

> *SENHOR, Senhor nosso,*
> *como é majestoso teu nome em toda a terra!*
> *Tens assentado tua glória sobre os céus* (Sl 8.1).

> *SENHOR, quero dar-te graças*
> *de todo o coração*
> *e falar de todas as tuas maravilhas*.
> *Em ti quero alegrar-me e exultar,*
> *e cantar louvores a teu nome,*
> *ó Altíssimo* (Sl 9.1,2).

São todos bem diferentes e são indicativos de estilos diferentes. O primeiro é de lamento, no qual um indivíduo está pedindo proteção a Deus quando enfrenta falsas acusações de seus inimigos. O segundo vem de um hino de louvor, e particularmente alguém que está louvando a Deus por sua criação. O terceiro exemplo é de um hino no qual há menção de alegrar-se e exultar no nome de Deus. Como notamos, os diferentes tipos de salmos nos ajudam a reconhecer outros salmos de uma natureza semelhante e lê-los por esse prisma.

Há vários benefícios a se granjearem por visualizarmos os Salmos dessa forma. Significa acima de tudo mais que os estamos vendo como unidades globais, em vez de apenas versículos individuais. Equivale dizer que os estamos considerando como uma peça total de composição literária e lendo-os por esse prisma. Aproximamo-nos deles sabendo que não se assemelham a um guia telefônico, no qual não há conexão necessária entre entradas sucessivas; qualquer relação que porventura apareça é completamente acidental, não proposital. Nos Salmos, contudo, a conexão está ali simplesmente porque cada salmo é um poema que se enfeixa como uma unidade, e por isso devemos interpretá-lo dessa forma. Extrair só um versículo e isolá-lo de seu contexto no salmo equivale distorcer o significado. Assim, uma frase tal como "não temerei mal nenhum" (Sl 23.4) não deve ser tomada fora desse salmo e usada como um encorajamento isolado. Seu significado só pode ser visto à luz do salmo como um todo e a certeza do cuidado de Deus como pastor de seu povo. De forma semelhante, o versículo inicial do Salmo 89: "Cantarei para sempre o grande amor do SENHOR; com minha boca farei conhecida sua fidelidade por todas as gerações", não é uma promessa isolada concernente à fidelidade de Deus. Ela está presente num salmo que está expressando em forma poética a aliança que Deus fez com Davi (ver 2Sm 7). Extrair um só versículo e aplicar seu ensino sem referência ao cenário no salmo equivale ensinar o contrário à mensagem expressa no próprio salmo. Este princípio de interpretar um versículo dentro da unidade da qual ele forma uma parte certamente se aplica a toda a Bíblia.

Este tipo de abordagem também nos leva a formular perguntas a respeito da função de qualquer cântico. Dos Livros de Crônicas descobrimos que cânticos particulares eram apropriados a ocasiões especiais, tais como a condução da arca da aliança para Jerusalém (1Cr 16.7–36; cf. Sl 96; 105.1–5 e 106.1,47,48), ou para uso na dedicação do Templo (2Cr 5–7 e, especialmente, cf. 5.13 e 7.3,6 com Sl 136). Se pudermos descobrir algo sobre a função que um salmo particular desempenhou, isso nos ajuda a entendê-lo melhor. Algumas vezes isso pode transparecer dentro do próprio salmo, ou o título pode mostrar como o salmo era usado. Evidentemente, os salmos se destinavam a ser cantados, e muitos eram usados nos cenários apropriados durante a vida religiosa do povo. Podemos comparar isto como o modo como os hinários cristãos modernos não só catalogam hinos de conformidade com o conteúdo, mas

também mostram os hinos apropriados para ocasiões particulares (p.ex., Páscoa, Pentecoste, Natal, Batismo, Ceia do Senhor, ação de graças pela colheita).

Faz-se necessário também apresentar uma palavra de advertência. Este método de catalogar salmos de conformidade com o tipo deve ser usado como uma valiosa ferramenta para auxiliar nossa compreensão, mas não pode ser levado a extremo. Há o constante perigo de um salmo ser classificado de acordo com um tipo específico, e ao fazer isso corre-se o risco de passar por alto sua distinção individual. As características de um salmo particular têm de ser levadas a sério para que os aspectos comuns de um grupo não nos levem a passar por alto variações importantes.

7.2. Classificação de Tipos de Salmos

Apresentaremos agora um esboço para mostrar alguns dos principais tipos de salmos e indicar em termos breves suas principais características. Deve-se lembrar que qualquer classificação tem de ser fluente, e precisamos reconhecer que certos grupos de salmos coincidem em suas características.

Hinos. Muitos salmos entram nesta categoria, pois o Saltério contém um grande número de cânticos de alegria no Senhor. Exemplos típicos são os Salmos 92,103 e 113. Quase todos eles partilham de alguns aspectos comuns:

a) começam com uma convocação ao culto

b) dão razões por que Deus deve ser louvado

c) contêm outras convocações ao culto, muitas das quais concluem o salmo. É o segundo aspecto que toma o maior espaço, pois os salmistas chamam a atenção para as coisas concretas que Deus tem feito e que devem provocar o louvor.

Lamentos. Estes são gritos de angústia, quer por um indivíduo (p.ex., Sl 3,7,13,17,26) ou pela comunidade como um todo (p.ex., Sl 12,44,60,74). Inimigos são mencionados, porém raramente são identificados com clareza. Esses salmos podem ter vários aspectos:

a) o salmista implora pelo auxílio de Deus

b) vemos queixas que mostram por que o salmista está invocando a Deus

c) uma confissão de pecado ou uma declaração de inocência

d) amiúde há uma expressão de confiança no poder de Deus para socorrer

e) é possível que um cântico de louvor conclua o salmo.

Salmos de Ação de Graças. Quando correspondem à resposta divina ao clamor do necessitado, os salmistas o exaltam pela oração respondida. Salmos nesse grupo (tais como 18,32,34) são caracterizados por:

a) louvor ao Senhor ou uma bênção

b) testemunho da grandeza de Deus em sua vida

c) amiúde há uma reafirmação do lamento

d) uma descrição da salvação divina.

Salmos de Recordação. O cântico era evidentemente usado como um meio para relembrar os maravilhosos feitos do Senhor (cf. Cântico de Moisés, Dt 32) e o Saltério contém diversos salmos que relatam fatos que lembram a história de Israel. Os salmos deste tipo são amiúde muito mais longos que outros (p.ex., Sl 78,105,106,135,136) e são distinguidos por:

a) rememorar grandes eventos na história de Israel

b) focalizar a atenção particularmente no êxodo do Egito

c) Enfatizar a fidelidade de Deus às suas promessas pactuais

d) fazer isso para incitar o louvor, ou encorajar as gerações futuras a confiarem no Senhor.

Salmos de Sabedoria. Há salmos que partilham de alguns aspectos em comum com os assim chamados livros sapienciais, como Provérbios, Eclesiastes, Jó e Cantares de Salomão. Esses salmos (tais como 37 e 73) têm como suas características:

a) preocupação com os resultados práticos da vida

b) clara distinção entre os dois caminhos que enfrentamos na vida

c) luta com o problema por que os ímpios parecem prosperar quando comparados com os justos

d) sugerem que a solução final está na vida por vir.

Salmos de Realeza. Há um grupo de salmos que falam todos de Deus como Rei (29,47,93,95–99). Esses salmos (com os quais alguns outros podem ser associados, p.ex., 24 e 110) têm entre seus característicos:

a) a afirmação de que o Senhor (“Yahweh”) reina

b) que tal reinado foi desde a antigüidade

c) que esse reinado é não só sobre Israel, mas sobre o mundo inteiro

d) Em Sião, o Deus de Israel é exaltado como Rei universal.

Salmos de Confiança. Os Salmos estão saturados de expressões de confiança no Deus de Israel. Entretanto, um grupo de salmos (incluindo 11,16,23,27,91 e 125) partilha, de um modo específico, de diversos aspectos em comum:

a) enquanto sua estrutura não é a mesma, eles partilham de conteúdo comum

b) diante do inimigo há serena confiança no Senhor

c) suas declarações exercem neles uma sonora certeza

d) usam uma variedade de metáforas para descrever-se a Deus ("refúgio", "rocha", "pastor", "socorro").

8. DEUS NOS SALMOS

8.1. Reverência no Culto

Qualquer ensino do Saltério tem de ser considerado em relação ao fato de que os Salmos são cânticos de adoração. A apresentação do ensino sobre Deus e seus caminhos é feita no contexto de adoração a ele. Assim, todos os salmos estão centrados em Deus porque são orações *a* ele ou cânticos *sobre* ele. Nossa resposta, ao estudarmos os Salmos, deve ser de alguém que adora, e nosso amor a ele deve ser aprofundado mediante a melhor compreensão de sua mensagem. "Como meu amor por Deus é inflamado pelos Salmos!" – exclamou Agostinho.

O Livro dos Salmos é um tremendo testemunho do Deus vivo, e seu uso ao longo dos séculos, pela igreja cristã, tem exercido uma influência mais profunda do que se tem percebido. Nas liturgias da igreja cristã, a linguagem do Saltério se sobressai de forma mui proeminente, enquanto o pensamento do Saltério tem sido influente quer por meio de seu uso direto ou por meio da hinologia baseada em passagens do Saltério. Muita de nossa compreensão cristã de Deus e nossa relação com ele tem por base o Saltério.

Em seu enfoque sobre Deus, os Salmos nos mostram quão vital ele foi à vida de Israel. Nosso conhecimento dessa relação vem em grande medida dos Salmos; e quando os atributos de Deus vêm a lume, isso se dá no contexto de oração e louvor. Não devemos imaginar, contudo, que o tipo de compreensão de Deus revelada nos Salmos era universal em Israel. O fato de que os profetas se dirigiam em discursos condenatórios ao povo mostra um quadro diferente.

8.2. O Deus Majestoso

Os Salmos estão saturados de louvor a Deus, e esse louvor assume duas formas. Em algumas passagens, os salmistas simplesmente declaram o louvor de Deus, porém em muitos deles descrevem quem o Senhor é e o que ele tem feito. Assim, a introdução e conclusão do Salmo 103 vocalizam o louvor a Deus:

Louve o SENHOR, ó minha alma;
todo o recôndito de meu ser, louve seu santo nome (v. 1).

Bendigam o SENHOR todas as suas obras,
Em todos os lugares de seu domínio.
Bendiga ao SENHOR, ó minha alma! (v. 22).

Entre estas duas exclamações de louvor se encontra o principal corpo do salmo que contém descrições de Deus e suas obras, nestes termos:

quem perdoa todos os seus pecados
e cura todas as suas enfermidades;
quem redime sua vida do poço
e o coroa com amor e compaixão;
quem satisfaz seus desejos com boas coisas,
para que sua juventude seja renovada como a da águia (vs. 3–5).

A linguagem de louvor é acompanhada por conteúdo, o qual nos diz coisas sobre o Deus que estava sendo adorado. Os Salmos não constituem liturgia vazia, mas estão cheios de palavras que dirigem a atenção para a gloriosa pessoa do Deus vivo.

O quadro que os Salmos apresentam de Deus é o de um Deus soberano, diante de quem todos nós devemos comparecer. A grandeza de Deus é enfatizada de várias formas, inclusive o uso de um nome distintivo. Lemos que ele é *Elyon*, o Altíssimo. Esta palavra ocorre quase somente em passagens poéticas do Antigo Testamento, e a maioria delas está nos Salmos (18 ocorrências de 30). Às vezes ela é usada em paralelismo com *Elohim* (Deus) ou *Shaddai* (o Onipotente), mas outras vezes no próprio livro. O Salmo 47.1,2, um dos cânticos dos filhos de Corá, fornece um bom exemplo de seu uso:

Batam palmas, vocês, todos os povos;
Aclamem a Deus com cantos de alegria.

Pois o SENHOR Altíssimo é temível,
é o grande Rei sobre toda a terra!

O caráter de Deus é às vezes enfatizado em contraste com os deuses pagãos, os quais são meros ídolos sem vida. Quando as nações dizem: "Onde está o Deus de vocês?", Israel pode responder: "Nosso Deus está no céu, e ele faz tudo quanto lhe agrada" (Sl 115.2,3). A resposta que é apresentada quando alguém se vê confrontado com a grandeza de Deus é curvando-se em adoração diante dele (Sl 96.4–9).

Mas ainda que Deus seja tão elevado, contudo ele se digna fazer-se conhecido dos homens. "Ele fez seus caminhos conhecidos a Moisés, seus feitos ao povo de Israel" (Sl 103.7). O mesmo salmo continua comparando Deus a um pai que tem compaixão de seus filhos, e que conhece suas fragilidades (vs. 13–16). Nele, Davi também encontrou um substituto de pai e mãe (Sl 27.10). O quadro de Deus apresentado nos Salmos é de alguém envolvido na vida de seus filhos, de modo a ser para eles um pastor (23.1; 80.1); ou como uma ave que protege seus filhotes debaixo de suas asas (91.1–4); ou um juiz que dispensa justiça (50.4,6); ou um guerreiro para os quais é um escudo (18.2). A grande maravilha é que o Deus que chama as estrelas por seu nome é o mesmo Deus que cura o coração quebrantado e pensa suas feridas (Sl 147.3,4).

8.3. Deus o Criador

A doutrina da criação como apresentada em Gênesis 1 é reafirmada no Saltério. Deus simplesmente pronunciou sua palavra, e o mundo veio à existência:

Mediante a palavra do SENHOR foram feitos os céus,
e os corpos celestes, pelo sopro de sua boca.
Pois ele falou, e tudo se fez;
ele ordenou, e tudo surgiu (Sl 33.6,9).

Gênesis 1 se converteu numa oração no Salmo 8, e o papel do homem como vice-regente é novamente proclamado. Toda a criação foi posta sob ele, e Deus o fez governante sobre tudo o que fora criado (Sl 8.5–8). O Salmo 104 comprime um longo cântico em louvor da criação, no qual há muitos ecos de Gênesis 1.

Por todo o Saltério, a criação é descrita como feitura de Deus, não algo em si mesmo divino ou oriundo de si mesmo. Daí não haver nenhum culto à natureza; somente culto ao Criador. Ele é o Deus que tem revelado seu poder na criação do mundo. A inferência extraída disto é que, uma vez que Deus é tão poderoso, então ele cuidará dos seus. Há uma fórmula no uso dos Salmos que enfeixa o pensamento do Senhor como o Criador do céu e terra com a idéia de bênção para seu povo. Esta fórmula bem que pode recuar para muito antes do Antigo Testamento, para Melquisedeque que abençoou a Abrão, dizendo: "Abençoado seja Abrão pelo Deus Altíssimo, Criador do céu e da terra" (Gn 14.19). Pelo direito de criação, o Senhor controla o mundo, e é por isso capaz de trazer bênção e proteção a Israel (Sl 115.12–15; 121.2; 124.8; 134.3; 146.5,6).

Há também hinos de louvor a Deus como o Criador que sustém todas as suas criaturas, tantos os animais quanto o gênero humano. Um grupo de salmos (104.24–30; 136.25; 145.15,16) fala de Deus como abrindo sua mão para prover as necessidades de suas criaturas, e ainda falam de seu "inabalável amor" por elas. Este termo ocorre com freqüência no amor pactual de Deus por seu povo, mas pode aplicar-se à sua graciosa preocupação por todas as suas criaturas (Sl 33.5; 119.64; 136.25). Este uso da terminologia pactual pode surpreender-nos, contudo Deus fez uma aliança não só com Noé, mas com todas as criaturas vivas (Gn 9.9–17). O escopo da preocupação divina é tão extenso quanto sua criação em sua inteireza.

8.4. O Deus Compassivo

É preciso dar atenção especial a este aspecto. O próprio fato de os salmistas se chegarem a Deus em oração é um reconhecimento de sua carência dele e de sua graça perdoadora. Eles se chegam a ele porque têm conhecimento de sua justiça e do quanto o têm ofendido. Davi, em seu clamor por misericórdia, no Salmo 51, reconhece que seus pecados contra Urias e Batseba foram horríveis aos olhos de Deus, e os inclui em sua confissão ao Santo de Israel: "Contra ti, contra ti somente, tenho pecado e fiz o que é mal a teus olhos" (51.4). Reiteradamente, os salmistas confessam a pecaminosidade do homem em termos os mais fortes. Os humanos são pecadores desde o ventre de suas mães (51.5; 58.3), e todas as suas ações são corruptas e vis (14.1). No Novo Testamento, quando Paulo procede a convencer a seus leitores da pecaminosidade universal da

humanidade, ele faz isso fazendo citações de seis salmos e de uma passagem de Isaías (Rm 3.10–18), e inclusive sua conclusão nessa passagem ecoa um salmo: "Portanto ninguém será declarado justo a seus olhos por observar a lei" (Rm 3.20; cf. 143.2b).

Os Salmos não só pintam a extensão do pecado, mas também apontam para a graça de Deus demonstrada no perdão dos pecados. Há um grupo de salmos ao qual Lutero certa vez chamou "os Salmos Paulinos" (32,51,130,143) porque ensinam as mesmas verdades que Paulo inseriu em suas epístolas. Lutero disse desses salmos: "Todos eles ensinam que o perdão dos pecados vem sem o concurso da lei e das obras para o homem que crê. … e quando Davi canta: 'Em ti há perdão, para que sejas temido', isto é justamente o que Paulo diz: 'Deus os encerrou todos na incredulidade, para ter misericórdia de todos' (Rm 11.32). Assim, nenhum homem pode vangloriar-se de sua justiça pessoal. Esta palavra, 'para que ele seja temido', pulveriza todo o mérito e nos ensina a desnudar nossas cabeças diante de Deus e confessar: *é tão-somente pelo perdão, nunca por qualquer mérito; por meio de remissão, não satisfação*.' " Somos introduzidos a uma relação com Deus na qual desfrutamos do perdão dos pecados estritamente pela livre graça de Deus. O ensino de que somos perdoados tão-somente pela fé se acha entremeado nos Salmos: "Bem-aventurado o homem cujas transgressões são perdoadas e cujos pecados são cobertos. Bem-aventurado o homem cujo pecado o Senhor jamais tomará contra si" (Rm 4.7,8, citando o Salmo 32.1,2). Deus jamais desprezará um coração quebrantado e contrito (Sl 51.17), e os que se achegam a ele descobrirão que seu clamor por misericórdia será respondido por sua declaração de perdão (Sl 130.1–4).

O Deus que perdoa o pecado é o mesmo que opera nos corações dos penitentes. Muitos dos salmos revelam as profundas experiências espirituais pelas quais os escritores entraram em cena e lançaram o fundamento para as verdades que o Novo Testamento desenvolve mais plenamente. Profunda tristeza pelo pecado acompanhava a confissão a Deus (38.18) e segue um profundo reconhecimento da necessidade de uma profunda mudança espiritual. O Salmo 51 realça isto no caso de Davi, que implorou por um coração puro e uma mudança integral pela obra do Espírito Santo (v. 10). Esta experiência é descrita mais plenamente no Novo Testamento em termos do novo nascimento (Jo 3.5,6; 2Co 5.17; Gl 6.15). Os que a experimentaram podiam cantar de alegria, porque Deus

concede a seus filhos perdoados um novo cântico para entoarem: “um hino de louvor a nosso Deus” (Sl 40.3).

9. A REALEZA DE DEUS

9.1. A Idéia de Realeza

A idéia da realeza de Deus é central na Bíblia. Ela aparece desde o início de Gênesis, mesmo quando as palavras reais, “rei” e “reino”, não apareçam senão mais tarde. A idéia básica subjacente na apresentação bíblica da relação entre Deus e a humanidade é que o Deus Criador é um soberano que exercita seu governo sobre seu mundo e sobre as criaturas humanas em particular. O reino de Deus diz respeito ao povo de Deus, no lugar de Deus e sob o governo de Deus. Vivendo sob o governo pactual de Deus, os homens eram direcionados em sua resposta a Deus mediante os vários mandamentos que ele lhes dera. Como servos leais, nutriam obediência a ele como seu suserano.

Por ocasião do êxodo do Egito, os filhos de Israel foram introduzidos numa relação formal com Deus e entre si pela formação da nação de Israel. No Monte Sinai, Deus entrou numa aliança com eles, a qual regulamentava a vida da nação. Por meio desta aliança, Deus impôs condições sob as quais seu povo viveria. Ele iniciou a aliança e foi soberano na relação.

Como já se notou, o padrão que a aliança no Sinai assume tem se demonstrado semelhante a outras alianças no antigo Oriente Próximo. Os tratados políticos foram introduzidos por países, especialmente quando um fosse vencido por outro. O rei do país mais poderoso (o vencedor) iniciava uma nova relação com o menos poderoso (o vencido). O Grande Rei apresentou suas exigências a seus novos súditos, e por sua vez prometeu defendê-los caso fossem atacados. No Livro de Êxodo, Deus é o Grande Rei que estabelece uma nova forma de relação pactual com seu povo Israel.

Quando Deus redimiu seu povo do Egito, Moisés e o povo entoaram um cântico enaltecendo seu triunfo. O cântico fala do poder do Senhor sobre faraó (Êx 15.1–7), o mar (15.8–12) e as nações em geral (15.13–18). O Senhor é um poderoso guerreiro que salva (v. 2), destrói o inimigo (v. 6), faz maravilhas (v. 11), guia seu povo redimido (v. 13) e que reina para todo o sempre (v. 18). Este último versículo é importante porque fala do eterno reinado do Senhor: *o Senhor reinará para todo o sempre*. O

resultado adequado da conquista do vencedor é que ele governa seu povo. Como isso acontece é expresso detalhadamente mais tarde em Êxodo. O povo veio a ser um sacerdócio real e uma nação santa (19.6). Todos em Israel tinham de ser sacerdotes para Deus, enquanto a nação como um todo tinha de ser consagrada a Deus. As leis detalhadas que seguem em Êxodo e Levítico mostram como o Rei desejava que seus súditos vivessem sob sua autoridade. Detalhes específicos foram dados das estruturas da vida que estavam para regulamentar suas vidas. O reino de Deus, desde o período de Moisés, pode ser ilustrado no diagrama da página seguinte.

Esta forma de governo, que às vezes é chamada "uma teocracia", continuou até a designação do primeiro rei de Israel na pessoa de Saul. Quando ele foi sucedido por Davi, Deus entrou numa aliança especial com ele, adotando a família davídica e designando-os como vice-regentes. Durante o período da monarquia, Deus era ainda o Rei máximo, porém os reis davídicos deviam exibir seu governo entre os homens, e deviam também apontar para a vinda do Messias como o Rei final.

9.2. A Realeza do Senhor nos Salmos

É quase surpreendente que o fator central da fé de Israel, de que o Senhor era seu Rei, fosse tão proeminente nos cânticos do povo. Proclamam-no como seu próprio Senhor e convocam outros a reconhecê-lo também (96.10).

Os Salmos falam de Deus como aquele que é Rei para todo o sempre (10.16). Ele está sentado em seu trono celestial (11.4; 29.10), e como o Criador evidentemente é o "Rei desde toda a antiguidade" (74.12). E assim ele é por direito o Rei sobre toda a terra (47.2,7) e a todas as nações se proclama: "O SENHOR reina" (96.10)

Mas, de uma forma mais particular, ele é o Rei de Israel, e muitos dos salmos que falam dele nesses termos associam sua realeza com Sião (Jerusalém). Sião é chamada "cidade do Grande Rei" (48.2) e se faz a declaração: "Grande é o SENHOR em Sião" (99.2). É notável o número de vezes que Deus é chamado "o Grande Rei" ou se faz referência à sua grandeza. Diversos salmos que proclamam sua realeza são enfeixados no Saltério (93,95–100). Esses salmos usam a expressão "O SENHOR reina" (ou "é Rei"). Isso lembra o grito que ecoa quando Absalão assumiu a

realeza: “Absalão é rei em Hebrom” (2Sm 15.10). Quando usada para o Senhor, esta aclamação contém algo de um som dinâmico; aliás, como o triunfante hino de Páscoa: “Jesus Cristo hoje ressuscitou, Aleluia!”

Ele é também o Rei que converteu Israel em seu próprio rebanho, e o chama “meu povo” (50.7; 81.8,11). Ele criou Israel, e o povo pode dizer: “Somos o seu povo, e ovelhas de seu pastoreio” (100.3). O Senhor escolheu a “Jacó para ser seu, a Israel para ser sua possessão pessoal” (135.4; cf. Êx 19.5).

Alguns salmos também fixam a atenção no resultado final da história humana, quando o Senhor será visto como Rei de todas as nações. Ele virá para julgar “o mundo com justiça e os povos em conformidade com sua verdade” (96.13). Porque ele reina, mesmo as ilhas remotas podem ser convocadas a regozijar-se (97.1). É como se o salmista estivesse descrevendo o resultado após o juízo final, quando o domínio universal de Deus for estabelecido.

9.3. A Realeza Davídica

Há também muitos salmos que falam da realeza da linhagem de Davi. Mostram como a aliança com Davi (2Sm 7) era assimilada em Israel. Se seguirmos os títulos dos salmos, Davi pessoalmente chama Deus “meu Rei” (5.2), e reconhece que sua própria autoridade teve sua origem em Deus. Dois dos salmos (89 e 132) são exposições da aliança que Deus fez com Davi (2Sm 7), e mostram o lugar especial que a realeza davídica ocupava em Israel. Em salmos tais como 18,20,21, Davi reconhece que sua força vem de Deus e que suas vitórias na realidade são vitórias de Deus.

O rei também fala do povo não como seu, mas como o povo de Deus. Ele pode apelar a Deus em favor deles nestes termos: “Salva o teu povo e abençoa a tua herança; sê seu pastor e os conduz para sempre” (28.9). Os malfeitores são descritos como a esmagar “teu povo, ó SENHOR; oprimem tua herança” (94.5).

Esta atitude do rei também nos ajuda a explicar algumas das passagens difíceis do Saltério, nas quais há apelo a Deus para que destrua os inimigos. O contexto deixa claro que os inimigos não eram inimigos pessoais do rei, mas de fato e na verdade eram inimigos de Deus. Assim, no Salmo 5, Davi ora para que seus inimigos sejam banidos em razão de seus pecados, e apresenta como razão: “porque têm se rebelado *contra ti*”

(v. 10). Para uma discussão mais completa destas passagens, ver páginas 46–48.

9.4. Nossa Resposta à Realeza de Deus

Dois importantes aspectos surgem do Saltério em relação ao impacto que o ensino acerca de Deus como Rei exerce sobre nós.

Primeiramente, nossa resposta deve ser a de culto. Reiteradamente, nos salmos de realeza, o pensamento de culto aparece especialmente porque Deus é não só Rei, mas também um Deus santo.

> *Venham, adoremos prostrados*
> *e ajoelhemos diante do SENHOR, nosso Criador* (95.6).

> *Dêem ao SENHOR a glória devida ao seu nome*
> *e entre em seus átrios trazendo ofertas*.
> *Adorem o SENHOR no esplendor de sua santidade*;
> *tremam diante dele todos os habitantes da terra*.
> *Digam entre as nações: O SENHOR reina* (96.8–10).

> *Exaltem o SENHOR nosso Deus*
> *e adorem ante o estrado de seus pés*;
> *ele é santo*.

> *Exaltem o SENHOR nosso Deus*
> *e adorem em seu santo monte*,
> *porque o SENHOR nosso Deus é santo* (99.5,9).

De uma forma semelhante, a mensagem do Apocalipse 19 termina com o poderoso brado: "Aleluia! Porque reina o Senhor Deus, Todo-Poderoso. Regozijemo-nos e alegremo-nos e demos-lhe glória!". João, em resposta a isto, caiu aos pés do anjo mensageiro, porém o anjo disse: "Não faça isso! Adore a Deus!" (Ap 19.6–10). O reconhecimento de Deus como Rei nos conduz à adoração ante o estrado de seus pés.

Em segundo lugar, o pensamento da realeza de Deus deve ser-nos um estímulo à obra missionária. Os Salmos nos apresentam um quadro das nações do mundo se sujeitando ao nosso Deus. Este é tão grande, que as nações devem apresentar-se e adorar diante dele. Este quadro constitui não apenas uma visão do futuro, mas algo que instiga os salmistas com uma urgência missionária real. Convocam o mundo em geral a comparecer e a

adorar o Senhor (ver Sl 57.8–11; 66.1–4; 67.2–5; 96.3,7–13; 99.2,3; 100.1–3; 108.3; 113.3,4; 117.1,2; 145.21). Há um ardor em seu anelo de ver todas as nações se curvando diante do Rei e se sujeitando ao seu governo. A visão do reino final de Deus os impele com um espírito missionário real.

10. A LEI DE DEUS NOS SALMOS

10.1. Um Soberano e Suas Leis

As leis do Antigo Testamento não são leis morais abstratas, mas os requisitos de um Deus pactual. São as demandas de um Deus pessoal e soberano a seus súditos. Deus formulou sua lei no Monte Sinai e então ela foi dada em forma escrita, tanto nas tábuas de pedra como também no livro da aliança (Êx 24.7), e o Livro de Deuteronômio (Dt 31.9). O caráter pessoal da lei é enfatizado pelas exortações que ocorrem com tanta freqüência, encorajando Israel a guardar a lei e a ser santo, porque o Senhor é santo (Lv 20.26).

A maneira como a lei foi dada a Israel põe a ênfase no fato de que ela foi dada a um povo redimido. Foram tirados pelo Senhor da escravidão egípcia, o qual demonstrou grande favor e graça para com eles em sua necessidade. Não se deve concluir que a salvação iria basear-se em sua obediência à lei de Deus. Mesmo no Monte Sinai, o povo pecou contra ele e lhe provocou a ira (Dt 7.7,8; 9.4–6).

Israel fora instruído sobre o fato de que a aliança de Deus era de caráter imutável. As promessas feitas aos patriarcas Abraão, Isaque e Jacó não podiam ser quebradas (ver, p.ex., Ex 3.15–17). Isto significa também que os requisitos básicos da aliança, a lei de Deus, eram também imutáveis. Os salmistas dizem que Deus se lembrou de sua aliança (105.42; 106.45). Além do mais, ele conduziu seu povo à terra de Canaã “para que pudessem guardar seus preceitos e observar sua lei” (105.45).

Para reforçar sua lei sobre o povo, Deus prometeu bênçãos se obedecessem. Seguindo uma experiência inicial da graça de Deus quando foram redimidos da escravidão, obediência adicional resultaria em maior experiência da graça de Deus. A escolha que Deus fez de Israel veio primeiro; e então, quando o povo obedecesse a Deus, uma apropriação mais plena das bênçãos da salvação se tornaria sua.

A verdade oposta era que foram formuladas maldições contra o povo, caso fosse infiel à aliança de Deus (para as maldições, ver especialmente Lv 26 e Dt 28). Os Salmos refletem ambos esses aspectos, visto que as bênçãos são pronunciadas sobre aqueles que andassem no caminho do Senhor (1.1,2; 119.1), e amiúde juízos são pronunciados contra os que seguissem seu próprio caminho (1.6).

10.2. A Lei de Deus nos Salmos

Já vimos que o Saltério procedeu da comunidade pactual. Daí ser bem compreensível que uma comunidade que cantava acerca de Deus como seu Grande Rei também cantasse acerca de sua lei. No Salmo 81, Deus desafia seu povo a dar ouvido à sua advertência, e diz:

> *Não tenha deus estrangeiro em seu meio*;
> *não se curve diante de nenhum deus estranho*.
> *Eu sou o* SENHOR *seu Deus, que o tirou do Egito* (vs. 9,10).

Essas palavras, naturalmente, são tomadas, ou são um eco, da abertura do Decálogo, e contêm partes do prefácio e dos dois primeiros mandamentos (cf. Êx 20.2–4). São usadas para reafirmar as reivindicações que o Deus Redentor pronunciara sobre seu povo. Tinham que apropriar-se dele como seu Deus, e não render obediência ou culto a algum outro.

Há um grupo de salmos que se concentra na lei de Deus, e focaliza particular atenção sobre as bênçãos que sobrevêm aos que a obedecem. Fazem da lei de Deus o objeto de gratidão e louvor, e nos ensinam especialmente as bênçãos da lei. Três deles, em particular, se salientam em virtude de sua ênfase sobre caminhar no caminho da lei de Deus.

(a) O Salmo 1 estabelece o padrão para todo o Saltério, como já vimos (seção 3.3). Ele se abre com a palavra de bênção sobre aqueles cujo deleite está na lei do Senhor. O contraste com os ímpios é salientado de uma maneira muito notável:

[positivo] 1. Bem-aventurado o homem que não anda …
Antes …
Resultado

[negativo] 2. Os ímpios não são assim! …
Antes …
Resultado

3. Sumário

Porque o SENHOR …

(b) O pensamento deste salmo se estende no Salmo 19, que primeiramente se refere à declaração da glória de Deus em sua criação (vs. 1–6), antes de prosseguir falando da preciosidade da lei de Deus. A linguagem usada acerca da lei é deliberada e muito reveladora. Empregase uma variedade de substantivos com o fim de descrever a vontade revelada de Deus (lei, estatutos, preceitos, mandamentos e ordenanças). Os adjetivos usados em referência a eles iluminam a natureza da lei de Deus (perfeita, fidedigna, reta, radiante, pura, infalível), enquanto a sucessão de verbos (p.ex., reviver, fazer sábio, dar alegria, dar luz, durar) fala do impacto que a lei de Deus causa em seus filhos.

(c) O ponto culminante do louvor da lei vem no Salmo 119, que é o mais longo cântico do Livro. É um salmo acróstico dividido em vinte e duas seções, com cada versículo de cada seção começando com a mesma letra do alfabeto hebraico. Esta não é uma explosão súbita do coração como se dá com outros salmos, pois ele não constitui uma sorte de poema que pudesse ser composto com rapidez. O salmo é uma linda obra de arte que canta o louvor da lei de Deus, pois cada versículo, menos três (vs. 84,121,122), contém um sinônimo virtual para "lei" ("palavra", "estatutos", "testemunhos" etc.). O salmista varia as expressões para retratar quão maravilhosa é a lei Deus, e para mostrar mais uma vez como ela serve de lâmpada para os pés e como luz para o caminho (119.105).

10.3. A Resposta à Lei de Deus

A lei de Deus, evidentemente, era preciosa para o salmista. Isto se contrasta com a visão moderna de lei que pode respeitar as exigências de Deus e tentar obedecê-las, mas dificilmente pensar nelas como estimulantes. Mas isso é precisamente a maneira com que os crentes do Antigo Testamento consideravam as leis de Deus.

O temor do SENHOR é puro,
e dura para sempre.
As ordenanças do SENHOR são verdadeiras,
são todas elas justas.
São mais desejáveis do que o ouro,
do que muito ouro puro;

são mais doces do que o mel,
do que as gotas do favo (19.9,10).

Como tuas palavras são doces ao meu paladar,
são mais doces do que mel à minha boca! (119.103).

Porque eu amo os teus mandamentos
mais do que o ouro, mais do que o ouro puro;
e porque considero justos todos os teus preceitos,
odeio toda vereda de falsidade (119.127,128).

A lei de Deus dirigia os caminhos de seu povo. No momento de renovar a aliança pouco antes de entrar na terra de Canaã, Moisés disse: "Que outra nação é tão grande que possua decretos e leis tão justos como este corpo de leis que estou apresentando a vocês hoje? … Ensinem-nas a seus filhos e aos filhos depois deles" (Dt 4.8,9). Assim, os salmistas podem rogar que Deus lhes ensine seu caminho (25.4,5; 119.33) e também fazem menção da ordem divina de ensinar às sucessivas gerações (78.5–8). Ao implorar por perdão, Davi prometeu que, se isto lhe fosse concedido, então ele "ensinarei aos transgressores os teus caminhos, e os pecadores se converterão a ti" (51.13).

A lei de Deus era o objeto de meditação. Quando os filhos de Israel entraram na terra prometida, fizeram assim com as palavras de Josué que soavam em seus ouvidos: "Que este Livro da Lei não se aparte de sua boca; meditem nela dia e noite, para que vocês sejam cuidadosos em fazer tudo o que nela está escrito" (Js 1.8). Os Salmos nos mostram como o povo levara a sério esta ordem e a praticara.

Bem-aventurado o homem …
[cujo] deleite está na lei do SENHOR
e em sua lei medita dia e noite (1.2).

Lembrar-me-ei dos feitos do SENHOR;
sim, me lembrarei de seus milagres de outrora.
Meditarei em todas as suas obras
e considerarei todos os seus feitos poderosos (77.11,12).

Meditarei em teus preceitos
e considerarei teus caminhos (119.15).

Meditação, segundo o Saltério, consiste em três coisas. Em primeiro lugar se fundamenta na *verdade* de Deus. Este tem se expressado em sua palavra, e essa palavra deve ser guardada no coração (119.11). A meditação estimula pensamentos sobre ela e corrobora o significado de uma passagem. Em segundo lugar, a meditação é uma resposta ao *amor* de Deus. Fé em Deus é evidência de uma relação pessoal com ele, e o amor a ele é estimulado pela meditação sobre sua palavra. Em terceiro lugar, meditação é realmente um aspecto do *louvor* de Deus. Ela constitui o culto ao Deus vivo e consiste em adoração a Deus e suas obras. Ao meditarmos em sua palavra, nossa atenção se volve para Deus mesmo.

11. TIPOS ESPECIAIS DE SALMOS

11.1. Hinos

Nesta e nas três seções seguintes, visualizamos mais de perto quatro tipos específicos de salmo. Hino é um cântico que exalta a glória e grandeza de Deus. Cânticos, além daqueles do Saltério, entram também nesta categoria. O Cântico de Moisés e o Cântico de Miriã (Êx 15.1–18,21) constituem bons exemplos, como se dá com o Cântico de Ana (1Sm 2.1–10) e o Cântico de Ezequias (Is 38.10–20).

Os hinos têm uma estrutura definida, como esta:

A. Introdução: Convocação ao Culto

Geralmente, o hino começa com uma convocação ao culto na forma de um imperativo na segunda pessoa plural. Algumas vezes pode ter uma forma na qual a pessoa convoca sua própria alma a louvar ao Senhor, como se dá nos Salmos 103 e 104: "Louve o SENHOR, ó minha alma."

B. Seção Principal: Razões para Louvar

Às vezes, esta seção é introduzida por uma frase que começa com a palavra "porque", seguida pela explicação dos motivos por trás do louvor. Às vezes isto é disfarçado na versão inglesa pela palavra hebraica que normalmente é usada (*ki*) e pode ser traduzida por mais de uma palavra em nosso idioma (p.ex., no Sl 8.3, é traduzida por "quando": *quando eu considerar teus céus* …). Se este "porque" for omitido no hebraico, haverá outras palavras que servem à mesma função, como se pode ver no Salmo 103.3ss. ou 104.2ss.

C. Uma Repetição da Convocação Inicial ao Culto

Com freqüência, a mesma sorte de convocação ressoa novamente no final do cântico.

Um bom exemplo do hino é o Salmo 117, o cântico mais breve do Saltério.

A. *Louvem o SENHOR, todas as nações*;
exaltem-no todos os povos.

B. *Porque grande é seu amor por nós*,
e a fidelidade do SENHOR dura para sempre.

C. *Louvem o SENHOR.*

Martinho Lutero escreveu um longo comentário sobre este mais breve de todos os salmos, porque ele cria que estes dois versículos eram básicos para nossa compreensão do amor de Deus. Realçam o amor pactual do Senhor por seu povo e a visão missionária de alcançar as nações.

Três tópicos maiores provêem o motivo para louvar o Senhor nestes salmos. Primeiro, há um grupo de salmos (66.1–12; 100; 114; 149) que louva Deus pelo fato de ele haver criado (ou redimido) Israel. Têm muito em comum com cânticos fora do Saltério, tais como Êxodo 15.1–8, Deuteronômio 32.1–43, Habacuque 3.2–19 e Isaías 52.7–10. Segundo, outro grupo de salmos entoa o louvor de Deus como Criador do mundo, ou numa forma breve tal como no Salmo 8, ou muito mais extensa como no Salmo 104. Neste último salmo, mesmo a ordem de Gênesis 1 é preservada como o salmista descreve poeticamente as maravilhas da criação divina (104.2–4 = 1.6–8; 104.5–9 = 1.9,10; 104.10–13 = implícito em 1.6–10; 104.19–23 = 1.14–18; 104.24–26 = 1.20–22; 104.27–30 = 1.24–30). Terceiro, o grupo final de hinos canta a Deus como o Criador e Deus da aliança que é o governante da história (33; 103; 113; 117; 145; 146; 147; 150).

11.2. Lamentações

As lamentações formam o grupo maior no Saltério. Este termo antes causa confusão, quando pressupõe que estes salmos estão saturados de tristeza e são de espírito completamente pessimista. Essa não é a plena verdade quando muitos deles contêm afirmações fortes de confiança no Senhor. Outros termos, tais como “queixa”, “confiança na angústia”, ou “apelo por socorro” podem estar mais próximos à sua descrição, uma vez

que são eles apelos a que Deus intervenha em situações particulares e manifeste seu livramento. Nestes termos, são cânticos de louvor, ainda que abafados, uma vez que os salmistas conhecem o poder de Deus em socorrer.

Como se dá com outros tipos de salmos, as lamentações têm similaridades com várias partes do Antigo Testamento fora do Saltério. Jó inclusive amaldiçoa o dia em que nascera, e inquire por que antes de nascer não perecera (Jó 3.1–26). O Livro de Jeremias contém vários e longos lamentos expressos pelo próprio profeta (1.18–12.6; 15.10–21; 17.14–18; 18.19–23; 20.7–13; 20.14–18).

Vem a lume a questão por que tantos salmos seguem esse teor, quando excedem muito em número a qualquer outro tipo de salmo. O que enfatizam é a realidade da experiência religiosa e o fato de que os crentes nem sempre desfrutam de períodos de grande alegria. É por isso que estes salmos são tão realistas das experiências do povo de Deus. Enfrentam tais momentos quando os acontecimentos os esmagam, quando não são imunes às situações mutantes da vida humana.

Há uma quantidade considerável de variação individual, dependendo da situação particular do salmista. Os salmos que foram designados como os salmos penitenciais desde os primeiros séculos cristãos estão também inclusos neste agrupamento (Sl 6,32,38,51,102,130,143). Os seguintes traços são característicos deste tipo de salmo, ainda que nem todos estejam necessariamente presentes ou tenham variação na ordem:

A. Dirigem-se a Deus

Este pode ser muito breve ou expandido numa forma mais longa.

B. Queixa

A forma de queixa varia dependendo se ela é um cântico da comunidade, que principalmente se queixa de fome ou ataque de inimigos; ou uma queixa individual por enfermidade ou medo. Os salmos penitenciais se referem à consciência do salmista de pecado e sua súplica por perdão.

C. Confissão de Confiança

Em meio às queixas, os salmistas às vezes expressam confiança em Deus como aquele que pode socorrer, e amiúde introduzem isto com palavras como “mas” ou “não obstante”.

D. Petição

Faz-se a Deus apelo por socorro na situação particular que o salmista está enfrentando. Às vezes se apresentam razões por que isto está acontecendo.

E. Palavras de Segurança

O salmista expressa certeza de que sua oração é ouvida e que Deus virá em seu socorro.

F. Voto de Louvor

Na confiança de que foi ouvido, o salmista se compromete de invocar o nome de Deus e de contar o que Deus fez por ele.

Um bom exemplo é o Salmo 13, que tem este padrão:

A. *Até quando, ó SENHOR? Esquecer-te-ás de mim para sempre?*
Até quando esconderás de mim tua face? (v. 1).

B. *Até quando terei inquietações*
e tristeza no coração dia após dia?
Até quando meu inimigo triunfará sobre mim? (v. 2).

C. *Eu, porém, confio em teu amor*;
meu coração se alegra em tua salvação (v. 5).

D. *Olha para mim e me responde, ó SENHOR meu Deus*.
Ilumina meus olhos, ou dormirei o sono da morte;
meu inimigo dirá: Eu o venci,
e meus adversários se regozijarão quando eu cair (vs. 3,4).

E. *Cantarei ao SENHOR*,
Porque ele me tem feito o bem (v. 6).

O cenário de alguns destes salmos de queixa pressupõe que poderiam ter sido pronunciados ou cantados no Templo em conjunção com alguma forma de oferenda sacrificial. Quando Ana orou no átrio do tabernáculo em Siló, Eli observava seu modo de orar e a acusou de embriaguez. Em resposta, ela contou de como derramava seu coração diante de Deus. Disse: "Tenho estado a orar aqui movida por minha grande angústia e tristeza." Eli então respondeu: "Vá em paz, e que o Deus de Israel conceda o que você lhe pediu" (1Sm 1.9–17). É possível que fosse costume impetrar tal bênção em resposta a queixas semelhantes, inclusive muitas das queixas registradas no Saltério. Com freqüência há uma mudança brusca no andamento do salmo, com a indicação em alguns de que houve

uma declaração semelhante pelo servo do Senhor. Assim, o Salmo 85 contém uma série de petições feitas pelo salmista seguidas das palavras:

Eu ouvirei o que Deus, o SENHOR*, disse*;
ele promete paz a seu povo, a seus fiéis!
Não voltem eles à insensatez! (85.8).

É bem possível que uma certeza como essa fosse causada ao salmista por uma pessoa como Eli, ministrando junto ao altar; e isso pode explicar a nota mais jubilosa no final do salmo.

11.3. Salmos de Ação de Graças

Há uma estreita relação entre os salmos de ação de graças e os salmos de lamentação e os hinos de louvor, respectivamente. As lamentações amiúde têm uma nota conclusiva de louvor. Em comparação com eles, os salmos de ação de graças expandem consideravelmente esse tipo de cântico. Há também a diferença que nas queixas o cântico de louvor é uma *antecipação* do livramento do Senhor, enquanto que nos salmos de ação de graças o louvor é pelo livramento que *já veio*.

A comparação com os hinos é também útil para se perceber a diferença essencial entre eles e os salmos de ação de graças. Ele é louvado em termos gerais simplesmente pelo que ele é em si ou como ele se manifesta em sua criação. Em contrapartida, ele é louvado por atos específicos de livramento. No primeiro caso, o louvor está descrevendo algo maravilhoso sobre Deus, enquanto no segundo caso há uma declaração do que ele tem feito.

Como os lamentos, os cânticos de ação de graças vêm em duas formas. Há diversos deles que são uma forma de ação de graças por toda a comunidade. O mais específico é o Salmo 124, que se regozija num livramento que Deus trouxe a seu povo. Outros cânticos de ação de graças pela comunidade são os Salmos 65,67,75,107 e 136. A forma mais comum, contudo, é o cântico individual de ação de graças no qual os indivíduos dão testemunho do que o Senhor tem feito em suas vidas. Estes são exemplos típicos:

Tu lhe concedeste o desejo de seu coração,
e não recusaste o pedido de seus lábios (21.2).

SENHOR, tiraste-me da sepultura;

tu me poupaste de descer ao abismo (30.3).

Ele pôs um novo cântico em minha boca,
um hino de louvor a nosso Deus (40.3).

Venham e ouçam, todos vocês que temem a Deus;
vou contar-lhes o que ele tem feito por mim (66.16).

O padrão que as ações de graças individuais assumem é como segue:

A. Dirige-se a Deus

Há discurso direto a Deus, amiúde breve, mas algumas vezes mais extenso.

B. Descrição das Experiências do Salmista

Geralmente isto inclui um relato da provação que o salmista enfrentou, uma indicação de seu clamor por socorro, e então, finalmente, o livramento que Deus proveu para ele.

C. Testemunho ao Senhor

O salmo termina com uma proclamação da bondade do Senhor. Pode também haver outros aspectos, tais como pedido por socorro futuro.

O Salmo 116 provê uma excelente ilustração deste padrão:

A. Dirige-se a Deus

O salmista clama ao Senhor (vs. 1,2) e apresenta a razão por que está orando a ele (note a frase que começa com *porque*).

B. Descrição das Experiências do Salmista

O versículo 3 fornece as circunstâncias que o salmista enfrentou, seguidas por seu clamor por socorro (v. 4). Ao pensar no que poderia ter acontecido, ele expressa sua confiança no Senhor, que é gracioso e justo (vs. 5–7).

C. Testemunho ao Senhor

O salmista se regozija no que Deus tem feito por ele.

Porque tu, ó SENHOR, me livraste a alma da morte,
das lágrimas meus olhos,
de tropeço meus pés,
para que eu ande diante do SENHOR
na terra dos viventes (vs. 8,9).

O salmo termina com o salmista se comprometendo com o Senhor e fazendo seus votos na presença da congregação (indicado nos vs. 14 e 18).

Ele é o servo do Senhor (v. 16), e termina seu cântico com um “Aleluia!” (v. 19).

Visto que os Salmos são tão pessoais em sua autoria, evidentemente há bênção em nossa apropriação deles.

11.4. Salmos de Sabedoria

Dentro do Antigo Testamento há diversos livros que são amiúde chamados “os livros de sabedoria”. Incluem Jó, Provérbios e Eclesiastes, e são assim chamados em virtude de sua ênfase primordial não estar posta nos grandes fatos da redenção de Deus, mas na atividade prática da vida que é vivida no temor do Senhor. Esta frase, “o temor do Senhor”, ocorre tanto no Livro de Provérbios quanto nos Salmos (p.ex., Pv 1.7; 8.13; 14.26; 15.33; Sl 19.9; 34.11; 111.10). Não descreve o medo abjeto de um escravo diante de um senhor, mas antes a devoção de um coração amoroso para com o Senhor soberano. A literatura sapiencial mostra como tal temor se exibe na vida prática, de modo que ele é realmente “piedade nas roupas de trabalho”.

Muito da literatura sapiencial aparece na forma de provérbios, que são marcados pelos seguintes característicos:

(a) Os provérbios são breves, geralmente consistindo de menos de vinte e cinco palavras. Os melhores provérbios são amiúde mais breves. A brevidade vem do desejo de expressar a sabedoria na forma mais breve possível, e também como um auxílio para a memorização. Algumas vezes há repetição de uma palavra ou som que é um auxílio a mais à memória.

(b) Os provérbios usam linguagem figurada. Eles estão lidando com a verdade, porém a expressam de uma forma que é fácil de entender e reter. Tomam uma experiência da vida cotidiana e a usam para ensinar uma lição. Uma vez que pintam quadros, a nitidez do provérbio é retida a despeito do uso reiterado.

(c) Os provérbios têm muitas aplicações diversas. Não se referem a apenas uma situação na vida. Antes, sua natureza geral os qualifica a se aplicarem numa variedade de situações. Assim, o provérbio “tal pai, tal filho” pode aplicar-se à relação entre um professor e um aluno, ou mesmo entre uma mãe e uma filha.

(d) Os provérbios expressam verdades gerais. Não são promessas de Deus que se aplicam sem exceção. Antes, são generalizações com base na

experiência humana, e pode muito bem haver exceções às verdades gerais contidas neles.

Há vários salmos que se ajustam ao padrão geral da literatura sapiencial, enquanto partes de outros salmos refletem algo desse mesmo acesso à vida ou partilham de questões de estilo e forma. Entre os primeiros estão os Salmos 37,49 e 73, enquanto salmos tais como 25,34,78,111,112,127 e 128 contêm traços que se assemelham à literatura sapiencial. Destes, o Salmo 78 começa com as palavras:

> *Ó meu povo, ouça meu ensino*;
> *dê ouvido às palavras de minha boca*.
> *Abrirei minha boca em parábolas*,
> *Pronunciarei coisas ocultas, coisas desde*
> *os tempos antigos* (vs. 1,2).

Há diversos traços nesta abertura que são típicos da literatura sapiencial, tais como o apelo a que se ouça, e as palavras "ensino", "parábolas" e "coisas ocultas".

Em contraste com outros tipos, esses salmos sapienciais não exibem uma estrutura que seja constante em todos eles. Antes, são distinguidos por característicos que os realçam como distintivos. Esses característicos incluem:

a) o conhecimento de que o temor do Senhor é o princípio da sabedoria

b) uma preocupação pelos resultados práticos na vida

c) uma clara distinção entre os dois caminhos que encaramos na vida, de modo que se esboça uma clara distinção entre os justos e os ímpios

d) uma luta com o problema por que os ímpios parecem prosperar quando comparados com os justos

e) insinuam que a solução final está na vida por vir.

O primeiro dos maiores salmos sapienciais é o 37, cujo versículo 11 ("Mas os mansos herdarão a terra e desfrutarão de grande paz") foi tomado por Cristo e aparece como a terceira beatitude (Mt 5.5). O salmo é um acróstico, com cada segundo versículo começando com uma letra consecutiva do alfabeto hebraico. O ensino deste salmo teve ingresso em nosso idioma mediante a tradução de John Wesley do hino de Paul Gerhardt, *Put thou thy trust in God* [Põe em Deus Tua Confiança] (hino de Gerhardt, *Befehl du deine Wege* é também um acróstico, com cada um de seus doze versos começando com uma palavra sucessiva do Salmo

37.5: “Entregue seu caminho ao SENHOR …”). O salmo aponta para a fonte da genuína sabedoria e bem-aventurança e encoraja os leitores a seguirem o caminho do Senhor.

O segundo dos salmos que são fortemente do tipo sapiencial é o Salmo 73. Ele apresenta ensino bem semelhante a Jó e Eclesiastes, e evidentemente é um poema didático. Ao enfrentar a arrogância dos ímpios e sua prosperidade, o salmista não entendeu a situação até entrar no santuário de Deus. Ali no templo, ele compreendeu qual será seu destino final (vs. 16,17).

12. SALMOS DE RECORDAÇÃO

12.1. A Fé Histórica de Israel

A fé de Israel estava radicada nos eventos da história veterotestamentária. Deus agia no mundo e especialmente em redimir seu povo de sua servidão e escravatura. Era o mundo real ao qual Deus veio e os eventos eram os do calendário da história humana. Assim, os acontecimentos no Antigo Testamento não são relatos fictícios compostos para ensinar determinada mensagem, mas o registro de eventos reais. Há sérias conseqüências para qualquer cristão professo manter que esses eventos eram fictícios. Se aceitarmos que a confissão histórica da fé de Israel não tem suas raízes na história, então arrancamos a fé cristã de seu fundamento.

Israel expressava sua fé continuamente no Antigo Testamento, e ao fazer isso recontava os desenvolvimentos históricos da nação. Algumas dessas oportunidades foram fornecidas nas cerimônias anuais, tais como a Páscoa. Nesta comemoração anual, os filhos de Israel eram lembrados da origem da nação no tempo momentoso do êxodo. Quando seus filhos lhes perguntavam: “O que estas cerimônias representam para vocês?”, tinham que responder: “É o sacrifício pascal ao Senhor que passou por sobre as casas dos israelitas no Egito e poupou nossos lares quando feriu os egípcios” (Êx 12.25–27). Esta era uma maneira pela qual os pais podiam ensinar a seus filhos, a cada ano, os fatos históricos que foram a base para a Páscoa. Isto se desenvolveu ao longo dos séculos na Páscoa Haggadah que ainda é usada na atualidade. O povo hebreu ainda confessa, na cerimônia pascal, que não só seus antepassados, mas eles mesmos foram tirados do Egito.

> Não foi somente a nossos pais a quem o Santo – que ele seja bendito! – redimiu, mas também nos redimiu com eles, como está escrito: "E a *nós* ele tirou dali para que *nos* guiasse e *nos* desse a terra que jurou dar a nossos pais."

Aspectos comunitários semelhantes de uma confissão de fé ocorrem na declaração exigida na apresentação das primícias. Depois que Israel entrou em Canaã, no tempo de apresentar as primícias tinha que confessar que seu pai (Jacó) foi um peregrino arameu que descera ao Egito e veio a ser uma grande nação. A confissão continuava:

> Mas os egípcios nos maltrataram e nos fizeram sofrer, impondo-nos um duro labor. Então clamamos ao SENHOR, o Deus de nossos pais, e o SENHOR ouviu nossa voz e viu nossa miséria, trabalho e opressão. Então o SENHOR nos tirou do Egito com mão poderosa e braço estendido, com grande terror e com sinais miraculosos e maravilhas. Ele nos trouxe para este lugar e nos deu esta terra, terra que mana leite e mel; e agora eu trago as primícias do solo que tu, ó SENHOR, me deste (Dt 26.6–10).

Esta confissão não era de caráter privativo, pois ela era pronunciada por todos os israelitas quando traziam as primícias ao santuário. Era, pois, um reconhecimento e memorial público dos grandes eventos do êxodo do Egito. Além do mais, cada israelita tinha de fazer a confissão não apenas para si próprio, mas para outros igualmente. Ele se identificava como parte da comunidade total de Israel ("os egípcios *nos* maltrataram", "*nós* clamamos", "o SENHOR ouviu *nossa* voz", "ele *nos* trouxe"). A intenção central dela era produzir louvor ao Deus de Israel que fizera tais coisas grandiosas em favor de seu povo. Ela põe um padrão de recordação do sofrimento do povo e então enaltece os grandes feitos do Senhor.

É importante notar que o povo ainda cantava sua história sob o comando pessoal do Senhor. Diz-se que Moisés compôs um cântico que o Senhor lhe dera para ensiná-lo ao povo; deviam entoar este cântico para que fosse um testemunho contra eles. Moisés fez como fora instruído (Dt 31.19,22). Neste ato, Moisés foi secundado por Josué, de modo que o líder do povo que sai estava agindo em conjunção com o líder que entra (Dt 32.44). Era realmente o compromisso pactual expresso na forma de um cântico, com a advertência de que o afastamento dos requerimentos divinos resultaria em seus juízos vindouros sobre a nação. A importância

do cântico de Moisés é realçada pela maneira como em Apocalipse 15.3,4 "o cântico de Moisés, servo de Deus", é ligado a "o cântico do Cordeiro".

12.2. O Propósito dos Salmos Históricos

Há um grupo de salmos (especialmente 78,105,106,114,135,136) que são essencialmente salmos que relatam a história. A história não é como as nossas que começam com "Era uma vez", pois estes cânticos estão proclamando os grandes feitos do Senhor. São histórias narradas no sentido em que são salmos em forma de narrativas que recontam a história de Israel.

Justamente como a confissão por ocasião da apresentação das primícias visava ao louvor de Deus, assim também se dá com os salmos em forma de narrativa. Visavam a ensinar ao povo os eventos de sua história e realçar-lhes a significação daqueles eventos, de modo que pudessem louvar o Senhor. Isto é especialmente verdadeiro em relação aos salmos tais como 105 e 106, ambos os quais terminam com um cântico ao Senhor.

Em seu conteúdo há um padrão que declara o sofrimento que o povo de Deus experimentou em tempos específicos, e então proclama o livramento que Deus lhes propiciou.

Mas ele tirou seu povo como um rebanho;
ele os guiou como ovelhas através do deserto (Sl 78.52).

Pois ele se lembrou de sua santa promessa
que fez a seu servo Abraão.
Ele tirou seu povo com regozijo,
seus escolhidos com gritos de alegria (Sl 105.42,43).

Os cânticos históricos de Israel visavam, evidentemente, a magnificar os feitos do Senhor e lembrar ao povo, sempre que usassem os cânticos, que seu Deus foi o único libertador de seu povo.

12.3. As Histórias do Senhor

Os principais salmos históricos são estes:

Salmo 78: Um sumário da história de Israel que relembra desde o êxodo até o tempo de Davi e a escolha de Jerusalém.

Salmo 105: Um relato da história de Israel desde o êxodo até a ocupação de Canaã e território adjacente.

Salmo 106: Outra narrativa da história de Israel, mas contendo a história adicional que conta dos pecados do povo depois de entrar em Canaã.

Salmo 135: Um cântico que inclui referências a Deus como Criador, e aquele cujo poder foi demonstrado no Egito e em doar a Israel a terra de Canaã como herança.

Salmo 136: Outro cântico que se refere à criação, e então relembra a história de Israel em forma de antífona.

O estilo de narrativa é também exibido em partes de muitos outros salmos. Usando o Pentateuco (Gênesis a Deuteronômio) como guia, podemos reconstruir dos Salmos a história desde o tempo de Abraão até o tempo da ocupação de Canaã em diante. Os eventos incluem:

Israel, o descendente de Abraão	105.6
Israel desce ao Egito	105.16ss.
Deus o liberta de sua opressão	77.15; 81.6
Ele inflige pragas sobre o Egito	78.44ss.; 105.27ss.; 135.8s.; 136.10
Ele os guiou pelo mar	77.16ss.; 78.13,53; 114.3,5
Ele os guiou no deserto	68.7s.; 78.14ss.; 105.39ss.; 106.6s. 114.8
Canaã se tornou sua herança	44.2; 47.4; 60.7s.; 135.10ss.; 136.17ss.

Não obstante, o que é diferente sobre estas referências e a maioria dos salmos que narram história é que nos últimos há um registro cronológico dos eventos da história de Israel.

12.4. A Fidelidade de Deus

Os salmos históricos evocam a grande salvação divina visualizada na redenção do Egito. Registram seus grandes feitos a fim de que seu povo pudesse ter sua fé fortalecida, e que o registro do livramento passado serviria como modelo de esperança para a comunidade crente. Justamente como Deus agira dessa maneira antes, assim ele agiria novamente com o fim de salvar seu povo.

Finalmente, esta idéia de esperança para o futuro tem por base a fidelidade de Deus. O tema fundamental do louvor de Israel neste grupo de salmos é o fato de Deus ser plenamente fiel à sua palavra de promessa. Há freqüente menção do fato de que Deus relembrava sua aliança:

Ele se lembrou de que não passavam de carne,

uma brisa passageira que não volta (Sl 78.39).

Pois ele se lembrou de sua santa promessa
feita a seu servo Abraão (Sl 105.42).

Por sua causa ele se lembrou de sua aliança
e de seu grande amor compassivo (Sl 106.45).

Ele se lembrou de nós em nossa humilhação (Sl 136.23).

A relação de Deus com seu povo pactual é caracterizada por sua plena firmeza. Ele falou e então o realizará. Não há nele nenhuma variação, mas completa integridade para com seu povo. O Novo Testamento corrobora este ensino veterotestamentário. Como cristãos, seremos guardados "fortes até o fim", de modo a "não sermos envergonhados no dia de nosso Senhor Jesus Cristo. Deus, que os chamou à comunhão de seu Filho Jesus Cristo nosso Senhor, é fiel" (1Co 1.8,9).

13. O PROBLEMA DOS CÂNTICOS

13.1. Introdução

Um grupo de salmos se realça acima de todos os outros em virtude das dificuldades que têm gerado para o povo cristão. Esses salmos são amiúde chamados "salmos imprecatórios". A palavra *imprecação* vem de um termo latino, *imprecatio*, que descreve a invocação do mal sobre alguém. Assim, o termo inglês [bem como português] é usado nesta relação para descrever os salmos nos quais se invocam maldições sobre outras pessoas. Amiúde não é todo um salmo em questão, mas apenas alguns versículos dele. Os salmos nos quais estas passagens principalmente ocorrem são 55,59,69,79,109 e 137.

O problema que apresentam é o de conciliarem as maldições e orações pela destruição dos ímpios com o ensino do Novo Testamento. Para alguns, o problema é tão agudo que os leva a afirmar que nenhum cristão neotestamentário pode usar ou aprovar as imprecações nos salmos. Este tipo de juízo às vezes é emitido sem se compreender o quadro completo que deve ser levado em consideração.

Há alguns fatos que devemos ter em mente antes de buscar soluções para o problema.

Primeiro, este não é apenas um problema premente para os que usam o Saltério como um hinário no culto. É um problema bem real para os que querem meramente ler o Saltério em devoções privadas ou em culto público.

Segundo, o fato de haver outras porções da Bíblia que contêm maldições semelhantes que devem ser lembradas. Estas ocorrem em passagens tais como Neemias 6.14 e 13.29; Jeremias 15.5; 17.18; 18.21–23; 20.12. Ocorrem também em passagens neotestamentárias tais como Atos 8.20; Gálatas 1.9; 5.12; 2 Timóteo 4.14; Apocalipse 6.10.

Terceiro, Cristo fez citações livres dos Salmos. Ele usou os salmos messiânicos com muita freqüência, e com freqüência fez citações de muitos salmos que contêm maldições. Assim, em seu lamento sobre Jerusalém, ele se reportou ao ato de esmagar os pequeninos no chão, tomando as palavras do Salmo 136.9 (na versão LXX). Também usou reiteradamente o Salmo 69 (ver Jo 2.17; 15.25). O fato de que estes salmos foram endossados e apropriados por nosso Senhor não remove sua dificuldade, mas deve nos alertar a não julgá-los temerariamente.

Quarto, alguns desses salmos são expressamente mencionados no Novo Testamento como tendo sido dados por inspiração divina quando os salmistas falaram sob a diretriz do Espírito Santo. No caso do Salmo 109.8, o apóstolo Pedro fez citação dele e disse: "… como disse o Espírito Santo outrora pelos lábios de Davi concernente a Judas" (At 1.16).

13.2. Soluções Sugeridas

Várias soluções têm sido propostas ao problema, e algumas destas podem ser revistas.

Uma solução óbvia que alguns têm adotado é simplesmente rejeitar o ensino desses salmos e fingir que o mesmo não está ali. Isto é feito ao evitar-se qualquer uso ou reconhecimento deles. Isto nos apresenta o problema de que as maldições às vezes surgem nos salmos com outras afirmações maravilhosas, das quais desejamos apropriar-nos. Além disso, esses salmos e muitos outros eram parte e parcela do uso que nosso Senhor fazia do Antigo Testamento.

Alega-se também que o Saltério pertence à dispensação veterotestamentária, não à dispensação neotestamentária da graça; e por isso ensina uma moralidade inferior à do Novo Testamento com sua injunção de alguém amar seus inimigos (Mt 5.44,45). Mas isso faz com

que a Escritura se contradiga, pois o Antigo Testamento não ensina que alguém odeie seus inimigos (ver, p.ex., Êx 23.4,5; Lv 19.17,18). Além disso, quando Paulo condenava o pecado proveniente de um espírito vingativo, ele fazia isso citando em Romanos 12.18–20 passagens do Antigo Testamento (Dt 32.35; Pv 25.21,22).

Outros têm sugerido que esses salmos meramente predizem a ruína dos ímpios, porém não devem ser entendidos como a desejar sua destruição. Embora haja nesta explicação um elemento de verdade, contudo não explica muitos dos casos que vão muito além da mera predição. Rogam a Deus que efetue a destruição dos ímpios (ver, p.ex., 55.9 e 59.12,13).

Outro ponto de vista tem afirmado que as maldições devem ser tomadas num sentido figurativo e espiritual. Assim, os inimigos mencionados são realmente nossas tentações, e quando usamos tais salmos estamos orando para que nossas tentações sejam extintas ou removidas de nós. Mas as pessoas em pauta dão nítida aparência de ser pessoas reais, não apenas alguns desejos ou emoções que porventura tenhamos.

Alguns nutrem a idéia de que as imprecações são gritos represados de sentimento vingativo, e que buscam a vingança pessoal. Tais evasões verbais eram errôneas, mas por causa das circunstâncias em que os salmistas se achavam, essas maldições em particular podem ser justificadas. Esta teoria não se ajusta aos fatos, quando estes revelam que na história de Davi não havia tal espírito vingativo. A resposta real é mais profunda.

13.3. As Maldições da Aliança

Inicialmente, vimos que os Salmos foram colocados em seu verdadeiro cenário, dentro da aliança divina. É notável que os salmos de maldição enfatizam fortemente a relação entre Israel e o Senhor. Realçam a realeza divina sobre seu povo, e apelam ao Deus que está entronizado para sempre que ouça o clamor de seu povo e aflija seus inimigos (Sl 55.19). A relação com Deus é enfatizada pelo uso do termo “servo” (Sl 69.17; 109.28) e também pela reivindicação da comunidade de ser o povo de Deus (Sl 79.13).

Em quase todos os salmos imprecatórios, o contexto é o de juízo. O apelo é para que Deus aja como juiz e seja o vingador de seu povo. No Salmo 109, por exemplo, há referência explícita à bênção e maldição (vs. 17–19,28). Isto parece ser uma clara alusão a Gênesis 12.3: “Abençoarei

aos que o abençoarem, e amaldiçoarei a todo aquele que o amaldiçoar, e todos os povos da terra serão abençoados por seu intermédio." O Salmo 137 é diferente porque não há referência a um procedimento judicial. Entretanto, duas passagens dos profetas (Os 13.16; Is 13.16) fornecem a tela de fundo para a maldição neste salmo imprecatório. O salmista pronuncia uma palavra de maldição contra o arquiinimigo de Israel, Babilônia, em linguagem que evidentemente lembra estes dois profetas. Em particular Isaías 13.16, que já havia profetizado a queda de Babilônia.

Os salmos imprecatórios também mostram que os inimigos eram deveras inimigos de Deus, não apenas inimigos dos salmistas. Assim, o Salmo 5 roga a Deus que declare os ímpios culpados; porque, diz ele, "têm se rebelado contra *ti*" (v. 10). De modo semelhante, o Salmo 79 pede a Deus que retribua "as afrontas com que te insultaram, ó SENHOR" (v. 12). Ainda o Salmo 137 deve ser entendido como a implicar que os inimigos são os inimigos do Senhor. É Babilônia como o oponente de Israel que está em pauta. Justamente como Jeremias clamou: "Faz a ela como ela tem feito a outros" (Jr 50.15), assim o salmista implorava a visitação divina contra ela.

O conceito de maldição era central a toda a idéia de aliança, tanto no registro bíblico quanto fora dele. Nos tratados extrabíblicos, uma pessoa que assinava um tratado era obrigada a tratar os inimigos da outra parte como seus inimigos. O princípio era, como um tratado hitita o expõe: "com meu amigo você será amigo; e com meu inimigo você será inimigo." No próprio Antigo Testamento, a palavra "maldição" podia ser empregada como um sinônimo virtual de "aliança" (Dt 29.13,18). Quando os profetas impetram juízo contra Israel, ecoam as maldições da aliança de passagens tais como Levítico 26 e Deuteronômio 27 e 28. Os rebeldes, quer do seio da nação pactual ou de fora dela, se encontravam sob as mesmas maldições. Nesse aspecto, as maldições no Saltério são típicas do acesso pactual do Antigo testamento, respectivamente a respeito das relações entre os humanos e das relações entre Deus e o gênero humano.

Finalmente, devemos ter em mente que a Bíblia consistentemente faz uma aguda distinção entre os que são a favor de Deus e os que são contra ele. Há um dia vindouro de juízo final quando o Filho do Homem separará as ovelhas dos cabritos (Mt 25.31–33). O quadro que o Novo Testamento nos pinta do céu é que nada que seja pecaminoso ou impuro jamais entrará nele (Ap 21.27). Como se dá em toda parte da Bíblia, os salmistas

visualizam a vida da perspectiva que prevalecerá no último dia. Ao apelarem para a vingança de Deus, estão virtualmente pedindo que o juízo final de Deus avance no tempo e se torne uma realidade aqui e agora.

14. UMA LEITURA CRISTÃ DOS SALMOS

14.1. Um Hinário Público

O Saltério desenvolveu-se por um longo período de tempo. Em seus estágios iniciais, ele era um hinário público do povo de Deus, no sentido em que estava sempre aumentando com a adição de novos salmos. Além do mais, ele estava em constante uso por indivíduos e pelo grupo coletivo de crentes enquanto ia aumentando. Teria havido muitos outros cânticos que não foram incorporados, mas os que temos foram especialmente escritos sub a influência do Espírito Santo e enfeixados como um hinário especial da igreja veterotestamentária.

O Saltério é um hinário público também em outro sentido. Enquanto os salmos surgiam das experiências individuais de seus autores, de vez em quando lhes faltam claras indicações que nos capacitariam a dizermos exatamente quais foram aquelas experiências. Assim, dizer que o Senhor livrou nossos olhos das lágrimas não especifica outra coisa senão que o Senhor removeu nosso sofrimento e tristeza. Não nos conta os detalhes da experiência que teria causado o sofrimento. Isto se põe em marcante contraste com outros cânticos no Antigo Testamento, tais como o Cântico do Mar (Êx 15) ou o Cântico de Débora (Jz 5). Não obstante, a falta de detalhes específicos é importante, quando nos capacita a identificar tudo de forma bem estreita com os salmos. Uma vez que são gerais em seu caráter, podemos usá-los com desembaraço e aplicá-los à nossa própria necessidade específica.

O Novo Testamento estabelece para os cristãos um padrão de uso dos Salmos, no sentido em que ele se apropria deles e os usa para os crentes que passam por experiências semelhantes. Seu uso e aplicação pastorais eram livres, e, quando em provações, os cristãos neotestamentários achavam neles conforto. Assim, quando Paulo passa a descrever seu livramento por ocasião de sua audiência preliminar, quando diz que “foi libertado da boca do leão” (2Tm 4.17). Esta é uma aparente referência ao Salmo 22.21, e pode indicar que ele usara esse lamento em oração no momento de seu julgamento. Na carta aos Hebreus, o escritor cita uma

palavra dos salmos que tinha relevância para sua experiência e para a de seus leitores: "O Senhor é o meu ajudador; não terei medo. Que o homem poderá me fazer?" (Hb 13.6; cf. Sl 118.6). Estas e muitas outras citações e alusões se aplicam ao princípio dado por Paulo em Romanos 15.4: "Porque tudo quanto foi escrito no passado, foi escrito para nos ensinar, para que por meio da paciência e do encorajamento das Escrituras tenhamos esperança." Ele apenas cita um salmo (Sl 69.9), e seus leitores são encorajados a depositarem sua confiança no Senhor, pois as Escrituras veterotestamentárias forneciam ampla evidência de sua fidelidade.

14.2. Os Salmos e o Novo Testamento

Não podemos ler os Salmos hoje como os crentes no período do Antigo Testamento os liam, pois vivemos *depois* que Cristo já veio. Jesus mesmo fora educado num ambiente judaico no qual os Salmos eram extensamente usados. Agostinho disse de Jesus: *iste cantator psalmorum* – "Ele, o cantor dos salmos." Em ocasiões de peregrinação a Jerusalém (cf. Lc 2.41s.) e na Páscoa, ele teria sido parte da comunidade que cantava no Saltério. Durante a lavagem de seus pés, ele citou o Salmo 41.9 (Jo 13.18), enquanto na cruz ele usou diversas frases dos Salmos ("Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?", Sl 22.1; "está consumado", cf. Sl 22.31 ["ele assim o fez"]; "Pai, em tuas mãos encomendo meu espírito", Sl 31.5).

Além do mais, Jesus é o foco de ambos os Testamentos, Antigo e Novo, e em seu ministério deu indicações de como devemos entender o Antigo Testamento (inclusive os Salmos) em referência a ele. Duas vezes depois de sua ressurreição, ele falou de como o Antigo Testamento apontava para ele como o Messias prometido. A Cléopas e seu amigo, ele começou com Moisés e todos os profetas, e "explicou-lhes o que em todas as Escrituras fora dito sobre ele" (Lc 24.27). Então, aos discípulos reunidos em Jerusalém, Jesus apareceu e disse: "Era necessário que se cumprisse tudo o que a meu respeito está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos" (Lc 24.44). Evidentemente, Jesus expôs os Salmos aos discípulos e os explicou em termos de sua própria vinda e obra.

O uso que Jesus fez dos Salmos também explica seu extenso uso por todo o Novo Testamento. Isso foi assim com os primeiros sermões dos apóstolos como se acham registrados no Livro de Atos. Pedro usa os Salmos 110 e 16 em seu discurso no Dia de Pentecoste (At 2.25–28,34), enquanto em seu último discurso aos líderes ele cita o Salmo 118.22 (At

4.11). Quando Paulo falou na sinagoga de Antioquia da Pisídia, ele citou o Salmo 2, da mesma forma como Pedro usou o Salmo 16 (At 13.33–35). Evidentemente, os apóstolos pregaram e ensinaram com base na instrução que tinham recebido, e Jesus lhes assegurou que o Espírito Santo traria à sua lembrança as coisas que lhes tinha falado (Jo 14.26). Daí, o significado e intenção das palavras de Jesus, juntamente com seu uso de passagens do Antigo Testamento, tais como as dos Salmos, estão desenvolvidos nos escritos neotestamentários. Há cerca de 360 citações do Antigo Testamento no Novo, e destas um terço é proveniente do Livro dos Salmos.

14.3. Elemento Messiânico

O que Jesus mesmo e seus apóstolos viram nos Salmos, seus seguidores também desejaram ver. Em nossa discussão do elemento messiânico nos Salmos, devemos ser guiados pela maneira como o Novo Testamento usa e aplica salmos específicos. Alguns cristãos têm tomado a posição de que não há salmos que contenham profecias diretas ao Messias. Isto seria muito estranho, porque as profecias messiânicas ocorrem em muitos outros lugares no Antigo Testamento. É igualmente muito difícil sustentar tal posição quando consideramos as palavras de bem poucos dos salmos, pois falam de um rei em termos que vão muito além de qualquer coisa que um rei da linhagem davídica jamais poderia fazer.

Provavelmente seja melhor vir os salmos messiânicos sob várias categorias. A maioria dos salmos messiânicos toma seu ponto de partida da promessa feita a Davi em 2 Samuel 7. No primeiro grupo estão os que fazem referência a esta promessa, contudo falam da duradoura natureza do reino davídico em termos tais que apontam para o reino messiânico final. Os Salmos 89 e 132 expõem 2 Samuel 7, enquanto muitos outros salmos, inclusive 18,21 e 61, celebram a graça que Deus revela a Davi e à sua dinastia. Os livramentos de outrora que contemplam a Davi formam a base sobre a qual ele olha adiante com tanta confiança, rumo à exaltação do Senhor entre as nações (Sl 18.46–50).

Há outro grupo de salmos que compreende os que se relacionam diretamente com a vinda do Messias. Enquanto um cântico como o Salmo 2 pode estar insinuado na linguagem que ecoa 2 Samuel 7, contudo as palavras usadas apontam com distinção para aquele em quem a promessa acharia seu cumprimento final. O modo como Paulo usava este salmo em

seu discurso em Antioquia da Pisídia confirma esta compreensão do Salmo 2. Da visão de Davi e seu reino, os olhos se resvalavam em direção ao filho maior de Davi que finalmente seria o senhor de todos. Assim, os Salmos 2 e 110 falam de um Messias que é o Senhor de Davi e cujo reino inclui toda a terra.

Há também salmos que tomam seu ponto de partida do reino de Salomão e, contudo, apontam para muito além dele. E assim, enquanto um salmo tal como o Salmo 45 provavelmente fora composto por ocasião de bodas régias, contudo os olhos do salmista inspirado subitamente se ergueram a contemplar a glória do governo messiânico que inclusive é chamado "Deus" (v. 6). O Salmo 72 nos apresenta o verdadeiro príncipe da paz cujo reino se destina a transcender para além dos limites do império davídico/salomônico. Seu reino se destina a estender-se do Rio (i.e., o Eufrates) em diante! Esta mesma referência ao governo do Messias ocorre em outra passagem messiânica em Zacarias 9.10.

O grupo final de salmos messiânicos compõe-se daqueles que são tipicamente messiânicos. Equivale dizer que sua referência primária não é a Jesus, mas ele é o que cumpre as descrições que eles fornecem. São salmos do povo justo; ele é o *único* justo. A idéia de uma pessoa justa enfrentando sofrimento e depositando sua confiança em Deus é plenamente concretizada na vida e ministério de Jesus. Estes salmos incluem 6,16,22,35,40,41,69,70,71,102 e 109. Neste sentido, muitos dos salmos (ou talvez todos) são messiânicos. Alguns desse grupo de salmos tinham em vista não só a Davi, mas também a seus descendentes (102,109), e assim formam um elo com os salmos especificamente baseados em 2 Samuel 7.

15. USANDO OS SALMOS HOJE

15.1. Os Salmos e a Vida Espiritual

Como já vimos em nossos estudos iniciais, o Livro dos Salmos serve a dois grandes propósitos, que podem ser expressos nestas afirmações:

O Livro dos Salmos fala *a nós*.
O Livro dos Salmos fala *por nós*.

Cada um desses aspectos é importante e tem conseqüências práticas para nós hoje. O Saltério veio de Deus e conduz a Deus. Recebemos

bênção quando lemos e usamos os Salmos e quando somos instruídos por eles. Falam *ao* nosso coração e trazem verdades espirituais à nossa mente e consciência. Mas também falam *por* nós, quando os utilizamos em louvor e oração como se fôssemos seus autores. Procedem de situações reais da vida e, porque estão arrostando de frente a variedade de necessidades humanas, são capazes de responder a Deus por usarem seu vocabulário como sendo o nosso próprio.

15.2. Devoções Pessoais

Os cristãos de hoje carecem da riqueza do Saltério a ajudá-los em sua vida espiritual. Ele é *o* livro devocional da Bíblia, e como tal continua a ser nosso livro devocional e nosso guia. Ao usá-lo, somos servidos pelos pensamentos e orações que ele contém, e por nossa vez vocalizamos nosso louvor e adoração a Deus, bem como nossas petições, em suas palavras. Com muita freqüência, o Livro dos Salmos tem sido publicado juntamente com o Novo Testamento para que os cristãos possam ter pronto acesso a ele para seu uso devocional.

A igreja cristã, ao longo dos séculos, tem achado nutrição espiritual no Livro dos Salmos. Ele era comum na igreja primitiva, pois todo o Saltério tinha de ser memorizado por aqueles que estavam buscando tornar-se pastores. Jerônimo conta que em seu tempo (ca. de 347–420) era comum ouvir os Salmos sendo entoados nos campos e nos jardins. O mesmo fenômeno ocorreu no tempo da Reforma, quando os Salmos uma vez mais se tornaram proeminentes na vida da igreja. O movimento da Reforma é a razão por que a leitura e cantilena dos Salmos se tornaram costumeiras nas igrejas anglicanas, enquanto se metrificavam o Saltério para que granjeasse centralidade no culto das igrejas holandesas e escocesas. Os Salmos devem preencher um lugar central, não só na vida dos indivíduos, mas também no culto coletivo da igreja.

Existe a necessidade de se permitir que a palavra de Cristo habite em nós ricamente. Paulo, ao escrever aos cristãos colossenses, diz: “Que a paz de Cristo governe seus corações, visto que, como membros de um só corpo, são chamados à paz. E sejam agradecidos. Que a palavra de Cristo habite ricamente seus corações quando ensinarem e admoestarem uns aos outros com toda sabedoria, e quando cantarem salmos, hinos e cânticos espirituais, com gratidão a Deus em seus corações” (Cl 3.15,16). Os vários tipos de cânticos cristãos, inclusive salmos, são considerados como

“palavra de Cristo”. Ele [o Saltério] deve fazer morada em nossos corações e assim ser usado quando ensinamos e admoestamos uns aos outros. Essa palavra habitante nos edifica em nossa fé e nos aconselha, e também forma parte de nosso louvor e ação de graças a Deus.

15.3. Louvor

Há vários modos como os Salmos têm sido e podem ser usados em nosso culto. Entoar os salmos em forma de prosa tem uma longa história, ainda que seja amiúde associado com o culto anglicano. Isso tem a vantagem de deixar que as palavras sejam dominantes, e geralmente só requer o conhecimento de um número restrito de cânticos. Muitos de nossos cenários culturais preferem que uma maior variedade de melodias seja usada no culto do que normalmente é o caso com a salmódia.

“Escritura em Cântico” é um fenômeno da igreja moderna, ainda que o princípio de metrificar para música passagens curtas da Escritura seja bem antigo. Esta prática significa que muitos cristãos estão cantando porções dos salmos, e é grato ouvir este uso da Palavra de Deus. A desvantagem é que as seleções são amiúde retiradas de seu contexto, e às vezes são interpretadas pelos usuários de “Escritura em Cântico” de uma forma que não conta com o endosso do contexto no salmo em particular. Precisamos lembrar que os salmos são peças poéticas *como um todo*, e que selecionar simplesmente um versículo ou dois pode distorcer sua mensagem essencial.

A Reforma, que em alguns aspectos trouxe revolução no culto, em outras formas deu seguimento a práticas da igreja pré-Reforma, ainda que numa forma nova. O uso dos Salmos não só continuou, mas assumiu um novo papel quando seu uso foi popularizado durante o movimento da Reforma. Lutero escreveu em 1523: “Planejo, segundo o exemplo dos profetas e pais antigos da Igreja, fazer salmos alemães para o povo, isto é, cânticos espirituais, para que a Palavra de Deus habite entre o povo por meio também de cântico.” A isto acrescentou que as palavras devem ser “todas bem claras e comuns, de modo que as pessoas comuns possam entender, contudo pura e habilmente compostas”. Calvino também considerava a música como sendo um dom divino e encorajava o uso de todo o Saltério, e ele mesmo tentou traduzir alguns deles para o francês, ainda que a obra de Clement Marot (1497–1544) e Teodoro Beza (1519–1605) fossem bem mais extensas e influentes. Até onde a Reforma

Protestante chegou, os Salmos foram usados no culto, e vieram a ser tão populares, que até mesmo os católicos romanos eram conhecidos por cantá-los.

Esta tradição de cantar os salmos continua até hoje. O Saltério Escocês Metrificado de 1650 tem sido amplamente usado, e às vezes tem sido empregado lado a lado com revisões modernas ou versões alternativas. A Igreja Presbiteriana Irlandesa empreendeu uma leve revisão e acrescentou vinte e sete versões adicionais em 1880. A Igreja Presbiteriana Unida da América do Norte produziu Saltérios completos em 1871 e 1912, os quais têm sido amplamente usados, especialmente nos Estados Unidos. O Livro de Salmos com Músicas (1950) e O Livro de Salmos para Cantar (1973), da Igreja Presbiteriana Reformada da América do Norte têm também sido extensamente usados. O moderno anglicanismo inglês tem sentido renovado interesse no Saltério e Salmo de Louvor (1973), e mais tarde Salmos para Hoje e Cânticos dos Salmos são representativos desta abordagem. A variedade de versões valiosas testifica do perene caráter do Saltério como o hinário da igreja, o qual tem ajudado a imprimir vitalidade ao culto dos cristãos em muitos países e situações.

O Saltério tem sido também muito influente em servir como modelo para a hinologia da igreja, e amiúde salmos individuais têm sido usados extensamente como base de muitos hinos. Há hinos do período da Reforma, tais como *Castelo Forte É o Nosso Deus*, de Lutero (baseado no Salmo 46); mas é especialmente do período de Isaac Watts (1674–1748) e Charles Wesley (1707–1788) que se fez a tentativa de usar o conteúdo dos Salmos, contudo infundido distintamente o ensino neotestamentário nele. Watts, em particular, levou isso às últimas conseqüências, mas alguns de seus hinos baseados nos salmos permanecem em constante uso hoje (p.ex., *Jesus Reinará*, do Salmo 72; e *Ó Deus, Nosso Auxílio em Eras Passadas*, do Salmo 90). Wesley não alega que seus hinos sejam versões dos salmos, mas antes são hinos cristãos baseados nos Salmos, justamente como ele baseou outros hinos em outras partes da Bíblia ou em escritos cristãos. Assim, seu hino, *Para o coração louvar meu Deus*, usa as idéias do Salmo 51, enquanto *Jesus, poderoso libertador* é do Salmo 70 expandido como um cântico cristão de louvor. Muitos outros hinos refletem claramente a influência e padrão do Saltério, e isto é bom para a igreja.

15.4. Epílogo

O estudo dos Salmos jamais será um fim em si mesmo. O propósito deve ser este: retrocedermos aos Salmos com compreensão mais plena e maior interesse. O uso dos Salmos deve ser uma parte vital de nosso crescimento espiritual, quando os usamos para orar a Deus e quando eles nos falam. Em contrapartida, esse estudo deve levar-nos a usá-los muito mais no louvor de Deus e sua adoração e meditação em suas obras. Nosso cântico deve ser como aquele que conclui o Saltério:

> *Aleluia!*
> *Louvem o SENHOR …*
> *Tudo o que tem fôlego, louve o SENHOR.*
> *Aleluia* (Sl 150.1,6).

Sugestões para Leitura Adicional

Comentários

J. A. Alexander, *The Psalms Translated and Explained* (Evangelical Press, 1975)

J. M. Boice, *Psalms*, Vol. 1, Psalms 1–41 (Baker, 1994)

John Calvin, *Commentary on the Psalms* (Baker, 1979)

P. C. Craigie, *Psalms 1–50* (Word, 1983)

Walter C. Kaiser, *The Journey Isn´t Over: The Pilgrim Psalms* [Pss. 120–134] *for Life´s Challenges and Joys* (Baker, 1993)

F. D. Kidner, *Psalms: An Introduction and Commentary*, 2 vols. Tyndale Series (IVP, 1973)

H. C. Leupold, *Exposition of the Psalms*, (Baker, 1969)

J. J. Stewart Perowne, *The Psalms*, 2 vols. (George Bell and Sons, 1886)

W. VanGemeren, ‘The Psalms’, in *Biblical Expositor* (Zondervan), vol. 5, pp. 3–880)

E. J. Young, *Psalm 139: A Study in the Omniscience of God* (Banner of Truth, 1965)

Gerais

James E. Adams, *War Psalms of the Prince of Peace: Lessons from the Imprecatory Psalms* (Presbyterian and Reformed, 1991)

R. Dean Anderson, Jr., ‘The Division and Order of the Psalms’, *Westminster Theological Journal* 56,2 (Fall, 1994), 219–241

E. Calvin Beisner, *Psalms of Promise: Celebrating the Majesty and Faithfulness of God* (Presbyterian and Reformed, 2ª ed. 1994)
C. Hassell Bullock, 'The Book of Psalms' in *An Introduction to the Old Testament Poetic Books* (Moody Press, 1988), pp. 111–145
Robert B. Chisholm, Jr., 'A Theology of the Psalms', in *A Biblical Theology of the Old Testament* (Moody Press, 1991), pp. 257–304
Raymond B. Dillard e Tremper Longman III, 'Psalms', in *An Introduction to the Old Testament* (Zondervan, 1994), pp. 211–234
Tremper Longman III, *How to Read the Psalms* (InterVarsity Press, 1988)
J. B. Payne, 'Book of Psalms', *Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible*, vol. 4, pp. 934–947
N. H. Ridderbos e P. C. Craigie, 'Psalms' in *The International Standard Bible Encyclopedia*, plenamente revisado, vol. 3, pp. 1029–1040
Bruce K. Waltke, 'A Canonical Approach to the Psalms', in *Tradition and Testament: Essays in Honor of Charles Lee Feinberg*, org. Paul Feinberg e John Feinberg (Moody Press, 1981)

COMENTÁRIO SOBRE OS SALMOS

LIVRO 1

SALMO 1

A maneira como o Livro dos Salmos se abre é importante. Os primeiros dois salmos não são estritamente orações, mas declarações. A primeira oração é realmente o Salmo 3. Em conjunto, os Salmos 1 e 2 formam duas chaves que nos ajudam a entender todo o livro. Esta primeira chave começa contrastando os dois caminhos nos quais as pessoas podem e

devem viver. Esta abertura se propõe a desafiar os leitores a se comprometerem com o Senhor e com sua lei.

1. *Perto de Deus (vs. 1–3)*

O livro se abre com um pronunciamento de bênção. "Bem-aventurado o homem", diz o salmista. Em hebraico há duas palavras para bênção, uma usada por Deus quando está expressando uma bênção; a outra (usada aqui) por seres humanos, quando em referência aos outros seres humanos. Para merecer o termo "bem-aventurado" como usado aqui, a pessoa tem de fazer algo, ou, como neste caso, não fazer algo pelo qual venha a ser enaltecida.

Aqui, o caráter do homem bem-aventurado é definido por três termos negativos – "que não anda no conselho dos ímpios, nem se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta no assento dos zombadores" (*v. 1*). Com ênfase máxima, o salmista descreve o caráter daqueles cuja confiança está no Senhor. Eles não olham para os ímpios como fonte de sabedoria; sua vereda não é aquela transitada por pecadores; sua companhia não é com aqueles que motejam de Deus ou que vivem satisfeitos e são arrogantes. Ao contrário, o homem bem-aventurado é destacado porque "seu deleite está na lei do SENHOR, e em sua lei medita dia e noite" (*v. 2*). A instrução divina forma a base de sua conduta e é o tesouro de seu coração. A palavra "lei" não significa uma lista de regras e as punições correspondentes, mas a plenitude do ensino de Deus para seus filhos. Esta instrução, a qual inclui a história do relacionamento de Deus com seu povo, tinha de ser passada de geração a geração (ver Sl 78.1–8). O termo hebraico traduzido "medita" implica algo mais que reflexão silenciosa. Significa sussurrar ou murmurar.

O resultado de tal meditação é que o homem bem-aventurado é como uma árvore transplantada (*v. 3*), a qual ladeia um canal de irrigação. A idéia de ser transplantada lembra a imagem de Deus transplantando uma pequena videira do Egito para Canaã, onde se tornou uma grande árvore (Sl 80.8–16). Pode também refletir a situação prevalecente quando todo o Saltério foi concluído, logo depois da experiência do exílio, quando os exilados aprenderam muito sobre os canais de irrigação de Babilônia. Em sua posição bem irrigada, a árvore produz seu fruto, e sua localização assegura que ela não murchará. Dessa forma ela se assemelha ao crente

filho de Deus que persevera até o fim (Fp 1.6) e que produz frutos de justiça (Gl 5.16–26).

2. *Longe de Deus (vs. 4–6)*

Quão diferentes são aqueles cuja confiança não está no Senhor! As linhas de demarcação entre os filhos de Deus e os filhos do mundo são claramente traçadas. O contraste é claro. Em vez de ser como uma árvore viva, os ímpios são tão instáveis quanto a palha. São sem raiz e sem fruto. Tais pessoas não serão capazes de manter sua posição diante do tribunal do juízo, e nenhum direito terão de estar entre o povo de Deus. Sua experiência será a de exclusão da presença de Deus na eternidade.

O versículo final do salmo sumaria o contraste. O caminho dos justos está constantemente vigiado pelo Senhor, enquanto que o caminho dos ímpios não tem futuro. Destina-se a perecer completamente. Esta é a forma poética do desafio de Moisés aos filhos de Israel em Deuteronômio 30.11–20. Por implicação, o salmista ecoa a ordem de Moisés: "Agora escolham a vida, para que vocês e seus filhos possam viver."

SALMO 2

A segunda chave do Livro dos Salmos é o Salmo 2, e ele é ligado ao primeiro por duas palavras: "conspiração" (no Sl 1.2, traduzida por "medita") e "bem-aventurado". Neste salmo, o foco está nos ímpios e especificamente nas nações gentílicas que rejeitam o governo do Senhor. A única solução para sua situação é aceitar o governo do Messias escolhido de Deus, e então conhecerão a bem-aventurança da confiança nele (*v. 12*). Justamente como o Salmo 1 começa com a palavra "bem-aventurado" (*v. 1*), assim o Salmo 2 termina com esta mesma palavra. É possível que estes dois salmos fossem, de fato, considerados como um só, pois em alguns manuscritos gregos antigos do Novo Testamento a citação de Paulo do Salmo 2 em Atos 13.33 afirma-se ter sido de "o primeiro salmo". Alguns escritores da igreja primitiva, como Orígenes (ca. de 185–254), também se referem a ele nos mesmos termos.

1. *As Nações Rebeldes (vs. 1–3)*

Enquanto os piedosos meditam na palavra de Deus (Sl 1.2), os governos ímpios das nações gentílicas meditam em como conspirar. A palavra "ungido" é o termo hebraico do qual obtemos a palavra inglesa [e portuguesa] "Messias". O antagonismo demonstrado não só contra o Senhor, mas também contra seu servo escolhido, cuja designação é expressa mais adiante neste salmo (*vs. 6–9*). O que esses reis e governantes não compreendiam é que seus planos são sem efeito aos olhos de Deus. Quando tomam sua posição e se reúnem, fazem uma declaração de sua independência: "Quebremos suas cadeias", dizem, "e arrojemos suas algemas" (*v. 3*). Os homens pecaminosos nunca se dispõem a andar dentro das fronteiras que Deus impõe às suas criaturas. Em sua arrogância, declaram sua suposta liberdade e reivindicam ser senhores de seus próprios destinos.

2. *O Governo Divino (vs. 4–6)*

Em contraste com a fervente atividade descrita no versículo 1, o Senhor é capaz de visualizar a trama dos homens de seu trono celestial. Ele não ri com o intuito de ridicularizá-los, mas porque, de sua soberana segurança, ele vê seu planejamento, e porque ele sabe que *seu* dia está chegando (Sl 37.13). Quase a mesma expressão ocorre no Salmo 59.8.

Quando o Senhor fala, é em ira para os terrificar. A declaração que ele faz diz respeito ao lugar de seu rei, contra quem os governantes pagãos têm tramado. A realeza em Israel era uma instituição que Deus propiciara a seu povo (ver Dt 17.14–20; e para sua introdução, 1Sm 8–12). Desde o tempo em que Davi capturou a fortaleza de Sião (2Sm 5.7), ela veio a ser o centro da vida tanto religiosa quanto política em Israel. Cada governante davídico tipificava a vinda do reino messiânico final que é descrito aqui.

3. *Declaração de Deus a Seu Filho (vs. 7–9)*

Agora não é o rei messiânico quem fala de sua própria designação. "Proclamarei o decreto do SENHOR: Ele me disse: Tu és meu Filho; hoje eu me tornei teu Pai" (*v. 7*). Em outro lugar nos Salmos, o decreto do Senhor se refere ao estabelecimento de seu governo ordeiro no universo (Sl 148.6). Aqui ele é usado para a soberana designação de seu Filho. As palavras ecoam no batismo de Jesus (Mt 3.17) e na transfiguração (Mt 17.5). Paulo também usa as palavras em referência à ressurreição (At

13.33). Jesus ingressou-se nesse estágio de sua filiação quando, através do Espírito de santidade, foi "com poder declarado o Filho de Deus por meio de sua ressurreição dentre os mortos" (Rm 1.4).

"Pede-me e eu farei as nações tua herança, os confins da terra tua possessão. Tu as governarás com cetro de ferro; tu as despedaçarás como um vaso de oleiro" (*vs. 8,9*). A Salomão foi dada em Gibeão uma ordem de fazer ao Senhor um pedido (1Rs 3.5), mas agora se declara a Salomão algo muito maior. Justamente como o governo no Salmo 72 se estende majestosamente até os confins da terra, também aqui. O governo do Messias é aquele que assegura que as nações se tornarão sua herança e sua possessão até os confins da terra. Os reis rebeldes ("as [nações]" no *v. 9*) já mencionados no versículo 2. Descobrirão que seu cetro não é apenas um bastão simbólico, mas um cetro de ferro que é capaz de espalhá-los em pedaços.

4. *Chamado ao Compromisso (vs. 10–12)*

Um chamado soberano se dirige agora a esses reis. Os governantes terrenos só podem achar bênção para si e seus súditos quando se fazem subservientes às reivindicações de Cristo. O chamado que lhes é dirigido é para que "sirvam ao Senhor com temor e se regozijem com tremor" (*v. 11*). Têm de tornar-se seus vassalos (pois é isso que o termo "servir" implica). Além do mais, têm de "beijar o Filho para que não se ire contra vocês e destrua seu caminho, pois sua ira pode inflamar-se num instante. Bem-aventurados são os que se refugiam nele" (*v. 12*). No texto hebraico, a palavra usada aqui para "Filho" não é o termo usual (*ben*), mas uma forma aramaica (*bar*). O aramaico era o idioma comum para boa parte do antigo Oriente Próximo ao longo de muitos séculos, e é apropriado que tal termo seja usado num contexto no qual os reis gentílicos são abordados. São chamados a realizar um ato de homenagem diante do rei ungido do Senhor, para que sua ira não se inflame contra eles e sejam destruídos. Justamente como o primeiro salmo começou com o conceito de bênção, assim este segundo salmo termina com esta mesma nota de segurança. Todos quantos buscam refúgio no Senhor acharão verdadeira bênção e satisfação nele. Ele é o único refúgio a proteger da tormenta da ira de Deus.

Em adição às citações deste salmo no Novo Testamento já supracitadas, é importante compreender como às vezes ele é aludido no Livro do Apocalipse (p.ex., 2.27; 12.5; 19.15). Os cristãos vêem no Salmo 2 o

quadro do rei messiânico que ora governa o mundo, e que se destina a governar até que subjugue todos os demais governantes e liberte o reino para o Pai (1Co 15.24). O Livro do Apocalipse nos mostra o quadro final de Cristo governando com um cetro de ferro e portando o título "Rei dos reis e Senhor dos senhores" (Ap 19.15,16).

SALMO 3

Salmo de Davi. Quando fugia de seu filho Absalão.

À luz do contexto deste salmo, temos que retroceder nossa vista até o relato de 2 Samuel 15 e seguintes, onde lemos da conspiração de Absalão contra seu pai Davi. Absalão planejou uma rebelião e aliciou os corações de muitos no país (2Sm 15.1–6). Quando a rebelião foi ventilada a Davi, ele fugiu, e a narrativa histórica fornece um quadro gráfico do rei chorando enquanto subia o Monte das Oliveiras, descalço e com a cabeça coberta (2Sm 15.30). Aqui Davi apresenta a Deus seu apelo. Este é o primeiro de uma coleção de salmos davídicos (3–41).

1. *Um Grito Desolado (vs. 1,2)*

Esta é a primeira oração do Livro dos Salmos, e a tríplice menção de "muitos" atrai a atenção imediatamente. Davi sente a pressão que lhe foi engendrada por seus numerosos oponentes, e clama ao seu Deus pactual. O verbo "erguer" pode ser usado para rebeliões, mas também tem a conotação mais ampla de qualquer oposição que surge contra alguém. Ele não só reconheceu a extensão da oposição contra si, mas também sabia que outros numerosos estavam falando *contra* ele. O que estavam dizendo denegria a honra de Deus mesmo, pois estavam alegando que em Deus não há nenhuma salvação.

Esta é a primeira de setenta e uma vezes que aparece a palavra "Selá" no Saltério. Ela só ocorre nos salmos que se dividem em três seções, e sempre surge no final da seção, algumas vezes em todas as três. É um termo técnico que provavelmente denote acompanhamento musical mais alto.

2. *Proteção Infalível (vs. 3,4)*

A despeito da oposição contra ele, Davi sabia quão sólida era a proteção do Senhor. As palavras iniciais desta seção surgem em marcante contraste ao que os inimigos estiveram dizendo. O Senhor deveras é o protetor, pois é o escudo de Davi. A expressão retrocede a Gênesis 15.1, onde Deus assevera a Abraão que ele o guardará do perigo. Aqui, Davi sabia que seu "Glorioso" (ver Sl 4.2 para o uso semelhante deste título) o haveria de erguer do pó. Este termo é rico em significado teológico, pois ele fala da presença redentora de Deus. O clamor de Davi era constantemente ao Senhor, e recebia reiteradas respostas. Estas vieram do santo monte de Deus, o Monte Sião, local para o qual Davi trouxera a arca do Senhor (cf. 2Sm 6).

3. *Livramento Seguro (vs. 5–8)*

Dormir sossegadamente era possível a Davi porque sua salvação era do Senhor (*v. 5*). Além do mais, o fato de Absalão contar com tantos seguidores não constituía o ponto-chave. Uma vez que o Senhor era seu escudo, Davi podia repousar em segurança durante a noite, e o apoio que recebia significava que "a mão de Deus era seu travesseiro" (Delitzsch).

"Não temerei as dezenas de milhares que se detêm contra mim de todos os lados" (*v. 6*). Sabemos do registro histórico que a maioria das pessoas tinha seguido a Absalão (2Sm 15.13; 17.11; 18.7); Davi, porém, faz um apelo confidencial ao seu protetor (*v. 7*). Não é tão-somente os inimigos que se erguem (ver *v. 1*), mas também o Senhor. Esta é uma expressão tipicamente antropomórfica (descrever-se a Deus em termos humanos), invocando-o a que traga auxílio imediatamente, como ele fizera no passado.

A conclusão do salmo constitui uma expressão de serena confiança e esperança no Senhor (*v. 8*). A palavra "livramento", em hebraico, é *yeshu´a*, da qual se deriva a palavra "Jesus". Davi sabia que este livramento de Deus era não só uma verdade pessoal, mas algo também aplicado a todo o povo. Daí ele orar a que a bênção do Senhor fosse concedida à nação como um todo. Os problemas pessoais não turvavam sua visão espiritual de todo o povo.

SALMO 4

Para o diretor de música. Com instrumentos de cordas. Salmo de Davi.

Há várias relações entre os Salmos 3 e 4. Em conjunto, eles nos fornecem orações matutinas e vespertinas, mesmo na extensão das palavras-chave reiteradas, como se mostra a mesa na página seguinte.

1. *Clamor na Necessidade (v. 1)*

Davi apela ao seu Deus justo, isto é, o Deus que faz o que é certo e que guarda sua palavra pactual. Davi deseja que sua angústia seja aliviada e afastada para longe de si. Há o reconhecimento de sua necessidade da graça imerecida, para que Deus possa ouvir e responder sua oração.

3.1 SENHOR, quantos são meus *adversários* (*tsar*)	4.1b de minha *angústia* (*tsar*)
3.2 *Muitos* estão dizendo de mim	4.6 *Muitos* estão *indagando*
3.3b meu *Glorioso* (*kebodi*)	4.2b minha *glória* (*kebodi*)
3.4 Ao SENHOR eu *clamo* (*qara´*) e ele me *responde* (*´anah*)	4.1a *responde* (*´anah*) quando eu *clamo* (*qara´*) a ti
	4.3b O SENHOR ouvirá quando eu *clamar* (*qara'*) a ele
3.5 Eu me *deito* (*shakab*) e *durmo* (*shanah*)	4.8a Eu me *deitarei* (*shakab*) e *dormirei* (*shanah*)
	4.4 em seus *leitos* (*mishkab*)

2. *Descrição de Seus Inimigos (vs. 2–6)*

Então Davi fala de seus inimigos e os acusa de abandonarem o Deus verdadeiro e de irem após deuses falsos (*vs. 2,3*). “Glória” aqui é um título para Deus (como no Sl 106.20). A ação dos homens é sempre a mesma; como diz Paulo, pois os homens pecaminosos querem sempre mudar a glória do Deus imortal em imagens de fabricação humana (Rm 1.21–23). Os piedosos, porém, como Davi, são postos à parte pelo Senhor. Todo aquele que demonstra compromisso (*chesed*) pactual é uma pessoa piedosa (*chasid*), e com certeza pode dizer que Deus responde suas orações.

Os inimigos são então encorajados a considerar seus maus-feitos (*v. 4*). O verbo hebraico traduzido por "em sua ira" comunica a idéia de tremor. Davi quer que seus inimigos estejam profundamente comovidos diante de Deus, e que não continuem em seu pecado. Antes, atentem bem para suas palavras e na quietude noturna reflitam bem sobre seus caminhos. Paulo usa este versículo em Efésios 4.26, usando a versão Septuaginta. "Selá" adiciona ênfase a este apelo.

Eles precisam assemelhar-se aos justos, pondo sua confiança no Senhor (*v. 5*). Os que agem assim, também trarão ao santuário oferendas pessoais e apropriadas. A frase "sacrifícios certos" é primeiramente usada em Deuteronômio 33.19, e aqui provavelmente indique que precisariam apresentar uma oferenda por seu pecado pregresso.

Os espectadores que tinham visto tudo o que acontecera a Davi agora falam (*v. 6*). Desejam ter parte na bênção, e oram por si mesmos em termos da bênção araônica (Nm 6.24–26; cf. também Sl 31.16; 80.3,7,19).

3. *Oração Vespertina (vs. 7,8)*

Deus faz provisão para seus servos, como fez para Davi, os quais se alegram em meio às angústias. Seus inimigos podiam ter suas ocasiões festivas durante a colheita, mas a alegria outorgada por Deus era algo Imensuravelmente maior. Os cristãos são chamados a se regozijarem nos sofrimentos (1Pe 4.13), e crer em Cristo causa "inexprimível e gloriosa alegria" (1Pe 1.8). O sono pacífico só vem porque Deus era o protetor de Davi. A ênfase no final do versículo 8 é posta definitivamente no Senhor: "Pois só tu, SENHOR …". O contraste com os falsos deuses, do versículo 2, é nítido. Somente no Senhor há real segurança.

SALMO 5

Para o diretor de música. Para flautas. Salmo de Davi.

Este salmo, evidentemente, é um apelo por socorro, porém não se dá indicação precisa das circunstâncias que lhe jazem por trás. Ao longo do salmo, em quase cada versículo, há menção das palavras que o salmista dirigia a Deus, e também alguma indicação do mal sobre o qual ele estava contendendo. Ele começa com o discurso dirigido a Deus e termina com a aclamação dele.

1. *Clamor ao Rei (vs. 1–3)*

Há então um urgente apelo a Deus, ainda que o salmista já por longo tempo viesse gemendo em sua aflição (*vs. 1,2*). Em todo o Saltério, o termo para *gemer* (*hagig*) só aparece aqui e no Salmo 39.3. Ele é relacionado com o termo murmurar ou meditar (ver Sl 1.2; 2.1). Há oração inaudível a Deus, mas também apelo direto e em voz audível. Entretanto, há confiança no acesso do salmista, quando ele se chega a seu Rei e seu Deus. Do tempo do êxodo em diante, Deus passou a ser considerado o Rei de Israel (ver Êx 15.18).

Justamente como havia sacrifícios matutinos, assim também as orações eram direcionadas ao Senhor nesse momento (*v. 3*). A linguagem de sacrifício, transferida aqui para "ponho meu pedido", representa o verbo usado em pôr em ordem a lenha (Lv 1.7) ou a vítima do sacrifício (Lv 1.8; 6.12). Ele, pois, espera em antecipação pela resposta de Deus.

2. *Deus e os Malfeitores (vs. 4–8)*

No texto hebraico, a ênfase do versículo 4 está posta nas palavras "Tu, *porém* …". Deus não se deleita na perversidade, e com ele não há nenhum ancoradouro para os perversos, porque sua santidade é para eles um fogo consumidor (Is 33.14). Os que se chegam a seu santo monte têm que exibir a justiça divina (cf. Sl 15 e 24.1–6).

Os que rejeitam a sabedoria do Senhor e vivem por sua própria loucura não podem permanecer firmes diante dele (*vs. 5,6*). Aqui, os perversos são caracterizados como mentirosos, homicidas e fraudulentos. A atitude de Deus para com eles é de aversão e ódio, e seu destino final é a destruição.

As palavras "*Eu*, porém" no versículo 7 fazem páreo às palavras "*Tu*, porém" no versículo 4. O salmista não está excluído da presença de Deus ou da casa de Deus. Ele vai lá unicamente fundamentado nesta base: o rico amor pactual de Deus para com ele, e por isso ele pode entrar no lugar santo. A epístola aos Hebreus aponta para o fato de que, uma vez que Jesus já nos antecedeu no céu, temos uma âncora para a alma no santuário mais íntimo de Deus (Hb 6.19,20).

3. *Deus e o Juízo (vs. 9,10)*

Após o caráter do Deus santo e o do adorador justo vem o caráter do malfeitor. Aqui, a concentração se esbarra nos pecados da língua (cf. Tg

3.6–12). Paulo usa as palavras da segunda parte do versículo 9 quando realça a pecaminosidade universal do gênero humano em sua lista de citações do Antigo Testamento em Romanos 3 (ver v. 13a). Davi pede ao Senhor que "os declare culpados". Esta é uma das palavras hebraicas provindas da raiz *asham*, que são usadas no sacrifício pelos pecados de inadvertência (cf. Lv 4.2s.). O culpado seria levado à expiação, ou, alternativamente, à destruição. Que Davi não estava solicitando vingança pessoal se faz evidente pelas palavras finais do versículo 10: "rebelaram-se *contra ti*." Como um servo pactual leal, ele pede que Deus exerça seu juízo contra seus súditos rebeldes. (Para uma discussão mais completa dos salmos de maldição, ver a Introdução, p. 64)

4. *Proteção e Alegria (vs. 11,12)*

O caráter do povo de Deus como aqueles que buscam refúgio no Senhor é ilustrado neste salmo pela própria atitude de Davi. Os que vivem sob a proteção de Deus podem cantar de alegria porque ele provê um abrigo que os envolva em penumbra. Provavelmente a idéia seja a da ave-mãe a proteger sua ninhada com suas asas (cf. Sl 91.4). Outra descrição dos justos é que amam o nome de Deus, isto é, seu caráter. Ele se revelara como o Redentor de Israel, e o santuário do qual o salmista já falara (*v. 7*) era o lugar onde Deus fizera habitar seu nome (Dt 12.5).

A idéia de proteção, no versículo 12, é segmento do versículo precedente. Deus cerca seu povo com um escudo protetor para que seja salvaguardado do inimigo. Além disso, permanece verdadeiro que a bênção do Senhor é a porção de seus filhos crentes.

SALMO 6

Para o diretor de música. Com instrumentos de cordas. Segundo o sheminith. Salmo de Davi.

Ainda que seja uma composição individual, contudo este salmo se destinou ao canto corporativo. O termo *sheminith* no título é difícil, quando o significado literal é "uma oitava". Se isto significa uma oitava, então é possível que o termo indique que ele seria acompanhado de uma oitava mais baixa, para manter a nota solene do salmo, ou ser entoado pelas vozes masculinas. Este salmo é uma queixa a Deus, e exibe não só apelo

dirigido a ele, mas também confiança em meio à angústia. Deve ser comparado a outros apelos no Saltério e à oração de Ezequias depois de sua enfermidade (Is 38.10–20). Este é o primeiro dos salmos penitenciais (cf. comentário sobre o Salmo 51).

1. *Clamor a um Deus Gracioso (vs. 1–3)*

Cada porção do salmo se abre com um imperativo, e as duas primeiras seguem com uma interrogação. O salmista não confessa aqui qualquer pecado, quando comparado com o Salmo 38 que se abre com quase as mesmas palavras. Daí, a súplica inicial pode significar: "Para não ficares irado comigo suscitei esta questão em oração diante de ti." Ele continua rogando pela intervenção divina em seu caso. A extensão completa de seu problema é desvendada pela referência tanto a ossos quanto a alma. No corpo e no espírito ele se acha profundamente atribulado. A interminável indagação "até quando?" aparece cerca de trinta vezes na Bíblia, e destas dezesseis estão nos Salmos. Em sua angústia, ele se interrompe em meio à sentença. Durante sua dolorosa e perene enfermidade, João Calvino não pronunciou nenhuma palavra de queixa, porém erguia seus olhos ao céu e dizia em latim: "Usquequo Domine" ("Senhor, até quando?").

2. *Sua Necessidade Descrita (vs. 4–7)*

Ele sente que Deus tem estado ausente dele (uma experiência freqüente dos crentes em angústia), e seu desejo é que ele volte (*v. 4*). O "até quando?" do versículo anterior agora se torna uma súplica urgente por livramento. A base de seu apelo é o infalível amor pactual de Deus.

O versículo 5 acha seu paralelo (ou seu eco) na oração de Ezequias (Is 38.18). Só os vivos é que podem testificar do poder e graça de Deus.

A condição estressante não é especificada. Tudo o que sabemos é que as horas noturnas eram particularmente difíceis para ele (*vs. 6,7*). Por causa de enfermidade física, e também o senso de separação de Deus, ele chorava tão copiosamente, que era como se seu leito fosse inundar-se com suas lágrimas. Os olhos de Moisés não se enfraqueceram mesmo quando a morte se avizinhava (Dt 34.7), mas os olhos de Davi se ofuscavam por causa de sua tristeza, bem como por causa de seus inimigos. É possível que seus amigos o tivessem esquecido nesse momento, e assim mais pareciam inimigos do que amigos.

3. *Oração Ouvida (vs. 8–10)*

A mudança súbita de tom, no versículo 8, causa surpresa. Isto pode indicar ou que o salmista chegou à compreensão do socorro divino, ou que um sacerdote lhe ministrou uma palavra de encorajamento, como a que Eli dirigiu a Ana (1Sm 1.17). É bem provável que a primeira alternativa seja o caso, e duas vezes ele afirma que Deus o ouviu. Isto conduz à triunfante declaração no versículo 9. Os tempos verbais são importantes aqui: o Senhor *ouviu* meu clamor; o Senhor *aceitará* minha oração. O versículo final tem um tipo de música no texto hebraico em que há uma repetição das palavras e sons. Isso ajuda a reforçar a mensagem. Presumivelmente, os malfeitores e seus inimigos são as mesmas pessoas, e ele anela vê-los envergonhados. No início do salmo, seus ossos e alma foram perturbados (*vs. 2,3*). Agora ele usa o mesmo verbo para seus inimigos no versículo 10 ("desmaiados"), enquanto seu desejo quanto a eles é expresso ("voltar atrás"), usando o mesmo verbo que usara inicialmente para o aparecimento de Deus voltando para ele ("volta-te", *v. 4*).

SALMO 7

Shiggaion de Davi, o qual ele entoou ao Senhor concernente a Cuxe, um benjamita.

Davi clama ao Senhor em meio à sua angústia. Ainda que sua situação seja séria, contudo no final do salmo ele passa a cantar louvor a seu Deus. Os detalhes precisos do(s) incidente(s) concernente(s) a Cuxe não são registrados na história bíblica. Contudo sabemos que Davi enfrentava muitos problemas da parte dos benjamitas (ver 1Sm 24,26; 2Sm 16.5; 20.1). Davi protesta sua inocência em face de falsas acusações e roga a Deus que venha em seu socorro. No título, *shiggaion* só é usado aqui em todo o Saltério, ainda que outra palavra relacionada ocorra em Habacuque 3.1. Provavelmente signifique "uma lamentação".

1. *Deus – um Refúgio Seguro (vs. 1,2)*

Davi começa com uma confiante afirmação de sua esperança. Ele apela a seu Deus, dizendo: "Em ti [tão-somente] busco refúgio." Em meio a todos os seus problemas, os filhos de Deus sabem onde podem encontrar seu socorro, e se volvem para o Senhor. Podem confiantemente cantar:

Toda minha esperança se encontra em Deus;
Ele ainda renova minha confiança.
Ele me transforma e guia minha sorte,
O único e verdadeiro Deus.
O Deus desconhecido,
Somente ele
Chama meu coração para ser dele.
(Joachim Neander)

Ainda que o problema de Davi pareça ter sido a difamação, ele sente como que rasgado ao meio como vítima de um leão. Daí ele rogar a Deus por salvação; pois se isso não acontecesse, não haveria para ele nenhuma salvação ("libertar" e "resgatar", nestes versículos, provêm do mesmo verbo hebraico, *natsal*).

2. *Deus – um Defensor Justo (vs. 3–9)*

Encontramos com muita freqüência protestos de inocência como este (*vs. 3–5*) por parte do salmista (p.ex., 17.3; 18.20–24; 26.1). Estes não devem ser tomados como alegações de ausência de pecado. Antes, asseveram a vida prática e relevante de obediência, superior à de seus perversos opressores. Afirmam que seu estilo de vida demonstra devoção a Deus, e por isso são recipientes dignos de sua proteção. Tudo indica que a acusação era que ele não fora parceiro fiel a uma aliança ("aquele que está em paz comigo"). Se esse era o caso, ele acena à morte da parte do Senhor.

Seguindo o exemplo de Moisés (Nm 10.35), Davi roga a Deus que aja contra seus adversários, lançando mão de três expressões sinônimas: "levantar", "erguer" e "despertar" (*vs. 6–8a*). Estes termos se relacionam, respectivamente, à ação militar e judicial. Ele retrata uma cena de tribunal na qual Deus congregou as nações da terra diante dele, e então lá do alto ele efetua seu julgamento. O salmista está feliz em descansar nesse julgamento.

O salmista agora se volve à sua própria necessidade (*vs. 8b, 9*). Como superior a seus inimigos, ele põe sua integridade diante do Senhor, que é o único que pode sondar os recessos mais recônditos do coração (cf. 17.3; Jr 11.20; 17.10; 20.12; Ap 2.23). A repetição da idéia de justiça marca a confiança do salmista diante do julgamento divino. Ele sabe que o Deus

justo, que estabelece os justos, confirmará sua justiça na presença de seus oponentes.

3. *Deus – um Salvador Infalível (vs. 10–16)*

A linguagem militar vem em primeiro lugar por mencionar a Deus como seu escudo, o protetor da retidão do coração. Então prossegue pela referência a Deus de quem recebe suas armas (espada, arco e flechas inflamadas) e está pronto para o ataque. Deus está "examinando os corações dos homens diante de seu tribunal", e já "liberou o raio fatal de sua espada terrível e veloz" (Julia Ward Howe).

A metáfora de uma mulher grávida é tomada e aplicada aos pecadores que tramam contra os justos. Ele concebe o plano só para descobrir que o que ele faz não é eventual. Como um caçador que cava uma armadilha para um animal, ele mesmo cai nela. Qualquer ação que porventura lance mão, ele descobre que ela se volta contra si mesmo. Este último pensamento é com freqüência apresentado no Antigo Testamento (cf. Sl 37.14,15; Pv 26.27).

4. *Deus – Digno de Louvor (v. 17)*

Não se faz nenhuma menção do resultado final do estresse. Embora o salmista quisesse ação imediata para se ver livre dos problemas (ver *vs. 6–9*), contudo poderia ver-se frustrado se a resposta não viesse prontamente. Mas, o que era mais importante (e precisamos aprender também esta lição), é que lhe fora dada uma nova perspectiva do problema, levando-o a Deus em oração. Ele podia descansar em confiança de que Deus o trataria de forma justa e o defenderia. Não surpreende que ele pudesse cantar uma doxologia ao Senhor! Esse louvor era em honra da justiça divina. Aqui, o nome adicional para Deus é o "Altíssimo". Este título para Deus ocorre trinta vezes no Antigo Testamento, das quais dezoito se encontram no Saltério. Ele enfatiza a majestade de Deus. Em confiança, ele canta louvores ao nome de seu Deus. Isso não significa simples repetição do nome de Deus, mas é um louvor pela revelação que Deus tem feito de sua natureza. Ele é deveras Salvador e justo Juiz.

SALMO 8

Para o diretor de música. Segundo o gittith. Salmo de Davi.

A criação é o foco deste hino de louvor. É a última parte de Gênesis 1 convertida em cântico. O hebraico bíblico não tem palavra para "obrigado a você", porém maneja a idéia para expressar gratidão de uma forma que se assemelha mais às nossas expressões usadas quando se recebe um presente ("É exatamente como eu queria!"; "Que lindo!"). Como os salmistas e profetas entendem mais do caráter e obras de Deus, eles os enaltecem. As expressões de deleite nas obras de Deus, como aqui no versículo 1, são um modo de agradecer-lhe por elas. Aqui um cântico jubiloso louva a atividade criativa de Deus. O termo *gittith* no título pode indicar um instrumento musical (uma lira Gittite) ou uma melodia alegre entoada por meio dele. *Gittith*, provavelmente, provenha do nome da cidade de Gate a sudoeste de Israel.

1. *A Majestade de Deus (vs. 1,2)*

O salmo se abre com uma declaração da majestade do nome de Deus. Deus é abordado pelo uso do nome pactual, SENHOR (Yahweh), ao qual se adiciona "nosso Senhor", usando a palavra comum para "Senhor". O pronome "nosso" mais provavelmente se relacione a Israel, e não ao gênero humano. O caráter de Deus é visto no mundo criado; e para os olhos crentes, o mundo todo manifesta a glória de Deus.

O céu acima é do mais suave azul,
E a terra ao redor é do mais odorífico verde;
Tudo é do mais vivo matiz,
O que os olhos incrédulos jamais conseguem perceber.
(George Wade Robinson)

Há nos versículos 3 e seguintes uma explicação mais completa da glória de Deus na criação. Mesmo as crianças mais tenras podem entoar seu louvor, e esse louvor é capaz de acalmar o íntimo de seus inimigos. Deus pode usar as coisas fracas deste mundo para confundir as poderosas (1Co 1.27). Jesus citou o versículo 2 (cf. Mt 21.16) ao repreender as autoridades que queriam que ele fizesse calar as crianças que entoavam seu louvor quando entrava em Jerusalém.

2. *A Insignificância do Homem (vs. 3–5)*

Em comparação com a majestade de toda a criação, e por trás dessa majestade de Deus (cf. "*teus* são os céus, obra de *teus* dedos"), a posição do homem parece em extremo insignificante. As palavras escolhidas para "homem", neste versículo (*'enosh* e *ben 'adam*), parecem ter sido deliberadamente escolhidas para realçar sua fragilidade. A resposta esperada à indagação do salmista tem de ser "Nada!".

"Tu o fizeste um pouco menor que os seres celestiais e o coroaste de glória e honra" (*v. 5*). É melhor seguir a margem da NIV e aceitar o texto hebraico massorético que traz "Deus" em vez de "seres celestiais". O homem ocupa uma posição especial na criação, pelo fato de que somente ele, dentre todas as criaturas, foi criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1.26,27; 5.1). Em virtude de sua criação, ele tem de refletir a glória de Deus de uma forma especial por governar como vice-regente de Deus.

3. *O Papel do Homem na Criação (vs. 6–8)*

Ao homem foi dado o domínio sobre o restante da criação (Gn 1.28–30; 9.1–3), e estes versículos mostram quanto era abrangente esse governo. As palavras "tudo puseste debaixo de seus pés" acham seu mais pleno significado no domínio que Jesus exerce por meio de sua ressurreição e exaltação (1Co 15.27; Ef 1.22; Hb 2.6–8). O que é retratado aqui acerca do homem com respeito à criação terá ainda sua significação mais plena na grande recriação.

4. *O Louvor de Deus Renovado (v. 9)*

Justamente como o salmo começa, assim ele termina. Ele começou com uma nota de louvor, as razões para se expandir o louvor e, finalmente, termina com mais louvor.

SALMO 9

Para o diretor de música. À melodia de "A Morte do Filho". Salmo de Davi.

Os Salmos 9 e 10 formam uma unidade, quando juntos compreendem um acróstico (ver Introdução, p. 13). O padrão de acróstico não é completo, quando várias letras do alfabeto hebraico estão faltando e algumas letras não estão na ordem usual. O uso de um acróstico

evidentemente constituía um apelo a alguns poetas, teria também trazido apreciação responsiva dos ouvintes ou leitores. É bem provável que os acrósticos tenham servido ao propósito de ensinar que constituíam um artifício para ajudar na memorização de um poema. A ênfase no Salmo 9 é posta no louvor de Deus, enquanto no Salmo 10 o foco principal está no apelo a Deus na angústia. As palavras traduzidas "A Morte do Filho" não ocorrem em outro lugar no Saltério.

1. *Cântico de Gratidão (vs. 1,2)*

Estes versículos contêm vários termos que concentram no louvor, provavelmente o louvor público no santuário: *louvar*, *contar, alegrar*, *cantar louvores*. Logo de início, temos: *de todo meu coração*, indicando a profundidade de seu "louvor". As "maravilhas" eram os feitos que unicamente o Senhor podia e de fato realizava, tais como os grandes atos redentores relacionados ao êxodo. O "nome" é uma referência não a um título para o Senhor, mas à revelação que fizera de si mesmo. O salmista canta louvores ao Deus da aliança (*SENHOR*) e ao seu exaltado soberano (*ALTÍSSIMO*). Linguagem semelhante é usada no início do Salmo 75.

2. *Reconhecimento do Socorro Pessoal (vs. 3–6)*

Estes versículos recuam a incidentes históricos que constituem o fundamento do louvor. Deus sempre intervém, e os inimigos do salmista pereceram diante dele. O verbo "tropeçar" ocorre amiúde nos livros poéticos neste sentido metafórico de ser conduzido à ruína. Deus executara juízo em seu favor, o qual de seu trono soberano efetuara juízo justo. Mesmo as nações gentílicas sentiram a "repreensão" de Deus, palavra que em outro lugar se aplica a ações divinas dramáticas, tais como o dilúvio (cf. Sl 106.9; Is 54.9). Nações foram eliminadas de diante dele, de tal modo que não mais permanece nenhum reconhecimento delas. A duração da ruína é enfatizada pelo uso de "para todo o sempre" e "sem fim".

3. *O Governo do Rei/Pastor (vs. 7–10)*

O pensamento de Deus como juiz leva a afirmações concernentes ao seu governo geral e ao seu cuidado protetor. Em contraste com os inimigos, o Senhor está entronizado para sempre (*v. 7*). Aqui, o quadro parece mover-se rumo à cena no final dos tempos, quando todos

comparecerão diante do trono do Senhor para juízo. A ação de julgamento ocorreu no passado (*v. 5*), mas ainda se reserva o juízo futuro. Diferente dos juízes humanos, Deus julga com justiça (*v. 8*). Sua administração não será comprometida pela justiça leviana dos sistemas humanos. A totalidade do mundo habitado (*tebel*) estará sujeita ao seu governo. Este versículo é usado novamente no último dos salmos régios para descrever o tempo do juízo final do rei divino (Sl 96.13; 98.9).

Para qualquer aflito há a certeza de que é um "refúgio" ou "fortaleza" (na versão NIV estas palavras traduzem a mesma palavra hebraica que ocorre duas vezes no *v. 9*). A idéia principal da palavra hebraica é um lugar com fortificações altas (cf. Is 25.12). Ali, em tempos de tribulação os oprimidos acham refúgio. "Oprimidos" é sinônimo de "aflitos", no versículo 12. O caráter dos que buscam refúgio é descrito como "os que conhecem meu nome". Distinto dos nomes dos perversos que são apagados (*v. 5*), o nome de Deus é a revelação de sua própria pessoa. Os que o amam chegam a um conhecimento pessoal dele, e por isso depositam nele sua confiança. Nenhum dos que o buscam jamais se vê desamparado. O verbo "buscar" aparece amiúde nos Salmos, especialmente no sentido geral de buscar socorro ou assistência do Senhor (cf. Sl 14.2).

4. *Doxologia (vs. 11,12)*

Nos versículos 11 e 12, o salmista volta ao tema do louvor que se encontra no início do salmo (*vs. 1,2*). Aquele que está entronizado em Sião (subentende-se a presença da arca em Jerusalém) deve ser louvado, e seus feitos devem ser declarados às nações gentílicas. Do que seus feitos consistem se faz claro no versículo 12. Deus era aquele que tomaria vingança dos que tiravam (ou tentavam tirar) a vida de outros (cf. Gn 4.10; 9.5). Seu soberano livramento feito a seu povo seria proclamado como suas "maravilhas" (*v. 1*). Enquanto não se chegar ao último Salmo não haverá expressão mais plena do desejo de que todas as nações conheçam os feitos do Senhor (cf. Sl 18.49; 57.9, e a Introdução, pp. 10,44).

5. *Apelo por Socorro (vs. 13,14)*

A tonalidade do salmo muda neste ponto para tornar-se mais como um lamento, apelando a Deus para que conceda sua misericórdia e livramento. Estes apelos vão se repetir no final do salmo (*vs. 19,20*).

Proveniente da certeza dada no versículo precedente, de que Deus é o vingador, o salmista apela em defesa própria. Afirmações do caráter de Deus formam, com freqüência, a base para a oração individual. A perseguição sofrida por Davi, da parte de seus inimigos, chegara ao ponto em que sentia haver chegado aos portões da própria morte. A morte é visualizada como se fosse um território, ou uma cidade com portões (cf. Ap 1.18; "as chaves da morte e do Hades").

O salmista anseia experimentar a misericórdia para que, por sua vez, tenha como declarar a Deus seus louvores. O desejo mais elevado que sente não é apenas por seu livramento pessoal, mas pela oportunidade de louvar seu libertador. Os que são libertados por Deus desejam declarar os louvores daquele que os chamou das trevas para sua maravilhosa luz (1Pe 2.9). "A Filha de Sião" é uma personificação de Jerusalém como uma jovem, talvez melhor traduzido como "Filha de Sião". Ali, cercado pelos habitantes de Jerusalém, ele anela cantar e regozijar-se na salvação divina.

6. *Os Perversos Enredados (vs. 15,16)*

A atenção agora se volve para as nações (ver *v. 5*). O resultado para os perversos é descrito em termos de que são apanhados em suas próprias armadilhas. O que queriam fazer a Israel se converte em sua própria porção. Teriam que experimentar as conseqüências de sua própria trama; não em outros, mas em si próprios (cf. Sl 5.10). A obra de suas próprias mãos se volta contra eles. A abertura do versículo 16 deixa claro que a mão de Deus também estava nisso. "Os perversos" (sinônimo de "nações" nos *vs. 5,15,17 e 19*) são os sujeitos da justiça divina, a qual lança suas tramas contra eles mesmos.

Higgaion vem de uma raiz hebraica que significa murmurar, gemer, meditar. Daí, provavelmente, denotar que a última parte do salmo deve ser traduzida de forma suave a fim de manter a solenidade do sujeito.

7. *O Destino dos Perversos (vs. 17,18)*

Os que se esquecem de Deus voltam ao Sheol. No início deste salmo há menção de "esquecimento" (*v. 12*, NIV "ignorar"). Aqui significa pessoas que não pensam acerca do Deus verdadeiro ou em servi-lo, mas, antes, lutam contra seu povo. O veredicto expresso contra eles não pode significar, aqui, juízo e morte imediatos, mas aquilo que é entesourado

para eles no futuro (ver *v. 20*). O verbo esquecer aparece novamente no versículo 18, porém com que terrível contraste! Deus jamais se esquecerá de seus pobres e aflitos. Nunca permitirá que sua esperança pereça. Sua expectativa tem por base a palavra infalível de Deus dirigida a seus filhos.

8. *Apelo Final (vs. 19,20)*

É evidente que a oposição aos justos (e especialmente ao próprio salmista) estava ainda presente, e por isso ele roga a Deus que o socorra depressa (para "erguer-se", cf. Sl 7.6). A linguagem usada aqui retrocede às palavras de Moisés em Números 10.35, quando a arca se movia: "Levanta-te, ó SENHOR! Que teus inimigos sejam dispersos; que teus adversários fujam de diante de ti" (cf. também Sl 68.1,2). O salmista não deseja que o homem frágil seja capaz de regozijar-se em triunfo. A palavra hebraica traduzida por "homem" (*'enosh*) contém implicações da fragilidade e fraqueza humanas, especialmente como aqui, em contraste com o poder de Deus.

O que se fazia necessário era uma nova demonstração do poder de Deus tal como fora demonstrado no êxodo. A palavra "terror" implica isto, pois é usada em Deuteronômio 4.34 para os terríveis feitos de Deus quando tirou Israel do Egito. Por meio de repetição dessa ação divina, as nações realmente conheceriam sua própria fragilidade e insignificância diante do Senhor. Uma aparição de Deus encheria seus inimigos de apreensão, ao compreenderem que não poderiam permanecer diante dele.

SALMO 10

Quase todos os salmos do primeiro livro (Salmos 1–41) têm um título. As únicas exceções são 1,2,10 e 33. O fato de que esteja faltando neste salmo um título é outra indicação de que ele deve ser considerado em conjunção com o Salmo 9, cujo título também cobre este salmo. A nota de apelo a Deus é muito mais proeminente aqui, ainda que no final do salmo haja uma afirmação de que Deus, o Rei, é também o Deus que ouve as orações.

1. *Um Clamor Sincero (vs. 1,2)*

O salmista enfrenta profunda tribulação e se volve para aquele que é uma fortaleza em momentos como esses (ver 9.9). A palavra introdutória é "Por quê?". Isto diz respeito à ferida e frustração que ele sente, mas também inclui a idéia de expectativa do socorro divino. Há também a nota de perplexidade no tratamento que os crentes recebem de perseguidores. Salmos posteriores, tais como 37 e 73, ajudam a prover a resposta a essa perplexidade.

"Em sua arrogância, o homem perverso sai no encalço dos fracos, os quais são apanhados nas tramas que ele engendra" (*v. 2*). Esta afirmação breve da situação é explicada mais adiante no salmo e de forma mais plena (ver especialmente *vs. 7–10*). Na segunda frase deste versículo, o sujeito do verbo "apanhar" é "eles". Isto poderia referir-se ao perverso sendo apanhado em suas próprias redes, porém mais provavelmente a NIV seja correta em tomá-lo no sentido em que os pobres são apanhados em armadilhas.

2. *A Soberba do Perverso (vs. 3–6)*

Faz parte da rotina dos pecadores vangloriar-se (*vs. 3,4*). Desde o tempo do primeiro pecado, eles têm pretendido elevar-se como se fossem Deus (Gn 3.5). O pecado também causa compreensão errônea dos feitos de outros pecadores, bem como do caráter de Deus. Daí o pecador louvar ávida e temerariamente os homens, enquanto Deus é blasfemado. Ele não faz nenhuma tentativa de buscar a Deus, e o deixa excluído de todos os seus pensamentos. Parte da natureza do homem pecaminoso consiste em suprimir o conhecimento que ele tem da verdade e recusar-se a glorificar e a dar graças a Deus (Rm 1.18–21).

O perverso desfruta de prosperidade, mas esta o faz ainda mais arrogante (*vs. 5,6*). Aparentemente, vivem isentos do juízo divino (é melhor tomar o termo hebraico *mishpat* como "juízo" em vez da NIV que o toma como "lei"). Para com seus inimigos, eles se mostram contentes e fazem a presunçosa alegação de que estão sempre firmes. A segunda parte do versículo 6 é difícil de se traduzir e de se interpretar, e uma divisão equivocada do versículo a completa ainda mais. Uma tradução literal seria: "De geração a geração [eu terei] felicidade e nenhuma tribulação; ele tem jurado." É parte do homem perverso a arrogância de reivindicar isenção de problema e de juízo. Ele se considera inatingível.

3. *O Caráter do Perverso (vs. 7–11)*

Segue-se então uma descrição do homem pecaminoso, com ênfase em seu papel como opressor (*vs. 7,8*). A descrição no começo do versículo 7 do homem perverso (com uma língua sempre propalando mentiras) extraído por Paulo da LXX e usado em sua descrição do discurso pecaminoso do homem sem Cristo (Rm 3.14). O perverso derrama continuamente suas palavras mordazes contra outros. Além das palavras, eles agem com violência contra outros.

Não há razão para supor-se algo mais além de uma compreensão literal da descrição aqui (*vs. 9–11*). Agem como leão no ataque que fazem à sua presa. Imagem semelhante ocorre bem freqüentemente no Saltério (cf. 17.12; 37.32; 56.6; 59.3; 64.4). As condições espirituais por trás desses versículos nos são desconhecidas. Entretanto, temos sobeja evidência da parte dos profetas para a confirmação da exatidão da descrição dada aqui. Evidentemente, houve muitas ocasiões em que se usava força contra os pobres e necessitados de Israel (ver Is 1.15–17,21–23; Jr 7.9; Ez 22.2ss.; Os 4.2; 6.8,9). Usava-se a mera força bruta e os desamparados eram abatidos. No versículo 11, o pensamento do versículo 6 é extraído e desenvolvido ainda mais. Os pensamentos secretos dos perversos se expõem, pois o que vem a lume externamente é apenas a expressão da incredulidade interior. Os perversos são descritos como a alegar que, já que Deus não os pode ver, assim podem agir com grande ousadia em seu ímpeto pecaminoso. Jesus, em seu ensino, desenvolveu todo o conceito de pecado secreto que dá expressão em ações exteriores (ver Mt 5.21–30; Mc 7.14–23).

4. *Um Apelo a Deus (vs. 12,13)*

O apelo a Deus é urgente. Isto é enfatizado pelo apelo dirigido a ele a "levantar-se", mas também o uso de três nomes para Deus nestes versículos. Ele é, antes de tudo, focalizado como SENHOR (heb. *yhwh*) pactual; então, como Deus (heb. *'el*) e, finalmente, por outro termo para Deus (heb. *'elohim*). Erguer a mão evidentemente significa punir (cf. *v. 15*); ou, para expressá-lo positivamente, resgatar seus aflitos (como no Sl 138.7). Os que injuriavam a Deus criam que ele não os descobriria. Já haviam se declarado como ateus (*v. 4*), e agora arrogantemente se vangloriavam de que estariam livres para levar a bom termo seus maus-

feitos. Os pecados precisam sempre de ser lembrados que por fim serão chamados ao acerto de contas diante do tribunal de Deus (2Co 5.10).

5. *Um Cântico de Confiança (vs. 14–18)*

Quão diferentes as coisas eram na realidade (*vs. 14,15*). Deus via tudo o que acontecia, em contraste com a alegação de que ele nada via (*v. 11*) nem punia (*v. 13*). O órfão é distinguido como representante daquele grupo em prol do qual o Senhor sempre demonstrou grande cuidado (Êx 22.22–24; Ml 3.5). Os que vivem em necessidade têm a reiterada certeza de que Deus vê sua tribulação e que age como seu ajudador. No versículo 15, o salmista roga a Deus que quebre o braço poderoso do perverso, de modo que ele não possa prosseguir em sua vereda de perversidade. De Deus se diz que ele provê punição para o perverso (heb. lit., "tu descobrirás [para punir] sua perversidade. Certamente tu a acharás!").

O salmista termina com um cântico de plena confiança no Senhor (*vs. 16–18*), e ele estava tão certo de ser ouvido por ele, que descreve o resultado de suas orações como uma realidade presente. Ele reconhece que o Senhor exerce seu reinado sobre toda a terra, e ainda destruirá os inimigos desse reinado. Esse pensamento é notável, porque no salmo os inimigos são oponentes no seio de Israel. Entretanto, o conceito de juízo sobre os inimigos o lembra de que Deus também tratará dos inimigos externos de Israel. O versículo 17 contém a certeza de que as orações que ele já apresentou em prol dos aflitos são deveras ouvidas por Deus. Note a variedade de termos que ele usa para o necessitado: *fraco*, versículo 2; *inocente*, versículo 8; *desamparado*, versículo 12; *órfão*, versículos 14 e 18; *aflito*, versículo 17; *oprimido*, versículo 18. O homem que se gaba de sua força não passa de um frágil (*'enosh*, cf. Sl 9.19) que já não é capaz de terrificar a outros. Ele é "da terra" e não pode permanecer diante do Juiz de todos.

Este salmo nos lembra de que sob a perseguição e opressão devemos recorrer a Deus em busca de alívio. Nosso modelo é Jesus, de quem está escrito: "Quando insultado, não revidava; quando sofria, não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga com justiça" (1Pe 2.23). A mesma epístola nos aconselha que, se sofrermos, entreguemo-nos ao nosso fiel Criador e prossigamos na prática do bem.

SALMO 11

Para o diretor de música. De Davi.

Este é um cântico de confiança, provavelmente composto quando Davi fugia de Absalão. Se esse é o caso, o versículo 1 pode conter o conselho que seus amigos lhe deram. Diziam-lhe que se pusesse em segurança como fizera quando Saul o perseguia rumo a "os Rochedos dos Bodes Selvagens" (1Sm 24.2). Ele, porém, sabia que sua proteção estava unicamente no Senhor.

1. *Descrita a Situação do Necessitado (vs. 1–3)*

O Salmo se abre e se fecha com uma nota de confiança: "No SENHOR me refugio … o SENHOR é justo." As palavras iniciais fornecem o tema básico do salmo – firme confiança no Senhor. Em sua situação crítica, os amigos vieram aconselhá-lo. Sua sugestão é que ele fugisse ou escapasse como uma ave para um esconderijo nos montes. O verbo é plural, daí talvez seus amigos e associados tivessem a intenção de fugir também. A designação "seu monte" tem sido tomada por alguns para indicar um refúgio bem conhecido previamente usado por Davi.

A idéia da ave fugindo se estende desde o versículo 1, e agora a imagem é a de um caçador que vai após as aves com seu arco (*v. 2*). Em outro lugar, os perversos são também descritos como um arco preparado (Sl 37.14). A linguagem de fuga para os montes com o fim de escapar pode bem ser um reflexo do conselho dado a Ló (Gn 19.17; e ver o *v. 6* mais adiante neste salmo). Os ímpios estão sempre prontos a atirar suas flechas certeiramente sem serem vistos.

Havia tanta sublevação, que até mesmo os princípios fundamentais da sociedade estavam sendo abalados (*v. 3*). Já não mais havia verdade nem justiça. É possível que a sentença final se refira ao passado: "O que o justo tem feito?", isto é, para merecer isto. Não obstante, é melhor seguir a NIV e tomá-la como uma indagação de desespero: "Que pode o justo fazer?"

2. *A Fonte de Confiança (vs. 4–7)*

A indagação de desespero feita pelos amigos do salmista encontra agora sua resposta. "O SENHOR está em seu santo templo; o SENHOR está em seu trono celestial. Ele observa os filhos dos homens; seus olhos os

examinam" (*v. 4*). Normalmente há uma oração vocalizada depois de uma expressão de grande necessidade, porém esta não está presente aqui. Em vez disso, o salmista aponta para o Senhor no alto, assentado em seu trono de juízo. Havia a presença visível de Deus no Tabernáculo, mas ele era também o exaltado governante celestial. Do céu ele via tudo o que acontecia, e com visão penetrante ele podia testar as obras de todo o gênero humano. O verbo traduzido "examinam" é amiúde usado para metais provados pelo fogo, e é um termo favorito no Livro de Jeremias (11.20; 17.10; 20.12). Mesmo as ações feitas em meio às trevas (*v. 2*) eram públicas a seus olhos.

Tanto os justos quanto os injustos se acham sob a vista julgadora de Deus (*vs. 5,6*, cf. as palavras de Paulo, "todos nós temos de comparecer diante do tribunal de Cristo", 2Co 5.10), ainda que a atitude de Deus seja muitíssimo diferente em relação aos dois grupos. Seu ser mais íntimo ("sua alma") odeia o homem violento, presumivelmente uma indicação de que os inimigos do salmista eram desse gênero. A idéia de fogo usado para testar metais muda no versículo 6 para converter-se num quadro de juízo ardente. Para os crentes, o fogo testará a qualidade de suas obras (1Co 3.13); enquanto que para os incrédulos o fogo virá como o exterminador do mal. "Brasas ardentes e enxofre incandescente" nos lembram o que aconteceu a Sodoma (Gn 19.24). Um destino semelhante aguarda os perversos. A referência ao vento ressecante é uma descrição do vento oriental que sopra sobre Israel, trazendo consigo o calor do deserto.

Quão diferentemente Deus agirá para com os justos (*v. 7*)! Ele mesmo é justo e ama a justiça, isto é, os feitos justos feitos por seu povo. A frase "ama a justiça" poderia significar que Deus ama realizar feitos justos, mas isto é menos do que se encontra no contexto. O resultado final é que os de coração reto verão a presença de Deus manifestada no livramento salvífico que ele lhes propiciará. No final do salmo, o salmista volta à mesma confissão que formulou no início.

SALMO 12

Para o diretor de música. Segundo o sheminith. Salmo de Davi.

Salmos como este mostram o contraste na vida espiritual no seio de Israel. Tantos tinham apostatado da obediência ao Senhor, que para o justo é como se a piedade tivesse desaparecido totalmente. O outro contraste no

salmo é entre as palavras mentirosas dos ímpios e as palavras infalíveis do Senhor.

1. *O Discurso Fútil dos Ímpios (vs. 1–4)*

A palavra de abertura constitui um clamor de desespero. O termo hebraico (*hoshi'ah*) usado normalmente é seguido de um objeto: "socorre-me." Aqui e também no texto hebraico do Salmo 118.25, o grito nunca termina. É como uma pessoa em afogamento gritando: "Socorro!". O verbo hebraico é aquele do qual se originam os nomes Josué e Jesus. A urgência da súplica diz respeito ao aparente desaparecimento dos fiéis da terra. São descritos pelo uso dos termos usados para a lealdade (*chasid*) e fidelidade (*'emunim*; cf. o grupo israelita fanático, *gush 'emunim, assembléia dos fiéis*) pactuais. A divisão espiritual da sociedade foi reconhecida mais tarde por Elias (1Rs 19.9–18), e manifestada particularmente na rejeição de Jesus pelos seus (Jo 1.10,11).

A vida era marcada pelo engano, de modo que todos falavam contra seu vizinho (*v. 2*). Nenhuma sociedade ou comunhão eclesiástica pode subsistir se a situação for esta (cf. Ef 4.25). Falavam com duplicidade de coração (heb., *um coração e [ainda outro] coração*), de modo que suas palavras não se harmonizavam com a realidade.

O salmista adiciona ao seu clamor por socorro (*v. 1*) um apelo para que o Senhor interviesse, cortando todos os fraudulentos e os que se vangloriavam em sua arrogância (*vs. 3,4*). O verbo "cortar" retrocede à ameaça em Gênesis 17.14, de que uma pessoal infiel à aliança seria "cortada". Em vez disso, ao cortarem uma aliança com o Senhor eles seriam cortados, isto é, executados. Tais pessoas são descritas mais como gabolas orgulhosos. Seus lábios estão a seu serviço e desafiam a todos a que prevaleçam contra eles. Mais tarde, os profetas tiveram que repreender o povo pelos pecados da língua (Os 4.1,2; Jr 12.6), enquanto que o Novo Testamento reafirma o quanto a língua é um fogo que corrompe totalmente as pessoas (Tg 3.6).

2. *O Discurso Infalível do Senhor (vs. 5–8)*

A oração foi feita e imediatamente respondida (*v. 5*). Não se dá nenhuma indicação de como as palavras do Senhor vieram ao salmista. É possível que viesse pelo ministério de um sacerdote, justamente como Eli

ministrara a palavra de Deus a Ana (1Sm 1.17). A resposta é mais direta do que nossas versões conseguem transmitir. O grito por socorro no versículo 1 (*hoshia'*) é seguido agora da certeza de que o Senhor lhe está providenciando a salvação (*yesha'*, da mesma raiz, *yasha'*). Deus ouve o clamor dos fracos e necessitados e provê o socorro (cf. Sl 7.6; 9.19; Is 33.10). Ele é o libertador dos oprimidos (Sl 72.12; 103.6).

O contraste das palavras do Senhor com as palavras dos enganadores é extremamente claro (*v. 6*). As palavras do Senhor são puras, isto é, foram purificadas como a prata na fornalha, e assim duram para sempre (cf. o uso da mesma expressão para a lei do Senhor no Sl 19.9). Não têm nenhuma escória, e por isso merecem toda a confiança. A implicação é que todas as palavras dos enganadores são escórias!

A mensagem do Senhor trouxe outra vez certeza ao salmista (*v. 7*). A proteção será provida para "tais pessoas" (o heb. traz "esta geração"; cf. as palavras de Jesus em Mt 17.17: "Oh, geração incrédula e perversa"). "Geração" é um termo usado em sentido amplo para um tipo de pessoas que partilham da mesma mente, um grupo comprometido por interesses comuns.

O salmo, em sua conclusão, volta às suas idéias iniciais. Os ímpios estão circulando e se encontram "entre os homens" (repetido do v. 1); o que é vil é ainda muitíssimo considerado (*v. 8*). O final do salmo constitui um lembrete de que os crentes têm de perseverar em oração confiante, ainda quando a perversidade continue ou ainda se prolifere. Nosso padrão tem de ser aquele de Jesus que sofreu nas mãos dos mentirosos (Jo 8.44–47) e que "ofereceu orações e petições com gritos e lágrimas àquele que o podia salvar da morte, e que foi ouvido por causa de sua reverente submissão" (Hb 5.7).

SALMO 13

Para o diretor de música. Salmo de Davi.

Este breve salmo tem todos os característicos e estrutura de um lamento ou apelo por socorro. Ele se move da desolação dos versículos iniciais em direção a uma forte confiança na misericórdia permanente de Deus nos versículos finais. Constitui um lembrete de que o Senhor repreende e castiga a tantos quantos ama (Ap 3.19).

1. *Um Clamor de Angústia (vs. 1,2)*

O quádruplo clamor "Até quando?" domina as estrofes iniciais. O salmista se sente abandonado por Deus, e ainda presume ser para sempre. "Até quando?" é uma frase que embute urgência, inclusive de desespero. Deus pode alcançar o fim da divina tolerância como fez com Israel: "Até quando este povo me tratará com desprezo? Até quando se recusarão a crer em mim, a despeito de todos maravilhosos sinais que eu realizei entre eles? Eu os ferirei com uma praga e os destruirei …". Quando Moisés pleiteou a misericórdia pactual de Deus, este se compadeceu e perdoou o povo (Nm 14.11,12). Temos aqui o mesmo elo que relaciona "Até quando?" e a misericórdia pactual de Deus (*v. 5*). Os sentimentos pessoais que predominam numa situação como esta são os pensamentos íntimos de tristeza. Eles ocorrem toda vez que o salmista enfrenta o adversário, o que aparentemente consiste em enfermidade e morte (ver *v. 3*).

2. *Uma Súplica ao Senhor (vs. 3,4)*

Em seu lamento inicial, o salmista falou de Deus como que ocultando seu rosto (*v. 1*). Agora sua súplica é para que o Senhor "olhe" (i.e., considere, examine) e responda a suas indagações. Subentende-se que a enfermidade é como que um escurecimento dos olhos. Daí o salmista orar para que a luz raie nele, de modo que não experimente a morte. Há uma nota de ternura no modo como ele faz sua súplica. Ele diz: "Oh, Senhor meu Deus!" O pronome "meu" injeta um aspecto emocional na oração e também uma nota de inabalável confiança. Os que se aproximam de Deus em oração "devem crer que ele existe e que galardoa os que o buscam solicitamente" (Hb 11.6). Se seu Deus não responder, então ele morrerá, e então todos os seus adversários se alegrarão, exultando no que lhe aconteceu (cf. Sl 38.16).

3. *Uma Confiança Inabalável (vs. 5,6)*

Há uma marcante diferença entre os adversários do salmista e ele mesmo, e o início do versículo 5 os põe uns contra os outros. "Eu, porém", diz ele, "confio em teu amor infalível; meu coração se regozija em tua salvação. Cantarei ao SENHOR, porque ele tem sido bom para comigo." Sua confiança se radica no amor pactual do Senhor que se expressa em seu livramento. Daí ele poder prorromper-se em louvor amoroso e pedir que

Deus permita que seu coração se regozije quando a salvação chegar. Esta compreensão do versículo 5 (que seu livramento está ainda no futuro) é confirmada pelo idioma hebraico no versículo final, significando que ele cantará louvores "assim que ele me tiver tratado generosamente". O livramento, ainda que a vir, é reconhecido e louvado com inabalável confiança. Os crentes podem sempre olhar com antecipação para os livramentos de Deus.

SALMO 14

Para o diretor de música. De Davi.

Os Salmos 14 e 53, embora não sejam exatamente idênticos, se assemelham tanto que um é basicamente uma réplica do outro. As principais diferenças estão no uso dos nomes divinos (Sl 14 usa SENHOR [*yhwh*] quatro vezes; Sl 53, consistentemente, usa Deus, *'elohim*), ligeiras diferenças verbais nos versículos iniciais, e mais diferenças maiores nos versículos finais (14.5,6 = 53.5). Mais provavelmente, o Salmo 14 seja a primeira versão, mas a importância de seu ensino teria sido reconhecida e veio a ser uma versão alternativa usada no culto. Finalmente, ambas as formas foram incorporadas no presente Saltério.

O estilo do salmo se aproxima mais dos Salmos 1 e 2, ou da literatura sapiencial, especialmente ilustrada pelo Livro de Provérbios. O Salmo 14 não se preocupa com o ateísmo intelectual. Seu enfoque é antes a pessoa que é atéia prática, visto que ela renunciou sua aliança, e daí o Deus da aliança. O Novo Testamento realça mais plenamente do que o Antigo Testamento a sabedoria última do Deus que se encontra em Jesus Cristo (1Co 1.23–25).

1. *Descrição do Insensato (vs. 1–3)*

O termo hebraico para tolo ou louco (*nabal*) realçava os que tinham renunciado seu compromisso com o Deus pactual e, conseqüentemente, entre si (*v. 1*). Foi usado, por exemplo, para a nação em Isaías 9.13–17. O tolo carece da sabedoria que é o princípio do temor do Senhor. Ele não apenas diz, porém vive como se "Deus não existisse". A segunda parte do versículo 1 claramente mostra o caráter normal desse gênero de tolo. Suas ações são corruptas e uma abominação ao Senhor. Não fazem o que é bom.

A referência pode ser mais do que apenas à bondade geral. Mais especificamente, pode indicar um fracasso em seguir os compromissos pactuais.

Uma descrição antropomórfica (em termos de característicos humanos) das ações de Deus é dada para enfatizar como ele visualiza a todos (*vs. 2,3*). Ele contempla aqueles que "entendem". O termo hebraico se põe em contraste com o "tolo" do versículo 1, e constitui um sinônimo para "sábio", "de discernimento espiritual". Outra expressão para o piedoso é usada no final do versículo 2. Eles "buscam a Deus", isto é, se aproximam da face de Deus em oração. O veredicto divino é dado no versículo 3. O ímpio, longe de buscar a Deus, se desvia e se torna corrupto. As palavras, "não há quem faça o bem", constituem uma reiteração do versículo 1, com a adição do enfático "nem sequer um". Paulo emprega palavras destes versículos 2 e 3 para dar confirmação adicional à sua afirmação de que ninguém é justo diante de Deus (Rm 3.10–12).

2. *A Opressão dos Justos (vs. 4–6)*

Torna-se claro que nem todos se desviaram do Senhor, porquanto há aqueles a quem ele pode chamar "meu povo" (*v. 4*). Eles constituem os objetos da opressão por parte dos "tolos"; ou, como são chamados aqui, "malfeitores". Seu problema é que não têm discernimento espiritual e, conseqüentemente, "não invocam ao Senhor". Esta última frase pode ser usada no Antigo Testamento no sentido de proclamar o Senhor (cf. o que Deus mesmo faz por Moisés, Êx 33.19), mas também significa, como aqui, usar o nome de Deus em oração (Gn 4.26).

Os *versículos 5 e 6* são de difícil interpretação. Em ambos há um contraste entre os malfeitores, na primeira parte do versículo, e os justos, na segunda parte. Ali não parece haver qualquer conexão direta entre as outras duas sentenças senão contraste direto. Os malfeitores vivem com medo, como resultado de sua loucura, e oprimem os pobres. Em contrapartida, os justos têm Deus em seu meio, em sua assembléia. Têm também a certeza de que, enquanto estão sendo oprimidos, o Senhor é seu refúgio.

3. *Oração por Livramento (v. 7)*

O salmista aspira pela vindoura salvação do Senhor. Evidentemente, o salmo data do tempo em que Sião era o centro religioso (i.e., depois de Davi trazer a arca para ali). As palavras "restaurar a sorte" não precisam ser uma referência ao regresso vindouro do exílio. Antes, a frase hebraica (lit., *restaures o cativeiro*) pode ser tomada num sentido geral como que falando de uma mudança real nas circunstâncias do povo. A salvação viria do Senhor. Cada ação salvífica de Deus no Antigo Testamento era um precursor da salvação muito mais plena que Jesus traria. Não surpreende que o salmo termine com uma nota de alegria, pois a salvação fornece um cântico ao povo de Deus. Quando a redenção final se consumar, uma grande multidão cantará: "A salvação pertence ao nosso Deus que se assenta no trono, e ao Cordeiro" (Ap 7.10).

SALMO 15

Salmo de Davi.

O Salmo 15 e o Salmo 24 têm muito em comum. Ambos pedem para chegar-se à presença do Senhor em seu santo monte, e ambos respondem de uma forma semelhante. O caráter do adorador piedoso é salientado claramente. Ambos os salmos provavelmente se originaram com a remoção da arca da aliança para Jerusalém, sob o comando de Davi (2Sm 6).

1. *Indagação Respondida (v. 1)*

"SENHOR, quem pode habitar em teu santuário? Quem pode viver em teu santo monte?" As duas sentenças são claramente usadas em mútuo paralelo. São usados dois verbos diferentes ("habitar" e "viver") e são dadas duas descrições distintas do lugar de habitação de Deus ("santuário" e "santo monte"). O monte do Senhor foi expresso no Cântico de Moisés (Êx 15.17). Quando Davi capturou o Monte Sião (2Sm 5.7), ele fixou residência ali e trouxe para habitar ali a arca do Senhor. Os adoradores indagam agora quem pode permanecer como o convidado do Senhor. O verbo "habitar" não implica simplesmente habitação temporária (cf. seu uso no Sl 61.4). "Viver" é o verbo usado para morar numa tenda, e dele se derivou um dos nomes para o tabernáculo (*mishkan*).

2. *As Respostas Fornecidas (vs. 2–5a)*

A resposta vem num padrão de dois grupos de condições positivas, com dois grupos correspondentes de condições negativas.

Positivas	**Negativas**
Versículo 2a	Versículo 3a
Versículo 2b	Versículo 3b
Versículo 2c	Versículo 3c
Positivas	**Negativas**
Versículo 4a	Versículo 5a
Versículo 4b	Versículo 5b
Versículo 4c	

O primeiro grupo de condições positivas não inclui requisitos sacrificiais, nem qualquer dos outros (*v. 2*). A concentração está nas características morais. A primeira, andando irrepreensivelmente, é virtualmente um sinônimo de ser piedoso, e fala da totalidade da pessoa. A segunda começa de forma mais específica, demandando ações justas, enquanto a terceira requer linguagem fidedigna.

As condições negativas vêm em seguida (*v. 3*). A primeira não implica qualquer uso errôneo de sua língua. Literalmente, é: "aquele que não espreita com [ou, possivelmente, tropeça com] sua língua." Nem comete qualquer dano a seu vizinho, nem faz troça com as faltas ou situações de seus amigos (ou, possivelmente, relações).

O segundo grupo de condições positivas inclui honrar aos que temem a Deus e desprezar aos que são rejeitados por Deus (*v. 4*). Assim, as atitudes espirituais são importantes no adorador. A terceira condição neste versículo é difícil de traduzir-se e de interpretar-se. A tradução da NIV é uma possibilidade. É igualmente possível que signifique "aquele que jura

não errar e não altera", isto é, ele mantém sua palavra empenhada sem qualquer alteração.

As duas condições finais são negativas e ambas se relacionam com o dinheiro (*v. 5a*). Era proibido a um israelita emprestar com juros a um concidadão israelita (Lv 25.36,37; Dt 23.19). Não obstante, era permissível emprestar com juros a um estrangeiro (Dt 23.20). Além disso, não se podia aceitar suborno para garantir a convicção do inocente (cf. Êx 23.8; Dt 16.19). É possível que passagens nos livros proféticos, tais como Isaías 33.14–16 e Miquéias 6.6–8, intensifiquem estas condições dadas nos versículos 2–5a.

3. *A Promessa (v. 5b)*

A palavra final do salmo é a de garantia reforçada. A pessoa que cumpre suas condições não será movida, isto é, não será removida da casa do Senhor e da presença do Senhor. A resposta da pergunta inicial, com efeito, é: "Quem faz estas coisas habitará em seu santuário para sempre."

SALMO 16

Miktam de Davi.

O título atribui o salmo a Davi, e no Novo Testamento Pedro e Paulo, respectivamente, confirmam isso (At 2.25–32; 13.36). A palavra *miktam*, mais provavelmente, procede de um verbo que significa "inscrever", e por isso um *miktam* é um cântico que deve ser inscrito. A palavra ocorre aqui e nos títulos de outros cinco salmos (56,57,58,59,60), e somente aqui e no Salmo 58 há omissão de detalhes que associam este salmo particular com incidentes da vida de Davi. É um salmo de confiança, e nos versículos finais Davi profetiza a ressurreição de Jesus.

1. *Uma Oração Inicial (v. 1)*

Uma vez que não se apresenta nenhum detalhe de qualquer crise particular na vida de Davi, é melhor tomar este apelo no início do salmo como sendo uma continuação da proteção divina. Os que já experimentaram essa proteção sabem como orar; porque, como Davi, já buscaram refúgio nele. Esta é uma expressão favorita para ele (ver Sl 7.1 e 11.1).

2. *Palavras de um Adorador de Ídolo (vs. 2–4a)*

Há problemas quanto a fazer uma boa tradução dos versículos 2–4a em nosso idioma e ajustá-los satisfatoriamente ao salmo como um todo. O verbo no início do versículo 2 não está na primeira pessoa singular (como se dá na NIV, "*Eu* disse"), mas na segunda pessoa singular ("*você* [fem.] disse"). Os seguintes comentários presumem que as palavras são as de um adorador de ídolos que reivindicava compromisso com o Senhor, mas que seguia outros ídolos. Ele tentava manter um compromisso verbal com o Senhor ("meu Senhor") e confessa que toda sua bondade tinha que ser encontrada nele ("fora de ti não tenho nada bom"). Entretanto, a realidade era que ele seguia deuses estranhos, que no versículo 3 os chama "os santos" (NIV, "fiéis") e "os poderosos" (NIV, "gloriosos"). Seu prazer real estava unicamente neles. O salmista dá seu veredicto sobre todos os que seguem este exemplo (*v. 4a*). A palavra traduzida "correm", na NIV, é melhor tomá-la no sentido de "adquirir" ou "trocar" (cf. Sl 106.20; Jr 2.11). Os que barganham o Deus verdadeiro por ídolos aumentarão sempre seus sofrimentos. Esta pode ser uma alusão aos ritos de fertilidade praticados nas religiões pagãs (cf. Is 57.7,8).

3. *Um Cântico de Confiança (vs. 4b–6)*

O culto pagão não exercia nenhuma atração no crente autêntico (*v. 4b*). Davi diz de forma bem enfática que ele não partilharia de seus falsos sacrifícios, nem sequer tomaria seus nomes em seus lábios. Ele se absteria de qualquer associação que pudesse vinculá-lo a tais falsas crenças.

Os *versículos 5 e 6* constituem uma reafirmação das bênçãos que o Senhor lhe dera, e se estão em real contraste com os sofrimentos que o adorador de ídolo experimenta (*v. 4a*). "Porção e cálice" se referem à abundante liberalidade que o Senhor lhe concedera. A imagem se relaciona com a das provisões divinas destinadas aos levitas (Nm 18.20; Dt 10.9; 18.1,2). Seu território determinado era definido, e os lugares onde as linhas passavam no tocante a ele eram aprazíveis. Ele não está falando de uma herança terrena, tal como as tribos receberam, mas da dádiva que Deus dá de si mesmo.

4. *A Recompensa da Confiança (vs. 7–11)*

O salmista se prorrompe em cântico de ação de graças pela sabedoria que lhe viera da parte do Senhor (*vs. 7,8*). Nas horas noturnas (ou, possivelmente, a forma plural em hebraico denota noites escuras) ele considera e medita nesta instrução. A meditação genuína nunca se associa com uma mente vazia, mas sua base é a palavra revelada de Deus. "Coração", literalmente, são os rins, o que o povo hebreu considerava como sendo a sede das emoções. O versículo 8 imprime mais expressão ao pensamento de refúgio no versículo 1. O Senhor está sempre diante de seus olhos, e ele está sempre em suas mãos. Esta é a posição mencionada como o lugar do ajudador (Sl 109.31; 121.5). Uma vez que o Senhor está com ele, então sabe com toda certeza que ele não será prejudicado.

A segurança com o Senhor produz um cântico adicional de louvor proveniente de Davi (*vs. 9,10*). Aparecem nesses versículos vários sinônimos para "Eu": "meu coração", "minha glória" (a NIV segue o texto da LXX e traz "minha língua"), "meu corpo" e "minha alma" (NIV "me"). Davi não está separando a alma do corpo, mas simplesmente indicando que a pessoa em sua totalidade está vivendo em segurança.

O *versículo 10* ocupa um lugar especial no pensamento bíblico, visto ser citado em referência à ressurreição de Jesus. Assegura-se a Davi que o Senhor não abandonará sua vida no Sheol, não permitirá que seu fiel (i.e., Davi) veja corrupção. Ele sabe que sua oração do versículo 1 ("socorre-me") é respondida, e que ele não morrerá; ou, como alternativa, que ele será preservado de morte prematura. Davi, porém, fala ainda em termos proféticos por meio do Espírito Santo e contempla a ressurreição do Messias. Seus olhos visualizam um de seus descendentes (ver At 2.27) e suas palavras têm um significado muito mais profundo do que sugeriria uma leitura superficial delas.

O versículo final (11) usa palavras e idéias já empregadas previamente no salmo ("fazer conhecido", "vida", "alegria", "sua presença", "prazer", "eterno"). Davi deseja experimentar a liderança de Deus na vereda para a vida (cf. a vereda de paz, Lc 1.79). Plenitude de alegria só se encontra onde o Senhor revela sua presença (cf. Sl 4.7; 21.6), e os lugares e coisas aprazíveis (ver *v. 6*) provenientes da mão do Senhor durarão a vida inteira. Daí "prazeres perenes" seria uma tradução preferível aos "prazeres eternos" da NIV.

SALMO 17

Oração de Davi.

Um salmo como este revela quão solidamente a esperança pactual fortalecia os crentes atribulados e perseguidos no período veterotestamentário. O salmista invoca a Deus e suplica que ele exiba de forma mais clara a misericórdia proveniente da aliança, tal como Deus demonstrara em atos de livramento nos tempos do êxodo. Há dependência nas palavras do Cântico do Mar (Êx 15.1–18) e também do Cântico de Moisés (Dt 32). Há também muitos pontos de relação entre os Salmos 16 e 17. Alguns destes são: a oração "guarda-me" (16.1; 17.8); comunhão vespertina com Deus (16.7; 17.3); o uso do termo hebraico *'el* para Deus em oração (16.1; 17.6); a referência à destra de Deus (16.8; 17.7,14); e os prazeres na presença de Deus (16.11; 17.15). Os dois salmos podem muito bem formar um par composto já no limiar da vida de Davi.

1. *Oração de uma Pessoa Inocente (vs. 1–5)*

A súplica que Davi faz se apresenta em três formas: "ouve", "atenta" e "dá ouvidos" (*v. 1*). De igual modo, a descrição de sua súplica é tríplice: "minha justa queixa"; "meu clamor"; e "minha oração". A linguagem variada chama a atenção imediatamente para a intensidade de suas súplicas e a profunda necessidade em que se encontrava. Ele renega qualquer falsidade de sua parte. Este tipo de protesto de inocência é comum no Saltério (cf. 18.20–24; 26.1). Estas não devem ser entendidas como reivindicações de justiça pessoal e perfeição impecável. São afirmações de que os escritores eram essencialmente devotados a Deus, que eram inocentes das acusações caluniosas de seus inimigos, e daí que eram dignos da proteção divina. O salmista sabe que o justo juízo virá do Senhor e que ele está bem preparado a expor sua vida pública diante dos olhos de todos os seres humanos (*v. 2*). Ele está disposto a ouvir sua sentença pronunciada por seu juiz.

Davi alega que se submete à prova de Deus, por mais difícil que seja (dois dos termos, "provar" e "testar", provêm da metalúrgica), e em sua vida não se achará nenhuma impureza (*v. 3*). Ele conhecia os riscos dos pecados da língua, uma vez que estava sendo vítima de acusações. Entretanto, ele procura refrear-se de transgredir com sua boca.

O salmista se isola dos perversos, pondo-se em contraste com eles; porquanto guardava a palavra de Deus e mantinha seus passos seguindo as

veredas de Deus (*vs. 4,5*). Seus inimigos eram, evidentemente, violentos tanto em ação quanto com a língua. Ao seguir as diretrizes de Deus, ele se abstinha de seguir a forma de vida deles e não permitia que se desviasse das veredas de Deus.

2. *Apelo Renovado em Face do Perigo (vs. 6–12)*

Diante dos perigos prementes, o salmista se volve para Deus (*v. 6*). O "Eu" com que este versículo tem início é enfático. Ele acaba de descrever-se nos versículos anteriores e agora invoca urgentemente a seu Deus, cuja resposta ele sabe ser pronta. Certeza quanto a este fato encoraja a esperança. A segunda metade do versículo é virtualmente uma forma abreviada do versículo 1.

A base de seu apelo é o vínculo pactual (*vs. 7–9*). Ele anela por uma nova manifestação do poder de Deus e da misericórdia redentora como foram demonstrados durante o êxodo. A linguagem aqui ecoa aquela constante no Cântico do Mar (Êx 15.11–13). O reconhecimento histórico às vezes forma a base da presente oração nos Salmos. Davi sabia que Deus salva os que buscam refúgio nele.

A alusão ao êxodo continua no versículo 8. Deus achou Israel no deserto e o guardou como a menina de seus olhos (Dt 32.10). A expressão idiomática, "menina dos olhos", usada ali para o povo como um todo é repetida aqui, quando um israelita individualmente ora por si mesmo. A idéia de ser protegido pelas asas do Senhor provavelmente seja tomada de Deuteronômio 32.11, onde se introduz a imagem da águia. Deus provê proteção de todos os perigos (cf., para o uso da idéia de asas para Deus, Sl 36.7; 57.1; 61.4; 63.7; e 91.4). O perigo provém dos inimigos (também chamados perversos) que atacam sua vida.

Eles vêm contra ele com intenções homicidas (*vs. 10–12*). Faz-se uma descrição mais completa destes inimigos. Eles fecham seus corações. O texto hebraico registra: "eles fecham sua gordura." Provavelmente esta seja uma alusão a Deuteronômio 32, especialmente ao pequeno Jesurum de Deus (Israel), que cresceu gordo e escoiceador (Dt 32.15). A idéia de rebeldia aparece aqui, pois os inimigos não se curvarão diante da majestade divina, e atacam seu servo Davi. Ele se sentia cercado de todos os lados (*v. 11*), pois esperavam uma chance de subjugá-lo. O inimigo mais ameaçador é distinguido no versículo 12 (cf. com o uso do plural nos *vs. 10,11*), ou talvez o líder do grupo. Ele se assemelha a um leão agachado

que se prepara para saltar sobre sua presa, de seu esconderijo secreto. Não surpreende que o Novo Testamento descreva o diabo como um leão que ruge (1Pe 5.8).

3. *Outra Oração Urgente (vs. 13–15)*

A linguagem militar, já observada em Salmos 3.7; 7.6; 10.12, é novamente usada por Davi no versículo 13. Ele apela com urgência a seu divino protetor para que venha como guerreiro ("tua espada") e subjugue seu inimigo, libertando-o dele e resgatando-o de suas garras.

Os inimigos são descritos como sendo "homens deste mundo", que só conhecem as recompensas nesta vida (*v. 14*). Não querem saber de ter o Senhor como sua porção, que é a condição dos justos (Sl 16.5). O Novo Testamento fala do mesmo tipo de pessoas que pertencem ao mundo (Jo 15.19), que são pessoas deste mundo (Lc 16.8) e cuja mente é posta nas coisas terrenas (Fp 3.19). É de tais pessoas que Davi busca o escape. A parte final deste versículo fala das bênçãos de Deus sobre seus queridos. Eles têm fartura para comer; têm muitos filhos (tomando "filhos" como o objeto do verbo); e são ainda capazes de transferir a superabundância a seus filhos.

No versículo 15, o contraste com os homens profanos do versículo 14 é mais óbvio. Qualquer satisfação que porventura desfrutem é só nesta vida. Para Davi havia o prospecto de satisfação além da sepultura, porque ele nos dá neste versículo um vislumbre da eternidade. A linguagem é semelhante àquela usada por Moisés quando fala de sua relação com o Senhor (Nm 12.8). Davi se apodera de algo, embora tênue, da doutrina da ressurreição, a qual é expressa em outro lugar como um despertar do sono (ver Is 26.19; Dn 12.2). A versão LXX evidentemente entendeu o versículo nesta forma em tempos pré-cristãos, pois ela adicionou as palavras "na visão de sua glória". A presença real de Deus seria então sua alegria e satisfação. É o puro de coração que verá a Deus (Mt 5.8).

SALMO 18

Para o diretor de música. De Davi, servo do SENHOR. Ele entoou ao SENHOR as palavras deste cântico quando o SENHOR o libertou das mãos de todos os seus inimigos e das mãos de Saul. Disse ele:

Este salmo é vinculado a circunstâncias históricas, quer por seu título, ou pelo fato de que ocorre numa forma duplicada em 2 Samuel 22.1–51. O texto essencial é o mesmo nos dois cânticos, ainda que haja numerosas diferenças menores. Na forma, ele é semelhante aos cânticos de vitória, como Êxodo 15.1–18 e Juízes 5, embora não se dêem os detalhes de qualquer vitória específica. Davi realizou muitas vitórias, e este cântico parece constituir um salmo de ação de graças régia, no qual ele retrocede a tudo o que o Senhor havia feito por ele. O salmo fala de como Deus preparara e preservara Davi para a realeza, e então o estabelecera em sua realeza.

1. *Cântico Introdutório de Louvor (vs. 1–3)*

O salmo começa com uma palavra incomum para "amor" (*racham*), que na forma usada aqui não ocorre em nenhum outro lugar no Antigo Testamento. Outra forma do verbo às vezes ocorre com Deus como o sujeito. Davi expressa seu sincero amor para com o Senhor (cf. Sl 116.1) e confessa que ele é sua "força", isto é, seu ajudador forte. Este é o primeiro de oito títulos para Deus, os quais são agrupados, todos com o sufixo pessoal "meu". Este fato aponta para a fé da qual Davi fala e para o vínculo entre ele e o Senhor.

No *versículo 2*, os primeiros dois títulos apontam para a majestade de Deus como o refúgio de Davi. Ele tem seu refúgio no rochedo (o hebraico usa um termo diferente para "rocha", mais adiante no versículo) e constitui uma fortaleza para ele. Associado a esses primeiros dois títulos, o terceiro poderia ser esperado como sendo "um lugar de refúgio", mas as vogais no texto hebraico fazem dele o particípio "meu libertador" (*mephalet*, em vez de *miphlat*). "Rocha" é um título antigo para Deus (Dt 32.4,15,18,31,37), enquanto que "escudo" lembra aquele das palavras de Deus a Abraão (Gn 15.1). "Chifre" é descritivo do poder em batalha (somente aqui constitui um título para Deus); finalmente, "fortaleza" completa a lista, fornecendo uma ênfase adicional ao cuidado protetor de Deus em prol de seu servo.

Deus é digno de louvor (o termo hebraico vem da mesma raiz de "Aleluia"), e Davi expressa sua sólida convicção de que pode invocar a Deus e ele responderá (*v. 3*). Ele sabe (e o que segue neste salmo constitui um testemunho do fato) de que Deus pode salvá-lo de seus inimigos.

2. *Aparição Divina (vs. 4–19)*

A morte chegou bem perto de Davi (*vs. 4,5*). Ele se sentia atado por suas cordas e terrificado por suas torrentes. O texto hebraico diz "torrentes de Belial". "Belial" ocorre, por exemplo, em Deuteronômio 13.13, e provavelmente seja um substantivo abstrato no sentido de "destruição". As cordas do Sheol (NIV, "sepultura") o puxavam para lá, e se sentia enredado pela morte. Davi teria sentido sua vida frente ao perigo ao longo dos anos, e nesta descrição poética ele expressa seus sentimentos em face de constantes situações mortíferas.

Uma oração de fé emana de seus lábios (*v. 6*). Diz ele: "meu Deus" (cf. *v. 2*). Em suas necessidades, ele sabia que tinha de volver-se para o Deus com quem tinha uma longa e viva relação. Deus ouviu de seu "templo", termo que descreve tanto o lugar onde Deus é honrado e adorado, quanto o lugar onde ele se encontra entronizado em majestade (cf. Is 6.1–7). A descrição de seu resgate que segue é dada em termos poéticos como uma teofania (manifestação visível de Deus). Deus veio a ele de uma maneira semelhante à sua vinda ao Sinai de outrora (Êx 19.16–19), ou a Elias em sua visita ali (1Rs 19.11,12). Descrições semelhantes de teofania são dadas em Salmos 68.7,8 e 77.14–20. Os grandes atos salvíficos de Deus são retratados em termos semelhantes pelo salmista e igualmente pelo profeta (Sl 97; Hc 3).

Primeiro, há um terremoto. Deus ouvira o clamor de seu servo e se preparava para deflagrar batalha contra os que o atacavam. Sua ira se despertara e então se prepara a entrar em cena como fizera no Monte Sinai (*vs. 7,8*). A descrição aponta para a poderosa realidade da presença de Deus.

A teofania se move do terremoto para o quadro de nuvens escuras envolvendo a terra (*vs. 9–11*). Deus trouxe nuvens tempestuosas, enquanto ele mesmo voava sobre querubins. Em virtude do paralelismo nos versículos 9 e 11, "querubim" aqui pode ser um termo poético para nuvens. Em meio à tempestade, o Senhor estava ali, controlando todas as forças à sua disposição. Ele vem com majestade para trazer livramento.

A tempestade então estala (*vs. 12–15*). Trovões e relâmpagos saem da presença do Senhor. Entretanto, a luz que emana do Senhor se torna um fogo consumidor contra seus inimigos. As faíscas dos relâmpagos se assemelham às flechas de um guerreiro com que ataca e desbarata os inimigos. A representação da voz do Senhor como sendo trovão é bem comum no Antigo Testamento (cf. Sl 29.3,4; Jl 3.16). O uso do título

divino, “Altíssimo”, no versículo 13, serve para designar quão exaltado ele é sobre todos, inclusive sobre os inimigos. A terra experimenta conturbação quando o resfolegar de Deus sopra como uma tormenta. Mesmo os próprios fundamentos da terra são descobertos quando a tormenta estala sobre ela.

A mão do Senhor ora se estendia para salvar a Davi (*vs. 16–19*). A linguagem figurada descreve um braço divino que se estende para resgatar a Davi do dilúvio esmagador. No fim do versículo 16, a teofania cessa e a descrição então se reverte para uma descrição ordinária. O Senhor o libertou de seu poderoso inimigo. Isto provavelmente seja uma referência a Saul, embora o plural “meus adversários” possa muito bem ter incluído os partidários de Saul. Ao confrontar-se com eles, ele descobriu que o Senhor era seu suporte. No contexto, a palavra hebraica usada (*mish‘an*) pressupõe não só apoio ou firmeza, mas também provisão. Ele descobriu que o Senhor o tirara de sua estreita e confinada situação e o pusera num lugar onde havia muita liberdade. O deleite de Deus em seu servo era porque de fato ele era o servo ungido para reinar. Os versículos seguintes que tratam da integridade de Davi diante do Senhor apontam para sua vida e obediência como sendo também parte da razão por que Deus se deleitava nele.

3. *A Bondade de Deus (vs. 20–30)*

Davi não está reivindicando perfeição impecável (ver os comentários sobre o Sl 17.1), mas está asseverando sua integridade pessoal diante do Senhor (*v. 20*). Ele estava andando em justiça e suas mãos eram limpas. Deus o galardoara em conformidade com seu caráter. Mesmo o rei não estava isento de demonstrar obediência aos mandamentos do Senhor.

Ele não havia se desviado dos caminhos do Senhor, mas guardara seus passos com muita prudência (*vs. 21,22*). Jamais agira como um rebelde, apartando-se de Deus. Os juízos e ordenanças do Senhor estavam constantemente diante dele, como se fossem cartazes afixados diante de seus olhos. Em tempo algum havia se desviado dos mandamentos de Deus nem conscientemente descartara seus requerimentos.

A palavra “irrepreensível” (*v. 23*) não deve ser lida como que significando “impecável”. Ela antes fala da obediência legal de um servo pactual, e reaparece mais adiante neste salmo, nos versículos 25,30 e 32. A referência a *guardar* é um lembrete da vigilância que a Bíblia ensina, a

saber, que os crentes devem manter sua vida em vigilância ("Guardar-se puro", 1Tm 5.22; "guardar-se de ser contaminado pelo mundo", Tg 1.27). O *versículo 24* repete uma vez mais o pensamento do versículo 20. Tal repetição do pensamento inicial de uma seção, em seu final, era um típico artifício poético que chama a atenção para uma idéia ou tema maior.

Os *versículos 25–27* confirmam o que já foi dito do caráter de Deus e seu método de tratar com seus servos. Ao servo pactual fiel (*chasid*), Deus se mostra misericordioso (*chasad*). Para com o homem íntegro, ele age com integridade para com ele. Para com o puro, Deus responde com uma demonstração de sua própria pureza. Outras passagens veterotestamentárias fornecem a doutrina mais completa. Deus trata com Israel em termos de sua aliança, e daí não segundo seus pecados (Sl 103.10; cf. também Sl 143.2).

Depois dessas afirmações acerca do piedoso, uma afirmação é dedicada aos ímpios com uma introdução que a confronta com o que precede ("*mas*, quanto aos altivos …"). Pode parecer impróprio chamar Deus "astuto". O termo hebraico pode ter um significado mais neutro, aproximando-se mais de "inescrutável". Davi está dizendo que Deus tratará com as pessoas que o desdenham segundo seu procedimento pactual, justamente como ele já havia tratado seus inimigos pessoais.

Esta seção do salmo aponta para o modo como Deus trata os homens em conformidade com seu caráter. É somente a graça divina que faz a diferença na atitude de Deus para com o piedoso e o ímpio, e o que, portanto, determina o destino permanente de ambos no juízo final (Ap 22.11).

Uma afirmação sumariada é dada no versículo 27, o qual enfeixa muito do que Davi acabara de dizer. Deus revela seu gracioso caráter em libertar os aflitos, enquanto os orgulhosos e arrogantes são humilhados por ele. "Ele zomba dos escarnecedores, porém dá graça aos humildes" (Pv 3.34), palavras que são citadas por Pedro com instrução adicional: "Humilhem-se, pois, sob a poderosa mão de Deus, para que os soerga no tempo oportuno" (1Pe 5.6). Davi continua a descrever seu livramento em termos de Deus prover-lhe uma lâmpada, e de iluminálo em suas trevas. Uma explicação especial da idéia da lâmpada de Davi é apresentada em 1 Reis 11.36, quando Deus prometeu, pelos lábios do profeta Aías, que Davi sempre teria uma lâmpada em Jerusalém.

Nos *versículos 29 e 30*, Davi volta ao tema do início do salmo, especialmente ao socorro divino para com ele em suas batalhas. Com confiança, ele podia atacar uma tropa inimiga (ou, possivelmente, seguindo a margem da NIV, "percorrer uma barricada"), ou saltar por sobre um muro. Os pensamentos que precederam levam Davi a louvar seu Deus. Ele enaltece os caminhos do Senhor, isto é, suas ações, seu relacionamento com Davi, e os proclama como completos. Juntamente com suas ações, faz-se menção de sua palavra. Ela já foi testada e revelou-se perfeita (o termo vem da metalúrgica), e quase a mesma linguagem é usada para a palavra expressa de Deus no Salmo 119.140. A afirmação final nesta seção é virtualmente um breve sumário do versículo 2. Para todos quantos, como Davi, põem sua confiança no Senhor e descansam nele como seu refúgio, ele prova ser um escudo.

4. *O Caráter de Deus (vs. 31–45)*

Davi, como rei, tinha boa razão para louvar ao Senhor pelo socorro que lhe proveu. Ele faz isso em palavras que o enaltecem como o Deus único e aquele que o abençoou grandemente durante suas campanhas militares (*vs. 31,32*). As perguntas retóricas são um importante meio de enfatizar que não havia outro Deus além do Senhor (cf. modo como Isaías em particular usa linguagem e estilo semelhantes nos capítulos 40 e seguintes). A linguagem concernente a Deus como uma "rocha" já foi usada por Davi no versículo 2, em dependência de Deuteronômio 32. Esta é uma das muitas alusões a Deuteronômio em todo este cântico. A palavra para Deus (*'eloah*) é um termo relativamente incomum, mas parece ser empregado para dar variação no uso dos nomes divinos. Deus de fato fortalecera Davi para suas batalhas, e fez seu caminho perfeito. Esta última expressão significaria que Deus assistira a Davi de tal modo, que sua vida veio a ser para o bem, e especialmente que sua realeza foi um cumprimento dos propósitos divinos.

Como uma corça veloz e hábil, ele era capaz de escapar de seus inimigos e se pôr nas alturas, isto é, nas fortalezas montanhosas que ele capturava (*vs. 33,34*). Quase a mesma expressão aparece na conclusão do Livro de Habacuque (3.19). Deus deu a Davi a força física de que necessitava para enfrentar as batalhas. Esta linha do versículo 34 é usada novamente no Salmo 144.1. Tão forte era Davi, que podia inclusive usar um arco que requeria consideravelmente além da força normal.

Davi reconhece que não fora sua própria força que lhe dera vitórias (*vs. 35,36*). Deus prouvera para ele um escudo e sustentava constantemente seu servo. A última parte do versículo 35 é uma notável expressão antropomórfica, pois Davi diz que a condescendência divina o tornara grande. Deus se condescendera de Davi, tirando o humilde menino pastor e fazendo dele um rei. Todos os misericordiosos atos de Deus para com seus filhos, e expressões de sua condescendência, alcançaram sua mais plena expressão na vinda de Jesus em carne humana. A vereda de Davi fora aplanada e ampliada diante de si, de modo que se tornou capaz de avançar sem impedimento, e também sem sofrer nenhuma injúria.

Num salmo de ação de graças por suas vitórias, Davi agora detalha alguns dos eventos que as circundam (*vs. 37,38*). Ele perseguira seus inimigos e só regressou depois de ver sua missão completada. Seus exércitos tinham ferido os inimigos de tal sorte que foram incapazes de soerguer-se, e assim se puseram em sujeição sob seus pés.

Uma vez mais, Davi reconhece que suas vitórias não procederam de sua própria força ou de seu exército (*vs. 39,40*). Foi o Senhor quem o cingira para a guerra (ver *v. 32* para o primeiro uso da mesma expressão), seus oponentes foram obrigados a prostrar-se diante dele. A palavra usada para seus "adversários" pode significar oponentes em geral, ainda que podia também designar súditos rebeldes. O versículo 40 contém uma expressão idiomática hebraica que não é introduzida na versão NIV. O significado é que Deus deu os inimigos em suas mãos, de modo que ele pudesse pôr seu pé em seus pescoços. Este era o sinal de vitória no antigo Oriente Próximo. A tradução da Versão Autorizada é correta: "Também me deste o pescoço de meus inimigos." Uma ilustração da prática é fornecida pela ação de Josué em relação aos reis de Jerusalém, Hebrom, Jarmute, Láquis e Eglom (Js 10.22–24).

Em sua aflição, os inimigos de Davi oraram ao Senhor (*vs. 41,42*). O fato de orarem ao Deus de Israel não significa necessariamente que os inimigos eram pessoas da comunidade de Israel. Em tempos de crise, os pagãos podiam usar o nome do Senhor em oração (ver Jn 1.14). Não houve resposta da parte do Senhor, e Davi continuou seu ataque até que foram destruídos.

As vitórias de Davi não foram somente na esfera interna de Israel, mas também na esfera externa (*vs. 43–45*). Ele subjugou as nações adjacentes e assim tornou-se sua cabeça. Isto significa que ele era soberano sobre elas,

daí o dito de que se sujeitaram a ele, isto é, tornaram-se seus servos. Não fica claro se os estrangeiros, nos versículos 44 e 45, são aqueles subjugados por mais vitórias estrangeiras ou aqueles já vencidos. Provavelmente, a primeira alternativa é a correta. Reis como Toú de Hamate ouviram das vitórias de Davi e imediatamente fizeram paz com ele (2Sm 8.9,10). Os relatos das batalhas de Davi foram suficientes para forçá-los a sair tremendo de suas fortalezas.

5. *Doxologia de Davi ao Senhor (vs. 46–50)*

Tendo revisto suas vitórias passadas, Davi agora canta triunfantemente: "O SENHOR vive!" (*v. 46*). Isso era muito evidente à luz de sua experiência pregressa, pois o Senhor não só vive, mas revela isso a seu próprio povo crente. Visto ser isto uma afirmação, provavelmente seja melhor tomar as palavras seguintes como também uma afirmação: "Minha rocha é digna de ser louvada!". De igual modo, a terceira frase: "Deus, meu Salvador, é exaltado!". Todas as três afirmações procedem da própria experiência que Davi tinha do Senhor.

Vingança é algo que pertence ao Senhor (Dt 32.35), e deve-se dar lugar à ira de Deus (Rm 12.19). Aqui Davi reconhece que Deus de fato o vingara, e que ele trouxera as nações estrangeiras sob sua soberania (*vs. 47,48*). Deus era seu Salvador que também o exaltara sobre todos os seus inimigos.

Presumindo que tais nações estrangeiras foram postas sob sua autoridade, Davi diz que louvará o Senhor entre esses gentios (*v. 49*). Ele quer fazer proclamação pública do que o Senhor fizera por ele. Citações de Deuteronômio 32.43, Salmo 117.1 e Isaías 11.10 são usadas, juntamente com este versículo, em Romanos 15.9–12 para mostrar que a participação dos gentios nas bênçãos evangélicas foi antecipada no Antigo Testamento.

O versículo final do salmo muda da primeira pessoa ("Eu") para a terceira pessoa ("seu ungido", "Davi"). Isto poderia ser uma adição posterior feita por outro poeta inspirado, ou que Davi se referiu a si mesmo dessa forma.

Duas coisas são afirmadas acerca do Senhor. Primeiro, que ele deu e ainda continuava dando grandes vitórias a Davi. Este pode ser outro indicador para o fato de que o salmo foi composto muito antes de surgir sua posição em 2 Samuel. Segundo, o Senhor mostra misericórdia pactual

a seu ungido. Não pode haver dúvida de que "seu ungido" é definido pela palavra "Davi" que segue. Davi era o rei ungido a quem grandes promessas foram feitas concernentes à sua semente (Lc 1.30–33; Rm 1.2–4). Davi, em suas variadas experiências expressas neste cântico de ação graças, é um indicador de Jesus que exibe o título "Cristo", "o ungido".

SALMO 19

Para o diretor de música. Salmo de Davi.

Deus se manifestou claramente. Seu grande poder é contemplado no mundo criado que nos cerca. Mas a revelação que procede dessa exibição de seu poder não consiste em palavras. Para a revelação em palavras, temos que volver-nos para as Escrituras, que são de fato a Palavra de Deus. Ambas as formas de revelação são celebradas neste décimo nono salmo, ainda que o foco esteja mais nas maravilhas e belezas da Palavra de Deus.

1. *A Glória de Deus na Natureza (vs. 1–6)*

A sentença inicial, maravilhosamente balançada, mantém o tema na primeira seção. A primeira parte do versículo tem como sujeito ("os céus"), o verbo ("declarar") e o objeto ("a glória"). Então, em típico hebraico poético, ele tem expressões paralelas na segunda metade com a palavra em ordem inversa (objeto, verbo, sujeito). O mundo criado declara de uma maneira contínua a glória de Deus. Seu testemunho nunca se finda. Noite após noite, a majestade das estrelas é uma testemunha do Criador. O segundo versículo dá seguimento às mesmas idéias e faz isso com arte poética semelhante. Dia após dia, a mensagem da criação efervesce. A criação não pode conter-se em si mesma, mas dia e noite proclama a glória de Deus.

Em parte alguma no mundo esta mensagem é isolada, pois ela penetra todos os recantos (*vs. 3,4a*). A voz da criação é uma mensageira universal. A voz (ou chamado) dos céus e terra tem alcançado as partes mais remotas. Esta é uma proclamação ou convocação de Deus à humanidade. Não obstante, esta é uma mensagem muda, pois ela nada pode dizer sobre a graça de Deus ou o caminho de acesso que ele providenciou a seu trono.

O quadro é ampliado com uma descrição do céu como a tenda que Deus providenciou para o sol (*vs. 4b–6*). Justamente como o noivo que sai de

sob seu dossel, ou o atleta viril que avança em sua corrida, assim o sol sai a percorrer seu curso diário. Ele tem um circuito diário a cobrir, e do ponto de vista de nossa observação ele vai de um a outro extremo dos céus. Seu calor penetra todos os rincões. A descrição do sol é obviamente baseada na experiência do Oriente Médio.

Quantos recebem a mensagem da criação? Paulo de fato diz: "Muito pouco." Pois embora os homens "conhecessem a Deus, não o glorificaram como Deus nem lhe deram graças, mas seus pensamentos se tornaram fúteis e seus corações insensatos foram entenebrecidos" (Rm 1.21). Somente o crente é que pode realmente ver na criação a mão de Deus, e lhe rende seus louvores pelas maravilhas de suas obras.

2. *A Glória de Deus em Sua Palavra (vs. 7–10)*

A última sentença no versículo 6 serve de ponte entre a primeira e segunda parte do salmo. Justamente como a luz do sol revela tudo, assim a Palavra de Deus perscruta nosso coração. Ela é "mais cortante que qualquer espada de dois gumes, e penetra até o ponto de dividir alma e espírito, juntas e medula, e julga os pensamentos e atitudes do coração" (Hb 4.12).

Há várias coisas notáveis sobre os versículos 7–9.

Primeiro, em vez da palavra Deus (*'el*) usada quando se fala da criação, o salmista agora usa o nome pactual SENHOR (*yhwh*), quando fala da Escritura.

Segundo, ele usa seis expressões paralelas para descrever as Escrituras (lei, estatutos, preceitos, mandamentos, temor e ordenanças). Embora cada nome acrescente algo mais à descrição, juntos formam um quadro multifacetado da palavra de Deus.

Terceiro, temos uma lista equilibrada de seis atributos (perfeição, fidedignidade, retidão, limpidez, pureza e genuinidade).

Quarto, cada título acompanhante é uma frase descritiva afirmando o que a Escritura faz (revigora a alma, torna sábios os simples, alegra o coração, ilumina os olhos, dura para sempre, totalmente justos).

A descrição começa no versículo 7 com a revelação do Senhor sendo denominada lei perfeita. Isto é, ela era a instrução divina (o termo hebraico usado aqui provém de um verbo que significa ensinar ou instruir) que traz refrigério na fraqueza e desespero.

De igual modo, os estatutos do Senhor são fidedignos, e trazem sabedoria aos que não a possuem. O salmista não está indicando uma classe especial de pessoas, pois certamente ele inclui todos na descrição dos "simples" (cf. palavras de nosso Senhor em Mt 11.25).

No versículo 8, ele passa a falar dos preceitos justos que são uma fonte de alegria e satisfação. De outro ângulo, são mandamentos sinceros que iluminam os olhos.

Ao falar do temor do Senhor, no versículo 9, ele não está falando da experiência interior do crente. Quando está em paralelo com outros termos relativos à Escritura, deve significar a "lei", que tinha como um de seus propósitos conduzir os homens ao temor do Senhor (cf. Dt 4.10). Além disso, este "temor" está em perpetuidade como a manifestação permanente de Deus.

A afirmação final e que conclui o versículo 9 sumaria o caráter da lei – é plenamente justa, visto que procede do próprio Deus justo.

Esta seção se conclui com a certeza de quão preciosa e doce é a Palavra de Deus (*v. 10*). Ela é muito mais valiosa que o ouro purificado; é muito mais doce que o mel. Para os habitantes do mundo antigo, que não possuíam açúcar em abundância, não havia nada mais doce do que o mel. Expressões semelhantes sobre a lei de Deus se encontram no Salmo 119 (ouro, *vs. 72 e 127*; mel, v. 103).

3. *A Resposta da Palavra de Deus (vs. 11–14)*

Agora vem a reflexão sobre o que se tem dito sobre as palavras preciosas de Deus (*vs. 11,12*). Elas trouxeram significação (ou, talvez melhor, "iluminação") a Davi, como continuam fazendo conosco hoje, e há grande bênção em andar nas veredas dos mandamentos de Deus. Davi sabia que não havia obediência completa e perfeita à lei de Deus, e por isso ele roga em conformidade com seus "erros". O termo hebraico que ele usa aqui (*shegiot*) se relaciona com o termo usado para os pecados pelos quais tinha que buscar-se expiação (*shegagah*, Lv 4.1ss.; 4.13ss.; 4.22ss.). Sua súplica é por perdão mesmo pelos pecados de inadvertência. Tem de haver sensibilidade de coração diante do Senhor, de modo a podermos orar esta oração com Davi. A verdadeira resposta à sua verdade é buscar purificação mesmo das faltas não óbvias a nossos olhos.

O perigo do pecado estava presente com Davi (*v. 13*). Daí ele pedir preservação dos pecados de presunção e disposição, os quais têm a

tendência de dominar as pessoas. Tais pecados são como um animal selvagem que quer apanhar sua presa; como Caim que descobriu seu preço (Gn 4.7). Eles se assenhoreiam de uma pessoa e a faz sua escrava (Jo 8.34). Se fosse guardado de tais pecados, Davi seria devotado em seu compromisso com o Senhor e não culpado de "grande transgressão". Em outras partes do Antigo Testamento, esta frase comumente se refere ao adultério (ver Gn 39.9), mas aqui ela provavelmente signifique pecado em geral.

O salmo se abre com a idéia de os céus falando. Ele termina com o salmista rogando que *suas* palavras fossem agradáveis ao Senhor (*v. 14*). Ele está se referindo às palavras deste cântico em particular, e reconhece que é sua linguagem e meditação que ele deseja que sejam aceitáveis à sua Rocha e Redentor. O salmo que começou com a nota de glória de toda a criação divina, termina com a nota de uma relação pessoal com o Salvador.

SALMO 20

Para o diretor de música. Salmo de Davi.

Antes das batalhas, era costumeiro em Israel e Judá orar ao Senhor e buscar uma resposta da parte dele. Assim, Josafá orou antes da batalha com Moabe e Amom, um levita respondeu e então todo o povo adorou (2Cr 20.5–19). Tudo indica que o Salmo 20 é oriundo de uma situação semelhante, e teria se destinado como um canto a ser entoado antes de uma batalha. A primeira parte era entoada por todo o povo depois que o rei tivesse oferecido sacrifícios. Sua expectativa era regozijar-se em sua vitória (*v. 5*), e então um indivíduo (provavelmente um levita) faz uma declaração, e finalmente toda a congregação responde com louvor.

1. *Oração Antes da Batalha (vs. 1–5)*

O salmo começa e termina com palavras semelhantes (mais aproximadas em hebraico do que a versão NIV sugere). "Responde no dia de …" é evidentemente um termo-chave no salmo. O apelo é ao Senhor; ou, como ele é também descrito, "o Deus de Jacó". Este termo ocorre uma vez mais numa forma abreviada no Salmo 24.6, e é comum em outros lugares no Saltério (46.7,11; 75.9; 76.6; 81.1; 84.8; cf. também o termo em Isaías: "O poderoso de Jacó", 49.26; 60.16). "O nome" do Senhor é

evidentemente Deus mesmo (cf. Is 30.27) por meio de quem os inimigos eram vencidos (Sl 44.5).

A data da composição certamente foi depois que a arca foi conduzida a Jerusalém e do estabelecimento do santuário no Monte Sião (*v. 2*). O versículo seguinte, com referência a sacrifícios, mostra que é o santuário terreno, e não o celestial, que está em pauta. Sua súplica é que quando partissem para a batalha, fossem com o auxílio do Senhor e seu poder sustentador.

Os sacrifícios (*v. 3*) poderiam ser todos aqueles do passado, mas provavelmente o que está em pauta sejam aqueles oferecidos na ocasião particular de sair à batalha (cf. 1Sm 7.9; 13.9). A primeira palavra para sacrifício é um termo geral que cobre muitos tipos, enquanto o segundo é a oferta queimada na qual tudo era consumido como um símbolo de dedicação a Deus.

O que está em pauta é que os planos do rei para a batalha viriam à sua concretização (*v. 4*). O desejo de seu coração, e seu conselho, significavam que ele venceria o inimigo, e por isso o povo ora: "Que Deus o conceda!".

A cena agora se move para o futuro quando os presentes em oração estivessem entre os que se regozijam na vitória (*v. 5*). Cânticos de regozijo seriam ouvidos enquanto o povo celebrava a salvação ou vitória de Deus. Eles hasteariam ou agitariam bandeiras, possivelmente as bandeiras tribais sob as quais acampavam quando no deserto na jornada rumo a Canaã (Nm 1.52). A sentença final do versículo reitera a idéia do versículo 4, descrevendo a realização completa dos pedidos do rei.

2. *Declaração Divina de Vitória (v. 6)*

O "agora" introdutório é importante, sendo ele um advérbio que amiúde indica uma mudança na narrativa e, especialmente nos livros proféticos, introduz atividades iminentes do Senhor, ou em abençoar ou em amaldiçoar (ver, para um bom exemplo, Is 43.1). Aqui, ele precede a declaração de que o Senhor salva seu ungido. O livramento é ainda futuro, porém dá-se a certeza de que o Senhor ouve e responde ao clamor do rei. Ele faz isso de seu santo trono nas alturas. Sua "mão direita" descreve, em termos antropomórficos, o poder e capacidade de Deus em livrar.

3. *Cântico de Ação de Graças (vs. 7–9)*

Sem a devida confiança no Senhor, o uso de cavalos e carros era sem qualquer efeito (*v. 7*). Havia uma constante tentação de o povo de Deus confiar na força ou agências humanas para trazer livramento. Inclusive Moisés teve que aprender a lição neste aspecto (ver Êx 2.11–14, e o comentário de Estêvão, At 7.23–29). Não podia haver qualquer confiança em honra, carros, arcos ou espadas (Sl 44.5–7), mas somente no Senhor mesmo (ver o uso de "nome" já nos *vs. 1 e 5*) que era o seu Deus.

O resultado da batalha, se o Senhor estivesse a seu lado, consistia em que seus inimigos seriam humilhados e cairiam (*v. 8*). O termo "cair" às vezes ocorre em contextos militares como aqui, e denota cair para morte (ver o relato da morte de Sísera em Jz 5.27: "A seus pés ele se curvou, caiu e ali ficou prostrado. A seus pés ele se curvou e caiu; onde caiu, ali ficou, morto"). Em contraste com os israelitas, eles se ergueriam e ficariam em pé.

Uma vez mais, toda a congregação se une para cantar, quando repetem a intercessão inicial (*v. 9*). Seu desejo é que Deus revele seu poder no livramento do rei em batalha. Este clamor do povo serve de base para a expressão inglesa de lealdade ao soberano: "Deus salva o rei/rainha!". O uso neotestamentário de *Hosana* particulariza este clamor, e faz isso na forma do uso que faz do Salmo 118.25. O salmo, que começou com o clamor na forma de "resposta", termina com a nota de súplica.

SALMO 21

Para o diretor de música. Salmo de Davi.

Este salmo é estreitamente conectado, em seu tema, com o precedente. É um cântico que recorda vitórias passadas que o Senhor propiciara, e que expressa a confiança de que ele fará a mesma coisa ainda uma vez em prol de seu povo. É também um salmo com fortes matizes pactuais. Isto é visto ainda melhor no versículo 7. Da parte do Senhor, ele demonstra seu compromisso pactual (*chesed*) com seu povo; da parte do povo (representado pelo rei), eles respondem em confiança (*batach*). No tocante ao primeiro, nunca houve alteração; porém vezes e mais vezes o povo tinha que ser desafiado em relação ao seu comprometimento com o Senhor. No coração do salmo se encontra esta afirmação da fé pactual, e isto é confirmado pela bênção nos versículos 2 a 7 e pela proteção divina prometida nos versículos 8 a 13.

1. *Regozijo nas Vitórias do Senhor (vs. 1–7)*

O povo se une num cântico de louvor ao Senhor em virtude da assistência que ele proveu para o rei (*v. 1*). A força do Senhor tem se manifestado nas batalhas do passado. No final do salmo, faz-se referência outra vez a este aspecto (*v. 13*). Muito da história de Israel e Judá foi determinado por batalhas, quando o povo estendeu ou diligenciou a manutenção de suas fronteiras. Todas essas vitórias eram do Senhor, e o rei e o povo, juntos, se regozijavam nelas.

Em Israel era costumeiro fazer oração antes da batalha (*vs. 1–4* no salmo anterior). Agora o povo reconhece que, quando o rei orava, Deus tinha que lhe responder (*v. 2*). Em tempo de necessidade, o Senhor não recusava ouvir os rogos que o rei fazia.

As bênçãos da realeza são descritas, usando a coroa como um símbolo de todas as boas coisas que o Senhor propiciava ao rei (*vs. 3,4*). Esta é apenas uma figura poética para sumariar as muitas dádivas que Deus concedera aos reis davídicos. Com respeito ao versículo 4, podemos perguntar: "Quando se fazia o pedido, e quando se recebia a resposta?". Mais provavelmente, antes de entrar em batalha o rei pedia que sua vida fosse poupada. Quando voltava, após a batalha, ele sabia que Deus prolongara sua vida em conformidade com sua oração. A expressão "vida longa e duradoura" não significa vida eterna. A expressão é usada inclusive por reis pagãos (Ne 2.3; Dn 2.4), e aqui significa vida prolongada para o futuro previsível, ou, possivelmente, a continuação da linhagem davídica.

Após as vitórias que Deus propiciava, o rei recebia não só vida, mas "esplendor e majestade" (*vs. 5,6*). Estes são atributos da pessoa de Deus, mas o rei refletia tais característicos quando ocupava o ofício divinamente designado. Como no versículo 4, o pensamento não consiste na bênção de vida eterna, mas nas bênçãos estáveis ou duradouras. Ainda que não seja expressamente declarado, o pensamento por trás da expressão é que o rei era um mediador das bênçãos divinas a outros.

O versículo 7 é o versículo-chave do salmo, e aquele que relaciona os versículos 1 a 6 com os versículos 8 a 13. Ele está na terceira pessoa, não na segundo como no restante do salmo. O amor pactual demonstrado pelo Altíssimo é o fundamento de toda a relação. A resposta do povo tinha de ser a de confiança no Senhor.

2. *Confiança nas Vitórias Futuras do Senhor (vs. 8–12)*

Agora o foco se desvia para o futuro e para os livramentos que o Senhor proverá. É o rei que está sendo abordado. Justamente como os versículos 2 a 7 descreveram as *bênçãos* de Deus outorgadas ao rei, assim agora os versículos 8 a 12 remontam às *maldições* com as quais o rei castiga seus inimigos. Quando o rei aparecer (usando linguagem que amiúde é usada para Deus mesmo), ele destruirá seus inimigos com o auxílio do Senhor (*vs. 8,9*). Justamente como o conteúdo de uma fornalha ardente é destruído, assim os inimigos perecerão.

A destruição dos inimigos seria tão completa, que não deixariam descendentes atrás de si (*v. 10*). Esta era uma maldição amiúde expressa no antigo Oriente Próximo (cf. Jr 22.30 em referência ao rei Jeoiaquim). Por mais que engendrassem planos, não seriam bem-sucedidos, pois o rei está em seu encalço, de modo que suas costas lhe estão expostas (*vs. 11,12*).

3. *Oração da Congregação (v. 13)*

O salmo termina com uma oração rogando a Deus que revele sua força e majestade. Há matizes militares aqui para manter o tema do salmo (cf. Nm 10.35). A súplica para que Deus seja exaltado constitui um eco do que vem mais adiante no Saltério (ver 57.5,11). A força do Senhor deve ser o sujeito do louvor entoado pelo povo como um todo (“nós”), assim como os versículos 2 a 7 constituem o louvor em relação às vitórias passadas.

SALMO 22

Para o diretor de música. Para a melodia de “A Corça da Manhã”. Salmo de Davi.

Este é um salmo inestimável, e de várias maneiras o supremo exemplo no Saltério de um apelo por socorro. Em conformidade com o título, ele constitui um clamor de Davi dirigido ao Senhor, e há aspectos no salmo que revelam estar ele relacionado com incidentes da vida de Davi (ver *v. 2*, o que mostra que o apelo representou um considerável período de tempo). Ele invoca a Deus em quem “nossos pais puseram sua confiança” (*v. 4*), o que parece ser uma referência aos primeiros pais da nação, ou, possivelmente, mesmo aos patriarcas, Abraão, Isaque e Jacó. Calvino

afirma ser possível que Davi esteja sumariando aqui vários incidentes de sofrimento e perseguição em sua vida.

Há fortes relações entre este salmo e os escritos de Jeremias (cf. 6b com Jr 49.15; 7a com Jr 20.7b; 7b com Lm 2.15 e Jr 18.16; 9 e 10 com Jr 1.5; 15.10; 20.14,17,18). No entanto, o fato de ser ele citado treze vezes no Novo Testamento, e nove vezes só no relato do sofrimento e morte de Jesus, aponta para o significado mais completo compreendido só na aflição messiânica de nosso Senhor. Isto explica por que nas igrejas ao norte da África, nos dias de Agostinho (ca. de 354–430), este salmo era entoado na celebração pascal da Ceia do Senhor. De modo semelhante, este salmo é também tradicionalmente associado com os cultos comuns nas igrejas escocesas desde a Reforma.

1. *Invocação e Clamor por Socorro (vs. 1,2)*

O salmo começa com um clamor de desespero: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (*v. 1a*). A expressão máxima de desolação é usada por Jesus nestes termos na cruz (Mt 27.46; as palavras citadas, *Eloí, Eloí, lamá sabactâni*, constituem o equivalente aramaico das palavras hebraicas aqui no v. 1). A idéia de ser desamparado por Deus ocorre várias vezes no Antigo Testamento, especialmente em passagens nas quais Deus acusa seu povo de pecar contra ele (Jz 10.13; 1Sm 8.8; 1Rs 11.33; 2Rs 22.17). Nem aqui, nem no Salmo 44, um lamento comunitário de ser desamparado por Deus, há qualquer sugestão de pecado por parte dos oradores.

Mesmo quando o orador invoque a Deus, "Deus *meu*", contudo sente que a salvação está longe demais dele (*vs. 1b, 2*). As palavras de seu gemido são dirigidas a Deus, dia e noite, e no entanto tudo indica que nenhuma resposta virá. O senso de abandono domina o salmista, e o silêncio de Deus o perturba. A palavra "longe" é reiterada nos versículos 11 e 19, o que ajuda a manter por todo o salmo o senso de isolamento.

2. *A Base da Fé (vs. 3–5)*

O *versículo 3* pode ser traduzido como está na NIV ("Tu estás entronizado como o Santo; tu és o louvor de Israel"). Ou, podemos seguir as versões antigas (LXX, Vulgata) e traduzir: "Tu és o Santo entronizado nos louvores de Israel." Seja qual for a opção adotada, a idéia que se

apresenta é que Deus é o objeto do louvor de Israel, e a explicação disto é que seus antepassados depositaram sua confiança nele. O verbo "confiar" é usado três vezes (*batach*), e esta é uma das grandes palavras veterotestamentárias para "fé". Todos quantos confiam ou buscam refúgio no SENHOR jamais se sentirão envergonhados, porque ele os salvará (cf. Sl 71.1).

3. *Lamento (vs. 6–8)*

O salmista agora lamenta sua condição, que mal lhe sobrou algo de homem (*v. 6*). Há muitas similaridades aqui com a linguagem de Isaías, que denomina Israel de "verme" (Is 41.14), e que afirma do Servo do Senhor que ficou tão desfigurado que as pessoas mal podiam reconhecê-lo como homem (Is 52.14; 53.2,3).

Todos quantos contemplam o sofrimento do salmista se deleitam nele (*v. 7*). Meneiam suas cabeças, não em compaixão, mas de alegria por haver ele chegado a tal condição, e lançam-lhe em rosto seus vitupérios. O que lhe dizem resume-se nisto: "Ele confia em (heb., *gol*, que é um imperativo: lit. *passa*) o SENHOR; que então o SENHOR o livre. Que o SENHOR o liberte, já que se deleita nele" (*v. 8*). Naturalmente, isso é dito como gracejo, sem que se nutra qualquer expectativa de que Deus intervenha e salve a seu servo. Mais adiante no salmo, porém, vemos que a oração do salmista foi deveras atendida, pois Deus não virou seu rosto nem se recusou a ouvi-lo (*v. 24*).

4. *Apelo Confiante (vs. 9–11)*

Todos os cânticos de apelo têm como característico uma expressão de confiança no Senhor e de compromisso com ele. E chega aqui nas palavras: "Contudo, tu mesmo me tiraste do ventre; deste-me segurança junto ao seio de minha mãe. Desde que nasci fui entregue a ti; desde o ventre materno és *o* meu Deus. Não fiques longe de mim, pois a angústia está perto e não há ninguém que me socorra." As palavras dos zombadores são agora revertidas contra eles, quando o salmista diz que desde a infância viveu confiante no Senhor. O mesmo verbo para "confiar" é usado como já apareceu nos versículos 4 e 5. O Deus em quem ele confia diz ser "meu Deus", ecoando o apelo a Deus no versículo 1. A súplica "não fiques longe

de mim" também ecoa o versículo 1, quando suplica que Deus reverta a presente e aparente separação entre eles.

5. *Outro Lamento (vs. 12–18)*

A imagem nestes versículos é dramática, pois são usadas várias metáforas para descrever graficamente as provações que enfrentava (*vs. 12–16a*). Tais metáforas são parte da poesia bíblica, pois servem para envolver a mente e incitar as emoções (ver Introdução, p. 12). Podemos sentir com o salmista quando ele descreve seus inimigos como touros, leões e cães, enquanto pessoalmente seu coração é de cera, sua força é tão seca como caco de barro, a língua apegou-se ao paladar e sente como se estivesse na sepultura.

"Traspassaram minhas mãos e meus pés" (*v. 16b*). Esta parte do versículo 16 há muito tem causado dificuldade aos comentaristas, visto que o texto hebraico não parece fazer bom sentido. Literalmente, lê-se: "como um leão, minhas mãos e meus pés." Todos os tradutores antigos para o grego, latim, siríaco e árabe acharam este versículo um problema, e em vez de "como leão" todos inseriram um verbo: "traspassaram" ou "prenderam" ou "envergonharam". A menos que proponhamos alguma mudança textual e leiamos mais ou menos assim: "Minhas mãos e pés estão exaustos", continuaremos a enfrentar o problema. Se for assim, então a palavra normalmente traduzida "leão" pode muito bem ser um verbo: "prender". Daí, a tradução seria "prenderam minhas mãos e pés". A outra única alternativa seria subentender um verbo, ou seja: "como um leão [machucam] minhas mãos e pés." O Novo Testamento cita o Salmo 22 com bastante freqüência, contudo nem sequer uma vez este versículo se refere à crucifixão.

O ato final de indignidade é que o sofredor, que pode contar todos os seus ossos, os quais se acham desconjuntados (ver v. 14a), se torna alvo de riso de seus perseguidores, os quais o despem de suas roupas (*vs. 17,18*).

6. *Apelo Adicional (vs. 19–21)*

Uma vez mais, o salmista clama a seu Deus, começando com a mesma linguagem do final de seu apelo anterior no versículo 11: "Tu, porém, ó SENHOR, não estás longe; ó minha força, vem depressa socorrer-me" (*v.*

19). Tem havido uma progressão no salmo com respeito a esta idéia de Deus estar longe. Primeiro, há o reconhecimento deste fato (*v. 1*); então, o apelo para que ele se aproxime, pois não havia ninguém para ajudá-lo (*v. 11*); e, finalmente, com uma ênfase adicional ("Tu, porém" é enfático), um apelo de caráter urgente para que Deus venha depressa.

Os inimigos são uma vez mais descritos como animais selvagens ("cães", "leões", "boi selvagem"), culminando em sua espera pela morte (*vs. 20,21*). Agora, porém, ele sabe com certeza que Deus o ouviu (seguindo a margem da NIV), e isto conduz aos cânticos finais de gratidão que concluem o salmo.

7. *Dois Cânticos de Gratidão (vs. 22–26,27–31)*

Que contraste entre o começo e o término do salmo! Agora que Deus já ouviu, ele deseja proclamar seu caráter ("nome" amiúde tem esta conotação no hebraico) aos seus companheiros israelitas (*vs. 22–24*). A razão para este louvor é que Deus se lembrou de seu aflito, e respondeu seu clamor por socorro. As expressões sinônimas para o povo de Deus são importantes: "meus irmãos", "a congregação", "vocês que temem ao Senhor", "todos vocês descendentes de Jacó/Israel". Ele ainda adota um espírito missionário, ao encorajar outros a honrarem e adorarem ao Senhor. O livramento vindo do Senhor é a motivação maior e mais básica para o serviço missionário. Davi aqui se refere a si na terceira pessoa, chamando-se "o aflito", a fim de introduzir o foco mais agudo da misericórdia divina demonstrada a ele. Outros humanos desviariam seus rostos do aflito; Deus, porém, que não é homem, já ouviu e ouve seu clamor. As palavras do versículo 22 são usadas em Hebreus 2.12 em referência a Jesus que não se envergonha de denominar os crentes "meus irmãos". Além do mais, o salmista se une a outros sofredores quando se juntam para louvar ao Senhor.

Ele reconhece que é tão-somente do Senhor que vem a razão de seu louvor; e é tudo o que ele está fazendo (*vs. 25,26*). Como nos versículos 22 e 23, depois de seu livramento efetuado pelo Senhor, ele entoa seu louvor no santuário na presença de outros tementes a Deus. Ele também traz uma oferenda de ação de graças que havia votado durante sua tribulação (Lv 7.16), e em conformidade com o costume em referência aos dízimos (Dt 14.28,29; 26.12) e à colheita (Dt 16.11), as viúvas, os órfãos e os pobres da comunidade partilhavam da refeição. É possível que a frase

final do versículo 26 fosse uma expressão costumeira usada nos momentos de refeição, pedindo que a provisão divina viesse a ser sempre a porção dos que estivessem presentes naquele momento.

Davi, no final deste salmo, estende sua visão e profetiza que todas as nações, e inclusive as crianças ainda não nascidas, se juntarão em louvor ao Senhor (*vs. 27–29*). No contexto, o significado primário é que mesmo as nações mais remotas ouvirão acerca do livramento de Davi e se volverão ao Senhor em arrependimento. As nações gentílicas virão e se curvarão em sujeição àquele que tem todo o domínio e autoridade (cf. Sl 72.8–11; 96.10–13). Estas palavras são parte da visão missionária do Antigo Testamento, quando os profetas e salmistas cantam o reino de Deus estendendo-se aos crentes gentílicos incorporados. O pensamento do versículo 29 é que os ricos e pobres, igualmente, se unem em culto ao Senhor. Naquele dia não haverá separação de ricos e pobres, pois os ricos e os que são tão pobres que se acham com um pé na sepultura, ambos se curvarão em submissão ao seu Salvador.

No seio de Israel, gerações vindouras servirão ao Senhor, pois a geração após geração se contará dos maravilhosos feitos do Senhor (*vs. 30,31*). Os que ainda não nasceram, em seus dias ouvirão falar da justiça do Senhor (cf. Sl 78.1–7). Neste contexto, "justiça" contém a idéia de "salvação", "livramento". As palavras finais do salmo enfatizam que a salvação é deveras tão-somente do Senhor: "pois ele [o] fez." Nem o sujeito nem o objeto é expresso no texto hebraico, mas as referências precedentes ao modo como o Senhor ouviu o clamor do salmista deixam claro que o que está em vista é o livramento do Senhor. O salmo que começou com uma nota tão dolorosa termina com o tema da alegria universal na redenção divina.

As experiências de Davi quando compôs este salmo não são exclusivamente dele, mas são indicadores dos sofrimentos futuros do Senhor Jesus. Na cruz, nosso Senhor usou tanto suas palavras iniciais ("Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?") quanto também suas palavras finais ("Está consumado"; cf. "pois ele o fez"). Ele é aquele que se identificou conosco em nossos sofrimentos, um ato que o escritor de Hebreus enfatiza em sua exposição da obra de Jesus (2.10–18; 4.15,16; 5.7–10). Ao tornar-se perfeito por meio do sofrimento, ele é capaz de ser misericordioso e fiel sumo sacerdote em prol de seu povo, e inclusive para unir-se a eles na ação de cantar louvores pela salvação divina.

SALMO 23

Salmo de Davi.

É bem provável que nenhum salmo seja mais conhecido ou mais universalmente amado do que este. Em virtude da falta de detalhes, torna-se impossível datar este salmo, ou ligá-lo a qualquer evento específico. Sua natureza geral, contudo, nos ajuda a identificar-nos com ele, vendo-o proclamar as profundezas da relação pessoal entre o Senhor e o crente. Ele está repassado de linguagem pactual, e tem muitas afinidades com descrições da experiência do êxodo. Ele usa a metáfora do pastor para falar de Deus como amoravelmente preocupado com suas ovelhas e a riqueza da provisão que ele faz para elas.

1. *O Divino Pastor (vs. 1–4)*

A natureza pactual do salmo é enfatizada pelo fato de que a palavra inicial é o título pactual distintivo para Deus. O salmista declara que este Senhor é seu próprio pastor. Ele está adequando uma linguagem para si próprio, a qual se aplicava à nação como um todo (ver Sl 79.13; 95.7; 100.3; Is 40.11; Ez 34). Da mesma forma, os crentes em Cristo podem falar em termos pessoais da obra de Cristo (cf. Gl 2.20b: ele "*me* amou e se deu por *mim*"). Justamente como Deus providenciou que aos filhos de Israel nada faltasse após o êxodo, assim também ao crente individualmente nada faltará (cf. Dt 2.7).

A função do pastor com respeito ao rebanho como um todo é agora particularizada por seu cuidado pelas ovelhas individualmente (*vs. 2,3*). Ele conduz às pastagens e às águas, e assim é como se trouxesse nova vida à alma. A primeira parte do versículo 3 define bem mais o que já foi dito no versículo 2. Todas as veredas do Senhor são veredas de justiça, e ele guia ou conduz nessas veredas "por amor de seu nome". O verbo "levar" faz novo eco do uso do mesmo verbo em referência ao êxodo (15.13), enquanto "por amor de seu nome" é também usado em referência à experiência do êxodo (Sl 106.8).

As muitas ravinas na Palestina sugerem a metáfora do versículo 4. Em todas as facetas da vida, inclusive as mais temidas ("o vale da sombra da morte"; ou, alternativamente, "o vale das trevas mais profundas"), a vara

e o cajado do pastor dão conforto e segurança. Se Deus está com os crentes, então por que devam temer? (cf. Rm 8.31–39).

2. *A Provisão Graciosa (vs. 5,6)*

A cena muda de alimento e água destinados a ovelhas, para banquete farto para humanos. Embora seja possível que o salmista esteja pensando nas refeições especiais em momento de sacrifício, contudo é mais provável que esteja pensando em outros momentos de refeição, ou festas especiais. O pastor dispensa generosamente seu cuidado a seus filhos. Ele unge a cabeça e oferece um cálice de forma tão liberal, que este transborda. O óleo era usado em ocasiões festivas e, juntamente com perfumes, simbolizava a alegria (cf. Sl 133.2). Tudo isso se dá em virtude da relação pactual.

O salmista está certo de que as bênçãos da aliança, e o amor inabalável de Deus, o perseguirão até o fim de sua vida. Ele se compromete a regressar constantemente à casa de Deus. O texto hebraico traz "voltarei", enquanto a versão inglesa [e portuguesa] comumente aceita ("habitarei", NIV) segue a LXX. Casa de Deus (o tabernáculo ou mais tarde o templo) seria a constante moradia de seu povo. A frase final no texto hebraico é simplesmente "extensão de dias", que faz paralelos com "todos os dias de minha vida" na primeira parte do versículo. Uma vida longa que experimenta o terno cuidado de Deus envolve o compromisso de estar sempre na casa do Senhor.

SALMO 24

De Davi. Salmo.

À luz da tradição judaica sabemos que este salmo era entoado no templo a cada manhã de sábado, quando se fazia a oferenda de vinho. A evidência da LXX concorda com isto quando adiciona ao título as palavras: "para o sétimo dia da semana." O salmo se abre com uma afirmação da soberania do SENHOR sobre todas as coisas. Ele muda para a descrição do caráter do verdadeiro adorador, e então termina com o tema da Realeza de Deus quando a arca é trazida para Jerusalém. O uso de *Selá* marca as três divisões.

1. *O Senhor da Criação (vs. 1,2)*

As palavras iniciais deste salmo são citadas por Paulo (1Co 10.26) com o intuito de mostrar que todos os alimentos podem ser usados, porque tudo vem do Senhor. O Senhor não é o Deus só de Israel, mas o Deus do mundo inteiro. Este lhe pertence, bem como tudo o que nele vive. Ele é seu, porque ele é seu Criador. A fundação da terra é descrita em termos que lembram outros relatos da criação constantes no antigo Oriente Próximo. Outras passagens veterotestamentárias usam linguagem semelhante (Sl 104.5,6; 136.6; Jó 38.4ss.).

2. *O Caráter do Verdadeiro Adorador (vs. 3–6)*

As indagações constantes no versículo 3 se assemelham muito com as constantes no Salmo 15.1. É bem possível que fossem formuladas enquanto a arca era trazida para Jerusalém; mas, evidentemente, têm uma conotação mais ampla. O salmista está inquirindo sobre o caráter do adorador que se aproxima da habitação de Deus e se posta ali. A resposta especifica quatro características.

Pureza de ação e pureza de desejo são ambas requeridas (*v. 4*), as quais Jesus mais tarde usou quando disse: "Bem-aventurados são os puros de coração, porque verão a Deus" (Mt 5.8). De modo semelhante, não pode haver compromisso com a idolatria. O termo hebraico traduzido por "ídolo" é simplesmente "vaidade"; este termo, porém, é aplicado no Antigo Testamento aos deuses falsos. A frase, evidentemente, se refere a um israelita que não está vivendo uma vida de obediência ao Senhor. A característica final descreve uma vida de falsidade, ao salientar uma forma especial que ela assume – falso juramento.

3. *O Triunfo do Rei da Glória (vs. 7–10)*

Este salmo ou data da ocasião em que a arca foi trazida para Jerusalém (ver 2Sm 6), ou do retorno da arca depois de uma batalha vitoriosa. A arca se encontra no meio do povo, "que é chamada pelo Nome, o nome do Senhor Todo-Poderoso, que está entronizado entre os querubins que se encontram sobre a arca" (2Sm 6.2; cf. também Nm 10.35). Ela representa a Deus mesmo, e por isso a aclamação sai dos portões de Sião para receber o Senhor. A remoção da arca para Jerusalém marcou o fim das batalhas

para obtenção da posse da terra. O Senhor vem como um poderoso guerreiro para sua legítima habitação (*vs. 7,8*).

As palavras do versículo 7 são reiteradas quase exatamente no versículo 9 (a única mudança é de "sejam levantadas" para "levantem"). A indagação final chama a atenção para o caráter deste rei triunfante. O Rei da glória é o Senhor Todo-Poderoso. A expressão "Senhor dos Exércitos" ou "Senhor Todo-Poderoso" pode significar o Senhor dos exércitos. Isto seria mais adequado aqui, quando o Senhor guia seus exércitos a Jerusalém. O Senhor da criação (*vs. 1,2*) é também o exaltado Rei da salvação (*vs. 7–10*).

SALMO 25

De Davi.

Este belo salmo está bem traduzido em inglês, porém nossas versões ocultam outros aspectos dele. Em hebraico, ele é um acróstico como os Salmos 9 e 10, com cada versículo sucessivo grafando a letra seguinte do alfabeto hebraico. Duas das exceções consistem em que está faltando a letra *vav*, e depois a letra final do alfabeto é usada no versículo 21, segue outro versículo introduzido pela letra *pe*. É bem possível que isso tenha sido deliberado, porque a primeira letra (*alef*), a letra média (*lamed*) e a letra final (*pe*) formam a palavra hebraica que significa "aprender" ou "ensinar". O tema de ensino é por isso central ao salmo, com sua reiterada menção de serem ensinados os caminhos de Deus. A tela de fundo desta instrução é o amor pactual de Deus, o qual o salmista deseja tornar conhecido. O salmo se divide em três seções, embora mude para a terceira pessoa na segunda seção (*vs. 8–15*). A seção final (*vs. 6–22*) reverte o discurso direto para Deus na segunda pessoa.

1. *Oração ao Senhor (vs. 1–7)*

Uma palavra de oração é dirigida diretamente a Deus (*vs. 1,2*). A estreita relação entre o salmista e seu Deus está indicada pelo modo como ele lhe fala e pelo confiante apelo que ele faz. Ele apela ao Senhor como "*meu* Deus", que é a linguagem da fé. Ele acopla isto com uma declaração de confiança nele. Em virtude dessa relação, ele pode continuar apresentando seu apelo a Deus. O que ele deseja é que seja auxiliado contra

seus inimigos. Mais adiante no salmo, ele passa a descrever mais precisamente sua aflição (*vs. 16–18*). Se não houver socorro da parte de Deus, uma multidão de inimigos ululantes se regozijará com sua ruína. Para os cristãos há a certeza de que, pela fé em Cristo, temos a posse da esperança que jamais nos desapontará (Rm 5.1–5).

No *versículo 3* usa-se uma palavra diferente para expressar confiança no Senhor. Nenhum dos que realmente "esperam" no Senhor verá sua oração sendo desconsiderada, visto que estão demonstrando confiança nele. Em contrapartida, os que tratam a Deus traiçoeiramente (os verbos "esperar" e "tratar traiçoeiramente", com Deus como o objeto) descobrirão que não existe nenhum livramento para eles.

Especialmente duas coisas são necessárias para o salmista. Ele necessita de ter os caminhos de Deus iluminados, e então necessita do auxílio divino para ser resgatado de suas presentes tribulações (*vs. 4,5*). Ele aguarda por mais instruções da parte do Senhor, e reconhece que ele é o Deus de sua salvação ou livramento ("Deus meu Salvador"). O uso desta descrição de Deus é em referência à sua angústia. Ele olha para seu Deus constantemente em confiança.

Há um tríplice uso de "lembra-te" nos versículos 6 e 7. Davi roga por perdão de pecados passados, para que Deus não se lembre de seus pecados; e, finalmente, para que Deus se lembre dele como um indivíduo. Seus pecados passados o perturbavam, inclusive os pecados temerários da juventude, e não queria que eles se apresentassem contra ele. Ele pode orar confiantemente porque sua oração tem por base o caráter de Deus. Ele é o Deus da aliança que demonstra amor pactual por seu povo e age para com eles com generosa compaixão.

2. *A Bondade do Senhor (vs. 8–15)*

A afirmação final do versículo 7 é ampliada no começo do versículo 8. Deus é bom, e uma maneira que ele tem de mostrar essa bondade é ensinando aos pecadores seus caminhos. Ele deseja que conheçam seus caminhos e sejam guiados nas verdadeiras veredas. Ele deseja que todos os homens venham ao conhecimento da verdade (1Tm 2.4) e se arrependam de seus caminhos pecaminosos. Os alunos de Deus devem ser sempre humildes, pois "ele zomba dos zombadores arrogantes, porém dá graça aos humildes" (Pv 3.34; também citado em 1Pe 5.5).

Viver em aliança com o Senhor sempre trouxe compromisso (*vs. 10,11*). O mesmo se dá com os cristãos que têm de demonstrar seu amor para com Jesus por meio da obediência aos seus mandamentos (Jo 14.15). Aqui, o salmista diz que os caminhos de Deus refletem seu caráter no fato de que eles são também amoráveis e fiéis. A tradução da NIV é um pouco livre no final do versículo 10, visto que o texto hebraico usa dois sinônimos para descrever a relação formal com o Senhor – "sua aliança e seus testemunhos". Este é um lembrete de que a relação que junge os crentes ao Senhor era de uma natureza formal com uma cerimônia solene na qual juravam-lhe lealdade. Visto Deus ser respectivamente "bom e justo", o salmista roga por perdão. Deus não pode passar por alto o pecado, mas em sua misericórdia pode perdoar (*v. 11*). Hoje ele permanece justo e o justificador da pessoa que crê em Jesus (Rm 3.26).

O salmista já descreveu o que envolve o temor do Senhor – inclusive orar e receber sua instrução. Agora ele diz que essa instrução será ministrada pela vontade de Deus (*v. 12*). Ele mesmo desfrutará de descanso e segurança, enquanto seus descendentes continuarão a ocupar a terra de Canaã (*v. 13*). Em outros lugares, os salmos ensinam que os ímpios serão desarraigados da terra e perecerão (Sl 37.10,11; 1.5).

A aliança também significa um estreito vínculo de amizade com o Senhor (*vs. 14,15*). Ali existia uma relação recíproca em que os crentes temiam ao Senhor (com o temor de filhos, não de escravos) e o Senhor revelava mais de si mesmo e de sua aliança. Significava também que nos momentos de tribulação, tal como aquela que o salmista presentemente enfrentava, o crente fixava seus olhos no Senhor. Somente o Senhor podia livrar das armadilhas que os inimigos armavam.

3. *Um Apelo Amoroso (vs. 16–21)*

Uma vez mais, o salmista volta a dirigir-se a Deus na segunda pessoa (*vs. 16–18*). Ele estava enfrentando problemas interiores (seus próprios pecados) e problemas exteriores (ódio de seus inimigos). Ele roga que seja salva de ambos. Ele sente sua solidão, isto é, estava sem ajudador e, conseqüentemente, apresenta seu apelo para que a graça de Deus lhe seja propícia. Ele se sente encurralado por seus problemas, e deseja ver-se livre de sua angústia. Sabendo que Deus o perdoaria por amor de seu nome (ver *v. 11*), ele roga novamente pela remoção de seus pecados, juntamente com socorro em suas tribulações.

O apelo para que Deus "veja" é realmente um brado por socorro (*v. 19*). O problema que o cerca não era apenas o abuso verbal. Ele estava enfrentando perigo físico da parte de seus inimigos. Eis a razão por que ele roga que Deus o resgate, a fim de que seus inimigos não possam vangloriar-se dele (*v. 20*). Como seu cântico se aproxima do fim, ele volta ao tema da confiança no Senhor. Ele não tinha outro ajudador, porque sua confiança estava tão-somente no Senhor.

O caráter de Deus ("integridade e retidão") era a base de sua súplica (*v. 21*). Não há no próprio salmo referência à resposta de Deus, mas evidentemente a porção de louvor que precedera (*vs. 8–14*) pressupõe uma expectativa por parte do salmista.

4. *Oração pela Nação (v. 22)*

Uma vez que este salmo começa com a letra *pe* (como *P* que vem depois de *A–Z* em inglês), isso tem levado muitos a pensarem que ele fosse adicionado quando o salmo começou a ser usado em situações formais no culto. O fato de ele usar o título "Deus" e não "Senhor" também endossa tal possibilidade. Em contrapartida, as referências à aliança no salmo podem bem ter levado a este versículo final com referência a todo o Israel. O que era o caso do salmista era também o caso de toda a nação; ou, para expressar em termos diferentes, todo o salmo era aplicável a Israel. Se um indivíduo podia apelar por socorro em suas aflições pessoais, por que Israel não podia apelar também por livramento?

SALMO 26

De Davi.

Este salmo não parece expressar uma queixa individual a Deus, pois não há menção de enfermidade nem de perseguição. Antes, o contexto pressupõe culto no tabernáculo. O salmista renuncia qualquer relação com os ímpios (*vs. 4,5,9,10*), e aspira estar na assembléia dos justos proclamando os maravilhosos feitos do Senhor (*vs. 6–8,12*). Seu amor está depositado no altar de Deus (*v. 6*), na casa de Deus (*v. 8*) e no povo de Deus (*v. 12*). Possivelmente, este cântico foi usado mais tarde quando os adoradores vinham individualmente aos recintos do templo com o fim de adorar junto ao altar do Senhor.

1. *Confissão de Confiança (v. 1)*

O salmista expressa sua firme confiança no Senhor, pois ele tem mantido sua confiança sem resvalar-se de seus caminhos. Seu apelo a Deus é para que seja defendido quando for novamente ao templo para o culto. Ele sabia que toda a autoridade era de Deus, que estava indo presidir no último grande juízo (Sl 96.13). Ele lhe clama novamente por defesa porque o resultado central de sua vida é sua relação com seu Deus.

2. *Oração e Afirmação (vs. 2–5)*

Deslizando-se de sua confissão de confiança no versículo 1, o salmista passa a apresentar sua súplica para que o Senhor o prove (*vs. 2,3*). São usados três sinônimos para descrever sua exposição ao teste. O primeiro (*examinar*) é comumente usado em relação a Deus, e às vezes tem uma conotação muito espiritual. O segundo (*provar*) é a palavra geral para testar ou refinar, enquanto o terceiro (*sondar*) é mais específico, sendo um termo da metalurgia, que significa "fundir" ou "refinar". O salmista está tão confiante de sua situação que se dispõe a submeter-se aos olhos onividentes do Senhor. Sua confiança estava continuamente fixada no amor pactual de Deus, e sua conduta íntegra (seu "andar") estava fundamentada na verdade de Deus.

Alguém como o salmista, comprometido com o Senhor e sua verdade, se esquiva da associação com os que não demonstram amor pelo SENHOR (*vs. 4,5*). Não se deve nutrir nenhum desejo de viver em constante contato com eles como indivíduos, tampouco se identificar com eles quando se reúnem.

3. *Acesso ao Lugar de Culto (vs. 6–8)*

Passando ao templo, o salmista agora fala da natureza do verdadeiro culto (*vs. 6,7*). A idéia de alguém lavando as mãos provavelmente provenha de Êxodo 30.17–21, onde a Arão e a seus filhos se ordenou que lavassem suas mãos e pés antes de empreenderem o serviço junto ao altar. Aqui, a idéia é figurativa. Em parte alguma tal cerimônia de girar em torno do altar é ordenada na lei, mas evidentemente tal ocasião envolvia entoar cânticos de ação de graças ao Senhor. É possível que o rei tivesse função especial nesta cerimônia. Era uma oportunidade de louvor e proclamação.

Associação pregressa com o lugar de culto, que está em pauta especialmente como o lugar da presença de Deus, significava que Davi podia falar de seu amor por ele (*v. 8*). Era onde a glória de Deus manifestava uma presença permanente, e é notável que a glória de Deus seja especialmente mencionada em relação com a arca da aliança (ver Sl 24.7; 1Sm 4.21; 1Rs 8.10s.).

4. *Outra Oração (vs. 9,10)*

A idéia de entrar na casa de Deus sugere imediatamente o contraste – viver com pecadores ímpios. Qualquer malfeitor que tentasse aproximar-se de Deus seria destruído (Sl 5.6,7). Davi não quer ser morto pelo juízo divino juntamente com pessoas ímpias, e por isso ora para que Deus não tire sua vida. Os pecados que ele menciona provavelmente fossem uma descrição de atos pecaminosos, ainda que pudessem também ser coisas das quais ele era injustamente acusado.

5. *A Confiança Permanece (vs. 11,12)*

No final do salmo, faz-se referência ao versículo 1, apanhando novamente o tema de integridade diante do Senhor. Entrar na presença de Deus não deve ser determinado por mérito, mas tão-somente por graça. Daí o salmista orar para que a misericórdia redentora se lhe manifestasse. A referência a "terreno plano" poderia ser uma alusão ao piso do tabernáculo, ou a frase poderia ser uma metáfora para a retidão de vida. Quando, pela graça, ele adentrava a assembléia do povo de Deus, o salmista ali bendiria ao Senhor. O salmo, que começou com uma nota de confiança (*v. 1*), termina com uma nota de louvor.

SALMO 27

De Davi.

Este apelo pessoal ao Senhor é expresso em face de prementes ataques. Há no salmo expressões de natureza militar que se pressupõe que Davi está falando como rei. Especialmente no versículo 3 se vê o quadro de uma situação de batalha na qual ele e seu país estão enfrentando sérios ataques. Sua confiança, contudo, está no Senhor, e ele pode encorajar a si e a outros a tomarem alento e a esperarem por ele.

1. *Confiança no Senhor (vs. 1–6)*

Davi sumaria em três palavras o que o Senhor significava para ele – "luz", "salvação" e "fortaleza" (*v. 1*). É possível que "luz" portasse matizes de uma natureza militar, pois é usada no Salmo 18.28,29 para vitória militar. "Salvação", num contexto como este, pode ser virtualmente equivalente a livramento ou vitória. "Fortaleza" nota a segurança que o Senhor propicia, e a proteção que ele representava para Davi e seu povo. Surpreende, pois, que por suas duas perguntas esteja asseverando sua plena confiança em seu libertador?

Não fica claro se "devorar a carne" deva ser tomado como uma metáfora para destruição, comparando assim seus inimigos com animais selvagens (*v. 2*). Poderia também referir-se aos ataques pessoais de um gênero verbal, tal como um falso testemunho podia fazer (ver *v. 12*). Qualquer que fosse a opressão, ele está certo da intervenção divina, e que nenhum ataque teria sucesso. Deus certificaria que os inimigos tropeçaram e caíram.

O *versículo 3* é uma expansão da idéia do versículo 1: "A quem temerei?". Mesmo que se deparasse com um cerco contra Jerusalém, ou um ousado ataque contra ele, o salmista confiaria em que Deus está consigo. Ele prometera que seria um libertador, e é nesse fato que Davi deposita sua confiança.

O início do *versículo 4* não tem paralelo em outro lugar no Antigo Testamento. É uma afirmação de confiança exclusivamente no Senhor. Sua fé é de tal natureza que deseja viver continuamente na presença de Deus. Em particular, ele deseja ver a glória do Senhor simbolizada pela arca da aliança e as cerimônias associadas ao culto, bem como poder ver o Senhor no santuário. É possível que tal "busca" esteja em relação com os perigos militares que ele enfrentava, quando se devia buscar a orientação do sacerdote quanto à vontade do Senhor. Firme confiança capacita o salmista a expressar no *versículo 5* quão seguro se sentia. Provavelmente as referências a "habitação" e "tabernáculo" sejam de um caráter geral, e não sejam dirigidas especificamente ao lugar de habitação da arca. As palavras finais do versículo corroboram esta interpretação, porquanto estar no alto de uma rocha pressupõe segurança e proteção em geral (cf. Sl 3.3).

O resultado da proteção do Senhor consiste em que o salmista conhece a livramento de seus inimigos, e com um coração grato deseja sacrificar e

orar ao Senhor (*v. 6*). Sacrifícios e agradecimentos podiam ser oferecidos depois de vitórias militares, e com canções joviais podiam orar ao Senhor. Se este salmo foi usado mais tarde em situação de adoração, na igreja do Velho Testamento, é possível que um sacrifício fosse oferecido neste ponto de sua recitação.

2. *Oração por Assistência Divina (vs. 7–13)*

O fluxo do pensamento da primeira parte do salmo continua até a segunda parte, com a repetição de diversas palavras-chave. Agora o salmista clama a Deus a que ouça sua súplica e se mostre compassivo para com ele em sua necessidade (*v. 7*). O louvor se converteu em oração. Aqui ele ora em termos gerais, enquanto que, depois (ver *v. 11*), ele se torna mais específico.

A tradução deste *versículo 8* é difícil, como o demonstram todas as versões antigas. O principal problema é que em hebraico o imperativo "busque" é segunda pessoa plural, enquanto o contexto requer segunda pessoa singular. A margem da NIV provê uma alternativa que pode ser a solução mais viável no momento: "A ti, ó meu coração, ele disse: Busque minha face." As expressões "buscar a Deus" e "buscar sua face" podem retroceder a Deuteronômio 4.29. Se for assim, o salmista está agindo no espírito desse versículo, quando indica que está deveras buscando admissão à presença de Deus a fim de pedir um favor.

Ele quer que a presença de Deus se lhe manifeste, não se oculte como quando Deus está irado com seus filhos (*v. 9*). Ele reconhece que Deus tem sido seu ajudador, usando uma expressão hebraica que pressupõe a permanente natureza de Deus como seu ajudador. O que foi no passado, ele continua sendo para com Davi. Ele suplica que seu Salvador não o rejeite em sua necessidade.

Esta expressão – "Ainda que meu pai e minha mãe me desamparem, o Senhor me receberá" (*v. 10*) – não deve ser tomada literalmente, como se os pais de Davi o estivessem abandonando. Antes, ela expressa a nova relação que Davi, como rei, tinha com o Senhor. Deus agora cumpria o papel que seus pais previamente exerceram. Ele foi adotado como filho de Deus (Sl 2.7) e, portanto, era seu protegido.

O pedido específico que ele faz é por orientação no caminho de Deus (*vs. 11,12*). Ele quer ser conservado nas veredas de Deus, ainda que seus opressores o estejam atacando. Ele teme seus desígnios contra si,

porquanto estão falando mentiras contra si, e seu propósito é destruí-lo. É possível que os oponentes fossem nações estrangeiras que não queriam que o rei de Israel andasse nos caminhos da aliança do Senhor.

Toda sua esperança teria se esvaído se não se convencesse de que veria a salvação de Deus (*v. 13*). Ele sabia que não seria cortado no meio de seus dias (Sl 102.24); literalmente, "na metade de meus dias". A terra dos viventes é simplesmente o oposto de a terra dos mortos (ver Sl 52.5; 116.9; Is 38.11).

3. *Um Apelo a Esperar (v. 14)*

O versículo final parece consistir num apelo a que outros sigam o exemplo do salmista, ainda que seja possível que esteja falando a si próprio como uma palavra de auto-encorajamento. A repetição da palavra "espera" dá particular força à idéia. De uma fé forte no Senhor flui feitos poderosos em seu nome. O "coração" se situa no centro de sua vida como um todo. De todo o seu ser, ele está desejoso, como Josué (Js 24.15), de servir ao Senhor.

SALMO 28

De Davi.

O cenário deste salmo parece ser muito parecido com o do Salmo 26. É possível que a tela de fundo histórica de ambos seja o período da rebelião de Absalão contra Davi. Para Davi, o perigo que ele enfrenta é a hipocrisia de seus inimigos, e a menção do santuário faz com que tudo aponte nesta direção. Ele constitui um apelo em favor do povo e seu rei ungido (o ungido de Deus, "seu messias", *v. 8*).

1. *Uma Súplica Geral (vs. 1,2)*

Há apenas uma "rocha" para o salmista, e ela é o Senhor (cf. Sl 18.2). É a este que ele faz seu apelo e roga que não se recuse a ouvi-lo. Ele não deseja que Deus continue surdo à sua súplica. Isto realmente significa ser "inativo", "não atender". Se Deus não intervier, então a morte o olha no rosto. No Antigo Testamento, "descer ao poço" é uma expressão para a morte (cf. Sl 30.3; 88.4; 143.7). O poeta reconhece que necessita de misericórdia, pois sua situação é desesperadora. Ele conserva suas mãos

levantadas, por assim dizer, para fora do poço, esperando que Deus o resgate. O "Lugar Santíssimo" era o santuário no interior do tabernáculo/templo, o lugar que simbolizava a presença terrena de Deus.

2. *Livramento de Seus Inimigos (vs. 3–5)*

O salmista não quer ser associado com os perversos (*v. 3*). Ele os caracteriza de três formas. Praticam o mal, aparentemente usam linguagem pacífica a seus vizinhos e em seus corações entesouram o mal. "Praticar o mal" é uma frase que ocorre cerca de vinte vezes em Jó, nos Salmos e em Provérbios. Pode designar os homens que eram hábeis em mágica e ritual idolátrico, porque a palavra hebraica para mal, nesta frase (*'awen*), às vezes denota idolatria (cf. Bete-Áven, Os 5.8; 10.5,8).

Palavras tais como estas, clamando por vingança contra os inimigos, parecem um tanto contraditórias com a convicção cristã do amor e perdão (*vs. 4,5*). Não obstante, é preciso ter uma visão muito mais ampla delas (ver a discussão mais completa na Introdução, pp. 61–64). Davi está rogando que as maldições pactuais visitem aqueles que violam os requerimentos pactuais. O Senhor é um Deus de retribuição (Jr 51.56) que dá aos perversos o que lhes é devido. A forma da maldição aqui ecoa Deuteronômio 28 e contém muitas similaridades com passagens em Jeremias (cf. v. 5b com Jr 24.6; 42.10; 44.6).

3. *Louvor ao Libertador (vs. 6–9)*

Há uma ligação direta entre as palavras de ação de graças, nos versículos 6 e 7, e a primeira parte do salmo. O salmista rogara: "Ouve meu clamor por misericórdia" (*v. 2a*). Aqui ele diz que o Senhor ouvira seu clamor por misericórdia. Ele tem recebido a certeza da intervenção do Senhor em seu favor (*v. 5*), e agora ele o louva pelo livramento. Este, de forma concisa, é um cântico de ação de graças. Ele começa com uma introdução (*v. 6a*) e termina com uma conclusão (*v. 7c, d*). Contém uma confissão no versículo 7a, e uma rememoração do livramento nos versículos 6b e 7b. Ele reconhece seu refúgio, e pode entoar um cântico jubiloso sobre ele, agora e sempre. Mesmo em sua grande necessidade, ele não cessa em confiar no Senhor, e em meio ao livramento confessa onde está seu socorro.

Sua confissão continua com o reconhecimento de que o Senhor não é apenas a força para o salmista, mas também a de seu povo em geral (*v. 8*). O que ele é para o rei como indivíduo (“seu ungido”), é igualmente para a comunidade crente como um todo.

O *versículo 9* confirma a impressão de que o cenário do salmo faz parte de uma ocasião de perigo nacional. Davi ora pela salvação do povo de Israel e por bênção para a herança de Deus. O conceito de Israel como uma herança especial e escolhida de Deus (Dt 4.20; Êx 34.9) é confirmado no Novo Testamento (ver Ef 1.3–14). A idéia do pastor amoroso lembra o Salmo 23.1 e Isaías 40.11.

SALMO 29

Salmo de Davi.

Este é um poderoso cântico de vitória, bem como uma exaltação do poder do Senhor. Amiúde tem-se salientado que este salmo contém certas similaridades com a poesia que conhecemos de fontes cananitas. Não obstante, poderia ser um salmo polêmico dirigido contra as nações pagãs dos cananeus e, em particular, uma negação do lugar de Baal no mundo da natureza. O Senhor é o poderoso Criador que tem todas as fontes da natureza sob seu controle. O salmo também contém similaridades com outros cânticos de vitória, tais como Êxodo 15.1–18 e Juízes 5.2–31, as quais também usam a imagem da tempestade para descrever vitória na batalha. Uma tradição judaica, anterior a 250 a.C., associava este salmo com a Festa dos Tabernáculos.

1. *Convocação ao Louvor (vs. 1,2)*

A convocação inicial é para que a glória e a força do Senhor sejam reconhecidas. A palavra “força” é amiúde associada com vitória em batalhas, como o é a referência ao nome do Senhor (ver, p.ex., Êx 15.3). Os destinatários mais provavelmente são os anjos, de modo que o orador solicita à hoste angelical a juntar-se no louvor do Senhor. O que lhe é de direito deve ser-lhe rendido em louvor e adoração. A frase final do *versículo 2* poderia referir-se à maneira como o Senhor era adorado (como na versão NIV), ou poderia referir-se à indumentária que os servos

usavam. Alguns comentaristas têm sugerido que a referência é à indumentária que os sacerdotes usavam em ocasiões especiais.

2. *A Poderosa Voz do Senhor (vs. 3–9)*

Faz-se menção sete vezes à voz do Senhor nesta seção central do salmo. E assim é evidente que ela é o ponto focal, como o salmista usa a linguagem da tempestade para referir-se ao poder e glória de Deus. Ele reina supremamente acima de todas as poderosas águas, e ele fala como se fosse o estampido de um trovão (*v. 3*).

É interessante a referência ao Líbano, uma vez que ele marcava a fronteira com o território cananita ao norte (*vs. 4,5*). Os cedros do Líbano eram bem conhecidos, e representavam a força do próprio Líbano. Eles, porém, podiam ser dispersos pela majestosa voz do Senhor. Quando ele ordenava, eles se partiam em pedaços.

Agora, o próprio Líbano e a vizinhança do Siriom entram diretamente no quadro (*vs. 6,7*). "Siriom" é o Monte Hermom (ver Dt 3.9), e aqui ele é usado como basicamente sinônimo de Líbano. A voz de Deus faz essas grandes montanhas saltarem como animais novos, pois o Criador tem poder sobre sua criação. Talvez esteja em vista um terremoto. A semelhança da voz do Senhor com o relâmpago é uma idéia comum no antigo Oriente Próximo, pois o relâmpago era amiúde usado em descrições visuais para denotar o armamento usado em batalha.

É difícil saber se um deserto específico está em vista no *versículo 8*, ou se ele é apenas uma referência geral à estepe semi-desértica. A localidade poderia ser Cades situada a cerca de 120 km a sudoeste de Berseba (Cades Barnéia), ou poderia ser Cades nos Orontes, uma capital hitita a cerca de 200 km ao norte de Damasco. Mais provavelmente, apenas denota o controle que o Senhor exerce sobre os vastos territórios.

O *versículo 9* apresenta um contraste entre o que está acontecendo fora (trovão, relâmpago, terremoto) com o que está acontecendo no santuário de Deus. Não fica claro se este santuário é o celestial ou aquele situado em Jerusalém. Talvez ambos estejam combinados no pensamento do povo, o santuário terreno sendo feito segundo a forma do celestial. Isto provê um belo final desta parte do salmo, pois não há nenhuma expressão paralela que o acompanha, e chama a atenção para a forma como o salmo se abre (*v. 1*, "Atribuam glória ao SENHOR").

3. *Um Cântico Final de Louvor (vs. 10,11)*

Os versículos finais do salmo se alegram no fato de que o Senhor é o rei eterno. Parece haver uma referência ao relato da criação em Gênesis 1, e à maneira como Deus é soberano sobre sua criação, inclusive sobre as águas. O que Deus é em si mesmo (*v. 1*), ele dá a seu povo; e tendo conquistado vitória para eles, ele outorga sua paz. O salmo que começa com "glória a Deus nas maiores alturas", termina com "paz sobre a terra".

SALMO 30

Salmo. Cântico. Para a dedicação do templo. De Davi.

Este cântico de ação de graças constitui uma jubilosa resposta ao que Deus tem feito. O lamento se converte em dança (*v. 11*), e entoa-se louvor ao Senhor pelo fato de haver ele poupado a seu servo, livrando-o da morte. O título é ambíguo. O termo hebraico traduzido por "dedicação" possivelmente significaria "iniciar, começar a usar-se", enquanto a palavra "templo" é o termo hebraico para "casa" ou "palácio". É possível que este seja um salmo davídico destinado ao uso em seu palácio, ou, possivelmente, no templo quando fosse construído. É um cântico que se concentra no Senhor, usando esse título nove vezes, enquanto duas vezes ele é chamado "meu Deus". É também muito mais concreto em sua descrição do perigo do qual ele foi libertado do que em muitos outros salmos.

1. *Cântico de Gratidão (vs. 1–5)*

O verbo "exaltar" (*v. 1*), num cenário como este, tem o sentido de louvar (cf. Sl 99.5). As "profundezas" das quais o salmista se ergue é, evidentemente, a enfermidade, como se faz claro à luz dos versículos seguintes. Tivesse ele sucumbido a essa enfermidade e morrido, então seus inimigos teriam desfrutado de grande deleite.

O salmista dirigiu a Deus seu clamor por socorro, e descobriu que fora restaurado (*v. 2*). O verbo "clamar por socorro" é encontrado com mais freqüência nos salmos do que em quaisquer outros livros veterotestamentários, e é geralmente usado em cenários autobiográficos, tais como este. No *versículo 3*, "Sheol" (ou sepultura) e "o poço" são

usados em paralelismo para descrever a morte. O que estava envolvido na invocação ao Senhor é expresso com mais detalhes nos versículos 8 a 10.

O salmista quer que toda a congregação partilhe com ele em louvar ao Senhor por seu livramento (*v. 4*). Ele chama os membros da congregação "santos" ou "os santos". A palavra usada evidentemente se relaciona com a palavra hebraica *chesed* (misericórdia), e foram denominados assim provavelmente porque, tendo recebido a misericórdia de Deus, também foram caracterizados por ela em suas vidas. "Seu santo nome" literalmente é "sua santa memória", que é um eco de Êxodo 3.15: "Este é o meu nome para sempre, o nome pelo qual serei lembrado de geração a geração."

A tristeza é descrita como se fosse um hóspede que se introduziu em suas vidas (*v. 5*). Logrou alojamento temporário, mas, eventualmente, é substituída pela alegria. A luz do amor de Deus expulsa a noite de tristeza e sombras.

2. *Descrição Detalhada de Seu Livramento (vs. 6–12)*

A descrição detalhada da tribulação da qual o Senhor o libertara começa aqui (*v. 6*). Olhando sua vida pregressa antes de ser acometido pela doença, o salmista compreende que em sua saúde fora complacente e auto-suficiente. Isto era algo que um membro da comunidade pactual não deveria permitir (ver Dt 8.17,18). Seja prosperidade, seja segurança, tudo vem do Senhor.

Davi já havia falado de "favor" no versículo 5. É resposta de Deus ao arrependimento e fé por parte de seu povo. O contraste que ele apresenta é entre estar firmemente estabelecido por Deus (como que estando firme sobre uma montanha) e tremer quando Deus remove seu favor. Ele ficava perplexo quando Deus retirava os sinais de sua graciosa presença (*v. 7*).

Ele agora recorda sua oração feita ao Senhor no tempo de sua tribulação (*vs. 8,9*). Estas palavras mostram como, ao compreender sua verdadeira condição, ele se voltava para o Senhor, buscando nele sua misericórdia. Seu argumento era que sua morte não traria a Deus qualquer proveito. Tudo o que ela faria seria privar a Deus de uma oferenda de louvor e confissão.

O versículo 10 contém o resultado do raciocínio do salmista no versículo precedente. Ele agora sabia que seus primeiros sentimentos de auto-suficiência se esvaíram. Em vez disso, ele reconhece que necessita da

misericórdia do Senhor, que ele recupere sua saúde e o ajude a louvá-lo novamente. O único ajudador com quem pode contar é o Senhor.

Numa expansão do versículo 5b, o salmista descreve a completa reversão em suas circunstâncias. Aqui, as alusões são aos sinais externos de tristeza (o lamento e o uso de cilício) sendo removidos (*vs. 11,12*). Em seu lugar, ele tem a alegria concedida por Deus, e todo o seu ser (seu coração, sua alma) é capacitado a cantar e louvar ao Senhor. A morte teria trazido silêncio. A recuperação traz louvor. O versículo final é uma afirmação do louvor com que o salmo começara. Pode ser comparado ao versículo final do cântico de Ezequias depois de haver recebido a misericórdia do Senhor e ser poupado: "O Senhor me salvará, e cantaremos com instrumentos de cordas todos os dias de nossas vidas no templo do Senhor" (Is 38.20).

SALMO 31

Para o diretor de música. Salmo de Davi.

As indicações de seu cenário, dentro do próprio salmo, não são suficientemente precisas para admitir certeza. Evidentemente, o salmista enfrentava as tramas dos inimigos, os quais ora o caluniavam. Poderia ainda ter sido uma situação de guerra, porquanto há várias expressões que pressupõem a necessidade de defesa no calor da batalha. É típico de cânticos de queixa que, embora as necessidades urgentes surjam de antemão, contudo há grato reconhecimento do maravilhoso amor do Senhor a ele demonstrado.

1. *Oração por Livramento (vs. 1–8)*

Esta abertura se assemelha muito à do Salmo 71.1–3. A versão NIV capta bem a ênfase no início do salmo. O salmista se esquiva de si mesmo para o Senhor, em quem buscara refúgio. Isto é acentuado pelo fato de não haver expressão paralela a formar-lhe páreo, e por isso este elemento se põe como uma introdução a todo o salmo. Em contexto como este, "envergonhar-se" traz a idéia de ser confundido e desapontado. "Justiça" não é uma referência à justiça de Deus, mas, antes, ao seu poder de salvar. Ela, amiúde, tem este significado em passagens proféticas tais como Isaías 40 e seguintes.

A oração inicial é expandida no *versículo 2*, quando o salmista apela por socorro imediato. Numa situação premente, ele roga que Deus o ouça, e então responda prontamente. Os termos que ele usa na segunda parte do versículo apontam para uma situação militar, pois está pedindo proteção e segurança contra um inimigo feroz.

Depois de rogar a Deus que seja sua fortaleza, ele agora declara que isso é exatamente o que Deus é para ele! (*v. 3*). Esta convicção é um fruto de sua oração. Ele o denomina de "minha rocha" e "minha fortaleza", e roga que, pela honra de seu nome, o ponha num lugar seguro. A referência a "por amor ao nome" parece retroceder às experiências do êxodo, quando Deus, por amor a seu nome, redimiu seu povo de sua escravidão e revelou seu tremendo poder (ver Sl 106.7,8).

Pela primeira vez no salmo, faz-se menção específica dos inimigos, e ele roga por livramento de suas armadilhas (*v. 4*). Novamente aparecem os matizes do livramento do êxodo, com a expressão "livrame", sendo esta uma das expressões comuns que descrevem Deus tirando seu povo do Egito (ver Êx 13.3,9,14,16; 20.2). Ele já havia declarado que Deus é sua rocha e fortaleza, e agora afirma que Deus é seu refúgio.

O *versículo 5* é bem conhecido em virtude do uso da primeira parte dele pelo Senhor Jesus na cruz: "Pai, em tuas mãos entrego meu espírito" (Lc 23.46). Jesus usou estas palavras num espírito semelhante de confiança que o salmista demonstra aqui. As palavras não devem ser tomadas no sentido em que o salmista estava simplesmente se resignando ao seu destino. Antes, indicam o cântico de fé de alguém que nutre plena confiança na capacidade divina de salvar e guardar. "Redimir" é mais uma alusão ao êxodo, e assim como Deus agiu dessa forma em defesa de seu povo (ver Dt 7.8), também agora o salmista roga por redenção semelhante para si na mesma mão do Deus fiel ("Deus da verdade").

A frase "ídolos sem valor" ocorre somente no versículo 6 e em Jonas 2.8. Ela se refere a deuses falsos que frustram seus adoradores. Ao chamá-los vaidades, ele retrocede a Deuteronômio 32.21. Mais tarde, veio a tornar-se uma expressão favorita de Jeremias em sua descrição dos ídolos (ver Jr 2.5; 8.19; 10.15; 14.22; 16.19). O contraste entre aquelas pessoas e o salmista fica bem claro na frase final. A genuína fonte de socorro era o Senhor, e ele expressa sua confiança nele. Esta era a resposta que o compromisso pactual requeria, e ela é justamente outra forma de expressar a confissão que o salmista fizera em suas palavras iniciais (*v. 1*).

O amor pactual de Deus fora a firmeza do salmista (*vs. 7,8*). Ele registra como Deus ouvira seu clamor e o libertara, pondo-o num lugar espaçoso. Esta última frase é uma favorita de Davi (ver Sl 18.19,36). Ela descreve a liberação da opressão para uma condição de liberdade. Ele não fora abandonado nas mãos do inimigo, porque o Senhor interviera, e cântico e alegria são apenas a resposta certa ao seu modo de lidar com ele.

2. *Descrição das Tristezas (vs. 9–18)*

A parte central do salmo constitui uma descrição das tristezas e aflições do salmista. O apelo que ele apresenta, rogando por misericórdia, é confrontado com a situação opressiva em que ele ora vive (*v. 9*). Enquanto de início pleiteara com base na justiça de Deus (*v. 1*), ele agora pleiteia com base na misericórdia de Deus. Ele põe em detalhe diante do Senhor sua miséria e angústia. Todo seu corpo é consumido pela tristeza, de modo que sente esvair-se toda sua força.

No versículo 10, é melhor aceitar a redação marginal da NIV de "culpa" no lugar de "aflição". Este é o único lugar no salmo em que se faz menção do pecado pessoal do salmista. É uma bênção quando o sofredor se volve para os recônditos do coração a fim de contemplar ali sua real condição aos olhos do Senhor. Ele se retrata como um homem idoso, tremente em sua condição enfraquecida, enquanto previamente era muito mais forte.

O salmista enfrenta problemas de todos os lados – inimigos o assaltam, vizinhos o evitam, inclusive amigos se esquivam dele nos lugares públicos como se tivesse uma doença terrível e infecciosa (*v. 11*). Tudo isso porque ele ora enfrenta terrível oposição de seus inimigos, e por isso ninguém quer associar-se a ele nem mesmo de longe.

A gravidade de sua situação é descrita no *versículo 12*. Ele é tão evitado por seus conhecidos, que é como se já estivesse morto. Ele pensa de si mesmo como se assemelhando a uma peça de cerâmica abandonada, quebrada e inútil para qualquer uso!

A primeira parte do *versículo 13* se assemelha a Jeremias 20.10, ainda que ali a expressão "Terror de todos os lados" seja o que as pessoas estavam dizendo. A frase "terror de todos os lados" (*magor missabib*) é freqüente nos escritos de Jeremias (ver Jr 6.25; 20.3; 46.5; 49.29; Lm 2.22). Aqui, o quadro é simplesmente de inimigos mordazes que atacam de todos os lados e que tramam juntos tirar sua vida. A mesma frase é usada no Salmo 2.2 em referência aos governantes rebeldes que tramam

contra o Senhor. Não só os caluniadores, mas a morte ameaça insurgir contra ele.

Contudo, em meio a todas as suas aflições, o salmista pode volver-se para o Senhor e fazer confissão de sua fé nele (*v. 14*). É notável a súbita transição entre este e o versículo precedente. O que mais importa em sua situação é a relação entre ele e o Senhor. Os pronomes "eu" e "tu" estão próximos um do outro no texto hebraico, e enfatizam o vínculo entre o salmista e o Senhor.

Por "tempos" (*v. 15*), o salmista tem em mente todas as circunstâncias da vida. A mesma palavra é usada em 1 Crônicas 29.30 em relação às circunstâncias da vida de Davi. Uma vez que toda sua vida está sob o controle divino, ele pode apresentar a Deus seu apelo para que venha e o resgate de sua presente angústia. Tendo feito sua confissão de confiança, ele se sente em terreno mais firme quando repete seu clamor por livramento.

"Faz resplandecer teu rosto sobre teu servo" (*v. 16*) é uma alusão à bênção sacerdotal em Números 6.24,25: "Que o SENHOR o abençoe e o guarde; que o SENHOR faça resplandecer seu rosto sobre você e seja gracioso com você …". O salmista, pois, roga que a misericórdia salvífica lhe seja manifestada em sua angústia. A base de seu pedido é o infalível amor pactual do Senhor.

No *versículo 17*, porém, para o salmista o apelo é por um resultado completamente diferente do resultado para seus inimigos. Ele deseja que sejam envergonhados. Em inglês, a idéia de vergonha toca as emoções íntimas, enquanto em hebraico o pensamento é mais de desgraça externa. "Ficar em silêncio na sepultura" é equivalente a dizer que está "morto". Os que se encontram no Sheol estão tanto inativos quanto silenciosos.

A referência a emudecer os lábios, no *versículo 18*, retrocede ao pensamento do versículo 13. Em sua arrogância, os ímpios falam contra os justos; por exemplo, o salmista. Ele agora espera um fim para seus difamadores, de modo que as palavras enganosas de seus inimigos não mais o perturbem.

3. *Louvor e Ação de Graças (vs. 19–24)*

O salmo avança rumo a um belo reconhecimento das misericórdias do Senhor e da convocação de todos os santos de Deus a amá-lo (*v. 19*). O salmista enaltece a maravilhosa bondade de Deus, a qual se manifesta a

seus servos. Elas são descritas pelas expressões paralelas “que te temem” e “que buscam refúgio em ti”. O Senhor acumulara seu amor, mas então a demonstração desse amor para com seus servos se faz pública.

Deus mesmo é um lugar de refúgio e proteção para seu povo (*v. 20*). Assim como Deus acumula amor por seu povo (*v. 19*), igualmente os acumula (usando o mesmo verbo hebraico) num lugar seguro, e os protege contra a calúnia dos homens. Esta é uma forma particular de Deus demonstrar amor por eles.

A expressão “louvado” ou “bendito” às vezes vem no início ou no fim de um salmo de ação de graças (cf. 66.20; 144.1). A razão para tal atribuição de louvor ao Senhor é por causa de uma demonstração singular e soberana de seu amor pactual. “Mostrou seu maravilhoso amor” tenta comunicar a idéia de que Deus tem agido com o fim de manifestar seu amor de uma forma que pertence unicamente a Deus (*v. 21*). É difícil saber se a referência a uma cidade sitiada é uma alusão histórica genuína (a uma cidade como Ziclague) ou uma descrição metafórica da angústia exata em que se encontrava. O *versículo 22* conta a história de seu livramento. O clamor por misericórdia (*v. 9*) foi ouvido. Quando em estado de inquietação (“alarma”), ele clamara que estava cortado da visão divina. A descrição do Antigo Testamento é em termos de ser eliminado do cuidado divino (Sl 88.5), da casa de Deus (2Cr 26.21) e da terra dos viventes (Is 53.8). A realidade era que Deus ouviu seu clamor por socorro.

Uma experiência da misericórdia de Deus leva a um desejo de ver outros participando dela (*vs. 23,24*). Ele convoca todos os santos de Deus, isto é, todos quantos têm sido objetos de sua misericórdia, a responder-lhe com amor. Esta palavra para santos (*chasid*) ocorre com mais freqüência nos Salmos, e mais tarde veio a ser a palavra para o partido ortodoxo no judaísmo nos tempos pré-cristãos (Chasidim). Todos quantos resolutamente confiam no Senhor serão guardados por ele. Em contrapartida, os que se espojam em seu orgulho descobrirão que o Senhor os destina ao justo castigo.

O apelo final é para que os crentes se fortaleçam enquanto esperam no Senhor. “Esperar” é praticamente sinônimo de “confiar”. A expressão máxima da confiança crente é exibida para o cristão em Romanos 8.28,29.

SALMO 32

De Davi. Um maskil.

O tema central deste salmo é a graça soberana de Deus em perdoar o pecado. Paulo fala dela quando ilustra: "bem-aventurado o homem a quem Deus credita justiça à parte das obras" (Rm 4.6). Aqui não se faz nenhuma menção precisa da natureza do pecado em si. Davi, evidentemente, enfrentara uma profunda experiência de conhecer o desfavor de Deus e de padecer enfermidade em suas mãos. Mas, mediante uma nova experiência com a misericórdia infalível de Deus, ele pode entoar este cântico de ação de graças. Este salmo forma outro dos salmos penitenciais da igreja primitiva (cf. comentário sobre o Salmo 51).

1. *A Bênção do Perdão (vs. 1,2)*

Aqui se usam três termos para pecado. "Transgressão" constitui uma referência a atos de rebelião contra Deus; enquanto "pecado" constitui o termo mais amplo para pecado no Antigo Testamento. Denota em geral errar o alvo, e daí ser uma ofensa contra Deus. O terceiro termo, também traduzido por "pecado" na NIV, contém a idéia de distorção ou desvio do caminho certo. O que é maravilhoso, e sobre o qual o salmista pode cantar, é que todos os três tipos de pecado podem ser perdoados por Deus – Ele pode remover o pecado para o extremo oriente ou o extremo ocidente (Sl 103.12). O salmista não está falando de perdão em geral. Antes, ele está relatando sua experiência pessoal com a graça de Deus. Para nós hoje, o Novo Testamento deixa claro que o perdão provém da mesma graça soberana de Deus exibida na morte e ressurreição de Jesus. "Ele foi entregue à morte por nossos pecados e ressuscitou para nossa justificação" (Rm 4.25).

2. *Uma Confissão Pessoal (vs. 3–5)*

Agora temos um vislumbre do período antes que o salmista se arrependesse e fizesse sua confissão ao Senhor (*vs. 3,4*). O tempo de silêncio foi aquele anterior à sua confissão de culpa. Os salmistas falam reiteradamente de Deus mantendo silêncio, porém Deus tem também motivo de queixa ante o silêncio de seus filhos. Os efeitos físicos envolvidos pela condição de Davi incluíam o desgaste dos ossos e o esgotamento das forças. O verbo usado em relação a seus ossos ("desgastar") é um que normalmente se usa para roupas usadas (cf. Js 9.13). Outros salmos, tais como 6.2–7; 102.3–5; e 119.82, também

descrevem os efeitos físicos de conflitos espirituais. Ele falava constantemente das mãos de Deus sobre si, porém resistia os impulsos de sua consciência de volver-se para o Senhor em arrependimento.

As três palavras para pecado já usadas no versículo 1 aparecem também no versículo 5, embora a frase "a culpa de meu pecado" seja uma combinação de dois destes termos. O silêncio é quebrado e o salmista rememora sua abrupta mudança de coração. Quando o Espírito de Deus traz arrependimento genuíno não há tentativa de encobrir nosso pecado e culpa. O salmista havia confessado publicamente seu pecado, e conhecia a realidade da misericórdia perdoadora de Deus. A confissão e o perdão são simultâneos (cf. 1Jo 1.9).

3. *Instrução para os Piedosos (vs. 6–10)*

Tendo experimentado o perdão pessoal, o salmista agora quer que outros busquem também o Senhor (*vs. 6,7*). Os piedosos podem encontrar a Deus (Is 55.6), enquanto que os pecadores orgulhosos descobrem que Deus tem se retirado deles (Pv 1.28; Os 5.6). A pessoa que em fé ora ao Senhor o achará e sabe que ele mantém seus filhos em segurança, mesmo quando águas poderosas pareçam submergi-los. Pode haver aqui uma alusão ao dilúvio nos dias de Noé. O crente estará a salvo porque ele já encontrou um refúgio seguro no Senhor (cf. Sl 27.5; 31.20). Quando Deus protege seu povo, também lhes dá um espírito de alegria e os capacita a entoar cânticos de livramento (lit. "cânticos de escape").

Há quem tome as palavras do *versículo 8* – "Eu o instruirei e lhe ensinarei o caminho em que deve andar; eu o aconselharei e velarei por você" – como sendo o que Deus disse a Davi. Mas, no contexto, elas parecem ser parte da resposta de Davi ao Senhor. Em outro lugar ele se compromete a ensinar aos pecadores os caminhos do Senhor (Sl 51.13). Aqui, ele assegura a outra pessoa piedosa que lhe ministrará instrução e também manterá vigilância sobre ela. Se outro crente foi apanhado em circunstâncias semelhantes às que ora o esmagavam, ele será capaz de o instruir no caminho do Senhor.

O *versículo 9* poderia constituir uma advertência contra a obstinação em geral; mas, pelo contexto, é possível que ele esteja sugerindo que ninguém deve nutrir qualquer hesitação que Davi havia nutrido em confessar seu pecado (ver *vs. 3,4*). Um pecador não deve sentir-se constrangido como um animal rebelde de encaminhar-se ao Senhor. Com

base no senso de necessidade, ele deve fazer sua confissão e buscar o perdão.

O contraste é extraído entre o pecador e a pessoa que constantemente confia no Senhor (*v. 10*). Um conhece muitas angústias (possivelmente "enfermidade", cf. o uso da mesma palavra hebraica em Isaías 53.3: "homem de dores"), enquanto outro tem o conhecimento do amor pactual de Deus. A confiança é o característico permanente de um crente.

4. *Convocação ao Louvor (v. 11)*

A convocação ao louvor conclui o salmo. Ele é muito semelhante a outras convocações, tais como a do Salmo 97.12. Ele se ajusta bem com o pensamento do salmo, em virtude do lugar que "o justo" tem nele (ver especialmente *v. 6*). O verbo "cantar" é usado no Antigo Testamento primeiramente em relação a um sacrifício divinamente designado (Lv 9.24). Em seu uso posterior, normalmente denota alegria em relação aos grandes atos salvíficos de Deus. "Justo" e "reto de coração" são termos paralelos que descrevem a condição dos que têm recebido a misericórdia de Deus.

SALMO 33

Este é um hino de louvor ao Senhor, e o que está em foco é especialmente sua obra criadora. Ele constitui primariamente um breve comentário de Gênesis 1 (ver particularmente os *vs. 6–9*). Então se acham implícitas as implicações do tremendo poder do Senhor em favor de Israel. O Criador do mundo é o Criador de Israel, e ele é capaz de guardar e livrar uma pessoa a quem escolheu para sua propriedade particular. O salmo envolve o padrão normal para hinos (ver a Introdução, pp. 49–57), tendo um chamado introdutório a louvar o Senhor, seguido das razões para isso, e uma conclusão que expressa firme confiança no amor pactual do Senhor. Este é o último dos salmos no Livro 1, o qual não tem título.

1. *Chamado ao Louvor (vs. 1–3)*

Louvor é algo apropriado para os justos (*v. 1*). A palavra traduzida pela NIV por "próprio" ocorre novamente no Salmo 147.1: "Quão bom é cantar louvores ao nosso Deus, quão agradável e *próprio* é louvá-lo!". Nesse

contexto, por causa do paralelismo, a palavra parece sugerir que louvar é delicioso. Tal idéia se ajusta muito bem também aqui. É de esperar que os justos louvem, mas quando rendem louvor é também algo que faz muito bem. "Justos" e "retos" ocorrem como termos paralelos para descrever a comunidade crente.

O intuito da escolha de apenas dois instrumentos nos *versículos 2 e 3* é que representam todo o catálogo de instrumentos usados no antigo Israel (ver Sl 150 para uma lista mais completa). O pensamento de um "novo cântico" pode ser interpretado de duas maneiras. O uso do termo "novo" tem sugerido a alguns comentaristas que designa um cântico escatológico ou do fim dos tempos, justamente como a expressão "novos céus e nova terra" designa a grande mudança física que está por vir. Isto estaria em conformidade com o uso da expressão nos Salmos 96.1 e 98.1, e também se adequaria bem ao uso da mesma frase em Apocalipse 5.9. Entretanto, a frase às vezes parece ser mais geral em seu uso (aqui e no Sl 149.1), de modo que ela realça o vigor do louvor que é rendido ao Senhor.

2. *As Razões para Louvar (vs. 4–19)*

A primeira razão dada para louvar diz respeito à palavra do Senhor (*v. 4*). O uso da palavra "para" é um dos característicos distintivos de salmos como este, quando salienta as coisas pelas quais se deve render louvor ao Senhor (ver também v. 9). As coisas que salientam a palavra de Deus são aquelas que antes de tudo o distinguem (retidão, verdade, justiça, eqüidade e amor pactual). Então, na obra da criação, quando ele pronuncia a palavra e o mundo vem à existência, seu amor é visto exibido ali. Ele sempre age de uma maneira consistente com seu próprio caráter, pois não pode negar-se a si mesmo.

Os *versículos 6 e 7* constituem o começo de uma descrição da obra criativa de Deus, pois foi a palavra do Senhor que fez com que os céus viessem à existência. A palavra "hoste" tem uma gama de significados no Antigo Testamento. Pode ser usada para um exército, para seres angelicais, ou, como aqui, para as estrelas. A NIV corretamente identifica seu significado aqui pelo acréscimo da palavra "estrelado". O ajuntamento das águas (ver Gn 1.9,10) é descrito em linguagem poética como se Deus ajuntasse toda a água numa garrafa, ou como se ele pusesse os abismos (cf. Gn 1.2) em depósitos.

Pela poderosa palavra de Deus, o mundo veio à existência. Desde então, como Paulo ensina em Romanos 1.20, "os atributos invisíveis de Deus – seu eterno poder e sua natureza divina – têm sido claramente vistos, sendo percebidos à luz do que ele fez, de modo que os homens estão sem qualquer escusa". A voz de Deus foi ouvida, e a criação surgiu. Ela não é expressamente denominada "criação a partir do nada", mas que certamente é isso que está implícito à luz do que é ensinado aqui e em outras partes do Antigo Testamento sobre a criação (*v. 9*). Como esta revelação é universal, então todos os seres do mundo devem curvar-se em adoração e reverência diante dele (*v. 8*). Num contexto dessa natureza, "temer" não significa "ter medo", mas, antes, "adorar" ou "reverenciar".

A segunda razão para louvar vem dos *versículos 10 e 11*. Deus é não só grande em sua obra criativa, mas também na operação de sua providência na história. A Bíblia enfeixa de forma bem estreita as idéias de criação e providência. As nações podem tramar, Deus, porém, intervém para implantar seus próprios propósitos. Israel haveria de assistir vários reinos surgindo e sendo derrubados. Por intermédio de Isaías, o Senhor disse às nações adjacentes que suas estratégias seriam frustradas, e seus propósitos não vigorariam (Is 8.10). Os propósitos de Deus são sólidos, e seus planos continuam de geração a geração. O contraste é muito marcante. Os esquemas humanos são temporários e fracassam; os planos do Senhor são duráveis e bem-sucedidos.

Depois de falar da criação e da providência, o salmista agora atinge o ponto onde fala da posição singular de Israel (*v. 12*). Era parte do propósito de Deus escolher a Israel para ser seu povo e sua herança. A verdade iniciada aqui é reiterada no Salmo 135.4: "Porque o SENHOR escolheu a Jacó para ser seu povo, a Israel para ser sua possessão e tesouro." O verbo "escolher", no Antigo Testamento, sempre envolve a idéia de escolha cuidadosa e bem pensada, e em sua maior parte (como aqui) é usada para designar a escolha que expressa o eterno propósito de Deus. Deus escolheu Israel para sua "herança" (ver Dt 4.20; Êx 34.9), e quão ditoso Israel seria em experimentar isso!

A terceira razão para louvar é que os olhos de Deus estão postos em todas as criaturas (*vs. 13–15*). O fato de que é "do céu" que ele olha enfatiza o governo que ele exerce sobre tudo. O Senhor pode ver muito mais do que apenas frustrar os propósitos pecaminosos dos homens (cf. *vs. 10,11*). Ele pode ver inclusive seus corações. Ele é o Criador de todos os

corações, e esta ação é descrita pelo uso de uma palavra (“forma”) que é usada em Gênesis 2.7ss.; e da obra criativa original (ver também seu uso nos Sl 74.17; 94.9; Is 45.18; Jr 10.16). É uma obra que descreve o oleiro divino formando o homem do pó da terra.

A quarta razão para louvar consiste em que o poder de Deus liberta seu povo (*vs. 16,17*). Em primeiro lugar, há referência à exibição da força humana que fracassa. Não é simplesmente o tamanho do exército de um rei que garante sucesso na batalha. Tampouco, um guerreiro individual logra escapar por sua própria capacidade. O cavalo era notável por sua força na batalha; Israel, porém, foi advertido a não confiar nele para vitórias militares (Is 30.15,16; 31.1). Os egípcios aprenderam no êxodo que o cavalo e seu cavaleiro podem ser subjugados pelo Senhor, pois este lutava por seu povo (Êx 15.1–14).

O “mas” (ver *hinneh*) no início do *versículo 18* marca a transição para a idéia oposta. O Senhor não só olha para toda a humanidade (*v. 13*), mas nutre especial interesse pela comunidade temente a Deus. A descrição paralela deles (que temem ao Senhor e que esperam em seu amor pactual) também ocorre em passagens tais como Salmo 119.74. O verbo “esperar por” contém a idéia de busca expectante por algo. Neste caso, os que temem a Deus é que olham para a misericórdia pactual do Senhor que os livra em tempo de tribulação. Ele é capaz de salvar da morte (dos inimigos) ou preservar os vivos em tempos de fome. Isto parece significar mais do que apenas ser mantido vivo. Antes, é preservação para desfrutar a presença e bênção de Deus, e doravante viver em relação com ele.

3. *Declaração de Confiança no Senhor (vs. 20–22)*

Agora, o cântico de confiança soa novamente dos lábios do salmista (*v. 20*). A tradução da NIV, “esperar em esperança”, habilmente capta o sentido do verbo hebraico usado aqui, pois ele denota ansiosa expectativa e sólida confiança. A afirmação que segue sobre o Senhor é tomada como um coro no Salmo 115: “Ele é seu socorro e escudo” (vv. 9–11). Ambas as descrições de Deus são próprias num salmo que tem falado de batalha. Deus sustenta e fortalece seu povo; e porque ele é seu protetor, não surpreende que seja denominado seu escudo.

Depois do reconhecimento que acaba de ter do auxílio do Senhor, o salmista agora mostra que a resposta a esse fato foi a de alegria (*v. 21*). Onde há confiança verdadeira no caráter de Deus, então pode haver

cânticos de alegria que enalteçam o que ele é para seu povo. O aspecto da santidade de Deus é mais importante, pois ele é distinguido de suas criaturas em seu caráter e obras.

O salmo conclui com uma oração pela misericórdia pactual que faz a comunidade crente repousar confiante (*v. 22*). Isto põe o *versículo 18b* na forma de oração. O cântico de jubilosa confiança, evidente no começo do salmo, continua direto até o fim.

SALMO 34

De Davi. Quando ele planejou mostrar-se louco diante de Abimele que, que o expulsou e ele se foi.

Este é um salmo acróstico, com cada um de seus versículos começando com uma letra do alfabeto hebraico. As únicas irregularidades é que se omite uma letra (*vav*) e se adiciona um *pe* extra para começar o último versículo. Usando-se um padrão acróstico, impuseram-se certas restrições ao autor, mas o pensamento-padrão flui bem por todo este salmo. É um cântico de ação de graças, ainda que seja difícil estar certo sobre qual era a situação precisa em que o salmista se via. Não há razão para dúvida sobre a exatidão do título e sobre a relação do salmo com o período específico da vida de Davi. É bem possível que a palavra "Abimeleque" (que significa "meu pai é rei") tenha sido um título dos reis filisteus, justamente como faraó era para os egípcios. Se esse era o caso, então o rei referido pode ser Aquis (1Sm 21.10).

1. *Um Hino Introdutório (vs. 1–3)*

Como parte de sua ação de graças, o salmista se compromete a bendizer sempre ao Senhor, bem como a ter constantemente louvor em seus lábios (*v. 1*). Este é um voto que ora ele faz, e o faz ao Senhor da aliança com Israel. A repetição constante do nome do Senhor é uma característica notável por todo o salmo (ver *vs. 1–4,6–11,15–19,22*). Tão grande tem sido a misericórdia do Senhor, que ele se compromete a louvá-lo vezes e mais vezes.

A experiência de alegria que Davi tinha era o que ele queria que outros também soubessem (*v. 2*). Ele queria que seus amigos aflitos ouvissem este apelo e se regozijassem igualmente no Senhor. Alguns acreditam que

ele está se referindo àqueles que têm freqüentado o culto no santuário, mas isso parece restritivo demais. Em outro lugar, o salmista diz que todos quantos juram pelo nome de Deus se regozijarão (Sl 63.11).

O louvor humano jamais poderá tornar Deus maior do que ele é, mas o desejo de Davi é que seu louvor atraia outros para que enalteçam o nome de Deus em público reconhecimento do que ele tem feito (*v. 3*). Mais provavelmente, "seu nome" deva ser entendido como o objeto do verbo "glorificar", pois o hebraico tem "glorificar o Senhor comigo". Na poesia hebraica, é comum não repetir a mesma frase em ambas as partes do verso. O que se busca é um cântico uníssono de louvor ao Senhor.

2. *Um Testemunho de Livramento (vs. 4–10)*

Agora o salmista relata sua experiência pessoal de buscar o Senhor e de achá-lo (*vs. 4,5*). O verbo "buscar" amiúde pressupõe uma busca diligente. Seu clamor fora ouvido e recebera uma pronta resposta da parte do Senhor, e ele encontrara livramento dos temores que o oprimiam. Olhar para Deus é o mesmo que buscá-lo, e os que olham não o fazem em vão. Ninguém que clame a ele se sentirá desapontado. Aliás, há um brilho em seu rosto quando se deparam com a mão do Senhor estendida.

Os *versículos 6 e 7* formam um paralelo com o par precedente. Fazendo um retrospecto de sua própria situação, Davi se refere a si como um homem pobre que clamava ao Senhor. Esse clamor foi ouvido e a salvação ou livramento foi o resultado. Tal resultado foi que ele sabia que o livramento ou salvação era proveniente do Senhor, que então se põe ao redor de seu povo como seu protetor.

Resultando de sua experiência pessoal com o Senhor, o salmista agora convoca outros a obterem experiência semelhante (*v. 8*). "Provar" é usado aqui, como em Provérbios 31.18, para discernimento (lit., "Ela [a esposa] percebe [heb., prova] que seu comércio é proveitoso"). Na igreja primitiva, por causa da idéia de provar, este versículo veio a ser apropriado à Ceia do Senhor. A referência de que o Senhor é bom se ajusta bem ao salmo como um todo, o qual, por seu constante uso do nome divino, enfatiza o caráter pactual da relação. É significativo que "bom" ou "bondade" é termo usado no Antigo Testamento para descrever as coisas prometidas por uma aliança. A pessoa que busca refúgio no Senhor conhecerá deveras a bem-aventurança que ele outorga a seus filhos.

A expressão “o temor do Senhor” (*v. 9*) é um dos termos mais abrangentes que o Antigo Testamento tem para descrever uma verdadeira atitude crente para com o Senhor. É a devota reverência de um santo confiante. Os que confiam nele descobrirão que ele cumpre sua palavra a eles empenhada e não terão falta de nenhuma das coisas que ele prometeu em sua aliança. Mesmo um animal poderoso como o leão pode passar fome, mas aos filhos de Deus nada faltará (*v. 10*).

3. *Instrução Oferecida (vs. 11–20)*

O estilo agora se torna muito semelhante ao estilo de sabedoria do Livro de Provérbios. Os filhos (*vs. 11–13*) em pauta são estudantes ou alunos em vez de literalmente filhos, e a frase é comumente usada no Livro de Provérbios neste sentido (cf. Pv 1.8; 4.1). Daí o professor ser chamado pai (2Rs 2.12; Mt 23.9). No texto hebraico, os *versículos 12 e 13* formam uma pergunta que acha sua resposta nos versículos 14 e seguintes. A pergunta se relaciona com a questão fundamental do significado da vida. Em 1 Pedro 3.10–12, os versículos 12–16 são citados para reforçar a lição de que não devemos retribuir insulto com insulto.

A vida vivida no temor do Senhor não é apenas um estado de coração e mente, mas aquela que se traduz em ação. Ela envolve esquivança do mal e a busca do bem (*v. 14*). Além do mais, deve-se buscar a paz como uma relação harmoniosa, e aqui ela é, em grande medida, uma relação com outros seres humanos e não propriamente a paz com Deus. Este deseja que seus filhos “façam todo esforço para promover a paz e a edificação mútua (Rm 14.19).

O Senhor mantém vigilante guarda sobre seus filhos, e está sempre disposto a ouvir seu clamor (*v. 15*). Os malfeitores do *versículo 16* parecem ser os que são justos apenas nominalmente, e contra eles Deus exibirá sua ira, caso insistam em seguir seus maus caminhos. O resultado final é que perecerão da terra, e deles não restará nenhuma memória.

No texto hebraico, o sujeito do verbo “clamar” é simplesmente “eles” (*v. 17*). O contexto à primeira vista sugere que o sujeito deve ser os malfeitores; mas, como o principal papel da passagem diz respeito aos justos, é melhor seguir a NIV e entender a referência como sendo a eles. O Senhor sempre ouve o clamor de seu povo e está pronto a livrálos de suas tribulações. Ele está também pronto a socorrer. Dois sinônimos são usados no *versículo 18* para descrever os justos – “coração quebrantado”

e “espírito contrito”. Ambos são virtualmente equivalentes para descrevê-los como humildes e contritos. A promessa de Deus através do profeta Isaías era que ele habitaria “com aquele que é contrito e humilde de espírito, para vivificar o espírito dos humildes e vivificar o coração do contrito” (Is 57.15). Ele está perto de todo aquele que o invoca em verdade (Sl 145.18).

Os *versículos 19 e 20* são, no estilo, muito semelhantes ao Livro de Provérbios, quando ambos declaram verdades gerais, não promessas feitas a indivíduos. Luta é a norma para a vida dos justos, mas há outra norma também implícita, a saber, que Deus é seu libertador. O *versículo 20* expressa a verdade de uma forma pictórica. Deus não permitirá que seu povo se veja em extrema situação de perigo, nem permitirá que seu povo se torne objeto de irrisão e opróbrio. Quando os soldados foram e acharam Jesus já morto, não quiseram quebrar seus ossos, para que a Escritura se cumprisse (Jo 19.33–37). Essa era a expressão máxima da idéia do versículo 20.

4. *Sumário Conclusivo (vs. 21,22)*

Justamente como os versículos 15 e 16 continham um contraste, assim há outro aqui. Os que se entregam ao mal com o tempo descobrirão que são destruído por esse mal. Os inimigos dos justos perecerão (tomando o verbo hebraico, *’asham*, aqui e no versículo seguinte neste sentido). Em contrapartida, o Senhor redime seu servo.

Este versículo final está fora do padrão acróstico, justamente como faz o último versículo do Salmo 25. Há outra similaridade entre estes dois salmos em que se introduz a letra *pe* para começar o versículo final, e em ambos os casos o verbo *redimir* é que está em usado. Enquanto os ímpios perecem, Deus salva seus servos, e nenhum dos que confiam nele perecerá. Todos quantos buscam refúgio nele descobrirão que são preservados.

SALMO 35

De Davi.

À primeira vista, este parece ser um cântico individual de queixa. Entretanto, um exame mais detido revela ser ele um salmo que era entoado pelo rei. Ele apela a Deus que intervenha na situação em que algum

parceiro pactual se revela falso em seus compromissos. Há várias frases no salmo que têm uma conotação ou legal ou militar. Em geral, ele é semelhante ao Salmo 20, que é bem mais breve.

1. *Súplica por Socorro (vs. 1–10)*

O *versículo 1* é bem conciso no hebraico. Pode ser traduzido assim: "Contende, ó SENHOR, com meus contendores, e luta contra meus lutadores." O verbo hebraico traduzido "contende" às vezes ocorre num cenário legal ou pactual (cf. Jr 2.9: "trago acusações"; Mq 6.1: "Pleiteia sua causa diante dos montes"). O salmista quer que Deus lute suas batalhas legais e também o defenda contra os que o atacam. Se o ataque era causado por um parceiro pactual que porventura voltara atrás num acordo formal, então ambas as batalhas eram de fato idênticas.

Escudo e broquel eram dois tipos diferentes de escudos usados em batalha. O escudo era um tipo menor e redondo portado por infantaria; enquanto o broquel era um escudo retangular maior que protegia todo o corpo. O apelo é para que Deus entre na batalha em seu favor, erguendo armas tanto em defesa quanto em ataque. Ele também aspira ser tranqüilizado novamente por Deus por meio de uma declaração de que ele é seu libertador (*vs. 2,3*).

No *versículo 4* há uma mudança de discurso direto a Deus (*vs. 1–3*) para um apelo indireto na forma de maldições sobre seus inimigos. Maldições deste gênero não devem ser consideradas expressões de vingança pessoal. Devem ser preferivelmente tomadas como expressões de um servo pactual desejando que Deus se entenda com seus inimigos. Aqui, Davi ora para que seus inimigos sejam desditosos e envergonhados. Estes dois verbos às vezes ocorrem juntos no Antigo Testamento. Em nosso idioma, "ser envergonhado" contém a idéia de emoções íntimas, enquanto o verbo hebraico comunica a idéia de desgraça pública. Seus inimigos estavam buscando tirar-lhe a vida, e ele deseja que sejam expostos ao opróbrio público.

A referência a "palha ao vento" (*v. 5*) pressupõe inutilidade completa (cf. Sl 1.4). A idéia de anjo do Senhor perseguindo os inimigos (*v. 6*) provavelmente venha do papel que o anjo desempenhou na derrota dos egípcios (Êx 14.19ss.). No salmo anterior, o anjo do Senhor era o guardião de seu povo (Sl 34.7). Aqui, ele é aquele que traz destruição sobre seus inimigos.

Com muita freqüência em salmos como este, o salmista proclama sua inocência (*vs. 7,8*). Seus inimigos têm agido contra ele sem justa causa. Suas ações não são provocadas por ele (cf. afirmações semelhantes nos Sl 109.3 e 119.161). Ele se sente enleado por suas tramas, porém ora para que essas mesmas tramas se voltem contra eles e que esses inimigos sejam apanhados por suas próprias astúcias.

O salmista antecipa que sua oração será ouvida e respondida (*vs. 9,10*). Assim ele é capaz de expressar seu deleite no Senhor como seu Salvador e Libertador. Ele está confiante de que sua presente situação será revertida, e que o juízo que tem invocado sobre seus inimigos se concretize. A indagação: "Quem é como tu, ó SENHOR?" é típica de cânticos de vitória, e esta aqui provavelmente seja um eco daquela cantada após o êxodo: "Quem entre os deuses é como tu, ó SENHOR? Quem é como tu – majestoso em santidade, terrível em glória, que opera prodígios?" (Êx 15.11). O salmista está cônscio de sua fraqueza pessoal ("pobre e necessitado"), contudo bem sabe que sua salvação repousa unicamente no Senhor.

2. *Destruição dos Inimigos (vs. 11–18)*

Esta nova seção do salmo estabelece a inocência do salmista em face da perseguição que ora enfrenta (*vs. 11,12*). Ele insiste nisto como a razão por que Deus deve intervir e socorrê-lo. A frase "testemunhas implacáveis" literalmente é "testemunhas de violência" (cf. Êx 23.1; Dt 19.16). A cena consiste num tribunal irregular. Ele é interrogado por homens violentos acerca de crimes dos quais ele nada sabe. O resultado é que ele é punido por coisas que jamais praticou, e assim é deixado na desolação. Ele é como uma criança que perdeu sua mãe.

Os *versículos 13 e 14* contêm vários termos veterotestamentários para lamento. O cilício [ou pano de saco] era um sinal externo de luto, e usado contra a pele causava terrível desconforto. O jejum era praticado em situações de perigo e aflição. "Sair pranteando" é uma frase que descreve pranteadores que demonstravam profunda tristeza, que saíam em público sem se lavar e usando roupas sujas. Orar com a cabeça encurvada (lit. "minha oração volta ao meu peito"), como fez o cobrador de impostos (Lc 18.13), significava que a postura física e a agonia interior deviam ser vistas em conjunto. Quão diferente era a atitude do salmista, em relação aos seus inimigos, da atitude destes para com ele! Ainda que seus inimigos

tivessem com ele laços familiais mais estreitos, ele não poderia ter demonstrado tristeza mais profunda por eles.

Uma palavra bem incomum é usada para agressores (*v. 15*). Parece originar-se de um verbo hebraico que significa golpear, mas numa forma que seria passiva ("atacado", "incapacitado"). É usada em Isaías 66.2 para aqueles que são de espírito contrito. Caso se tome este significado aqui, implica que mesmo os que participavam de um estado semelhante ao do salmista não tentavam consolá-lo. Ao contrário, se vangloriavam de sua condição, e o feriam ainda mais com suas palavras amargas (*v. 16*).

Nos *versículos 17 e 18* há um apelo direto ao Senhor para que atente para sua situação e o livre. A frase "Até quando?" ocorre quando há um senso de completo abandono (Sl 13.1; 79.5; 89.46). Davi deseja que sua vida seja libertada dos ataques atuais e amargos desferidos por esses homens maus. A referência a "minha vida preciosa" pode sugerir que ele estava muito centrado em si mesmo, mas a palavra é quase invariavelmente usada para os que amavam a Deus. Esse amor por Deus trouxe proteção (cf. Benjamim, Dt 33.12). Nossa atitude para com nossa própria vida deve ser tomada em termos cristãos, e, como Paulo, devemos visualizá-la do somente em relação ao propósito divino para conosco (At 20.24).

3. *Clamor pelo Socorro Divino (vs. 19–27)*

Faz-se agora um apelo direto ao Senhor, substituindo as maldições no início do salmo. Uma vez mais, a inocência do salmista é mantida por ele estar sendo perseguido "sem causa" e "sem razão" (*v. 19*). Ele não quer que tais pessoas tenham condições de vangloriar-se (lit. "regozijar-se") de sua tribulação. O verbo hebraico traduzido "piscar" contém a idéia de apertar alguma coisa. É provável que "piscar" esteja bem associado com divertimento em nosso idioma. Seria melhor usar uma expressão como "estreitar os olhos" que pode descrever melhor a hostilidade.

No *versículo 20*, surge mais indicação do compromisso ou aliança na tela de fundo do salmo. O termo "paz" era usado em tratados internacionais do antigo Oriente Próximo para designar a relação entre as partes. Assim Josué fez paz com os gibeonitas, estabelecendo uma relação pactual entre Israel e eles (Js 9.15). Evidentemente, os inimigos do salmista estavam rompendo os termos do tratado e fazendo falsas reivindicações contra os que viviam tranqüilamente na terra.

Os inimigos alegam que viram algo que rompia os requisitos da aliança que haviam feito (*v. 21*). O grito "Ah!" é uma exclamação de alegria ante o fato de que descobriram algo com que pudessem acusar o salmista. Mas, alguém mais via a situação. Deus tinha sido testemunha do tratado, e o salmista apela para que ele intervenha (*v. 22*). "Não guardes silêncio" e "não fiques longe de mim" são formas simples de rogar o socorro imediato de Deus para que ele corrija a situação.

Usa-se terminologia jurídica para mostrar a ação que o Senhor requer (*vs. 23,24*). A súplica para que Deus contenda por ele, com a qual o salmo inicia, é agora reiterada. Ele roga para que Deus se "desperte", isto é, que se incite e aja em favor do salmista, porquanto ele parece estar longe demais. Ele anseia por livramento, e a frase "vinga-me em tua justiça" pode referir-se à vitória na batalha até onde seja uma justificação jurídica. A frase final do *versículo 24* é a mesma que a primeira do versículo 19.

Se Deus não intervier, então esses inimigos seriam capazes de concluir e dizer: "Nosso desejo foi concretizado!" (*v. 25*). Novamente a exclamação "Ah!" denota alegria. Com regozijo seriam capazes de declarar que o salmista fora destruído (cf. Sl 124.3 para a expressão idiomática concernente a ser tragado).

Esta seção do salmo termina com um contraste entre dois grupos de pessoas (*vs. 26,27*). Para os que desejam sua ruína, o salmista roga que sejam cobertos de opróbrio e desgraça, como se os usassem como roupas. Em contrapartida, ele aspira que aqueles que o apóiam sejam capazes de regozijar-se no que o Senhor tem feito por ele. O tema de aliança prossegue aqui com referência ao bem-estar (lit. "a paz") do servo do Senhor. Os tratados humanos podem prometer paz, mas é somente o Senhor que pode dá-la. A verdadeira paz é um dom do Salvador (Jo 14.27).

4. *Palavra de Gratidão (v. 28)*

A resposta do salmista é cantar louvores pela salvação divina. Ele falará sempre (a mesma palavra usada no Sl 1.2 para murmurar ou meditar) de seu livramento, e faz menção de seu louvor. É notável que o louvor de Deus esteja estreitamente associado aqui e em outros lugares com os atos de livramento provenientes de Deus (ver Êx 15.11; Sl 78.4; 106.47).

SALMO 36

Para o diretor de música. De Davi, servo do Senhor.

Há neste salmo traços que lembram apelos dirigidos a Deus, mas há também outros traços que se assemelham mais aos salmos sapienciais, tais como 37 ou 73. Talvez seja melhor compará-lo com o primeiro salmo, ainda que o mesmo trate do tema em ordem inversa. Aliás, há no salmo quatro seções. Ele começa com os perversos, avança para o amor pactual de Deus (*chesed*), ora pela continuação desse amor e então volta ao destino dos perversos. Este padrão quiasmático é mais evidente no texto hebraico, mas pode ser estabelecido nesta forma:

1. *O caráter dos ímpios* (vs. 1–4) Tema: os perversos [*rasha'*] (v. 1)
   2. *O amor pactual do Senhor* (vs. 5–9) Tema: amor pactual [*chesed*] (v. 5)
   3. *continuação do amor do Senhor* (v. 10) Tema: amor pactual [*chesed*] (v. 10)
4. *O destino dos perversos* (vs. 11,12) Tema: os perversos [*rasha'*] (v. 11)

1. *O Caráter dos Ímpios (vs. 1–4)*

O versículo inicial é o que J. A. Alexander denominou um dos versículos mais difíceis de todo o livro. A palavra traduzida por "oráculo" é um termo técnico, ocorrendo somente no Salmo 110.1, e usado mais comumente nos profetas para introduzir uma proclamação divina. Aqui ele é ou usado em relação ao salmista, como a NIV o toma, ou se refere à decisão que o homem perverso toma: "Resolvi em meu coração fazer o mal." A segunda parte do versículo constitui o comentário do salmista sobre o caráter do homem perverso. Este não possui nada do terror inspirado por Deus, e por isso Deus é excluído de todo o horizonte de sua vida. Paulo cita estas palavras em Romanos 3.18 como a causa de todas as manifestações do pecado que ele passa a catalogar.

A natureza do pecado consiste em que ele é auto-ilusório (*vs. 2,3*). Destituído do temor do Senhor, o transgressor não se vê corretamente, e por isso é incapaz de reconhecer ou de odiar o pecado. Suas palavras revelam seu caráter genuíno; e vivendo sob o domínio do pecado ele já cessou de agir sabiamente e de fazer o bem.

Como parte de seu modo de vida, o homem mau crê que na solidão de seu próprio quarto ele pode tramar o mal sem que Deus o saiba (*v. 4*). Em

vez de pensar sobre a bondade de Deus em seu leito (Sl 63.6), ele deliberadamente continua tramando mais males para o dia seguinte.

2. *O Amor Pactual do Senhor (vs. 5–9)*

Em agudo contraste com estas descrições dos perversos está o amor pactual (*chesed*) do Senhor (*v. 5*). A idéia deste versículo é muito semelhante àquela do início do Salmo 89, a qual proclama o prodígio da graça de Deus demonstrada em sua aliança com Davi. Ambos, o "amor" e a "fidelidade", descrevem o imutável compromisso de Deus, sua total dependência de manter sua palavra empenhada. Está além da capacidade humana compreender a plena extensão deste amor (cf. Sl 103.11 e as palavras de Paulo em Ef 3.18,19).

Ambas, a "justiça" e a "eqüidade" (*v. 6*), são termos que dão seqüência à idéia do compromisso pactual de Deus. São comparadas às grandes e imutáveis partes da criação divina que demonstram o quanto são imutáveis. Ele continuará a preservar, respectivamente, os homens e os animais. A alusão provavelmente seja à aliança com Noé, na qual Deus se comprometeu em jamais eliminar a vida novamente por meio de um dilúvio (Gn 8.21,22; 9.9–17).

Exclamação ou doxologia é uma resposta apropriada ao que acaba de ser dito (*v. 7*). A NIV aplica a palavra hebraica *'elohim* aos homens de alta posição. É melhor tomá-la em seu sentido normal para "Deus", e então traduzir: "Quão precioso é teu amor infalível, ó Deus! Os homens acham refúgio …". Uma expressão do amor pactual de Deus é que os homens podem achar refúgio nele, justamente como Israel fizera outrora (cf. Dt 32.10,11; Sl 17.7,8).

A graça de Deus é descrita como festejar ou beber (*vs. 8,9*). Quando o povo vinha ao santuário, descobriam que Deus havia providenciado ricamente para eles. A idéia de festejar pode ter surgido da prática de participar de refeições de comunhão. Associado com isto está o quadro de beber da água fresca de uma fonte. É possível que "casa" aqui seja a criação divina como um todo, da qual os homens e animais igualmente recebem em profusão. Toda a vida retrocede a Deus como sua fonte, e então o salmista muda a imagem para luz. Esta afirmação se assemelha ao versículo inicial do Salmo 27, onde se diz que Deus é luz e salvação. Esta idéia antecipa a mensagem do evangelho neotestamentário de que Jesus é deveras a verdadeira luz (Jo 1.4–9; 1Jo 1.5–7).

3. *A Continuação do Amor do Senhor (v. 10)*

O verbo usado no início deste versículo comunica a idéia de esticar ou prolongar algo. Ele forma uma oração aqui de que o amor pactual do Senhor será mantido para com os que desfrutam de íntima relação com ele. "Conhecer o Senhor" é uma expressão que denota estreita comunhão com ele, uma vez que os estranhos a ele não têm tal conhecimento (cf. 1Sm 2.12; 3.7). A frase paralela repete a mesma idéia em linguagem variante, continuando a estreita conexão entre o amor e a justiça pactuais (ver v. 5).

4. *O Destino dos Perversos (vs. 11,12)*

O pensamento dos perversos tramando métodos nocivos contra os justos remonta novamente ao início do salmo. O salmista ora por proteção contra os pés e as mãos dos perversos.

Enquanto o quadro inicial dos perversos neste salmo era o de negócio em seus próprios caminhos pecaminosos, agora seu fim é descrito com notável brevidade (*v. 12*). "Lá estão eles!", exclama o salmista. O lugar ou tempo não é mencionado, tornando a afirmação uma ameaça ainda maior. A pessoa que não vive no temor do Senhor finalmente perecerá.

SALMO 37

De Davi.

Nenhum dos salmos acrósticos anteriores (9,10,25 e 34) é tão elaborado como este. Todas as letras do alfabeto hebraico estão inclusas, e dois versículos são destinados a cada letra. Em seu tema geral, o salmo se relaciona mais estreitamente com o Salmo 73, ainda que contenha muitos versículos que têm paralelos no Livro de Provérbios. Muitas das afirmações estão na forma de provérbios, que são afirmações gerais de uma verdade e não de promessas feitas a indivíduos. Seu ensino se centra na fonte de bênção genuína, e encoraja seus leitores a seguirem os caminhos do Senhor. Ele conclui com a nota de salvação para todos quantos acham refúgio nele (*v. 40*). Embora o padrão alfabético imponha restrições ao autor, contudo parece haver algumas divisões no salmo.

1. *Chamado a Confiar-se no Senhor (vs. 1–9)*

A abertura e encerramento do salmo são marcados por imperativos e proibições. A palavra hebraica para "irritar" vem de um radical que significa "abrasar", e é usada aqui numa forma reflexiva: "Não se abrase [com inveja]." O problema aqui e no Salmo 73 consiste na aparente prosperidade do perverso. O salmista diz a seus leitores: "Não nutra inveja dos perversos, pois eles não passam de relva, a qual, quando parece estar florescendo, na verdade já está murchando." A comparação com a relva é usada em outras partes dos Salmos que visa a ensinar acerca da fragilidade de toda a vida humana (ex., Sl 103.15).

A carência não era de inveja, mas da confiança no Senhor! (*vs. 3,4*). Este mandamento tem como sua tela de fundo a posse de Israel da terra da promessa. A necessidade era de continuidade no compromisso com o Senhor e de obediência apropriada à sua palavra que resultaria neles "a prática do bem". As referências à terra lembram passagens tais como Deuteronômio 11, nas quais "a terra" era um sumário de todas as bênçãos prometidas sob a aliança. Ali haveria desfruto do Senhor (o verbo é bem raro no Antigo Testamento) e recebem a certeza de que ele responderia às orações de seu povo.

O tema dos versículos 3 e 4 é reiterado em linguagem alternativa nos *versículos 5 e 6*. O desafio é para que entreguem (lit. empurrem) seus caminhos ao Senhor (cf. Sl 22.9). Quando esta expressão é comparada com Provérbios 16.3 – "Entregue ao SENHOR tudo o que você faz, e seus planos serão bem-sucedidos" –, parece sugerir que mandamentos pesados, como uma grande carga, devem ser empurrados em direção do Senhor. Ele é capaz de fazer tudo quanto se requer. O equivalente no Novo Testamento é lançar sobre ele toda nossa ansiedade, porque ele cuida de nós (1Pe 5.7). O resultado desta confiança será que a causa que se fiou a ele florescerá justamente como o esplendor do sol em sua glória. A NIV toma a palavra hebraica *'or* (luz) como aurora, mas o paralelismo pressupõe ser "sol" a melhor tradução.

A situação que confronta os leitores deste salmo era que a prosperidade dos perversos estava trazendo-lhes problemas (*v. 7*). Quando fixavam sua mente nela, ficavam irados e ressentidos. O que deveriam ter feito era permanecer tranqüilos diante do Senhor (cf. o uso do mesmo verbo no Sl 62.1) e esperar pacientemente que ele lidasse com a situação. O mandamento "não se irrite" é formulado pelo versículo inicial e reiterado

neste e no versículo seguinte. O presente sucesso dos ímpios não é real indicação do favor ou bênção de Deus.

Ficar irado com a situação equivale a imitar os caminhos tortuosos dos perversos (*vs. 8,9*). A inquietação interior em tal situação resulta em mais males e põe alguém em risco diante do juízo divino. "Ser eliminado" é usado aqui como em Êxodo 30.33,38 e 31.14 de entregar à morte. Permanecer na boa terra e desfrutar de seus benefícios requeriam verdadeira fé e esperança no Senhor. Esta última expressão complementa as outras expressões já usadas tais como "confiança" e "entregar seu caminho ao Senhor". Esperar no Senhor indica longa e paciente perseverança na espera por ele. Seus paralelos no Novo Testamento são a experiência de nosso Senhor no Getsêmani (Lc 22.44, "em angústia") e a descrição das orações de Epafras (Cl 4.12, "sempre lutando em oração").

2. *A Ruína dos Perversos (vs. 10–15)*

A aparente prosperidade dos perversos não passa de uma ilusão, pois se destinam a ser eliminados (*v. 10*). Quando alguém tenta ver onde estão (lit. você percebe seu lugar), já se foram. O contraste consiste em que os mansos habitarão na terra e desfrutarão (a mesma palavra traduzida por "deleite" no v. 4) de paz abundante (*v. 11*). A palavra "mansos" representa todos os que estão realmente esperando no Senhor. Ela é amiúde contrastada com os perversos como aqui neste versículo, ou com os escarnecedores (Pv 16.19). Experimentam Deus como seu libertador (Sl 10.17,18); recebem sua graça (Pv 3.34) e sabem que, finalmente, Deus irá salvá-los (Sl 147.6; 149.4).

Aqueles cujos corações não são retos diante de Deus passam seu tempo arquitetando contra os justos (*v. 12*). Em sua amargura, inflamam seu furor rangendo seus dentes enquanto exibem sua ira. No Salmo 2.4, o Senhor moteja do esquema dos reis hostis. Aqui, ele moteja dos perversos em geral (*v. 13*). A razão para isto é que ele sabe que "seu dia" está chegando. Isto poderia ser uma referência ao "dia" do Senhor, mas no contexto parece ser o dia do homem perverso. De fato, equivale à mesma coisa, pois seu dia será o dia do juízo final.

Hostilidade para com os justos é a marca registrada dos perversos (*v. 14*). Planejam usar armas contra eles e inclusive em matá-los. O verbo "matar" é um termo muito forte, sendo usado em outros lugares normalmente para os matadores de animais. Entretanto, o que descobrirão

é que seus próprios esquemas se voltam contra eles e são destruídos por suas próprias armas (*v. 15*). Este tema do mal se voltando contra seus praticantes se encontra no Salmo 7.14–16 (ver comentário; para uma idéia semelhante, ver Jr 2.19).

3. *A Bênção do Senhor (vs. 16–26)*

A riqueza pode ser parte de uma vida feliz, porém não é sua base real. Os justos podem ser pobres, mas isso é melhor que viver pensando que a riqueza é o que importa na vida (*v. 16*). O dinheiro em si não é errado. O que a Bíblia condena é o amor depositado nele (1Tm 6.10). Os perversos descobrirão que sua capacidade de adquirir riquezas desaparecerá (*v. 17*). A palavra "poder" literalmente é "braços", pois às vezes "braço" é usado como um símbolo de poder (ver Sl 77.15; 89.10). Em contrapartida, o sustento dos justos vem do Senhor. Ele é o perene provedor de seu povo, e seu papel é enfatizado no texto hebraico (e todas as versões antigas) ao pôr seu nome no final do versículo.

Toda a idéia de Canaã como sendo a terra que Deus jurou dar a Israel jaz por trás das palavras nos *versículos 18 e 19*. Canaã era a herança que o Senhor providenciara (Êx 15.17; Dt 31.20), e seus olhos pairavam "continuamente sobre ela desde o início do ano até o fim" (Dt 11.12). Deus conhecia cada dia da vida de seu povo, e de tal modo satisfazia suas necessidades, que mesmo em tempos de fome desfrutavam de abundância. Às vezes isto era feito por meios extraordinários, como no tempo de Elias (1Rs 17.1–6).

A ênfase no *versículo 20* recai sobre a natureza passageira dos perversos. Provavelmente se acham envolvidas duas ilustrações. A primeira delas consiste na beleza da relva, a qual logo murcha. A segunda consiste nas coisas sendo consumidas pelo fogo. Ambas chamam a atenção para o fato de que a existência dos perversos é profundamente irritante.

Nos *versículos 21 e 22*, o contraste é entre os perversos que tomam empréstimos em altas somas e são incapazes de pagar quando chega a crise; e os justos, que não só têm o suficiente para suas próprias necessidades, mas são capazes também de ajudar outros. A introdução da referência à bênção e à maldição lembra as seções na aliança que catalogam as bênçãos e maldições apropriadas (Dt 27.11ss.; 28.1ss.; 28.15.ss.). A descrição da morte como "eliminação" lembra a linguagem na instituição de uma aliança (lit. "cortar uma aliança") e a ameaça de ser

eliminado em função do fracasso de guardar as provisões da aliança (Gn 17.14).

O princípio geral declarado nos *versículos 23 e 24* é que os justos podem experimentar falhas durante a vida, mesmo assim o Senhor os susterá, de modo a serem soerguidos outra vez (ver o ensino semelhante em Pv 24.16). O prazer do Senhor é exibir os justos caminhando em seus caminhos, e ele é quem estabelece esses caminhos. Os justos não são isentos de tribulação, mas quando ela vem o Senhor lhes estende sua mão (o mesmo verbo "sustentar" ocorre aqui e no v. 17).

O idoso salmista pondera sobre seu conhecimento da vida (*vs. 25,26*). Embora tenha assistido os justos passando por momentos difíceis (*vs. 7,12,14,16,19*), contudo jamais os viu completamente desamparados pelo Senhor. Ainda que tenham períodos na vida nos quais é como se o Senhor tivesse subtraído seu amor, contudo isso nunca é um ponto final. Os justos são capazes de mostrar compaixão a outros e partilhar com eles seus recursos. O empréstimo não é em sentido comercial, pois de tais empréstimos não se podia cobrar juros (Êx 22.25). A frase final do versículo 26 aponta para o fato de que não só os justos serão providos pelo Senhor, mas seus filhos, por sua vez, receberão dele.

4. *As Marcas dos Justos (vs. 27–33)*

Nas partes conclusivas do salmo há um retrocesso ao estilo da abertura, com mandamentos uma vez em evidência. O tema da habitação na terra prometida continua.

A continuidade na terra prometida depende da obediência por parte do povo (ver Dt 11.8,9: "Observem, pois, todos os mandamentos que lhes estou dando hoje … para que vivam na terra que o Senhor jurou a seus pais dar a vocês e a seus descendentes …"). Seguir o SENHOR significava que tinham de retroceder do mal para o bem (*v. 27*), que é uma referência a viver uma vida moral sólida (1Rs 8.36). O texto hebraico do *versículo 28a* diz que o Senhor ama a "eqüidade", mas talvez seja preferível tomar isto no sentido de "o justo", como em Provérbios 2.8. Aos que são justos e que são servos leais (*chasidim*, ver sobre 4.3; 12.1; 18.25), ali é dada a promessa de que Deus jamais os abandonará (Dt 31.6, citado em Hb 13.5).

Nos *versículos 28b e 29*, o contraste é entre o justo e o perverso e seus respectivos descendentes. A semente (NIV "filhos") dos justos será abençoada (*v. 26*), enquanto a semente (NIV "descendência") dos

perversos será destruída. Esta é uma repetição de outras palavras do que já se disse nos versículos 9 e 22. O salmista elabora aqui sobre o conceito da terra como uma herança para Israel. O povo pactual de Deus tinha que manter sua herança por meio da obediência a seus mandamentos. A idéia desta afirmação forma a tela de fundo para as palavras de Jesus no Sermão do Monte: "Bem-aventurados os mansos porque herdarão a terra" (Mt 5.5).

Nos *versículos 30 e 31* há outro paralelo com o dito no Livro de Provérbios (Pv 10.31). A pessoa justa pondera a sabedoria de Deus e fala sobre ela. A palavra "pronuncia" é traduzida por "medita", no Salmo 1.2, mas pode significar também "falar" (ver Sl 35.28). Aqui, meditação e discurso se enfeixam, pois o homem justo tem a lei de Deus em seu coração, e assim ele fala do que é sábio e justo. Seus passos não se resvalam, porque tem a instrução divina como seu guia.

Os *versículos 32 e 33* contêm o timbre do tribunal. Daí ser bem possível que "buscar suas próprias vidas" (lit. "buscar matá-los") se refira à ação num tribunal para assegurar um veredicto de culpado. "Ficar à espera", pois, seria dar falsa evidência contra os justos. Mas embora os homens condenem, Deus absolverá. O justo juízo de Deus é aqui contrastado (como em 1Co 4.3) com o juízo humano. Tertuliano, um dos pais da igreja primitiva, disse: "Se formos condenados pelo mundo, seremos absolvidos por Deus." O justo não será abandonado em tal momento de provação, mas, antes, achará da parte do Senhor a justificação.

5. *A Salvação do Senhor (vs. 34–40)*

Os versículos finais do salmo resumem sua mensagem, reiterando idéias já vistas nos versículos 7,9 e 11. O salmista lança um apelo a que se exercite paciente e ansiosa espera pelo SENHOR, que é associado com seguir suas veredas (*v. 34*). "O caminho do Senhor" é uma expressão que retrocede às palavras de Deus concernentes a Abraão e seus descendentes (Gn 18.19). Davi, no fim de sua vida, instruiu seu filho Salomão a "observar o que o Senhor seu Deus ordena: andar em seus caminhos e guardar seus decretos e mandamentos" (1Rs 2.3). "Exaltar" neste contexto é praticamente equivalente a libertar (cf. Sl 27.6). Uma vez mais, a terra de Canaã entra em cena aqui. Quando os perversos se depararem com a destruição, os justos serão os observadores (para a mesma idéia, ver Sl 52.6; 91.8).

Na experiência pessoal do salmista, ele tinha se deparado com homens perversos e tiranos (*vs. 35,36*). Eram como árvores nativas, bem radicadas e exuberantes. Mas quando em seguida os procuravam, já tinham desaparecido, e nenhuma busca podia localizá-los. Isto é fazer uso da mesma ilustração que aparece no Salmo 1, mas no sentido oposto.

Segue outro imperativo (*v. 37*). "Considerar" é o verbo hebraico para "conservar" ou "guardar". É usado aqui no sentido de "ponderar", ou "prestar atenção". O objeto desta atenção é o homem justo, chamado aqui "irrepreensível" (ver sobre Sl 15.2; 18.23) e "reto". Seu ponto final (NIV "futuro") é o de bem-estar e prosperidade. Seu caráter e seu destino se põem em marcante contraste com o homem de violência (*v. 35*). Todos os transgressores serão destruídos, pois no fim serão eliminados pelo Senhor (*v. 38*).

O salmo termina com um sumário de sua mensagem inteira (*vs. 39,40*). A fonte de salvação é o Senhor, que é um refúgio em tempo de tribulação. Ele sustenta e liberta. O verbo "libertar" usado aqui (*palat*) é quase exclusivamente um termo do Saltério. É às vezes usado, como aqui, numa palavra de testemunho a respeito dos livramentos de Deus, e também, como aqui, às vezes tem como paralelo o verbo "socorrer". As palavras finais são importantes porque explicam a razão para os livramentos de Deus. Os justos têm buscado refúgio nele, e por isso ele os salva.

SALMO 38

Salmo de Davi. Petição.

O título deste salmo não provê muita ajuda à tentativa de situá-lo num cenário histórico. A descrição "petição" é literalmente "trazer à memória". Há quem sugira um elo com a oferta memorial de Levítico 2.2 e 24.7. O Targum aramaico associa o salmo com a oferta memorial diária (Lv 6.8–13), enquanto a Septuaginta grega o associa com a oferta memorial sabática (Lv 24.5–9). É melhor concluir que o título seja uma descrição posterior de um salmo usado por ofertantes trazendo seu compromisso à memória de Deus. Ele tem muitas afinidades com o Salmo 6, exceto que aqui não há resposta registrada ao apelo por auxílio.

1. *Clamor por Auxílio (v. 1)*

O início do salmo é quase idêntico ao Salmo 6.1 (palavras diferentes são usadas para "ira"). Davi sabe que Deus punirá o pecado, porém roga a ele que não demonstre sua ira quando trouxer sua causa diante dele. Ele se aproxima de alguém que é "o Deus compassivo e gracioso, tardio em irar-se e rico em amor e fidelidade" (Êx 34.6).

2. *Descrição de Enfermidade (vs. 2–10)*

É difícil averiguar a natureza da enfermidade descrita aqui. Há aspectos que pressupõem uma condição dermatológica (ver *vs. 5 e 7*). Poderia ter sido uma forma de lepra, o que também ajuda a explicar por que o salmista estava tão alienado de seus amigos e familiares (*v. 11*).

"Flechas" significam juízo divino, enquanto "mão" às vezes é um símbolo de poder no Antigo Testamento (*v. 2*). Este versículo constitui um reconhecimento do modo soberano como Deus o tem tratado, penetrando fundo seu coração e vida (o mesmo verbo hebraico é representado, respectivamente, por "traspassaram" e "desceu"; cf. o uso do mesmo verbo em Provérbios 17.10: "A repreensão faz marcas mais profundas num homem de discernimento do que cem açoites no tolo").

Nem sempre há uma conexão entre pecado e enfermidade, mas aqui o salmista confessa seu pecado (*vs. 3,4*), e o faz uma vez mais adiante no salmo (*v. 18*). Ele está experimentando em todo seu corpo as conseqüências do juízo divino sobre si. Sente que está sendo deglutido por seu pecado e suas conseqüências. A palavra "fardo" é um termo de uso adequado para pecado e culpa, e seu uso remonta às palavras de Caim: "Meu castigo é mais do que posso suportar" (Gn 4.13).

Os termos usados aqui para descrever a enfermidade denotam o odor e secreção das feridas (*vs. 5,6*), ainda que possam ser usados como uma descrição figurada do sofrimento extremo. "Tolo pecaminoso" é uma boa tradução de um termo hebraico que aparece com mais freqüência (22 dos 24 aparecimentos) no Livro de Provérbios (cf. especialmente Pv 24.9). O versículo 6 assume a idéia de pecado como sendo um fardo (*v. 4*), quando o salmista sugere que ele está encurvado por seu pecado. Ele pranteia sem cessar. No judaísmo posterior, era costume alguém comparecer a juízo com a aparência de quem pranteou. Se este era ainda um costume antigo, então pressupõe que o salmista estava reconhecendo sua culpa pessoal e que era acusado diante do Senhor.

As costas do salmista são ulcerosas e intensamente febris (*v. 7*), e ele repete seu clamor lamurioso do versículo 3: "Não há saúde em meu corpo." Esta é a maneira como mais tarde Isaías falou da condição da nação (Is 1.6, "Da sola do pé ao alto da cabeça não há nada são …"). Física e psicologicamente, o salmista sente-se febril em grau intenso. Ele descreve seus angustiantes clamores pelo uso do verbo (*sha'ag*) que normalmente é usado para o rugir do leão (*v. 8*). O mesmo verbo é usado para o rugir do Senhor (Am 1.2; Jr 25.30; Jl 3.16). Aqui, porém, ele traduz o torturado salmista que clamo em sua tristeza e dor.

Em sua enfermidade e angústia, o salmista sabia que toda sua vida era exposta diante do Senhor (*vs. 9,10*). Nada podia ocultar-se dele, nem mesmo seus suspiros. Este é o significado real da palavra aqui, em vez de "saudades". Quando a linguagem normal é impossível, às vezes só suspiros podem expressar angústia emocional e física. Deus, que ouvia o gemido de seu povo no Egito (Êx 2.24), entenderia sua condição. Seu coração bate freneticamente, e toda sua força se desvanece. A referência à luz que se extingue dos olhos provavelmente signifique que sua vitalidade havia desaparecido (cf. a nota relativa a Moisés em Dt 34.7: "seus olhos não se enfraqueceram", para o uso positivo da expressão idiomática).

3. *Abandonado pelos Amigos (vs. 11–20)*

Os versículos seguintes continuam descrevendo o senso de desolação que Davi ora experimentava. Acima de tudo, seus amigos o abandonaram e, então, seus inimigos o escarneciam (*vs. 11,12*). Seus amigos (lit. "os que me amam") procuravam evitar contato com ele. A aflição que está suportando era demais para eles, e por isso se distanciam dele. A palavra "feridas" literalmente é "aflição, dor", uma palavra que pode ser usada para a lepra no Antigo Testamento (Lv 13.2; Dt 24.8). Provavelmente o que causa o afastamento deles não seja apenas a natureza repulsiva de sua enfermidade, mas também a compreensão de que ela viera de Deus. À distância eles tramam como poderiam feri-lo. Todos os dias se preparam para planejar como poderiam fazer-lhe um mal ainda maior.

O salmista deposita sua causa diante de Deus, e não faz qualquer tentativa de justificar-se diante de seus acusadores (*vs. 13,14*). Ele pretende ser surdo e mudo, e o diz de forma enfática, repetindo as idéias principais do versículo 14. Ele não oferece uma resposta às acusações de seus amigos e vizinhos.

Em meio ao lamento, o salmista mostra onde realmente jaz sua esperança (*v. 15*). Ele dirige sua oração ao Senhor, confiante de que Deus responderá. Já no final do salmo, ainda não há nenhum registro de resposta, mas é parte da natureza da verdadeira fé continuar aguardando com ansiosa expectativa.

O texto hebraico do *versículo 16* traz simplesmente: "Pois eu disse: Não permitas que se divirtam à minha custa …". É preciso que se entenda alguma coisa, como: "Prestarei muita atenção em meus caminhos …". Esta provavelmente era uma oração que fora formulada antes, rogando por cura, para que sua condição não desse a seus inimigos ocasião de divertimento. Mesmo quando ele tropeçava, aproveitavam a oportunidade para divertir-se à sua custa, gabando que não se encontravam na mesma posição.

É difícil saber qual a "queda" a que se refere no *versículo 17*. É possível que seu coração estivesse chegando a uma conclusão equivocada acerca de sua presente condição, e não conseguisse visualizá-la à luz da palavra de Deus. É como se nutrisse dúvida quanto à promessa de que Deus não deixaria que o justo caia (Sl 15.5; 37.24; 112.6). Angústia mental e física era sua companheira constante. No início do salmo, ele reconhecera seu pecado (*v. 3*), e agora age da mesma forma (*v. 18*). Ele era perturbado por seu pecado, e espontaneamente faz sua condição conhecida diante de Deus.

Enquanto parece avizinhar-se da morte, os inimigos do salmista se encontram bem vivos (*vs. 19,20*). Um dos manuscritos de Qumran registra: "meus inimigos sem causa" (hebraico *chinam* em vez de *chayyim*), o qual é uma emenda freqüentemente sugerida (cf. Sl 35.19). Não obstante, esta poderia bem ser uma mudança deliberada, e é preferível ficar com o texto massorético. Sem qualquer justificativa, os inimigos retribuíram bem por mal, e seu ódio era inspirado tão-somente por sua própria pecaminosidade.

4. *Apelo por Auxílio (vs. 21,22)*

O salmo termina com uma oração por auxílio imediato. No centro da vida do salmista há ainda fé genuína. Ele teme o abandono de Deus, e roga que lhe seja concedido auxílio urgente. O versículo final equivale a dizer: "Vem e me salva depressa." As idéias em ambos os versículos são muito semelhantes àquelas do Salmo 22.1,11,19.

SALMO 39

Para o diretor de música. Para Jedutum. Salmo de Davi.

Há aspectos neste salmo que se assemelham aos constantes em alguns dos salmos sapienciais (ver a Introdução, pp. 55–57). Isto é assim especialmente em relação ao ensino referente à natureza transitória da vida humana (*vs. 4–6*). O salmo se move por meio de duas frases paralelas, as quais podem ser expressas como segue:

1. *Silêncio diante do Senhor* (vs. 1–3)
2. *Oração ao Senhor* (vs. 4–6)
3. *Apelo por Auxílio* (vs. 7,8)
4. *Silêncio diante do Senhor* (v. 9)
5. *Oração ao Senhor* (vs. 10,11)
6. *Apelo por Auxílio* (vs. 12,13)

O nome "Jedutum", no título, também ocorre nos títulos dos Salmos 62 e 77. Ele era um dos principais músicos de Davi (1Cr 9.16; 16.38,41,42). É incerto se o uso do nome é uma referência ao diretor de música ("Para o diretor de música, Jedutum") ou a uma melodia com esse nome.

1. *Silêncio diante do Senhor (vs. 1–3)*

O salmo se abre com o salmista dizendo a seus leitores quais foram seus pensamentos. Ele quisera falar, mas por causa da presença dos perversos determinara não fazê-lo. Talvez quisesse falar sobre a prosperidade dos perversos ou questionar sua relativa tranqüilidade nesta vida. Aliás, se amordaçara e se privara de falar palavras impetuosas ou pelo impulso da ira, o que teria sido pecaminoso.

Seu silêncio criou-lhe outros problemas; pois, como propusera guarda seus lábios, seus pensamentos íntimos o esmagaram (*vs. 2,3*). Sua ira é descrita pelos termos "o fogo aumentava" e "ardia". À luz do que segue na seção seguinte, é possível que as preocupações do salmista se relacionassem com a crescente velhice e por fim a chegada da morte. Ele era como Jeremias com fogo em seu coração, o qual não tinha como ser contido (Jr 20.9). Finalmente, ele teve que quebrar seu silêncio e falar, e as palavras "então falei com minha língua" põem um fim dramático aos versículos introdutórios.

2. *Oração ao Senhor (vs. 4–6)*

Esta seção começa com uma oração, inclui uma descrição da natureza irritante da vida e então traz três afirmações, começando todas elas, em hebraico, com a palavra "seguramente" (heb. *'ak*).

A palavra "fim" nunca é usada para limites geográficos, mas sempre para os juízos de Deus ou, como aqui, para o fim da vida (*v. 4*). O salmista anseia por instrução divina relativa à natureza da vida humana. Ela é apenas temporária e muito breve, e ora para que possa entender tal fato. Esta seção é muito semelhante em idéia ao Salmo 90.1–12.

A visão de Deus de nossa vida terrena é muitíssimo diferente da nossa, pois a extensão de nossa vida é insignificante diante dele (*v. 5*). A palavra para "extensão" ocorre numa passagem semelhante no Salmo 89.47. A primeira das três afirmações introduzidas pelo hebraico, "seguramente", vem no final do versículo: "seguramente, a vida de cada homem …".

A segunda e a terceira afirmações, começando com "seguramente", vêm no versículo 6: "Seguramente, como uma sombra, o homem vai e volta … Seguramente, em vão se agita." É surpreendente como a palavra para "mera sombra" é também a palavra para "imagem" em Gênesis 1.26,27. O homem, porém, não é Deus; ele é apenas criado à sua imagem e o portador da imagem, e em virtude do pecado ele teve a extensão de sua vida limitada antes de atingir a morte. Toda sua atividade é caracterizada como futilidade, nulidade, e inclusive seus bens terrenos serão desfrutados por outros. O Novo Testamento ensina que devemos viver contentes com a provisão de Deus, "porque nada trouxemos para o mundo, e nada podemos levar dele" (1Tm 6.7).

3. *Apelo por Auxílio (vs. 7,8)*

A palavra "agora" (*v. 7*) é muito mais forte em hebraico do que em nosso idioma, porque delimita um novo estágio no salmo. Começa com uma pergunta retórica, à qual se dá a resposta: "Olho ansiosamente para ti." Tanto a pergunta quanto a resposta pressupõem o exato oposto de impotência e desespero. Para o salmista, a única esperança estava em Deus.

Há uma confissão implícita no *versículo 8*. O salmista ora pelo perdão de suas transgressões, inclusive aquelas já mencionadas anteriormente no salmo. Elas incluíam seus pensamentos pecaminosos e também idéias

errôneas concernentes ao significado da vida. Mesmo um tolo poderia notar que ele se deixara influenciar por seus inimigos e pelas questões passageiras da existência humana. Ele ora para que esteja livre das censuras deles.

4. *Silêncio diante do Senhor (v. 9)*

A segunda frase do salmo começa aqui com a idéia de silêncio nos versículos 1–3, sendo retomada de novo. Davi reitera do versículo 2 a referência de abertura ao seu silêncio. Não obstante, há uma mudança aqui. Anteriormente, ele se interrompera de falar, mas agora que percebeu o que Deus fizera, com sua nova percepção ele fica contente em manter silêncio.

5. *Oração ao Senhor (vs. 10,11)*

Davi é cônscio da censura do Senhor (*v. 10*), usando a palavra "açoite" para descrevê-la (ver a mesma palavra no Sl 38.11, "aflição, ferida", e comentário acompanhante). É uma figura militar, e isto continua na frase seguinte, pois a palavra "golpe" (usada somente aqui, no Antigo Testamento) vem de uma raiz associada com guerra. A situação estressante em que ele caíra está de fato no golpe que recebera.

O açoite de Deus é uma forma de repreensão para o salmista (*v. 11*). O padrão bíblico consiste em que "o SENHOR disciplina àqueles a quem ele ama, como um pai faz a um filho de seu deleite" (Pv 3.12, e cf. o uso destas palavras em Hb 12.6). Davi agora sabe que a riqueza humana pode desvanecer rapidamente, justamente como a traça pode comer a roupa. As palavras finais do versículo constituem uma repetição daquelas do versículo 5.

6. *Apelo por Auxílio (vs. 12,13)*

Quando o salmo termina, nos deparamos com outro clamor a Deus. Davi roga a Deus que receba sua oração, dizendo: "Ouve … escuta … não sejas surdo." Mas ele se sente estranho na presença de Deus, mesmo quando se dirige a Deus usando seu nome pactual, Senhor. Isto é diferente da idéia de que devemos viver como estrangeiros e peregrinos neste mundo atual (1Pe 2.11). Ele toma sua origem do fato de que os israelitas propriamente ditos eram estrangeiros na terra prometida, pois ela pertencia ao Senhor (Lv 25.23; 1Cr 29.15). Justamente como os estrangeiros que

viviam entre os israelitas dependiam de sua bondade, assim os próprios israelitas dependiam da misericórdia de Deus.

Normalmente, os salmistas rogam a Deus que mantenha seus olhos sobre eles. Aqui a súplica é que Deus desvie seus olhos dele (*v. 13*). No contexto seria uma súplica para que Deus desvie dele seu juízo. Ele anela conhecer a alegria do Senhor antes que morra.

SALMO 40

Para o diretor de música. De Davi. Salmo.

Há traços incomuns sobre este salmo. É muito incomum haver um cântico de ação de graças (*vs. 1–10*) seguido por uma longa queixa (*vs. 11–17*). O salmo se move de um cântico de alegria concernente a ações pregressas do Senhor para um sincero clamor que sai das profundezas do desespero. É igualmente incomum porque parte do salmo (*vs. 13–17*) é substancialmente repetida como o Salmo 70. Há outros poucos exemplos deste fato no Saltério (14=53; 57.7–11=108.1–5; 60.5–12=108.6–13). As primeiras experiências do salmista formam a base para esta oração no presente. Ele está rogando pelas misericórdias pregressas como a base para sua presente confiança no Senhor como seu libertador.

1. *Testemunho da Graça (vs. 1–10)*

O salmista está relatando o que lhe aconteceu no passado quando clamara ao Senhor (*v. 1*). É provável que a tradução "esperei pacientemente" seja passiva demais para uma tradução das palavras iniciais. O verbo significa "esperar ansiosamente" ou "esperar no Senhor" (ver sobre o Sl 37.8,9), e a expressão aqui é de caráter enfático. Talvez uma tradução como "De fato esperei ansiosamente pelo Senhor" capte algo do significado. O clamor foi ouvido e o Senhor respondeu.

Davi descreve sua experiência como se ele estivesse dentro de um poço (*v. 2*), ou numa cisterna como aquela em que Jeremias fora posto, a qual não tinha água, apenas lama (Jr 38.6). Deus o libertara de seu lugar de angústia, com sua desolação e perigo. Ele foi resgatado e posto sobre um fundamento sólido.

Assim que a angústia se foi, seus lábios entoaram um novo cântico (*v. 3*). Em salmos posteriores, tais como 96 e 98, a frase "um novo cântico" é

associada com eventos finais ou do fim dos tempos, como se dá em Apocalipse 14.3. Aqui ela denota um cântico de salvação que Deus lhe dera, como parte da seqüência de ações praticadas por ele ("ele se inclinou … ele me ouviu … ele ergueu … ele pôs … ele firmou"). Suas experiências serão um testemunho a muitos outros que também virão e acharão refúgio neste Salvador.

Agora se traça o contraste entre os que passam a confiar no Senhor e os que põem sua confiança nos ídolos (*v. 4*). São enaltecidos (para "bem-aventurado", ver sobre o Sl 1.1), pois não seguiram após os arrogantes que se desviam do verdadeiro Deus para porem sua confiança nos ídolos.

O que aconteceu ao salmista era outro "prodígio" realizado pelo Senhor (*v. 5*). Um "prodígio" era um ato sobrenatural de livramento que somente Deus podia efetuar (Sl 72.18, "o único que realiza feitos maravilhosos"). Justamente como o livramento de Israel do Egito foi um "prodígio", assim também foi com o recente livramento do salmista. Ninguém podia relatar todos os atos divinos de salvação, pois eram numerosos demais.

A seção a seguir (*vs. 6–10*) às vezes tem sido tomada como messiânica por causa do uso em Hebreus 10.5–7. Não obstante, no cenário aqui, no Salmo 40, o teor não é primariamente messiânico, pois entre outras coisas Davi confessa sua própria pecaminosidade (*v. 12*). Ele é adaptado e aplicado por Jesus, que, como maior que Davi, cumpre o espírito destas palavras. A citação neotestamentária é extraída da versão grega chamada Septuaginta, cujas variações do texto hebraico tornaram seu uso mais fácil em Hebreus 10.

O *versículo 6* não deve ser interpretado como se Davi estivesse negando a validade do sistema sacrificial veterotestamentário. Antes, deve ser entendido, como se dá em 1 Samuel 15.22, como a enfatizar que a obediência era mais essencial do que qualquer sacrifício. São designados quatro dos sacrifícios comuns. Os dois primeiros são em termos mais gerais, enquanto os dois últimos são em termos de oferecimento completamente consumidos no altar e a oferta expiatória. A referência a furar suas orelhas provavelmente seja à prontidão em ouvir-se a palavra do Senhor e a obedecê-la, como o versículo seguinte deixa claro.

O salmista demonstrou grande prontidão em responder com compromisso pessoal ao que Deus requereu (*v. 7*). Como Isaías (ver Is 6.8), ele se pôs à total disposição de Deus. Se Davi está falando como rei, então é bem provável que esteja se referindo ao que estava escrito sobre o

rei na lei deuteronômica (Dt 17.14–20). De igual modo, o rolo estaria se referindo a todas as demandas escritas que Deus lhe impusera.

O anseio de Davi em fazer a vontade de Deus, no âmago de seu coração ele mantém a instrução divina (*v. 8*). A idéia de posse interior da lei é uma que assume um significativo lugar no ensino veterotestamentário relativo à nova aliança (Jr 31.33,34; Ez 36.26,27).

À comunidade que adora em assembléia, Davi proclama (ou o hebraico poderia ser também traduzido "proclamou", cf. v. 3) o que Deus havia feito (*v. 9*). Aqui, "justiça" provavelmente não seja tanto um característico de Deus, mas um termo para descrever sua atividade salvífica. É virtualmente um sinônimo para "salvação". Davi expressa a idéia em termos tanto positivos quanto negativos: ele proclama o fato, e não restringe seus lábios de tomar parte nessa proclamação.

O *versículo 10* dá seguimento às mesmas idéias do versículo anterior. É importante o acúmulo de terminologia pactual, com um feixe de palavras relativas ao caráter e obras de Deus. "Justiça" é a palavrachave, e "fidelidade", "salvação", "amor" e "confiança" são todos modos de imprimir mais clareza a ela. Põe-se ênfase em sua proclamação pública mediante a reiteração da frase "grande assembléia".

2. *Oração por Misericórdia Renovada (vs. 11–17)*

Agora se focaliza a atenção na situação atual. Embora não haja referência expressa à primeira parte do salmo, contudo ela forma o fundamento para a súplica que se formula.

A reiteração da frase "teu amor e tua verdade" (*v. 11*), procedente do versículo anterior, traz a lume a interconexão das duas partes do salmo. Deus é o protetor de seu povo, e faz-se um apelo a ele para que mostre seu amor e sua verdade dessa forma. O apelo é ainda mais direto do que nossas versões sugerem, quando o texto hebraico começa: "Tu, ó SENHOR, tu não …". É possível traduzir o versículo como uma afirmação, expressando confiança na misericórdia de Deus, ou como uma oração (como fazem USV e NIV).

A profusão de dificuldades é esmagadora para o salmista, e ele sente como se sua coragem o abandonasse (*v. 12*). O verbo "atribulado" é usado em 2 Samuel 22.5 e Jonas 2.5 em referência a inundações. Sua vista é também afetada e sua visão se torna cheia de sombras por causa da

imensidade de suas tribulações (cf. Sl 69.3,4: “meus olhos fraquejam”, “os que me odeiam sem razão são mais do que os fios de minha cabeça”).

A seção do *versículo 13*, até o final do salmo, reaparece no Saltério, no Salmo 70, com ligeira alteração verbal. Davi anseia por uma rápida solução de seu problema, proveniente do Senhor, mas tal solução tem de ser em conformidade com a vontade de Deus. “Agrada-te” é um eco da palavra “vontade” no versículo 8, a qual é usada em outras orações da mesma forma que nesta (ver Dt 33.11,24).

O *versículo 14* é bem parecido com o Salmo 35.4 em vocabulário e significado (ver o comentário). Este versículo deixa claro que não eram só seus pecados que o atribulavam, mas as atividades de seus inimigos. Eles punham em risco sua própria vida.

O brado “Ah!” é o de alegria humana (Sl 35.21,25; Ez 25.3), e aqui é expresso em referência à miséria de outro (*v. 15*). O salmista deseja que seus inimigos sejam postos em desolação. Como se dá com outras maldições no Saltério, os inimigos são não apenas inimigos pessoais, pois aqui Davi está falando como rei. É bem provável que os inimigos fossem agressivos, quem sabe nações adjacentes que se encontravam em prontidão de ataque a Israel.

Há muita similaridade entre o versículo 16 e o Salmo 35.27. Em contraste com os gritos dos inimigos, o salmista deseja que os verdadeiros adoradores do Senhor (“buscar” é com freqüência usado neste sentido) proclamem sua grandeza. À grandeza de Deus nada se pode acrescentar, porém louvá-lo é uma maneira de chamar a atenção para ela. Louvar a salvação divina deve ser um perpétuo característico de seu povo.

O apelo para que Deus “não demore” (*v. 17*) equilibra o apelo para que “venha depressa”, no versículo 13. Davi suplica por assistência urgente, justamente como fez Daniel usando as mesmas palavras (Dn 9.19). O salmista tem consciência de fraqueza e incapacidade pessoais, e expressa o desejo de saber que Deus pensa em e planeja sua salvação. O Deus para quem no passado ele olhava ansiosamente, justamente agora busca nele auxílio e resgate.

SALMO 41

Para o diretor de música. Salmo de Davi.

Há muitas similaridades entre este salmo e os imediatamente precedentes (38–40). Há neles reiterada menção da fragilidade e enfermidade humanas, ainda que em cada um haja confiante apelo a Deus por sua misericórdia e livramento. Este salmo começa com uma afirmação geral concernente ao caráter de Deus em relação aos justos. Então segue uma oração por auxílio, com um reiterado clamor por misericórdia (*vs. 4 e 10*). O salmo termina com uma doxologia, a qual também conclui o primeiro livro do Saltério.

1. *Confiança no Senhor (vs. 1–3)*

A palavra inicial, "bem-aventurado", evoca o uso da mesma palavra no primeiro versículo do Salmo 1 (ver comentário). É uma palavra usada somente em relação aos homens, enquanto a expressão "louvado seja …", que ocorre no versículo 13, se aplica somente a Deus. A pessoa que busca favor para as necessidades do pobre, ela mesma será libertada pelo Senhor. A idéia deste versículo acha sua mais plena expressão no Sermão do Monte: "Bem-aventurado os misericordiosos, pois obterão misericórdia" (Mt 5.7).

O tema do Senhor (*v. 2*) como aquele que guarda a Israel acha mais pleno desenvolvimento no Salmo 121.7,8. Parte da proteção referida aqui era a preservação em tempos de doenças sérias. A frase "preserva sua vida" pode também ser traduzida "guarda minha vida". Há dificuldades com as palavras que seguem. O texto hebraico traz: "ele será abençoado na terra, e você não lhe dá …". A NIV segue a Septuaginta, a Vulgata e a Siríaca, traduzindo-o como ativo ("ele abençoará"). Certamente que isso representa o significado do contexto, embora a mudança para "ele" seja também mantida no contexto. Na boa terra, ele será guardado em segurança (ver Sl 37.22), e seus inimigos não verão cumprido seu desejo contra ele.

Durante a doença, a energia será provida pelo Senhor, com a promessa de efetuar-se uma mudança radical (*v. 3*). A restauração se faz possível aos que clamam ao Senhor por auxílio para que sua doença seja revertida. Nos primeiros três versículos, a idéia de preservação, aqui, chega a seu clímax. O Senhor pode então intervir para que a situação seja totalmente revertida.

2. *Clamor por Misericórdia (vs. 4–9)*

O "Eu disse" inicial (*v. 4*) pode ser uma referência às orações pregressas, ainda que pudesse ser também traduzido "Eu digo". Mais adiante no salmo, torna-se claro que Davi continua ainda doente (*v. 10*). Ele apresenta sua súplica por misericórdia e por cura. Deus prometera por intermédio de Moisés que seria o médico que cura (Êx 15.26), e o salmista reivindica essa promessa. Com sua súplica vem a lume a confissão de seu pecado. Todo pecado é cometido contra Deus, como Davi reconhece de forma ainda mais específica em conexão com seu pecado com Bate-seba (Sl 51.4, "Contra ti, somente contra ti, pequei").

Seus inimigos só estão esperando que sua morte se concretize, para que se regozijem sobre ela (*vs. 5,6*). O perecimento do nome de alguém significa que o mesmo não teria descendentes (Sl 109.13). Ainda quando o visitem em sua enfermidade (e esta não era uma prática normal, cf. 2Rs 8.29), sua intenção é perversa, e não falam de forma veraz. Eles o bisbilhotavam e levavam boatos a outros, espalhando assim falsos rumores.

A palavra usada no *versículo 7* para "sussurram" é sempre usada para cochichos em grupos, como fizeram os servos de Davi que cochichavam sobre a morte de seu filho (2Sm 12.19). Seus inimigos esperam que sua doença seja fatal, e que onde ele se encontra venha a ser seu leito mortuário. É como se estivessem pensando que sua doença é um juízo divino bem oportuno. Daí suas ações mostrarem que não são os recipientes do título "bem-aventurado" como no versículo 1 (para o ensino neotestamentário concernente à necessidade de socorro, ver Tg 1.27).

Nesta situação, mesmo os amigos mais íntimos (lit. "um homem de minha paz", isto é, com quem mantenho a mais estreita relação de amizade) se voltam contra Davi (*v. 9*). O próprio amigo que partilhava de sua refeição prova ser um traidor contra ele. A frase exata: "levantar o calcanhar", não ocorre em outro lugar, porém parece realçar uma ação agressiva e traidora. Este é o significado dado ao versículo quando Jesus o cita em referência a Judas (Jo 13.18). O que era verdade em relação à experiência de Davi cumpriu-se num grau ainda mais profundo na traição de Judas contra Jesus.

3. *Súplica Renovada (vs. 10–12)*

A oração do versículo 4 é agora renovada no *versículo 10*. A oração que fizera no passado continua sendo oportuna no presente, porque ela

representa o clamor urgente de um pecador necessitado. Os inimigos estavam dizendo que ele jamais se ergueria (*v. 8*), porém o salmista sabe que Deus é apto para soerguê-lo novamente. Ele busca isto, não uma vingança egoísta contra eles, mas com o fim de ver a honra de Deus vindicada (ver *vs. 2,3*).

Se o salmista for soerguido pelo Senhor, então os inimigos não terão como festejar em triunfo (*v. 11*). A palavra traduzida "triunfo" é amiúde usada em situações de grande alegria festiva (cf. 1Sm 4.5). Nenhuma ocasião como esta podia ocorrer, visto que ele pode confiantemente buscar o apoio de Deus. É melhor tomar a frase final como uma referência à vida na terra prometida (*v. 2*) como servo de Deus. Justamente como Elias, ele permanecerá diante do Senhor (1Rs 17.1).

4. *Doxologia (v. 13)*

Esta é a primeira das doxologias com que se concluem os cinco livros do Saltério. É um título adequado de louvor ao Deus de Israel. A atribuição de "louvado" ou "bendito" seja Deus não pode ser somada à sua pessoa, mas declara que ele é digno de louvor, e tal louvor volta a atenção novamente para sua grandeza. O duplo "Amém" põe um selo nesta esta declaração.

LIVRO 2

SALMOS 42–43

Para o diretor de música. Masquil dos Filhos de Corá.

Em muitos manuscritos hebraicos, os Salmos 42 e 43 são considerados como um só salmo. Este fato é endossado pela observação de que o Salmo 43 não tem título, o que causa surpresa, pois todos os salmos do Livro 2 do Saltério (com a exceção do Sl 71) têm título. Além do mais, os dois salmos partilham de um estribilho comum: "Por que está abatida, ó minha alma? Por que está assim tão perturbada dentro em mim? Ponha sua

esperança em Deus …" (42.5,11; 43.5). A transição do Livro 1 para o Livro 2 do Saltério é marcada pela substituição do nome "DEUS" (*'elohim*) para o nome "SENHOR" (*yhwh*). Embora "SENHOR" ocorra ainda, as ocorrências de "Deus" são vastamente mais numerosas. Os "Filhos de Corá" eram levitas que tinham responsabilidades especiais no Templo (1Cr 6.22; 2Cr 20.19).

1. *Saudade de Deus (vs. 1–4)*

Intensa saudade enche o coração do salmista (*v. 1*). Por alguma razão não expressa, ele não tem condição de ir e desfrutar do culto comunitário. Ele se assemelha, contudo, a uma corça que anela por água. Assim, no ermo de seu isolamento, ele nutre um anelo semelhante por Deus.

No *versículo 2*, ele repete seu anelo por Deus, e o denomina de "o Deus vivo". Esta frase é incomum, e pode ser conectada à idéia de que Deus era a "água viva" (cf. Jr 2.13; 17.13). O salmista emite sua preocupação sobre quando poderia ir e ver a face de Deus (NIV, "encontrar-se com Deus"). "Ver a face de Deus" é uma expressão técnica que o Antigo Testamento usa para o comparecimento diante de Deus no santuário (Êx 23.17; Sl 84.7).

Seus inimigos o estigmatizavam continuamente, pois era como se Deus se desertara dele (*v. 3*). As dúvidas que ele nutria enquanto estava ausente do santuário eram agravadas ainda mais por tais comentários insensíveis. Em sua tristeza, suas lágrimas escorriam por seu rosto e era como se fossem seu próprio alimento. Sua memória também recua aos tempos mais felizes quando guiava uma multidão festiva ao santuário (*v. 4*). As peregrinações anuais, como a Páscoa, a Festa das Semanas e a Festa dos Tabernáculos se destinavam a ser ocasiões felizes quando as tribos subiam "para louvar o nome do Senhor" (Sl 122.4).

2. *O Estribilho (vs. 5,6a)*

Em meio à sua desolação espiritual e a seu anelo por Deus, o salmista se encoraja. Por que ele seria de espírito tão atribulado se tem a Deus como seu Salvador? Ele apela a si mesmo a esperar por Deus, e expressa a convicção de que ele ainda o louvará.

3. *Clamor de um Coração Atribulado (vs. 6b–10)*

As expressões geográficas no versículo 6b pressupõem que o salmista está muito longe do santuário, talvez até mesmo no exílio. É como se falasse da área em que nasce o Rio Jordão, ainda que o Monte Mizar seja em outros aspectos desconhecido. O pensamento da água turbulenta do Jordão, como se pode ainda ver na queda de Banyas ao norte de Israel, provê idéia das ondas que no momento lhe sobrevêm. Sua mente já não está posta na "água viva" que Deus provê (*vs. 1,2*), mas em sua própria situação em que se vê engolfado (*v. 7*).

Em meio à sua angústia, ele ainda é capaz de se lembrar da graça de Deus para com ele (*v. 8*). Nas horas do dia, Deus põe em atividade seu amor; à noite ele dá um cântico, o qual se converte em oração. Muitos manuscritos hebraicos trazem "o Deus vivo" em vez de "o Deus de minha vida". Só há uma letra diferente no hebraico, e certamente "Deus vivo" combina bem com a mesma expressa no versículo 2.

O salmista sente-se abandonado, contudo é capaz de chamar a Deus "minha rocha" (cf., para o uso desta descrição de Deus, Sl 18.2; 31.3; 71.3). Não se oferece nenhuma explicação mais completa dos inimigos, contudo é bem provável que o uso da palavra "oprimido" seja significativo (*v. 9*) Ela é mais freqüentemente usada para os inimigos da nação de Israel, que atacavam e saqueavam a terra.

A doença o flagela, e ainda lhe é adicionada a dor causada pelos oponentes que constantemente o escarnecem (*v. 10*). Sua presente angústia é aprofundada pela atitude e palavras de outros, porquanto vivem sugerindo que Deus é incapaz de socorrê-lo.

4. *Estribilho (v. 11)*

O estribilho dos versículos 5 e 6a se repete uma vez mais, quando expressa confiança em seu Deus.

5. *Oração por Vindicação (Sl 43, vs. 1–4)*

Dos montes da Palestina ocidental, a cena agora se move para o Monte Sião e a alegria do culto ali.

Vários fatores aqui confirmam a impressão de que os inimigos eram externos (*v. 1*). Evidentemente são "ímpios", usando uma expressão que pressupõe que são estranhos ao amor pactual (lit. "não *chasid*"). Seu apelo para que Deus defenda sua causa é típico de mensagens pactuais nos

profetas (ex., Jr 2.9; Mq 6.1; 7.9). Ele deseja o livramento dos que praticam a fraude e a injustiça, qualidades que não devem ser características dos seguidores de Deus (Sl 119.3; Ml 2.6).

O salmista não pode conciliar a verdade de que Deus é sua fortaleza com o fato de que ora ele enfrenta momentos difíceis e suporta tal tribulação da parte de seus inimigos (*v. 2*). Ele fica surpreso por Deus parecer rejeitá-lo. A segunda parte do versículo reitera a pergunta já formulada em 42.9b.

Ele agora roga a luz de Deus e que a verdade divina seja seu guia, e que o façam voltar para Sião (*v. 3*). Esta de fato deve ser a resposta à indagação que ele formulara no início (Sl 42.2). Ele deseja que estes dois anjos o guiem através do deserto e o conduzam à presença de Deus.

Ele olha adiante e antecipa a alegria com que cultuará a seu Deus em Sião (*v. 4*). No lugar da dor e tristeza haverá uma nova compreensão sobre quem Deus é. Ele é a alegria e o deleite de seus filhos, digno do louvor daqueles que podem dizer a seu respeito: “Deus, o meu Deus.”

6. *Estribilho (v. 5)*

O estribilho surge pela terceira vez, mas agora a ênfase provavelmente recaia na última parte. O pensamento de culto jubiloso no santuário revitaliza o salmista.

SALMO 44

Para o diretor de música. Dos Filhos de Corá. Um masquil.

Era habitual em Israel cantar ao Senhor um cântico depois da vitória em batalha (ver Jz 5). Era também costumeiro entoar um cântico depois da derrota em batalha, e o Salmo 44 é um cântico desse gênero. Neste salmo, o povo e o rei clamam a Deus que venha em seu socorro. A linguagem alterna entre o singular e o plural. É bem provável que as passagens no singular (*vs. 4,6,15,16*) fossem as palavras que o rei usara, enquanto a memória do salmo é um apelo do exército ou nação como um todo. Uma vez que não há nenhuma referência à destruição do Templo, provavelmente o salmo tenha surgido mais tarde na história de Judá, nos dias de Ezequias ou Josias.

1. *Confiança no Socorro Divino de Outrora (vs. 1–8)*

Era responsabilidade de uma geração passar para a próxima geração o conhecimento das ações de Deus em favor de seu povo (*v. 1*). Tinham que "contar à próxima geração os louváveis feitos do Senhor, seu poder e os prodígios que ele tem feito" (Sl 78.4). De modo semelhante, para a comunidade cristã, o que recebemos é passado adiante (1Co 15.1–11; 2Tm 2.2).

Faz-se reconhecimento da soberana provisão divina da terra de Canaã por seu povo (*v. 2*). Ele transplantou Israel como uma vinha (ver Sl 80.8–16) e fez com que seus ramos se desenvolvessem. A versão NIV, no final do versículo, capta bem o sentido, ainda que seja um tanto livre (lit. "tu removeste deles", isto é, os ramos).

O *versículo 3* está reiterando o que Moisés ensinara ao povo bem antes (ver Dt 4.34; 7.19; 9.4–6; 11.2; 26.8,9). A vitória sobre os cananeus não foi efetuada pelo poder humano. Tinha de ser atribuída exclusivamente à intervenção divina em seu favor, com base em seu amor por Israel (Dt 7.7–9).

No *versículo 4*, o rei fala na primeira pessoa. Ele confessa que Deus é tanto seu Rei quanto seu Deus. Mesmo o líder humano do povo estava sujeito a um poder mais elevado. Ele sabia que unicamente Deus poderia trazer vitória. "Jacó" se tornou um título honroso para a nação desde Números 23 em diante, e "Jacó" é expresso como o objeto do amor divino (Sl 47.4; Ml 1.2).

A imagem do *versículo 5* é extraída das ações do gado. As vitórias do passado se assemelharam ao touro dando marradas em seus oponentes ou pisoteando seus inimigos. Pela invocação do nome de Deus e vendo seu poder exibido, os inimigos de Israel tinham sido subjugados diante deles. Este tipo de imagem era amplamente usado nas atividades do antigo Oriente Próximo.

Tendo declarado positivamente o fato de que todas as vitórias vieram do Senhor, o salmista agora expressa esta verdade negativamente (*vs. 6,7*). O manejo de armas humanas de guerra em si não traz salvação em batalha. Cavalos e carros, arcos e espadas nunca salvariam. A nação tinha que saber que devia olhar somente para o Santo de Israel (Is 31.1). Envergonhar um adversário equivalia privá-lo de êxito.

No fim desta reflexão histórica, o salmo eleva uma nota de alegria (*v. 8*). A Septuaginta capta o sentido quando traduz: "Todo o dia Deus é

louvado.” Atitude de gratidão sempre fora a marca registrada de uma pessoa resgatada, e sempre haveria de reconhecer o nome de Deus.

2. *Lamento em Face da Derrota (vs. 9–16)*

Uma mudança súbita penetra o salmo no *versículo 9*, “Agora, porém”, com a qual este versículo tem início, marca a transição para a queixa. A derrota se concretizara no campo de batalha, e o povo tomou isto como sendo um sinal da rejeição divina. Foram envergonhados na batalha e sentiram que Deus já não estava com eles, como, por exemplo, ele estivera com Davi quando saiu contra os filisteus (2Sm 5.24).

Tinham sido golpeados na batalha e saqueados por seus inimigos (*vs. 10,11*). Acusam a Deus de entregá-los para que fossem mortos e de dispersá-los entre as nações. A dispersão entre as nações poderia ser simplesmente uma referência aos cativos tomados em batalha (cf. o caso da escrava israelita da esposa de Naamã, 2Rs 5.2). Não obstante, os cativos às vezes eram vendidos como escravos, aumentando ainda mais a dispersão.

Tão indigno era o povo, era seu argumento, que Deus teve que vendê-lo por nada (*v. 12*). Ele não quis dividir com eles o valor da venda. A imagem da venda de Israel a seus inimigos é comum no Antigo Testamento, especialmente da derrota sofrida durante o período dos juízes (cf. Dt 32.30; Jz 2.14; 3.8; 4.2; 10.7; 1Sm 12.9).

Entre as nações adjacentes, o nome de Israel tinha se tornado motivo de riso, e laboraram ditos proverbiais com o fim de divertir-se à custa dele (*vs. 13,14*). Tinham suas mímicas de escárnio contra ele, e o tratavam como se fosse nada. Em outras partes, menear a cabeça é também associado com atitude de escárnio (Sl 64.8).

O opróbrio não era apenas nacional. Os indivíduos no seio de Israel podiam senti-lo profundamente também, e agora o salmo fala em termos pessoais, “minha desgraça”, “meu rosto” (*vs. 15,16*). O inimigo queria mais do que mera oportunidade de divertir-se à custa de Israel. Vingança era o alvo máximo, ainda que a razão que jaz por trás deste desejo não seja expressa.

3. *Questões Perplexivas (vs. 17–22)*

Os *versículos 17 e 18* nos conduzem ao coração do problema que o povo enfrentava. Sabiam que Deus dissera que, se o povo fosse desobediente, ele traria juízo sobre eles, inclusive derrota diante de seus inimigos (Dt 28.15–68, especialmente os vs. 25–26 e 49–52). Aqui, porém, eles alegam que não tinham quebrado a aliança, desviando-se dos caminhos do Senhor.

O povo não consegue entender por que Deus lhe permitira ser esmagado pelo inimigo, que transformara sua terra num terrível deserto (cf. "antro de chacais" com a expressão quase idêntica em Jr 10.22). Estão em desespero e sentem como se trevas profundas descessem sobre eles (*v. 19*). As palavras "trevas profundas" traduzem o mesmo termo hebraico que aparece no Salmo 23.4: "pelo vale da sombra da morte."

Uma vez mais, o povo professa que tem sido fiel à aliança (*vs. 20,21*). Tivessem sido infiéis e Deus teria tido conhecimento, pois ele pode abrir passagem e penetrar os recessos mais escuros do coração. O mesmo verbo para "descobrir" ocorre no Salmo 139.1,23 e Jeremias 17.10 acerca das atividades de Deus em perscrutar o coração humano. Nada está oculto de seus olhos onividentes (ver todo o Sl 139).

As aflições correntes do povo não provêm de sua conversão para Deus. Antes, estão enfrentando opressão em decorrência de sua fidelidade a ele (*v. 22*). Por causa dele, eles enfrentam constante perseguição, e na mente de seus inimigos são considerados simplesmente como ovelhas destinadas ao matadouro. Estas palavras são citadas por Paulo depois de resumir as tribulações que o povo de Deus tem de suportar (Rm 8.36). O fato de que os termos usados neste salmo do Antigo Testamento, em relação à comunidade crente, são aplicados por Paulo à situação da igreja neotestamentária revela a continuidade da experiência dos crentes ao longo de toda a história.

3. *Oração por Livramento (vs. 23–26)*

Embora este apelo a Deus seja semelhante em alguns aspectos àquele constante no Salmo 7.6 (ver o comentário), contudo há certa diferença. Aqui o povo sugere que Deus se mostra tão descuidado para com eles, em suas tribulações, que é como se ele estivesse dormindo (*vs. 23,24*). Sentem-se rejeitados para sempre. Em situações como esta, o povo sentia como se o rosto de Deus estivesse oculto deles (cf. Sl 10.11; 27.9; 88.14; 143.7; Is 8.17).

O *versículo 25* é uma descrição de sua presente angústia, mas a significação das expressões não é clara. É como se fosse uma descrição ou de sua tristeza que os leva à prostração em oração, ou sentissem tão perto da morte que se assemelham quase ao pó da sepultura.

O povo já havia alegado que era leal à aliança (*v. 17*). Agora roga pela continuidade no amor pactual (NIV, "amor infalível"), e porque isto é expresso na redenção de sua angústia atual (*v. 26*). Depois de Paulo citar o versículo 22, ele continua ainda afirmando o amor infalível de Cristo Jesus nosso SENHOR (Rm 8.33–39).

SALMO 45

Para o diretor de música. Para [a melodia de] os "Lírios". Dos Filhos de Corá. Um masquil. Cântico de núpcias.

É bem provável que o que inspirou a composição deste salmo fossem núpcias régias, e é bem possível que fosse usado reiteradamente no final das núpcias. A dificuldade mais séria que esta avaliação gera é que os versículos 6 e 7 parecem ser um discurso direto a Deus, não a um monarca humano que fosse seu vice-regente. Há quem considere todo o salmo como messiânico, em vista do uso que se faz dos versículos 6 e 7 em Hebreus 1.8,9. É preferível pressupor que os olhos do salmista se ergueram para visualizar a glória do soberano davídico como tipificando a soberania régia do Messias. Em conseqüência, ele lhe fala diretamente; e embora isto possa parecer uma introdução súbita de um elemento messiânico no salmo, contudo ele não é destituído de paralelo em outros lugares (cf. Is 9.6,7 e seu contexto precedente).

1. *Introdução (v. 1)*

Nenhum outro salmo começa nesta forma. O salmista fala do grande tema com o qual seu poema se preocupava. Seu coração está borbulhando com as coisas boas que seus versos contêm acerca de um rei (assim, o texto hebraico, o qual não tem o artigo definido "o"). Sua língua é como um hábil escritor tal como Esdras (cf. Ed 7.6, que usa, no hebraico, a mesma frase que aqui).

2. *Discurso ao Rei (vs. 2–9)*

O rei é enaltecido pelas qualidades que possui e pelas bênçãos que lhe foram concedidas (*v. 2*). No Antigo Testamento, os homens são chamados "excelentes" ou "belos", como se dá com o rei aqui, ou Absalão em 2 Samuel 14.25. Este termo é uma referência à sua perfeição geral. A expressão "para sempre" não significa "por toda a eternidade", mas "por tanto tempo quanto eu viver" (cf. seu uso em relação a um escravo em Êx 21.6).

O rei é idealizado como um poderoso guerreiro que necessita de afivelar sua espada antes da batalha (*v. 3*). A segunda parte do versículo é parafraseada pela NIV, quando o texto hebraico diz simplesmente: "seu esplendor, sua majestade". Estes termos podem referir-se à armadura do rei; e, se esta sugestão é correta, é bem provável que se refiram às gloriosas vitórias de outrora.

O rei é retratado como se preparando para a batalha, cavalgando seu cavalo (*v. 4*). Ele rompe caminho através das fileiras do inimigo como um campeão da verdade e da justiça. A mesma imagem aparece no Livro do Apocalipse, quando descreve o cavaleiro Fiel e Verdadeiro que surge montando um cavalo branco (19.11). Estas vitórias serão vistas como as vitórias de Deus, e assim inspiram reverência. Em outros lugares, tais como no Salmo 65.5, "feitos tremendos" se referem às próprias ações de Deus.

No *versículo 5*, a NIV e muitas outras versões tomam a frase "o coração dos inimigos do rei", no final do versículo (onde ele aparece no texto hebraico) e o ligam ao sucesso militar expresso no começo do versículo. Todo o versículo é de tradução difícil, mas a mensagem essencial dele é clara. De esculturas sabemos que os campos de batalha ficavam esteirados de corpos mortos, atingidos por flechas. A vitória é certa para o rei. O fato de o texto hebraico terminar com a palavra "rei" torna mais fácil a transição do versículo seguinte.

De súbito, o salmista visualiza além o ocupante imediato do trono de Davi à glória régia do soberano messiânico (*v. 6*). Isto se assemelha ao modo como Isaías insere discurso direto a Emanuel, numa passagem que está tratando do impedimento à invasão assíria (Is 8.8). O soberano divino não está sujeito à possibilidade de que seu reino seja tirado de si. O "cetro" é empunhado pelo rei, o qual é descrito como sendo aquele de quem a eqüidade é a marca registrada. Em Hebreus 1.8, este versículo é citado num contexto que aponta para a glória eterna de Cristo. Ele é aquele a

quem foi dado “o trono de seu pai Davi, e ele reinará para sempre sobre a casa de Jacó; seu reino não terá fim” (Lc 1.32,33).

A pessoa designada como “Deus”, no versículo anterior, é agora distinguida dele pela referência a “teu Deus” (*v. 7*). Esta passagem tem de ser considerada juntamente com outras passagens messiânicas do Antigo Testamento. Igualmente, nas descrições do Anjo do Senhor, o “Anjo” é representado como sendo Deus mesmo; e, contudo, ao mesmo tempo, ele é distinguido de Deus.

No versículo 6, o rei é Deus, embora neste versículo lhe foi dada por Deus uma posição exaltada sobre seus companheiros. Esses companheiros são, provavelmente, outros reis. Este rei é distinto deles pelo fato de seu caráter ser diferente. Ele é notável por seu amor pela justiça e o castigo que inflige aos malfeitores, e conseqüentemente Deus lhe concedeu bênçãos especiais. A unção com óleo provavelmente seja um modo figurado de dizer que Deus o abençoou com felicidade. Ela não deve ser equiparada com a unção numa coroação.

A cena muda para as núpcias (*vs. 8,9*) e para as vestes com que o rei é adornado. Mirra era uma resina fragrante e podia ser usada como um presente valioso (Mt 2.11). Aloés e cássia são ambos resinas aromáticas da casca de árvores. As casas e palácios reais ricos eram decorados com marfim (1Rs 10.18; 22.39), embora o marfim pudesse ser também usado como incrustação em mobília (Am 6.4). Sons musicais festivos continuavam durante os preparativos nupciais. A noiva vem adornada com o ouro mais excelente (cf. Is 13.12). Ofir nunca foi identificado com certeza, mas provavelmente ficava entre Meca e Medina. A noiva é acompanhada por mulheres da família real quando toma sua posição à destra do rei.

3. *Discurso à Noiva (vs. 10–15)*

A palavra então é dirigida à noiva, e ela deve prestar atenção às palavras de conselho (*v. 10*). A ordem de esquecer seu povo e a casa de seu pai pode significar que ela é estrangeira. No Livro de Rute, Noemi fala do “regresso de Órfã a seu povo e a seus deuses”. Rute, em contrapartida, faz sua confissão: “Seu povo será o meu povo, e seu Deus será o meu Deus” (Rt 1.15,16).

A afeição do rei por sua noiva se deve à sua beleza (*v. 11*). A expressão “ele é seu senhor” pode indicar que já eram casados, visto que “senhor” é

usado nesta forma por Sara com respeito a Abraão (Gn 18.12; e cf. 1Pe 3.6, “seu amo”, lit. “senhor”). Se esse é o caso, a instrução do versículo anterior vem depois de seu casamento e reflete a nova relação com o povo de seu esposo.

O casamento traz uma nova relação com as nações adjacentes, quando são trazidos presentes por seus súditos à nova rainha (*v. 12*). A palavra “presente” pode implicar tributo (2Sm 8.2,6). Daí, o cenário deste salmo pode situar-se num período em que Israel exercia domínio sobre as nações adjacentes. “Filha de Tiro” pode indicar o povo de Tiro, justamente como se usam “Filha de Sião” e “Filha de Jerusalém”.

O discurso é pronunciado de novo diretamente ao rei acerca de sua noiva e seus companheiros (*vs. 13–15*). É evidente à luz desses dois versículos que não é a beleza interior da princesa que está sendo descrita, mas o adorno externo nas belas vestes. Ela é trazida ao rei acompanhada por suas damas de honra. São conduzidas ao palácio em procissão festiva, algo semelhante ao processional moderno que conduz a noiva à nave da igreja.

4. *Conclusão (vs. 16,17)*

Tudo indica que o orador é o próprio salmista, quando pondera sobre a perene dinastia que o rei desfrutará. A seus filhos serão dadas posições de grande responsabilidade, porquanto se mencionam “príncipes” com muita freqüência e sempre em relação à casa real (ver 2Cr 21.9; 31.8; Jr 26.21). Esta perene dinastia seria um motivo de louvor entre as nações gentílicas. Por trás das palavras do salmista, aqui, jazem as promessas da aliança davídica (2Sm 7).

SALMO 46

Para o diretor de música. Dos Filhos de Corá. Segundo o alamote. Cântico.

As circunstâncias históricas que jazem por trás da composição deste salmo não podem ser estabelecidas com precisão absoluta. Jerusalém tem sido atacada, mas Deus tem intervido em favor de seu povo e dispersado o inimigo. A situação descrita em 2 Crônicas 20 parece ajustar-se bem, quando os moabitas e amonitas insurgiram contra Josafá. Naquele tempo,

o povo foi encorajado por Jaaziel: “Não tenham medo nem fiquem desanimados por causa desse exército enorme. Pois a batalha não é de vocês, mas de Deus” (v. 15). Aqui, o salmista canta a vitória alcançada pelo Senhor Onipotente, e a cidade na qual Deus habita. O salmo é dividido pelo tríplice aparecimento de “Selá” e pelo reiterado estribilho nos versículos 7 e 11.

1. *Uma Fortaleza Segura (vs. 1–3)*

Um tema favorito de muitos salmos é o fato de Deus ser o refúgio de seu povo (ex., 61.3; 62.7,8; 71.7; 142.5). As palavras “refúgio” e “força” são usadas com bastante freqüência e em conjunção para descreverem o caráter de Deus e suas ações em favor de seu povo. A confissão aqui é incomum (o texto hebraico traz “por nós” aqui e nos vs. 7 e 11), e o povo reconhece que, quando se encontra em tribulação, Deus está sempre perto para socorrer (*v. 1*).

As tribulações que ora ele enfrenta (inclusive as batalhas mais recentes) são descritas como se houvesse uma tremenda sublevação da natureza (*vs. 2,3*). Um terremoto poderoso tinha ocorrido, mas, em meio a tudo isso, o povo pode dizer: “Não temeremos.” Isto tem por base o que já foi asseverado acerca de Deus no versículo 1.

2. *Deus Conosco (vs. 4–7)*

Embora não se use o termo “Sião”, o salmista agora descreve quão seguro o povo está, uma vez que Deus tem sido sua habitação em Jerusalém (*vs. 4,5*). Em outras passagens veterotestamentárias, temos também o quadro de Jerusalém, com água fluindo de seu seio (cf. Is 33.21). O santuário de Deus estava em Jerusalém, e enquanto o povo depositasse confiança em sua provisão por eles, então o auxílio divino jamais falharia. Quando desprezassem as águas cristalinas e doces que fluíam de Siloé, então Deus os abandonaria. Deus “tinha compaixão de seu povo e este tinha nele um lugar de habitação”, até que o povo ridicularizou seus mensageiros, e por fim o próprio santuário foi destruído pelos babilônios (2Cr 36.15–19).

Deus tem falado em meio ao tumulto entre as nações vizinhas (*v. 6*). Quando sua voz é ouvida, os habitantes da terra tremem de pavor. “A terra se dissolve” é uma mera forma poética de dizer que o povo é terrificado.

A terra “se move”, diz o salmista, usando um termo que ele já usara para os montes (NIV, “os montes caem”, v. 2). O contraste tão claro é que a cidade de Deus não “se move” nem “cai” (*v. 5*).

A confissão que o povo faz é que contam com a presença de Deus (*v. 7*). A forma da primeira frase lembra “Deus é conosco”, “Emanuel” (Is 7.14; 8.8,10). Em vez de “Deus”, o salmista aqui usa a expressão “o SENHOR dos Exércitos” (NIV “o Senhor Todo-Poderoso”; ver comentário sobre o Sl 24.10). O Deus que fez aliança com os patriarcas está com eles como uma “fortaleza”. Esta palavra significava um local fortificado para o qual alguém pudesse fugir e sentir-se seguro, simbolizando assim a segurança que os crentes têm em Deus.

3. *Convocação do Senhor (vs. 8–11)*

O convite sai notificando como Deus já dispersou os inimigos, os quais saíram contra seu povo (*vs. 8,9*). A palavra “desolações” é explicada pelo que vem a seguir. Ele trouxe paz ao destruir os exércitos inimigos e suas armas. Seu poder militar foi aniquilado quando os arcos e as espadas foram destruídos. Na frase final do *versículo 9,* a NIV traduz a palavra hebraica “carros” por “escudos”. Esta está seguindo três versões antigas: a Septuaginta, o Targum e a Vulgata. Não obstante, a palavra “carros” faz bom sentido, especialmente quando sabemos que os carros eram queimados depois de capturados (Js 11.6,9).

A convocação é dirigida aos invasores gentios a que recuassem (*v. 10*). “Aquietar-se” comunica muito bem a idéia de ficar quieto, enquanto o verbo hebraico significa mais “deixar sozinho”, “abandonar”. Por causa de suas ações, devem reconhecer que ele é Deus e se submeter à sua autoridade. O verbo “saber” era usado em tratados seculares neste sentido. Ele lhes assegura que todas as nações se prontificam a exaltá-lo, sim, em toda a face da terra.

O estribilho do versículo 7 é reiterado para concluir o salmo. É uma forma apropriada de resumir a gratidão do povo quando uma vez mais professar sua fé em seu libertador.

SALMO 47

Para o diretor de música. Dos Filhos de Corá. Salmo.

Os Salmos 46 e 47 parecem estar posicionados lado a lado no Saltério em razão de sua grande similaridade. Ambos celebram as vitórias de Deus em favor de seu povo. Este salmo contém dois apelos ao louvor, seguidos de explanações. Em cada caso há uma afirmação conclusiva. A primeira aponta para Deus em seu trono em Jerusalém (*v. 5*), enquanto a segunda o louva como o soberano universal (*v. 9*). Essas explanações são introduzidas no texto hebraico de uma maneira típica de hinos pela presença de "pois" como o termo introdutório (ver a Introdução, pp. 49–51). Isto não é tão evidente na versão NIV.

1. *Convocação ao Louvor (v. 1)*

Bater palmas era sinal de alegria, e a convocação é expedida às nações gentílicas para que participem com Israel no louvor dedicado a Deus. Em coroações, era aparentemente costumeiro bater palmas e gritar: "Longa vida ao rei!" (2Rs 11.12). A referência a bater palmas ocorre também num cântico de regozijo mais longo sobre a realeza de Deus no Salmo 98.8. O conteúdo da aclamação poderia ser simplesmente que Deus é Rei, ou expresso em termos tais como temos mais adiante neste salmo.

2. *O Governo de Deus Sobre Israel (vs. 2–5)*

Solicita-se às nações que se regozijem acerca do Senhor, pois ele é "o grande Rei" (*v. 2*). Este termo era usado pelos governantes do Oriente Próximo (ver 2Rs 18.19 em referência ao rei da Assíria); aqui, porém, ele é apropriado ao Rei ainda maior, o Senhor Altíssimo. Seu território não é restrito como se dá com os governantes terrenos, mas, antes, abarca toda a terra.

O cântico reflete a conquista de Canaã por Israel (*vs. 3,4*). Foi Deus quem agiu soberanamente para desapossar outras nações e para fazêlas submissas ao governo de Israel. O *versículo 4* está explicando a conquista e alocação da terra de Canaã em termos que ecoam a afirmação de Deuteronômio (ver especialmente 4.37,38). O amor de Deus para com os patriarcas e para com Jacó em particular (ver Ml 1.2) resultou em dar-lhes, como sua herança, a terra de Canaã, chamada aqui "o orgulho de Israel".

Usa-se o verbo "subiu" (*v. 5*) porque acreditava-se que Deus subia quando vinha ajudar seu povo. O mesmo pensamento aparece no Salmo 68.18: "Quando subiste às alturas, levaste cativos muitos prisioneiros …".

O SENHOR é retratado como que regressando ao céu em meio a jubilosa aclamação por parte de seu povo. Tocar as trombetas era especificado por certas ocasiões festivas, inclusive o Ano Novo (Lv 23.24; Nm 29.1).

3. *Outra Convocação ao Louvor (v. 6)*

A segunda convocação ao louvor é notável por sua dupla repetição do verbo "cantem louvores". Isto acrescenta, respectivamente, ênfase e urgência à ordem. A relação do povo com Deus é definida em termos de seu senhorio sobre eles. Cantam a ele como seu Deus e como seu Rei.

4. *O Governo de Deus sobre as Nações (vs. 7–9)*

A razão dada para esta segunda convocação ao louvor é que o senhorio de Deus é sobre toda a terra (*vs. 7,8*), e tal conhecimento resultaria em outro salmo de louvor. Esta é a quinta convocação ao louvor em dois versículos. O Antigo Testamento vê o senhorio de Deus como sendo desde a eternidade (cf. Sl 93.2). De seu trono ele exerce seu governo e juízo sobre todas as nações.

A palavra traduzida por "nobres" (*v. 9*) literalmente é "os complacentes", mas a NIV extraiu a sugestão da palavra paralela "reis". O contexto fornece um quadro dos príncipes das nações gentílicas vindo voluntariamente e unindo-se aos judeus como "o povo de Abraão". Isto é parte da visão universalista dos salmistas para o futuro final do reino de Deus (cf. Sl 67.1–7; 72.8–11). Os governantes gentílicos "pertencem a Deus" no sentido em que se tornaram seus servos. A conclusão é que Deus é deveras "exaltado", usando uma forma verbal relacionada com "Altíssimo" (*v. 2*) e "subiu" (*v. 5*).

SALMO 48

Cântico. Salmo dos Filhos de Corá.

Embora haja similaridades com o Salmo 46, contudo este salmo é muito mais específico em relação ao Monte Sião (chamado simplesmente "a cidade de Deus" no Salmo 46.4). Enquanto o Salmo 46 fala mais das vitórias do Senhor, o Salmo 48 é um cântico de regozijo sobre Sião e as bênçãos associadas a ela. É notável a coleção de frases usadas, especialmente nos versículos 1 e 2, para descrever Jerusalém.

1. *O Deus de Sião (vs. 1–3)*

A ênfase inicial não é sobre Sião, mas sobre o Deus de Sião (*v. 1*). A invocação inicial estabelece o tema de todo o salmo quando dirige a atenção para sua grandeza, e em particular quando ela é exibida no simbolismo do Monte Sião. A escolha de Sião foi do Senhor (Sl 132.13,14), e desde o tempo em que Davi a capturou (2Sm 5.6,7) ela tornou-se o centro da teologia do Antigo Testamento. No quadro bíblico mais amplo, Sião tornou-se o modelo da Nova Jerusalém, e na hinologia cristã sua imagem é tomada para a igreja (ver o hino de John Newton, "*Glorious things of thee are spoken, Sion, city of our God*" ["Coisas gloriosas se têm falado de você, ó Sião, cidade de nosso Deus"]).

O Monte Sião, na realidade, não está situado no cume mais elevado da área, mas por causa de sua significação religiosa ele é enaltecido pelo salmista (*v. 2*). Ele o retrata como um lugar de alegria não apenas para os que vivem ou cultuam ali, mas para toda a terra. Zafom era um monte ao norte da Síria conhecido de fontes cananitas, e presume-se que fosse a habitação do deus Baal. Sião, ainda que semelhante a Zafom, era distinguida pelo fato de ser o lugar de habitação de "o grande Rei" (ver Sl 47.2).

A presença de Deus em Sião foi demonstrada pelo transporte da arca da aliança para lá, e então pela construção do templo. Ele assumira sua morada nos palácios dela, e assim provou ser seu defensor (*v. 3*). É bem possível que a demonstração de ser Deus a proteção de Sião se desse antes que este salmo fosse composto, talvez em alguma situação de batalha como o expressa o Salmo 46.

2. *A Glória de Sião (vs. 4–8)*

De maneira bem semelhante ao Salmo 2, este salmo descreve a aglomeração de reis estrangeiros contra o SENHOR e contra sua habitação escolhida, Jerusalém (*vs. 4–7*). Coalizões poderiam formar-se, mas eram imediatamente dispersas. O que os atacantes "viram" é incerto. É bem provável que tenha sido a Sião fortificada; ou, em contrapartida, poderia ter sido alguma aparição visível de Deus, uma teofania. "Ali", onde tiveram essa visão, ficaram amedrontados e o pânico se apoderou deles. A idéia de uma mulher com dores de parto é uma freqüente ilustração veterotestamentária de dor e angústia (cf. Is 21.3; Jr 4.31; 49.24). Ainda

que sejam como os poderosos navios comerciais de Társis (ver Jn 1.3), serão destruídos tão facilmente como um vento oriental que os arrasta a um túmulo aquático.

Estas palavras do *versículo 8* resumem a experiência do povo. No passado ouviram das coisas prodigiosas que o Senhor fizera por seu povo (cf. Sl 44.1: "Temos ouvido com nossos ouvidos, ó Deus"). Agora, porém, seus próprios olhos viam seu poder salvífico bem no meio de Jerusalém. Pensavam que esta experiência a tornaria segura para sempre, mas a presença de Deus era condicionada à sua obediência contínua.

3. *Palavras dos Adoradores (vs. 9–11)*

Depois de seu livramento, o povo fala diretamente com Deus (*vs. 9,10*). Quando os adoradores se congregam no santuário, reconhecem que o fato de serem salvos se deve ao amor pactual de Deus. Agora temos nova evidência do inabalável amor do Senhor. O que acontecera era bem e amplamente conhecido, de modo que o louvor do Senhor era co-extensivo com o conhecimento de suas ações. Onde quer que o povo ouvisse dos eventos que se deram em Jerusalém, louvariam as poderosas ações de Deus em conceder vitória a seu povo.

Sobre o Monte Sião e por todas as vilas de Judá há alegria por conta da recente vitória (*v. 11*). Essa vitória, no versículo anterior, foi chamada a mão de Deus cheia de justiça, e agora é chamada seus "juízos". As demonstrações de poder exibidas no massacre dos inimigos de Israel eram expressões dos juízos divinos quando ele estabeleceu seu reino. Este versículo é bem parecido com o Salmo 97.8.

4. *Convite a Vistoriar Sião (vs. 12–14)*

Emite-se um convite para que Jerusalém seja vistoriada e suas fortificações sejam contempladas (*vs. 12,13*). Evidentemente, isto não visava a incrementar nela o orgulho simplesmente por causa de suas boas defesas. Ela era "a cidade do SENHOR" (*v. 8*), e como tal lhe fora dada a proteção divina. Passando para a próxima geração, esta verdade continuaria a transmissão do conhecimento do Senhor. Seus feitos louváveis não poderiam ficar ocultos da geração seguinte (Sl 78.4). Cada geração de crentes tem a responsabilidade de ensinar à seguinte.

O povo faz confissão do fato de que este Deus que os salvou é de fato o seu Deus (*v. 14*). Tomaram posse dele como seu libertador pessoal, e sabem que ele os apascentará até o fim. Esta última frase continua a imagem de Deus como Pastor de seu povo, a qual é freqüente no Antigo Testamento (cf. Sl 23.1; 77.20; 80.1; Is 40.11; 49.9,10; Ez 34.11,12).

SALMO 49

Para o diretor de música. Dos Filhos de Corá. Salmo.

A primeira série de salmos coraítas (42–49) termina com um salmo sapiencial (ver a Introdução, pp. 55–57). Em sua forma geral, ele se assemelha a algumas passagens nos livros de Jó e Provérbios, usando inclusive a palavra "provérbio" (*v. 4*). Enquanto em outro salmo sapiencial, o 37, a solução ao problema da prosperidade dos perversos consiste em que Deus providencialmente cuida dos seus, a solução dada aqui consiste em que há vida além da tumba para os que Deus redime. Após uma introdução, ele fornece duas respostas ao problema, cada uma com seu próprio estribilho.

1. *Introdução (vs. 1–4)*

Emite-se um apelo a todos a que ouçam as palavras de sabedoria que vão ser proferidas (*vs. 1–3*). Uma palavra hebraica incomum é usada para "mundo". Não só denota o ambiente físico, mas toda a esfera da vida transitória. Todas as classes da sociedade estão em pauta, e a promessa é que será outorgada muita (ou, possivelmente, profunda) sabedoria e grande compreensão. Os resultados da vida e da morte em pauta são do interesse de todos.

"Provérbio" e "enigma" ocorrem juntos no *versículo 4* como se dá em Salmo 78.2, Provérbios 1.6 e Ezequiel 17.2. Tratam das vias pelas quais a sabedoria e o entendimento estão para ser comunicados. Um "provérbio" podia ser muito mais do que o dito breve como temos em nosso idioma, enquanto "enigma" tem uma gama de uso dos "enigmas" que Sansão apresentou a seus convivas filisteus (Jz 14), das "questões difíceis" que a rainha de Sabá formulou a Salomão (1Rs 10.1–3). O uso aqui se aproxima mais do último significado.

2. *Riquezas Transitórias (vs. 5–12)*

O salmista já conhece a resposta à sua própria inquirição, e ela será apresentada mais adiante (ver *v. 15*). Ele se vê cercado por homens maus que têm posto sua confiança em sua riqueza, e ele deseja fazer um registro fidedigno deles, pois nenhuma quantia de dinheiro pode subornar a morte (*vs. 5,6*).

O ensino dos *versículos 7–9* consiste em que ninguém pode escapar à morte pagando em dinheiro. Uma pessoa rica pode viver bem, e de uma forma tal que pode dar a impressão de que se destina a viver para sempre. Mas não pode haver nenhum resgate pago a Deus por ela, pois tal resgate está além da capacidade de o homem efetuar. Por fim, mesmo a pessoa mais rica experimentará decadência (lit. "ver o poço"; cf. seu uso no Salmo 16.10, onde é usado em paralelismo com "Sheol", "sepultura").

A experiência comum da vida é que todos morrem, e seja o que for que a riqueza porventura adquira, ela é deixada a outros (*vs. 10,11*). O ensino bíblico consiste em que nada trazemos para este mundo, e dele nada podemos levar. A riqueza real consiste de "piedade com contentamento", enquanto que cumular tesouros só se consegue sendo rico em boas obras e sendo generoso e repartindo de boa vontade (1Tm 6.6,7,17–19). A pessoa rica pode construir mansões luxuosas, e dandolhes seu próprio nome. Tais edifícios podem permanecer, mas tais pessoas perecerão.

A afirmação conclusiva resume esta seção do salmo. As riquezas não podem outorgar a vida eterna, pois o homem não é diferente dos animais (*v. 12*). Os ricos têm tentado prover para si um abrigo seguro, mas não acharão nenhum abrigo permanente ali (a palavra traduzida "perdurar" literalmente significa "abrigar à noite"). A sepultura receberá tanto os homens quanto os animais.

3. *Redenção Divina (vs. 13–20)*

A loucura do rico concernente à morte se acha espalhada na seção precedente. Agora o mestre continua a mostrar sua loucura na vida, mas também aponta para o método pelo qual Deus pode redimir uma alma da sepultura.

Os que nutrem uma falsa confiança, isto é, em si mesmos ou em suas riquezas, seguem um modo particular de vida (texto hebraico, lit. "sua vereda"). Seus seguidores podiam ser ou seus descendentes ou, talvez,

mais provavelmente, os que os imitavam (Êx 23.2; 2Sm 2.10). Ouvem seus mestres e adotam sua instrução como seu próprio método de vida (*v. 13*).

O texto hebraico do *versículo 4* é de difícil tradução, como se vê pela variedade nas versões inglesas dele, e também pela nota de rodapé na NIV. Os ricos orgulhosos são como ovelhas prontas para o matadouro. A sepultura os tragará, e imensa será a distância entre sua sepultura e suas mansões anteriores. Em contrapartida, os justos, por meio de seu sofrimento, terão acesso a um novo dia.

Um homem não pode redimir outro (ver *v. 7*), mas Deus é capaz de realizar tal façanha (*v. 15*). A ressurreição do corpo será a redenção final de seus santos. O uso do verbo "levar" é importante por seu uso na trasladação de Enoque (Gn 5.24) e Elias (2Rs 2.5), respectivamente. Redenção e ser levado à própria presença de Deus são obras divinas. É tão-somente Deus quem nos leva para a glória (Sl 73.24).

Agora se oferece uma palavra de conselho a todos os leitores do salmo (*vs. 16,17*). Depois do que já se disse acerca da posição dos ricos, é evidente que não devem ser invejados nem temidos. Suas riquezas podem ser reais, mas vem o momento quando terão de deixá-las para trás.

Dois característicos distinguem a pessoa injusta (*vs. 18,19*). A primeira é que, em vez de louvar a Deus, ela bendiz a si mesma. Então, a segunda é que ela desfruta das bajulações de outras pessoas. Estas experiências não lhe granjearão nenhum benefício duradouro, pois quando ela se juntar aos mortos não haverá prospecto de vida com Deus. "Ver a luz [da vida]" implica a ressurreição dos mortos (cf. Is 53.11, do Servo do Senhor).

O estribilho no *versículo 20* é extraído do versículo 12, com uma mudança de "não durável" para "sem discernimento". Essa mudança é intencional para enfatizar que os ricos, quando o discernimento espiritual está ausente, não faz um homem melhor que os animais que morrem.

SALMO 50

Salmo de Asafe.

A relação pactual se põe em evidência neste salmo, com a aliança sendo expressamente mencionada nos versículos 5 e 16. Ele contém fortes semelhanças com passagens do processo pactual tais como Deuteronômio 32, Isaías 1, Miquéias 6 e Jeremias 2, nas quais céu e terra são intimados a dar ouvido ao juízo divino contra seu povo. Contém também fortes

afinidades com o Salmo 81, especialmente no apelo ao povo a que ouça, seguido das palavras iniciais do Decálogo (cf. 50.7,8 com 81.8–10). É bem possível que o salmo fosse escrito para uma cerimônia de renovação da aliança, como aquela que era realizada a cada sete anos na Festa dos Tabernáculos (Dt 31.10,11). A abertura do salmo lembra a maneira como Deus se revelou no Sinai a seu povo.

1. *Deus Vem para Julgar (vs. 1–6)*

Deus é descrito não por um único título, mas por um grupo deles (*v. 1*). As palavras "o Onipotente" e "Deus" parecem chamar a atenção para a posição de Deus como o Juiz sobre todos, enquanto "Senhor" o identifica como o Deus da aliança com Israel. Ele intima a terra, não para o juízo, mas como testemunha de suas acusações contra seu próprio povo. Em virtude da escolha divina de Sião, esta é considerada um lugar de extrema beleza (cf. Sl 48.1,2), donde o Senhor "resplandece" (*v. 2*). Este termo é usado em relação ao seu fulgor no Monte Parã (Dt 33.2) e sua posição entre os querubins (Sl 80.1). Na Bíblia, Deus é retratado como que habitando em luz (cf. Êx 13.21,22; Dn 2.22; 1Tm 6.16).

A descrição da vinda de Deus (*v. 3*) é um empréstimo do relato da revelação que ele fez de si mesmo no Sinai. Deus, que é fogo consumidor (Dt 4.24; 9.3), se revelou por meio do fogo no Sinai, onde falou "do monte no meio do fogo" (Dt 5.4). O povo ouviu sua voz "enquanto o monte ardia com fogo" (Dt 5.22,23).

Os céus e a terra são intimados a prestar atenção ao que Deus tem a dizer a "seu povo" (*vs. 4,5*). Os que pertencem a esta categoria são então definidos como os consagrados" de Deus (*chasidim*; ver sobre o Sl 31.23) e como os que entraram em aliança por meio de sacrifício. A referência parece ser à cerimônia que assegurava e reafirmava a aliança descrita em Êxodo 24.5–8. O texto hebraico usa o termo técnico para fazer uma aliança, "cortar uma aliança", que retrocede à prática comum de incluir algum ritual cortante como parte de uma cerimônia pactual.

É como se os céus estivessem anunciando a justiça de Deus, quando ele vem para entrar em juízo com seu povo pactual (*v. 6*). O que é deixado indefinido no versículo 4 (isto é, que está procedendo o julgamento) é agora esclarecido. O juiz do povo não é nenhum outro senão o próprio Deus que fez aliança com eles.

2. *Os Sacrifícios Genuínos (vs. 7–15)*

As palavras iniciais do Senhor (*v. 7*) ecoam a fórmula que aparece freqüentemente no Livro de Deuteronômio (4.1; 6.4; 9.1; 20.3; 27.9), embora as palavras "Eu sou Deus, o seu Deus" evocam as palavras iniciais do Decálogo (Êx 20.2; Dt 5.6). Deus agora está pronto a fornecer a evidência contra seu povo. O uso da palavra "testificar" provê um elo com o ministério profético de advertir o povo de seus pecados (cf. 2Cr 24.19; Ne 9.26). O Salmo 81.8 se assemelha bem a este versículo.

Não há na acusação do Senhor rejeição intencional do sacrifício em si (*v. 8*). O povo estava observando a lei relativa ao oferecimento de sacrifícios, e vinham constantemente ao lugar do sacrifício com as ofertas requeridas. O que estava errado, como o mostram os versículos seguintes, é que eram motivados por um espírito errôneo.

Deus faz a declaração de que ele é o Criador de todas as coisas. Daí, ele não carece da menor oferta apresentada a ele como sacrifício (*vs. 9–11*). Todos os animais do mundo, quer selvagens quer domésticos, são possessão sua, de modo que ele não requer umas poucas ofertas a mais para suplementarem seu vasto império.

Mesmo no seio de Israel há conceitos falsos acerca de Deus (*vs. 12,13*). Há quem pensasse que suas ofertas sacrificiais eram uma forma de alimento para ele, como acontecia em outras religiões no Oriente Próximo (ver Dt 32.38). Aqui Deus os dissuade de tais idéias, visto ser ele o proprietário do mundo inteiro e de toda sua composição (cf. Dt 10.14; Sl 24.1). Ele não carecia desse recurso para ser provido de comida e bebida.

O que se demandava eram sacrifícios oferecidos num verdadeiro espírito de ação de graças (*v. 14*). Ambos, "ofertas de gratidão" e "votos", eram sacrifícios nos quais os adoradores partilhavam de uma refeição, cuja participação eles mesmos tinham experimentado (cf. Lv 7.12; 22.29). O Senhor não carecia de tais sacrifícios, porém constituíam um meio de se expressar gratidão a ele. Acrescenta-se à ordem uma promessa (*v. 15*). Em tempos difíceis, orar a Deus resultará em livramento. Ele não carecia de ser subornado com ofertas, porém responderá prontamente ao sincero clamor de seu servo.

3. *Verdadeira Obediência à Lei (vs. 16–23)*

A primeira parte do discurso de Deus foi dirigida contra os que estavam confiando no oferecimento formal de sacrifícios. Agora a atenção se volta para aqueles que, embora oferecendo sacrifícios, os ofereciam contra os padrões divinos.

Havia aqueles do seio da comunidade pactual cuja vida era uma farsa (*vs. 16,17*). Eram transgressores, contudo exteriormente professavam sua obediência aos mandamentos de Deus. Inclusive recitavam as regulamentações pactuais, mas na realidade odiavam a disciplina divina (NIV, "instrução"). Esta palavra "disciplina", em seu uso veterotestamentário, pressupõe a correção paterna que um filho recebe (cf. Dt 11.2ss.; Jr 31.18). É bem possível que a referência às "palavras" de Deus seja especificamente ao Decálogo, que é chamado "as Dez Palavras" em outras partes do texto hebraico (Êx 34.28; Dt 4.13; 10.4). Estavam inclusive dispostos a rejeitar o cerne da aliança. Paulo desenvolve em Romanos 2.17–29, mais plenamente, as idéias aqui apresentes.

O sétimo, oitavo e nono mandamentos eram escarnecidos publicamente (*vs. 18–20*). O latrocínio e o adultério eram estimulados, enquanto os pecados da língua estavam em plena evidência. Os mais estreitos laços de família não impediam a calúnia e mentira. Os pecados da língua, quando comparados com outras violações dos Dez Mandamentos, assumiam igualmente um importante lugar nas advertências do Novo Testamento (Cl 3.9; Tg 3.1–12).

O silêncio de Deus estava sendo mal interpretado pelo povo (*v. 21*). Pensavam que o silêncio era aquiescência no seu pecado. Esta não foi a única vez no Antigo Testamento em que tal coisa aconteceu (ver Ml 2.17; 3.14,15). Um dos maiores equívocos humanos é pensar que Deus é semelhante ao ser humano. Os pecadores procuram constantemente trocar "a glória do Deus imortal por imagens feitas à semelhança de homem mortal, de aves, animais e répteis (Rm 1.23). Por fim, Deus fala, e agora reprova seus filhos errados que quebram a aliança.

A tantos quantos Deus ama, ele repreende e disciplina (Ap 3.19). Os que vivem se esquecendo de Deus e desprezando sua instrução são advertidos, que Deus virá como um leão e os rasgará (*v. 22*). Amós também usa a analogia de um leão com o intuito de descrever as atividades de Deus (Am 3.8). Dizer "sem que ninguém os livre" é simplesmente reconhecer que a salvação provém unicamente de Deus.

O que Deus quer é culto sincero da parte de seu povo (*v. 23*). Esta era uma forma de honrá-lo, justamente como Deus requer do povo cristão que lhe "ofereçam continuamente um sacrifício de louvor – o fruto dos lábios que confessam seu nome" (Hb 13.15). Quando assim prepara seu caminho reto, então ele deveras percebe que a salvação provém unicamente de Deus.

SALMO 51

Para o diretor de música. Salmo de Davi. Quando o profeta Natã veio a Davi depois de haver cometido adultério com Bate-Seba.

Para Lutero, este é o segundo dos "Salmos Paulinos" (ver Introdução, p. 39), o qual declara o mesmo caminho de perdão proclamado no Novo Testamento. Ele constitui um salmo de confissão diante do Senhor e a certeza de seu perdão. Os pecadores redimidos conhecem a realidade do perdão divino, e também partilham com Davi em seu desejo de contar a outros sobre o caminho de volta a Deus (ver *v. 13*). Tradicionalmente, este salmo era um dos sete salmos penitenciais (Sl 6,32,38,51,102,130,143), uma coleção conhecida de Agostinho e mencionada por Cassiodoro (ca. de 584 d.C.). Ela era amiúde conhecida por sua palavra inicial em latim, *miserere*.

1. *Clamor por Misericórdia (vs. 1,2)*

Davi clama por misericórdia na angústia de seu coração (*v. 1*). Compreendendo sua grande necessidade pessoal, ele clama ao Deus gracioso que aja com misericórdia para com ele. Esta é uma oração que Davi usa em várias outras ocasiões na parte inicial de alguns salmos (ver Sl 56,57 e 58.3). A base para seu clamor é o amor infalível de Deus (heb., *chesed*). Esta palavra leva em si a idéia de compromisso absoluto. Deus se revelara a Moisés como: "O SENHOR, o SENHOR, o Deus compassivo e gracioso, tardio em irar-se, rico em amor e fidelidade" (Êx 34.6). Ele não voltaria atrás nessa palavra, e Davi, conseqüentemente, suplica por uma nova visitação da misericórdia em seu favor.

A segunda parte do *versículo 1* faz paralelo de "grande compaixão" com "amor infalível", e "apaga minhas transgressões" com "tem misericórdia". Uma vez cônscio de seu "grande" pecado, ele reconhece

que necessita de "grande" compaixão. O verbo "apagar" contém a idéia de enxugar um prato lavado, ou remover algo completamente.

O *versículo 2* repete o apelo por misericórdia, porém usa outros termos. O verbo "lavar" em hebraico é precedido por uma forma de outro verbo, "ser muitos", o que alguns crêem significar que Davi está orando por repetidas purificações. Isto contraria o contexto, o qual pressupõe um ato realizado uma vez por todas da parte de Deus; e o verbo "lavar" é usado em outras partes do Antigo Testamento para a remoção do pecado (Is 1.16; Jr 2.22; 4.14). De modo semelhante, o verbo "purificar" é usado para uma declaração que o sacerdote fazia ao leproso purificado (Lv 13.6,34). Somente Deus pode declarar que o pecador está limpo.

O grupo de palavras nestes primeiros dois versículos é notável. Contém um rico vocabulário idiomático relativo ao pecado e ao perdão, as quais são enfeixadas. Para descrever sua (e nossa) relação com Deus, Davi usa:

transgressão: ações rebeldes contra autoridade;
iniqüidade: o que é distorcido ou torto;
pecado: errar o alvo;
ter misericórdia: súplica que fala da graça além da expectativa;
amor infalível: o termo de compromisso pactual;
compaixão: palavra que descreve a máxima ternura do amor;
apagar: remoção completa;
lavar: usado para roupas ensaboadas cujas manchas são totalmente removidas;
purificar: um termo ritual que declara alguém limpo.

2. *Confissão de Pecado (vs. 3–6)*

Davi não pode escapar ao seu pecado (*vs. 3*; cf. Sl 32.3,4). Lutero expressa esta verdade nestes termos: "Meu pecado me atormenta, não me dá descanso nem paz; Se como ou bebo, se durmo ou acordo, sou sempre aterrorizado pela ira e juízo divinos." O salmista está pronto a reconhecer suas ações indóceis, e ele não consegue escapar à consciência de culpa. Pois não importa o quanto ele tem pecado contra outros (e especialmente contra Bate-Seba e Urias), contudo a realidade da situação é que seu pecado era primariamente contra Deus (*v. 4a*). A versão NIV produz bem a força do termo hebraico em ordem aqui. O foco primário do pecado é

contra Deus. Ainda que os homens absolvam Davi, contudo sabe que diante de Deus ele é culpado de adultério e homicídio.

As palavras que seguem, "de modo que proves ser justo quando falares e justificado quando julgares (*v. 4b*), têm sido pomo de considerável discussão; pois, como pode Deus ser justificado em seu falar? É bem provável ser preferível pensar em Deus como sendo verdadeiro à sua palavra empenhada (ver comentários sobre o v. 1). Ele é "justificado" quando ouve o clamor por misericórdia e age em consonância com sua promessa pactual. Estas palavras são citadas por Paulo em Romanos 3.4.

O pecado de Davi, neste caso, não era o primeiro, pois ele se julga um pecador desde seus primórdios (*v. 5*). Ele está se referindo às inclinações congênitas que afetam inerentemente a todos nós. Inevitavelmente, o pecado aparece em cada nova vida, uma vez que ele é parte da natureza como resultado do pecado de Adão ("Portanto, da mesma forma como o pecado entrou no mundo por um homem, e pelo pecado a morte, assim também a morte veio a todos os homens, porque todos pecaram", Rm 5.12).

Não obstante, mesmo como um pecado, Davi conhece o padrão que Deus requer (*v. 6*). Deus demanda integridade e retidão, característicos que Davi agora bem sabia lhe faltavam. O caminho da sabedoria de Deus tem sido abandonado pelo caminho que parece direito a uma pessoa, mas que no fim traz morte (Pv 14.12).

3. *Oração por Perdão (vs. 7–12)*

Com profunda intensidade de coração, Davi ora por purificação e perdão (*v. 7*). Hissopo, uma planta comum, era usado na Páscoa (Êx 12.22) e em vários procedimentos conduzidos pelos sacerdotes (ver Lv 14.4,6,49,51,52). Agora Davi pede a Deus que o aspirja para que se torne mais alvo que a neve. Esta analogia aparece mais tarde no Antigo Testamento, aparentemente em cônscia dependência deste versículo. Ao povo pecaminoso dos dias de Isaías, cujas mãos estavam encharcadas de sangue, o Senhor diz: "Ainda que seus pecados sejam como a escarlate, se tornarão brancos como a neve" (Is 1.18). A esta petição Davi acrescenta: "Faz-me ouvir júbilo e alegria; faz os ossos que esmagaste exultarem" (*v. 8*). Sob a mão disciplinadora de Deus, ele se sente esmagado e magoado, e anseia que júbilo festivo lhe seja concedido. Esta é parte do perdão de Deus, quando seus filhos se regozijam em sua misericórdia e amor por

eles. Jeremias usa a frase "júbilo e alegria" cinco vezes (Jr 7.34; 15.16; 16.9; 25.10; 33.11).

Em outras vezes no Antigo Testamento, o povo clama a Deus porque ele ocultou deles seu rosto (ex., Sl 10.1; 44.24; 88.14; 104.29; Is 8.17). No *versículo 9*, Davi deseja que Deus não olhe para seu pecado; mas, antes, que o apague completamente.

Ele reconhece que o que é necessário é um novo ato criativo de Deus (*v. 10*). O verbo hebraico usado para "criar" (*bara'*) é empregado exclusivamente no Antigo Testamento com Deus como o sujeito; e aqui ele é paralelo com "renovar". É também associado com o termo "estável", que vem de uma raiz hebraica que amiúde é associada com a atividade criativa de Deus (Sl 24.2, "e firmou-a sobre as águas"; Is 45.18). A purificação do pecado é obra exclusiva de Deus.

> Os labores de minhas mãos
> Não podem cumprir as exigências de tua lei;
> Se meu zelo nunca tivesse trégua,
> Minhas lágrimas nunca cessassem de fluir,
> Nada disso poderia expiar meu pecado;
> Somente tu me salvas e me expias.
>
> (Augustus Toplady, 1740–1778)

Quando confrontados com nosso pecado, há um sentimento de que somos banidos da presença de Deus. Daí Davi orar: "Não me expulses de tua presença nem retires de mim teu Santo Espírito. Restaura em mim o júbilo de tua salvação e dá-me um espírito voluntário, para que me sustente" (*vs. 11,12*). O Espírito Santo estava em ação no período veterotestamentário, ainda que uma nova fase do ministério do Espírito começasse com a morte e ressurreição de Jesus e com o dia de Pentecostes. Os crentes no tempo do Antigo Testamento tinham o mesmo Espírito habitante que os cristãos hoje têm, e Davi suplica que não experimentasse a retirada desse Espírito. A presença do pecado também provoca a ausência da alegria, porque a paz se vai. Com a vinda do perdão pode haver uma restauração da alegria da salvação.

4. *Um Coração Agradecido (vs. 13–17)*

A resposta de um pecador purificado é buscar fazer conhecidas as boas-novas da graça de Deus, justamente como Isaías, mais tarde, se ofereceu

tão voluntariamente como o mensageiro do Senhor (Is 6.8). O salmista teve uma experiência semelhante (*v. 13*). Uma experiência da graça redentora cria uma urgência em contar a outros sobre o perdão do Senhor, e um forte desejo de ensinar-lhes o caminho do Senhor. O alvo máximo é ver outros pecadores se converterem a Deus em arrependimento e fé. O verbo "voltar" (heb., *shubh*) é amiúde usado para arrependimento e para a conversão a Deus (ex., Is 44.22; Os 6.1).

O pecado de Davi pesa muitíssimo sobre ele, e é como se temesse especialmente o resultado de haver matado Urias (*v. 14*). A palavra "culpa de sangue" literalmente é "sangues", e à guisa de comparação com Gênesis 4.10 denota sangue derramado, assassinato. Em vez de pensar na proteção de Davi contra a vingança da família de Urias, é preferível ver isto como uma oração por livramento da culpa de seu crime, ao Deus que o salva. Desta forma, as idéias se ajustam melhor com todo o contexto do salmo.

Um pecador perdoado também quer louvar a Deus pelo que ele fez (*vs. 14b, 15*). Aqui Davi demonstra o espírito de gratidão que o enchia depois que Deus ouviu seu clamor. A palavra de perdão veio através do profeta Natã que lhe disse: "O SENHOR eliminou seu pecado" (2Sm 12.13b). O desejo de Davi é que Deus abra seus lábios e que sua boca esteja cheia da justiça divina e do louvor a Deus. Sob a lei mosaica foram designados vários sacrifícios, mas nenhum pelo homicídio premeditado. A ação de Davi veio sob a categoria de pecados de uma mão erguida (ver Nm 15.30), pois ele agira desafiadoramente e em rebelião contra a lei de Deus. Mas, mesmo que se pudesse oferecer um sacrifício, contudo Davi corretamente reconhece que o espírito, em que ele é oferecido, é primariamente importante (*vs. 16,17*). Mera cerimônia formal jamais poderia resultar em perdão. Antes, tinha de haver um coração tocado pelo Espírito Santo a convencer-se do pecado (Jo 16.8). Quebrantamento, neste caso, é um sinal de profunda angústia de coração pelo pecado, e Deus não desviará seu ouvido do clamor do necessitado (Sl 102.17).

5. *Oração por Sião (vs. 18,19)*

Tudo indica que Davi sentia que seu pecado podia trazer sérias conseqüências a toda a nação. Por isso, ele ora por Sião e Jerusalém (*vs. 18,19*). Estas palavras mostram que a referência precedente a sacrifícios não visava a denegrir todo o sistema sacrificial como tal. Deus tinha posto sua escolha sobre Jerusalém, e Davi ora por sua proteção, para que ela

continuasse sobre seu povo. Então o povo será capacitado a continuar com seus sacrifícios, e trazer as oferendas das quais Deus se apraz em aceitar.

SALMO 52

Para o diretor de música. Masquil de Davi. Quando Doegue, o edomita, foi a Saul e lhe informou: "Davi foi à casa de Aimeleque."

A nota histórica contida no título alude ao incidente na vida de Davi quando Doegue traiu os sacerdotes que haviam ajudado a Davi. Quando os oficiais do rei não se viam preparados a matar os sacerdotes, Doegue efetuou as execuções (1Sm 22.6–19). O título está anexado a este salmo porque Doegue era típico de todos os malfeitores que, por fim, serão erradicados "da terra dos viventes" (*v. 5*). Embora se queixe dos malfeitores no início do salmo, por fim o salmista está expressando sólida confiança em Deus.

1. *Queixa Contra o Malfeitor (vs. 1–4)*

É bem incomum encontrar um salmo que não comece falando a Deus, mas este é o primeiro que se dirige a um homem mau. Ele é descrito como "um homem poderoso" ou "nobre", e visto que os "nobres" tinham o privilégio de portar armas para o rei (cf. Rt 2.1; 1Sm 9.1), o termo então veio a aplicar-se aos guerreiros ou soldados (*v. 1*). A última parte do versículo é difícil, e a versão NIV segue a LXX. O texto hebraico diz: "amor pactual (*chesed*) de Deus todo o dia." É preferível tomar isto como sendo o significado da palavra hebraica *chasid*, a qual denota um servo pactual leal. Então seria uma descrição do salmista: "Por que você se vangloria todo dia contra o servo leal de Deus?"

O guerreiro não é descrito por tirar proveito em batalha, mas por sua habilidade no uso de sua língua como uma arma a causar dano (*vs. 2,3*). Fraude e destruição são sua marca registrada, e estas procedem de um coração que segue a vereda do mal. A falsidade toma o lugar da justiça (NIV, "verdade"). As palavras que causam destruição são o que ele entesoura (*v. 4*). Uma "palavra nociva" é aquela que devora ou traga (cf. Jr 51.44, que tem somente outro exemplo desta palavra no Antigo Testamento). Isso aumenta a acusação quando o salmista fala diretamente à própria língua (cf. um uso semelhante no Sl 120.2).

2. *Anunciado o Juízo de Deus (v. 5)*

Apresenta-se o contraste do juízo justo de Deus, e as palavras usadas para descrevê-lo pressupõem a forma repentina como ele vem: "agarrar", "arrancar", "desarraigar". A referência à "tenda" não parece ser ao tabernáculo, mas antes à habitação individual da pessoa injusta. Ser tirado da terra dos viventes é sinônimo de morte (cf. a mesma frase usada para o Servo do Senhor em Is 53.8).

3. *A Bênção dos Justos (vs. 6–9)*

Quando os justos divisam o juízo de Deus, se deixam dominar de reverência. Também entendem que este juízo se destina a encorajá-los, e por isso se regozijam nele (*vs. 6,7*). Seu riso não é tanto de zombaria quanto de jubiloso reconhecimento da natureza justa das ações de Deus. Se uma pessoa falha em tomar a Deus por seu refúgio, e põe sua confiança em suas própria riquezas, então não é justo que seja desarraigada?

A mesma sorte de contraste é traçada entre os justos e os ímpios (*v. 8*), como se dá no Salmo 1. Enquanto os perversos se assemelham a árvores que serão desarraigadas, os justos se assemelham a uma oliveira florescente. É provável que a comparação com uma oliveira seja por causa de sua vida longa e de sua natureza produtiva.

O salmista expressa a constância de sua confiança no amor pactual de Deus (*v. 9*). As ações de Deus em prol de seu povo produzem louvor, e isto também envolve oferta de louvor na assembléia do povo de Deus. Sua bondade tem sido exibida ao salmista que agora quer reconhecer esse fato. Com o reconhecimento vem uma expressão adicional de sólida confiança no caráter de Deus ("seu nome"), o qual já se demonstrou ser, respectivamente, bom e amorável.

SALMO 53

Para o diretor de música. Segundo mahalath. Maskil de Davi.

Para comentários sobre a comparação entre este salmo e o Salmo 14, ver pp. 104,105. Ele tem um título mais longo que o Salmo 14, inclusive dois termos técnicos, "mahalath" e "maskil". O primeiro significa "enfermidade" ou "sofrimento", e por isso pode denotar uma melodia plangente desse nome (cf. também Sl 88). É provável que "makil" seja um

cântico ou melodia habilmente elaborada. Na parte inicial do salmo, em adição à alteração do nome divino ("Deus" substitui "Senhor"), "iniqüidade" substitui "feitos" no versículo 1. A NIV parece considerá-lo no sentido de "caminhos". Então no versículo 3 há uma ligeira mudança concernente a "todos", e em lugar de "desviaram" no Salmo 14.3, o verbo é "voltaram atrás" (heb., *sag* em lugar de *sar*).

A mudança mais importante é em relação com os versículos 5 e 6 do Salmo 14: "Olhem! Estão tomados de pavor! Pois Deus está presente no meio dos justos. Vocês, malfeitores, frustram os planos dos pobres, mas o refúgio deles é o SENHOR." Em lugar disso, o Salmo 53.5 tem: "Olhem! Estão tomados de pavor, quando não existe motivo algum para temer! Pois foi Deus quem espalhou os ossos dos que atacaram você; você os humilhou porque Deus os rejeitou." Tudo indica que este versículo foi alterado para esta forma a fim de tornar específica a referência a uma grande ocasião histórica. O mais provável é que foi a destruição do exército de Senaqueribe pelo anjo do Senhor (2Rs 19.35). O significado seria que o povo de Deus ficou grandemente amedrontado, quando nada havia para temer. Os ossos do exército assírio foram espalhados no campo, e Deus demonstrou o quanto desprezava os que foram classificados com os tolos e com os que não o conheciam. Para comentário sobre os outros versículos, ver as notas sobre o Salmo 14.

SALMO 54

Para o diretor de música. Com instrumentos de cordas. Maskil de Davi. Quando os zifeus foram a Saul e disseram: "Não está Davi escondido entre nós?"

O título deste salmo é semelhante ao do Salmo 52, em que um incidente da vida de Davi, que fugia de Saul, forma sua base (cf. 1Sm 23.19; 26.1). O conteúdo do salmo não explica como o mesmo se associa com aquele incidente. Seu escopo é suficientemente amplo para permitir a qualquer crente perseguido a usá-lo como uma súplica pela intervenção divina.

1. *Petição por Livramento (vs. 1–3)*

O salmo começa com uma referência ao nome de Deus, e termina louvando-o. O salmista invoca a Deus porque ele conhece o caráter dele e,

portanto, pode confiantemente clamar por socorro. Ele busca livramento de sua presente angústia, a qual ia além dos ataques caluniosos que lhe eram feitos. Homicídio era também parte do esquema (*v. 3*). O apelo se dirige ao seu Salvador e Juiz. "Defender" (*v. 1*) tem praticamente o mesmo significado de "julgar".

Tudo indica que as palavras iniciais do *versículo 2* constituíam uma forma padrão de suplicar auxílio: "Ouve-me a oração, escuta-me …" (cf. Sl 84.8; 143.1). Não obstante, às vezes expressões costumeiras empregam uma nova urgência, quando circunstâncias nos levam a buscar o socorro imediato de Deus. Esta oração constitui uma súplica para que Deus ouça e responda.

A palavra "estranhos" (*v. 3*) é substituída por uma palavra bem semelhante ("orgulhosos") em muitos manuscritos hebraicos e no Targum. Isto explica a variação em algumas versões inglesas aqui (cf. NEB, "homens insolentes"), e isso se ajusta bem ao contexto. Quando este versículo reaparece no Salmo 86.14, a palavra é certamente "arrogante". Esses homens violentos estão vindo contra o salmista com intentos homicidas. Não dão a Deus a preeminência de suas vidas, e conseqüentemente não vivem em conformidade com seus mandamentos.

2. *Confiança em Deus (vs. 4,5)*

O salmista se volve à única fonte de assistência. Ele sabe que o Senhor é seu único ajudador. O anseio de ver o juízo surgir sobre seus caluniadores tem de ser entendido à luz da questão mais ampla da maldição nos Salmos. Uma vez que os caluniadores são deveras oponentes de Deus mesmo, o salmista ora por sua destruição. O salmista sabe que Deus age em consonância com sua fidelidade.

3. *Ação de Graças Espontânea (vs. 6,7)*

A oferta é feita de um sacrifício voluntário. Tal sacrifício podia ser feito em qualquer ocasião por qualquer israelita agradecido (ver Lv 22.17–30; Nm 15.1–12). Devem-se dar louvores a Deus porque ele tem demonstrado sua bondade. O salmista antecipa o livramento do Senhor de todas as suas tribulações, e sua oportunidade de ver o que aconteceu a seus inimigos. Ele aquiesce no juízo divino.

SALMO 55

Para o diretor de música. Com instrumentos de cordas. Maskil de Davi.

Os intérpretes judeus mais antigos conectavam este salmo à traição que Davi sofreu de seu conselheiro Aitofel (2Sm 16.15–22; 1Cr 27.33). Escritores modernos com freqüência têm traçado uma comparação entre a experiência do salmista e a do profeta Jeremias. Ele, que tanto desejava estar num deserto bem remoto (*vs. 6,7*; cf. Jr 9.2), sofreu nas mãos de sua própria família (Jr 12.6); e um colega sacerdote, Pasur, o ferira e o colocara no tronco (Jr 20.2). Há uma antiga tradição na igreja latina de que a experiência do salmista aponta para a traição que Jesus sofreu de Judas. Certamente que a traição de nosso Senhor nos dá o exemplo mais elevado do padrão de sofrimento descrito aqui pelo salmista. É de grande estímulo porque, uma vez que Jesus "sofreu quando foi tentado, tornou-se capaz de socorrer os que estão sendo tentados" (Hb 2.18).

1. *Clamor por Socorro (vs. 1–3)*

O salmo se abre com um clamor de desespero (*vs. 1–3*). De seu estresse, o salmista apela por auxílio. Seu pedido, a que Deus não ignore sua súplica, lembra a passagem de Deuteronômio 22.1–4, onde se usa o mesmo verbo. Quando uma pessoa via o boi ou ovelha de um vizinho em dificuldade, ela não o podia ignorar. Aqui, o salmista se sente como se estivesse sendo ignorado por Deus, como se ele estivesse indisposto a ajudá-lo. Ele não só enfrenta dificuldade do lado de fora, mas seus pensamentos lhe causam angústia. Ele é humilhado, e o ruído do inimigo que se aproxima o esmaga. Esse inimigo não é identificado, exceto pela descrição de ser "perverso". O que os perversos lhe fazem é resultado de ódio.

2. *Coração Angustiado (vs. 4–8)*

A sucessão de palavras descritivas da profunda tribulação de seu coração flui dos lábios do salmista (*vs. 4,5*). Ele se sente sob intolerável tensão quando enfrenta os ataques do inimigo. Ele ainda se compara a uma mulher com dores de parto (NIV, "em angústia"). O medo que ele sente é devido à morte que está bem próxima, e a grande ansiedade que experimenta produz sintomas físicos de tremor e horror.

Outro modo de descrever seu desespero é a vontade que sente de estar bem longe em algum local deserto (*vs. 6–8*). Ele deseja voar como um pombo e achar lugar seguro de refúgio (NIV, "estar em repouso"). Alojar-se no deserto significaria que ali estaria a salvo de seus perseguidores, deparando-se com um lugar oculto ali. Jeremias usa a mesma imagem de um lugar no deserto (Jr 9.2) e do pombo encontrando um ninho seguro (Jr 48.28). "Tempestade e tormenta" expressam a realidade de seu presente estresse.

3. *Lamento sobre a Traição (vs. 9–15)*

O salmista deposita sua queixa no Senhor (*v. 9*). "Confundir" literalmente é "tragar", e é usado para pedir a destruição dos opressores. A idéia de confundir a linguagem provavelmente seja uma tentativa de lembrar o que aconteceu em Babel, quando Deus frustrou os planos pecaminosos dos homens confundindo sua linguagem (Gn 11.1–9). Não há como identificar a cidade, quando a palavra hebraica (*'ir*) denota um ambiente com fortificações, independente de seu tamanho. É um lugar onde o salmista experimentara violência e intriga.

Suas expressões descrevem tanto o caráter da cidade quanto a constância com que as forças do mal se revelam nela (*vs. 10,11*). Rebeldes e terroristas a controlam, e males associados, como "malícia" e "abuso", são evidentes por toda parte. Sua área mercantil (NIV, "ruas") já não é um lugar para comércio pacífico, mas se distingue por suas práticas fraudulentas.

Não somos providos de informação suficiente para a identificação viável do amigo de Davi (*vs. 12–14*). Alguém dentro de seu próprio círculo de amigos íntimos provava ser um traidor, e isso torna a gravidade do incidente ainda mais intensa. Um amigo em igualdade de condição com ele, e com quem estivera associado no culto do santuário, se voltara contra ele. Não é "um inimigo" ou "um adversário" que o insultava, mas um dentre seus próprios companheiros. A tragédia das palavras de Davi aqui consiste em que lhe aplicam sua própria traição contra Urias, que é reconhecido entre os associados mais íntimos de Davi (2Sm 23.39). Ao aplicar-se a verdade de Deus a outros, é também indispensável que alguém a aplique implacavelmente à sua própria vida.

Davi roga que o súbito juízo de Deus sobrevenha a seus inimigos (*v. 15*). Ele não só fala do amigo anterior, mas de um grupo de inimigos ("que

eles …"). A referência a descer vivo à sepultura parece ser uma alusão ao incidente concernente a Coré, Datã e Abirão (Nm 16.23–40). Justamente como os que tinham odiado o Senhor com desdém, nos dias de Moisés, foram destruídos, assim Davi deseja que seus inimigos (que eram também inimigos de Deus) tenham um destino semelhante.

4. *Justiça com Deus (vs. 16–21)*

Como é típico nos salmos de queixa, Davi fala de seu acesso a Deus em oração e de sua convicta confiança nele (*vs. 16,17*). "À tarde, pela manhã e ao meio-dia" provavelmente não signifique que esses são os únicos momentos do dia em que ele reservava para a oração. Antes, tais expressões falam da constância de seus rogos a Deus. Suas ações se põem em agudo contraste com seu amigo anterior, sendo isso realçado no texto hebraico por um enfático "você" no começo do versículo 13, e um enfático "eu" no começo deste versículo. Ele se assegura de que Deus tanto ouve sua súplica quanto age em relação a ela.

A confiança que o salmista nutre é que Deus é seu libertador (*v. 18*). "Remir" é usado aqui neste sentido geral de livramento da tribulação. Deus é capaz de introduzir seu povo numa situação pacífica (NIV, "incólume"), mesmo quando seus oponentes sejam tantos e seus ataques tão hostis.

É ao Deus Criador que o salmista invoca, pois o "para sempre" da NIV é uma tentativa de traduzir a palavra hebraica (*qedem*) que aponta para trás, e não para frente (*v. 19*). Ele fala de Deus como estando entronizado na própria criação (cf. Dt 33.15: "os montes *antigos*"). O Deus eterno é aquele que ouve não só a seu povo, mas que também observa os perversos. São descritos pelo uso de um termo que normalmente é usado para a troca de roupa (cf. Gn 45.22). Suas características são que eles não se convertem de sua impiedade, e que lhes está ausente a marca fundamental da piedade – o temor de Deus. A posição de *Selá* é bem incomum, pelo fato de que o termo vem no meio do versículo.

Outro aspecto do ataque por seu assim chamado *amigo* provém dos *versículos 20 e 21*. O salmista mantém um vínculo pactual com essa pessoa, como se dá com os acordos amiúde feitos entre as pessoas (cf. Davi e Jônatas, 1Sm 20.16). Mas este "amigo" não nutre nenhum respeito por compromissos tão solenes. Aparentemente, ele fala com suavidade; mas, no íntimo, ele planeja traição. Ao apunhalar seus aliados pactuais nas costas, ele viola um vínculo sagrado do qual Deus é testemunha.

5. *Um Sustentáculo Divino (vs. 22,23)*

Os "cuidados" são tudo aquilo que Deus nos dá, e o convite é para que os lancemos no Senhor (*v. 22*). A promessa não é que ele *os* carregará, mas, antes, que "ele susterá *você*". A palavra "suster" é usada para a ação de José em prover sustento para sua família no Egito (Gn 45.11), especialmente em relação à graciosa provisão divina para seu povo no deserto (Ne 9.21). Essa misericórdia que sustenta será dada com o fim de assegurar que não haja desastre final à espera do justo. A primeira parte do versículo ecoa no Novo Testamento, em 1 Pedro 5.7, enquanto o tema geral é ampliado no ensino de Jesus (Mt 6.25–34; 10.19; Lc 12.22–31).

A relação entre o salmista e seu Deus é o que mais importa (*v. 23*). As palavras "Tu, porém, ó Deus" e "Mas, quanto a mim" lançam luzes sobre este fato. Deus de fato pode tratar com os perversos, trazendo-os a uma morte prematura, ainda que nem sempre ele aja desta forma. Não obstante, a confiança do salmista está em seu Deus. Evidentemente, ele lança seus cuidados no Senhor; ele já se alegra em ser sustentado por ele.

SALMO 56

Para o diretor de música. Para [a melodia de] "Uma Pomba nos Carvalhos Distantes". De Davi. Um miktam. Quando os filisteus se assenhorearam dele em Gate.

A nota histórica no título se refere a um incidente na vida de Davi, quando fora mantido convenientemente cativo em Gate. O texto bíblico em 1 Samuel não diz realmente que ele fora capturado, mas o comentário em 1 Samuel 22.1, de que ele escapara para a caverna de Adulão, não deixa dúvida sobre a questão. Os filisteus vieram de ou via Creta (referida como Captor em Jr 47.4; Am 9.7), e se estabeleceram no litoral da Palestina. Suas cidades maiores eram Asdode, Asquelom, Ecrom, Gate e Gaza. O salmo se move do apelo na abertura, por meio de lamento na parte central, para a jubilosa ação de graças, na conclusão.

1. *Súplica por Misericórdia (vs. 1,2)*

Este e o salmo seguinte começam com uma súplica idêntica, ainda que a NIV varie a tradução. Isso ocorre com freqüência no Saltério (cf. 4.1; 6.2; 27.7; 86.3; 123.3). A descrição de perseguição implacável certamente

se ajusta à experiência de Davi. Ele clama a Deus porque seus inimigos estão resfolegando em seu pescoço, e ele não sente alívio de sua opressão.

Há uma ênfase neste salmo sobre o papel dos inimigos em usarem palavras amargas contra o salmista (ver também v. 5), ainda que, evidentemente, ele se sentisse diante de perigos mortais (*v. 6*). A repetição de "todo o dia", em versículos sucessivos, fala de seu senso de que não havia trégua nos ataques contra ele (*v. 2*).

2. *Estribilho: Confiança em Deus (vs. 3,4)*

Não há dúvida de que Davi conhece o temor, porém alega que confia no Deus que o arrebata do terror. Ele está assustado, porém não aterrorizado! Ao mesmo tempo em que teme, ele deposita confiança em Deus; e no momento de falar, ele confiantemente descansa na palavra da promessa de Deus. Ele pode, pois, lançar o desafio ao homem mortal (lit., em hebraico é "carne"). O poder humano nada é comparado ao poder de Deus, como disse o rei Ezequias a seus oficiais quando Jerusalém estava enfrentando os ataques de Senaqueribe, rei da Assíria (2Cr 32.8).

3. *Queixas Contra os Inimigos (vs. 5–9a)*

Os maus desígnios dos inimigos são agora apresentados com mais detalhes (*v. 5*). As palavras de Davi foram distorcidas por seus inimigos, presumivelmente Saul e seus apoiadores. Outra tradução possível é "prejudicam minha causa", como em hebraico "palavra" pode ter uma conotação mais ampla do que normalmente se dá em nosso idioma. Todos os seus esforços são dirigidos com maus intentos.

É bem possível que os inimigos estivessem buscando prejudicar o salmista, mesmo a ponto de tirar-lhe a vida (*v. 6*). O que poderiam ter em mente é algum tipo de homicídio legal, como aconteceu no caso de Nabote (1Rs 21.1–14). Tratam-no injustamente e buscam alguma oportunidade para o prejudicar.

A grande variedade nas versões inglesas do *versículo 7* realça a dificuldade na compreensão do texto hebraico. Há quem sugira que houve equívoco nas primeiras cópias em virtude de, com a mudança de uma letra, o verbo "escapar" veio a ser "retribuir". Não obstante, deixando o texto hebraico como está, ainda pode prover base para uma tradução que forme a indagação: "Em virtude de seu mal, haverá escape para eles?". A resposta

evidentemente é: “Não”, pois Deus demonstrará sua ira contra as nações. O uso do plural “nações” pressupõe que quem está em vista são os filisteus. Davi passa, depois de tornar-se rei, a subjugar o poder dos filisteus (2Sm 5.17ss.; 8.1).

Davi sabe que Deus administra justiça em seu tempo, não no nosso. Daí rogar que se guarde um registro de seu lamento (*vs. 8,9a*), e também que suas lágrimas sejam guardadas numa garrafa ou odre (seguindo a redação de rodapé na NIV). Deus não precisa de um registro escrito para lembrar de seu povo e de suas necessidades, mas a idéia é usada no Antigo Testamento como um modo de falar, para gerar tranqüilidade, sobre o conhecimento de Deus e de como ele cuida de seu povo (Êx 32.32; Sl 69.28; 139.16; Ml 3.16). Com certeza o salmista pode falar da intervenção divina quando clama a Deus, pois então os inimigos serão postos em fuga.

4. *Estribilho: Confiança em Deus (vs. 9b–11)*

As partes essenciais do estribilho dos versículos 3 e 4 são reiteradas nos versículos 9b–11. Em vez da referência de abertura à confiança em Deus quando ele nutre medo, o salmista expressa absoluta certeza de que Deus é por ele. A expressão introdutória, “com isso”, bem como o verbo “saberei”, chama a atenção para sua convicção de que as ações de Deus constituem prova de seu cuidado e justiça contínuos. A passagem do Novo Testamento que apresenta a mesma mensagem é Romanos 8.28–39, e é bem possível que ela esteja baseada neste estribilho. Paulo começa com a certeza do conhecimento (“sabemos”, *v. 28*), e termina com a vibrante afirmação de que nada “poderá separar-nos do amor de Deus que está em Cristo Jesus nosso Senhor” (Rm 8.39).

5. *Voto de Ação de Graças (vs. 12,13)*

Convenientemente, Davi fizera com Deus compromissos especiais os quais agora diz que pagará. Ambos, “votos” e “ofertas de ação de graças”, podem ser uma referência a ofertas sacrificiais. Ele faz uma retrospectiva para a realidade do livramento dos perigos de morte, e ainda que seus inimigos tenham vigiado seus passos (*v. 6*), contudo Deus também libertara seus pés de tropeçarem. A frase final expressa a confiança de andar jubilosamente diante de Deus em sua luz (cf. Sl 36.9). As expressões veterotestamentárias relativas a Deus como luz chegam ao cumprimento

na vinda de Jesus (Jo 1.3–5). Jesus declarou: “Eu sou a luz do mundo. Quem me segue jamais andará em trevas, mas terá a luz da vida” (Jo 8.12). Seu subseqüente debate com os fariseus adicionou peso à declaração.

SALMO 57

Para o diretor de música. [Para a melodia de] “Não Destrua”. De Davi. Um miktam. Quando fugia de Saul para uma caverna.

Há ligações estreitas entre os Salmos 56 e 57, e os títulos situam ambos os salmos no período em que Davi foge de Saul. São semelhantes nos títulos, cada um começando com um clamor por misericórdia e terminando com uma forte nota de ação de graças. Além disso, ambos contêm um estribilho repetido (56.3,4,10,11; 57.5,11). Há também ligações entre os Salmos 57,58 e 59, em que parte de seu título é comum aos três. O Salmo 57.7–11 é repetido no Salmo 108.1–5. Isto pode sugerir que as duas partes deste salmo foram originalmente composições separadas. O amor e fidelidade pactuais de Deus ressoam em ambas as seções do salmo, enquanto o versículo inicial pressupõe a presença de Davi no culto central da aliança, o tabernáculo.

1. *Lamento e Estribilho (vs. 1–5)*

O salmo começa com um apelo para que Deus seja misericordioso, juntamente com uma reiterada afirmação de confiança nele. A referência a buscar refúgio à sombra das asas de Deus poderia ser ou uma alusão geral ao cuidado protetor de Deus, ou poderia se relacionar com a presença no tabernáculo. Em Êxodo 25.20, lemos que as asas dos querubins faziam sombra sobre a tampa (o propiciatório) da arca da aliança. Daí ser possível que “suas asas” sejam um modo de dizer que o salmista irá ao tabernáculo encontrar-se com seu Deus e achar refúgio ali até que passe a presente angústia.

O salmista clama ao “Deus Altíssimo” (*vs. 2,3*), usando um nome duplo para Deus, o qual também ocorre no Salmo 78.56 (cf. “Senhor Altíssimo” no Sl 7.17). O verbo “cumpre” é raro, ocorrendo somente cinco vezes em todo o Antigo Testamento, todas elas nos Salmos. Aqui, e no Salmo 138.8, ele fala do modo como Deus leva à completude o que empreende em prol dos santos. O Deus Altíssimo, aquele que governa sobre tudo, traz bênção

a seu povo enquanto visita seus inimigos com juízo. Ele "envia" salvação aos que se encontram em angústias profundas, demonstrando assim seu contínuo comprometimento pactual. Ele é o Deus que "transborda de amor e fidelidade" (Êx 34.6).

Os inimigos são descritos como se fossem animais selvagens (*v. 4*). As expressões usadas ("em meio a leões", "estou entre animais vorazes") pressupõem a constante hostilidade com que os inimigos atacavam, enquanto o uso de comparação com lanças, flechas e espadas descreve sua crueldade e sua peçonha.

O salmista sabe que Deus não é um observador ocioso. Suas palavras no *versículo 5* são, respectivamente, uma declaração concernente à glória de Deus e um clamor direto por seu socorro. Ele anseia que a plena expressão do governo de Deus se manifeste, porque isso significaria que o livramento lhe viria. Um modo de Deus obter glória é exibindo seu poder contra seus inimigos (cf. Êx 14.4,17,18).

2. *Transição – Os Perversos se Emaranham (v. 6)*

Este versículo serve de ponte entre a primeira seção do salmo, com seu clamor a um Deus fiel, e a última seção, com seu confiante louvor a ele. A verdade é que os perversos amiúde caem presas de suas próprias tramas. Preparam uma armadilha para os justos, porém Deus administra sua providência de tal modo que eles mesmos caem nela. O cântico que segue se regozija neste fato, o qual não é consumado simplesmente pela loucura dos perversos, mas pela direta intervenção divina.

3. *Ação de Graças e Estribilho (vs. 7–11)*

A palavra hebraica traduzida "firme" (*v. 7*) é a mesma palavra traduzida "voluntário" no Salmo 51.12. Poderia também ser traduzida "preparado" ou "assentado". Seu uso aqui descreve a inabalável confiança que o salmista depositara em Deus, e a repetição enfatiza isso ainda mais. Não se dá nenhum objeto aos verbos "cantar" e "fazer música", mas é evidente que o louvor deve ser entoado a Deus. Fé e louvor são enfeixados de forma bem estrita.

O salmista convoca a si e aos seus instrumentos a se despertarem e a se prepararem para o louvor (*v. 8*). O louvor às vezes ajuda a dispersar as trevas e o desespero (cf. a experiência de Paulo e Silas na prisão, At 16.25).

Harpas e liras se referem a instrumentos de cordas que eram usados, respectivamente, em situações de culto formal e informal, e há pouca informação para se fazerem distinções entre eles. Antes que raiasse um novo dia, era preciso entoar louvores ao Senhor.

A gratidão do salmista é tão imensa que ele deseja até mesmo que as nações gentílicas ouçam seu louvor a Deus (*vs. 9,10*), em concordância com a promessa de Deus a Abraão (Gn 12.3). O tema do louvor de Davi se relaciona com o amor e fidelidade pactuais de Deus (ver v. 3). Deus tem manifestado seu amor e fidelidade, e o salmista deseja que outros conheçam suas dimensões. Não podem ser medidos, pois atingem os céus.

O estribilho – "Sê exaltado, ó Deus, acima dos céus; sobre toda a terra esteja tua glória" – que já foi usado (v. 5) conclui o salmo (*v. 11*). Ele adequadamente continua o tema do versículo 10 e focaliza novamente a oração pela manifestação da glória de Deus.

SALMO 58

Para o diretor de música. [Para a melodia de] "Não Destrua". De Davi. Um miktam.

Este salmo é dirigido contra oficiais proeminentes que usavam mal seu ofício, e assim fracassam na administração da reta justiça. Depois de serem acusados, e de se fazer uma descrição de seu pecado, pronuncia-se uma sétupla maldição sobre eles. No término do salmo, os justos são descritos como a se regozijarem no fato de que Deus, o juiz de toda a terra, os vingará.

1. *Líderes Acusados (vs. 1,2)*

As diversas versões inglesas exibem grande variedade no *versículo 1*. O problema é a palavra hebraica "governadores" na NIV. A Versão Autorizada a considera no sentido de "congregação", mas isso não tem base real. A palavra hebraica em questão (*'elem*) é preferivelmente tomada como sendo a palavra "deuses", e tendo o sentido de "juízes" ou "governantes", justamente como uma palavra hebraica relacionada (*'elohim*) tem este sentido no Salmo 82.1 (cf. Jo 10.34,35). A acusação consiste em que os governantes não falam com justiça nem julgam retamente. As mesmas pessoas que deveriam apresentar preocupação pela

justiça diante de Deus, em vez disso elaboravam maus planos em seus corações e então agiam de conformidade com eles. A seqüência de "coração" e "mãos" é importante, pois esta é a forma como o pecado elabora (cf. as palavras de Jesus em Mt 15.16–20).

2. *Os Pecados dos Líderes Descritos (vs. 3–5)*

Embora o contexto não esteja tratando da pecaminosidade universal (*v. 3*), contudo deve-se fazer a comparação com a confissão de Davi no Salmo 51.5. O que estava acontecendo com os juízes não deveria ser tido como surpreendente, porque os juízes só estavam exibindo seu verdadeiro caráter. Desde o nascimento, tinham sido estranhos de Deus e de seus caminhos. Esta é a forma como a Bíblia retrata constantemente os homens e mulheres pecaminosos. "Eles são obscurecidos no entendimento e separados da vida de Deus por causa da ignorância em que estão, devido ao endurecimento de seu coração" (Ef 4.18).

Os perversos são comparados à serpente venenosa que nem mesmo obedecem a seu treinador (*vs. 4,5*). Ela se voltará contra a pessoa que cuidadosamente a treina e não se importará. A razão disto, como hoje se sabe, é que a cobra é surda, e só responde aos movimentos de seu treinador, não ao som da música. O ponto aqui é que os governantes perversos são igualmente insensíveis, e não ouvem o clamor por justiça por parte dos pobres e necessitados.

3. *Oração por Juízo (vs. 6–9)*

O clamor para que Deus intervenha na situação e traga juízo sobre as pessoas ímpias (para maldições nos Salmos, ver a Introdução, pp. 64,65). Esta sétupla maldição é muito difícil no texto hebraico, e isto causa grande variedade nas traduções inglesas dele. A oração por juízo aumenta em intensidade até que atinge seu clímax no versículo 9.

Em vez de se assemelharem a uma cobra, os juízes perversos são agora comparados a leões (*v. 6*). Todos eles se prontificam a atacar com suas presas, a menos que Deus intervenha e as quebre.

Duas diferentes comparações são feitas com o intuito de sugerir a inoperância do poder dos inimigos (*v. 7*). O salmista quer que eles se tornem "como água derramada no chão, a qual não pode ser recuperada"

(2Sm 14.14). Este é um simbolismo para morte. Se persistirem em seus ataques, então que suas flechas sejam embotadas para que não o firam.

A relação entre a lesma e o filho abortado é que ambos não vêem a luz do sol (*v. 8*). A lesma deixa para trás seu rastro, mas ele desaparece quando o sol nasce. O filho abortado nunca vê a luz do sol. Assim, o salmista deseja que seus perversos inimigos se tornem como se nunca tivessem existido.

Concernente ao *versículo 9* – "antes que suas panelas sintam o calor da lenha, esteja ela verde ou seca" –, a nota de rodapé da NIV diz corretamente: "O significado do hebraico para este versículo é incerto." Não obstante, a palavra introdutória, "antes", às vezes é usada para introduzir discurso profético que descreve algo que vai desaparecer (cf. Is 7.16; 8.4), enquanto a última frase fornece a expectativa de que o juízo divino se apressa rumo ao final. Este é o clímax a toda a oração.

4. *Segurança para os Justos (vs. 10,11)*

Os justos se deleitam na justiça, e quando Deus vinga a seu povo em vitória, então podem regozijar-se em tudo mais (*v. 10*). A vingança pertence a Deus, e ele os vinga (Dt 32.35,36; Sl 94.1,2). Banhar os pés em sangue é uma imagem bíblica para vitória (cf. Is 63.1–6; Ap 14.19,20; 19.13,14). Os homens em geral (*v. 11*), por fim, farão a declaração de que os justos recebem de Deus o fruto de suas vidas, o qual julga toda a terra (cf. Sl 94.2, onde Deus é chamado "Juiz da terra"). O salmista está confiante de que vem o dia quando mesmo os pagãos reconhecerão este fato. Os crentes sabem que Deus, o justo Juiz, vai recompensá-los no último dia (2Tm 4.8) e devem esperar pacientemente pelo dia do reconhecimento (Tg 5.1–11).

SALMO 59

Para o diretor de música. [Para a melodia de] "Não Destrua". De Davi. Um miktam. Quando Saul enviou homens a vigiarem a casa de Davi a fim de matá-lo.

Dois grupos de inimigos parecem estar em vista neste salmo. De um lado, há os homens perversos no seio da nação que atacam o salmista como uma matilha de cães selvagens (*vs. 6 e 14*). Do outro, estão em vista nações

vizinhas (*vs. 5–8*). Parece, pois, ser um salmo de apelo por socorro contra inimigos tanto locais quanto estrangeiros. Há dentro do salmo aspectos que não são freqüentes, em que há estribilhos repetidos (*vs. 6 e 14*) e afirmações repetidas de firme confiança no Senhor (*vs. 9 e 17*). Há alguns paralelos de palavras interessantes entre este salmo e o relato em 1 Samuel 19 e 24 da luta de Davi fugindo de Saul (inclusive a referência a cães selvagens, cf. vs. 6,7,14,15, com 1Sm 24.14).

1. *Clamor por Livramento e um Estribilho (vs. 1–10a)*

Do coração do salmista vem este angustiante clamor. Ele aspira pelo livramento que só vem de Deus (*v. 1*). A palavra "proteger" significa "pôr no alto" ou "defender". Deus toma os aflitos e os eleva (Sl 107.41). Isto é o que Davi pede aqui, quando reconhece a feroz oposição que ora enfrenta.

Nos *versículos 2 e 3*, Davi repete sua súplica por livramento, e ao fazer assim usa mais dois termos para descrever seus oponentes. Estes termos são todos praticamente sinônimos neste contexto. As pessoas têm planejado seus ataques com precisão militar, e estão ocupadas em incitar intrigas contra o salmista. Ele protesta que não lhes tem feito nenhum mal para que ajam dessa forma, e as palavras que ele usa lembram suas palavras em 1 Samuel 20.1 e 24.11. Tão forte é seu protesto de inocência, que usa ainda outro termo ("não tenho culpa") para falar de sua inocência em relação a Deus e ao homem (*v. 4*).

Para ele, é como se Deus estivesse dormindo, e por isso o invoca para que se desperte e venha resgatá-lo (*v. 5*). A combinação de nomes divinos, "SENHOR Deus Onipotente" se repete nos Salmos 8.4,19 e 84.8. Esta combinação aponta para o poder de Deus, enquanto a adição de "o Deus de Israel" sugere sua amorosa preocupação por seu povo. Ele apela a Deus para que ele trate as nações que circundam Israel e também os de dentro da nação que são desleais à aliança divina (cf. Sl 78.57, para o uso do mesmo verbo para infidelidade pactual).

No *versículo 6*, os oponentes são comparados a cães selvagens, os quais saem à noite à caça de sua presa ao redor da cidade. Habitualmente, buscam meios de atacá-lo e, se possível, destruí-lo. Falam tão ferinamente que suas palavras se assemelham a espadas (*v. 7*). A expressão não é freqüente, ainda que outros salmos falem do cortante efeito da língua (52.2; 57.4; 64.3). Em sua arrogância, declaram que ninguém, inclusive Deus, os ouve nem mesmo agirá para interromper suas atividades.

O *versículo 8* parece ser uma forma padronizada de descrever o desdém que Deus dirige aos ímpios (cf. o uso dos mesmos dois verbos no Sl 2.4). O contraste é muito marcante. Os perversos expressam suas blasfêmias; Deus, porém, sabe que no céu seu governo será defendido. Seus inimigos, no fim, se tornarão o estrado de seus pés (Sl 110.1; 1Co 15.24,25).

Embora os inimigos que insurgem contra Davi sejam fortes (*v. 3*, "ferozes"), contudo sua confiança está depositada numa força ainda maior (*vs. 9,10a*). Eles o vigiam (ver o título), mas ele é vigiado por Deus. Ele roga que Deus o proteja (*v. 1*), e agora confessa que lugar de proteção é deveras Deus mesmo ("proteção" e "fortaleza" vêm da mesma raiz hebraica). Ele olha ansiosamente para seu gracioso Deus. Na expressão, "meu amoroso Deus", a palavra "amoroso" representa a palavra hebraica *chesed*, e outra tradução poderia ser "meu Deus de amor pactual".

2. *Descrição dos Inimigos e um Estribilho (vs. 10b–17)*

Davi ora para que os juízos divinos se façam conhecidos, não imediatamente, mas progressivamente, e ele deseja que isto seja um testemunho às nações vizinhas. Ele sabe que Deus o satisfará (cf. o uso do mesmo verbo hebraico no Sl 21.3, NIV "recebeste"), e lhe permitirá que contemple a vitória que ele está providenciando (*v. 10b*). A demonstração do juízo divino lhe será satisfeita quando contemplar Deus sendo vingado. No *versículo 11*, o pedido é que o juízo não seja rápido demais, para que não aconteça que, sendo rápido demais, a lição não seja assimilada pelo povo. Em vez disso, a oração é para que o povo vagueie a esmo, e assim seja contemplado como um exemplo vivo dos juízos divinos.

Os pecados dos inimigos são novamente realçados como que envolvendo palavras viciosas de maldição e mentira (*vs. 12,13*). A idéia de ser apanhado por seu próprio orgulho é semelhante àquela encontrada no Salmo 57.6. Os perversos são, com freqüência, também apanhados por sua própria astúcia, e seu próprio pecado os enleia. O reiterado clamor "consome-os" enfatiza a oração pela total destruição dos inimigos. O resultado final será não só satisfazer o salmista (*v. 10b*), mas também glorificar a Deus. O juízo é uma demonstração de seu soberano governo sobre seu povo, e isto serve como testemunho até os confins da terra.

No *versículo 14*, as palavras do versículo 6 são reiteradas numa nova descrição das características dos inimigos. O uso deste estribilho chama a atenção para a matilha de cães que está sempre pronta a atacar. Eles estão

sempre em busca de comida; e se não a acham, ganem (*v. 15*). Algumas versões inglesas tomam o verbo traduzido por "uivo" na NIV como sendo o verbo "passar a noite" (ver margem da Authorised Version e Revised Version), mas é melhor presumir que o verbo signifique "murmurar", e daí é descritivo do choramingar de cães famintos.

Embora a menção de cantar seja nova (*v. 16*), todas as outras idéias já se encontram no começo do salmo (para "força", ver *v. 9*; para "amor", ver *v. 10a*; para "fortaleza", ver *v. 9*). Estas idéias formam o tema de cântico e louvor. O acesso que o salmista tem a Deus desta forma está em marcante contraste com a arrogância de seus opressores.

As palavras dos versículos 9 e 10a são repetidas no *versículo 17* como um estribilho conclusivo. A principal alteração é a substituição de "eu aguardo [por ti]" por "eu canto [a ti]". Nestes dois versículos conclusivos há três sinônimos no texto hebraico, todos eles traduzidos por "cantar" em inglês. A despeito de todas as suas circunstâncias, o salmista termina com uma nota de louvor, justamente com a palavra final em hebraico *chesed*, "amor pactual".

SALMO 60

Para o diretor de música. Para [a melodia de] "O Lírio da Aliança". Miktam de Davi. Para ensinar. Quando fugia de Arã Naaraim e Arã Zobá e quando Joabe voltou e feriu doze mil edomitas no Vale do Sal.

O título do salmo o associa às vitórias de Davi contra Arã Naaraim, Arã Zobá e Edom (ver 2Sm 8.1–4; 10.6–18; 1Cr 18.1–13; 19.6–19), mas o salmo em si não está comemorando nenhuma vitória. É um lamento do povo quando é derrotado e aparentemente perde alguma parte norte da terra. Duas vezes no salmo eles desafiam sua rejeição da parte de Deus (ver vs. 1 e 10). A dificuldade de conciliar as promessas infalíveis de Deus feitas a seu povo com a realidade da derrota militar, e inclusive a perda de parte de seu território, se depara também em outros salmos (ver 44.19–26 e 89.38–51). Parte deste salmo (vs. 5–12) é combinada com o salmo 57.7–11 para compor o Salmo 108.

1. *Queixa de Rejeição (vs. 1–3)*

A ira de Deus é expressa como a causa primária da presente angústia (*v. 1*). O povo se queixa de haver sofrido brecha em suas defesas (NIV, "desmoronar"), e sente que este é um sinal de que Deus já os rejeitou. O mesmo verbo hebraico para "rejeitar" ocorre em outros lamentos (cf. Sl 44.9,23; 74.1; 88.14; 89.38). O que o povo deseja é a ação divina na mudança da situação, pois está além de seu poder remediá-la. Faz-se uma descrição metafórica do problema como se ele fosse um terremoto que havia ocorrido (*vs. 2,3*). Profundas fissuras têm aparecido na terra e apela-se a Deus como sendo o único que pode curar e restaurar. O povo tem caminhado em meio a amargas experiências, as quais os têm deixado aturdidos como se fossem bêbados.

2. *Confiança na Vitória (v. 4)*

A bandeira mencionada aqui não é aquela que uma campanha militar demanda, mas, antes, aquela que demarca onde se deve achar proteção. Contra os exércitos que atacam (chamados aqui "o arco"), Deus está providenciando um lugar de refúgio para aqueles que o temem. Jeremias 4.6 ilustra este mesmo uso da palavra para "bandeira" (NIV, "sinal").

3. *Clamor por Salvação (vs. 5–8)*

A despeito de todas as tribulações, o salmista ainda vê a nação como o povo de Deus (NIV, "os que amas"). Ele deseja que o poder de Deus seja exibido na salvação deles (*v. 5*). O apelo é expresso ainda com mais urgência do que nossas versões sugerem: "Salva com tua mão direita, e responde-nos!"

A certeza que o salmista tem sobre a vitória final vem de uma declaração que Deus tem feito (*v. 6*). A palavra "santuário", na NIV, poderia também ser traduzida "santidade", o que faria a expressão como a do Salmo 89.35: "Tenho jurado por minha santidade." A declaração se refere a todas as áreas maiores do reino de Davi, quer na margem ocidental do Jordão, quer na Transjordânia. A ocupação dessas áreas é pela soberana determinação de Deus. Siquém fica ao norte de Jerusalém, nas proximidades dos montes Ebal e Gerizim. Sucote fica ao oriente do Jordão, nas proximidades do ribeiro Jaboque.

A soberania de Deus abarca todo o território ocupado por Israel, mas também aquele das nações adjacentes: Moabe, Edom e Filístia (*vs. 7,8*).

Gileade e Manassés representam o território capturado na margem oriental do Jordão antes que se concretizasse a conquista principal (Nm 32.33–42; Dt 3.12,13). Efraim e Judá, por sua vez, representam o território na margem ocidental do Jordão, e constituem o elmo do Senhor e o bastão do comandante (para Judá como o cetro, ver Gn 49.10 e Nm 24.17). As referências a Moabe, Edom e Filístia significam simplesmente que são totalmente subservientes a Deus.

4. *Mais Queixas à Rejeição (vs. 9–11)*

Em meio à aparente alienação de Deus, o salmista ainda sabe que o socorro só vem dele. Ele pede para ser conduzido contra uma cidade fortificada (possivelmente, uma alusão a Tiro, ver 2Sm 24.7) e por liderança na batalha contra Edom. A despeito das derrotas que tiveram que suportar, o povo reconhece que, se a vitória está por vir, isso só se dará pela liderança divina na batalha. Daí apelarem para que Deus intervenha com auxílio divino. Sabem que não podem granjear assistência de outras fontes humanas, pois a força do homem é mera ilusão (cf. 1Sm 17.47; Jr 17.5).

5. *Cântico de Vitória (v. 12)*

O salmo começa com a rejeição de Deus a seu povo. Ele termina com uma nota de segurança. A força para a batalha vem do Senhor, e ele é capaz de subjugar seus inimigos, os quais são igualmente inimigos de seu povo. Deus, que tomara posse da terra de Israel (*vs. 6,7*), e que controlava os destinos das nações adjacentes (*v. 8*), é capaz de trazer livramento a seu povo.

SALMO 61

Para o diretor de música. Com instrumentos de cordas. De Davi.

Embora a súplica central por auxílio, contida neste salmo, seja típica de muitos outros salmos, contudo a oração pelo rei (*vs. 5–7*) suscita vários questionamentos. Este salmo foi composto pelo rei, ou foi escrito por algum outro que inclui a petição *em favor do* rei? Embora não haja resposta definitiva a estas indagações, contudo é mais provável que a oração seja em favor do rei, porém feita por algum outro israelita. Orações abruptas

pelo rei ocorrem também em outros salmos (cf. 63.11). A oração pelo rei atingiu sua mais plena resposta na provisão de Cristo como aquele a quem é dado o trono de seu pai Davi e que reinará para todo o sempre (Lc 1.32,33).

1. *Oração por Proteção (vs. 1–5)*

A natureza da angústia não é expressa, mas o salmista roga a Deus que preste atenção ao seu clamor (*v. 1*). Esta palavra "clamor" é usada no Antigo Testamento, respectivamente, para gritos de alegria (cf. Is 14.7, NIV "cantando") e para gritos de dores (cf. 1Rs 8.28). Aqui, ela é usada, evidentemente, para dor, como o demonstram os versículos seguintes. O pedido é para que Deus ouça e, por implicação, responda ao seu apelo.

O início do *versículo 2* tem pressuposto a alguns comentaristas que o salmo foi composto quando Davi estava fugindo de Saul, e portanto quando ele estava literalmente distante. Não obstante, a expressão não carece de ser imposta em termos geográficos. É bem possível que expresse a convicção de que, não importa onde esteja, ele invocará a Deus. Em sua fraqueza, ele clama e deseja encontrar um lugar seguro de refúgio com seu Deus. No Antigo Testamento, Deus é amiúde chamado uma rocha (cf. 1Sm 2.2), e alguns nomes pessoais também refletem este conceito (cf. Zuriel [Nm 3.35, "minha Rocha é El"]; Zurisadai [Nm 1.6, "minha Rocha é Shaddai"]). O salmista faz um retrospecto para os livramentos, e faz disto a base para a confiança para o futuro. Ele encontrara em Deus um verdadeiro escudo quando fosse atacado por inimigos (*v. 3*).

É bem provável que fosse encontrado refúgio (*v. 4*) no tabernáculo em Jerusalém (ver, além deste versículo, Is 14.32). Esta era uma extensão do costume de que em certas circunstâncias um criminoso fugitivo podia achar segurança ao segurar os chifres do altar (1Rs 1.50). Buscar refúgio sob as asas de Deus pode ser uma alusão às asas dos querubins que jaziam sobre a arca da aliança, ou como uma alusão geral ao cuidado protetor de Deus que se assemelha ao cuidado que uma ave tem de seus filhotes.

Em angústias de outrora, o salmista fizera votos a Deus, e suas orações foram respondidas (*v. 5*). A "herança" normalmente se refere à vida na terra prometida, a qual era a possessão pertencente aos que temem ao Senhor (Sl 25.12ss.). Em termos mais gerais, "herança" se refere aos benefícios da vida pactual. A idéia é transferida para o Novo Testamento

nas palavras de Jesus: “Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra” (Mt 5.5).

2. *Oração pelo Rei (vs. 6,7)*

O foco se resvala da petição pessoal para uma oração pela monarquia divinamente estabelecida (*vs. 6,7*). Pedir “dias” para o rei é equivalente a pedir prosperidade para ele, e isto é corroborado pela referência a “anos” e “gerações”. O salmista deseja que o rei permaneça para sempre, apoiado e sustentado pelo amor e fidelidade de Deus. À dinastia davídica foi prometido uma existência perene (cf. Sl 89.36), e por fim Cristo viria desta linhagem. O Targum Aramaico, neste salmo (datando da era cristã), se refere a “o Rei Messias”, mostrando como a compreensão judaica deste salmo o interpretou depois do aparente fim da linhagem davídica.

3. *Um Voto a Deus (v. 8)*

O sujeito do último versículo é novamente o próprio salmista. O salmo, que começa com um apelo por auxílio, termina com uma nota de confiança. Louvores serão dados constantemente ao nome de Deus, e se cumprirão votos como uma expressão de gratidão. A ênfase é antes posta no louvor contínuo do que no louvor eterno. Isto fica claro à luz do paralelismo entre “sempre cantarei” e “dia após dia” (lit., o heb. reza “dia, dia”).

SALMO 62

Para o diretor de música. Para Jedutum. Salmo de Davi.

Este salmo é incomum pelo fato de não conter oração ou discurso dirigido a Deus. Não obstante, ele contém reiteradas asseverações concernentes ao seu caráter, especialmente como Salvador e Defensor. Há um estribilho nos versículos 1,2 e 5,6, ainda que este venha no princípio das seções, e não no final delas como é mais comum. O termo *selá* aparece duas vezes (*vs. 4 e 8*), e nesses casos parece designar o final de uma divisão específica do salmo. Seis vezes no salmo ocorre a mesma partícula hebraica (*’ach*), sempre no início dos versículos. Ela é muito notável no estribilho, onde na NIV é traduzida “somente”, nos versículos 1,2 e 5,6.

1. *Confiança em Deus (vs. 1–4)*

O conceito de descansar no Senhor (*v. 1*) se encontra também em outros salmos (ver 37.7; 131.2; e cf. Lm 3.26). Denota uma espera serena pela salvação que vem exclusivamente dele. O salmista cumula expressões com o fim de realçar sua total confiança (*v. 2*). Ele é uma rocha e fortaleza, capaz de propiciar defesa segura aos que confiam nele. Foi dada a promessa de que Deus jamais permitirá que os justos sejam abalados (Sl 55.22; NIV "nunca cairão"). O salmista se apropria dessa promessa para si e descansa nesse conhecimento.

Falando de seu refúgio em Deus, o salmista se volta para os inimigos que estão vindo contra ele e lhes fala diretamente (*vs. 3,4*). Há muita similaridade com as palavras e situação do Salmo 4.2. As palavras "até quando" implicam que já por algum tempo se lhe opunham. Estão atacando-o como se ele fosse uma cerca frágil, a qual pode ser derrubada com facilidade. A hipocrisia está envolvida, quando exteriormente tais pessoas formulam palavras de encorajamento, porém interiormente amaldiçoam. Crêem que o salmista esteja num lugar alto, e tudo fazem para arrastá-lo de lá para baixo.

2. *A Salvação Está Somente em Deus (vs. 5–8)*

Nos *versículos 5 e 6*, o estribilho dos versículos 1 e 2 se repete com ligeiras alterações. "Minha alma encontra repouso" apresenta a forma de um imperativo, "Encontre repouso", enquanto "salvação", no versículo 1, é substituída por "esperança", no versículo 5. A palavra final do texto hebraico, no versículo 2, é omitida no versículo 6, e isto explica a variação na NIV: "Jamais serei abalado", comparado com "Não serei abalado". A nova seção começa com uma afirmação familiar de que a salvação se encontra somente em Deus.

O *versículo 7* mantém o tema do estribilho, repetindo alguns dos termos já usados para Deus ("salvação", "rocha"). É uma afirmação de que toda a esperança do salmista se encontra somente em Deus, e o acúmulo de tantas expressões forma um tremendo clímax à sua reafirmação de confiança em seu refúgio seguro.

A certeza de salvação para si o impele a convocar outros para partilharem da mesma experiência com Deus (*v. 8*). Ele deseja que o povo como um todo confie em Deus em todo tempo, pois ele é o refúgio deles

tanto quanto seu. O verbo “derramar”, embora um verbo comum, aparece só raramente nesta expressão: “derramem seus corações” (ver Lm 2.19, “derrame seu coração como água”). Parece implicar oração a Deus, reconhecendo publicamente todas as necessidades do coração e vida.

3. *Convocação a Confiar-se em Deus, Não no Homem (vs. 9–12)*

A última divisão deste salmo é introduzida por uma afirmação que expressa a futilidade de se confiar nos homens, quer ricos, quer pobres (*v. 9*). Ela segue o apelo positivo de se confiar em Deus no versículo 8 e o apelo positivo do versículo 10 de não se confiar nas riquezas. O texto hebraico usa duas palavras diferentes para homem (*’ish* e *’adam*), representadas na NIV por “homens de humilde nascimento” e “de nobre nascimento”. Não importa que *status* ou riquezas uma pessoa possua, para ele nada é e não fornece nenhum suporte duradouro.

No *versículo 10*, os pecados de extorsão e furto são adicionados àqueles mencionados no versículo 4 (mentiras e maldição). Os que têm se enriquecido desta forma podem imaginar que já adquiriram riquezas e poder perenes. Não obstante, o salmista corretamente instrui seus leitores a não confiarem nessas coisas. 1 Timóteo 6.17 poderia ser comentário desta seção do salmo: “Ordene aos ricos no presente mundo que não sejam arrogantes, nem ponham sua esperança na incerteza da riqueza, mas em Deus, que de tudo nos provê ricamente, para nossa satisfação.”

Os *versículos 11 e 12* provêem a base para a depreciação da confiança nos homens dada nos versículos precedentes. A afirmação da força de Deus e de seu amor pactual pode ter vindo por meio de um recital de seus grandes feitos por seu povo (cf. Sl 136). As afirmações iniciais do salmo são agora reiteradas numa forma alternativa. Descanso e salvação se encontram somente em Deus que é tanto forte quanto amoroso. A afirmação conclusiva fornece a verdade subsidiária de que Deus trata com justiça a todas as criaturas, verdade esta reafirmada várias vezes no Novo Testamento (Rm 2.6; 1Co 3.8; 2Tm 4.14; Ap 22.12).

SALMO 63

Salmo de Davi. Quando se encontrava no deserto de Judá.

O anseio por Deus expresso neste salmo é semelhante àquele dos Salmos 42,43 e 84. Embora contenha alguns elementos afins aos salmos de queixa, contudo é mais bem visto como um cântico de regozijo em Deus. Por causa da referência a "cedo" (v. 1; a AV, NKJV e a NEB seguem o texto latino neste respeito) e a "noite" (v. 6), este salmo era usado como uma oração matutina nos primeiros tempos cristãos. O título situa o salmo num período quando Davi era um fugitivo, e por causa da referência a "o rei", no versículo 11, é bem provável que o período seja o da rebelião de Absalão, e não o da perseguição de Saul.

1. *Anelo por Deus (vs. 1–5)*

O salmo começa com uma confissão de absoluta confiança em Deus. A fé sempre se firma na relação pessoal com o Deus vivo. O verbo traduzido "buscar", em hebraico, vem de um substantivo que significa "aurora", e por causa desta conexão, muitas versões o têm traduzido por "buscar cedo". Nos demais usos deste verbo no Antigo Testamento, a idéia de buscar a Deus bem cedo não está presente, e daí a tradução da NIV ("buscar ansiosamente") parece aproximar-se do alvo. Como no Salmo 42.1,2, o salmista se compara à terra seca que anseia por água, e assim é sua alma que suspira por seu Deus. Gregório Nazianzo (ca. de 330–389) o expressou bem: "Sede por Deus, estar sedento de" (*Deus sitit, sitiri*). Ele anseia por ver seu povo desejando-o ardentemente.

A experiência pregressa com Deus vitaliza sua presente relação (*vs. 2,3*). Ele volve os olhos para os tempos quando, no tabernáculo, tivera uma visão de Deus. É bem provável que esta seja semelhante à visão de Isaías (Is 6.1–3). O conteúdo da visão é sumariado nas palavras: "teu poder", "tua glória", "teu amor". Esse amor, em particular, é preferível a qualquer tipo de vida sem o favor de Deus, e ele leva o salmista a cantar seu louvor. O verbo traduzido "glorificar" é normalmente usado para louvar a Deus por seus poderosos atos de triunfo (cf. Sl 106.47; 117.1; 145.4; 147.12), e a NIV usa uma variedade de verbos para comunicar o significado ("glorificar", "exaltar", "enaltecer").

O louvor contínuo do Senhor é seu compromisso, quando lhe dirige sua oração (*vs. 4,5*). O ato de erguer as mãos era uma expressão externa do coração soerguido (cf. Sl 28.2; 1Tm 2.8). A referência a bater palmas ou abrir as mãos pode sugerir a espera em Deus a fim de receber suas bênçãos. O salmista tem de fato recebido ricamente, se enchendo de "as riquezas de

bens" (lit., "medula, gordura"). A linguagem pode ter sido emprestada do ritual de sacrifício, mas a gordura dos sacrifícios nunca era comida (ver Lv 3.16,17). A idéia é que a presença de Deus é como as comidas mais ricas, e um coração satisfeito transbordará de louvor. Para os cristãos de hoje, a diretriz neotestamentária é que através de Jesus "ofereçamos continuamente a Deus um sacrifício de louvor – fruto dos lábios que confessam seu nome" (Hb 13.15).

2. *Confiança na Proteção de Deus (vs. 6–10)*

O pensamento do versículo 1 é expandido para descrever o anseio por Deus mesmo durante as horas de trevas (*v. 6*). Nos tempos veterotestamentários, para propósitos cívicos e militares, a noite era dividida em três vigílias. A palavra "lembrar" é usada no sentido de "meditar", como faz paralelo com outra palavra hebraica (NIV, "pensar em") que é usada em outros lugares para meditação (ver Sl 1.2).

"Socorro" (*v. 7*), no contexto, significa "livramento". A certeza da proteção divina fornece base para cânticos jubilosos. Muitos outros crentes têm passado por experiências semelhantes às do salmista, inclusive Paulo e Silas (At 16.25). "Sombra de suas asas" se refere em geral ao cuidado protetor que Deus tem para com seu servo (ver comentário sobre Sl 57.1).

Deus convidara seu povo pactual a aderir a ele (ver especialmente Dt 10.20; 11.22; 13.4; 30.20; Js 22.5; 23.8), e o salmista reconhece que está respondendo desta forma (*v. 8*). Ele é um servo leal que está andando no caminho de Deus e temendo-o. Conseqüentemente, ele é mantido no domínio seguro de seu Deus. A promessa no evangelho é de um Salvador que guarda seu povo para que ninguém o arranque de suas mãos (Jo 10.28).

Uma vindicação final jaz diante do salmista, quando seus inimigos forem postos diante do juízo divino (*vs. 9,10*). Os que agora buscam sua vida descobrirão que suas próprias vidas serão tomadas. A linguagem do *versículo 10* descreve uma batalha militar e suas conseqüências, com corpos mortos sendo abandonados no campo como carniça para os animais.

3. *Alegria em Deus (v. 11)*

O salmo termina com uma nota de jubilosa confiança. Davi faz referência a si mesmo como "o rei", pois mesmo enquanto fugia de

Jerusalém, ainda sabe que ele é o rei divinamente designado. Em seu regozijo, ele se juntará a "todos quantos juram pelo nome de Deus" (heb., "por ele"). Esta é uma referência à prática de fazer juramentos no nome de Deus (cf. Dt 6.13; 10.20; 1Rs 8.31). Os mentirosos são aqueles inimigos cuja destruição já foi descrita (*vs. 8,9*). Suas vozes serão silenciadas, enquanto as vozes dos fiéis ecoarão em cântico de júbilo.

SALMO 64

Para o diretor de música. Salmo de Davi.

Muitos dos salmos de Davi, que expressam queixa, são semelhantes a este em tonalidade. Falam dos inimigos que ferem com palavras, ainda que tais inimigos não sejam nomeados. Há neste salmo um agudo contraste entre dois tipos de ataques. De um lado, os inimigos atacam com suas flechas mortíferas (*v. 3*); mas, por outro lado, Deus os ataca com suas flechas (*v. 7*). O salmo chega a seu clímax no versículo final, com o pensamento do cuidado protetor de Deus em prol de seu povo, e o louvor resultante entoado e oferecido pelos retos.

1. *O Clamor Inicial a Deus (v. 1)*

De um coração atribulado, o salmista clama a Deus. A forma mais comum de súplica é "Ouve minha oração" (cf. 4.1; 39.12; 54.2; 84.8), ainda que "Ouve minha voz" também ocorra em outras partes dos Salmos (cf. 27.7; 119.149); e as duas expressões são praticamente sinônimas. Ele ora por proteção "da ameaça" (lit., 'medo') do inimigo", pois ele sabe que Deus tem o poder de guardar seu povo em segurança.

2. *Descrição dos Inimigos (vs. 2–6)*

A batalha não é deflagrada com armas físicas, mas com palavras afiadas que ferem como se fossem espadas ou flechas (*vs. 2,3*). Essas palavras amargas vêm depois de os perversos se reunirem e tomarem conselho, e desta ruidosa multidão vêm os ataques contra os quais o salmista necessita da proteção divina. Deus é capaz de guardar o salmista e ocultá-lo de inimigos mortais (ver Sl 17.8,9).

Os inimigos agem de forma enganosa, esperando em lugares secretos (NIV, "emboscada"). Destes eles lançam seus ataques sem aviso, e fazem

isso sem qualquer temor (*v. 4*). O salmista uma vez protesta sua inocência, não no sentido de ser impecável, mas em que ele tem a consciência limpa diante de Deus (cf. a mesma palavra usada para descrever Jó 1.8; 2.3).

A ameaça do inimigo é mais definida (*vs. 5,6*). Os que estão tramando o mal contra o salmista se encorajam mutuamente em seus esquemas. Também se vangloriam de que isto está oculto de outros, e de que engendraram um plano ideal. Isto põe em evidência a pecaminosidade inerente do gênero humano. Além disso, trai o orgulho que pecadores assumem em sua própria perversidade. A afirmação: "Seguramente, a mente e o coração do homem são astutos", deve ser posta lado a lado com a do Salmo 14.3, como uma descrição da profunda pecaminosidade humana: "Todos se desviaram, juntamente se tornaram corruptos; não há quem entenda, nem um sequer."

3. *O Juízo Pendente de Deus (vs. 7–9)*

No início, o salmista falou da forma súbita com que os inimigos se arremessam contra ele (*v. 4*). Agora ele diz que é Deus quem está para arremessar-se repentinamente! (*vs. 7,8*). Esta é uma apresentação do ensino ministrado em outras partes dos Salmos de que os pecados do povo às vezes se voltam contra si mesmo (ver 54.5; 59.12). Deus trará juízo sobre essas pessoas perversas, e isso será saudado com reconhecimento por outros de que esta é deveras uma pena justa para eles. Não se especifica qual a forma que esse juízo assumirá.

O juízo divino será visto pelos homens em geral e os fará reconhecer a justeza do que tem acontecido (*v. 9*). Sendo uma testemunha ocular da mão poderosa de Deus em ação, isso levaria os homens a "saber que o SENHOR é Deus; além dele não há nenhum outro" (Dt 4.35). O verdadeiro reconhecimento das ações de Deus deve conduzir à proclamação de suas ações a outros e meditação sobre as maravilhas de suas obras.

4. *Chamado a Regozijar-se (v. 10)*

Os justos devem encorajar-se quanto ao futuro da promessa do juízo divino. Não devemos nutrir em nosso íntimo vingança contra os inimigos, e sim "dar lugar à ira de Deus, como está escrito: a vingança é minha; eu retribuirei, diz o Senhor" (Rm 12.19). Entrementes, os que pertencem ao

Senhor buscam nele refúgio e exaltam seu nome com louvores e adoração. Serena confiança nele deve substituir o medo dos planos dos inimigos.

SALMO 65

Para o diretor de música. Salmo de Davi. Cântico.

Enquanto a última parte deste salmo poderia facilmente ser chamada simplesmente um cântico da colheita, contudo a clara estrutura do salmo demonstra que ele tinha um cenário muito mais amplo. Sua estrutura é clara. Começa com uma declaração de que Deus é aquele que responde às orações, e então mostra três maneiras nas quais esta oração é respondida. Há um encontro com Deus em seu templo (v. 4), há uma revelação de seu poder no mundo criado (*vs. 5–8*) e, finalmente, chama-se a atenção para a liberalidade divina em prover tão profusamente para suas criaturas (*vs. 9–13*). Não há indicações no salmo de qualquer cenário específico para seu uso. Daí poder-se presumir ser ele um cântico de ação de graças apropriado a muitas ocasiões ao longo do ano.

1. *O Deus que Ouve as Orações (vs. 1–4)*

A frase inicial é difícil, pois literalmente diz: "A ti, louvar é silêncio" (cf. a AV, margem, a qual observa que literalmente é: "a espera" é "silenciosa"). A maioria das versões inglesas segue a AV, pressupondo que o significado consiste em que louvor espera por Deus. O salmista parece estar se concentrando em Jerusalém e no templo (ver *v. 4*) como os lugares onde especialmente se dedicam louvores a Deus, ainda que o versículo seguinte demonstre que ele não se restringe a esses lugares. Os votos podiam ser feitos durante alguma dificuldade, ou ainda podia refletir uma promessa a Deus no tempo de plantar as lavouras.

O salmista está confiante de que os homens em todos os lugares verão as evidências da bondade de Deus, e se voltarão para ele (*v. 2*). As palavras implicam que virão a ele como o Deus que ouve as orações, e farão seus pedidos. "Toda carne" (NIV, "todos os homens"), em outros lugares denota toda a humanidade, como aqui (ver Sl 145.21; NIV, "toda criatura").

No passado, o salmista e seu povo estavam numa posição em que parecia não haver nenhuma resposta ao problema de seu pecado e culpa

(*v. 3*). Mas onde o pecado transbordou, a graça transbordou ainda mais (Rm 5.20)! Deus providenciou expiação para seus pecados, justamente como fez quando declarou a Isaías: "Sua culpa é tirada e seu pecado é expiado" (Is 6.7). Quão bem-aventurada é a pessoa em quem Deus pôs seu amor (cf. o uso do verbo "escolher" em relação a Israel, em Dt 7.7), e a quem ele convida ao seu santuário! Bênçãos espirituais são dadas em plena medida aos pecadores perdoados (*v. 4*).

2. *Deus Criador (vs. 5–8)*

O grande Deus Criador responde às orações de seu povo por meio de feitos que inspiram reverência (*v. 5*). A frase "feitos temíveis" pode referir-se aos eventos do êxodo (Êx 34.10; Dt 10.21; Sl 106.21s.); aqui, porém, se refere a algumas demonstrações mais recentes do poder salvífico de Deus. Três coisas são então ditas acerca deste Salvador: Em primeiro lugar, ele é o objeto da esperança do mundo inteiro. Mesmo aqueles dos mares mais longínquos virão a confiar nele. Os Salmos nos mostram que a visão missionária que flui desde Gênesis 12.3 era muito real para alguns dos crentes veterotestamentários (cf. também Sl 67). Em segundo lugar, ele é o Criador dos montes poderosos, o que realça quão poderoso é ele como Salvador (*v. 6*). Em terceiro lugar, ele é o controlador de seu mundo, em que ele tanto apazigua o estrugir dos oceanos poderosos como também os tumultos da sociedade humana (*v. 7*).

A visão do salmista abarca os confins da terra (*v. 8*). O conhecimento das maravilhas de Deus alcança inclusive os lugares mais remotos, e ali o povo o temerá. A palavra "maravilhas" é literalmente "sinais", que mais comumente aponta para os atos miraculosos do poder de Deus, tais como as pragas no tempo do êxodo (Êx 7.3; Dt 4.34). "Manhã" e "tarde" são usadas aqui para denotar "leste" e "oeste". Em todo o mundo, Deus vai fazer ecoar cânticos de alegria quando o povo o conhecer e o reconhecer.

3. *Um Deus Liberal (vs. 9–13)*

A última seção do salmo se volta para a profusão da provisão divina para seu mundo. Embora esta parte possa ser um cântico da colheita, contudo seu uso é muito mais amplo do que esse. Uma das promessas de Deus aos filhos de Israel era que a terra de Canaã se destinava a ser uma terra "que bebe a chuva do céu. É uma terra da qual o Senhor, o seu Deus,

cuida; os olhos do Senhor, o seu Deus, estão continuamente sobre ela, do início ao fim do ano" (Dt 11.11,12). Aqui, esta promessa é expressa em linguagem poética (*v. 9*). A expressão "As correntes de Deus" pode ser equivalente a "as comportas dos céus" (Gn 7.11; 8.2). A preparação da terra (ver margem da NIV) é descrita com mais detalhes no versículo 10. As primeiras chuvas preparam o solo para a semeadura, enquanto as chuvas posteriores, em pleno inverno, a amolecem e permitem que as lavouras se desenvolvam.

O clímax de todo o processo é que Deus propicia a colheita (*v. 11*). Ele é retratado vagando pela terra em seus carros, que são tão ricamente carregados que deixam cair algo de sua abundância. Nos *versículos 12 e 13*, a própria natureza é personificada (como em Sl 96.11,12; 98.7,8; Is 44.23; 49.13). Ela canta de alegria em meio às colheitas profusas que Deus tem propiciado. Pastagens, montes, outeiros e vales, todos experimentaram sua profusa provisão, e juntos se regozijaram ante essa evidência de seu amor e cuidado.

SALMO 66

Para o diretor de música. Cântico. Salmo.

Há vínculos óbvios entre os Salmos 65 e 66. Ambos têm a visão de toda a terra louvando ao Senhor (Sl 65.2,8; 66.1,4), e a referência específica a seus feitos temíveis em ambos é uma idéia conectiva (Sl 65.5; 66.3). Não se pode apresentar um cenário histórico preciso para o Salmo 66. Tudo indica ser um cântico de ação de graças depois de alguma vitória pela nação, tal como quando Senaqueribe da Assíria foi derrotado (2Rs 19.35,36). A súbita mudança do uso da primeira pessoa plural, nos versículos 1–12, para a primeira pessoa singular, nos versículos 13–20, para muitos é uma indicação de que os dois salmos anteriores eram um só. Não obstante, o "eu" dos versículos 13–20 poderia ser o rei falando em prol de seu povo, ou uma personificação da nação como um indivíduo (cf. uma situação semelhante em Lm 1).

1. *Louvor Universal do Rei (vs. 1–4)*

A convocação inicial é repetida nos Salmos 98.4 e 100.1 (com a substituição de "SENHOR" para "Deus"). Uma série de imperativos

conclama a que se entoe um cântico de louvor a Deus. Por causa de sua grandeza, deve-se atribuir glória ao seu nome. Seu caráter excede a todos os demais, e embora o louvor humano não adicione nada à sua glória, ele é um justo reconhecimento de sua majestade e governo régio.

Quando o povo contempla as ações de Deus, tanto aquelas num passado distante, como aquelas mais recentes, reconhecem que elas são demonstrações de seu grande poder. Os expectadores as contemplam com reverência, e os inimigos se curvarão diante dele (*v. 3*). A palavra hebraica traduzida "rastejar" não é um termo comum. Basicamente, parece significar "repudiar", e é bem possível que isto esteja por trás desta e de outras passagens semelhantes, nas quais "rastejar" ou "submeter" parece melhor em nosso idioma (cf. Dt 33.29; Sl 18.44; 81.15). Isto sugeriria que a submissão ocorre, mas sem verdadeira convicção por parte dos inimigos.

No *versículo 4*, o pensamento provavelmente seja que *no futuro* toda a terra adorará ao Senhor, e não que ela está agindo assim agora. É um quadro de adoração e louvor universais quando as nações se curvarem em adoração diante dele. Finalmente, todos os inimigos de Deus se curvarão em sujeição a ele (cf. Fp 2.10,11; 1Co 15.25).

2. *Louvor pelos Livramentos Divinos (vs. 5–12)*

O convite sai (presumivelmente a "toda a terra") para que observem as obras de Deus (*v. 5*), sendo que esta expressão é praticamente a mesma do Salmo 46.8. Em particular, seus feitos temíveis, quando ele intervém em favor de seu povo, seriam o objeto de admiração e reverência.

Os dois versículos seguintes ilustram este fato, apelando para os eventos do êxodo (*vs. 6,7*). Parte das provisões miraculosas de Deus para seu povo era que ele dividiu o Mar Vermelho. "As águas" equivalem a "rio" em hebraico, mas em parte alguma esta é uma palavra particular usada para o Jordão. Daí, em vez de ser aqui uma referência ao Mar Vermelho *e* ao Jordão, é preferível tomá-lo como uma alusão somente ao primeiro. A lembrança das ações divinas passadas se destina a formar a base do louvor contínuo. O salmista convida outros a se unirem a ele no louvor a Deus. É interessante a referência ao governo régio de Deus, no *versículo 7*, porque o relato da partida do Egito em Êxodo é seguido pelo Cântico do Mar que se conclui com as palavras: "O SENHOR reinará para todo o sempre" (Êx 15.18). É como se o salmista estivesse fazendo uma consciente alusão ao Livro do Êxodo. Os olhos de Deus estão sobre todas

as nações, pois ele perscruta tudo e ninguém escapa de sua vista. A advertência que segue é para que a pessoa rebelde não se vanglorie contra tal soberano.

A atenção muda para demonstrações mais recentes do poder de Deus, e as nações são novamente convidadas a participarem do louvor ao que Deus fizera (*vs. 8,9*). Quaisquer que fossem os detalhes precisos dos eventos recentes, este era um tempo difícil para o povo, pois suas vidas corriam constante perigo. Deus os preservava, e tinha sido seu ajudador. Quando o verbo "resvalar" é usado com "pé" ou "pés", denota escapar num tempo de tribulação. O Senhor é aquele que é inamovível (Sl 30.6; 62.2; 112.6) e ele sustenta seus filhos para que seus pés não resvalem (Sl 17.5).

As experiências que o povo acabava de enfrentar, Deus as destinara à purificação deles (*v. 10*). É bem possível que isto se destinasse a refinar o povo para que os ímpios dentre a nação fossem removidos (cf. Jr 6.29), ou para que o povo fosse mais bem preparado para o serviço. A idéia de refinação de metais é uma metáfora bem comum no Antigo Testamento para a prova e aperfeiçoamento do povo de Deus (Sl 17.3; 26.2; Is 1.25; Zc 13.9).

A palavra traduzida por "prisão" (*v. 11*) pode significar um ninho ou fortaleza, e serve como uma metáfora para aprisionamento. A palavra "fardos" só ocorre aqui no Antigo Testamento, e parece indicar as aflições associadas com prisão. A imagem no *versículo 12* é de pessoas vencidas sendo forçadas a cair e ser pisoteadas, uma prática amplamente comprovada no antigo Oriente Próximo. "Fogo e água" expressam os grandes perigos que o povo suportava (cf. Is 43.2), antes que fosse finalmente trazida por meio deles e para eles generosa provisão de Deus. Todas as versões antigas do Antigo Testamento (Septuaginta, Vulgata Latina e Targum Aramaico) traduzem a última frase como "lugar de liberdade", a qual se ajusta bem ao quadro de prisão no versículo 11.

3. *Ação de Graças Pessoal (vs. 13–20)*

Durante os momentos de tribulações, faziam-se votos a Deus (*vs. 13,14*). Alguns deles poderiam assemelhar-se ao voto pecaminoso que Jefté fez quando lutou contra os amonitas (Jz 11.30–40; usa-se o mesmo verbo "prometeu" nos versículos 35,36 como aqui no Sl 66). O que foi expresso a Deus, pelo rei, como uma promessa, agora deve ser pago. As

ofertas de ação de graças comumente eram parcialmente consumidas no altar, e o resto era usado numa refeição comunitária. Neste caso, toda a oferta é dedicada ao Senhor, o que indica um modo sombrio da parte do povo quando refletem a gravidade do perigo pelo qual eles passam. A variedade de animais oferecidos em sacrifício ajuda a enfatizar o espírito de gratidão (*v. 15*). Não contente com um só tipo, o salmista se compromete a apresentar vários tipos como uma reflexão de sua total dedicação ao Senhor.

A seção final do salmo começa com uma ordem dupla: "Venham, ouçam" (*v. 16*). Embora seja concebível que "todos vocês que temem a Deus seja uma referência aos gentios tementes a Deus (cf. o uso do termo "tementes a Deus", no Novo Testamento, At 2.5), no contexto, contudo, é mais provável que o que está em pauta sejam os crentes devotos dentre Israel. O salmista dá seu testemunho pessoal concernentes às coisas que Deus fizera por ele. Com sua boca ele clamava a Deus, e com a mesma ele o enaltecia. Os mesmos lábios que oravam a ele, estão prontos a louvá-lo (*v. 17*).

O verbo "ouçam" enfeixa os *versículos 16–19*. "Venham, *ouçam*", diz o salmista, porque "Deus certamente já *ouviu*" (*v. 19*). O salmista proclama sua inocência diante de Deus, anunciando esta verdade: se uma pessoa contempla com satisfação seu pecado (o texto hebraico diz "se eu tivesse *contemplado*"), então Deus não a ouvirá. O Senhor ouve ao homem piedoso que faz sua vontade (Jo 9.31; cf. 1Jo 3.21).

O versículo conclusivo é uma expressão de adoração a Deus. A forma da expressão parece recuar a Êxodo 18.10, quando Jetro, ao ouvir o que acontecera a Israel, disse: "Louvado seja o SENHOR, que os resgatou da mão dos egípcios e de Faraó …". O salmista o louva por haver respondido a oração e por lhe haver concedido seu amor pactual. Deus provou que seu próprio caráter declarado não era falso (Êx 34.6,7).

SALMO 67

Para o diretor de música. Com instrumentos de cordas. Salmo. Cântico.

Os Salmos 65–67 estão todos enfeixados em razão de seu universalismo. A expressão "toda [os confins de] a terra" ocorre em cada um deles (65.5; 66.4; 67.7). O Salmo 67 inclui uma oração por dupla bênção – a primeira sobre Israel, e então sobre os gentios. A repetição do

estribilho, nos versículos 3 e 5, realça a visão dos gentios participando da misericórdia salvífica de Deus.

1. *Oração por Bênção (vs. 1–3)*

O versículo de abertura constitui um eco da bênção sacerdotal de Números 6.24–26. Esta é uma das seis ocorrências desta expressão nos Salmos (as demais são 31.16; 80.3,7,19; 119.135). O uso das palavras bem conhecidas forma um elo com a história pregressa de Israel, quando o salmista busca uma nova demonstração da misericórdia divina sobre o povo. "Selá" surge numa posição mais inusitada, ainda que esteja aí bem posicionada para enfatizar a petição inicial.

A súplica seguinte requer que o conhecimento salvífico que Israel tem de Deus e de seus caminhos se manifeste a todas as nações (*v. 2*). O pensamento se assemelha ao de Isaías 43.10–13, onde Israel é declarado como sendo uma testemunha de que o Senhor é Deus, e que não há salvador além dele. Depois de ser abençoado, Israel se torna uma bênção às nações. O conhecimento de Deus deve fluir para seu próprio louvor. Daí, o salmista ora para que, quando as nações vierem a desfrutar do conhecimento do verdadeiro Deus, elevarão suas vozes em cântico de gratidão (*v. 3*).

2. *Oração pelas Nações (vs. 4,5)*

O pensamento dos versículos iniciais avança mais um passo. O poder salvífico de Deus (*v. 2*) é também visto em seu governo justo. Ainda que ora em operação, este governo chegará à sua plena expressão no regresso de Cristo, quando "julgará o mundo com justiça e os povos com eqüidade" (Sl 98.9). Eis a oração do cristão:

Que venha o tempo da graça sobre Sião;
Que as tribos de Israel sejam trazidas ao lar;
E que nossos olhos indagadores
contemplem Gentios e judeus no aprisco de Jesus.

Deus Todo-Poderoso, tua graça proclama
Em todos os rincões de todo nome;
Que caiam diante de ti os poderes adversos,
E seja coroado o Senhor e Salvador de todos.

(William Shrubsole, 1759–1829)

O uso que o versículo faz do estribilho recorrente serve para chamar a atenção para o tema de oração universal que domina todo este salmo. A visão é de um mundo que se prostra em louvor a Deus o Salvador. Por fim, o Senhor Jesus será o objeto de louvor como descrito em Apocalipse 5.12:

Digno é o Cordeiro que foi morto
de receber poder e riqueza e sabedoria e força
e honra e glória e louvor!

3. *Oração por Bênção Universal (vs. 6,7)*

Uma das petições iniciais se torna o ponto focal destes versículos finais. O salmista está confiante de que Deus, a quem a fé reivindica como "nosso Deus", de fato abençoará seu povo com rica ceifa. As bênçãos materiais e espirituais parecem enfeixar-se, pois a bênção de Israel está vinculada à idéia de que os confins da terra temerão o Senhor. A abertura e encerramento do salmo emitem a mesma nota. A bênção divina sobre Israel transmite seu conhecimento às nações para que o reverenciem. Pela queda de Israel, as riquezas realmente alcançaram as nações, e quantas riquezas maiores virão do Israel disperso (Rm 11.11,12)?

SALMO 68

Para o diretor de música. De Davi. Salmo. Cântico.

Não há um cântico mais triunfante em todo o Saltério do que o Salmo 68. Ele começa com um eco da oração de Moisés quando a arca da aliança guiava o povo no deserto (Nm 10.35). Ele passa a uma descrição da viagem do Sinai à terra prometida, com a procissão da arca rumo a Jerusalém nos dias de Davi. Isto era visto como a vinda de Deus para lá. Ele termina com um cântico de louvor ao Senhor que governa sobre todos os reinos da terra. Há neste salmo muitas dificuldades textuais, inclusive o fato de quinze palavras ou expressões não ocorrerem em parte alguma do Antigo Testamento. Às vezes há uma mudança súbita de idéias que se torna difícil de ajustar-se à unidade global do salmo. A ênfase sobre Deus é mantida por todo o salmo, e emprega-se uma grande variedade de nomes

para Deus (*elohim*, 23 vezes; *adonai*, 6 vezes; *el*, 2 vezes; e *shaddai*, *Yahweh, Iah, Yahweh adonai* e *Yahweh elohim*, uma veze cada).

1. *Oração pela Vinda do Senhor (vs. 1–6)*

O apelo dirigido a Deus é feito na linguagem que Moisés usava sempre que a arca partia: "Levanta-te, ó SENHOR! Que teus inimigos sejam dispersos; que teus adversários fujam de diante de ti" (Nm 10.35). Este hino processional começa com a súplica pela intervenção de Deus em favor de seu povo, justamente como ele interveio em tempos passados (*vs. 1,2*). Os inimigos são comparados à fumaça e à cera para ilustrar quão débeis são para interpor-se contra o poder do Senhor.

Enquanto os perversos fogem de diante de Deus (*v. 1*), os justos se regozijam diante dele (*v. 3*). A relação com Deus determina a conduta em sua presença, embora os crentes justos o glorifiquem naquele dia (2Ts 1.9,10).

No *versículo 4*, o convite é para que se cante a Deus, cujo nome é o Senhor. No texto hebraico, a palavra "SENHOR" é uma forma abreviada do nome divino (*Iah*), e ela ocorre mais comumente nas passagens poéticas, como esta, em nomes como Elias ou Uzias, e na expressão "Aleluia" ("Louvem ao SENHOR!"). É difícil a tradução da descrição do Senhor como aquele "que cavalga as nuvens". É melhor seguir a nota de rodapé da NIV, "que cavalga pelos desertos", o que então se harmonizaria com os versículos 7 e 8.

Ainda que Deus seja tão poderoso, contudo ele se preocupa com os necessitados (*vs. 5,6*). Os três grupos que mais provavelmente sofriam injustiça eram os órfãos, as viúvas e os estrangeiros (ver Dt 10.18,19; 24.17). Aqui e no Salmo 146.9, lemos que os destituídos de pais e as viúvas são os objetos especiais do interesse de Deus. É incerto se a santa habitação de Deus é o céu ou o templo. Os estrangeiros e outras pessoas proscritas são mantidos sob sua proteção, embora até mesmo os prisioneiros ignorados (palavra usada que geralmente significa isto, cf. Sl 69.33; Is 14.17; Zc 9.11) experimentem sua redenção e, conseqüentemente, sua alegria. Os rebeldes no seio de Israel, contudo, nada experimentam desta alegria, e são descritos como que vivendo em regiões estéreis.

2. *Do Êxodo a Jerusalém (vs. 7–18)*

Apresenta-se agora uma descrição poética do modo de Deus conduzir seu povo pelo deserto até Canaã (*vs. 7–10*), sua dádiva da terra a eles (*vs. 11–14*) e de como então assumem sua habitação no Monte Sião (*vs. 15–18*). Há uma mudança do uso da terceira pessoa para o discurso direto ao próprio Deus.

Este relato do êxodo (*vs. 7,8*) parece remontar ao Cântico de Débora (Jz 5.4,5). Deus foi adiante de seu povo (Êx 13.21), depois de os eventos no Mar Vermelho terem demonstrado seu grande poder. Este Deus foi aquele que exibira sua grandeza junto ao Sinai, quando entrou em aliança com seu povo Israel. O uso de "Selá", aqui e nos versículos 19 e 32, no meio de uma estrofe, parece dar ênfase especial à expressão precedente.

A terra de Canaã foi uma graciosa provisão de Deus a seu povo (*vs. 9,10*). Ele lhes deu uma terra "que bebe chuva do céu" (Dt 11.11). Embora esses versículos chamem a atenção para as bênçãos materiais em Canaã, mais provavelmente falem de todos os meios profusos e variados pelos quais Deus abençoava a Israel. A menção dos pobres é significativa, pois esta palavra (em outros lugares traduzida "aflitos") descreve a condição de Israel no Egito (ver Êx 3.7,17 [NIV "mistério"]).

Uma comparação das variadas traduções mostra quanta dificuldade todos os tradutores têm encontrado nos *versículos 11–13* e os seguintes. Parece haver alusões ao Cântico de Débora (Jz 5), mas talvez também a outros cânticos não registrados na Escritura. O quadro geral é que Deus transmitiu sua mensagem concernente à conquista de Canaã, e as mulheres a proclamavam (em heb.: "os que a proclamavam" é feminino). Os exércitos eram forçados a fugir de diante de Israel (a RSV adere mais ao hebraico, e descreve a vividez da ação: "eles fogem, eles fogem"!), deixando para trás seus despojos. É como se o *versículo 13* estivesse descrevendo alguns desses despojos, ainda que não esteja clara a natureza da "pomba". De modo semelhante, o *versículo 14* causa perplexidade, porque não podemos estar certos da localização de Zalmom, nem da natureza da neve. Poderia significar que Deus enviou uma tempestade de neve para desbaratar as forças inimigas de Zalmom (provavelmente nas proximidades de Siquém; ver Jz 9.48), ou que os ossos esbranquiçados dos guerreiros pareciam neve na encosta de um monte.

Deus não escolhe as montanhas mais elevadas no interior da terra da promessa (*vs. 15,16*). Antes, ele escolheu Sião (ver Sl 132.13–18). É bem provável que Basã seja o Monte Hermom, e representava o que era

poderoso e rico (cf. Dt 32.14; Am 4.1; Sl 22.12). Ele é repreendido por nutrir inveja de Sião, a qual é a sede do reino de Deus. Sião era o monte da herança de Deus, e de lá o Senhor reinaria (Êx 15.17,18).

Na marcha para Canaã, Deus se faz acompanhar por suas poderosas forças (*vs. 17,18*). Estas são suas servas celestiais (Dt 33.2; 2Rs 6.15). Jesus poderia ter solicitado esses assistentes celestiais, e seu Pai lhe teria enviado mais de doze legiões de anjos (Mt 26.53). A revelação no Sinai foi uma revelação da santidade de Deus (o hebraico tem "em santidade", o que a NIV interpreta no sentido de "o lugar santo", "o santuário"), o que deixou o povo temeroso (Dt 5.23–27). A santidade de Deus foi demonstrada em inúmeros incidentes na trajetória rumo a Canaã. Quando Sião foi finalmente alcançada, isso se deu como uma procissão dos vitoriosos, com os cativos sendo transportados para lá juntamente com seus presentes como tributo (cf. 2Sm 8.11; 1Rs 4.21). O *versículo 18* é citado por Paulo com alguma variante em Efésios 4.8; e ele, em particular, tem "ele *deu* dons aos homens", em vez de "ele *recebeu* dádivas". A ênfase de Paulo está na ascensão de Cristo e sua concessão de dons a seu povo, justamente como o salmo passa a falar das bênçãos que Deus outorga (*vs. 19ss*.).

3. *Louvor ao Salvador (vs. 19–23)*

O relato da procissão triunfal é interrompido até o versículo 24 para um tributo de louvor ao Salvador. O reconhecimento dos grandes atos divinos de livramento e redenção prorrompe em cântico de louvor. Ele é enaltecido como o Salvador e como aquele que carrega nossas cargas (*v. 19*). A maravilha é que o poderoso Deus se condescende de seu povo e carrega diariamente suas cargas (ou, possivelmente, poderia traduzir-se: "que diariamente nos carrega", isto é, como um pastor). O Novo Testamento ainda nos encoraja a lançar sobre o Senhor toda nossa ansiedade, porque ele as carrega por nós (1Pe 5.7).

Uma tradução mais literal do *versículo 20* seria "Nosso Deus é um Deus de *livramentos*, ao SENHOR soberano pertencem os *escapes* da morte." Os plurais podem ser usados deliberadamente, como sugeriu Calvino, para mostrar que, embora numerosas ameaças de morte nos sobrevenham, contudo Deus tem inumeráveis maneiras de nos livrar. O reverso é também correto (*v. 21*). Deus se compromete a destruir os que se lhe opõem. O mesmo verbo "esmagar" é usado no Salmo 110.5,6 para as atividades

divinas em julgar os reis e governantes. “Os crânios cabeludos” parecem ser uma referência ao orgulho dos inimigos quando continuam em seus caminhos pecaminosos.

No texto hebraico, o objeto do verbo “trazer”, no *versículo 22*, não é expresso. Embora pudesse ser “vocês”, isto é, o povo de Israel, contudo o contexto o pressupõe como sendo “eles”, isto é, os inimigos. Não há lugar tão remoto que os inimigos de Deus possam esconder-se dele. A imagem gráfica da batalha (*v. 23*) pode ser forte demais para os ocidentais modernos, mas certamente está em harmonia com outras descrições veterotestamentárias, inclusive o relato da morte de Acaz e Jezabel (1Rs 21.19; 22.38; 2Rs 9.36).

4. *Louvor de Deus na Congregação (vs. 24–27)*

A atenção recua à procissão após a vitória no campo de batalha. Enquanto previamente Deus foi chamado “nosso Deus”, o salmista agora fala em termos ainda mais pessoais, chamando-o “*meu* Deus e Rei” (*v. 24*). A fé genuína se apropria deste tipo de linguagem quando ela corresponde à relação íntima com Deus (cf. Tomé: “*Meu* Senhor e *meu* Deus”, Jo 20.28, e Paulo: “o Filho de Deus, que *me* amou e se deu por *mim*”, Gl 2.20).

A cena descrita no *versículo 25* lembra o que aconteceu depois do livramento no Mar Vermelho, quando Miriã guiou as mulheres em louvor e dança (Êx 15.19–21). Os cantores e músicos marcham adiante, encabeçando a procissão, regozijando-se nos livramentos que lembram o êxodo. As palavras do *versículo 26* (“Louvem a Deus na grande congregação; louvem ao SENHOR na assembléia de Israel”) formam ou o que as mulheres diziam no louvor, ou constituem uma convocação a que todos o enalteçam no meio da congregação de Israel. Este era formado de muitas companhias (NIV, “grande congregação”), todas elas procedendo da mesma fonte, “a fonte de Israel” (seguindo o texto hebraico). As quatro tribos mencionadas no *versículo 27* (Benjamim, Judá, Zebulom e Naftali) parecem representar Israel como um todo. Norte e sul são enfeixados como nos tempos da conquista. Ainda no Novo Testamento, estas tribos eram importantes, porquanto nosso Deus e alguns de seus apóstolos procederam de Judá, enquanto Paulo, “o menor dentre os apóstolos” (1Co 15.9), procedeu de Benjamim. O restante dos apóstolos era procedente do território de Zebulom e Naftali.

5. *O Louvor de Deus no Mundo Inteiro (vs. 28–35)*

Deus está entronizado, e agora ele é solicitado a fazer uma nova demonstração de seu grande poder (*v. 28*). O salmista deseja que Deus revele de novo seu poder visto no êxodo e em muitos livramentos posteriores (*v. 20*). Não obstante, agora a demonstração é feita a todos os reinos da terra, e reis estrangeiros virão prestar homenagem diante do Senhor em Jerusalém (*v. 21*). O quadro escatológico aqui é ampliado no Livro do Apocalipse. Na Nova Jerusalém, que tem o Senhor Deus Todo-Poderoso e o Cordeiro como seu templo, "os reis da terra trarão seu esplendor" (Ap 21.24).

"A besta" do *versículo 30* provavelmente seja uma alusão a um inimigo histórico, mais provavelmente o Egito. Em outros lugares, o leviatã (aparentemente ou o crocodilo ou o hipopótamo) representa o Egito (Sl 74.14; Is 27.1). A manada de touros provavelmente pretenda ser uma referência aos líderes ou reis, embora os bezerros pareçam representar as nações menos poderosas. O Egito virá e prestará homenagem ao Senhor, que é parte do quadro profético dos eventos no grande dia do Senhor (Is 19.18–25). Mesmo os antigos adversários de Israel, tais como o Egito, virão em submissão, enquanto seu tributário Cuxe (Etiópia) também exibirá sua aliança (cf. Is 45.14).

Faz-se necessário um cântico de regozijo de todos os reinos da terra como um oportuno reconhecimento do direito universal de Deus (*vs. 32,33*). "Selá", inserido no meio da estrofe, enfatiza este apelo. O cântico em si é uma expansão do versículo 4. "Os céus antigos" lembram a afirmação de Moisés de que "ao SENHOR seu Deus pertence os céus, sim, os mais altos céus" (Dt 10.14). O Deus da eternidade, que já fez sua proclamação (ver *v. 12*), agora fala em poderoso poder (cf. Sl 29.3–5).

O vocabulário dos *versículos 34 e 35* parece ser um eco de Deuteronômio 33.26. A majestade de Deus é exibida de duas formas. Primeiro, ele mostra seu poder na criação e na providência, quando governa a terra e os céus. Segundo, sua majestade é contemplada de uma forma especial quando ela é revelada a seu povo Israel. Ele está ali no meio deles, no santuário ou lugar santo, e de lá comunica força. Inicialmente, o salmista formulou uma doxologia em favor de Israel (v. 19). Agora ele encerra com outra expressa pelos reinos do mundo: "Louvado seja Deus!". O Novo Testamento aponta para o dia quando os reinos deste mundo se converterão em reinos de nosso Senhor e de seu Cristo (Ap 11.15).

SALMO 69

Para o diretor de música. Para [a melodia de] "os Lírios". De Davi.

Este é um dos salmos mais citados no Novo Testamento. A lista seguinte mostra quão amplamente ele é utilizado: *versículo 4* (Jo 15.25); *versículo 9* (Jo 2.17); *versículo 21* (Mt 27.34,48); *versículos 22 e 23* (Rm 11.9,10); *versículo 24* (Ap 16.1); *versículo 25* (At 1.20). O salmo trata do pecado e suas conseqüências, e o extenso uso dele no Novo Testamento mostra que mesmo os cristãos atuais não podem evitar as questões que ele suscita. Na Bíblia não há separação entre o pecado e o pecador, na forma em que a pessoa às vezes deseja divorciar um pecador (que é amado) de seu pecado (que é odiado). Este é outro salmo que contém em si muitas maldições (ver Introdução, pp. 64,65), mas o próprio fato de Jesus usar parte dele em seus lábios deve levar-nos a olhá-lo com muito critério. Originalmente, ele se referia às amargas experiências de Davi, e então, tipicamente, ele é aplicado a Cristo.

1. *Um Clamor Pessoal (vs. 1–4)*

O salmo começa com um clamor geral, e só uns poucos versículos mais adiante é que se especifica a natureza de sua necessidade. O salmista se compara a um homem náufrago, que desesperadamente tenta manter sua cabeça fora da água (*vs. 1,2*). As inundações súbitas na Palestina tornaram muito realista a idéia de água subindo até o pescoço (ver Is 8.8).

O estresse do salmista continuou por algum tempo, pois ele está exausto por suas tentativas de atrair a atenção de Deus (*vs. 3,4*). Sua garganta está inflamada; e, enquanto espera pela intervenção divina, seus olhos se assemelham aos de uma pessoa doente. Ele protesta que nada fizera para provocar a perseguição que ora enfrenta; tampouco existe qualquer veracidade na falsa acusação de que ele está furtando de outros.

2. *Explanação de Seu Sofrimento (vs. 5–12)*

Antes de prosseguir intensificando sua descrição de seu sofrimento, o salmista faz a Deus uma confissão pública (*v. 5*). Ele tem praticado coisas insensatas aos olhos de Deus, e sabe que não pode esconder nada dele. Sua própria natureza está sob o escrutínio divino (Sl 139.15).

O aglomerado de nomes para Deus, no *versículo 6*, é muitíssimo apropriado neste cenário. Faz-se apelo a ele como o Senhor Todo-Poderoso (isto é, sobre todas as coisas), contudo ele é também o Deus da aliança com Israel, que está perto de seu povo para ajudá-lo em ocasiões como esta. O pensamento de não ser desditoso já foi apresentado no Salmo 25.3. Ele não quer que os que são fidedignos a Deus (lit. "seus esperançosos" e "seus buscadores") sofram por causa de algo que porventura ele tenha feito.

Não é por sua própria causa que o salmista sofre opróbrio (*vs. 7–9*). Ele é cortado dos membros mais íntimos de sua família por causa de Deus (cf. o reconhecimento comunitário do sofrimento por causa de Deus no Salmo 44.22). Ele é tão identificado com o templo, pelo qual nutre o mais profundo anseio, que se torna o objeto de escárnio dos inimigos de Deus. A maneira pela qual o anseio pelo templo se exibe não está expressa. A primeira parte do *versículo 9* é citado em João 2.17 em referência à purificação do templo efetuada por Jesus.

O escárnio se torna ainda mais amargo por ser-lhe dirigido quando evidentemente está de luto (*vs. 10–12*). Em vez de unir-se a ele em suas expressões de tristeza, seus inimigos lhe fazem troça. Justamente como as pessoas que se reúnem numa cidade pequena hoje, no antigo Israel se reuniam à porta da cidade (Rt 4.1ss.; 1Sm 4.12–18). A comunidade congregada, enquanto tagarela entre si, fala depreciativamente do sofredor aflito, enquanto até mesmo os bêbados se juntam com canções de arruaceiros. Embora ele aspire pelo culto no templo (*v. 9*), tudo o que ouve é um tipo totalmente diferente de canção.

3. *Oração por Auxílio (vs. 13–18)*

Do meio de sua estressante necessidade, o salmista apresenta seu clamor a Deus (*v. 13*). Ele sabe que da bondade de Deus e no tempo favorável lhe virá o socorro. Parece haver aqui e nos versículos seguintes um eco de Êxodo 34.6, onde Deus declarou seu próprio caráter como "rico em amor e fidelidade". Em virtude da revelação que Deus faz de si mesmo, o salmista pode apelar para uma resposta infalível.

A imagem de águas torrenciais (*vs. 14,15*) ainda está em evidência (cf. os versículos iniciais). O quadro é de graves tribulações que o rondam, possivelmente inclusive a morte, pois a palavra "poço" parece ser um sinônimo de "Sheol", "sepultura".

O salmista apela com grande intensidade para a intervenção divina, salvando-o (*v. 16*). É pela misericórdia pactual que ele ora, quando toma o tema do versículo 13 e o parafraseia. A mesma expressão, "a bondade de teu amor", ocorre no Salmo 109.21. Ele deseja que Deus o mire bem de perto e assim veja sua necessidade e lhe envie livramento. Alguém numa relação pactual com Deus, como o salmista, podia suplicar como um servo (*v. 17*). O uso deste termo, "servo", reconhece essa relação e a usa como base da oração. É necessário que haja socorro rápido, e a assistência divina é o único meio de escape da tribulação.

Neste salmo, usa-se uma grande variedade de expressões quando o salmista pleiteia junto a Deus. Ele já disse "responde", "resgata" e "livra". Agora acrescenta "aproxima-te", "resgata-me" (um termo diferente daquele do v. 14) e "redime" (*v. 18*). A multiplicidade de termos adiciona intensidade às suas súplicas, mas há pouca vantagem na tentativa de fazer detida distinção entre eles.

4. *Os Inimigos do Salmista (vs. 19–21)*

O salmista apresenta renovado apelo a Deus, repetindo o relato de sua experiência de zombaria e vergonha (ver *v. 7*). Aqueles de quem esperava provisão de conforto fracassaram em lutar por ele, e então esperou em vão que os mesmos lhe oferecessem apoio. A adição aqui é a referência ao fel e ao vinagre, no *versículo 21*. O "fel" era um derivado de uma erva venenosa. A idéia é que os consoladores chegaram a ponto de o traírem, por implicação, pondo veneno em seu alimento. Em sua agonia, ofereceram a Jesus vinho misturado com fel, porém ele recusou bebê-lo (Mt 27.34), quando o mesmo poderia ter afetado seu autocontrole nesse crucial estágio de seu sofrimento.

5. *Clamor pelo Juízo de Deus (vs. 22–28)*

O salmista apela para a intervenção direta de Deus na situação vigente, e para que seu juízo visitasse seus inimigos (para o problema mais amplo apresentado por essas passagens, ver a Introdução, pp. 64,65). Os que tentaram envenená-lo descobrirão que sua própria mesa se lhes transformará em armadilha. A nota marginal da NIV, no *versículo 22*, segue o Targum Aramaico, o qual pressupõe que, em vez de "retribuição", o termo hebraico deve ser lido no sentido de "oferendas de paz". Isto provê

um bom paralelo com "mesa" na primeira parte do versículo. O *versículo 23* se refere às mudanças físicas que seriam um sinal do desfavor de Deus.

Nos *versículos 24 e 25*, o salmista continua a rogar pela reversão de todas as coisas boas da vida. Em lugar de misericórdia, ele roga pela ira; em lugar de jubilosa vida familial, uma habitação desértica. Pedro cita as palavras do versículo 25 em referência ao salário que Judas Iscariotes recebeu por sua perversidade (At 1.18–20). Ele ilustrou o mesmo antagonismo que foi exibido pelos inimigos do salmista, e ele se sujeitou a um juízo semelhante.

O salmista estava disposto a aceitar as disciplinas divinas, mas, quando se viu afligido pela mão divina, os inimigos o visitaram com feridas ainda mais graves. A conversação sobre ele era claramente uma forma de motejo (cf. *v. 12*), e assim se regozijavam de seu sofrimento. Ele roga que lhes seja dado o que de fato merecem – castigo correspondente a seus pecados e exclusão da atividade salvífica de Deus (*vs. 26,27*). A idéia do livro da vida (*v. 28*) vem de Êxodo 32.32, onde Moisés ora a Deus: se ele não perdoasse a seu povo, então que seu nome fosse apagado do livro de Deus. Para os perversos, o pedido do salmista é para que pereçam, e que seus nomes não sejam escritos lado a lado com os dos justos. O mesmo conceito de um livro aparece também em Apocalipse 3.5; 13.8; 17.8; e 20.15.

6. *Cântico de Louvor (vs. 29–33)*

No *versículo 29*, o foco agora muda para o próprio salmista, um pouco mais enfaticamente que a tradução da NIV sugere: "Mas, *quanto a mim*, sou afligido …". Ele está preocupado, não só com o castigo dos inimigos maus, mas por sua salvação pessoal. O verbo "proteger" contém a idéia de pôr-se no alto e, portanto, de colocar-se numa posição de segurança.

Em antecipação pela salvação divina, o salmista declara sua intenção de louvá-lo com cântico (*vs. 30,31*). A "ação de graças" poderia ser um sacrifício (cf. Lv 7.12; 22.29) que formava uma oferta de gratidão, ou um cântico de louvor, que parece ser o significado aqui. Esse sincero louvor é mais aceitável a Deus do que a mera oferta de sacrifício de animais, mesmo que fosse completo, com chifres e cascos!

Quando os humildes (definidos mais pela expressão "que buscam a Deus") vêem o que está acontecendo, e ouvem este louvor, também se regozijarão (*v. 32*). Por sua vez, eles descobrirão que reviver vem através desta experiência de ver e reconhecer a salvação do Senhor. O *versículo*

33 (“O SENHOR ouve os necessitados e não despreza seu povo cativo”) é uma verdade permanente. É característico de Deus ouvir o clamor dos necessitados. Os “necessitados” são exibidos em outros lugares dos Salmos como aqueles cuja angústia é causada por seus inimigos, mas cuja confiança está posta no Senhor. “Seu povo cativo” é uma tradução do hebraico, “os presos”, o que é ou uma referência à prisão no pecado antes que o Senhor traga libertação, ou aqueles que estão vinculados ao seu serviço como cativos consagrados.

7. *Adoração Universal (vs. 34–36)*

Mesmo a natureza inanimada deve louvar ao Senhor, pois ele se faz conhecido como o Salvador de seu povo. Na primeira parte do salmo não houve nenhuma menção da necessidade da nação, nem da angústia que sobreviera a Sião e a Judá. É possível que a grande necessidade do salmista fosse apenas um microcosmo da necessidade da nação como um todo. Deus é capaz de prover auxílio para Sião e de reconduzir seu povo a fixar-se novamente na terra. A lição deste salmo é clara, isto é, que mesmo em tempos de grande angústia os olhos da fé têm de buscar a plena demonstração da misericórdia restauradora de Deus. Há “um lar de justiça” à espera do povo de Deus (2Pe 3.13).

SALMO 70

Para o diretor de música. De Davi. Petição.

Esta oração em forma de canto é quase a mesma constante no Salmo 40.13–17 (ver comentários sobre esse salmo). Há, contudo, diversas variações. O título contém os mesmos primeiros dois termos do Salmo 40, mas a palavra “salmo” é aqui substituída por “petição”. Há também mudanças com respeito ao uso do nome divino, mas não de uma maneira uniforme, pois duas vezes *’elohim* substitui *yhwh* (SENHOR), mas então Senhor é usado, respectivamente, no lugar de *’adonai* e *’elohim* e retido no versículo 1b. Outras mudanças incluem a ausência de “ajuda-me” (v. 1), a ausência de “tira-me” (v. 2), a mudança de “sejam humilhados” para “volta-te” (v. 3), e a alteração de “pensa em mim” para “apressa-te” (v. 5). É possível que esses versículos tenham sido tirados do Salmo 40 e usados em algum momento de grande aflição. O fato de que o Targum Aramaico

tenha “Apressa-te a livrar-nos” no versículo 1 aponta para algum uso do salmo com uma aplicação à nação como um todo.

SALMO 71

Este é um salmo bem antigo (ver *vs. 9 e 18*), escrito por um libertador que, mesmo já na reta final da vida, está sendo ainda atormentado por inimigos. Não há qualquer diretriz que ajude a situar o salmo em algum cenário histórico particular, ou notar alguma atribuição de autoria. Perseguição é um fato da vida de crentes comprometidos (2Tm 3.12), e não há nenhum estágio da vida em que se sentem isentos dela. Aqui o salmista enfeixa frases de outros salmos, as quais mostram quão profundamente radicadas em sua mente e coração estavam as palavras de outros cantores de Israel. Não obstante, o salmo constitui um cântico de esperança, ao mirar ansiosamente o Senhor.

1. *Oração Confiante (vs. 1–4)*

Os *versículos 1–4* são muito semelhantes ao início do Salmo 31 (ver comentário sobre esse salmo). Eles expressam a sólida confiança de que seu refúgio permanente, desde sua mais tenra juventude (ver *v. 5*), tem sido o Senhor. Ele prossegue apelando a Deus para que esteja atento a seu clamor e o salve em sua atual tribulação. A palavra “refúgio”, no *versículo 3*, segue uns poucos manuscritos hebraicos e amolda este versículo ao Salmo 31.2. Entretanto, é melhor reter a redação constante na maioria dos manuscritos, “rocha de habitação”. Evidentemente, desde os tempos antigos, Israel pensava no Senhor como sendo o lugar de habitação de seu povo (ver as palavras de Moisés, Sl 90.1). Mesmo em sua velhice, o salmista se vê ainda cercado por homens perversos, de cujas garras ele busca livrar-se. Palavras como “resgatar” e “livrar” enfatizam a urgência da situação.

2. *Declaração de Louvor (vs. 5–8)*

Várias vezes Jeremias denomina Deus de “a esperança de Israel” (Jr 14.8; 17.13; 50.7), que é uma das razões por que tem-se sugerido que ele fosse o autor deste salmo. As palavras também parecem um eco do Salmo 22.9,10. A confiança que o salmista põe no Senhor não é uma confiança

recém-encontrada, mas uma que recua aos próprios primórdios de sua vida (*vs. 5,6*). Não é sua própria fé que é o objeto de seu louvor, mas a graça de Deus que ele conhece desde a infância. Louvor constante é um modo de indicar sua resposta ao poder guardador de Deus.

Para muitos de seus contemporâneos, o salmista veio a ser um sinal ou prodígio (*v. 7*). A palavra "portento" é usada na seção de Deuteronômio que trata das maldições que sobrevirão a Israel em decorrência da desobediência (Dt 28.46). Aqui, ela parece indicar que o salmista se sente como se fosse o objeto do castigo divino, contudo não hesita em entregar-se ao seu sólido refúgio. O esplendor ou glória de Deus era o que ele queria proclamar constantemente (*v. 8*).

3. *Oração na Velhice (vs. 9–13)*

Da reflexão sobre a confiante entrega de sua juventude ao Senhor, o salmista agora se volve à sua presente velhice (*v. 9*). Em sua crescente fraqueza, ele roga que Deus não o lance fora (a mesma expressão que Davi usa no Sl 51.11). Mesmo neste estágio de sua peregrinação terrena, há os que tramam contra ele, buscando uma oportunidade de tirar-lhe a vida (*v. 10*). Homens maus juntos combinam o melhor plano de seus ataques contra os crentes (cf. Sl 83.3). Uma das ironias mais difíceis que os crentes têm que enfrentar é aquela que, em sua aflição, é como se Deus os abandonasse (*v. 11*). Mas a realidade é que Deus jamais abandona seus fiéis (Sl 37.28), e assim a ironia não passa de ilusão. O *versículo 12* ("Não fiques longe de mim, ó Deus; vem depressa, ó meu Deus, ajuda-me") parece ser um eco dos Salmos 22.11,19 e 38.21,22. É um alívio em momentos de aflição fazer uso de palavras que outros usaram antes de nós em suas prementes situações. Outros já passaram pelo mesmo caminho e já fizeram sua súplica por socorro imediato. As palavras do *versículo 13* são quase as mesmas dos Salmos 35.26 e 109.29. Seu apelo é para que Deus o defenda, e ele espera ver o juízo divino sobre seus inimigos.

4. *Confiança na Velhice (vs. 14–18)*

O contraste é muito claro entre o destino dos inimigos e o futuro do salmista. Ele está confiante de que mesmo em sua velhice continuará proclamando a salvação divina, e ele faz isso em grau sempre crescente (*vs. 14,15*). A palavra "medida" é relacionada à palavra hebraica para

"contar", e ela só ocorre aqui em todo o Antigo Testamento. Provavelmente signifique que ele é incapaz de contar o "número" dos atos salvíficos de Deus. Diversas palavras são usadas para descrever essas ações (*vs. 16,17*). Ao dirigir-se ao templo, o salmista fará menção daquelas ações que são exclusivas de Deus: seu poder soberano que tem sido exibido nas vitórias. Declara-se também que ele é o Deus de fidelidade, que faz coisas que estão além da capacidade humana ("feitos maravilhosos"; cf. seu uso nos Salmos 72.18; 86.10). Tudo quanto ele aprendeu das ações do Senhor em favor de seu povo forma parte de seus cânticos de louvor. Ao avistar o fim da vida, o salmista ainda deseja declarar à geração vindoura as grandes coisas que Deus tem feito (*v. 18*). Não só a nação, mas ele mesmo tem experimentado o poder (heb., "o braço") de Deus, e isto forma um testemunho adicional do poder salvífico de Deus.

5. *Um Cântico Confiante (vs. 19–24)*

O salmo se move rumo à conclusão com uma forte nota de confiança (*v. 19*). A primeira parte deste versículo ("Tua justiça chega até os céus, ó Deus, tu que tens feito grandes coisas") ecoa o Salmo 36.5,6, enquanto a pergunta retórica "Quem é como tu?" faz paralelo com o Salmo 89.8. Todo o versículo constitui uma afirmação enfática do fato de que a justiça divina está além da compreensão humana, e de que ninguém pode comparar-se ao Senhor.

Justamente como o salmista havia declarado que a justiça de Deus se estende até o céu, ele agora fala de suas experiências pessoais como se elas o arrastassem às profundezas da terra (*vs. 20,21*). Ele está certo de que Deus não o abandonará, e esse elemento deve permanecer sempre na confiança dos crentes.

Ainda que as tribulações assaltem e os perigos aflijam,
Ainda que todos os amigos falhem e os adversários se unam,
Contudo de uma coisa estamos certos: não importa o que aconteça,
A Escritura nos assegura que o Senhor proverá.

Não reivindicamos qualquer força propriamente nossa, nem bondade;
Contudo, visto que conhecemos o grande Nome do Salvador,
Nisto se esconde nossa torre forte e segura:
O Senhor é o nosso poder; o Senhor proverá.

(John Newton, 1725–1807)

A fidelidade e a santidade de Deus formam o tema do louvor (*v. 22*). A expressão "o Santo de Israel" é mais freqüentemente usada como título para Deus na profecia de Isaías (ver, p.ex., Is 1.4; 5.19; 29.19; 47.4; 60.14). A santidade de Deus é vista no modo como ele redime seu povo (*v. 23*), e sempre será mencionada nos cânticos dos redimidos (cf. Êx 15.11; Ap 15. 3,4). O salmista sabe que Deus não o abandonará. O juízo divino sobre seus inimigos é uma demonstração de sua justiça, e como tal ela forma o tema de seu contínuo cântico de louvor (*v. 24*).

SALMO 72

De Salomão.

Jesus reinará onde quer que o sol
Faça seu sucessivo percurso;
Seu reino se estende de mar a mar,
Até que a lua cresça e nunca mais diminua.

Com estas palavras, Isaac Watts (1674–1748) captou o espírito deste salmo. As promessas que são feitas concernentes ao rei vão além de tudo quanto pudesse ser prometido a um descendente ordinário de Davi. *Todos* os reis um dia se curvarão diante dele (*v. 11*), e a extensão de seu reino é descrita em termos idênticos à passagem messiânica em Zacarias 9.9–13. O pensamento judaico antigo tinha o mesmo ponto de vista, como o Targum adiciona em seguida a palavra "rei" no versículo 1, "Messias". A tela de fundo do salmo é a aliança com Davi em 2 Samuel 7, mas a visão é do último governante davídico, Jesus Cristo. O título hebraico é ambíguo, podendo significar tanto "por Salomão" quanto "para Salomão".

1. *Oração pelo Rei (vs. 1–4)*

Em termos da aliança com Davi, o rei davídico foi adotado como filho de Deus (2Sm 7.14; cf. também Sl 89.26,27). Daí ele poder chamar-se ou "o rei" ou "o filho do rei" (NIV, "o filho régio"). O apelo inicial aqui é pelo dom de um governo justo para ele, de modo que sua administração reflita o mesmo caráter do próprio Deus (*v. 1*).

A idéia expressa no versículo 1 é transportada para os *versículos 2 e 3*. O revestimento com eqüidade e justiça capacitará o rei a governar bem. Isto é expresso poeticamente no pensamento de que haverá uma ceifa de paz e justiça, de modo que inclusive as cordilheiras produzirão as messes que denotam prosperidade (cf. um uso poético semelhante em Jl 3.18).

Nenhum dos necessitados oprimidos temerá durante o reinado deste rei, pois serão defendidos por ele (*v. 4*). Ele trará a justificação deles, e assim o pensamento do versículo 2 é ampliado para incorporar a promessa de que os indefesos constituem seu cuidado especial. Os opressores descobrirão que são tratados da maneira como eles mesmos trataram os outros, princípio este que o Novo Testamento reafirma (Tg 2.13).

2. *Uma Realeza Perene (vs. 5–7)*

Em contraste com outras dinastias, a promessa a Davi era que seu reino se destinava a ser perene, expresso aqui em comparação com o sol e a lua (*v. 5*). A promessa foi reiterada várias vezes no Antigo Testamento (Sl 89.28,29; 132.11,12; Is 9.7), e foi renovada nas palavras de Gabriel a Maria, quando anunciou o nascimento iminente de Jesus (Lc 1.31–33). O início do *versículo 6* retém a idéia das últimas palavras de Davi em 2 Samuel 23.3,4: "quem governa o povo com justiça, … ele é como… a claridade depois da chuva, que faz crescer as plantas da terra." A prosperidade, sob a casa de Davi, se assemelha ao efeito da chuva que estimula ainda mais o crescimento da relva recém-podada. Os justos terão condições para seu florescimento (para a mesma expressão, ver Sl 92.12; Pv 11.28), e isto continuará até o fim dos tempos.

3. *Um Reino Universal (vs. 8–11)*

A extensão do reino do governante messiânico é expresso em termos da promessa a Abraão (*v. 8*). Entretanto, há uma notável mudança. A fronteira não se estende até o Rio [Eufrates], mas para além dele! Ele nunca mais será um território limitado à terra prometida, mas consistirá de um reino universal. Desde os lugares mais remotos, o povo reconhecerá o governo do Messias, e seus inimigos se sujeitarão à autoridade dele (*vs. 9,10*). "Curvar-se diante de" e "lamber o pó" são expressões sinônimas de submissão (ver Is 49.23). Os lugares mencionados (Társis, Sabá e Sebá) representam as nações distantes, com seus governantes vindo com o intuito

de apresentar seu tributo como sinal de sujeição a este rei universal. O Novo Testamento fala de um dia vindouro quando Jesus terá destruído todos os demais domínios e poderes, e todos os seus inimigos serão postos debaixo de seus pés (1Co 15.24,25). Ainda que o versículo 11 ("Todos os reis se curvarão diante dele e todas as nações o servirão") e os versículos precedentes expressem a idéia de submissão em termos que aludem ao reino de Salomão, contudo o cumprimento final desta promessa será quando Jesus, como o Cordeiro, vence, porque ele é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis (Ap 17.14; 19.16).

4. *Preocupação com a Justiça e a Eqüidade (vs. 12–14)*

No início dos versículos 2–4, o salmista falou sobre o apoio que este rei dará aos que necessitam de seu cuidado especial. Agora ele volta a este tema, com a garantia de que ele agirá com misericórdia para com os que são oprimidos (*vs. 12,13*). Em contraste com outros reinos do Oriente Próximo, o trono davídico foi estabelecido em amor, e o rei davídico era "aquele que, ao julgar, busca eqüidade e apressa a causa da justiça" (Is 16.5). Quando seus súditos são forçados com violência (*v. 14*), ele os resgata (lit., o hebraico tem "redime"). A palavra às vezes denota a ação de um parente ao redimir um membro da família de dificuldades ou perigo (cf. seu uso em Rt 4, onde se refere à redenção da terra que pertencia a Noemi). Aos olhos do rei, a vida mesmo desses aflitos é muito especial (cf. a frase quase idêntica usada para Deus no Sl 116.15).

5. *Bênção Universal (vs. 15–17)*

A oração pela existência contínua da dinastia é expressa em termos da saudação normal de um novo rei (*v. 15*, cf. 1Sm 10.24; 2Sm 16.16; 1Rs 1.25,34). Justamente como a rainha de Sabá trouxe presentes a Salomão, inclusive ouro (1Rs 10.10), assim o salmista descreve mais tributo sendo apresentado ao rei davídico. Além disso, faz-se oração por seu bem-estar e é louvado pela prosperidade que ele traz. O quadro de prosperidade é pintado em termos de colheitas abundantes (*vs. 16,17*), inclusive nos próprios cumes dos montes! Justamente como o Líbano era notável por suas exuberantes florestas, assim pode a terra produzir uma ceifa abundante. Uma realeza perene se destinava a trazer bênção a muitos outros países além apenas de Israel. De fato, a promessa da aliança com

Abraão (Gn 12.2,3) se destinava a achar seu cumprimento através da realeza davídica de Jesus, quando as nações recebessem a bênção do Espírito (Gl 3.14).

6. *Bênção Final (vs. 18–20)*

Como todos os cinco livros do Saltério, este segundo se fecha com uma doxologia (*vs. 18,19*). O Deus da aliança com Israel é de fato o único capaz de realizar feitos "maravilhosos" (ver o comentário sobre Sl 71.17). Seu nome é digno de louvor por causa da glória de suas ações em redimir e guardar a seu povo. O desejo de ver toda a terra transbordante da glória de Deus é um eco de Números 14.21. A esse desejo o povo responde com um duplo "Amém". "Amém" é amiúde usado depois de orações e hinos de louvor (ver 1Cr 16.36; Ne 8.6; Sl 41.13; 106.48).

A nota no *versículo 20* ("Isto encerra as orações de Davi filho de Jessé") não se refere a todo o Saltério, porque depois disso há salmos davídicos (cf. 86,108–110,138–145). Parece que foi adicionado à coleção que precede para distinguir os salmos de Asafe que seguem (73–83).

LIVRO 3

SALMO 73

Salmo de Asafe.

Este terceiro livro do Saltério começa com um grupo de salmos atribuídos a Asafe (73–83). Ele foi descendente de Gerson, filho de Levi (cf. 1Cr 6.39–43), e era um dos líderes de música a quem Davi designara (1Cr 15.16,17; 2Cr 5.12). Este salmo é parecido em estilo aos Salmos 37 e 49, pelo fato de digladiar-se com o problema por que os perversos parecem prosperar quando comparados com os justos. Só quando o salmista entra no templo é que ele entende qual seria o destino final dos perversos (*vs. 16,17*).

1. *Queixa Diante de Deus (vs. 1–3)*

O salmo se abre com uma declaração da relação de Deus com seu povo. Ele está em comunhão pactual com eles (*v. 1*). Não pode haver dúvida sobre a bondade de Deus em prol de seu povo Israel, os que são mais definidos como os "de coração puro". Aqui e no Salmo 24.4, esta frase descreve os que têm só uma mente para com Deus, ainda que a mesma palavra possa ser usada para os mandamentos de Deus (Sl 19.8, NIV "radiante"). Conquanto conhecesse bem a verdade, o salmista deu vazão à dúvida (*vs. 2,3*). A expressão inicial do versículo 2, "mas, quanto a mim", é muito enfática (ocorre novamente no texto hebraico dos versículos 22,23 e 28). Embora a veracidade da bondade de Deus fosse tão real, contudo, quando viu a prosperidade (lit. "paz") dos perversos, ele começou a sentir ciúme deles. Juntamente com muitos outros santos, sua observação de que os perversos parecem viver tão bem o fez nutrir dúvidas acerca da bondade divina.

2. *O Caráter dos Ímpios (vs. 4–12)*

As aparências às vezes enganam. À primeira vista parece aos olhos do salmista que os perversos nunca ficam doentes, e que são imunes aos problemas que amiúde afligem outros (*vs. 4,5*). Ele só percebe a plena realidade da situação mais adiante no salmo (ver *vs. 16–20*). Ele tem ainda que aprender que a aflição não é necessariamente um sinal do desfavor divino (ver Jo 9.1–3; Hb 12.7–11).

Os arrogantes se ataviam com seu orgulho, como se fossem jóias exibidas em torno de seu pescoço (*vs. 6,7*). Suas vangloriosas atitudes conduzem a ações violentas, porquanto pensam que podem "se safar ilesos". É do coração que todo o mal emana (Mt 12.34,35; 15.16–20), e são infindáveis as tramas que as mentes pecaminosas arquitetam. A descrição de arrogância e orgulho nos perversos prossegue nos *versículos 8 e 9*. Quando os soberbos arrotam, eles amedrontam outros. Falam destemidamente como se fossem o próprio Deus e como se o mundo inteiro fosse deles. Aqui percebemos atitudes e expressões externas das mentes que descartam a Deus. Paulo ampliou o tema em Romanos 1.28–32 (ver especialmente o v. 30). Outra passagem sapiencial do Antigo Testamento nos lembra que Deus resiste aos soberbos (Pv 3.34),

declaração também citada duas vezes no Novo Testamento (Tg 4.6; 1Pe 5.5).

O *versículo 10* é de tradução e explicação difíceis (ver nota de rodapé na NIV), porém seu significado também determina o significado dos versículos seguintes. O texto da NIV faz bom sentido. As pessoas que se deixam atrair por e que seguem a tais soberbos vangloriosos se voltam para eles e tentam participar de seu sucesso. Ridicularizam a idéia de um Deus que tem conhecimento de suas atividades, e agem como se jamais tivessem de prestar contas de suas ações. Como o rico louco de quem Jesus fala em seu ensino parabólico (Lc 12.13–21), ampliam suas próprias riquezas, pouco ligando se têm ou não de responder diante de Deus. Levar vida fácil – comendo, bebendo e se casando – se põe em conflito com o apelo que ouvimos para depositarmos confiança no Senhor.

3. *A Resposta Pessoal (vs. 13–20)*

O salmista francamente admite que anteriormente as dúvidas o atormentaram (*v. 13*). Tentara viver retamente e havia evitado as ações manifestamente pecaminosas dos perversos, as quais ele já havia descrito. Mas agora a dúvida se apodera de seu coração. Isso estava ocorrendo sem qualquer propósito real? Comparado com os perversos, o salmista tem experimentado aflição constante (*vs. 14,15*). Ele tem sido alvo do desrespeito, e por isso tentava expressar suas dúvidas à comunidade crente. Ele sabe que, se lhes desse vazão, teria levado os demais crentes a tropeçarem. O que um crente faz e diz pode ter um profundo efeito na comunidade crente como um todo.

É fútil tentar desvencilhar-se dos problemas da vida sem o auxílio de Deus. Esse foi um motivo de tristeza e dor para o salmista, até que se dirigiu ao templo (*vs. 16,17*). Ali, de repente, lhe veio uma nova compreensão do fim último que os perversos terão que enfrentar. É possível que isso lhe veio através de alguma revelação especial, ou através de sua meditação intencional sobre a imensurável bondade divina (cf. *v. 1*). Deus amiúde resolve nossas perplexidades assim que meditamos profundamente sobre seu caráter revelado. As presentes experiências devem ser sempre avaliadas à luz do juízo final de Deus (2Co 5.10). A aparente segurança e prosperidade nada podem fazer no dia do juízo (*vs. 18–20*), porque uma casa construída sobre a areia ruirá com grande estrondo (Mt 7.24–27). O cultivo espiritual do coração e vida se faz

necessário para que a vinda súbita do Senhor não encontre alguém despreparado (Mc 13.36). Mui freqüentemente, a súbita intervenção de Deus em juízo é descrita nos Salmos como se ele se despertasse do sono (35.23; 44.23; 59.4; 78.65). Fantasias, aqui, significam meras vaidades destituídas de realidade, como as imagens de deuses tão comuns nas culturas adjacentes.

4. *Uma Confissão (vs. 21,22)*

Quando ele faz um retrospecto de sua incompreensão, o salmista humildemente reconhece o medonho equívoco que cometera. Sua atitude errônea constituíra uma afronta a Deus. Ele quase cedera à incredulidade. Deixara de demonstrar conhecimento espiritual das atividades providenciais de Deus, pior que os próprios animais. Faltou-lhe verdadeira compreensão até que entrou no templo de Deus. As verdades espirituais são comunicadas por meio de uma operação divina direta e graciosa (1Co 2.13–16).

5. *Uma Afirmação de Fé (vs. 23–28)*

O ponto convergente do salmo foi atingido anteriormente (*v. 17*), por isso agora vem a seguir a confissão de confiança e descanso no Senhor. Deparamo-nos aqui com um poderoso reconhecimento da relação entre o salmista e seu Deus. A despeito de seus sentimentos em momentos de dúvidas, permanece a verdade de que Deus não o abandonara (*v. 23*). Ser amparado pela mão direita constitui um vívido modo de expressar o auxílio que Deus propicia constantemente a seus filhos (cf. Is 41.10,13; 42.6).

No *versículo 24* (“Tu me guias com teu conselho e depois me receberás na glória”), o que se afirma é a diretriz na vida e a presença de Deus após a morte, pois no contexto “depois” se refere recuar ao “destino” que aguarda os perversos (*v. 17*). Embora o pensamento da habitação celestial dos crentes individuais vem a lume de forma mais clara no Novo Testamento, contudo passagens tais como esta mostram que ele era uma realidade para os santos do Antigo Testamento.

O salmo atinge o final com uma nota de triunfante confiança em Deus (*vs. 25,26*). Que outro salvador e sustentáculo temos além do Senhor? Mesmo quando as faculdades físicas e mentais do salmista falhem,

contudo Deus continua sendo sua força (heb., “rocha”). Ele tem percebido que outros tesouros terrenos falham, porém existe a bênção eterna na presença de Deus.

Transitório é o tesouro deste mundo,
Toda sua soberba pompa e ostentação;
Alegrias sólidas e tesouro perene
Ninguém conhece senão os filhos de Sião.
(John Newton, 1725–1807)

Os incrédulos vivem longe de Deus, e sua contínua descrença os mantém aí (*v. 27*). É tão-só mediante o sangue de Cristo que os que se encontram longe podem ser trazidos para perto (Ef. 2.13). A palavra traduzida “infiel” é o termo técnico para a prostituta, porém é usado neste salmo e em outras partes (ver, p.ex., Lv 20.6) para descrever qualquer forma de separação de Deus e seus padrões. O contraste final do Salmo está no último versículo. O salmista volta ao seu tema inicial (v. 1) e reafirma em termos pessoais quão poderoso é descansar na misericórdia salvífica de Deus. Ele encontrou seu refúgio perene, muitíssimo valioso, e por isso deseja contar aos outros tudo o que Deus lhe fez.

SALMO 74

Um maskil de Asafe.

A devastação causada pela destruição de Jerusalém pelos babilônios em 586 a.C. deixou uma profunda impressão nos crentes fiéis. Prantearam a perda do Templo, a ausência dos profetas e a aparente rejeição da aliança. Este salmo, provavelmente de um dos últimos membros dos filhos de Asafe, vem de algum período após a destruição do Templo, quando parecia que a angústia iria durar “para sempre”. Ele contém muitas similaridades com a conclusão do Salmo 89 e com o Livro das Lamentações. Deve ser também comparado por sua orientação pactual com a oração de Daniel (Dn 9.4–19).

1. *Apelo a Deus (vs. 1,2)*

Mesmo quando a queda de Jerusalém fosse durar comparativamente bem pouco tempo, contudo é como se o salmista a visse como sendo

eterna. Sentir-se "rejeitado" é comum nos salmos de queixa (ver Sl 44.9,23; 60.1,10; 77.7; 88.14; 89.38), mesmo para aqueles que alegam ser o rebanho de Deus. Sua súplica é para que Deus se lembre das pessoas que adquirira desde o tempo do êxodo. Os dois verbos "adquirir" e "redimir" são usados em conjunto em Êxodo 15.13,16, e no mesmo Cântico do Mar há referência a Israel sendo plantado no monte da herança de Deus (Êx 15.17).

2. *Um Templo Destruído (vs. 3–8)*

Relatos históricos da destruição de Jerusalém e seu Templo, pelos babilônios, são dados em 2 Reis 25.8–17 e 2 Crônicas 36.17–19. O santuário foi invadido e marcaram sua conquista pelo hasteamento de seus estandartes ali. No mesmo lugar onde Deus encontrou-se com seu povo (*vs. 3,4*), ali os babilônios cometeram atrocidades, inclusive homicídio (2Cr 36.17).

O Lugar Santíssimo tinha almofadas de cedro (1Rs 6.16), e foi atacado como se fosse uma moita de árvores a ser derrubada (*vs. 5,6*). Essa destruição foi completada pelo incêndio do Templo (*vs. 7*, ver 2Rs 25.9; 2Cr 36.19). Este foi um ato de profanação do lugar onde Deus registrara seu nome. Isaías explica que este não foi apenas um ato dos babilônios, mas Deus mesmo maculou sua própria herança, porque seu povo transgredira suas leis (Is 47.6, "profanou").

Os babilônios, sob Nabucodonosor, estavam determinados a esmagar o Israel rebelde, e fizeram isso com uma força esmagadora (*v. 8*). É difícil saber se a referência a incêndio se destina a aplicar-se apenas ao Templo (o singular do "lugar onde Deus era adorado" é usado no v. 4 para o Templo). Mas provavelmente se refira a outros centros de culto, tais como existiam no tempo de Elias (1Rs 19.10,14) e os quais surgiram novamente depois das tentativas de Josias de centralizar o culto em Jerusalém.

3. *Clamor por Socorro (vs. 9–11)*

Os únicos "sinais" (*v. 9*) que o povo via são os estandartes militares dos babilônios (v. 4; usa-se a mesma palavra em hebraico para "estandartes" e "sinais"). Estão sem o valioso ministério dos profetas para os instruírem e os guiarem (cf. Lm 2.9, "seus profetas já não têm visões da parte do

SENHOR"). Se o povo tivesse dado ouvido a Jeremias, não teriam formulado a pergunta: "Até quando?" (ver Jr 25.9–12).

A devastação de Jerusalém e do povo (pelo exílio) é vista como uma afronta a Deus (*vs. 10,11*). O povo não poderá entender por que Deus não intervém e altere toda a situação. Esta oração deve ser comparada com a de Daniel, que depois de confessar que os justos juízos de Deus sobrevieram ao povo, roga o favor divino sobre o santuário, a cidade e o povo desolados: "Por amor de ti, meu Deus, não te demores" (Dn 9.17–19).

4. *O Registro do Passado (vs. 12–17)*

De repente, o salmista lembra dos grandes eventos do passado, nos quais o poder de Deus foi exibido (*vs. 12–14*). Enquanto em outras religiões do Oriente Próximo o louvor era reservado para o que *os homens* haviam feito pelos deuses, em Israel o louvor era entoado pelo que Deus tem feito por seu povo. Ele assegurara seu livramento da servidão, dividindo as águas do Mar Vermelho e esmagando o poder das forças egípcias, o qual é aqui chamado "o monstro" e "Leviatã". "Monstro" não só indica vários animais e criaturas marinhas, mas também (num sentido figurado) os inimigos poderosos de Deus (para outros usos relativos ao Egito, ver Is 51.9; Ez 29.3; 32.2; e em referência a Babilônia, ver Jr 51.34). "Leviatã" provavelmente fosse o crocodilo, e portanto um símbolo natural nesta passagem poética para descrever os soldados egípcios.

A primeira parte do versículo 15 é uma referência ao incidente em que água fluiu da rocha em Massá (Êx 17.6), enquanto a segunda parte lembra o que aconteceu ao Rio Jordão quando Israel precisava atravessar para Canaã. O mesmo verbo "secou" é usado em Josué para descrever o que Deus fizera ao Jordão (Js 4.23; 5.1).

O mesmo Deus fizera coisas ainda maiores quando criou o mundo (*vs. 16,17*). Daí, não surpreende que fosse capaz de controlar as águas, o dia e a noite, os corpos celestes, a terra e as estações do ano. Isto expressa em forma poética a verdade básica de Gênesis 1 com respeito à criação, o que é ampliado ainda mais no Salmo 104.

5. *Uma Súplica Pactual (vs. 18–23)*

Nos *versículos 18 e 19*, o salmista volta a suas preocupações imediatas após recordar o poder de seu Deus. Ele usa os mesmos verbos (“zombado”, “blasfemado”) como já fez no versículo 10, quando roga que Deus se lembre de quanto seu santo nome tem sido blasfemado. Animais selvagens estão por perto, e ele não quer que a pomba divina (Israel) caia em seu poder para o desfecho final. Ele roga que Deus tenha em mente seu povo aflito – “Não nos deixe neste estado para sempre.”

Faz-se apelo à relação pactual perene (*vs. 20,21*). Israel no exílio não estava divorciado, apenas temporariamente separado do Senhor (ver Is 50.1; 54.4–8). O salmista deseja que Deus contemple com favor a terra e garanta que as injustiças atuais sejam interrompidas. Quando isso acontecer, mesmo os que agora são mais oprimidos (“os pobres e necessitados”) serão capazes de regozijar-se em seu louvor.

No *versículo 22*, usa-se outro termo para rogar que Deus intervenha (“levanta-te”; ver o comentário sobre Sl 7.6, onde se usa a mesma expressão). “Defende tua causa” é uma expressão pactual técnica que é usada pelos profetas quando falam de Deus como tendo uma causa jurídica contra seu povo. Aqui ele é usado para a causa divina, que é também a causa do povo. Os inimigos não são só inimigos de Israel – são inimigos de Deus! A súplica final (*v. 23*) é para que o tumulto e rumor causados por esses inimigos sejam notados por Deus e o estimulem a agir. O povo tinha ainda que aprender que somente quando o pecado era confessado e se exibia arrependimento é que Deus os restaurava. Neemias compreendeu bem isso (Ne 9.31) – foi por sua grande misericórdia que Deus não permitiu que eles fossem consumidos nem os abandonou.

SALMO 75

Para o diretor de música. [Para a melodia de] “Não Destrua”. Salmo de Asafe. Cântico.

Os Salmos 74 e 75 são ligados tematicamente pelo pensamento do juízo divino. No fim do salmo anterior, fez-se apelo para que Deus se erguesse e defendesse sua própria causa (Sl 74.22,23). Neste salmo, o tema de juízo ocorre especialmente nos versículos 2–8, onde fica claro que o escopo desse juízo é universal. Não há indicação certa dentro do salmo sobre o cenário histórico, ainda que o uso de “Não destrua”, no título, pressuponha que ele foi composto num período de iminente perigo para o povo de Deus.

1. *Louvor ao Deus que Está Perto (v. 1)*

O cântico inicial de louvor se relaciona tanto com o senso da presença imediata de Deus com seu povo quanto com o conhecimento de que no passado ele agiu em seu favor de uma forma poderosa. "Nome", aqui, é usado de uma forma semelhante em Êxodo 23.20,21, onde o Senhor declarou que seu Nome estava no anjo que seria enviado adiante dos filhos de Israel. "O Nome do SENHOR" ocorre como título para Deus em Isaías 30.27. O conhecimento dos feitos de Deus outrora em seu favor traz nova certeza ao povo em sua angústia atual.

2. *Deus Fala em Juízo (vs. 2–5)*

Deus fala decisivamente a seu povo sobre o fato de que ele intervirá em seu tempo oportuno (*vs. 2,3*). Ele quer inclusive que os próprios fundamentos da terra tremam, a fim de que seu povo não pense que seriam capazes de salvar-se a si mesmos. "Eu determino", "Sou eu que mantenho" é enfático, chamando a atenção para a intervenção de Deus, não a deles. Uma forma diferente de reafirmação é dada aos soberbos (*vs. 4,5*). Precisam compreender que podem tentar e até mesmo exaltar-se contra Deus, mas toda sua soberba e vanglória redundarão em nada. "Chifre" é amiúde usado nos Salmos para denotar poder ou força (cf. 18.2; 89.17,24), enquanto "pescoço emproado" expressa o orgulho ou arrogância.

3. *O Salmista Confirma o Juízo Divino (vs. 6–8)*

A variedade de traduções, tanto antigas quanto modernas, do *versículo 6* revela que a dificuldade existe. É possível traduzir a última frase do versículo assim: "desde o deserto até os montes." Esta então seria uma afirmação de que ninguém do norte ou do sul, do leste ou do oeste pode usurpar o lugar de Deus. Ele é o único Juiz e Libertador que ou traz juízo ou livramento. "Cálice" (*v. 8*) equivale ao juízo divino (como no Sl 60.3), e ele é retratado como pondo o cálice nos lábios dos perversos para que o bebam até a última gota. Os profetas reiteradamente usam a mesma imagem para o conceito da ira de Deus (ver Is 51.17–23; Jr 25.27–29; 49.12; Hc 2.15,16).

4. *Cântico Final de Ação de Graças (vs. 9,10)*

O cântico de louvor que começou o salmo é reiterado no final, ainda que agora ele não seja comunitário ("nós"), mas pessoal ("eu"). Em contraste com os opressores arrogantes, o salmista cantará continuamente louvores a seu Deus. É surpreendente o número de vezes, no Saltério, que Deus é chamado "o Deus de Jacó" (20.1; 24.6; 46.7; 76.6; 81.1,4; 84.8; 94.7; 114.7; 132.2,5; 146.5). Isto ou lembra a relação especial entre Deus e Jacó, ou ainda lembra que ele continua sendo o Deus dos descendentes de Jacó. O salmista pensa em si como participante da execução do juízo divino sobre os perversos, porém sabe que ao mesmo tempo os justos se destinam a ser exaltados. Para nós, hoje, permanece o princípio válido de que "todos quantos se exaltam serão humilhados" (Mt 23.12).

SALMO 76

Para o diretor de música. Com instrumentos de cordas. Salmo de Asafe. Cântico.

Os Salmos 75 e 76 se enfeixam como uma unidade, pois enquanto o Salmo 75 olha para a vinda do juízo divino, este salmo se regozija no fato de que ele já veio. A ocasião factual não é mencionada no salmo. Entretanto, a Septuaginta adiciona ao título: "concernente aos assírios", pressupondo a derrota de Senaqueribe e suas forças como registrado em 2 Reis 19 e Isaías 37. É possível que os versículos 6,7 e 11,12 se relacionem com esta vitória inusitada, porém nada permite identificação definida.

1. *Deus e Seu Povo (vs. 1–3)*

Deus e seu povo estão ligados de uma forma especial. Ele se tem revelado entre seu próprio povo (*vs. 1,2*). "Judá" e "Israel" são usados em paralelo para descrever a nação como um todo. Além do mais, a arca da aliança foi acolhida em Salém (abreviação de "Jerusalém"), de modo que Sião, onde se situava o templo, pode ser considerada como o lugar de habitação de Deus. O uso de "Salém" pode ser deliberado a fim de realçar seu significado de "paz" (cf. "Shalom"). Foi em Jerusalém (*v. 3*) que o Senhor trouxe paz a seu povo, destruindo as armas de guerra que outrora eram usadas contra eles. "Ali", em Jerusalém, onde seu nome é grande, ele exibiu seu poder vencendo seus agressores.

2. *Deus Vitorioso (vs. 4–10)*

Os *versículos 4–6* certamente correspondem à idéia de que a vitória era sobre os assírios. Sobre os montes onde os assírios planejaram fazer de Jerusalém sua presa, ali se tornaram sua própria presa. Deus se manifestou em sua glória, e ali destruiu os agressores (cf. 2Rs 19.35). A relação com esse evento é corroborada pelo fato de que Deus fizera uma promessa concernente a Assíria: "Esmagarei os assírios em minha terra; sobre meus montes os pisotearei" (Is 14.25). A referência a "o Deus de Jacó" liga este salmo com o anterior (ver Sl 75.9). Diante do Senhor, seu povo deve viver em temor (*v. 7*, cf. Is 8.13). O poder humano se desvanece e se torna insignificante diante de sua presença.

A vitória é vista como um juízo celestial que faz a terra silenciar-se (*vs. 8,9*). De um lado, a ação de Deus é juízo, enquanto do outro é salvação. Esse juízo redentor atinge sua maior expressão na cruz do Calvário, onde o juízo de Deus e sua misericórdia se encontram. O *versículo 10* é bem condensado no texto hebraico, e várias formas de compreensão são possíveis. É provável que uma tradução expressamente literal seja o ideal: *seguramente, a ira do homem produz teu louvor, e tu te cinges com o restante da ira*. Isto significa que no final a ira humana contra Deus produz o louvor de Deus. Mesmo a explosão final dessa ira servirá de vestes e ornamentos para a glória de Deus.

3. *Um Ato Final de Culto (vs. 11,12)*

Em vista da intervenção divina em favor de seu povo, Israel e as nações adjacentes são convocados a prestar-lhe homenagem. A expressão "trazer presentes" é usada em outros lugares para render-se homenagem ao Senhor no tempo de juízo, e a fazer isso no templo em Jerusalém (Sl 68.29; Is 18.7). O que aconteceu a Israel foi inevitavelmente notado pelas nações adjacentes (Dt 4.6–8), e depois que Deus livrou a Ezequias muitos trouxeram presentes a Jerusalém (2Cr 32.20–23).

SALMO 77

Para o diretor de música. Para Jedutum. De Asafe. Salmo.

Este salmo consiste do sincero clamor de um indivíduo a Deus, ainda que não haja nada no contexto que o associe a algum incidente ou data

específica. O que é notável é a mudança de tonalidade quando o escritor lembra os poderosos feitos de Deus, especialmente aqueles relacionados com a redenção de seu povo do Egito. Os problemas pessoais do poeta retrocedem aos antecedentes quando ele se recorda desta grande redenção.

1. *Apelo na Angústia (vs. 1–3)*

A urgência de seu pedido se revela pela repetição de seu apelo (*v. 1*). Literalmente, é simplesmente "minha voz a Deus … minha voz a Deus". Em vez de tornar-se preocupado com seus próprios sentimentos, o salmista volta a atenção para a verdadeira fonte de auxílio. Justamente como a profundidade de sua angústia viria a lume mais adiante no salmo (ver especialmente *vs. 7–9*).

"Buscar o SENHOR" (*v. 2*) é uma expressão comum no Antigo Testamento. Amiúde significa "buscar com cuidado", e o fim em vista é granjear conhecimento ou percepção de um problema particular. Em angústia o salmista orou com mãos estendidas, numa forma tipicamente oriental, e não encontrou nenhum socorro nos consoladores humanos. Ele medita nas ações passadas de Deus. Evidentemente, isto forma a base de seu conforto que se torna mais forte à medida que o salmo avança. Embora sentisse pungentemente sua presente posição, esta meditação lhe constituía o princípio de encorajamento, enquanto lhe dava uma nova esperança.

2. *Memória das Misericórdias de Deus (vs. 4–9)*

De noite, quando não podia dormir, a perplexidade do salmista era tão intensa, que não conseguia pronunciar sequer uma palavra; tudo o que podia fazer era deixar que os pensamentos e memórias de tempos passados inundassem sua mente (*vs. 4,5*). A mesma palavra "pensamento" ocorre quando Malaquias enaltecia os que temiam o Senhor e "meditavam" em seu nome (Ml 3.16). No passado, o salmista entoava cânticos durante a noite, o que o ajudava dormir; contudo, no momento presente, isto já não acontece (*vs. 6–9*). Ao contrário, sua mente está saturada de indagações sobre o presente modo de Deus tratar seu povo.- Em tonalidade, as muitas perguntas que ele formula se assemelham àquelas do Salmo 85.5,6. É notável que ele olha para além de sua angústia pessoal, e pranteia pela comunidade como um todo ("O SENHOR nos rejeitará?"). Ele pergunta por

que a graça perdoadora de Deus não se revela ao povo, nem seu amor pactual (“amor infalível”) é mantido para com eles. Se Deus é fiel à sua palavra (“promessa”, v. 8; cf. a declaração que o próprio Deus faz de sua natureza em Êx 34.6,7), então por que ele não exibe novamente sua misericórdia e graça?

3. *Lembrança das Misericórdias de Deus (vs. 10–12)*

Essas indagações que acabam de ser feitas, todas demandam a resposta: “Não!”. Em meio à sua insônia, de repente ele recorda que a história pregressa de Israel lhe forneceria as respostas às suas presentes perplexidades (*v. 10*). Em particular, o uso do título “Altíssimo” lembra o uso deste título que Abraão usou para Deus (Gn 14.22) depois de notável vitória. O salmista encontra ânimo em meio aos poderosos atos de Deus em prol de seu povo nos tempos de outrora (*vs. 11,12*). Esses atos maravilhosos de Deus foram coisas que somente ele poderia realizar (ver sobre Sl 71.17; 72.18). Sinônimos diferentes (NIV “feitos”, “milagres”, “obras”; o hebraico também usa um quarto sinônimo, “feitos poderosos”) são usados para descrever as ações divinas e retratam a variedade de formas nas quais ele agia para com e por amor de seu povo. Meditação sobre as ações de Deus em prol de seu povo (na história bíblica e desde então) deve ser sempre um encorajamento para a comunidade crente.

4. *Confiança nos Grandes Feitos Redentores (vs. 13–20)*

A contemplação dos feitos pregressos de Deus produz esta declaração da santa natureza de suas ações: “Teus caminhos, ó Deus, são santos. Que deus é tão grande como o nosso Deus? Tu és o Deus que realiza milagres; tu exibes teu poder entre os povos” (*vs. 13,14*). A pergunta: “Que deus é tão grande como o nosso Deus?” lembra as afirmações com o mesmo propósito em Êxodo 15.11, Deuteronômio 7.21 e 10.17, e Salmo 95.3. Os prodígios divinos são uma demonstração tanto de seu poder quanto de seu amor (ver Sl 31.21, Deus realiza “maravilhas de amor”). Destinavam-se não só a seu próprio povo, mas também como uma demonstração entre as nações adjacentes. Mesmo os gentios teriam que dizer: “O SENHOR tem feito grandes coisas por eles” (Sl 126.2b).

O “braço” de Deus é um modo de descrever seu poder (*v. 15*). Ocorre freqüentemente em Deuteronômio, ou sozinho, ou em associação com a

palavra “mão”, como uma forma de expressar o poder de Deus em redimir seu povo do Egito. Embora o termo “José” só possa ser usado em referências às tribos do norte, contudo aqui ele é um sinônimo para “Israel”, a nação como um todo (como em Ob 18).

O salmista expressa em linguagem poética o que aconteceu quando Deus interveio para fazer seu povo atravessar o Mar Vermelho (*v. 16*). Freqüentemente, no Antigo Testamento descrições intensificadas semelhantes são dadas na poesia dos eventos do êxodo (cf. Êx 15.8; Sl 114.3–5). Aqui, as águas não só estão tumultuadas, mas estão com dores de parto.

Não se faz menção no Livro do Êxodo de uma tempestade ou de um terremoto no momento de os filhos de Israel atravessarem o Mar Vermelho (*vs. 17,18*). Quando Deus exibiu sua glória e majestade naquele momento, ele exibia seu controle sobre a criação, de modo que as faíscas dos relâmpagos eram como se fossem flechas em suas mãos. Para os cananeus, Baal era o deus da tempestade, mas os israelitas sabiam que seu Redentor era o Deus de grande poder e prodígios. Não surpreende que, quando ele veio como Redentor, o Senhor Jesus exibiu seu controle de toda a criação (Mc 4.35–41).

Deus guiou os filhos de Israel por meio de uma coluna de nuvem durante o dia e uma coluna de fogo durante a noite (*vs. 19,20*, Êx 13.21,22). Não viam a Deus mesmo, assim como Moisés não o via quando ele lhe revelava sua glória (Êx 33.18–34.9). Daí, em termos poéticos, “não se podia ver os rastros” de Deus. Deus era o grande pastor que guiava seu próprio rebanho (cf. Sl 78.52; 80.1), usando Moisés e Arão como os grandes líderes. Isaías 63.11–14 também descreve o papel de Moisés como o pastor que conduzia o rebanho de Deus para fora do Egito. O salmo parece chegar a um término abrupto, mas as implicações da história pregressa devem permanecer claras. O Deus que salvou a seu povo de uma forma tão maravilhosa poderia agir assim novamente.

SALMO 78

Um maskil de Asafe.

Embora a abertura deste salmo lembre os salmos sapienciais (49 e 73) e também tenha fortes afinidades em estilo com os capítulos iniciais do Livro de Provérbios, seu propósito primordial é realmente apresentar um

recital dos grandes eventos históricos na história de Israel. Em particular, ele se concentra em eventos que confirmam as atividades pactuais de Deus com seu povo, e ao fazer assim ele age como um apelo à fidelidade por parte de seus leitores e ouvintes em gerações futuras. Enquanto outros povos do Oriente Próximo louvavam seus líderes humanos, Israel louvava o Deus que fizera tantas coisas maravilhosas pelos seus. A menção de Davi (*vs. 70–72*) liga este salmo ao anterior, o qual terminou com referência a Moisés e Arão, os primeiros líderes do povo de Deus. O uso do termo "Efraim" tem por finalidade designar "Israel" como a tribo dominante do reino do norte. Oséias e Isaías, respectivamente, fazem o mesmo, e é bem provável que este salmo se originasse no mesmo período do ministério destes profetas.

O padrão do salmo é bem simétrico. Tem uma introdução que apresenta o propósito do salmo. Então segue a parte principal do salmo (*vs. 17–64*), flanqueado no início e termina com a estrofe que realça o pecado de Efraim (*vs. 9–16*), e a última (*vs. 65–72*) que focaliza a salvação efetuada por Deus e sua escolha de Davi e Jerusalém. É possível demonstrar o padrão global da seguinte maneira:

1. Apelo introdutório a passar adiante este ensino (*vs. 1–8*)
2. Acusações contra Efraim (*vs. 9–16*)
3. Primeiro Ciclo (*vs. 17–39*)
    3.1. Recordação das experiências no deserto (*vs. 17–31*)
    3.2. Juízo e misericórdia (*vs. 32–39*)
4. Segundo Ciclo (*vs. 40–64*)
    4.1. Recordação das experiências no deserto (*vs. 40–55*)
    4.2. Juízo e misericórdia (*vs. 56–64*)
5. Promessas a Judá e Jerusalém (*vs. 65–72*)

Apelo introdutório – ouçam (1–8)

Contra Efraim (9–16)				Promessas a Judá (65–72)
	Experiências no deserto (17–31)	Juízo e misericórdia (32–39)	Experiências no deserto (40–55)	Juízo e misericórdia (56–64)

1. *Apelo Introdutório a Passar Adiante este Ensino (vs. 1–8)*

Uma das grandes responsabilidades dos pais e anciãos em Israel era passar adiante o conhecimento do Senhor às gerações sucessivas (ver Dt 6.4–9; 11.18–21; 29.29). As mesmas responsabilidades continuam para os cristãos com respeito tanto aos filhos (Ef 6.4) quanto aos adultos (1Tm 4.11–14; Tt 2.1–15). O texto hebraico põe a ênfase no aspecto da audição: "Dê ouvido, ó meu povo, ao meu ensino; incline seus ouvidos às palavras de minha boca" (*v. 1*). A fé vem do ouvir a mensagem, e a mensagem é ouvida através da palavra de Cristo (Rm 10.17).

A palavra hebraica traduzida aqui por "parábolas" (*v. 2*) tem uma conotação um pouco diferente de nossa palavra "parábola". É usada muito mais extensivamente do que meros ditos breves da verdade em geral. Às vezes aparece ou como uma passagem didática mais longa (ver Pv 1.8–19), ou como aqui, quando as ações de um indivíduo ou um grupo se tornam exemplo público a outros. O leitor ou ouvinte tem de vir a juízo por si mesmo ou em sua situação, um princípio que chega à sua mais plena expressão nas parábolas de Jesus. A palavra para "coisas ocultas" parece

ter um significado semelhante aqui. As lições da história de Israel, que têm sido transmitidas de geração a geração, têm de ser transmitidas aos filhos e netos.

Estas lições objetivas da história não devem ser secretas, mas, antes, reveladas! (*v. 4*). A história pactual era um registro do que Deus fizera em prol de seu povo, e o poder e maravilhosos feitos que ele demonstrara eram coisas que requeriam louvor e adoração. A palavra "ocultas" comunica a idéia de recusa em fazer algo desconhecido. A verdade sobre o passado tinha de ser contada a gerações sucessivas.

As exigências básicas de Deus, expressas nas responsabilidades pactuais, tinham que ser ensinadas geração após geração (Êx 10.2; 12.26,27; Dt 6.6–9,20–22; 11.19–21). O processo de educar gerações posteriores foi especificado pelo Senhor (*vs. 5,6*). A lacuna entre as gerações tinha de ser preenchida pela instrução, de modo que houvesse continuidade na transmissão dos estatutos e leis do Senhor.

Essa transmissão se destinava a ser algo mais do que apenas conhecimento do passado (*vs. 7,8*). Tinha de levar cada geração à confiança pessoal em Deus, de modo que o coração o reverenciasse e o obedecesse. Em particular, isto evitaria o problema que surge com a geração no deserto, a qual amiúde é caracterizada, como aqui, como sendo contumaz e rebelde (Dt 9.6,7,13,24; 31.27; 32.20). Existe o constante risco de o conhecimento de um tópico da histórica bíblica substituir a sincera relação com Deus, e a obediência que emana do amor a ele.

2. *Acusações contra Efraim (vs. 9–16)*

A parte central do salmo começa com uma referência ao reino do norte de Israel, aqui chamado Efraim em decorrência de sua tribo mais dominante. A parte final do salmo focaliza, por meio de contraste, o reino do sul de Judá, pois Deus "não escolhera a tribo de Efraim; mas escolhera a tribo de Judá, o Monte Sião, ao qual ele amou" (*vs. 67,68*).

Não há registro de menção específica da tribo de Efraim sendo acovardada em batalha (*vs. 9,10*). A referência parece antes ser a de uma deslealdade, de caráter geral, a Deus e aos requerimentos de sua aliança. Desde seu próprio início em aproximadamente 931 a.C, o reino do norte foi marcado pela rejeição das obrigações pactuais, e as alterações que Jeroboão teve a liberdade de fazer nos padrões do culto eram evidência disto (1Rs 12.25–33). Por fim, o reino do norte caiu (em 720 a.C.) pelo

fato de seu povo haver rejeitado "os decretos e a aliança que Deus fizera com seus pais e as advertências que lhes fizera" (2Rs 17.15).

Antes mesmo que Israel entrasse em Canaã, Deus advertira sobre os perigos do esquecimento (ver especialmente Dt 8) e indicara as maldições pactuais que viriam sobre um povo desobediente (Lv 26.14–35; Dt 28.15–68). O salmista recorda os eventos que deveriam ter lembrado Efraim da graça e do poder de Deus, e essas memórias teriam ajudado a mantê-los fiéis ao Senhor (*vs. 11,12*). Ele começa com a demonstração do poder divino exibido nos milagres que ocorreram no Egito, mencionando especialmente Zoam, uma cidade ao nordeste do delta do Nilo. Mais adiante se darão detalhes mais completos das várias pragas (ver *vs. 44–51*).

Houve milagres adicionais enquanto Israel era retirado do Egito, e fornece-se um sumário do modo miraculoso como Deus conduziu seu povo através do Mar Vermelho (*vs. 13,14*). Proveu-se constante orientação pela nuvem e pelo fogo (Êx 13.21,22), de modo que Israel nunca ficasse sem diretriz e proteção do Senhor. Um milagre impressionante foi a provisão de água de uma rocha (*vs. 15,16*, ver Êx 17.1–8). Além dessa passagem, outros poetas e profetas celebram a mesma provisão que Deus fizera para seu povo (ver Sl 105.41; 114.8; Is 48.21).

3. *Primeiro Ciclo: As Experiências no Deserto (1) (vs. 17–31)*

A menção da provisão de água evidentemente trouxe à memória do poeta o modo como Israel se rebelou contra o Senhor, e sem dúvida esperava que seus leitores tivessem em mente os mesmos episódios (*vs. 17–20*). Nota-se que mesmo o Israel redimido revelou um espírito de constante murmuração contra o Senhor e sua provisão para eles. "Rebelaram-se" contra seu Deus, o Deus majestoso e exaltado (cf. o uso do termo "o Altíssimo" em outros salmos, tais como 18.13; 73.11; 77.10; 83.18). O contraste entre a graciosa provisão divina e o comportamento pecaminoso de Israel é amiúde exibido neste salmo pelo uso de "ele" e "eles". "Rebelar-se" contra Deus é um termo técnico, usado quase exclusivamente para a atitude de Israel contra Deus (quarenta das quarenta e cinco vezes no Antigo Testamento). É usado particularmente para o que aconteceu no deserto, e ocorre quatro vezes neste salmo (*vs. 8,17,40,56*). Às vezes a rebelião constituía meramente queixa oral (como em Massá), mas aqui e em outras vezes o povo estava desafiando a Deus a prover

alimento especial para satisfazer seus gostos gastronômicos. É como se o salmista estivesse combinando os dois incidentes de Êxodo 16.2,3 e Números 11.4–6.

A resposta de Deus era a de furor contra seu povo (*vs. 21,22*), e alguns deles morreram por causa do fogo que enviou em Taberá (Nm 11.1–3). Como resultado da intercessão de Moisés, o resto do povo era poupado. A referência a não crer em Deus parece ser um eco de Êxodo 14.31 ("o povo temeu ao SENHOR e depositou sua confiança [lit. "creu"] nele e em Moisés seu servo"). No início de suas peregrinações pelo deserto, eles criam no Senhor, mas logo depois adotaram a posição oposta de desconfiança tanto nele quanto em seu poder salvífico.

A despeito da incredulidade do povo, Deus sempre lhes provia (*vs. 23–25*), enviando o maná como se estivesse sendo derramado das comportas do céu (para esta expressão, cf. Gn 7.11; 2Rs 7.2; Ml 3.10). Em outros lugares, o maná é denominado "pão do céu" (Êx 16.4; Sl 105.40; Jo 6.31,32), enquanto Paulo o chama "alimento espiritual" (1Co 10.3). O fato de ser ele uma provisão divina é enfatizado por ser chamado "o pão dos anjos", e a provisão era tão liberal que sua fome era completamente saciada.

O relato em Números da dádiva das codornizes como uma fonte de suprimento alimentar não especifica as direções do vento como aqui (*vs. 26,27*). Simplesmente diz que o vento do Senhor as trouxe do mar (Nm 11.31). Se as codornizes estavam em processo de migração nesse tempo, então o vento sul as teria trazido pelo vento norte, e o vento leste as teria feito cruzar o local onde Israel estava acampado (*vs. 28,29*), dentro do acampamento (Êx 16.13) e ao redor dele (Nm 11.31). O que cobiçaram receberam em abundância, sim, a ponto de vomitá-lo. O uso da palavra "desejaram" (heb. *ta'avah*) é uma alusão ao lugar chamado Quibrote Hataavá, "sepulturas da gula" (Nm 11.34).

O salmista volta ao tema da ira de Deus (ver *v. 21*) e mostra como essa ira se manifestou (*vs. 30,31*). Enquanto estavam ainda ansiosos pela provisão divina (heb. "não tinham ainda satisfeito seu desejo") e o tinham ainda em suas bocas, Deus feriu os mais fortes dentre os jovens, de modo que "seus corpos foram espalhados sobre o deserto" (1Co 10.5). Este versículo evidentemente depende de Números 11.33.

3. *Primeiro Ciclo: Juízo e Misericórdia (1) (vs. 32–39)*

A experiência de Deus tanto na provisão graciosa quanto na demonstração da ira não transformou os israelitas. O poeta sumaria os atos reiterados de Deus no tratamento de seu povo, quando lhes exibia sua bondade e sua severidade, respectivamente. Em cada geração, o filho crente de Deus pode fazer uma retrospectiva da vida e dizer:

Com misericórdia e com juízo
    Minha rede do tempo ele tece,
E sempre os orvalhos da dor
    Foram iluminados por seu amor;
Bendirei a mão que guiava,
    Bendirei o coração que planejava,
Quando entronizado onde a glória habita
    Na terra de Emanuel.

(Anne Ross Cousin, 1824–1906)

Nos *versículos 32 e 33*, é bem provável que o que está em vista seja principalmente a rebelião do povo depois do regresso dos espias (cf. *v. 32b* com Nm 14.11). Pronunciou-se juízo contra todos os homens de vinte anos de idade para cima, os quais murmuraram contra o Senhor (Nm 14.26–38). Os que haviam divulgado a notícia difamatória sobre a terra de Canaã morreram de uma praga (*v. 37*), assim terminando seus dias em futilidade e terror (termos descritivos da brevidade e incerteza da vida).

O ciclo de eventos sumariados nos *versículos 34 e 35* era típico do período dos juízes em particular (ver a descrição mais completa do período em Jz 2.6–23). O juízo divino sobre o povo causou neles a compreensão da necessidade que tinham da misericórdia, e assim o buscaram em sua aflição. O esquecimento temporário foi substituído pela memória do fato de que Deus era tanto seu Refúgio quanto seu Redentor. Chamar Deus "sua Rocha" lembra um antigo título para o Deus de Israel (cf. Dt 32.4,15,18,31).

Os *versículos 36 e 37* sugerem que o povo era enganoso, fazendo promessas que não tinham a intenção de cumprir, ou ainda que prometem o que eram incapazes de cumprir. Sua conversão a Deus não provinha do coração, porém não passava de uma mera expressão dos lábios (cf. 28.13; Jr 12.2). Infidelidade aos compromissos pactuais era sua marca registrada, um ponto que já foi frisado no salmo (ver *v. 10*).

A despeito da repetição de todos os pecados de Israel, contudo Deus ainda exibia seu caráter de Deus compassivo (*vs. 38,39*; cf. Êx 34.6; Dt 4.31; Nm 14.18). Ele fez expiação por seus pecados por meio da provisão de um substituto. Daí, ele não os destruiu totalmente, refreando seu furor para que o povo não fosse exposto à plena demonstração de sua ira. Ele bem conhecia a fragilidade de seu povo, e sua compreensão da fraqueza deles despertou sua compaixão por eles. O pensamento do *versículo 39* se desenvolve mais plenamente no Salmo 103.14–16.

4. *Segundo Ciclo: As Experiências no Deserto (2) (vs. 40–55)*

A rebelião contra seu o Deus pactual não era um mero incidente isolado, mas algo repetido vezes e mais vezes (*vs. 40,41*). (Para a expressão técnica "rebelar", ver o comentário sobre o v. 17.) Isaías usa a mesma linguagem de Israel se rebelando e entristecendo o Espírito Santo (Is 63.10). A despeito de uma clara instrução de não pôr Deus à prova como em Massá (Dt 6.16), Israel age assim, e isso é enfatizado neste cântico histórico pela menção dele três vezes (*vs. 18,41,56*). A palavra hebraica para "irritaram" ocorre somente aqui no Antigo Testamento, mas não há dúvida quanto ao seu significado no contexto.

Às vezes Israel podia lembrar-se do Senhor (ver *v. 35*), mas em outras vezes o povo se esquecia completamente de seu grande amor e poder que lhes eram demonstrados (*vs. 42,43*). Pode haver a sugestão de que tal esquecimento fosse uma negligência deliberada do Senhor. Ele prometera estender sua mão contra o Egito (Êx 3.20); e fez isso, contudo Israel esqueceu "seu poder" (heb. "sua mão"). O Redentor de Israel mostrara seus "sinais" (cf. Êx 4.9,28,30) e "prodígios" (cf. Dt 29.3; 34.11), e mesmo essas demonstrações miraculosas não eram lembradas.

Mencionam-se aqui várias dentre as pragas, ainda que não na ordem cronológica (*vs. 44–51*).

primeira praga:	rio de sangue (*v. 44*)
quarta praga:	moscas (*v. 45a*)
segunda praga:	rãs (*v. 45b*)
oitava praga:	gafanhotos (*v. 46*)
sétima praga:	saraiva e relâmpago (*v. 47*)
quinta praga:	morte dos animais (*v. 48*)
décima praga:	morte dos primogênitos (*vs. 50,51*)

Essas pragas se destinavam a convencer Faraó e seu povo a deixarem os israelitas partirem. Culminaram na praga final, a morte do primogênito, e é esse juízo final que recebe a ênfase aqui (*vs. 49–51*). Usam-se quatro termos para descrever a atitude de Deus em relação aos egípcios ("furor ardente", "ira", "indignação", "hostilidade"), e se assemelham a uma miríade de anjos trazendo calamidades. O furor de Deus não foi contido, e resultou na morte do primogênito dos egípcios. Em outras partes nos Salmos, o Egito é chamado "a terra de Cam" (Sl 105.23,27; 106.22); e "as tendas de Cam", que ocorre no versículo 51, parece ser idêntico em significado, ainda que esta seja sua única ocorrência no Antigo Testamento.

Ao descrever o êxodo do Egito (*vs. 52,53*), o poeta usa um dos termos que são freqüentemente usados no Livro do Êxodo para as peregrinações de Israel ("saiu", Êx 15.22). Ele retrata Israel como um rebanho de ovelhas ou cabritos (o termo hebraico se refere a animais pequenos) sendo conduzidos e cuidados por Deus. A mesma imagem é também encontrada nos Salmos 74.1 e 80.1. Enquanto os egípcios eram tomados de pânico, Israel não tinha razão para temer, porque o poder salvífico de Deus se exibia em seu livramento (Êx 14.13). O juízo se manifestou na perseguição egípcia e no mar que os cobriu (NIV "engolfou", a mesma palavra de Êx 15.10).

Alguns comentaristas têm tomado a referência ao território, no versículo 54, como sendo ao monte santo, isto é, a Sião; mas a tradução da NIV faz excelente sentido. Deus trouxe Israel à fronteira oriental de Canaã, a terra de sua escolha e a terra separada para o uso de Israel, e daí "terra santa". Então a parte montanhosa ali foi tomada, e depois de entrar em Canaã as outras nações foram expulsas e as tribos tomaram posse de seu território (*v. 55*). A vitória era do Senhor ("as nações que eu conquistei", Js 23.4) e tomou posse delas como sua herança (Sl 105.11).

4. *Segundo Ciclo: Juízo e Misericórdia (2) (vs. 56–64)*

Uma vez mais adiciona-se o estribilho de pôr Deus à prova e se rebelar contra ele (*vs. 56,57*; cf. *vs. 8,17 e 40*). A posse da "terra santa" não mudou o caráter do povo, e não eram diferentes de seus antepassados. O Livro dos Juízes e os primeiros capítulos de 1 Samuel fornecem muitas ilustrações da deslealdade e infidelidade. A ilustração de um arco frágil que frustra o

usuário é também usada por Oséias sobre a instabilidade do reino do norte (Os 7.16).

Amiúde o povo afluía aos locais cananitas de sacrifício, ou mesmo construía novos altares locais sobre os outeiros. Estes resultavam na introdução de práticas pagãs em seus cultos, inclusive ídolos. Visto que estes desafiavam as reivindicações exclusivas de Deus, seu ciúme era provocado (*vs. 58,59*). Quando ouvia suas orações feitas a tais ídolos, ele se irava e os entregava nas mãos de seus inimigos. Este seria o significado de "rejeitou totalmente" neste versículo, visto que Deus jamais abandonava totalmente a seu povo, inclusive as dez tribos do norte.

O que Deus abandonou foi Siló (*vs. 60,61*), o lugar onde a arca estava alocada desde o tempo de Josué (Js 18.1) até que Siló fosse destruída pelos filisteus, aparentemente no tempo em que Deus lhes permitiu capturar a arca (1Sm 4.1–11; Jr 7.12). No Salmo 132.8, a arca é chamada "a arca de seu poder", enquanto aqui "poder" e "esplendor" são usados para descrevê-la. A arca era uma viva indicação da força e glória de Deus.

Quando a arca foi capturada, Israel foi deveras entregue à espada, perdendo 30.000 soldados (*vs. 62–64*, ver 1Sm 4.10). O fato de que o furor de Deus se dirigiu contra "seu povo", "sua herança", enfatiza quão gravemente ele foi provocado pelo pecado de Israel. Os jovens em particular foram mortos em batalha, e por isso muitas moças foram impossibilitadas de encontrar maridos. A referência a sacerdotes mortos provavelmente seja uma alusão ao que aconteceu aos filhos do sacerdote Eli, quando a arca foi levada (1Sm 4.11,17). De modo semelhante, a referência a viúvas é especialmente à esposa de Finéias que morreu ao dar à luz depois de ouvir que seu esposo e seu sogro haviam morrido (1Sm 4.19–22). Ao expirar, ela deu a seu filho o nome "Icabode" ("sem glória", ou "onde está a glória?")

5. *Promessas a Judá e a Jerusalém (vs. 65–72)*

A seção final do salmo contrabalança a primeira que trata de Efraim (*vs. 9–16*), mostrando como Deus escolhera Judá (não Efraim), Sião (não a Siló) e a Davi para cumprir seus propósitos. Em comparação com os períodos anteriores, o tempo de Davi constituiu uma maravilhosa manifestação da ação de Deus em favor de seu povo. Foi como se o guerreiro dormente acordasse e intervisse em seu favor (*v. 65*). É possível traduzir a segunda parte do versículo, "como um homem grita [ou, 'é

estimulado por’] vinho”, o que forneceria um melhor paralelo com “desperta” (ver RSV e NKJ).

Embora não haja detalhes sobre as vitórias referidas no *versículo 66*, o contexto sugere que a referência é àquelas de Davi, e possivelmente também àquelas de Samuel e Saul. Além disso, a palavra “inimigos” (lit. “opressores”) aponta para os filisteus como estando em mira, de modo que as vitórias seriam aquelas de 1 Samuel 5 em diante.

Nos *versículos 67–69*, o contraste é muito pronunciado: “ele não escolheu … mas escolheu.” A escolha divina não visou à tribo de Efraim (chamada aqui “as tendas de José”), mas à tribo de Judá. De modo semelhante, sua escolha não visava a Siló (cf. *v. 60*), mas ao Monte Sião. Foi para Sião que a arca da aliança foi trazida e ali o templo foi construído. Parecia tão seguro como a própria terra. A descrição dela como sendo “para sempre” deve ser entendida no sentido de durar até um futuro distante, não durar eternamente. Em decorrência dos pecados do povo, Sião seria capturada e o santuário destruído no tempo do exílio.

A narrativa histórica da designação de Davi chama a atenção para o fato de que ele estava apascentando as ovelhas quando o chamado lhe foi feito para que fosse o pastor de Israel (1Sm 16.11–13). Quando os anciãos das tribos do norte vieram a Hebrom ungir a Davi rei sobre Israel, se referiram às promessas que Deus lhe fizera: “Você pastoreará a meu povo Israel” (2Sm 5.2). Ele foi escolhido por Deus (*vs. 70–72*), e nesse sentido um homem segundo o próprio coração de Deus (1Sm 13.14). Embora o santuário em Jerusalém fosse importante, contudo o mais importante sinal da presença de Deus com Israel era Davi, o rei escolhido. Em geral, ele exerceu seu papel com retidão e conhecimento, exceto, em particular, para o incidente relativo a Bate-Seba e Urias. Davi, o pastor de Israel, tornou-se a esperança dos profetas veterotestamentários (Ez 34.23; 37.24; Mq 5.4), e em Jesus essa esperança se cumpriu (Mt 2.6; Ap 7.17).

SALMO 79

Salmo de Asafe.

O cenário deste salmo parece ser o período logo depois da queda de Jerusalém em 586 a.C., e daí ele partilhar de muitos temas com o Salmo 74. Os exilados, banidos da terra, viram tanta destruição efetuada pelos babilônios. Agora ponderam sobre isso e, particularmente, sobre o ódio

subjacente para com o Senhor e seu povo. O apelo é a Deus por perdão e livramento. Eles, como o rebanho de Deus (*v. 13*), desejam ser capazes de louvar ao Senhor para sempre.

1. *Um Lamento Nacional (vs. 1–4)*

Ainda que a destruição de suas cidades fosse por Moisés ameaçada muito antes (Dt 28.52), contudo, quando ela veio, o povo foi espalhado por ela (*v. 1*). Os invasores não pensaram que a terra fosse herança de Deus, nem que o templo fosse sagrado. Vieram contra Judá, destruíram o templo (cf. a descrição no Sl 74.4–7), e fizeram de Jerusalém um mero monturo de pedras. A despeito do que acontecera a Jerusalém, o salmista ainda sabe que Deus não se afastou completamente de seu povo. Em sua oração, ele os chama "teus servos", "teus santos" (*v. 2*). Os relatos históricos registram a perda maciça da vida no tempo da queda de Jerusalém (ver especialmente 2Cr 36.17). A referência aos corpos sendo deixados insepultos como alimento para as aves do ar pode muito bem ser um eco da descrição que Jeremias faz da morte dos que quebravam a aliança (*v. 3*, ver Jr 34.17–20). O *versículo 4* é quase idêntico ao Salmo 44.13. Em vez de cumprir uma função missionária junto às nações adjacentes, Israel veio a ser um alvo de riso. Lançam escárnio sobre ele, ridicularizando-o enquanto deixa insepultos seus habitantes e os demais são levados para o exílio (cf. Dn 9.16).

2. *Uma Oração por Perdão (vs. 5–8)*

A pergunta, "até quando?" (*v. 5*), marca o ponto de partida da oração, e também sugere confiança no Senhor. O salmista sabia que ele jamais os deixaria para sempre em sua presente angústia. O paralelo mais estreito é o Salmo 89.46. Deus era o esposo ciumento de Israel (Êx 20.5), e o salmista apela para que haja um fim para este período de ira.

A ameaça da maldição pactual contra o Israel infiel também envolvia voltar essa mesma maldição contra os inimigos perseguidores (Dt 30.7). Dos profetas, Jeremias e Ezequiel, respectivamente, falam do modo como Deus está para volver sua ira ciumenta contra as nações (cf. Jr 50.9–16; Ez 36.5–7). O salmista invoca a Deus para que ele honre seu compromisso (*vs. 6,7*), e usa palavras tomadas quase exatamente de Jeremias 10.25. A oração é um apelo para que a justiça de Deus se manifeste.

O salmista reconhece que foram “os pecados dos pais” que causaram o exílio (*v. 8*). Esta é uma referência aos pecados somente daqueles que viveram antes do exílio (2Rs 24.3 menciona particularmente os pecados de Manassés). Ele roga a Deus que mostre divina compaixão para com seu povo aflito, que não sustente contra eles mais que os pecados de uma geração anterior.

3. *Uma Oração por Auxílio (vs. 9–11)*

Embora “os pais” tenham pecado, da mesma forma que aqueles no exílio (*v. 9*). Daí o pedido por perdão, ainda que o apelo não seja em favor deles. A única base sobre a qual o salmista podia rogar era aquela que fosse para a honra de Deus e por amor de seu nome (cf. Dn 9.19). Ele sabia que a única fonte de livramento seria a que ele chama “nosso Salvador”.

Se Deus não intervisse, então o resultado seria que as nações pagãs fariam comentários desairosos contra o Deus de Israel (*vs. 10,11*). Em vez de lhe ser dada glória, seu nome seria um opróbrio. Embora o exílio fosse um juízo divino sobre Israel, contudo o salmista quer ver punidos os que efetuaram os massacres do povo. Os exilados são chamados “prisioneiros”, embora de fato não estivessem em prisões como tais. Foram compelidos a ficar em Babilônia, e qualquer tentativa de sua parte a voltar à pátria resultaria em morte.

4. *Um Voto de Louvor (vs. 12,13)*

Este apelo por juízo sobre os inimigos de Israel não provém de um senso de vingança pessoal. O salmista quer que se lhes faça pagamento em plena medida (simbolizado pelo uso do número sete) por causa do que fizeram *a Deus*. Eles o haviam injuriado, e se as nações vizinhas recebessem seu justo salário, então Israel, por sua vez, louvaria o nome do Senhor para sempre. A recuperação dos prisioneiros viria a ser um tópico a ser relembrado de geração a geração. O rebanho de Deus se regozijaria à memória do que seu pastor lhes fizera.

SALMO 80

Para o diretor de música. Para [a melodia de] “Os Lírios da Aliança”. De Asafe. Salmo.

A referência neste salmo pressupõe que ele procedeu do reino do norte de Israel, ou ainda que o autor viveu no reino de Judá, mas que nutria profundo interesse pelo norte. É possível que ele venha do tempo dos ataques feitos pela Assíria, os quais culminaram na queda de Samaria em 722 a.C. A versão da Septuaginta tem a adição das palavras "concernente aos assírios" no título, o que empresta algum endosso a esta sugestão. Ele vem de um tempo de hecatombes para a nação, quando invasores estrangeiros pisotearam o país. Faz-se apelo com base nos socorros divinos de outrora, e a certeza de que Israel é uma videira transplantada que ocupa a terra da designação divina.

1. *Apelo por Socorro (vs. 1–3)*

O título usado aqui para Deus – "Pastor de Israel" (*v. 1*) – retrocede a Gênesis 48.15, onde Jacó diz: "O Deus diante de quem meus pais Abraão e Isaque andaram, o Deus que foi o pastor de toda minha vida até este dia." "José" é usado como uma designação conveniente das dez tribos do norte que formaram a nação de Israel, com as tribos chamadas segundo os filhos de José (Efraim e Manassés) associadas com a tribo de Benjamim como uma expressão paralela no versículo 2. O apelo é ao Deus de poder que se assenta entronizado entre os querubins (cf. 1Sm 4.4; 2Sm 6.2; 2Rs 19.15). A idéia provavelmente seja mais do que simplesmente que Deus está entronizado acima do propiciatório. Ele está assentado em seu trono celestial. Ele pede que dali Deus venha e execute juízo e conduza seu povo como fazia outrora, restaurando-o à sua primeira posição (*v. 2*).

O *versículo 3* contém a primeira ocorrência do tríplice estribilho usado no salmo (ver também *vs. 7 e 19*). A oração é expressa em termos da bênção araônica (Nm 6.25). A face de Deus é retratada como estando oculta deles, e agora se requer o cumprimento da bênção. Se isso acontece, então serão libertados segundo seu pedido.

2. *Lamento sobre o Castigo (vs. 4–7)*

O salmista reconhece que as aflições que o povo está suportando foram causadas pela ira de Deus (*vs. 4,5*). O relato histórico da queda do reino do norte enfatiza este aspecto (2Rs 17.17,18). Lemos que a ira é contra as orações do povo por causa da aparente falta de resposta da parte de Deus aos clamores do povo. Suas orações eram sem resultado. Tribulação e

tristeza são retratadas como sendo seu alimento diário, de modo que suas lágrimas substituem o pão e a bebida.

Deus estava usando as nações adjacentes para trazer julgamento sobre seu próprio povo (*vs. 6,7*). Talvez a zombaria fosse na forma de uma pergunta: "Onde está o seu Deus?" (cf. o tema semelhante no Sl 42.3,10). Em sua situação de disputa, o povo repete a oração que já fora usada (ver *v. 3*). A única maneira de mudar sua condição era que Deus fizesse resplandecer seu favor sobre eles.

3. *Oração pela Videira Transplantada (vs. 8–15)*

O êxodo do Egito e a conquista de Canaã são descritos poeticamente em termos de uma videira sendo transplantada (*vs. 8–11*, cf. Gn 49.22; Is 5.1–7; Jr 2.21; Os 14.7, para o uso da imagem da vinha). Os *versículos 8 e 9* enfatizam que os eventos constituíam atos soberanos de Deus ("*tu* trouxeste … *tu* expulsaste … *tu* limpaste o solo"). Quando a videira foi plantada em Canaã, ela então se estabeleceu e cresceu de modo a cobrir o território que fora prometido a Abraão (Gn 15.18–21; 17.8; para descrições posteriores das fronteiras de Israel, ver Êx 23.31; Js 1.3,4; 1Rs 4.21,24). A videira cobriu Canaã. Abrangeu os montes [do Líbano] e o Mar [Mediterrâneo] ao ocidente. Ao norte/leste ela chegou até o Rio [Eufrates].

Continuando com a analogia da videira, o salmista fala do modo como as defesas de Israel foram quebradas a ponto de a terra ter sido devastada pelos invasores (*vs. 12,13*). O fruto da videira está sendo levado por outros que não têm direito sobre ele. O javali era um animal impuro (Dt 14.8) e destruidor, e por isso era adequado à descrição dos inimigos de Israel.

O apelo é pela visitação de Deus para remediar a situação (*vs. 14,15*). "Toma conta" traduz um verbo hebraico que significa "visitar". Essa visitação pode ou ser um juízo ou (como aqui) para comunicar um resultado benéfico (cf. Rt 1.6, "vir em auxílio de"; Jr 15.15, "vinga-me"). Embora "filho" seja um termo usado em outras partes para Israel (Êx 4.22,23; Os 11.1), contudo pode também ser usado para ramo, o que faz bom sentido aqui, especialmente em razão de ser usado em paralelo com "raiz". O salmista roga ao divino vinhateiro que venha e cuide de sua própria e preciosa planta que colocou no pomar de Canaã. Deus havia se insurgido para seus próprios propósitos e sua própria glória.

4. *Restaura-nos, ó SENHOR (vs. 16–19)*

O salmo termina com uma súplica adicional por restauração, juntamente com a certeza de compromisso renovado da parte do Senhor. O pedido é por juízo sobre os que têm devastado a vinha, e ao mesmo tempo provê auxílio para o povo aflito (*vs. 16,17*). A NIV interpreta o *versículo 16b* como sendo uma referência a Israel ("teu povo"), mas o texto hebraico não especifica o sujeito da repreensão. O versículo 16 pode ser traduzido: "Eles a queimaram (isto é, a vinha); está queimada a fogo. Que pereçam à tua repreensão." Este seria então um apelo a que os inimigos sejam destruídos, pois têm queimado a vinha a fogo. Ter a mão divina pairando sobre Israel seria um sinal de seu favor. A linguagem do versículo deixa claro que o "homem" e o "filho do homem" são referências à "raiz"/"filho" do versículo 15 (cf. também o uso da frase "que para ti fizeste crescer" em ambos os versículos).

Dá-se em favor do povo como um todo a garantia de que ele jamais se apartará de Deus novamente (*v. 18*), isto é, tornar-se apóstata e renunciar suas obrigações pactuais. O termo hebraico traduzido "invocaremos" (*qara'*) pode também significar proclamaremos (ver Êx 33.19; 34.6; Dt 32.3). Se Deus der a Israel uma vida renovada, então o povo proclamará seus atos soberanos e caráter gracioso.

Pela terceira vez, o estribilho entra em cena (*v. 19*), desta vez para concluir o salmo. O uso amplificado dos nomes divinos no estribilho parece ser deliberado, quando o salmo chega a seu clímax: "Deus" (*v. 3*); "Deus Todo-Poderoso" (*v. 4*); "SENHOR Deus Todo-Poderoso" (*v. 19*). As características de Deus como expressas em seus nomes são usadas como base para a resposta a esta oração.

SALMO 81

Para o diretor de música. Segundo o gittith. De Asafe.

Este salmo tem muito em comum com o Salmo 50, especialmente em virtude do tema pactual que o permeia. De modo semelhante, ele é um salmo de Asafe. Parece descrever uma cerimônia ritual em Israel que foi mantida por decreto divino (*vs. 4,5*), e que foi relacionada à aliança. É incerto que festival está em vista, mas o uso da expressão "no dia de nossa

festa" pressupõe uma dentre os festivais de peregrinação (Páscoa, Festa das Semanas ou dos Tabernáculos).

1. *Convocação ao Louvor (vs. 1,2)*

O apelo inicial é para que todo o povo cante um cântico jubiloso ao Senhor (*v. 1*). Os festivais se destinavam a ser ocasiões jubilosas, e assim o salmista convoca o povo a adorar o Senhor num espírito de gratidão. Os termos nos quais Deus é descrito são típicos para o Saltério. Deus era a força de seu povo (cf. Sl 18.1; 28.7), e ele era o Deus de Jacó (cf. Sl 20.1; 46.7,11; 132.2).

No tempo da instituição da Páscoa (Êx 12) não há menção de cantar. Entretanto, os instrumentos mencionados no *versículo 2* são também catalogados em referências posteriores ao culto no templo (ver 2Cr 5.12; 29.25). O acompanhamento musical da Páscoa nos dias de Ezequias e Josias era provavelmente a prática regular para boa parte do período do Antigo Testamento (2Cr 30.21,22; 35.15).

2. *Uma Festa Designada (vs. 3–5)*

A convocação à festa agora se dirige aos levitas, para que "Toquem a trombeta na lua nova, e no dia de lua cheia, dia de nossa festa; porque este é o decreto para Israel, uma ordenança do Deus de Jacó" (*vs. 3,4*). A palavra traduzida "lua nova" pode também significar "mês", e provavelmente seja melhor presumir que o salmista mencione primeiro o mês e então a parte específica dele, "quando a lua é cheia". A palavra "festa" (heb. *chag*, cf. árabe *haj*) é usada para as várias ocasiões festivas (ver Êx 23.15,16; 34.18–22; Dt 16.16; 2Cr 8.13), e especialmente para a Páscoa (Êx 12.14; Nm 28.17).

Faz-se então referência às origens históricas desta festa (*v. 5a*). A palavra traduzida "estatuto" ou "testemunho" é usada como sinônimo para "aliança" (cf. "as tábuas do testemunho", Êx 31.18; 32.15; 34.29). Se o sujeito de toda a sentença é "Deus", então a referência será às suas ações contra o Egito no tempo do êxodo. O sujeito da sentença deve ser tomado como sendo Israel, então a idéia é simplesmente que a Páscoa fora estabelecida quando Israel partiu do Egito (isto é possível, porém requer que se tome uma preposição hebraica, *'al*, num sentido não costumeiro).

As palavras que seguem, “ali ouvimos uma língua que não conhecíamos” (*v. 5b*) são difíceis. A NIV segue bastante as traduções inglesas que tomam os verbos como sendo plurais, e os fazem referir ao pretérito. Não obstante, os verbos em hebraico estão na primeira pessoa singular (“Eu ouço uma voz”, “Eu não conheço”), e é melhor que sejam tomados como se referindo ao tempo presente. É uma afirmação das maravilhas nas obras do Senhor que estão por vir, e assim forma uma transição entre os versículos iniciais e os versículos 6 e seguintes. O salmista diz: *Eu ouço [algo] diferente de qualquer língua de que estou familiarizado*.

3. *Palavra Divina de Livramento (vs. 6,7)*

A palavra divina focaliza antes de tudo o livramento real dos dias do êxodo. O que é mais interessante é o modo como o povo é abordado. Embora esta seja uma geração de Israel bem posterior, contudo ela é considerada como sendo parte da comunidade dos tempos do êxodo:

Vocês clamaram, e eu os livrei;
Do esconderijo do trovão eu lhes respondi;
eu os pus à prova nas águas de Meribá.

Isto está levando a bom termo o padrão que Moisés estabeleceu em Deuteronômio 5.2,3, onde identificou todos os seus ouvintes como sendo parte da comunidade pactual no tempo da instituição da aliança no Monte Sinai. Por isso, agora o povo está na mesma relação com Deus em que estiveram seus antepassados muito tempo atrás.

4. *O Decálogo Reafirmado (vs. 8–10)*

A palavra do Senhor que vem ao povo nesta ocasião festiva é um lembrete da relação pactual inicial estabelecida no Sinai. As palavras do Senhor a Israel em Deuteronômio 4.1 ecoam neste apelo para que o mesmo seja ouvido. Deus apresenta uma acusação contra seu povo e anseia a que lhe dêem atenção. A palavra que vem a Israel é expressa em termos da abertura dos Dez Mandamentos, dessa forma lembrando-lhes que é o Deus pactual de Israel que ainda está falando a seu povo pactual. O Senhor reafirma sua relação pessoal como o Deus Redentor do êxodo e aquele que reivindica de seu povo um culto exclusivo. O *versículo 9* é uma paráfrase

dos dois primeiros mandamentos. Nesta festa, o povo é convidado a abrir sua boca para que Deus a encha. Isto mostrará sua incapacidade de satisfazer suas necessidades pessoais, e conseqüentemente estão esperando que Deus lhes dê sua provisão.

5. *Um Povo Rebelde (vs. 11–16)*

A festa constitui também um momento para se acusar o povo como um todo por seus caminhos errados (*vs. 11,12*). O contraste entre o versículo 8 e o 11 é muito marcante. Israel foi convocado a ouvir ou a prestar cuidadosa atenção, mas agora vem o lembrete de que no passado Israel não quis dar atenção. Houve uma indisposição básica duradoura de render-se ao Senhor. Por sua vez, ele os entregou (palavra usada em outros lugares para deixar os cativos irem, ou entregando-os ao pecado) a seus próprios desejos obstinados. Este é sempre o mais sério dos juízos divinos contra seu povo (cf. Sl 78.29–31). Não obstante, a preocupação do Senhor ainda estava viva por eles.

Uma vez mais, o Senhor reitera seu forte apelo a que seu povo siga seus caminhos (*vs. 13–15*). No futuro ele anseia que eles sejam um povo obediente, andando em suas veredas. Se responderem positivamente, então ele promete desbaratar imediatamente os inimigos que os oprimem. Este desejo ardente de Deus é visto em sua máxima expressão nas palavras de Jesus concernentes a Jerusalém (Mt 23.37–39).

O versículo final põe diante deles o prospecto de rica bênção: "Mas eu sustentaria Israel com o melhor trigo, e com o mel da rocha eu o satisfaria." A promessa é feita em termos que ecoam Deuteronômio 32.13, e em linguagem que fala de provisão sobrenatural para suas necessidades. No Novo Testamento a promessa vai ainda além, e os crentes têm a certeza de que "Deus satisfará todas as nossas necessidades segundo suas gloriosas riquezas em Cristo Jesus" (Fp 4.19).

SALMO 82

Salmo de Asafe.

Deus sempre nutrira profundo interesse pela eqüidade em Israel, e com freqüência ministrava advertências concernentes à sua perversão nas mãos de governantes pecaminosos (ver Êx 22.22ss.; Dt 10.17,18; Sl 10.14,18;

Ml 3.5). O Salmo 82 é como outros salmos de Asafe nos quais está em vista o juízo sobre as nações (cf. Sl 75,81). Isto se aplica à forma do salmo, a representação de Deus como juiz e a introdução de Deus como o orador. Aqui "deuses" é um termo hebraico aplicado a líderes humanos, e o uso que Jesus faz da passagem endossa esta interpretação (Jo 10.34ss.). Isto é uma explicação muito mais satisfatória do que a tentativa de tomar a passagem como uma referência aos anjos.

1. *O Juiz dos Juízes (v. 1)*

A linguagem é a de tribunal. Deus assume seu posto de juiz (cf. Is 3.13,14a) na assembléia de seu povo. A palavra "assembléia" às vezes é usada para a congregação de Israel. Alternadamente, a "grande assembléia" poderia ser apenas uma reunião de oficiais juristas que são convocados perante Deus.

2. *O Caráter dos Juízes (vs. 2–4)*

A perversão da justiça não é algo novo (*v. 2*). A implicação da questão é que tal perversão foi praticada no passado, e até quando terá continuidade? Os juízes tinham a responsabilidade de velar para que os fracos e espezinhados fossem assistidos com a reta administração da justiça em favor deles (*vs. 3,4*). E assim os mais veneráveis na comunidade poderiam esperar a assistência da justiça (ver os comentários sobre Sl 10.14 e 68.5,6, e cf. Is 1.16,17). Justamente como Deus era aquele que resgatava e libertava, também os juízes são convocados a imitarem-no, livrando os necessitados do poder dos perversos.

3. *A Fragilidade dos Líderes Humanos (vs. 5–7)*

Deus dá uma descrição desses juízes humanos (*v. 5*). Faltam-lhes as mesmas qualidades que os fariam proeminentes em seu trabalho como magistrados. Como Salomão, deveriam ter pedido [a Deus] "um coração compreensivo" e a capacidade "para distinguir entre o certo e o errado" (1Rs 3.9). Em vez de andar na luz, eles mesmos estavam andando em trevas e ignorância. A conclusão do versículo sumaria as conseqüências de tudo isso – toda a ordem moral está corrompida até as raízes.

Nos *versículos 6 e 7*, Deus faz uma declaração enfática concernente aos magistrados. Estão exercendo um ofício no qual representam a Deus, e por

isso devem administrar suas leis. Daí poderem eles ser chamados “deuses” e “filhos do Altíssimo”. Em João 10.34 e seguintes, Jesus apela para este versículo, em seu debate com os judeus sobre sua acusação de blasfêmia lançada contra ele. O argumento de Jesus tem por base a variedade “quanto mais”. Se o salmo aplicou este termo “deus” a homens, quanto mais pode ser aplicado àquele a quem o Pai separou e enviou ao mundo (Jo 10.36)! O *versículo 7*, em hebraico, começa com uma palavra que aponta para o marcante contraste – “ao contrário!”. Embora sejam chamados “deuses”, os juízes são meros homens; e, como todos os demais magistrados, por fim morrerão.

4. *Apelo ao Grande Juiz (v. 8)*

A conclusão do salmo constitui um apelo do salmista a Deus mesmo, para que ele aja como o Juiz. Como nos demais salmos (ver 94.1–3; 96.1–6; 98.9), há um reconhecimento de que Deus é o supremo magistrado, e quando os magistrados humanos falham, a oração é que Deus libere depressa sua justiça a todos. A certeza no Novo Testamento é que Deus “estabeleceu um dia quando julgará o mundo com justiça pelo homem [o Senhor Jesus] a quem ele designou” (At 17.31). No último grande dia, todos comparecerão perante o tribunal de Cristo (2Co 5.10).

SALMO 83

Cântico. Salmo de Asafe.

Mesmo com as referências explícitas aos inimigos nos versículos 6–8, é difícil encontrar um acontecimento que combine exatamente com os detalhes dados neste salmo. A identificação mais próxima parece ser o ataque contra Judá durante o reinado de Josafá como se acha registrado em 2 Crônicas 20. As mesmas nações estão em vista, tendo como seus líderes os edomitas, moabitas e amonitas. De acordo com os versículos 4 e 12, a intenção dos inimigos era destruir Judá, o que se harmoniza com 2 Crônicas 20.11. Ao enfrentar a poderosa coalizão de exércitos, o salmista ora para que o Altíssimo uma vez mais demonstre seu poder salvífico.

1. *Clamor a Deus por Socorro (v. 1)*

No que diz respeito ao povo, seu maior perigo não está nos inimigos. Está no risco de Deus permanecer em silêncio como um mero observador nesse momento de perigo e angústia. Embora o apelo a Deus esteja expresso em termos negativos, contudo seu clamor é para que ele fale e aja oferecendo seu auxílio.

2. *Queixa Sobre os Inimigos (vs. 2–8)*

O salmista invoca a Deus para que ele note o que os inimigos estão fazendo (*vs. 2,3*). É possível que a expressão "erguer as cabeças" seja uma descrição mais de orgulho e ousadia do que a comunicação da idéia de prontidão para o ataque. O uso da palavra "astúcia" pressupõe que um acordo secreto foi alcançado pelos inimigos quando tramaram seu ataque. O salmista não os considera como inimigos de Judá, mas como inimigos de Deus. Além disso, ele não denomina Judá de "*meu* povo", mas de "*teu* povo", "os que *tu* acalentas". Sua oração é orientada pela diretriz divina de seu pensamento.

O plano dos inimigos é muito simples. Apenas querem que Israel seja completamente destruído como nação, de modo que em tempos futuros o povo nem sequer reconheça que Israel um dia existiu (*v. 4*). Seu alvo era a destruição do povo e a posse de seu território (ver *v. 12*).

Há unidade entre os inimigos (*vs. 5–8*), e confirmam isso fazendo um tratado de parceria (a mesma palavra hebraica, *berit*, é usada para tratado como é usada em outros lugares para aliança entre Deus e seu povo). O ataque vem dos quatro cantos. Primeiro mencionam-se as nações do sul e do leste (edomitas, ismaelitas, moabitas e os hagarenos). Então as do noroeste (Gebal), seguidas pelas do leste (amonitas e amalequitas), as do sudoeste (os filisteus) e então, novamente, as do noroeste (Tiro). Os hagarenos constituíam uma tribo que vivia ao leste de Gileade (1Cr 5.10). Gebal era com freqüência tomado como sendo o país montanhoso ao norte de Edom, porém é mais provável que a nota de rodapé da NIV, que o identifica com a moderna Biblos no Líbano, seja correta. Mesmo a remota Assíria, aparentemente apenas emergindo como o principal poder, tenha se unido à aliança, tendo ligações remotas de parentesco com Israel, os moabitas e amonitas, os descendentes de Ló (ver Gn 19.36–38).

3. *Oração pelo Juízo Divino Sobre os Inimigos (vs. 9–18)*

Quando ora pelo juízo divino sobre a coalizão das forças arregimentadas contra Israel, o salmista recorda as grandes vitórias de Deus no passado, especialmente no tempo dos juízes. Ele seleciona duas batalhas notáveis, a da vitória sobre os cananeus registrada em Juízes 4 e 5, e a vitória de Gideão sobre os midianitas em Juízes 7 a 8. O fato de que somente os reis inimigos são mencionados nominalmente, não os juízes, chama a atenção para o fato de que Deus era o libertador.

A oração é por uma vitória semelhante da parte do Senhor no futuro, como aquele em que Sísera e Jabim foram destruídos (*vs. 9,10*). Em Juízes 4 não há menção de En-Dor, contudo a localização se ajusta à menção do Monte Tabor, em Juízes 4, pois En-Dor estava situado no sopé do Monte Tabor.

Faz-se o mesmo apelo à poderosa vitória do Senhor sobre Midiã (Jz 7,8) em outros lugares do Antigo Testamento (Is 9.4; Hc 3.7). De acordo com Juízes 7.25, Orebe e Zeebe eram os comandantes do exército midianita, embora Zeba e Zalmuna fossem os reis. O alvo do ataque midianita era desapossar os israelitas e tomar a terra de Canaã. O salmista ora para que os presentes agressores sofram o mesmo destino que os líderes midianitas de outrora (*vs. 11,12*).

No *versículo 13*, o quadro de ervas arrancadas (assim chamadas por causa de sua forma arredondada) sendo levadas pelo vento. O pedido é que o guerreiro divino expulse esses inimigos da mesma maneira.

O pensamento do ardente Juízo divino se assemelhando a uma floresta em chama (*vs. 14,15*) se desenvolve ainda mais em Isaías 10.16–19. Aqui, o salmista associa a idéia de Deus trazendo tempestuosas nuvens de sua ira (ver também Sl 68.4). A palavra “tempestade” é usada em outros lugares no Antigo Testamento para uma manifestação visível do juízo divino. Ele persegue incansavelmente os inimigos e do meio da tempestade os terrifica.

O pedido no *versículo 16* é para que se exiba aos inimigos seu verdadeiro lugar e posição aos olhos de Deus. Isso não significa simplesmente degradá-los diante de Deus e dos homens. Ao contrário, a meta é que então venham buscar a Deus para si próprios. A vergonha e a desgraça que o salmista busca para os inimigos não é um sentimento íntimo, mas a posição e situação externas (*vs. 17,18*). O alvo deste tratamento judicial aos inimigos é que eles sejam levados a um reconhecimento da soberania de Deus sobre o mundo inteiro. Isso faz

paralelo com a súplica de Ezequias para que Deus salve Judá da mão de Senaqueribe: "… de modo que todos os reinos da terra saibam que unicamente tu, ó SENHOR, és Deus" (Is 37.20). Em meio ao apelo por juízo, o salmista está pensando nos inimigos como sendo constrangidos a "conhecer" a Deus justamente como ocorreu com seu povo. Ele deseja que a justiça divina seja exibida até o fim na conversão dos inimigos de Israel (e de Deus).

SALMO 84

Para o diretor de música. Segundo o gittith. Dos Filhos de Corá. Salmo.

O modo geral deste salmo se aproxima mais do anelo pela presença de Deus expresso nos Salmos 42 e 43. Não se pode determinar nenhuma data exata para ele, mas a referência ao rei no versículo 9 ("teu ungido") pressupõe uma data anterior ao exílio. Não há razão para associálo à vida de Davi. É bem provável que tenha sido usado pelos peregrinos que se dirigem a Jerusalém quando chegavam à entrada do templo. Ali deviam cantar sobre seu intenso desejo de estar na casa do Senhor, e sobre a bênção sobre aqueles que fazem ali sua habitação. Este salmo é o primeiro do segundo grupo de salmos que são atribuídos aos filhos de Corá (Sl 84,85,87,88).

1. *Aspiração pela Casa de Deus (vs. 1–4)*

A palavra "agradável" normalmente significa "amado", mas é provável que ambas as idéias estejam envolvidas: "Quão amada e agradável é a tua habitação!" O termo "habitação" comumente é usado para o Tabernáculo, mas aqui usa-se o plural (lit. "tuas habitações"). Neste salmo, usa-se uma variedade de outros termos para referir-se à habitação em pauta: "átrios do Senhor" (*v. 2*); "tua casa" (*v. 4*); "teus átrios" e "a casa de meu Deus" (*v. 10*). É melhor tomar as referências como sendo ao Templo (v. 1).

O salmista está espiritualmente faminto pela presença de Deus, de modo que seu intenso desejo o torna desnutrido e o consome. Todo o seu ser ("coração" e "carne") canta de júbilo ao Deus vivo (cf. o mesmo termo no Sl 42.2), que é também o poderoso Senhor dos Exércitos (*v. 2*).

O salmista inclusive inveja as pequenas aves que eram capazes de achar descanso junto ao altar (*v. 3*). Acharam para si um lar aconchegante no

santuário de Deus. Este é o lugar onde ele também deseja estar. A referência ao altar é seguida de um grupo de termos que descrevem o grande Deus cujo altar está ali, e o Deus com quem o salmista se encontra numa relação pessoal ("*meu* Rei", "*meu* Deus").

Os que espiritualmente fazem da presença de Deus sua habitação conhecem seu favor e bênção (*v. 4*). "Habitar" contém a idéia de permanência constante em algum lugar (cf. seu uso em Sl 15.1; 23.6; 61.4). Os que sabem o que significa habitar com Deus o louvam por todas as bênçãos que ele administra.

2. *Peregrinos Abençoados (vs. 5–7)*

Quão felizes são aqueles que têm descoberto que o Senhor é seu libertador, e que deseja partir em peregrinação rumo a Jerusalém! "Pôr seu coração em" literalmente equivale "em cujos corações estão [os] caminhos elevados", isto é, as veredas que conduzem a Sião. Os israelitas devotos estavam sempre pensando em subir para as ocasiões festivas (*v. 5*).

O quadro nos *versículos 6 e 7* é de uma jornada pelo deserto que se torna um lugar de mananciais (ou, como a nota de rodapé da NIV, "bênçãos"). "Baca" é desconhecido como localidade em Israel, de modo que só pode ser usado para denotar território seco e difícil (possivelmente signifique "plangente"). As experiências dos peregrinos lembram a provisão que Deus fez no deserto para seu povo enquanto caminha rumo a Canaã (ver Dt 8.1–20; Sl 78.15,16; 114.8). A despeito das dificuldades do caminho, os peregrinos descobrem que Deus satisfaz suas necessidades até que, com força crescente, cheguem ao seu destino.

3. *Oração pelo Rei (vs. 8,9)*

Não se fornece nenhum elo para a situação que evoque esta oração. Alguma tragédia golpeara o povo, e o salmista se dirige ao grande Deus que é capaz de livrar, justamente como ele livrou a Jacó na velhice. A expressão "Deus de Jacó" é comum nos Salmos (ver Sl 20.1; 24.6 [numa forma abreviada]; 46.7,11; 75.9; 76.6; 81.1).

Deus mesmo é o escudo de seu povo (ver *v. 11*), justamente como ele proclamou ser outrora a Abraão (Gn 15.1). A mesma expressão também se aplica ao rei que, como "o ungido" do Senhor, também é o "escudo" (heb. *magen*) ou protetor do povo. Em Cartago, na África do Norte, usava-

se uma palavra semítica relacionada para os generais (*magon*), traduzida para o latim como *imperador* (*líder, comandante*). O rei devia ser em relação ao povo o que Deus prometera concernente a si mesmo.

4. *A Fonte de Bênção (vs. 10,11)*

O salmista traça a fonte de bênção ao seu genuíno manancial (*v. 10*). Ele considera um dia passado na presença de Deus como melhor que *mil* em qualquer outro lugar. A segunda parte do versículo expande o pensamento e imprime variação na mesma idéia. A palavra "porteiro" pressupõe o pensamento muito forte de o mesmo ser um servo oficial no templo. A palavra hebraica ocorre somente aqui no Antigo Testamento, e meramente indica "permanecer no limiar". Ficar na própria orla do templo era muitíssimo melhor que qualquer habitação segura entre os perversos.

A palavra inicial ("porque") do *versículo 11* põe a ênfase no que segue ("*verdadeira*, o SENHOR Deus …"). Em parte alguma do Antigo Testamento Deus é chamado diretamente "sol". Tudo indica que é o mesmo que chamá-lo "luz" (Sl 27.1). Ele é tanto a fonte da felicidade quanto da alegria para seu povo, bem como ele é seu protetor ("escudo"). Além do mais, ele dá ricamente aos que são retos em sua vida a concessão da misericórdia salvífica (heb. "graça e glória"; NIV "favor").

5. *Bênção Final (v. 12)*

A bênção final do salmo (para outras, ver *vs. 4 e 5*) anuncia as boas-novas de que aquele que confia no Senhor será abençoado por ele. Uma expressão semelhante ocorre no Salmo 40.4. Com esta afirmação final, o salmo enfeixa todo seu conteúdo, e reforça o ponto de que a verdadeira bênção pertence tão-somente aos que se comprometeram em depositar a confiança no Senhor.

SALMO 85

Para o diretor de música. Dos Filhos de Corá. Salmo.

Neste lamento comunitário não há nenhuma indicação precisa da ocasião que o inspirou. A ausência de referências ao rei e ao templo pressupõe que ele procede do período pós-regresso do exílio. Se for assim, então a referência no versículo 12 poderia ser à seca que Deus trouxe sobre

seu povo no tempo de Ageu (Ag 1.5–11). As idéias-chave no salmo se revelam pela repetição das palavras que se relacionam com a relação pactual: *restituir/restaurar* (verbo hebraico *shuv* nos versículos 1,3,4,6,8); os termos pactuais *paz, amor infalível, fidelidade* e *justiça* (vs. 7. 8,10,11,13); *terra* (vs. 1. 9,11,12); *salvador/salvação* (vs. 4,7,9).

1. *Confissão de Fé (vs. 1–3)*

O salmista recorda a graciosidade de Deus para com seu povo e terra no passado (*vs. 1,2*). A expressão "restaurar a sorte" pode também ser traduzida "trazer de volta do cativeiro" (ver texto e notas da NIV em Jr 29.14 e Sl 126.1). Deus ouviu e respondeu as orações urgentes do povo no exílio, tipificado pelas súplicas entrecortadas de Daniel: "Ó SENHOR, ouve! Ó SENHOR, perdoa! Ó SENHOR, atende e age! Por amor de ti, ó meu Deus, não te delongues, porque a tua cidade e o teu povo trazem o teu Nome" (Dn 9.19). O salmista usa expressões comuns (cf. as quase idênticas no Sl 32.1) para descrever a realidade do perdão.

Deus deixara claro que estava irado com seu povo em decorrência de todos os seus pecados, e por isso ele os enviou ao exílio (ver 2Rs 17.18; 2Cr 36.16–21). Agora o salmista se rejubila ante o fato de que essa ira justa foi substituída pelo favor terno (*v. 3*). A prova do perdão de Deus foi visto no regresso do exílio, pois o pecado de Israel fora pago (Is 40.2).

2. *Clamor por Salvação (vs. 4–7)*

É a situação imediata que o salmista agora põe em foco. Visto que Deus fora misericordioso outrora, então ele busca uma nova demonstração da misericórdia divina para com o povo em sua atual necessidade (*v. 4*). O modo como a oração é expressa implica confissão de pecado quando o salmista suplica pela remoção da ira de Deus.

Súplicas semelhantes à dos *versículos 5 e 6* são encontradas em outros salmos (ver Sl 79.5; 80.4; 89.46) quando o povo suspira pela cessação da ira divina. À luz da última parte do salmo, não fica dúvida de que o salmista sabia que esta ira não iria ser exibida para sempre contra o povo. Estava chegando o tempo em que o favor de Deus os cobriria, e então o povo seria feliz no Senhor. É possível que a palavra "reviver" tenha as conotações que o verbo hebraico não sugere. O significado se aproxima de "preservar vivo", "manter a vida".

O que o salmista deseja é uma nova exibição do amor pactual (heb. *chesed*), o que aqui é equivalente a "salvação" (*v. 7*). Seu apelo no versículo 4 é ao "Salvador". Agora ele busca "salvação" da parte de Deus no sentido de livramento das tribulações atuais.

3. *A Palavra de Deus a Seu Povo (vs. 8–13)*

O salmista sabe que a palavra de Deus a seu povo é a de "paz" (*v. 8*), por isso pode haver confiança para o futuro. É possível que a bênção araônica esteja em foco (Nm 6.22–26). A promessa de paz é renovada de uma forma especial no evangelho, pois Jesus, que é a fonte de nossa paz (Ef 2.14), é capaz de conferir a seus seguidores sua própria e perene paz (Jo 14.27). É neste sentido que paz e misericórdia fluem para o Israel de Deus (Gl 6.16). A conseqüente advertência ministrada aqui é ainda aplicável. A posse da paz divina independe de extraviar-se de seus caminhos e voltar à insensatez.

O *versículo 9* expressa de outra maneira o que já foi dito: o salmista inicialmente buscara em Deus a salvação (*v. 7*), e agora afirma a verdade de que os que temem ao Senhor, "seus santos", deveras experimentam o poder salvífico de Deus. Por meio de Isaías, Deus prometera que sua salvação atrairia seu povo (Is 46.13; 51.5). Justamente como a glória do Senhor habitara o Monte Sinai (Êx 24.16,17), também estabeleceria residência permanente na terra.

O salmista personifica o favor de Deus em prol de seu povo e apresenta um quadro de "amor", "fidelidade", "justiça" e "paz" se encontrando e se abraçando (*vs. 10,11*). A "fidelidade" emana como uma planta florescente, enquanto a "justiça" permeia as atividades entre os homens (cf. idéias afins em Is 45.8). Estas quatro bênçãos são aspectos essenciais do reino de Deus. Paulo confirma isso quando diz que "o reino de Deus não é uma questão de comida e bebida, mas de justiça, paz e alegria no Espírito Santo (Rm 14.17).

Se o Senhor deu cabo da seca, então a terra produziria uma vez mais abundância de colheitas (*v. 12*). Os emblemas renovados de seu favor revelariam a natureza permanente de seu amor.

Somos cercados de todos as boas dádivas
Que o céu de lá nos envia;
Então, graças ao Senhor, oh! Graças ao Senhor,

Por todo o seu amor que nos alivia.

(Mathius Claudius, 1740–1815)

A justiça é considerada como uma pessoa que segue adiante do Senhor e prepara sua intervenção em prol de seu povo (*v. 13*). A vinda do Senhor às vezes é descrita como sendo precedida de preparação (ver Is 40.3–5; Ml 3.1; Mt 3.1–12). Aqui, o mensageiro que vai adiante dele é sua justiça salvífica. A vitória do Senhor será seguida de sua vinda em glória (ver *v. 9*).

SALMO 86

Oração de Davi.

No Livro Três do Saltério, este é o único salmo atribuído a Davi. O termo "servo", usado tanto no início (v. 2) como no fim do salmo (v. 16), aponta para o *status* régio de Davi que foi chamado por Deus "meu servo" (2Sm 7.5; ver também esta descrição usada para ele no título do Salmo 18). Não se declara a natureza da angústia que jaz por trás desta súplica. Poderia ser a trama daqueles de dentro de seu reino, ou outras nações que circundavam Israel e buscavam sua ruína. O salmo é composto de uma maneira bem métrica. Contém cinco estrofes, com a primeira e a última tendo quatro versículos, e as demais tendo cada uma três versículos. O outro traço notável do Salmo 86 é que cada versículo constitui um eco de outras partes do Antigo Testamento. A Escritura bem conhecida tem sido moldada num novo cântico. As passagens bíblicas memorizadas devem ter sempre por base a oração privada e corporativa.

1. *Oração de um Servo (vs. 1–4)*

Embora a frase "pobre e necessitado" seja bem comum (Sl 35.10; 37.14; 109.16,22), contudo seu uso aqui provém do senso de grande urgência (*v. 1*). Ele confessa sua profunda necessidade pessoal (cf. as palavras do Sl 40.17 e 70.5), e roga ao seu Soberano Senhor que ouça sua súplica.

O apelo tem por base uma relação entre o salmista e seu Deus; ele é um servo que tem um compromisso pactual com seu Senhor (*v. 2*). A frase "devotado a ti" (heb. *chasid*) é na NIV traduzida por uma variedade de expressões: "piedoso" (Sl 4.3; 12.1); "santos" (Sl 30.4; 52.9; 79.2); "os

consagrados” (Sl 50.5); “povo fiel” (Sl 89.19). A variedade de expressão é necessária em nosso idioma, mas em todos os contextos o foco recai na devoção ao Deus pactual. O salmista confessa ser ele servo de Deus, e por isso apela por proteção.

Nos *versículos 3 e 4*, ele suplica por misericórdia (cf. Sl 57.1) e indica quão constantemente está se aproximando cada vez mais de Deus. O oposto de tristeza é alegria, e por isso ele roga que Deus faça com que seu servo se rejubile quando sua oração for respondida. “Elevar a alma” é sinônimo de orar a Deus (ver Sl 25.1; 143.8).

2. *Deus Gracioso (vs. 5–7)*

Nesta presente seção, como em tantas outras passagens veterotestamentárias, a linguagem de Êxodo 34.6,7 jaz nitidamente por trás das palavras usadas pelo salmista. O verbo traduzido “perdoar” é usado somente no Antigo Testamento com Deus como seu sujeito. Ele tem poder para apagar o pecado, e todos quantos o invocam em sua culpa e necessidade o encontram “transbordante de amor” (heb. *rav chesed*; cf. *v. 15*; Êx 34.6; Sl 103.8).

Em confiança, o salmista se achega a um Deus misericordioso com sua súplica por misericórdia (*v. 5*). Essa súplica é uma expressão de uma confiança leal do servo em seu Senhor. O dia de sua tribulação é o estresse atual que ora experimenta, e ele sabe que em tal situação deve buscar socorro. Ele está também certo de que com base em seu amor e misericórdia Deus responderá a sua oração.

3. *O Deus Único (vs. 8–10)*

O Antigo Testamento reiteradamente apresenta reivindicações exclusivas em relação a Deus. O *versículo 8* é um eco de passagens tais como Êxodo 15.11, Deuteronômio 3.24 e Salmo 35.10. O Deus vivo é infinitamente distinto dos ídolos mortos que as nações adjacentes adoravam (Sl 115.5–7). O Novo Testamento reafirma que o povo deve converter-se das “coisas sem valor para o Deus vivo, que fez o céu, a terra, o mar e tudo quanto neles existe” (At 14.15; ver também 1Ts 1.9; Hb 9.14).

À luz da afirmação precedente sobre a grandeza de Deus, o salmista chega à conclusão de que todas as nações virão e o adorarão (*v. 9*). O paralelo mais estreito a isto na Bíblia é Apocalipse 15.4. Em ambas as

passagens, o pensamento da unicidade do Deus vivo conduz a uma declaração de que as nações se destinam a encurvar-se em submissão diante dele.

Enaltecer a grandeza de Deus é outro modo de enfatizar sua unicidade (*v. 10*). Além do mais, ele faz coisas que nenhum outro é capaz de fazer (cf. os comentários sobre Sl 71.17; 72.18), pois ele opera maravilhas (NIV "feitos maravilhosos"). Isso se dá porque estes atos não estão dentro da possibilidade humana, pois eles são demonstrações do poder divino.

4. *Oração de Ação de Graças (vs. 11–13)*

O salmista quer mais instruções da parte do Senhor, e faz o compromisso de deixar-se guiar continuamente por sua verdade (*v. 11*). "Um coração íntegro" indica lealdade completa, e leva uma pessoa a reverenciar o caráter de Deus. Como parte de seu compromisso, o salmista se compromete de louvar a Deus com integridade de coração (*vs. 12,13*). Não há diferença aparente aqui entre "louvar" e "glorificar". A primeira parte do *versículo 12* é praticamente a mesma do Salmo 9.1, embora a parte inicial do *versículo 13* apareça em outros lugares do Livro dos Salmos (cf. 57.10; 108.4). O salmista tem se aproximado das portas da morte, porém o livramento divino se tornou para ele o tema de seu louvor.

5. *Oração Renovada (vs. 14–17)*

Os versículos finais do salmo voltam ao tema de seu início, e renova-se a petição pela intervenção divina numa situação de risco. A única descrição dos inimigos é a dada no *versículo 14*, e é tão geral que não pode ser identificada com alguma certeza. A palavra "arrogante" é usada para pessoas que orgulhosamente dão vazão a sua rebelião e disposição pecaminosa. Constituem um grupo de pessoas que causam terror e buscam destruir a vida do inocente, sem dar lugar a Deus e aos seus mandamentos.

Uma vez mais, a declaração de Êxodo 34.6 jaz por trás das palavras do salmista (*v. 15*). Não se poderia fazer nenhum apelo mais forte na proclamação do caráter de Deus do que usar as mesmas palavras que Deus usou em relação a seu ser. Tudo indica que tiveram lugar nos corações e linguagem dos crentes da antiga dispensação como um tipo de credo (ver Nm 14.18; 2Cr 30.9; Ne 9.17; Sl 103.8; 111.4; 116.5; Jl 2.13; Jn 4.2).

A urgente necessidade do salmista é que a compaixão divina lhe seja demonstrada. Ele confessa sua relação com seu Deus – ele é um servo, o filho de uma serva, e por isso está atado a um serviço perpétuo devotado a seu senhor (*v. 16*). A linguagem de serviço é usada tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, para denotar os laços entre um crente devoto e o Senhor (para o NT, ver a abertura das cartas de Paulo [Rm 1.1; Fp 1.1; Tt 1.1] e as passagens tais como Ef 6.6; 2Tm 2.24).

A súplica final é para que o Senhor seja vitorioso sobre os inimigos, seus e do salmista (*v. 17*). A bondade do Senhor seria demonstrada pelo alívio de sua angústia e em trazer-lhe livramento. O contraste entre o início e encerramento do salmo é mais enfático – "eu", "eu", "eu" (*vs. 1,2*); "tu", "tu" (vs. 15,17). A repetição plangente de "eu" dá vazão à declaração e apelo ao próprio Deus.

SALMO 87

Dos Filhos de Corá. Salmo. Cântico.

Embora este salmo tenha muito em comum com outros cânticos relativos a Sião (ver Sl 46; 48; 76), contudo ele vai além deles ao retratar os habitantes das nações gentílicas como estando incorporadas entre os cidadãos de Sião. Isto poderia ser entendido como uma conversão mundial de pessoas dentre as nações mencionadas no salmo, que eram representantes daquelas nações há tanto tempo hostis a Israel. Não obstante, também pode ser entendido como uma declaração de Deus a essas nações (ver nota de rodapé da NIV, *v. 4*) de que ele registrou os nomes de todas as suas pessoas – "os que me reconhecem" –, onde quer que estejam, e as considera como pertencentes a Sião.

1. *Louvor de Sião (vs. 1–3)*

O Antigo Testamento afirma que a escolha de Sião (i.e., Jerusalém) foi feita por Deus (Sl 132.13; Is 14.32). Eis por que ela foi chamada "a cidade do Senhor Todo-Poderoso" (Sl 48.8). Essa escolha de Jerusalém foi uma expressão do amor do Senhor, e conseqüentemente Sião era mais preferida do que qualquer outra cidade de Israel (*vs. 1,2*). "Jacó" é usado aqui como sinônimo de Israel, visto ser o nome pela qual o patriarca Israel era outrora conhecido (Gn 32.28).

O salmista ouviu ou leu declarações de outros sobre Sião, e neste salmo ele sumaria essas "coisas gloriosas" (*v. 3*). A expressão "de você" é ambígua em hebraico, como poderia também ser traduzida "em você". Se essa tradução for preferida, então o significado será que em Sião mesma são pronunciadas profecias concernentes a Sião. "A cidade de Deus" é tanto a localização quanto o tema dos anúncios proféticos.

2. *Arrolados em Sião (vs. 4–6)*

É provável ser preferível tomar os lugares mencionados (*v. 4*) como sendo diretamente declarados por Deus ("Eu [a] registrarei, ó Raabe, ó Babilônia"). Deus reconhece que ele tem seu próprio povo entre todas as nações gentílicas adjacentes a Israel, com as nações mencionadas como representantes do mundo gentílico mais amplo. "Raabe" é um nome poético para Egito (cf. Is 30.7; 51.9). O povo de Deus entre essas nações é considerado como se nascesse em Sião.

Não importa onde os crentes verdadeiros vivam, eles estão arrolados entre os cidadãos de Sião (*vs. 5,6*), a cidade que é sustentada por Deus (cf. Sl 48.8). A idéia de um registro ou livro é simplesmente um modo de dizer que Deus conhece os que são seus, e nenhum deles perecerá. É bem possível que esses versículos contenham uma nota de advertência também às nações. Se Deus já anotou que seu povo realmente lhe pertence, então ele responsabilizará os que o prejudicarem (cf. Is 14.28–32).

Finalmente, há uma descrição dessa grande multidão de cidadãos arrolados de Sião se regozijando no fato de que sua fonte de salvação está em Sião, e especialmente no Deus de Sião (*v. 7*). Toda a comunidade dos crentes é contemplada como um único grupo (cf. Sl 36.9; Is 12.3). Quando John Newton (1725–1807) escreveu o hino "Glorious things of thee are spoken, Zion city of our God [Coisas gloriosas se falaram de ti, ó Sião, cidade de nosso Deus]", corretamente afirmou a inclusão de gentios nos tempos evangélicos prefigurados neste salmo. Os cristãos hoje podem dizer com ele:

Ó Salvador, se da cidade de Sião,
    Pela graça, eu sou membro,
Que o mundo zombe ou se apiede,
    Eu me gloriarei em teu Nome.
Os prazeres deste mundo se desvanecem,

Toda as suas vangloriosas exibições;
Alegria sólida e tesouro perene
Ninguém conhece senão os filhos de Sião.

SALMO 88

Cântico. Salmo dos Filhos de Corá. Para o diretor de música. Segundo o mahalath leannoth. Um maskil de Hemã, o ezraíta.

Provavelmente este seja o cântico mais dolente em todo o Saltério; inclusive mais dolente no texto hebraico do que no texto inglês, porque ele termina com a palavra "trevas". É possível que seja um apelo individual por socorro, ou ainda um apelo comunitário dos tempos do exílio. O Targum Aramaico e a versão Siríaca indicam que esta é como entendiam o conteúdo do salmo. O título é incomum, pois a primeira parte é um reflexo daquela prefixada ao Salmo 87, embora a segunda parte pareça ser o título da melodia (*mahalath leannoth*) com uma atribuição dele a "Hemã, o ezraíta". A dificuldade consiste em que vários homens pelo nome Hemã são mencionados em outras partes do Antigo Testamento (ver 1Rs 4.31; 1Cr 15.17,19). O termo "ezraíta" é igualmente ambíguo, pois poderia significar ou "da família de Ezra" ou "o nascido em".

1. *Clamor por Socorro (vs. 1,2)*

A abertura do salmo mostra que, mesmo em meio ao seu desespero, o salmista pode volver-se para seu Salvador. Os problemas pessoais do salmista se lhe tornaram ainda mais agudos por causa de sua confiança no amor pactual do Senhor (*v. 11*).

Em meio à sua tristeza e angústia ele clamou ao seu Senhor pactual, reconhecendo que sua salvação vem tão-somente dele (*vs. 1,2*). Ele lhe apresenta constantemente sua oração, e suplica que ele ouça com prontidão seu clamor por socorro. É possível que uma situação semelhante a essa do salmo esteja por trás das palavras plangentes de Henry Francis Lyte (1793–1847):

Fica comigo: a noite logo desce;
As trevas se intensificam; Senhor, fica comigo;
Quando outros ajudadores falham, e o conforto foge,
Socorre o desamparado, Senhor: fica comigo!

2. *Vivendo à Beira da Sepultura (vs. 3–5)*

Não há indicação precisa sobre que perigo o salmista ora enfrenta. Poderia ser enfermidade que o deixa frente a frente com a morte, ou alguma outra situação que o coloca em sério risco (*vs. 3,4*). Ele é contado com aqueles cujos corpos são postos na sepultura, como um homem cuja força se esvaiu completamente.

No *versículo 5*, o salmista se descreve como deitado no túmulo, "junto com os mortos". O texto hebraico traz "libertado dentre os mortos", o que parece significar liberado das responsabilidades normais da vida. Ele se assemelha àqueles que ora se encontram na sepultura, tendo sido feridos e mortos em batalha ou morrendo de fome. Ele fala do ponto de vista desta vida quando os descreve como estando fora do cuidado divino. Isto não deve ser tomado como negação da vida após a morte ou do cuidado eterno que Deus nutre por seus filhos.

3. *A Mão Pesada de Deus (vs. 6–9a)*

O salmista se sente abandonado do homem e de Deus (*vs. 6,7*). Ele acusa a Deus diretamente de ser a causa de sua atual situação ("Puseste-me", *v. 6*; "me tornaste repugnante", *v. 8*). Ele não pode explicar por que isso lhe aconteceu, contudo sabe que a mão de Deus tem estado em ação. Sua angústia é ainda mais intensa por causa de sua tristeza que foi provocada pelo Salvador a quem ele ora apela (*v. 1*). O quadro de ondas vindo sobre ele é usado para descrever o dilúvio de tribulações que lhe sobreveio.

Segue o isolamento de seus companheiros (*vs. 8,9a*). Embora ele realmente não seja afligido com lepra, contudo se considera como um leproso e se sente encurralado por seus companheiros de outrora e o pranto constante tem afetado sua vista (cf. Sl 6.7).

4. *Um Clamor que Brota do Coração (vs. 9b–12)*

A oração do salmista é a mesma dia a dia (*v. 9b*). Mesmo quando não possa explicar seu presente estresse, ele apresenta seu apelo constante a seu Senhor pactual. Seus gestos são os de alguém que implora por socorro, ao estender suas mãos. A expressão usada aqui não é comum, mas pode ser semelhante em significado a "erguer as mãos" (ver Sl 28.2).

Com uma série de indagações, o salmista chama a atenção para a condição dos que perecem, e acredita que logo se reunirá a eles (*vs. 10–12*). Ele usa uma variedade de expressões para descrever o estado dos mortos – "a sepultura", "destruição", "o lugar de trevas" e "a terra do esquecimento". "Destruição", em hebraico, é *Abadom*, e é usado na transliteração de Apocalipse 9.11 como um nome para o Diabo. Ele também usa uma variedade de expressões para descrever os atos graciosos de Deus em favor de seu povo – "maravilhas" (*vs. 10 e 12*), "amor", "fidelidade" e "feitos justos". É entre os vivos que existe tais manifestações divinas de misericórdia e poder.

5. *Outro Apelo por Socorro (vs. 13,14)*

Um dos momentos convencionais para a oração era de manhã. O texto hebraico enfatiza aquele que ora e a quem ele ora: "*Eu*, porém – *a ti* eu clamo por socorro." Embora o salmista aflito não consiga entender suas experiências atuais, ele ainda sabe que sua única fonte possível de auxílio é o Senhor. Ele agarra desesperadamente à verdade de que somente Deus pode lidar com sua situação. O alívio ainda não está à vista, e ele ainda se sente rejeitado por seu Deus.

6. *A Vida em Longa Escuridão (vs. 15–18)*

As experiências do salmista não são novas. Ele confessa que tem vivido com as sombras da morte ameaçando-o diretamente desde os dias da juventude (*v. 15*). Ele tem vivido uma vida difícil, seja por enfermidade ou alguma outra razão. Sua condição o leva a ponto de perder toda a esperança.

Os *versículos 16–18* não introduzem nenhuma idéia nova, mas reitera o que já foi anunciado (ver em particular os *vs. 6–9*). O salmista traça suas tribulações de volta a Deus mesmo, acusando-o de o separar de todos os seus companheiros e pessoas amadas. O único amigo que lhe resta são as trevas. Contudo devemos contrabalançar esta conclusão com a abertura do salmo. Isolado do auxílio humano, ele ainda é capaz de chamar Deus seu Salvador. É aqui onde sua verdadeira esperança realmente repousa. Em dias quando não há luz, o crente tem de caminhar, confiando no nome de seu Deus (Is 50.10), e dizer:

Quando as trevas parecem esconder sua face,

Eu descanso em sua graça imutável;
Em cada altura e em cada tormenta,
Minha âncora se mantém dentro do véu.

Seu juramento, sua aliança e seu sangue
Me sustentam no dilúvio tormentoso;
Quando tudo ao redor desespera minha alma,
Ele então é toda minha esperança e sustentáculo.
(Edward Mote, 1797–1874)

SALMO 89

Um maskil de Etã, o ezraíta.

O tema central deste salmo é a aliança que Deus fez com Davi, prometendo um trono à sua dinastia, para sempre. Embora Davi inicialmente quisesse construir uma casa (i.e., um templo) para Deus, foi este que lhe construiu uma casa (i.e., uma dinastia). É bem claro que esta aliança teve grande impacto sobre o pensamento do povo de Deus, e se expande também em vários outros salmos (ver 18.24–27; 21; 61; 72; 132).

1. *Grande é a Fidelidade do Senhor (vs. 1–4)*

O tema dominante da primeira parte deste salmo é o amor e a fidelidade do Senhor. As palavras "amor" e "fidelidade" ocorrem sete vezes cada uma (admitindo uma palavra alternativa para "fidelidade" no versículo 14). Quando usadas em associação, formam uma expressão composta – "amor-e-fidelidade". Este é o fundamento da relação pactual que é descrita nos versículos seguintes. É o tema do cântico do salmista quando declara sua intenção de continuar proclamando as misericórdias pactuais do Senhor (*v. 1*).

Há dificuldade em associar o *versículo 2* com o versículo de abertura. É melhor tomar o começo do versículo 2 como uma referência ao passado ("Porque eu disse", AV, NKJ, NASB), indicando que o salmista inicialmente fizera uma declaração concernente ao amor-e-fidelidade de Deus. Essa declaração foi feita com o propósito de mostrar que Deus estabelecera a questão de sua misericórdia pactual no próprio céu, e sua duração, portanto, independe da ação dos homens. Ela "estaria firme" (lit.,

o hebraico tem “ser construído”, termo muito importante na passagem pactual em 2Sm 7).

As palavras, “Tu disseste” (*v. 3*), não estão no texto hebraico, mas sua inserção deixa claro que as palavras que seguem são palavras de Deus. Este entrou num vínculo pactual com Davi, mesmo quando a palavra “aliança” não ocorra em 2 Samuel 7. Não obstante, os ingredientes de aliança estão aí, e isto é confirmado por passagens tais como esta em 2 Samuel 23.5 e aquela no Salmo 132.11,12. Davi deveras era servo do Senhor (2Sm 7.5,8,26; Sl 132.10) e o escolhido (Sl 78.70). Uma parte essencial da aliança foi a escolha da família de Davi para formar a linhagem régia contínua (*v. 4*). Conseqüentemente, o trono davídico se destinava a durar ao longo de todas as gerações (ver 2Sm 7.16; Is 9.7), e finalmente achou seu cumprimento na pessoa de Jesus (Lc 1.32). Não há menção, em 2 Samuel 7, do juramento de Deus, mas a referência, aqui e no Salmo 132.11, confirma que a disposição era de fato a de uma aliança.

2. *A Majestade de Deus (vs. 5–18)*

À primeira vista, pode parecer que esta seção constitua uma digressão do tema principal do salmo. O que ela faz, contudo, é enfatizar o caráter de Deus que certifica que a aliança será mantida.

As glórias de Deus se manifestam em todos os céus, e seus anjos se unem numa assembléia com o intuito de louvar sua fidelidade (*v. 5*). A palavra “maravilhas” (aqui o hebraico tem o singular) é usada em outras partes para os atos miraculosos de Deus na criação e, especialmente, na redenção. É um termo usado para descrever seu soberano senhorio sobre os eventos (cf. Sl 78.11,12). Os *versículos 6–8* chamam a atenção para a unicidade de Deus. As indagações que são formuladas acham sua resposta na afirmação: “Tu és poderoso, ó SENHOR!”. Não há nenhum outro que se possa comparar com ele, mesmo entre seus santos. A frase “seres celestiais” é literalmente “filhos de Deus”, expressão também usada no Salmo 29.1 (NIV, “os poderosos”) para as hostes angelicais. Seu caráter o separa de suas criaturas, pois ele deve ser mais temido do que qualquer um dentre eles. É provável que haja aqui um eco do grande cântico de redenção em Êxodo 15 (ver especialmente o *v. 11*).

O poder onipotente de Deus, como visto na criação, é descrito como se fosse uma batalha contra outras grandes forças (*vs. 9,10*). O mar é personificado como “Raabe” (cf. Jó 26.12; Is 51.9), e aqui pode ser a

mesma palavra para Leviatã (Sl 74.14). Todos os poderes da criação estão sob o controle de Deus, e ele ordena os oceanos em concordância com sua vontade. Como guerreiros mortos, as águas são subjugadas diante dele.

A totalidade da criação passou a estar sob o comando de Deus (*vs. 11–13*), e assim "a terra é do SENHOR, e tudo o que nela existe" (Sl 24.1; cf. também Sl 50.12). Os montes poderosos dão louvor à grandeza de Deus e ajudam a proclamar seu caráter. O fato de que o "norte" e o "sul" são usados em paralelo a "Tabor" e "Hermom" pressupõe que os outros dois montes podem estar em pauta, ainda que não haja clara indicação a respeito. O Monte Tabor era o local da vitória de Débora, embora o Monte Hermom fosse o símbolo de majestade física. Toda a natureza canta de alegria, e como um testemunho ao fato de que ela foi criada pelo poder de Deus.

O governo divino é marcado por justiça e eqüidade (*v. 14*). Estas formam a base sobre a qual opera sua realeza (cf. Sl 97.2b para uma expressão quase idêntica). O par composto de amor-e-fidelidade parece preceder todas as obras de Deus. São como os anjos que vão adiante dele a fim de proclamarem sua vinda.

O salmista agora passa a descrever o tipo de Deus de cujas promessas Israel depende (*vs. 15,16*). Os que confiam no Senhor são capazes de proclamar o conhecimento que devem ter dele, e fazem isso com muita alegria ou um grito festivo. Suas vidas diárias são vividas no conhecimento do favor divino para com eles (para "a luz de tua presença", cf. a bênção araônica, Nm 6.24–26 e Sl 4.6; 44.3). A auto-revelação que Deus faz de si (seu "nome") vem a ser a base de incessante alegria da parte de seu povo; e a demonstração de seu poder salvífico, um objeto de seu louvor.

Deus é o ornamento ou glória de seu povo, justamente como se diz que Israel é a glória de Deus (o texto hebraico de Is 46.13; 62.3; Jr 13.11; 33.9). Além do mais, ele é sua força, a qual ele renova de acordo com sua graciosa vontade (*vs. 17,18*). Em lugar de entender esta força como sendo o apoio que Deus dá a cada crente individual, "chifre" poderia ser paralelo a "escudo" e "rei". Em outros lugares usa-se o termo "escudo" para descrever reis em geral (Sl 47.9), especialmente o rei de Israel (Sl 84.9, e ver o comentário sobre esse versículo). O rei de Israel é considerado como que um vice-regente do próprio Deus, que é chamado aqui "o Santo de Israel". Este termo para Deus vem a ser um termo favorito para Isaías, que

o usa vinte e seis vezes, embora usado somente seis vezes em outros lugares do Antigo Testamento.

3. *A Aliança com Davi (vs. 19–37)*

Esta seção do salmo constitui uma longa descrição poética da aliança que Deus fez com Davi (ver 2Sm 7). Ela detalha a escolha divina de Davi e as promessas que lhe foram feitas, bem como afirma o amor perene que foi expresso nesta aliança.

A expressão inicial, "uma vez" (*v. 19*), retrocede à ocasião quando a aliança foi proclamada. A narrativa em 2 Samuel 7 se reporta a esta visão (2Sm 7.17), ainda que não diga expressamente que a revelação foi para o povo fiel (heb. *o chasidim*, cf. o comentário sobre Sl 31.23). Torna-se claro, pela resposta de Davi, que a mensagem tem implicações para Israel como um todo, bem como para o mundo não-judaico (2Sm 7.18–29). O salmista relanceia sua vista para a antiga escolha de Davi feita por Deus e sua unção feita por Samuel (1Sm 16.1–13). Que a mão divina estava em questão, foi demonstrado pelo fato de que, depois de sua unção, o Espírito do Senhor veio sobre ele com poder (1Sm 16.13).

A promessa divina consiste em que se dará apoio a Davi, de modo que seu reino será estável (*vs. 21–23*). Esta é uma descrição poética do que está declarado em 2 Samuel 7.10,11. A Davi se dará vitória sobre seus inimigos, e daí o repouso que a terra já desfrutava será assegurado para o futuro.

A certeza relativa ao amor-e-fidelidade de Deus dada no início do salmo (ver especialmente vs. 1–3) é agora afirmada como sendo a própria declaração divina a Davi (*vs. 24,25*). O apoio constante a Davi vem do Senhor, e sua força será mantida por ele. A promessa do *versículo 25* poderia ser relativa às fronteiras da terra prometida quando foram alcançadas sob o império de Davi e Salomão, ou mais provavelmente à extensão do reino messiânico, sem ainda haver a definição do Salmo 72.8. Não há necessidade de tentar e especificar quais rios estão em pauta. O reino messiânico final, governado por Cristo, o grande filho de Davi, terá uma extensão universal.

Nos *versículos 26 e 27*, a promessa a Davi expressa em termos individuais qual era o coração da aliança de Deus com seu povo: "Eu sou o seu Deus, e você é o meu povo." Isto é agora expresso na linguagem afetiva de um filho falando a seu pai. Davi invocará a Deus: "Meu Pai", e

o designará como “meu Deus, minha Rocha, meu Salvador”. O mais elevado de todos os privilégios será dado a Davi, pois, como o primogênito, ele desfruta de honras régias, e nenhum outro rei terreno jamais pôde surgir com sua posição. A linguagem aqui é tomada e usada para Jesus em Apocalipse 1.5.

A natureza perene da aliança divina com Davi é uma expressão de misericórdia e graça (*vs. 28,29*). Reiteradamente, o Antigo Testamento lembra aos leitores que Deus não recuará em sua palavra pactual a Davi (ver Sl 132.11–18). Parte da promessa é que sua família continuará, e que a posse do trono por ela é tão certa como a natureza perene dos céus (para expressão mais completa desta idéia, ver *vs. 36,37*). A dinastia davídica reinou por séculos, mas o cumprimento eterno da promessa será encontrado em Jesus Cristo (cf. Rm 1.2–4; Ap 22.16).

Os *versículos 30–34* constituem uma paráfrase de 2 Samuel 7.14. Natã indicou a Davi que os pecados dos reis individuais seriam punidos, mesmo quando ele promete que toda a família não fracassará. Deus está para agir como um pai que castiga seus filhos, e por isso o castigo seguirá a transgressão de suas leis. Castigo é parte da relação pai/filho (Hb 12.7–11). Não obstante, um notável contraste é concretizado pela repetição da palavra “violar” no versículo 31 e 34. É possível que os reis individualmente violem as leis de Deus, mas Deus jamais violará sua aliança! Ele jamais recuará em sua palavra (Nm 23.19). Ainda que nossa tradução não seja clara, a combinação de amor-e-fidelidade surge uma vez mais nos *versículos 33 e 34*. A certeza da aliança depende do próprio caráter gracioso de Deus.

Nos *versículos 35–37*, o salmista volta ao tema do juramento de Deus (ver comentário sobre *v. 3*). A promessa de Deus a Davi era: “Sua casa e seu reino durarão para sempre diante de mim; seu trono será estabelecido para sempre” (2Sm 7.16). Uma vez que não haja ninguém maior que Deus, ele jura por seu próprio caráter (cf. a mesma coisa em referência ao seu juramento a Abraão, Hb 6.13). O pensamento dos *versículos 36 e 37* é uma expressão do *versículo 29*. A perene família davídica e sua posição régia são tão sólidas quanto o sol e a lua.

4. *Fé em Tempo de Tribulação (vs. 38–51)*

Neste ponto ocorre uma mudança súbita no salmo. O salmista toma a presente posição do povo e da família davídica e roga por elas com base

nas promessas pactuais de Deus. Como é possível que Deus aparentemente renuncie sua aliança? O cenário parece ser o tempo em que os babilônios atacaram Jerusalém em 597 a.C., quando o jovem rei Joaquim foi levado cativo para Babilônia (*vs. 38,39*, ver 2Rs 24.8–17). A ênfase é sobre o que Deus fez, pois o salmista corretamente vê sua mão nos eventos em torno da invasão babilônica. A mudança da ênfase sobre a aliança para o presente estresse do povo é marcada pelo início enfático desta seção: "*Tu*, porém." O salmista corretamente vê a mão divina nos eventos que têm ocorrido, e a captura de Jerusalém e do rei como uma expressão de sua ira. A aliança parece ser quebrada, ainda que o Antigo Testamento aponte para a continuidade da aliança a despeito de uma separação temporária entre Deus e seu povo (ver, p.ex., Is 50.1,2; 54.4–8). A rejeição do rei davídico é como se a coroa fosse lançada ao pó (cf. uma expressão semelhante em Lm 5.16).

A linguagem usada nos *versículos 40 e 41* fornece um quadro da destruição de Judá pelos babilônios. As defesas foram rompidas e os países vizinhos puderam lançar mão de tudo quanto queriam (cf. a linguagem semelhante do Sl 80.12,13). O povo de Deus tornou-se objeto de zombaria em virtude de ser abandonado por seu Deus (cf. também Sl 44.13,14). A vitória sobre Judá foi concedida por Deus aos inimigos da nação (*vs. 42,43*), e assim festejam seu sucesso. É possível que os guerreiros de Judá estivessem também lutando com espadas embotadas, e não lhe sobreveio nenhum auxílio divino quando o assalto final abateu-se sobre Jerusalém. O socorro de Deus foi subtraído de seu povo, justamente como foi profetizado de antemão por Isaías a Ezequias concernente à invasão babilônica (2Rs 20.16–18).

O rei foi humilhado ao ser removido de seu posto de autoridade (*vs. 44,45*). Lançar o trono ao chão é sinônimo de desonrar a coroa no pó da terra (*v. 39*). A referência a "os dias de sua juventude" endossa a interpretação de que o salmo provém do período do cativeiro de Joaquim em Babilônia. Ele tinha dezoito anos de idade quando se tornou rei, e só reinou três meses (2Rs 24.8). Foi uma desdita para o rei ser levado com toda sua família e assistentes.

Nos *versículos 46–48*, o salmista questiona a Deus a respeito da extensão de tempo que seu favor seria propiciado novamente a seu povo. Quando Deus fica irado com seu povo, diz-se que ele se oculta (cf. Sl 27.9; 30.7; Is 8.17; 45.15). A pergunta: "Até quando tua ira arderá como fogo?".

constitui uma repetição, com leve variação, do Salmo 79.5. O salmista fala como representante de sua comunidade, e sente-se surpreso com a brevidade da extensão de sua vida terrena. Ele e todos os homens morreriam, mas a ira de Deus contra seu povo seria exibida *para sempre*? Ninguém é capaz de escapar à morte, nem mesmo o homem no auge de suas faculdades (o termo hebraico para "homem", no *v. 48*, não é o termo comum para "homem", mas uma palavra especial que denota o homem em seu vigor).

Nos versículos finais do salmo, o argumento é alterado. Enquanto o salmista estivera suplicando com base na brevidade da vida humana, ele agora alega que o que está acontecendo por fim trará desonra ao próprio Deus (*v. 49*). Ele baseia seu clamor no juramento pactual que fizera com Davi (ver *vs. 3,35*), o que era uma demonstração de amor-e-fidelidade. O salmista volta diretamente à nota com a qual o salmo começou.

É bem possível que os *versículos 50 e 51* reflitam o grito da multidão quando Joaquim e os demais foram levados para o cativeiro (o texto hebraico tem o plural "servos"). É possível que a terra se enchesse de estrangeiros de "todas as nações", ou ainda o salmista estivesse pensando no modo como as nações adjacentes estavam zombando dos judeus. Um rei derrotado e cativo não escapava às troças dos inimigos ao ser conduzido a Babilônia.

5. *Doxologia Final (v. 52)*

Esta doxologia, embora venha no final deste salmo, realmente está colocada aqui para concluir as doxologias, porém exerce o papel essencial de todas elas – uma atribuição de louvor ao Senhor pactual, com a afirmação de um duplo "Amém".

LIVRO 4

SALMO 90

Oração de Moisés, homem de Deus.

Este é o salmo mais antigo de toda a coleção, e o único atribuído a Moisés. Em linguagem, ele tem muitas semelhanças com os livros atribuídos a Moisés (o Pentateuco), especialmente o Livro de Deuteronômio. Ele constitui uma afirmação solene da eternidade de Deus em contraste com a brevidade da vida humana. O ponto principal do salmo é alcançado no versículo 12: "Ensina-nos a contar nossos dias para que granjeemos um coração de sabedoria." Sabedoria, no Antigo Testamento, não é apenas conhecimento e discernimento teóricos, mas, antes, a capacidade de aplicar tal conhecimento outorgado por Deus às atividades práticas da vida. Com o passar dos dias e anos, Moisés ora por si mesmo e pelo povo como um todo para que entendam a brevidade da vida e ponham seus corações na verdadeira sabedoria. A paráfrase deste salmo, feita por Isaac Watts (1674–1748), tem sido amplamente usada e grandemente apreciada.

Ó Deus, nosso auxílio desde as eras passadas,
Nossa esperança para os anos por vir,
Nosso refúgio das tormentas destrutivas
E nossa eterna morada em ti!

1. *Um Refúgio Eterno (vs. 1,2)*

Moisés pondera o passado e reconhece que o Senhor tem sido o refúgio de seu povo. Ele começa fazendo uma afirmação direta ao Senhor. Deus é chamado "o refúgio", um termo hebraico aplicado em outros lugares à habitação celestial de Deus (Dt 26.15). A idéia de refúgio parece intensificada aqui e no Salmo 91.9 pela idéia de Deus sendo nosso lar, com todo o conforto e segurança pessoal que faltariam a um mero refúgio. A tradução grega (LXX) provavelmente estivesse parafraseando quando usou o termo "refúgio", e alguns manuscritos hebraicos também seguem esta redação (em heb., tendo *ma'oz* por *ma'on*). Moisés usa a palavra geral para "Senhor" (heb. *'adonai*), enquanto no versículo 13 ele usa o nome pactual "SENHOR" (*Yahweh*). Por ser eterno, Deus não muda como o ser humano, de geração a geração. Antes que os montes viessem à existência, ou a terra e o mundo fossem formados, Deus já existia.

2. *A Mortalidade do Homem (vs. 3–6)*

A própria natureza do homem é de tal gênero que ele veio da terra e volta para ela (Gn 3.19). A NIV inseriu a segunda ocorrência de "ao pó", e provavelmente esta seja uma interpretação correta do significado das palavras de Deus (*v. 3*). No *versículo 8*, com toda probabilidade, é uma referência ao pecado, que faz uma alusão à maldição humana, pronunciada depois da Queda. Quando os seres humanos trabalham o solo, este lhes traz à lembrança sua origem e seu destino.

O ponto deste *versículo 4* visa a contrastar a presença imutável do Senhor com o tempo efêmero que o homem passa nesta terra. A referência a mil anos parece ser ao tempo em que Matusalém viveu, sendo quase isso. Aos olhos de Deus, isto é como um dia, ou até mesmo como uma vigília noturna (terça parte da noite). 2 Pedro 3.8 cita e amplia este versículo quando afirma: "Para o Senhor um dia é como mil anos, e mil anos como um dia."

Quão breve é a vida de uma pessoa sobre a terra (*vs. 5,6*). É apenas como a relva, que brota de manhã, porém durante a noite já muda (o verbo hebraico para "mudar", *chalaf*, é usado duas vezes no versículo; cf. seu uso em Is 40.31, onde indica inversão de fraqueza para força). Imagem semelhante para a vida humana se encontra no Salmo 103.15,16, onde se usa novamente a relva como ilustração, juntamente com a referência a Deus nos lembrando que somos pó. A referência ao sono não deve ser forçada para significar que não há existência consciente depois da morte.

3. *A Ira de Deus (vs. 7–10)*

Houve muitas demonstrações da ira de Deus contra seu povo nos dias de Moisés, e contra o próprio Moisés (Dt 1.37; 4.21). Seu testemunho é: "Somos consumidos por sua ira e terrificados por sua indignação" (*v. 7*). Mesmo contra seu próprio povo, Deus mostra sua ira, porquanto nunca tolera ver pecado em suas vidas. Nem mesmo pecados secretos podem permanecer ocultos de sua vista (*v. 8*). Tudo está concretamente diante dos olhos do Senhor, de modo que nenhum pecado se oculta dele. Em outros lugares, "a luz de seu rosto" denota o favor de Deus (Sl 89.15), mas aqui uma expressão semelhante denota os olhos de Deus que a tudo perscruta.

> Tu me guias de leste a oeste,
> E de teu domínio não posso escapar;
> Nem as trevas me ocultam de ti:

A noite é para ti tão clara como o dia.
(*The Book of Plaises*, Sl 139)

Nos *versículos 9 e 10*, Moisés expressa sua plena visão da peregrinação do povo, que experimentara contra si a ira de Deus, de modo que, mesmo no fim, há apenas a expressão de um gemido ou suspiro (a palavra é conectada com "meditar" no Sl 1.2). A extensão da vida é de setenta ou oitenta anos; mas, por mais longa que seja, ela é saturada de tribulação e inquietação. Esses anos passam tão rapidamente e logo chegam ao fim. Por trás das palavras destes versículos está a compreensão de que na vida cometemos tantos equívocos e realizamos tão pouco.

4. *A Verdadeira Sabedoria (vs. 11,12)*

A forma da pergunta ("Quem conhece o poder de tua ira?") é aquela usada especialmente no Livro de Eclesiastes (ver 2.19; 3.21; 6.12; 8.1), e serve para realçar o assunto sobre o qual ele indaga. É o equivalente de "ninguém sabe". A resposta é expressa no hebraico numa forma condensada (lit. "quão temerosa é a tua ira"). A única forma de impedir que ofendamos a Deus é reconhecendo sua ira contra o pecado e buscando sua graça perdoadora agora oferecida em Jesus. A oração de Moisés é para que ele e seu povo como um todo sejam capazes de contar seus dias e seu uso de uma maneira correta. A única via do verdadeiro conhecimento é ter Deus como nosso instrutor. Aqui, "contar" significa algo muito mais que mera matemática. É um acesso espiritual para nossa vida humana, e especialmente para nossa efêmera existência terrena. O resultado final de tal contagem é que sejamos capazes de levar a Deus, como nossa oferenda, um coração de sabedoria (o mesmo verbo traduzido por "granjear" é usado para a oferta de Caim e Abel, Gn 4.3,4).

5. *Oração por Bênção (vs. 13–17)*

Justamente como Deus então insiste que seu povo se arrependa, também agora Moisés ora ao Senhor que assim faça com ele (*vs. 13,14*). Ele suplica que Deus mostre para com seus servos pactuais um amor imerecido. Roga que cada manhã Deus os faça lembrar de seu amor inabalável (*chesed*), de modo que ele seja rico de alegria e gratidão. Em comparação aos anos de tribulação, ele agora deseja ter em troca muitos anos de alegria (*v. 15*).

As orações finais deste salmo se relacionam com a demonstração do poder de Deus, não só no presente, mas também para as gerações futuras ("a teus filhos"). Em nossas orações necessitamos semelhantemente de focalizar as necessidades futuras, e crer numa sucessão de gerações crentes (*vs. 16,17*). Se o favor de Deus repousa sobre o povo, então sua obra terá resultados duradouros – terão contado seus dias de forma correta. Tão intensa é sua súplica, que o salmo termina com a repetição desta oração.

SALMO 91

Há ligações entre este salmo e, respectivamente, os Salmos 90 e 92, pressupondo que sua posição aqui no Saltério é deliberada. Então segue a súplica pelo favor de Deus com que o Salmo 90 termina. O Salmo 91 contém uma promessa multifacetada de Deus aos crentes nos versículos 14–16, e então é seguida de sua resposta no Salmo 92. A parte principal do Salmo 91 se assemelha em estilo à literatura sapiencial, e por isso ele é mais bem classificado como um salmo sapiencial (ver a Introdução, pp. 55–57). As afirmações gerais do salmo acham confirmação dramática na palavra do Senhor com que o salmo termina.

1. *Refúgio Seguro com o Senhor (vs. 1–8)*

O versículo de abertura do Salmo 91 usa títulos descritivos para Deus que recuam aos patriarcas, e esta poderia ser uma razão por que o Salmo de Moisés (Sl 90) é imediatamente seguido por este salmo. "O Altíssimo", como um título para Deus, é primeiramente usado em Gênesis 14.18–20, embora "o Altíssimo" fosse um título pelo qual Deus era conhecido por Abraão, Isaque e Jacó (Gn 17.1; 28.3; 35.11). O salmo começa com uma afirmação (possivelmente por um dos sacerdotes em culto no Templo) concernente ao lugar seguro de refúgio que pode ser encontrado em Deus. Ele é um lugar secreto (NIV, "escudo"), e sob a sombra das asas dos querubins há segurança (ver o comentário sobre Sl 6.1–4).

É bem provável que as palavras com que o *versículo 2* começa – "Direi ao SENHOR" – estejam retrocedendo àquele que achou no Senhor seu refúgio, e por isso podem ser traduzidas "Ele diz" (ver a margem da NIV). Ele ousadamente declara a grande bênção, ou seja, que deveras encontrara segurança em seu Deus.

O perigo invisível provindo dos inimigos é descrito com linguagem relativa ao caçador de aves (*v. 3*), imagem que é usada em outros lugares dos salmos em termos semelhantes (ver Sl 124.7). Igualmente, pestilência mortífera era uma ocorrência que levou Salomão a apresentar a Deus uma oração por segurança (1Rs 8.37). Em tais situações, era preciso receber o cuidado protetor de Deus, e os crentes estariam assim escondidos (falando em termos metafóricos) sob suas asas (cf. Sl 17.8; Mt 23.37). A fidelidade de Deus a suas promessas pactuais serviria de escudo a protegê-los (*v. 4*).

Os *versículos 5 e 6* tomam do versículo as idéias e as ampliam. Não se devem temer ataques de inimigos, quer durante o dia ou durante a noite, se o Senhor está protegendo os seus. Semelhantemente, as pragas repentinas de enfermidade não devem causar terror, mesmo quando atingem proporções epidêmicas. Não obstante, nem todos os crentes desfrutam de tal segurança do cuidado protetor de Deus em tempos de perigo. Sua palavra é seu arrimo e nela devem descansar, em vez de escudar-se em suas emoções. O uso de um mil e dez mil (*v. 7*), em frases paralelas, é típico da poesia hebraica (cf. Jz 20.10; 1Sm 18.7; Sl 144.13). Não importa quantos caiam ante os ataques inimigos ou as enfermidades, contudo o orador assegura a seus ouvintes que Deus os guardará em segurança. Serão espectadores dos juízos divinos contra os perversos, e não eles próprios como participantes (*v. 8*).

2. *O Gracioso Cuidado Divino (vs. 9–13)*

Os *versículos 9 e 10* formam um paralelo com os *versículos 1 e 2*, e ao usar "morada" formam também um elo com o versículo inicial do Salmo 90. Todo aquele que puder realmente dizer: "O SENHOR é o meu refúgio" já encontrou um lugar seguro, e pode descansar no pensamento de que nada acontece fora de sua vontade. Deus conhece todas as circunstâncias que envolvem a seus filhos e os dirige para seu bem.

Satanás usou as palavras dos *versículos 11 e 12* enquanto tentava a Jesus, tentando fazê-lo agir temerariamente. Não obstante, Jesus respondeu citando Deuteronômio 6.16: "Não teste o SENHOR seu Deus" (Mt 4.5–7; Lc 4.9–12). No contexto aqui, sua conexão com o versículo 9 é bem clara. Promete-se cuidado protetor aos que fazem do Senhor seu refúgio. A metáfora concernente à proteção provida pelos anjos provavelmente fosse tomada de Êxodo 23.20. O Senhor, que tirou Israel do Egito nas asas de águias (Êx 19.4), ainda é poderoso para garantir que

seu povo não tropece (Sl 121.3). Deus os guardará de todos os tipos de perigos (*v. 13*), promessa que Jesus repetiu enquanto enviava os discípulos (Lc 10.19).

3. *Palavra de Promessa Divina (vs. 14–16)*

Os versículos finais do salmo são apresentados na forma de um oráculo profético, com Deus anunciando, através do orador, que guardará em segurança àqueles que o reconhecem (*v. 14*). O verbo "amar", usado aqui (heb. *chashaq*), não é o verbo hebraico mais comum para "amar". Ele denota profunda afeição, e é usado para a atitude divina para com Israel (Dt 7.7; 10.15). Se alguém nutre um genuíno amor por Deus, então este promete guardá-lo e protegê-lo.

A idéia principal dos *versículos 15 e 16* é semelhante à do Salmo 50.15,23. Nesta palavra profética dá-se a certeza de que haverá uma resposta pronta da parte do Senhor sempre que ele for invocado em momentos de tribulação. Ele intervirá e trará livramento. A "honra" vem quando outros perceberem quão graciosamente o Senhor agiu. Em contraste com os que são visitados pela morte (ver *vs. 7,8*), a pessoa cuja oração é respondida será preservada viva. O hebraico do *versículo 16* é bem menos definido que a redação da NIV. A idéia é que, enquanto ele viver, Deus proverá alimento, e assim o satisfará (cf. Êx 16.8; Sl 132.15, para o uso do verbo "satisfazer"). Deus tanto preserva a vida como também provê alimento diário, quer espiritual quer físico.

SALMO 92

Salmo. Cântico. Para o dia de Sábado.

Nenhum outro salmo partilha desta designação como um salmo destinado ao uso no Sábado. Sabemos pela Mishnah judaica (*Tamid* 7.4), que este salmo era entoado pelos levitas no Templo. A versão grega (LXX) designa outros salmos para que haja um para cada dia consecutivo da semana. A lista era: primeiro dia, Salmo 24; então, (2) Salmo 48; (3) Salmo 82; (4) Salmo 94; (5) Salmo 81; (6) Salmo 93. O Salmo 92 não indica por que fora escolhido para o Sábado. Ele celebra o governo justo de Deus e também a prosperidade dos justos.

1. *Louvor ao Senhor (vs. 1–3)*

A declaração inicial concernente à natureza do louvor do Senhor não é tanto que o louvor nos faz sentir "bem", mas que ele é deleitoso para enaltecer a Deus. "Bom" é o que está em concordância com sua vontade (cf. o uso de "bom" no relato da criação em Gênesis 1), e com razão ele recebe o louvor de suas criaturas. Louvor se deve especialmente por seu amor-e-fidelidade, porque seu caráter reclama adoração. "Harpa" e "lira" são amiúde mencionadas nos salmos, mas é difícil agora fazer distinção entre estes dois instrumentos de cordas, e possivelmente (por causa de seu uso em expressões paralelas) as duas palavras se refiram ao mesmo instrumento. O arpejo em ambos pode evocar alegria.

2. *Alegria nas Ações Divinas (vs. 4,5)*

A oração do Salmo 90.14–16 tem sido respondida, e agora pode haver alegria nos atos salvíficos de Deus. Os "feitos" e "obras" do Senhor constituem suas ações no livramento do salmista dos maus desígnios de seus inimigos (ver *vs. 9–11*). A contemplação do que Deus tem feito arranca exclamações de espanto ante seus feitos, e ante as profundezas de seus pensamentos. Ambas essas idéias caracterizam outras partes das Escrituras (grandes feitos, Sl 40.5; 77.11; 106.2; pensamentos profundos, Is 40.13,28; 55.9; Rm 11.33).

3. *Exaltação de Deus Sobre Seus Inimigos (vs. 6–9)*

Os "inimigos" que estão para ser destruídos (ver *v. 9*) são descritos como carecendo de entendimento e percepção espirituais (*vs. 6,7*, cf. as palavras de Paulo em 1Co 2.6–16). Assemelham-se a animais, no fato de que partilham da mesma incapacidade para entender os propósitos divinos, e se recusam a aceitar sua graça (para as outras quatro ocorrências veterotestamentárias de "insensível", ver Sl 49.10; 73.22; Pv 12.1; 30.2; para "insensato", ver o comentário sobre Sl 14.1). Tais pessoas não compreendem que os olhos de Deus estão sobre os perversos; e, ainda que pareçam prosperar, contudo um fim inesperado os aguarda. À guisa de contraste, Deus é eterno e permanece eternamente como o rei e governador exaltado (*vs. 8,9*). Este tema será desenvolvido nos salmos que seguem (Sl 93–100). O contraste é marcado pelas palavras iniciais ("*Você, porém* …") e pelas frases "destruídos para sempre" e "exaltado para sempre". Como

Rei eterno, Deus governa sobre tudo, e por isso seus inimigos finalmente seriam destruídos. Paulo desenvolve isto em 1 Coríntios 15 quando fala de Cristo destruindo todo domínio, autoridade e potestade, e então entregando o reino a Deus o Pai (1Co 15.24,25).

4. *Grande Bênção para o Salmista (vs. 10,11)*

Como resultado do modo como Deus trata seus inimigos, o salmista compreende que ele tem sido abençoado por Deus (*v. 10*). Ele tem recebido de Deus favores especiais. A idéia de óleos excelentes pode parecer não estar conectada imediatamente com chifres de boi selvagem. Provavelmente a conexão seja que chifres eram usados para manter o óleo para unção (cf. 1Sm 16.1,13). O salmista mesmo tem visto como Deus tem vencido todos os seus inimigos (*v. 11*). Ele não se vangloria nisto, porém é algo que lhe causa alegria. As notícias sobre a ruína deles constituem-lhe uma ditosa e sonora mensagem aos ouvidos.

5. *A Prosperidade dos Justos (vs. 12–15)*

A distinção entre os perversos e os justos fica então bem clara. Enquanto os perversos caminham para a destruição ou para a dispersão, os justos terão um futuro seguro plantados pelo Senhor em sua própria casa, e assim estarão seguros para sempre (*vs. 12,13*). A palmeira e o cedro do Líbano são usados aqui como símbolos dos justos. A palmeira é uma das árvores mais soberanas do Oriente Próximo, sendo amplamente usada, especialmente para sombra e alimento. O cedro do Líbano é uma árvore maciça, com um sistema de raízes vigorosas e um tronco forte, e por isso também pode ser usado como metáfora para o caráter de uma pessoa ou nação aos olhos de Deus. Tais pessoas durarão, e mesmo quando forem velhas ainda produzirão frutos (*vs. 14,15*). São plantas de Deus, e conhecem seu terno cuidado. Até o fim de suas vidas, proclamarão o caráter de seu Deus. O conteúdo da proclamação é um eco de Deuteronômio 32.4. A idéia da força inflexível de Deus está vinculada, em ambas as passagens, à idéia de que não há nele qualquer injustiça. Ele é a rocha justa que também traz juízo aos perversos, como o salmista já declarou (ver *vs. 7,9,11*; e cf. Hc 1.12).

SALMO 93

Este é o primeiro de um grupo de salmos (93–100) que tratam do reinado do Rei celestial que é muitíssimo superior a qualquer monarca terreno, e que governa soberanamente sobre o mundo inteiro. Não há poder na natureza ou nos homens que possa desafiá-lo. O conteúdo desses salmos é muito parecido ao do Salmo 47, que é outro cântico de júbilo pelo reinado de Deus. Embora se pressuponha com freqüência que este grupo de salmos fosse composto para alguma cerimônia religiosa especial na qual o reinado do Senhor era o traço proeminente, não há indicação disto dentro dos salmos. Eles formam uma confissão coesa concernente ao senhorio de Deus e a extensão de seu reino. O Salmo 93 foi usado mais tarde na liturgia judaica na véspera do Sábado.

1. *O Governo de Deus Sobre o Mundo (vs. 1,2)*

O reinado de Deus vem de um tempo anterior a qualquer data. Ele é um Deus majestoso, cuja glória é visível (*v. 1*). Justamente como os reis antigos eram vestidos com vestimentas adequadas a sua posição, assim o Senhor é considerado como estando vestido em majestade e força. Uma vez que o Senhor é o Criador do mundo, este permanece firme para sempre. Estas palavras ("O mundo … não pode mover-se") são repetidas no Salmo 96.10. Deus não carece de assumir o senhorio como um governante terreno, pois seu trono foi estabelecido por toda a eternidade (*v. 2*). Este fato básico é reiterado ao longo deste grupo de salmos, bem como em outras partes do Antigo Testamento (ver Zc 14.9).

2. *O Governo de Deus Sobre as Águas (vs. 3,4)*

Este é um quadro gráfico que o salmista traça. As ondas poderosas dos oceanos estão exibindo sua força, e a tríplice repetição de "os mares se levantaram" realça seu poder. Mas sobre eles reina o Senhor, que lhes é infinitamente superior. Ele reina desde seu trono "nas alturas", e assim como ele pôde acalmar as águas com sua palavra (Sl 33.7; 104.7; Jó 38.11), também poderá subjugar todos os inimigos que insurgirem contra si.

3. *O Governo de Deus Sobre Seu Povo (v. 5)*

O governo de Deus é também expresso de outra forma. Ele é o soberano sobre seu povo pactual, e lhes deu estatutos para governarem suas vidas.

Esses estatutos são fidedignos (Sl 19.7) e excepcionalmente inabaláveis (o texto hebraico, aqui, tem "muito firmes"; ver NKJV). O rei é também caracterizado por santidade e, contudo, se condescende em fazer morada com seu povo. O tabernáculo constituía um constante lembrete a Israel da presença de Deus que este estabelecera entre eles (Dt 12.5,11). A percepção última do princípio da presença de Deus com seu povo será experimentada na morada celestial. Naquela cidade santa jamais entrará qualquer coisa pecaminosa ou impura, porque ela será a expressão plena da santidade de Deus (Ap 21.22–27).

SALMO 94

Dentro do grupo de salmos de realeza (93–100), este salmo é singular. Constitui um apelo ao "Juiz da terra" (*v. 2*) para que trate os perversos de conformidade com suas ações e assim os recompense. Não se dá qualquer indicação do tempo ou circunstâncias de sua composição, e ele funde interesses nacionais (*vs. 1–15*) com preocupações individuais (*vs. 16–23*). A Mishnah judaica indica que este salmo era entoado no quarto dia da semana (quarta-feira), e isto é confirmado nos títulos adicionados às versões grega e latina.

1. *Apelo ao Juiz (vs. 1–3)*

A súplica estridente do salmista centra-se no reiterado apelo a Deus por vingança (*vs. 1,2*). Esta descrição de Deus se defronta com a frase seguinte: "o juiz de toda a terra" (cf. Gn 18.25). Deus leva a bom termo seu justo castigo e corrige os erros que têm ocorrido. "Resplandece" é usado em outras passagens para a majestade da presença de Deus sendo revelada (Dt 33.2; Sl 50.2; 80.1). "Os orgulhosos" são aqueles que arrogantemente concretizam seus próprios planos às expensas de outros, exaltando-se acima de Deus e dos homens. O repetido "até quando?" (*v. 3*) imprime mais urgência à súplica. Esses gabolas arrogantes se vangloriam de seu sucesso, e parecem tão seguros de que suas ações jamais serão desafiadas.

2. *Descrição dos Perversos (vs. 4–7)*

Esta seção do salmo fornece uma descrição mais detalhada dos perversos do que os *versículos 1–3*. São mais que meros praticantes de ações errôneas; se vangloriam constantemente de si próprios, fazendo jorrar essas gabolices (*v. 4*). Isto mostra seu caráter real; deleitam-se em cometer erro e se orgulham disso. Sua atitude para com o povo de Deus também revela sua atitude para com Deus mesmo. Em vez de honrá-los, eles lhes infligem grande dor (*v. 5*). "Esmagar" e "oprimir" são verbos que descrevem ações feitas contra um inimigo. As ações dos perversos vão além da opressão e perseguição. Tiram as vidas de alguns dentre o povo de Deus, especialmente os que são impotentes em se defender (*vs. 6,7*). Os que são impotentes são os mesmos a quem Deus pessoalmente defenderá (ver Sl 10.14; 68.5; 146.9). O equívoco dos perversos consiste em pensarem que Deus não notará o que fazem, e que podem escapar ilesos em todo o seu mal.

3. *Os Perversos Repreendidos (vs. 8–11)*

Os perversos cometem um grande equívoco se continuarem pensando e agindo como têm feito, e agora lhes é ministrada uma repreensão. O modo como os perversos são abordados ("insensatos", "tolos", *v. 8*) pressupõe que suas ações revelam que estão cometendo erros nas decisões morais da vida. Estão vivendo como animais (o termo hebraico, "insensatos", é relacionado com uma palavra que significa "animais"), e daí uma palavra de instrução lhes é ministrada. Uma coisa que o tolo não entende é que, uma vez que Deus é o Criador, ele conhece tudo quanto está acontecendo em seu mundo (*vs. 9,10*). Ele deu aos homens seus ouvidos e seus olhos. Também controla as nações, disciplinandoas com punições; ainda que, como a fonte de todo o conhecimento, dê instrução às suas criaturas. Deus vê por intermédio dos humanos, e entende que em si mesmos não passam de seres de vida breve (*v. 11*). "Fútil" é melhor considerado aqui neste sentido, quando seu uso se assemelha ao de outras passagens no Saltério e em Jó, onde se refere à brevidade e incerteza da vida humana (ver Jó 7.16; Sl 39.5,6; 62.9; 78.33). Seu uso realça o contraste entre o Criador poderoso e a fragilidade de suas criaturas.

4. *Justiça para o Povo de Deus (vs. 12–15)*

O salmista toma as palavras “disciplina” e “ensino” que já usara no versículo 10. Agora ele as aplica ao modo como Deus dirige as vidas dos justos (*vs. 12,13*). Ele ministra instrução que explica o significado da vida, e este ensino se encaixa bem nos momentos de tribulação. Os que recebem este ensino são deveras “bem-aventurados”, e têm condições de entender o destino final dos perversos. Mesmo que os perversos esmaguem a herança de Deus (ver *v. 5*), contudo essa herança está segura (*v. 14*). Como disse Samuel ao povo pactual de seus dias: “Por causa de seu grande nome, o SENHOR não os rejeitará, pois o SENHOR teve o prazer em fazer deles seu povo peculiar” (1Sm 12.22). Deus jamais abandonará seus filhos, mas os sustentará mesmo em meio à opressão. É bem provável que Paulo fizesse ecoar este versículo em Romanos 11.1,2.

O poderoso Criador (ver *vs. 9–11*) é também o justo Juiz (*v. 15*), e os que confiam nele seguirão caminhos justos. Têm-se sugerido outras interpretações deste versículo, mas parece preferível entender “a seguirão” como um retrospecto à “justiça”.

5. *Confiança no Senhor (vs. 16–19)*

Em face da oposição dos perversos, o salmista sabe onde realmente encontrar seu auxílio (*vs. 16,17*). “Levantar” e “ficar ao lado” equivalem dizer “ajuda-me”. Logo ficará claro que não há outro auxílio fora do Senhor (cf. Sl 124.1,2). Sem seu auxílio, os perversos conseguirão manter o salmista em silêncio, o qual permanecerá em silêncio na sepultura. O salmista pensara em algum estágio no qual permaneceria depois da morte, e assim se desliza para o túmulo (*vs. 18,19*). Mas nesse exato momento ele conhecia o poder mantenedor do amor de Deus, e seu profundo estresse se converteria em profunda alegria. Em seu coração ele experimentava a certeza da graciosa presença de Deus.

6. *O Juiz Justo (vs. 20–23)*

Os versículos finais do salmo reconhecem que a única fonte do verdadeiro juízo está tão-somente em Deus. Não pode haver aliança entre os governantes corruptos e Deus (*vs. 20,21*). Os que se levantam do assento de poder a fim de seguir seus caminhos pecaminosos não precisam pensar que podem trabalhar lado a lado com Deus. Sua preocupação é opor-se aos justos e provocar morte e destruição aos bons e inocentes. O

salmista encontrara um refúgio seguro junto ao Senhor, o único Juiz justo (*vs. 22,23*). Ele chama Deus "minha fortaleza". Esta é a mesma palavra que ocorre no Salmo 46.7,11, e, como ali, ela significa um alto fortificado para onde se pudesse fugir em busca de segurança. A adição de "rocha" e "refúgio" corrobora a idéia de quão seguro ele se sentia no cuidado divino. O salmo começou com um apelo a Deus por vingança. Ele termina com a certeza de que Deus vingará seu povo e por fim os perversos serão destruídos. A esperança cristã permanece a mesma. Deus vingará o sangue de seus servos, e então seu povo redimido dirá: "Aleluia! Porque nosso Senhor Deus Todo-Poderoso reina" (Ap 19.6).

SALMO 95

Não há neste salmo menção expressa de realeza, contudo ele se ajusta bem com o grupo de salmos de realeza (93–100) em virtude de seus temas de criação e redenção. Ele consiste de duas convocações ao povo de Deus (*vs. 1 e 6*), cada uma sendo seguida por uma seção que a amplifica. A segunda destas usa o juízo divino no passado para corroborar o apelo a obedecê-lo no presente. Ele é citado em Hebreus 3.7–11, quando o tema de incredulidade está sendo considerado. Este grande salmo tem inspirado muitos hinos para o culto cristão.

1. *Venham Cantar com Alegria (vs. 1–5)*

O salmista faz um forte apelo à assembléia de Israel para que sinceramente louve ao Senhor com cântico (*vs. 1,2*). O cenário sem data era o culto no Templo, e a convocação provavelmente fosse feita por um sacerdote ou levita. No salmo precedente, Deus é também chamado "a Rocha" (Sl 94.22; ver também Sl 18.2; 89.26). "Comparecer diante do SENHOR" significa comparecer no santuário, e ali o povo deve cantar-lhe louvores e render-lhe adoração.

O *versículo 3* – "Porque o SENHOR é o grande Deus, o grande Rei acima de todos os deuses" – constitui uma razão compelidora para louvar-se a grandeza do Senhor. É o supremo motivo para cânticos de adoração e é ampliado nos *versículos 3–7*. O Senhor é exaltado acima de todas as coisas e de todos os demais seres. Não há deus que possa ser comparado a ele. A expressão, "o grande Rei acima de todos os deuses", é muito parecida com "o grande Rei acima de toda a terra" (Sl 47.2). É uma expressão de sua

superioridade acima de toda sua criação, inclusive sobre os assim chamados deuses das nações. A menção de tais deuses não presume sua existência. Não passam de ficções da imaginação humana. Os *versículos 4 e 5* chamam a atenção para alguns dos terríveis aspectos do mundo em que vivemos – as profundezas da terra, os picos dos montes, o mar, a terra seca – a fim de exibir o controle que o Senhor exerce sobre sua criação.

> Ele é o Rei acima dos montes altos,
> O mar é seu, a terra e o firmamento;
> As profundezas subterrâneas que desafiam ao homem
> Estão nas palmas de suas mãos.
>
> (Michael Perry, 1942–)

2. *Venham Prostrar-se em Adoração (vs. 6–11)*

A conseqüente convocação aos adoradores é para que reconheçam o Senhor como seu Criador (*vs. 6,7a*). A convocação em si é mais definida pelas palavras que seguem. Em hebraico há três verbos: "encurvar-se", "dobrar os joelhos" e "ajoelhar". Embora as palavras dêem alguma indicação da postura em oração, a ênfase real está na atitude sincera para com o Senhor. A convocação é para chegar-se diante dele com reverência, por causa da relação, iniciada por Deus, entre ele e seu povo. Pela graça, ele é o seu Deus, e eles são o seu rebanho (cf. Sl 100.3, "somos o seu povo, ovelhas de seu pastoreio"). Justamente como os reis são chamados "pastores" de seu povo, assim seus reinos são chamados "pastagens" (cf. Jr 25.36; 49.20).

Numa cerimônia, o líder falaria as palavras dos *versículos 7b–9* aos adoradores, e os encorajaria a prestar obediência ao Senhor. A mudança para o discurso na primeira pessoa ("*me* testou e *me* provou") acontece em outros casos nos quais o porta-voz de Deus realmente está falando (cf. Is 3.1–4). A resposta que Deus espera de seu rebanho é completamente diferente daquela que o povo deu no incidente em Meribá e Massá (ver Êx 17.7; Nm 20.13). A despeito de haver experimentado tanto o poder de Deus, o povo então o desafiou. As experiências de seus pais no Mar Vermelho e o miraculoso suprimento de alimento que receberam deviam ter convencido a cada geração a confiar no Senhor e a obedecê-lo.

Toda a desobediência de Israel atingiu seu clímax quando o povo incredulamente recusou a avançar à conquista de Canaã, e quis regressar

ao Egito (Nm 14.1–4). Só depois que Moisés implorou junto a Deus em seu favor foi que o povo pôde ser perdoado (Nm 14.13–20), porém foi condenado a permanecer no deserto por quarenta anos (Nm 14.34). A declaração de Deus sobre o povo (*v. 10*) parafraseia suas palavras em Números 14.11.

O juramento (*v. 11*) é feito em Números 14.28–35, onde lemos que o povo jamais entraria *na terra*. Não obstante, fez-se reiteradamente a promessa de *descanso* na terra de Canaã (ver especialmente Dt 3.20; 12.9,10; 25.19), e assim o "descanso" pôde facilmente servir de sinônimo para "terra [de Canaã]". O escritor de Hebreus realça que Josué foi incapaz de dar descanso ao povo. Somente mediante Jesus é que os crentes entram na posse do descanso e podem vislumbrar o último Sábado de repouso no céu (Hb 4.8–10).

SALMO 96

Os Salmos 96–99 formam um pequeno grupo dentro da seção mais ampla dos Salmos 93–100. Eles contêm muitas palavras e idéias em comum, e é bem provável que fossem compostos pelo mesmo autor. Este salmo aparece numa forma levemente alterada em 1 Crônicas 16.23–33, em relação com o transporte da arca da aliança para Jerusalém. É uma convocação a todas as nações a louvarem ao Senhor, e forma parte da perspectiva missionária do Antigo Testamento. É uma antecipação da missão mundial da igreja cristã (Mt 28.16–20). Os primeiros cristãos viram esta significação do salmo, e a antiga versão latina no versículo 10 tem: "Digam entre as nações: o SENHOR reina *desde a cruz*."

1. *Convocação ao Louvor (vs. 1–3)*

Como os salmos adjacentes, este começa com a convocação ao mundo inteiro a que cante os louvores do Senhor. Esta, como muitas outras expressões, se assemelha a partes de Isaías 40–66 (ver as palavras iniciais em Is 42.10). Às vezes há uma ligação estreita entre o salmista e os profetas.

A convocação ao louvor é repetida três vezes (*vs. 1,2*): "Cantem … cantem … cantem", enfatizando os sentimentos exuberantes do salmista. O termo "um cântico novo" pode indicar simplesmente o vigor do cântico (ver comentário sobre Sl 33.2,3), ou, como aqui, pode indicar um cântico

escatológico ou fim dos tempos (ver Ap 5.9; 14.3). Todo o teor do salmo aponta para o reinado final do Senhor como Rei e Juiz. Deve-se apresentar-lhe um louvor universal, e este deverá ser uma constante proclamação de sua graça salvífica.

A espantosa salvação divina deve ser proclamada ao povo por toda parte (*v. 3*). Seus atos salvíficos em favor de seu povo têm de ser conhecidos tanto a judeus quanto a gentios. Isto antecipa a proclamação neotestamentária de que "a salvação não se encontra em nenhum outro, pois não há nenhum outro nome, debaixo do céu, pelo qual devamos ser salvos" (At 4.12).

2. *A Majestade do Senhor (vs. 4–6)*

Agora se faz uma explicação mais completa por que Deus deve ser universalmente louvado (*vs. 4,5*). A expressão "grande é o SENHOR" evidentemente era um modo regular de atribuir honra a Deus (ver a mesma frase em Sl 48.1; 145.3). Fé em Deus é reiteradamente associada a confessá-lo no louvor, pois fé e jubiloso reconhecimento se pertencem (cf. Rm 10.8–11). Embora se mencionem outros "deuses", sua existência é negada no *versículo 5*. O salmista faz trocadilho com a palavra hebraica para Deus (*'elohim*), dizendo que os deuses pagãos não passam de ídolos sem qualquer valor ou importância (*'elilim*). São expostos ao opróbrio diante de nosso Deus soberano (Is 19.1; Sl 97.7). Não são reais, e por isso não têm qualquer poder como tem aquele que fez os céus.

"Esplendor e majestade" (*v. 6*) comumente ocorrem juntos nos Salmos, em suas descrições de Deus (21.5; 45.3; 104.1), embora "força e glória" ocorram no texto hebraico do Salmo 78.61 em referência à Arca (NIV, "poder", "esplendor"). É difícil decidir se "santuário" se refere à habitação celestial de Deus ou ao Templo. O pensamento global do salmo pressupõe o primeiro, ainda que no contexto de um cântico sobre o Templo dificilmente se pode excluir o segundo.

3. *Convocação ao Culto (vs. 7–9)*

Em paralelo com os versículos iniciais, outros conclamam as nações ao culto ao Senhor (*vs. 7,8*). O tríplice uso de "atribuir" nestes versículos faz paralelo com o tríplice "cantem" nos versículos 1 e 2. Formam um imperativo a que todas as nações reconheçam o Senhor e lhe ofereçam essa

atribuição de louvor que reconhece e promove a glória de sua Pessoa. Este louvor deve ser mais do que meras palavras; demandam-se também atitudes e ações adequadas. No Novo Testamento, a convocação se converte em: "Arrependam-se, porque o reino do céu está próximo" (Mt 3.2), embora a alusão à promessa dada a Abraão de bênção a todas as nações ("Ó famílias das nações", ver Gn 12.3; 22.18) ache seu cumprimento na obra redentora de Jesus (Gl 3.10–14).

Ao atribuírem glória ao Senhor, suas criaturas reconhecem sua grandeza, curvando-se humildemente diante dele (*v. 9*). Se a nota de rodapé da NIV for seguida ("com o esplendor de sua santidade"), implicaria chegar-se diante dele com vestes que são cerimonialmente limpas (ver Lv 11.24–28). Hoje Deus requer a oferenda de nossos corpos como sacrifícios vivos e agradáveis a ele (Rm 12.1). Da mesma forma, a igreja no fim dos tempos deverá apresentar-se a ele sem mácula e sem mancha, porém santa e inculpável (Ef 5.27).

4. *Alegria para o Mundo (vs. 10–13)*

Justamente como os versículos 4–6 explicaram a razão por que se deve cantar ao Senhor um cântico novo, também estes versículos explicam a razão por que se deve atribuir glória ao Senhor. A razão básica é que o Senhor é o Rei sobre todos, já que é o Criador do mundo (*v. 10*). Este está firme por causa de seu decreto (Sl 33.8–11), e desde toda a eternidade seu trono foi estabelecido. Todo gênero humano está sujeito ao seu juízo imparcial. O Novo Testamento reafirma este princípio, tornando explícito que Deus julgará o mundo através do Senhor Jesus, levantando-o dentre os mortos como prova disto (Jo 5.19–23; At 17.31). Toda a natureza (*vs. 11–13*) cantará de alegria quando for "libertada de sua escravidão em que caiu e for introduzida a gloriosa liberdade dos filhos de Deus" (Rm 8.21). A repetição das frases "ele vem" e do fato de que ele está vindo para julgar enfatiza a certeza e a natureza dessa vinda. Ele vem para trazer justiça aos ímpios e livramento aos santos. O prospecto é que os gentios também estarão entre aqueles para quem ele vem em justiça e verdade. O quadro que o Novo Testamento esboça é que toda criatura, no céu e na terra, estará no último dia cantando:

Àquele que está assentado
no trono

e ao Cordeiro
    sejam o louvor, a honra,
a glória e o poder,
    para todo o sempre! (Ap 5.13)

SALMO 97

Este salmo, como os Salmos 93 e 99, começa com a declaração da realeza do Senhor. O versículo 7 forma um pivô; todo o salmo gira em seu redor. A seção inicial constitui uma convocação às nações distantes (provavelmente incluindo as adjacências do Mediterrâneo, o Mar Vermelho e o Golfo Pérsico) a reconhecerem a grandeza do Senhor, embora a seção final seja uma convocação a Sião para que se regozije no Senhor e em seu governo justo. A mensagem do versículo 7 consiste em que os adoradores de ídolos, e mesmo seus próprios ídolos, terão que curvar-se diante de sua soberania. Israel e as nações gentílicas terão que confessar que têm visto e que reconhecem a glória do grande Rei.

1. *Que os Litorais Distantes se Regozijem (vs. 1–6)*

A declaração inicial concernente à realeza do Senhor é seguida de uma convocação a toda a terra para que se alegre, e aos literais distantes para que se regozijem (*v. 1*). Todos os habitantes do mundo devem regozijar-se no conhecimento de que o Senhor reina. Uma resposta adequada ao eterno reinado de um Deus santo é: culto e adoração (ver Ap 11.15; 15.4; 19.6). A palavra traduzida por "litorais" é também usada para ilhas, o que explica a variação em outras traduções (ver AV, NKJV). Ela serve para chamar a atenção para a natureza universal da realeza de Deus.

A descrição do governo de Deus nos *versículos 2–4* ecoa a linguagem em outras passagens que falam da majestade da aparência de Deus (cf. Êx 20.18–21; Dt 5.22–27). Sua glória é tal que está velada da vista humana para que não ofusque seus olhos. Quando sua glória é vista, ela se assemelha a relâmpagos riscando o céu, o que serve como fonte tanto de luz quanto de terror. Seus inimigos perecem diante de sua presença (cf. Sl 68.1,2). Em meio a esta descrição há também uma reafirmação dos fundamentos do governo soberano de Deus. Sua realeza é caracterizada pelo fato de que ele não reina como um governante humano, em seus

interesses pessoais e com a perversão da justiça. Ao contrário, seu governo se nota por sua justiça e sua administração eqüitativa.

Mesmo os montes altaneiros, que simbolizam tudo o que é estável e duradouro, não podem permanecer diante do Senhor (*vs. 5,6*). A repetição de "diante do SENHOR" (cf. a repetição de "ele vem" em Sl 96.13) provavelmente ocorra com o intuito de realçar sua majestade e governo soberano sobre o universo. A justiça de Deus é subjacente a toda a ordem moral, e sua revelação geral declara esse fato (cf. Sl 19.1ss.). O mundo da criação e da providência proclama sua dependência do caráter de Deus para sua existência contínua. Todos os homens têm certo conhecimento de Deus, visto que ainda portam sua imagem. Ainda que tentem e reprimam tal conhecimento, são deixados sem escusa diante dele (Rm 1.20).

2. *Convocação ao Culto (v. 7)*

O pensamento deste versículo é o aspecto central do salmo. Os adoradores de ídolos são convocados a que renunciem sua aliança com seus "deuses" atuais e que confessem o verdadeiro Deus e Rei como seu Senhor. Nenhum ídolo feito por mãos humanas tem o poder de salvar quem o cultua (Is 44.17). Todos quantos confiam no que é destituído de valor (ver o comentário sobre Sl 96.5) por fim compreenderão sua estultícia. O salmista deixa claro que mesmo estes assim chamados "deuses" na realidade estão sujeitos ao único e verdadeiro Deus. Diante dele devem prostrar-se.

3. *Que Sião se Regozije (vs. 8–12)*

O próprio povo de Deus ouve novamente a declaração: "O SENHOR reina", e se alegram (*vs. 8,9*). O fato de o juízo divino ser constituído de atos de livramento em favor de seu povo produz alegria nas povoações por toda a terra. O povo reconhece novamente que Deus é em extremo exaltado acima de toda sua criação, e que nenhum dos ídolos pode competir com sua posição.

O povo de Deus é convocado a mostrar amor e ao mesmo tempo ódio – amor por Deus mesmo, porém ódio ao mal (*v. 10*). A descrição dos que estão em estreita relação com Deus como aqueles que o amam se encontra também no que diz respeito a Abraão (Is 41.8, "amigo"; heb. "aquele que

me ama”). Cuidado protetor cerca os “amigos” de Deus, e ele os defende e os liberta dos que conspiram contra ele, bem como contra eles.

O governo de Deus é descrito aqui e em outras partes em termos de luz e alegria (*vs. 11*,*12*, cf. a combinação de luz e alegria em Is 60). “Nasce sobre” literalmente é “propagado”, que pode indicar algo espalhado na vereda dos justos. A expressão usada para descrevê-los (“os retos de coração”) é comum no Livro dos Salmos. A convocação a “regozijar-se” liga tanto com a última palavra no texto hebraico do versículo 11 (“alegria”) quanto também com a convocação no versículo 1 aos litorais distantes a se “regozijarem”. “Nome” literalmente é “memorial”, mas, evidentemente, como em Êxodo 3.15, é um sinônimo para “nome”, ainda que duas vezes nos Salmos (111.4; 145.7) se refira à recitação dos maravilhosos feitos de Deus. Aqui algo deste significado estaria plenamente em harmonia com o contexto.

SALMO 98

Salmo.

Há muita similaridade entre os Salmos 96 e 98, especialmente a maneira como eles começam e terminam. O Salmo 98 tem um marcante progresso no tema principal. Primeiro, o povo congregado é convocado a cantar ao Senhor; então, todos os povos da terra; e, finalmente, toda a criação. A razão para esse louvor universal é a salvação que Deus tem dado a conhecer. É bem provável que isto deva ser entendido como um acúmulo de vários atos de livramento operados por ele, e não apenas um só, tal como o regresso do exílio babilônico. Há evidentemente um foco também na vinda final do Senhor, quando o Senhor Jesus regressar a fim de congregar seu povo e julgar o mundo inteiro (Mt 25.31–46). Isaac Watts (1674–1748) captou o espírito do Salmo 98 com suas palavras:

Que o mundo se alegre! O Senhor vem.
Que a terra receba seu Rei.
Que cada coração lhe prepare um lugar,
E o céu e a natureza cantem.
E o céu e a natureza cantem.
E o céu, e o céu e a natureza cantem.

1. *Israel – Cante ao Senhor (vs. 1–3)*

Em palavras idênticas à abertura do Salmo 96 (ver comentário), a convocação se dirige à congregação de Israel para que este responda à bondade do Senhor com um novo cântico (*v. 1*). Ele tem realizado atos que são inquestionavelmente divinos (coisas maravilhosas" às vezes têm este significado; ver comentário sobre Sl 71.17), e que são explicados nos versículos 2 e 3. "Mão direita" e "braço santo" são indicações do poder do Senhor, de modo que ele tem realizado a salvação sem a intervenção de ninguém mais (cf. Is 59.16; 63.5).

Quando Deus age na salvação, essa é uma demonstração de sua justiça, e esta se faz pública de modo a formar uma auto-revelação às nações (*v. 2*). Desta forma Deus lhes proclama seu caráter essencial e seu poder salvífico. Aqui não se faz qualquer menção do fato de que, quando Deus traz a salvação, ela às vezes é acompanhada de juízo às nações.

Deus agiu com fidelidade pactual em relação a Israel no sentido em que ele agiu oportunamente para libertar seu povo (*v. 3*). Quando ele se "lembra", então salva seu povo (Êx 2.24,25) ou o preserva (Lv 26.44,45). Isto fora feito publicamente, para que esta salvação fosse evidente ao mundo como um todo. Desta forma Deus proclamara seu poder salvífico.

2. *As Nações – Exultem com Júbilo (vs. 4–6)*

Não é só Israel que é convocado a regozijar-se no Senhor, mas igualmente as nações [gentílicas]. As palavras iniciais do *versículo 4* são as mesmas do Salmo 66.1 (cf. também Sl 47.1). O texto hebraico usa um grupo de ordens emitidas às nações, e ao fazer isso realça o louvor que se espera delas. São "exultem com júbilo" (duas vezes), "exultem com cânticos" e "façam música". O texto da NIV as traduz de forma bem idiomática para nosso idioma, ainda que a amenização da tradução per-ca algo do vigor que as ordens repetidas tem em hebraico. As palavras finais do *versículo 6* apontam para o motivo que jaz por trás de seu louvor. As nações devem reconhecer o Senhor pactual de Israel como seu Deus e Rei. Este, pois, é realmente um chamado à conversão das nações, e um comprometimento com o Deus vivo.

3. *O Mundo – Cante de Alegria (vs. 7–9)*

O estágio final do salmo introduz o mundo inteiro no cântico de louvor. Toda a criação deve fazer parte deste coro, bem como todos os habitantes do mundo (a segunda parte do *versículo 7* é idêntica à segunda parte do Sl 24.1). A natureza é personificada e se regozija na vinda do Senhor como Juiz da terra. A descrição da vinda do Senhor é quase idêntica ao Salmo 96.13. "Julgar" envolve livramento para seu povo e destruição dos que são hostis aos seus caminhos. No último grande aparecimento do Senhor, ele tratará a todos em consonância com sua justiça e retidão. Quando os redimidos no céu cantarem o cântico de Moisés e o cântico do Cordeiro, então confessarão:

Grandes e maravilhosos são os teus feitos,
Senhor Deus Todo-Poderoso.
Justos e verdadeiros são os teus caminhos,
ó Rei das eras (Ap 15.3).

SALMO 99

Da mesma forma que os Salmos 93 e 97, o Salmo 99 começa com a afirmação explícita da realeza do Senhor. É evidente que o salmista não considerava essa realeza como de origem recente, pois ele apela para a relação que Deus teve com seu povo nos tempos de Moisés, Arão e Samuel. O salmo mostra sinais de cuidadosa composição, com a palavra "Senhor" ocorrendo sete vezes (apontando simbolicamente para a completude), bem como sete vezes a ocorrência dos pronomes pessoais hebraicos se referindo a ele. Há também uma divisão tríplice no salmo, corroborada pelo estribilho "ele é santo", nos versículos 3 e 5, e expandida na expressão mais completa "porque o Senhor nosso Deus é santo", no versículo final.

1. *O Senhor Exaltado (vs. 1–3)*

O Senhor é o Rei sobre Israel (ele está entronizado entre os querubins, e é exaltado em Sião). Esta é uma referência ao fato de que ele se encontrava com seu povo no propiciatório do tabernáculo (*v. 1*). Não obstante, ele é muitíssimo maior, porquanto é o Rei das nações e estas são compelidas a tremer diante dele com reverência (*v. 2*). Este verbo "tremer" é usado no Antigo Testamento para tremer-se diante do tribunal de Deus

(Is 64.2; Jl 2.1), bem como a dar uma resposta às ações graciosas de Deus (Jr 33.9). Neste salmo, ambos os aspectos estão presentes. Como as nações se curvam diante do santo e gracioso Rei, assim precisam ser lembradas de seu gracioso caráter em perdoar o pecado (*v. 8*).

As nações devem não só tremer, mas também louvar (*v. 3*). Deus deveras é grande e santo (Dt 7.21), e as nações devem reconhecer esse fato e curvar-se diante dele com reverência. Há uma súbita mudança da segunda pessoa ("*teu* grande e terrível nome") para a terceira pessoa ("*ele* é santo"). A expressão "ele é santo" parece ser a mesma usada numa situação de culto, como uma declaração oriunda da própria declaração de Deus, "Eu sou santo" (ver Lv 11.44; 19.2; 20.26; 21.8).

2. *O Senhor Justo (vs. 4,5)*

O *versículo 4* começa com uma declaração acerca de Deus, e então o aborda diretamente na segunda pessoa. Ainda que Deus seja poderoso, e revele isso em seu governo soberano, contudo sempre age em concordância com seu próprio caráter, e por isso faz o que é certo e bom. É seu governo que está em vista aqui, não o da família davídica. O período em que este governo começou para Israel como nação (chamado aqui pelo nome alternativo "Jacó") foi quando a aliança foi promulgada no Sinai.

Para os adoradores no templo, a convocação é para que se enalteça o nome de seu Deus com louvores e adoração (*v. 5*). O lugar onde isto deveria ser feito é no "estrado dos pés" do Senhor. Com toda probabilidade, isso significa a cobertura da arca da aliança, "o lugar de expiação" (ver 1Cr 28.2,11). O motivo por trás desse culto é que Deus é santo, repetindo a declaração do versículo 3.

3. *O Senhor que Perdoa (vs. 6–9)*

Deus providenciou servos com função sacerdotal para que intercedessem pelo povo (cf. Êx 32.11–13), e que os ensinassem o caminho do Senhor (Ml 2.4–6). Moisés exerceu várias funções sacerdotais (ver Êx 24.6,8; 40.22–27), enquanto Samuel orava poderosamente em favor de Israel (1Sm 7.9; 12.18). Suas orações eram eficazes, diante das quais Deus lhes respondia (*v. 6*).

Apresenta-se uma afirmação sumária da maneira como Deus respondia às suas orações (*vs. 7,8*). Embora a referência a "a coluna de nuvem"

aponte diretamente para a experiência de Moisés e Arão (ver Êx 33.9; Nm 12.5,6), contudo a de Samuel pode também ser inclusa, quando ele clamou a Deus no santuário, onde sua arca fora posta (1Sm 3.3,4,19–21). Por mais que Israel guardasse imperfeitamente os decretos que Deus lhe dera, contudo foi especialmente para seu povo que estes foram dados. Israel não escapou ao castigo por seus pecados, mas a misericórdia era amiúde exibida em prol de um povo desobediente ao Deus perdoador. Aquele a quem o poeta chama "nosso Deus" reiteradamente perdoava os pecados de seu povo (Sl 103.11–13; Dn 9.9).

O salmo termina com uma versão expandida do versículo 5 (*v. 9*). Em lugar de culto no "estrado de seus pés" o povo é chamado ao "santo monte de Deus" (i.e., Sião). Desde a vinda de Jesus, o verdadeiro culto é oferecido onde quer que os crentes "adorem o Pai em espírito e em verdade" (Jo 4.23). A adição das palavras "o SENHOR nosso Deus", que vêm por último no texto hebraico, põe a ênfase na relação que os adoradores tinham com o Deus santo. Ainda que em caráter fosse tão diferente de seu povo pecaminoso, contudo ele era deveras *o* seu Deus.

SALMO 100

Salmo. Para Ação de Graças.

O último salmo desta seção (93–100) é um cântico triunfante de louvor ao Senhor. A segunda parte do título tem servido de sugestão a alguns que ele foi composto para acompanhar a apresentação de uma oferta em ação de graças ao Senhor (ver Lv 7.11–15). Não obstante, não há indicação, dentro do salmo, de que este foi seu propósito específico. Na igreja primitiva, o Salmo 100 era usado para as orações matutinas, embora ao longo da história da igreja cristã ele fosse com freqüência usado pelo povo de Deus congregado, quando se propunha, como comunidade, a adorar diante do Senhor. Ele é comumente mencionado como "o Antigo Centésimo", segundo o título da majestosa melodia com a qual ele é amiúde cantado. Esta melodia foi composta por Louis Bourgeois, e apareceu pela primeira vez no Saltério Francês de Genebra de 1551.

1. *Convocação ao Culto (vs. 1–3)*

As palavras iniciais são idênticas às do Salmo 98.4a. Toda a terra deve responder a esta convocação, quando descobrem o que o Senhor fez por seu povo. Com efeito, ele constitui um convite missionário, pois o salmista deseja que todos, judeus e gentios, se regozijem diante do Rei.

A palavra hebraica traduzida por "culto" (*v. 2*) contém uma gama de significados que se estendem desde a ação de um servo ou escravo (Jr 34.14), ou o exercício de súditos em prol de um soberano (Jr 27.7; 28.14), ao serviço prestado ao Senhor (Êx 23.25). As nações gentílicas são convocadas a prestar juramento ao Deus pactual de Israel ("o SENHOR"), e a unir-se em jubiloso culto prestado a ele.

"Conhecer" a Deus (*v. 3*) equivale a confessá-lo, reconhecendo publicamente que ele é o único Deus. Uma tradução alternativa seria: "Reconheçam que o Senhor é o único Deus." As nações devem saber que é o Senhor quem para si formou os israelitas numa nação, e que a nação lhe pertence. Em lugar de "e somos dele" há uma tradução alternativa, "e não pertencemos a nós mesmos". Ela vem de uma ambigüidade no texto hebraico, uma vez que duas palavras hebraicas partilham da mesma pronúncia, porém diferem em significado (heb. *lo*; pode significar ou "não" ou "pertencer-lhe"). A idéia de Israel como o rebanho do Senhor já foi apresentada no Salmo 95.7. Este conceito se desenvolve ainda mais no Novo Testamento, com o ensino concernente a Jesus como o Bom Pastor (Jo 10.11; Hb 13.20; 1Pe 2.25), como um povo especial (Tt 2.14) ao qual ele comprou para os constituir em seus servos (1Co 6.20; 7.21–23; 1Pe 2.24,25).

2. *Convocação para Ação de Graças (vs. 4,5)*

Os que entram no templo e se apresentam em seus átrios são encorajados a chegar-se com jubilosa gratidão diante do Senhor (*v. 4*). A menção de "ação de graças" tem vínculo com a expressão no título, "com ação de graças" (é a mesma palavra em hebraico). Os adoradores devem ter o Senhor mesmo como seu ponto focal. Alguns edifícios eclesiásticos exibem uma placa de bronze em sua entrada com uma inscrição em latim: "Ad majorem Dei gloriam" ("Para a suprema glória de Deus"). Isto capta o ponto central nesta convocação.

É bem provável que o *versículo 5* – "Porque o SENHOR é bom e seu amor dura para sempre; sua fidelidade continua por todas as gerações" – tenha sido a confissão que os adoradores em Israel faziam quando

compareciam no santuário. A bondade de Deus é uma expressão sumária para as coisas que ele prometera na aliança (ver comentário sobre Sl 34.8). Seu amor e fidelidade pactuais jamais falham; e são louvados de geração a geração (cf. Sl 89.1,2; 106.1; 107.1).

SALMO 101

De Davi. Salmo.

Outra coleção menor de salmos, dentro de todo o livro, começa com o Salmo 101 e se estende até o Salmo 110. Está organizada, simetricamente, com os primeiros cinco salmos tratando do rei, uma oração individual, louvor ao grande amor do Senhor e a redenção de Israel. Os cinco salmos seguintes tratam dos mesmos tópicos em ordem inversa. O seguinte diagrama revela o padrão:

Salmo 101 — Salmo 110

Salmo 102 — Salmo 109

Salmo 103 — Salmo 108

Salmo 104 — Salmo 107

Salmo 105 — Salmo 106

Neste salmo, o rei canta seu compromisso feito ao Senhor e seu desejo de ver todas as pessoas injustas removidas do reino do Senhor. O rei ideal retratado aqui só encontrou seu cumprimento no filho maior de Davi, o Senhor Jesus Cristo.

1. *Os Padrões para o Rei (vs. 1–4)*

O versículo inicial capta o tema de todo o salmo. O que o rei desejava para a nação era meramente uma expressão do governo justo do próprio Deus. Daí ele celebrar duas das maiores qualidades que caracterizam o governo de Deus: amor e eqüidade.

O patriarca Abraão foi chamado a andar com Deus e ser íntegro (Gn 17.1). Aqui, o salmista se compromete a viver segundo o padrão divino de integridade (*v. 2a*, talvez "reto" capte melhor a idéia). Sua pergunta: "Quando virás ao meu encontro?" expressa seu anseio em receber o auxílio divino para cumprir o que ora resolve fazer. As palavras do Senhor a Salomão depois de edificar o Templo nos ajudam a determinar o significado de andar com um coração íntegro (1Rs 9.4). Era fazer tudo o que o Senhor ordenasse, observando seus decretos e leis. O Antigo Testamento amiúde associa coração com olhos em relação à conduta (cf. Ec 2.10; Jr 22.17). As influências do interior ("coração") e do exterior ("olhos") determinam as ações (Mt 5.27–29). O salmista se compromete a não ter nenhuma ligação com aqueles cujas mentes são sede do mal. Tais pessoas rebeldes não serão seus companheiros (*vs. 2b–4*).

2. *O Governo Justo na Cidade do Senhor (vs. 5–8)*

A calúnia é tratada com tanta seriedade em virtude de envolver falso testemunho que ameaça a vida e reputação de outra pessoa (*v 5*, cf. Lv 19.16). A expressão para "olhos arrogantes" ocorre somente aqui no Antigo Testamento, mas há uma expressão semelhante no Salmo 18.27. Literalmente, "coração orgulhoso" é "coração liberal", mas no contexto esta é uma referência à arrogância. O rei não tolerará tais pessoas. Ele tem a obrigação de disciplinar os que vivem segundo suas próprias regras e violam os direitos de outros.

Faz-se uma garantia adicional de que os fiéis serão encorajados quando apoiarem o rei (*vs. 6,7*). Os que são íntegros (ver comentário sobre *v. 2*) agirão como servos do rei, enquanto os traidores serão excluídos de sua presença. É bem provável que as expressões "em minha casa" e "em minha presença" signifiquem o átrio real e inclusive toda a terra (ver "na terra" nos *vs. 6 e 8*).

Tudo indica ter sido o costume do rei ouvir casos toda manhã (ver 2Sm 15.2; Jr 21.12). Aqui, o rei promete remover da terra e da cidade do Senhor os perversos (*v. 8*). Em outros lugares, Jerusalém é chamada a cidade de Deus (ver Sl 46.4,5; 48.1–8; 87.1–3). O ideal de uma terra purificada por

fim se cumprirá na Nova Jerusalém, quando a ninguém "que fizer o que é vergonhoso ou enganoso" será permitido entrar nela, "mas somente aqueles cujos nomes estão escritos no livro da vida do Cordeiro (Ap 21.27).

SALMO 102

Oração de um homem aflito. Quando ele desfalece e derrama seu lamento diante do Senhor.

O título deste salmo é bem incomum, e nenhum outro salmo traz um parecido. Não se nomeia o autor, e não há ligação com qualquer circunstância histórica. Nem mesmo somos informados dos detalhes da aflição, ainda que à luz do conteúdo do salmo podem estar relacionados com problemas individuais ou nacionais. Com toda probabilidade, o salmo se origina do tempo do exílio babilônico (cf. as referências a Sião nos *vs. 13,16,21* com a maneira de Lm 5.17,18 referir-se à cidade desolada). A natureza geral do salmo é refletida no título, e não surpreende que fosse usado como um dos salmos penitenciais tradicionais.

1. *Clamor por Auxílio (vs. 1,2)*

A grave luta do salmista produz uma série de súplicas ao Senhor. Ele usa expressões que ocorrem em outros salmos, as quais pressupõem que os salmistas às vezes empregavam formas bem conhecidas de oração de apelo a Deus (para orações afins, ver Sl 13.1; 18.6; 56.9; 65.2; 69.17). Ele constitui não apenas uma oração formal, pois a urgência e angústia de suas súplicas se prorrompem aqui e por todo o salmo. Ele roga a Deus que atente bem para sua oração e a responda imediatamente.

2. *Uma Situação Miserável (vs. 3–11)*

Após um apelo inicial, o salmista descreve em termos convincentes seu estresse. O sofredor usa uma variedade de metáforas para descrever sua condição (*vs. 3–5*). Ele compara sua vida a fumaça e relva (ver também *v. 11*), as quais desaparecem depressa demais. A amargura de sua alma poderia provir de causas físicas. É possível que esteja descrevendo febre ardente que o teria subjugado. Em contrapartida, é possível que estivesse comparando seu senso de abandono da parte de Deus a uma enfermidade

física. O alimento perde sua prioridade na vida quando a angústia se agrava, e quando ora não passa de pele e ossos.

As corujas são aves impuras (Lv 11.13–18; Dt 14.11–17), e amiúde vivem em lugares isolados (outras versões, inclusive a AV, trazem "pelicano" para a primeira ave, mas isso é improvável quando os pelicanos são aves aquáticas). O salmista sente seu isolamento, justamente como se fosse uma dessas aves que vivem empoleiradas no topo dos telhados (*vs. 6,7*).

Além do sofrimento físico, ele está suportando o tormento de abuso verbal (*v. 8*). Seus inimigos até mesmo usam seu nome em maldição. Há um caso em Gênesis 48.20 de nomes usados em bênção ("Que Deus o faça como Efraim e Manassés"). Aqui, o nome e a condição do salmista chegaram a tal ponto que se converteram em provérbio, sendo usados em conexão com maldições.

As pessoas se assentam em cinzas e pó quando pranteiam (*v. 9*, cf. Jó 2.8; Jn 3.6), e dizer que as lágrimas se tornam bebida simplesmente visa a enfatizar quão profunda realmente é a tristeza (cf. Sl 42.3; 80.5). Há também o reconhecimento de que Deus está tratando, em sua grande ira (o hebraico tem "tua ira e teu furor"), com o salmista e com a nação (*v. 10*). A reversão das idéias dos versículos 3 e 4 no *versículo 11* revela tumulto mental. Ele sente que sua vida está para desvanecer completamente.

3. *Confiança no Senhor (vs. 12–17)*

Mas, contra a fragilidade e brevidade da vida humana está o reinado eterno de Deus (*v. 12*). Sua fama é permanente, não temporária. A visão do salmista destituído se volve de sua própria condição para a realidade de que o Senhor deveras reina como Rei. O contraste é fortemente marcado pelas palavras "Tu, porém …".

À luz dos *versículos 13 e 14* fica claro que o salmista não está apenas lamentando pessoalmente, mas sua preocupação é também com os aflitos de Sião. Possivelmente tenha em mente alguma palavra de um dos profetas concernente à visitação do Senhor a Sião. Este será "o tempo de mostrar favor", "o tempo designado", quando Deus virá libertar seu povo. O argumento do *versículo 14* consiste em que, se o povo preza tanto a Sião, quanto mais Deus se preocupa com a cidade que traz seu nome (Dn 9.18,19).

As ações salvíficas de Deus resultarão em reconhecimento universal (*v. 15*). Isto se concretizou em referência ao êxodo do Egito, e se destinava a concretizar-se novamente no tempo do regresso do exílio babilônico. O maior ato de salvação da parte de Deus é Jesus Cristo, e é através de sua vida expiatória, morte e ressurreição é que se dará o reconhecimento mais extensivo. Todo olho o verá e todo joelho se curvará diante dele (Ap 1.7; Fp 2.10,11).

Nos *versículos 16 e 17*, o salmista declara sua confiança de que Deus responderá às súplicas de seu povo e virá em majestoso poder para restaurar Jerusalém. Quando ele reedificar Sião, essa será uma demonstração de seu onipotente poder. O que realmente aconteceu quando Jerusalém foi restaurada no fim do sexto século a.C. foi apenas uma pálida prefiguração da última cidade de Deus. Quando a Jerusalém celestial se manifestar, ela espelhará a glória de Deus (Ap 21.11).

4. *As Promessas Infalíveis de Deus (vs. 18–22)*

As garantias que o salmista acabara de pronunciar teriam de ser registradas para o benefício de gerações vindouras (*v. 18*). Esta é a única referência no Livro dos Salmos ao registro dos grandes feitos de Deus num rolo ou livro. Justamente como Deus ouviu o clamor de seu povo no Egito (Êx 2.23–25), também ouvirá uma vez mais. O salmista nutre a confiança de que Deus responderá aos gemidos do povo exilado, que aqui são chamados "os prisioneiros" (ver comentário sobre Sl 79.11) e "os condenados à morte" (*vs. 19,20*). Eles mesmos evidentemente sentiam que eram condenados a morrer longe de sua própria terra. O grande Rei vai olhar de sua santa habitação e agir, livrando os que se encontram no cativeiro (ver Ez 37.1–14).

Nos *versículos 21 e 22*, o quadro é de uma grande reunião na Jerusalém restaurada quando os que se converterem dentre os gentios tomarão parte no louvor do nome do Senhor. Isto é o que os profetas declararam haver de acontecer (ver Is 2.2–4; Mq 4.1–3), e é parte da visão do fim dos tempos que os profetas e salmistas compartilharam. A reunião que começou no Dia de Pentecostes (At 2) conduzirá eventualmente a uma assembléia diante do trono de Deus daqueles "de toda nação, tribo, povo e língua" (Ap 7.9).

5. *Uma Queixa Reiterada (vs. 23–28)*

O pensamento do salmista se reverte em queixas pessoais que mencionara previamente (*v. 23*, ver *vs. 3–11*). Ele vê a mão de Deus em ação, tirando seu vigor e limitando a extensão de sua vida terrena, e então recorda o que dissera concernente a isso. Em sua súplica, ele lembra a Deus que sua vida não passava de fumaça e erva. Aqui ele reconhece que a existência de Deus é bem diferente da nossa, pois Deus é eterno (cf. v. 12). O Deus eterno criou os céus e a terra (*vs. 25–27*), mas ele é totalmente diferente de sua criação. As palavras "Tu, porém", no *versículo 27*, são muito enfáticas em hebraico. Embora permaneça o mesmo por toda a vida, a criação perece. Assim como uma roupa velha, os céus e a terra passarão. Em Hebreus 1.10–12, as palavras dos *versículos 25–27*, aqui indicando Deus mesmo, formam um poderoso argumento aplicado a Jesus.

A natureza eterna de Deus é a segurança final e imediata para seu povo (*v. 28*). A promessa é que os descendentes dos crentes atuais continuarão na presença e cuidado de Deus. Embora a referência inicial da frase "estabelecidos em tua presença" se refira à vida na terra da Palestina depois do exílio, contudo a aplicação mais ampla do princípio encontra-se no Novo Testamento. Deus, que começa a agir nos corações e vidas de seus filhos, leva a bom termo a obra até o dia de Jesus Cristo (Fp 1.6). Como o autor de sua salvação, o Senhor Jesus pode conduzir muitos filhos à glória, onde viverão em sua presença (Hb 2.10).

SALMO 103

De Davi.

Este salmo enfatiza o amor e a compaixão do Deus que mantém a aliança com Israel. Ele começa e termina com uma nota de louvor, com um duplo apelo nos versículos 1 e 2, e um quádruplo apelo nos versículos 20–22. O cerne do salmo constitui um recital de benefícios pessoais recebidos (*vs. 3–5*) e a compaixão do Senhor em prol de seu povo Israel (*vs. 6–19*). Com clareza quase comparável à do Novo Testamento, este salmo proclama a grandeza do amor de Deus por seu povo e sua graciosa remoção de seus pecados – ainda que o método de tal remoção permaneça oculto.

1. *Minha Alma, Louve ao SENHOR! (vs. 1,2)*

O salmista põe todo seu ser num poderoso coro de louvor ao seu Deus. Este louvor reflete a vitalidade de sua relação com Deus, e mostra o fervor de sua vida espiritual. A palavra traduzida "louvor" literalmente é "abençoar", palavra usada no Antigo Testamento para expressar reconhecimento e gratidão. É comumente usada, como aqui, para Deus, e chama a atenção para seu caráter amoroso e fiel. Ambos os Salmos, 103 e 104, começam com esta auto-exortação. O "nome" de Deus se refere ao seu caráter, e especialmente àqueles aspectos que vão ser recitados nos versículos seguintes.

2. *Louvor por Bênçãos Pessoais (vs. 3–5)*

O salmista recita primeiramente várias bênçãos que pessoalmente recebera do Senhor. O pronome "seus" recua a "minha alma", e portanto é equivalente a falar de "meus pecados" e "minhas angústias". A palavra traduzida "perdoa" nunca é usada para uma pessoa perdoando outra, mas usada exclusivamente em referência a Deus no Antigo Testamento, pois descreve sua ação graciosa em perdoar pecadores. Aqui seu paralelo é "sara", que pode ser usado no sentido figurativo de cura de doenças espirituais (Sl 147.3; Is 53.5). Não obstante, neste contexto se refere à cura de enfermidades que quase levou o salmista à sepultura. Deus redime da morte e restaura à posição régia, coroando com expressões de amor e compaixão. O salmista se sente tão reanimado, que é como se ele renovasse sua força como ocorre à águia (cf. a mesma figura em Is 40.31). A vida na aliança divina deve ser uma experiência com o Deus que "perdoa", "sara", "redime", "coroa" e "satisfaz". Este feixe de termos realça a graça de Deus.

3. *Louvor por Bênçãos Nacionais (vs. 6–19)*

Esta seção do salmo começa e termina com declarações concernentes ao reinado de Deus e seu caráter. Retrocedendo de sua própria situação e de suas próprias experiências individuais, o salmista canta a forma como o Senhor sustenta os oprimidos. Ele realiza feitos justos e salvíficos (*v. 6*), o que às vezes equivale, ao mesmo tempo, juízos sobre os ímpios.

No *versículo 7*, que segue um versículo que fala da justiça e eqüidade divinas, é quase provável que a referência seja à revelação das qualidades pessoais de Deus, o caráter e a maneira de operação que ele demonstrou a

Moisés de forma consistente. Particularmente, depois do incidente com o bezerro de ouro, Deus, em resposta ao pedido de Moisés, de ser instruído em seus caminhos (Êx 33.13), lhe concede uma nova revelação de sua glória (Êx 34.6,7). Esses caminhos envolviam, respectivamente, a manutenção de seu amor pactual e também não permitindo que os perversos ficassem impunes.

O *versículo 8* é quase uma citação exata de Êxodo 34.6. Ele sumaria o caráter do Deus pactual de Israel – profundamente misericordioso, tardio em irar-se e rico em seu amor inabalável. Estes característicos estão expressos nos versículos seguintes. "Acusar" (*v. 9*) é um termo técnico que significa apresentar uma acusação contra um servo pactual errado. A despeito dos pecados de seu povo, Deus lhes estende suas mãos com misericórdia (*v. 10*). Em sua graça, ele lhes dá o que não merecem – favor imerecido! O evangelho proclama que Deus, que é rico em misericórdia, vivifica em Cristo os crentes mesmo quando estejam mortos em transgressões (Ef 2.4,5). Deus age da mesma forma em ambos os Testamentos.

Nos *versículos 11 e 12* há duas ilustrações que demonstram a grandeza da misericórdia de Deus. As distâncias incomensuráveis entre céu e terra, e entre oriente e ocidente, são usadas com o fim de chamar a atenção para a natureza infinita do amor de Deus por seu povo. Sua graça perdoadora é infinita para com "os que o temem", termo descritivo dos verdadeiros crentes (ver sobre Sl 34.7). No Novo Testamento ele esclarece que o perdão vem através do sangue derramado de Cristo na cruz.

> Maravilhosa graça de nosso amável Senhor,
> Graça que excede nosso pecado e nossa culpa!
> Lá no monte Calvário foi derramado
> E espalhado o sangue do Cordeiro.
>
> (Julia H. Johnston)

O amor de Deus não discrimina, pois ele tem compaixão de "seus filhos", que são descritos mais como "aqueles que o temem" (*v. 13*). No tempo do êxodo, o povo de Israel foi adotado como filhos de Deus, tornando-se uma nação santa. O Novo Testamento toma esta linguagem da igreja (1Pe 2.9,10). Na plenitude do tempo, Jesus veio dar sua vida por suas ovelhas (Jo 10.11,14,15), comprando sua igreja com seu próprio sangue (At 20.28). A fragilidade dos seres humanos é também a causa da

compaixão de Deus, pois ele sabe que não passamos de criaturas feitas do pó (*v. 14*).

O homem não é só criatura, mas é também frágil, e seu tempo na terra é temporário (*vs. 15,16*). Esta imagem é usada em outras partes no Antigo Testamento para a natureza efêmera da vida humana (cf. Sl 90.5,6; 92.7; Is 51.12), embora outras vezes "a flor do campo" seja uma comparação semelhante (Jó 14.2; Is 40.6–8). O contraste com os *versículos 17 e 18* é bem marcante. O homem, como a erva, perece, enquanto o eterno amor e justiça pactuais de Deus duram para sempre. Os que o temem, seu caráter se exibe da mesma forma, geração após geração. A natureza de "os que o temem" é definida pela obediência às suas obrigações pactuais. O compromisso externo com a aliança era totalmente insuficiente; requeria-se a obediência do coração (Dt 30.11–16; Rm 2.25–29). "A circuncisão não é nada, e a incircuncisão nada é. O que se conta é a observância dos mandamentos" (1Co 7.19). O sinal de se pertencer à verdade é o amor com ação (1Jo 3.18–20).

A declaração – "O SENHOR estabeleceu seu trono no céu, e seu reino domina sobre tudo" (*v. 19*) – conclui esta seção do salmo. De seu trono celestial o Senhor exerce seu governo sobre toda a criação. Ele tem um reino que é perene, e sua autoridade e poder se estendem a todas as gerações (Sl 145.13). O que se disse de sua atividade no versículo 6 depende da natureza de seu governo soberano.

4. *Que Toda a Criação Louve ao Senhor (vs. 20–22)*

O salmo chega ao clímax com um quádruplo chamado ao louvor, terminando com uma repetição das palavras iniciais. As multidões angélicas são convocadas a enaltecer o Senhor (*v. 20*). Os anjos são seus mensageiros, amiúde enviados a realizar alguma tarefa específica. São seus "poderosos" (cf. Ap 10.1–3), obedientes às suas solicitações, fiéis ao cumprimento de suas ordens. A palavra "exércitos" (*v. 21*) pode ter vários significados no Antigo Testamento. É usada para os corpos celestes, bem como para os exércitos de Israel. Neste contexto, é melhor pensar nela como sendo outra descrição dos anjos inumeráveis que, como servos do Senhor, levam a bom termo tudo quanto lhe apraz.

A convocação ao louvor é ampliada ainda mais para incluir toda a criação (*v. 22*, cf. Sl 96.11; 148). Tudo dentro de sua esfera deve reconhecer o Senhor e dar-lhe louvor. Toda a criação deve ser um coro

reunido para a exaltação de seu Criador. O salmista volta ao foco pessoal com o apelo final. Ele nos leva novamente aonde começou no versículo 1, e assim enfeixa todo o salmo com a repetição de suas palavras iniciais.

SALMO 104

Em nenhuma outra parte do Saltério existe um hino tão longo de louvor ao Criador e à criação. Existe o cântico breve no Salmo 8 e levemente mais longo nos Salmos 33 e 145, mas neste salmo existe uma extensa descrição poética que se equipara à narrativa de Gênesis 1. Paralelos com os dias de Gênesis 1 podem ser demonstrados nesta forma:

Dia 1: versículo 2a
Dia 2: versículos 2b–4
Dia 3: versículos 5–9
Dia 4: versículos 14–16
Dia 5: versículos 17,25,26
Dia 6: versículos 18,23

O *versículo 30* conduz o relato ao clímax, com referência ao poder criativo do Espírito de Deus. Então segue um cântico conclusivo de louvor, exaltando o Deus da criação. Algumas das expressões usadas também pressupõem que Jó 38–41 estava se referindo também a Gênesis 1.

1. *Convocação ao Louvor (v. 1)*

O cântico da criação começa com a mesma convocação ao louvor que ocorre no início e final do Salmo 103. A pessoa e o caráter de Deus não mudam nem aumentam pelo louvor, porém oportunamente chamam a atenção para si. É uma expressão de adoração, reconhecendo a perfeição e maravilha de sua pessoa. Aqui Deus é abordado como o grande Rei, cuja criação o envolve como mantos régios.

2. *O Esplendor de Deus (vs. 2–4)*

Os primeiros dois dias da criação são descritos com o foco no Criador, e não na criação. Deus não só ordenou que a luz brilhasse, porém ninguém jamais como aquele que “vive em luz inacessível” (1Tm 6.16). Ele é luz, em quem não há absolutamente quaisquer trevas (1Jo 1.5). Os céus

formam a habitação do Rei, sendo descritos como um dossel ou tenda (cf. a descrição afim em Is 40.22). Seu palácio é formado sobre as águas do firmamento; e, sendo soberano, ele controla as nuvens, os ventos e as chamas de fogo (relâmpago). Deus não só tem seus mensageiros angélicos criados (ver Sl 103.20,21), mas os elementos naturais como vento e relâmpago também fazem sua morada (ver *v. 4*, "mensageiros", nota de rodapé da NIV, "anjos").

3. *O Criador Forma a Terra (vs. 5–9)*

O dia três da criação é descrito nesta seção do salmo, e tem fortes paralelos em Jó 38.4–30 e Provérbios 8.22–31. Todos os três mencionam o lançamento dos fundamentos da terra e do decreto de Deus, por meio dos quais foram estabelecidas fronteiras para os oceanos. Nos *versículos 5 e 6*, o salmista canta a criação como o fundamento que Deus lançou em sua obra criativa. A construção é segura em virtude da obra do Criador Todo-Poderoso, e daí durar para sempre (cf. Sl 93.1). Nesse estágio da criação a terra seca ainda não apareceu. Nos *versículos 7–9*, a descrição poética continua a descrever a separação das águas da terra seca (ver Gn 1.9,10). Deus só teve que falar, e as águas lhe obedeceram (cf. Sl 33.6–9). As águas são retratadas como sendo um poderoso adversário, que pela palavra do Senhor é posto em fuga. As águas recuaram, revelando a terra seca, e isto aconteceu pela decisão e poder de Deus. Tudo o que aconteceu estava sob seu completo controle.

4. *A Provisão de Alimento Feita pelo Criador (vs. 10–18)*

A seqüência da criação é interrompida nos *versículos 10–13* pela referência ao cuidado providencial de Deus de seu mundo. O pensamento das águas nos versículos 7–9 continua nestes versículos, quando o salmista continua chamando a atenção para o método do Criador de sustentar seu mundo. Ele dá a água que nasce e desce dos montes, de modo que todos os animais selvagens possam achar nela seu refrigério. De modo semelhante, as aves podem aninhar-se junto às águas e cantar nas árvores que crescem às suas margens. Além das fontes de água, Deus dá a chuva do céu que desce sobre os montes e refrescam a terra. É bem provável que esta descrição seja um eco das palavras de Moisés concernentes à terra de

Israel em Deuteronômio 11.11,12a: “uma terra de montes e vales que bebe a chuva do céu. É uma terra da qual o SENHOR seu Deus cuida.”

O terceiro dia da criação envolveu a criação da vida vegetal que se destinava a sustentar a vida animal e humana (*vs. 14–16*). O salmista se concentra na provisão liberal de Deus, de modo que todas as principais necessidades de um banquete oriental (vinho, óleo e pão) são mencionadas como parte das dádivas divinas para o homem. Estes produzem o tema da safra básica de uvas, das olivas e do trigo. Das árvores, os cedros do Líbano são singulares por causa da majestosa aparência que aponta especialmente para o caminho ao seu Criador; e, já que ele os plantou, são chamados “as árvores do Senhor”.

Fez-se provisão para as aves e igualmente para os animais selvagens (*vs. 17,18*). As aves se aninham nas árvores, enquanto os montes formam um lar natural para as cabras e coelhos monteses (não o coelho comum, mas um tipo de texugo das rochas). Estes são apenas um exemplo seletivo de toda gama de vida animal sustentada pelo cuidado divino. O Líbano era famoso por suas árvores e pela riqueza da vida animal ali existente, e assim suas riquezas são usadas para ilustrar a liberalidade de Deus com que tem sustentado seu mundo. Nossa resposta tem de ser:

> Este é o mundo de meu Pai,
> E meus ouvidos ouvirão
> Toda a natureza cantando,
> E ao meu redor músicas virão das esferas.
> Este é o mundo de meu Pai;
> Vêm ao meu pensamento as rochas e as árvores,
> Os céus e os mares,
> Sua mão tem operado maravilhas.
>
> (Maltbie D. Babcock)

5. *O Governo do Criador Sobre as Estações (vs. 19–23)*

Agora entra em cena o quarto dia da criação (*vs. 19,20*). A fluência rítmica das estações é um resultado da designação divina do sol, lua e estrelas. Foram postos na expansão do firmamento para “servir de sinais para marcar as estações, dias e anos” (Gn 1.14). Há em toda a criação uma ordem estabelecida pelo desígnio de Deus, e homens e animais, respectivamente, regulam suas atividades de acordo com a flutuação de

dia e noite e das várias estações do ano. O leão, senhor da noite, é usado para representar os movimentos que ocorrem no mundo animal. Vagueiam durante a noite, e voltam aos seus covis pela manhã (*vs. 21,22*). O homem, senhor do dia, então sai para seu trabalho, cumprindo o exemplo divino para a vida humana (*v. 23*, ver Gn 2.15; Êx 20.9). "Trabalho" e "labor" são termos sinônimos usados para descrever a tarefa para a qual o homem, servo de Deus, é chamado a cumprir. Justamente como Deus trabalhou, e então descansou, também somos compelidos a imitá-lo.

6. *O Governo do Criador Sobre Terra e Mares (vs. 24–26)*

Antes de continuar falando do mar, o salmista se detém para louvar a Deus por suas obras multiformes (*v. 24*). As palavras iniciais constituem uma exclamação, as quais, ao atrair a atenção para as obras de Deus, de fato constituem uma declaração de louvor dedicado a elas. Diversas passagens veterotestamentárias, em adição a esta, chamam a atenção para a manifestação da sabedoria de Deus na criação (ver Sl 136.5; Pv 3.19; Jr 10.12).

No quinto dia da criação, Deus formou a vida oceânica (ver Gn 1.20,21), inclusive as grandes criaturas que enchem os mares, tais como os golfinhos e as baleias. O termo "leviatã" era conhecido no antigo Oriente Próximo como uma referência a um monstro mitológico da criação. Aqui, contudo, o salmista se refere ao leviatã como animal de estimação de Deus, fazendo travessuras nos oceanos e seguindo os navios enquanto trafegam (*vs. 25,26*).

7. *O Governo do Criador sobre a Vida (vs. 27–30)*

O sexto dia da criação entra em cena neste ponto (*vs. 27,28*), sendo a ênfase posta na graciosa provisão de Deus para o gênero humano e para os animais (ver Gn 1.28–30). O paralelo mais estreito com esta passagem é o Salmo 145.15,16, no qual há referência afim à ansiosa expectativa de Deus abrir suas mãos e prover liberalmente para suas criaturas. Sua criação floresce porque ele a contempla com favor, e a supre liberalmente para que seja sustentada.

Toda a vida depende de Deus (*vs. 29,30*). Seu Espírito é a fonte dessa vida, e por meio de seu ato soberano a criação se concretiza. Se esse Espírito for suprimido, então as criaturas morrem e voltam ao pó. É

provável que Jó 34.14,15 estivesse na mente do salmista enquanto escrevia estas palavras. Normalmente, a "ocultação" do rosto de Deus descreve sua ira (cf. Sl 13.1); aqui, porém, se refere à subtração de seu poder sustentador.

8. *Cântico Final de Adoração (vs. 31–35)*

Evidentemente, aqui "a glória do SENHOR" é a criação que exibe sua sabedoria e poder (cf. Sl 19.1). Justamente como Deus velava sobre a criação inicial e a declarou "muito boa", assim ele se regozija em todo seu cuidado providente sobre o mundo (*v. 31*). Sua relação com a criação é tal que mantém completo controle sobre ela, de modo que mesmo com mirá-la e tocá-la pode alterá-la (*v. 32*). Não é somente Deus que se regozija, mas igualmente o salmista (*vs. 33,34*). Ele faz um voto de que, enquanto sua vida terrena estiver em vigor, louvará a Deus e se alegrará na obra de suas mãos. A "meditação" é sobre o que já precedeu no próprio salmo. A resposta à exibição do onipotente poder de Deus deve ser sempre de louvor e adoração.

A presença do pecado desfigura a criação divina. Por isso o salmista ora pela remoção dos pecadores (*v. 35*), pois eles não têm nenhum direito de permanecer no seio da criação divina bela e pura. Até mesmo a criação anela por sua própria libertação (Rm 8.19–22), e nos novos céus e nova terra não mais haverá pecado (Ap 21.27). Este cântico da criação termina com a mesma nota de louvor com que começou, à qual adiciona-se um "Aleluia!" (NIV, "Louvem ao Senhor").

SALMO 105

Os dois salmos históricos maiores, 105 e 106, traçam a história de Israel desde a aliança divina com Abraão até chegar aos períodos posteriores em Canaã. A infidelidade do povo (Sl 106) é contrastada com a plena fidelidade de Deus (Sl 105). Este é o principal aspecto didático dos salmos históricos (ver a Introdução, pp. 57–61). Depois de um chamado introdutório ao culto, há uma afirmação histórica nos versículos 7–11. Isto é seguido de uma longa expansão dela nos versículos 12–41, então o versículo 42 resume o tema da aliança com Abraão, e os versículos finais formam um sumário equilibrado no final do salmo. Os primeiros quinze versículos deste salmo, juntamente com os Salmos 96 e 106.1,47,48,

compõem 1 Crônicas 16.8–36, no contexto do ato de Davi de transportar a arca da aliança para Jerusalém.

1. *Convite ao Louvor (vs. 1–7)*

As palavras iniciais fornecem os matizes aos mandamentos seguintes (*v. 1*). Constituem uma convocação para se louvar o Senhor, e é bem provável que sejam um eco de Isaías 12.4. À luz do contexto, "invocar o nome do Senhor" aqui significa proclamação do nome de Deus, e não propriamente invocar seu nome em oração. Ao louvar o Senhor, o salmista deseja que seus adoradores se lembrem das coisas que Deus fizera (chamadas nos versículos seguintes "atos maravilhosos", "prodígios" e "milagres").

A série de mandamentos continua, com ênfase em se fazer conhecido como Deus salvou seu povo (*vs. 2,3*). O nome de Deus (i.e., seu caráter) se exibe pelo que ele tem feito. Portanto, louvar é uma resposta apropriada, e os que procuram adorá-lo devem chegar-se a sua presença com alegria.

O foco do culto é o Senhor mesmo e seu onipotente poder (*vs. 4–6*). Força é um característico essencial de Deus (Sl 62.11; 63.2), e essa força é exibida em suas ações benevolentes em prol de seu povo. O salmista convoca seus ouvintes (descritos pela variedade de termos no *v. 6*) a que se lembrem como esse poder tem sido conhecido, especialmente no tempo do êxodo egípcio. Deus realizara ações que só ele pode realizar (para "prodígios", ver Sl 71.17; 72.18), e ele comunicara a sentença a faraó e a seu povo (Êx 6.6; 7.4; 12.12).

No *versículo 7*, o êxodo é ainda mais lembrado pelo uso do nome pactual de Deus (o Senhor) que estava tão estreitamente ligado a toda a experiência de redenção do Egito (Êx 3.13–15). Faz-se a confissão de que o Senhor pactual é deveras o Deus de seu povo, e seus juízos são públicos para que todos os vêem. O que acontecera no Egito era bem conhecido de todas as nações adjacentes.

2. *A Aliança Infalível (vs. 8–11)*

Abraão e Jacó já foram mencionados (*v. 6*), e o vínculo pactual fundamental com eles é reafirmado neste cântico histórico (*vs. 8,9*). O povo tem de ser encorajado a rememorar os grandes feitos de Deus (*v. 5*), mas Deus mantém sua garantia pactual sem a necessidade de auxílio para

sua recordação. O termo "juramento" é usado no Antigo Testamento em contextos tais como este, como virtualmente equivalente de "aliança". Tal juramento não era necessário no que diz respeito a Deus mesmo (que é imutável), mas era uma bênção a seus servos como confirmação de seus propósitos (o juramento a Abraão [Gn 22.16] foi reiterado a Isaque [Gn 26.3–5]). Ele se destinava a durar "por mil gerações", expressão que significa "para sempre" (ver Dt 5.10; 7.9).

Além do mais, o mesmo compromisso pactual foi feito com Jacó (*vs. 10,11*, Gn 28.13–15) e a promessa da terra de Canaã lhe era central, a qual seria uma habitação para o povo de Deus. À luz das descrições dadas da terra, a promessa de "a terra de Canaã" significava toda a Palestina. Constituía um decreto no sentido em que ela era uma provisão duradoura que Deus fizera a seu povo pactual, não obstante era condicional, com base em sua fidelidade, como os exílios de ambos os reinos mais tarde o demonstraram.

3. *A História Pactual (vs. 12–41)*

Daqui até o final do *versículo 41* há um sumário do modo como Deus agia em favor de seu povo, cuidando deles e os redimindo do cativeiro egípcio. No primeiro estágio de sua história, o povo de Deus era apenas um pequeno número e destituído de qualquer território definido propriamente seu. Migraram para o Egito e para fora dele, e mesmo dentro da Palestina não passavam de "estrangeiros", isto é, não tinham direitos de residência permanente (*vs. 12,13*). O cuidado prospectivo de Deus fora demonstrado aos patriarcas (*vs. 14,15*). Ele inclusive repreendeu reis tais como faraó (Gn 12.17) e Abimeleque de Gerar (Gn 20.7). O termo "os ungidos" é sinônimo de "os escolhidos" (*v. 6*), enquanto "profetas" é um termo geral aplicado aqui a Abraão, Isaque e Jacó. Abraão é apenas um dos três especificamente chamados "profetas" no Antigo Testamento (Gn 20.7), mas os três foram chamados por Deus e eram os recipientes de sua revelação pactual. Como tais, suas vidas devem ser vistas como sagradas.

Os *versículos 16–22* provêem um sumário de Gênesis 37,39–41, mostrando como Deus preparou o caminho para seu povo, fazendo José descer ao Egito e o havendo designado para uma posição proeminente. Ele chegou no Egito na qualidade de escravo, vendido por seus próprios irmãos (Gn 37.28–36). A descrição que é dada de seu cativeiro é de caráter poético, usando a imagem de um período posterior ("seus pés em grilhões,

seu pescoço posto em ferros"). Em seus sonhos que se relacionavam com seus irmãos (Gn 37.5–11), e em sua interpretação dos sonhos de seus companheiros de prisão (Gn 40.4–23; 41.12), José falou em termos proféticos. Por fim, esta revelação de Deus veio a concretizar-se quando as coisas se cumpriram como José dissera. Ele foi solto da prisão e designado a ocupar o segundo posto no Egito (Gn 41.41–46), tendo os príncipes de faraó sob seu controle.

O *versículo 23* retém o tema da fome, introduzido no versículo 16, porém interrompido pelo relato da escravidão de José. Jacó ficou em estado de estupor quando ouviu que José era o governador do Egito, porém concordou em ir e viver no Egito com toda sua família (Gn 45.25–46.7; à luz da afirmação em Gn 10.6, o Egito é chamado "a terra de Cam", aqui e no *v. 27*, bem como no Sl 106.22; no Sl 78.51 usa-se a expressão "as tendas de Cam"). Durante alguns séculos de permanência ali, Israel cresceu em número e, conseqüentemente, veio a ser um problema para os egípcios (*vs. 24,25*, Êx 17.14). A mão de Deus dirigia as ações dos egípcios de modo a, finalmente, agirem de forma pecaminosa contra Israel que servia a seus propósitos soberanos.

Chamar Moisés servo de Deus constitui um eco de Êxodo 14.31, enquanto a designação de Arão como o profeta de Moisés e como o "escolhido" de Deus é feita em Êxodo 7.1 (*v. 26*). Como no Salmo 78, as pragas não são mencionadas em ordem cronológica. Antes, o poeta realça as duas pragas finais (trevas e morte dos primogênitos), colocando as outras pragas entre elas. Além disso, duas delas (a praga sobre o gado e a praga dos tumores) são omitidas. Esses versículos constituem um sumário de Êxodo 7.14–11.10. Servem como um lembrete de quão importantes eram os sinais e prodígios que Deus realizara no tempo do êxodo. Eram demonstrações do poder divino que Israel nunca esqueceu, pois este era o filho primogênito de Deus (Êx 4.22) que foi redimido da escravidão egípcia por seu braço poderoso (*vs. 27–36*).

Depois da descrição precedente do tempo de Israel no Egito, o poeta sumaria a experiência atual do êxodo (*vs. 37–41*). Ele usa uma das expressões-padrão do Antigo Testamento ("tirou") para descrever como acontecera. Deus interveio em favor de seu povo e o tirou, e esta intervenção incluía tornar os egípcios favoravelmente dispostos a atender Israel (Êx 12.33–36). Inicialmente, os egípcios se alegraram em ver Israel pelas costas, mas então compreenderam que haviam perdido sua força

operária e por isso os perseguiram (Êx 14.5–9). Deus sustentou e protegeu seu povo, de modo que durante o dia tinham a nuvem como cobertura; e, durante a noite, tinham o fogo. Ele também lhes proveu alimento e bebida no deserto. Todas essas experiências confirmavam a natureza sobrenatural do êxodo e do gracioso cuidado de Deus em seu favor.

4. *A Bênção do Senhor (vs. 42–45)*

O salmo conclui com reiterada referência à aliança com Abraão. O êxodo foi o cumprimento do que Deus lhe prometera muito antes (Gn 15.13,14), e Israel tomou posse de uma terra completa, com casas, poços e vinhas, que outros haviam trabalhado para conseguir (Dt 6.10–12). A resposta do povo tinha de ser demonstrada mais que por mera alegria. Foram instruídos a obedecer a todos os decretos do Senhor e a temê-lo (Dt 6.24,25). A aliança exigia responsabilidades que o povo esperava honrar quando conformaram sua vida aos mandamentos de Deus e assim aprenderam a santidade de seus caminhos. O salmo que começa com uma convocação ao louvor, termina com um "Aleluia!".

SALMO 106

O Salmo 106 vem em seguida de forma adequada, porém se contrasta com o Salmo 105. Ambos são históricos em sua abordagem, porém o Salmo 106 se concentra nos pecados de Israel, e não no livramento divino. Neste aspecto, ele se estreita mais com o Salmo 78 em seu tratamento da história de Israel. Enquanto o Salmo 105 termina com a nota de obediência às leis de Deus, o Salmo 106 mostra quão freqüente o povo se rebelava contra ele e fracassava em observar seus preceitos. Sua linguagem se assemelha às orações de confissão encontradas em Neemias 9 e Daniel 9. Paulo, ao descrever a pecaminosidade universal do gênero humano (Rm 1.18–31), se vale da linguagem do Salmo 106.

1. *Louvor e Oração (vs. 1–5)*

É oportuno que o recital adicional dos atos poderosos do Senhor comece com um apelo: "Louvem ao SENHOR" (heb. *Aleluia*). Para Israel, a recordação da história de outrora era algo estreitamente conectado com louvor, pois o povo estava recordando do que Deus fizera por eles. Aqui o

apelo é para enaltecer (um termo forte) a bondade de seu Deus pactual, e reconhecer ainda uma vez quão perene é sua misericórdia (*v. 1*). O questionamento no *versículo 2* pressupõe que ninguém é capaz de fazer plenamente conhecido todos os feitos do grande Rei guerreiro. As realizações humanas são pálidas em significação ante seus atos poderosos.

Os que servem a este grande Rei devem mostrar os mesmos característicos que ele exibe quando vem para impor eqüidade na terra (*v. 3*). O pronunciamento de uma bênção sobre eles (para "bem-aventurado", ver o comentário sobre Sl 1.1) é realmente um encorajamento para que ajam desta forma.

O apelo para que Deus se "lembre" contém a idéia de prestar especial atenção aos necessitados (*vs. 4,5*). O salmista roga que ele possa partilhar das bênçãos comunitárias do povo de Deus quando o Senhor os visitar trazendo livramento. Ele sabe que é parte da família pactual, e deseja participar, com todos "os escolhidos" de Deus, do jubiloso reconhecimento de seu poder salvífico.

2. *A Rebelião de Israel (vs. 6–43)*

Como se dá com todos os recitais da história, há uma confissão de pecado logo no começo (*vs. 6,7*, cf. Dn 9.4–6). O salmista liga aqueles de seus dias com aqueles que pecaram no Egito (o texto hebraico diz: "Pecamos *com* nossos pais"). Ele e outros de sua geração são considerados como que participantes na rebelião do Israel de outrora, e como que continuando essa rebelião. Os três verbos ("pecamos", "fizemos o mal" e "fomos rebeldes") são todos usados em 1 Reis 8.47, e provavelmente formavam parte do vocabulário regular da confissão de pecado. Dois pontos importantes se apresentam aqui sobre Israel no tempo do êxodo. Primeiro, a nação foi rebelde desde seu próprio fundamento, inclusive desprezando os milagres divinos e se rebelando junto ao Mar Vermelho logo depois de atravessá-lo. Segundo, as maravilhas da graça divina são exibidas no fato de que ele redimiu um povo em extremo pecaminoso e rebelde.

No pensamento bíblico, a salvação é sempre uma iniciativa divina e é concretizada por amor de seu nome (*v. 8*; cf. a oração de Daniel, 9.19). Foi a despeito de seus pecados que os israelitas foram libertados do Egito, a fim de que se cumprisse a promessa divina a Abraão (Gn 15.13–15). A

salvação da escravidão e do pecado é sempre uma demonstração do grande poder de Deus.

Os *versículos 9–11* sumariam o cântico em Êxodo 13.17–14.29. O que Deus fez a Israel ("os repreendeu … os guiou … os salvou … os redimiu") é o tema de louvor contínuo. Ele controlou as forças da natureza para libertar seu povo e trazer juízo sobre os egípcios. Israel passou o Mar Vermelho em terra seca, mas os egípcios perseguidores foram tragados pelas águas que voltaram ao seu lugar.

O *versículo 12* sumaria Êxodo 14.30–15.21. A exibição do poder de Deus convenceu os israelitas a confiarem nele e em Moisés seu servo (Êx 14.31). O cântico com que Moisés e os israelitas louvaram a Deus (Êx 15.1–18) tornou-se um hino de triunfo, celebrando *sua* vitória sobre os egípcios. O Senhor, o poderoso guerreiro, venceu os inimigos, e por isso o povo cantou: "Quem é como tu – majestoso em santidade, terrível em glória, que operas maravilhas?" (Êx 15.11).

As experiências cíclicas de Israel continuaram logo depois do livramento do Mar Vermelho (*vs. 13–15*). Pecado no Egito, salvação no Mar Vermelho e, então, novamente pecado no deserto! O salmista enfeixa algumas das experiências do povo logo depois de atravessar o Mar Vermelho (Êx 15.22–25; 16.1–17.7) com o último incidente quando, em decorrência de comerem alimento sem a devida preparação, foram castigados com uma praga severa (Nm 11.31–34; Sl 78.28,29). Cada incidente ilustrava a incredulidade do povo e seu desejo de seguir seu próprio caminho pecaminoso.

Muitos nutriram inveja da relação especial que Moisés desfrutava com o Senhor (*vs. 16–18*). Miriã e Arão falaram contra ele (Nm 12.1–15); e então Corá, Datã e Abirão conduziram outros 250 líderes proeminentes a desafiarem as funções exclusivas para as quais Moisés e Arão foram chamados por Deus (Nm 16.1–50). A terra se abriu e Corá, Datã e Abirão foram tragados, e os 250 homens foram consumidos pelo fogo enviado pelo Senhor. Como em Deuteronômio 11.6, aqui não há menção de Corá.

Enquanto Moisés estava ainda no Monte Sinai, o povo pecou ao fazer um bezerro de ouro (*vs. 19–23*). Seu pecado consistiu na tentativa de substituir Deus por um ídolo, e este quase levou a infante nação de Israel à destruição (ver Êx 32.9,10). Deus é chamado "sua Glória", isto é, seu glorioso, e Paulo faz ecoar esta linguagem em Romanos 1.23. Logo se esqueceram de todos os milagres no Egito (chamado por seu nome poético,

"a terra de Cam", cf. Sl 105.23) e no Mar Vermelho. Moisés agiu como mediador e sua intercessão resultou na substituição da destruição total por uma praga (Êx 32.31–35). "Pôr-se na brecha" é linguagem militar, usada para um soldado disposto a dar sua vida por outros, defendendo a abertura num muro (ver Ez 22.30).

Versículos 24–27: Uma das grandes promessas feitas a Abraão era uma terra para seus descendentes (Gn 15.18–21; 17.8). Mas quando, pouco mais de um ano depois de saírem do Egito, chegaram a uma parte no extremo sul de Canaã, e ouviram o relatório dos espias que foram supervisioná-la, o povo se rebelou e queria voltar para o Egito (Nm 13.1–14.9). Rejeitaram a promessa de Deus de "a terra deleitável" (descrita pela mesma frase hebraica em Jr 3.19; 12.10; Zc 7.14; cf. Dn 8.9, "a Terra Aprazível"). A pena redundou no juramento de Deus de que aquela geração morreria no deserto (Nm 14.28–32), e também que a geração do exílio seria espalhada por entre as nações (parte da maldição pactual, Lv 26.33–35; Dt 28.64–68).

O incidente em Sitim, ao qual o poeta se reporta nos *versículos 28–31*, é registrado em Números 25. Não só havia imoralidade sexual com mulheres moabitas, mas, como fica bem claro aqui, houve a quebra da aliança feita com o Senhor pela adoração prestada a outros deuses (ver Nm 25.2,3). Finéias, neto de Arão, matou um israelita que trouxera para sua família uma mulher midianita. Pela ação de Finéias, a praga que Deus enviara foi detida. O que ele fez estava em marcante contraste com a perversidade de seus tios, Nadabe e Abiu (ver Lv 10.1–5). Justamente como a fé de Abraão lhe fora creditada como justiça (Gn 15.6), assim este ato foi creditado a Finéias. Deus entrou em aliança de paz com ele, pela qual a ele e a seus descendentes foi dado um sacerdócio perene (Nm 25.10–13; Ml 2.4–6).

Versículos 32,33: Dois incidentes envolvendo provisão de água, em ambos os quais o povo testou a Deus, parecem ser enfeixados aqui (Êx 17.1–7; Nm 20.1–13). O texto hebraico do versículo 33 literalmente diz: "pois se rebelaram contra seu espírito, e palavras esmagadoras saíram de seus lábios" (ver nota de rodapé da NIV). Não obstante, uma comparação com Isaías 63.10 ("Contudo se rebelaram e entristeceram seu Santo Espírito") confirma a interpretação incorporada na versão NIV. As palavras esmagadoras de Moisés são aquelas registradas em Números 20.10. Ele falou em sua ira e em anos de frustração com o povo.

Os *versículos 34–39* fornecem um quadro conciso dos longos anos de rebelião que o povo demonstrou depois que entrou em Canaã. O que realmente aconteceu estava em direta contradição com as instruções que foram ministradas (ver especialmente Dt 7.1–6; 12.1–9,28–32). Os israelitas efetuaram casamentos mistos com aqueles que não faziam parte da aliança, e logo se enredaram em suas práticas – idolatria, sacrifício humano, homicídio. Tanto o povo quanto a terra se tornaram impuros por essas ações. A linguagem de prostituição é usada no Antigo Testamento para descrever o afastamento de Israel dos padrões morais de Deus (Is 1.21); e a nação, esquecendo-se do Senhor, se comprometeu com outros deuses (Ez 16.32–36).

Nos *versículos 40–43*, o poeta fornece um breve relato da reação de Deus aos pecados de seu povo ao longo de séculos de vida na terra prometida (para uma descrição mais longa, ver 2Rs 17.7–23). Ele exibiu sua ira contra seu povo, permitindo que as nações adjacentes invadissem a terra e os oprimissem. Reiterados livramentos divinos não alteraram a inclinação pecaminosa do povo. Persistiram em sua rebelião, e o resultado final constituiu-lhes em indizível humilhação. Desde os dias dos juízes até o exílio babilônico, as maldições da aliança foram aplicadas ao Israel pecaminoso.

3. *As Bênçãos da Aliança (vs. 44–47)*

Em tempos de grande angústia para seu povo, lemos que Deus observava (heb. *via*) sua condição (cf. Êx 3.7; 1Sm 9.16). Justamente como Deus havia emitido sanções contra sua herança equivocada, assim ele prometera que se lembraria de sua aliança (Lv 25.42,45; cf. também Sl 105.8,42). “Lembrar-se de sua aliança” significa implementá-la, o que ele fez revelando sua misericórdia exuberante (*vs. 44,45*).

Nos *versículos 46 e 47*, o uso de linguagem relativa a “piedade” chama a atenção para as promessas feitas em termos semelhantes ao que aconteceria quando o povo se arrependesse de seus pecados (ver 1Rs 8.50; 2Cr 30.9; Jr 42.12). Portanto, esta referência ao cativeiro significa especificamente o exílio babilônico, porque esta linguagem não é usada para nada mais além do cativeiro. Recordando tais promessas, a comunidade dispersa ora para que Deus os reúna dentre as nações gentílicas para onde foram espalhados. Tal restauração resultará em triunfante louvor à misericórdia de Deus.

4. *Doxologia Conclusiva (v. 48)*

O salmo, bem como o Livro 4 do Saltério, termina com esta doxologia. A primeira parte dele ("Louvor seja dado ao SENHOR, o Deus de Israel, de eternidade a eternidade") mais provavelmente fosse original ao salmo, embora a segunda parte ("Que todos os povos digam: 'Amém!'. Louvem ao SENHOR") seja uma adaptação da declaração de 1 Crônicas 16.36.

LIVRO 5

SALMO 107

Há fortes elos entre os Salmos 105,106 e 107. Todos incluem as palavras: "Dêem graças ao Senhor" em suas introduções, e partilham de uma perspectiva histórica semelhante. A partir de um aspecto, o Salmo 107 fornece a resposta do Senhor à oração do Salmo 106.47: "Salvanos, ó SENHOR nosso Deus, e congrega-nos dentre as nações." Ele reconta como em quatro tipos de adversidade o Senhor libertou os que lhe clamaram: da fome e da sede (*vs. 4–9*), da prisão (*vs. 10–16*), da doença (*vs. 17–22*) e da tempestade marítima (*vs. 23–32*). Cada uma destas estrofes tem a mesma forma básica: um relato da angústia, um clamor ao Senhor e seu livramento e então uma convocação a louvá-lo por seu amor pactual (heb. *chesed*; ver sobre 36.5). As duas estrofes que seguem estas são mais gerais, mostrando como o Senhor libertou de formas mais gerais (*vs. 33.42*). O chamado introdutório ao louvor e as palavras finais de admoestação e exultação enfeixam toda a estrutura do salmo num testemunho memorável da graça redentora do Senhor. Este salmo vem depois do regresso do cativeiro babilônico (ver *vs. 2,3*; e comparar *v. 1* com Jr 33.11), e ainda que tenha elos fortes com os Salmos 105 e 106, contudo foi escolhido para dar início à seção final do Saltério.

1. *Convite ao Louvor (vs. 1–3)*

As palavras do *versículo 1*, que já foram usadas no início do Salmo 106, formam o mandamento à comunidade congregada de Israel (para as palavras idênticas, ver também Sl 136.1). Eles, e especialmente aqueles que voltaram do cativeiro, são convocados a enaltecer a bondade e o amor do Senhor (cf. a combinação de "bondade" e "amor" no Sl 23.6). O regresso do cativeiro evidentemente foi um ato de Deus (*vs. 2,3*). Ele libertou seu povo e congregou muitos dos dispersos de Israel de todos os pontos das adjacências. Não obstante, grandes números permaneceram em Babilônia e contribuíram grandemente para com o judaísmo tardio. Em vez de "sul", o texto hebraico tem "o mar" (i.e., o Mediterrâneo), mas como "ocidente" já foi mencionado, a NIV provavelmente esteja certa em tomar a palavra hebraica para significar "sul" (uma letra no hebraico faz a diferença).

2. *Livramento da Fome e da Sede (vs. 4–9)*

A primeira descrição da angústia dos que viajam pelo deserto é a fome e a sede (*vs. 4,5*). Os que saíram do Egito experimentaram em primeira mão os problemas da vida no deserto, e, embora vivendo na Palestina, o povo conhecia a realidade dos maiores desertos ao sul e ao leste. Estes tinham que ser atravessados pelos comerciantes, bem como por todos os exilados em seu regresso. O relato padronizado de sua oração a Deus e de sua resposta (cf. quase as mesmas palavras, *vs. 13,19 e 28*) é seguido de uma descrição mais completa da provisão especial de Deus para eles em sua necessidade (*vs. 6,7*). Os peregrinos que não podiam encontrar uma habitação (*v. 4*) foram levados a um lugar onde, além de refúgio, havia alimento e água, dando assim segurança à existência humana. A palavra hebraica usada para a expressão "onde pudessem habitar" veio a ser a palavra hebraica moderna, *moshav*, colônia de pequenos proprietários. O salmista convida a congregação (ou leitores) a louvarem ao Senhor por seu amor (heb. *chesed*) e por seus maravilhosos feitos (*vs. 8,9*, ver sobre Sl 72.18). Tal suprimento de alimento e água constituía uma provisão divina para a fome e sede. O mesmo estribilho ocorre novamente nos *versículos 15,21 e 31*, em cada caso sendo seguido pela razão apropriada para louvar.

3. *Livramento da Prisão (vs. 10–16)*

Fome e sede não eram a única situação de angústia que o povo enfrentava. Havia outras, inclusive prisão (*vs. 10–12*). Um dos castigos que Deus infligia ao povo em razão de sua rebelião era a prisão em países estrangeiros. Em vez de se nutrirem das palavras do Altíssimo, eles as tratavam levianamente, inclusive as ameaças de exílio e prisão (Lv 26.33; Dt 28.47,48). Deparavam com situações em que não havia qualquer auxílio humano em seus apuros. As expressões usadas aqui podiam incluir outras situações estressantes, além de prisão.

O que é espantoso nestes *versículos 13 e 14* é que estão descrevendo o livramento divino de situações que eram resultantes do próprio pecado do povo. Ele os enviou ao cativeiro, porém, em concordância com sua promessa (Lv 26.40–45), quando se humilhassem e lhe clamassem, Deus responderia com misericórdia. O estribilho convoca uma vez mais ao louvor (*vs. 15,16*), desta vez pelo maravilhoso livramento do cativeiro, especialmente aquele de Babilônia. Parte da obra de Ciro como libertador designado por Deus, em favor de seu, era "derrubar os portões de bronze e cortar as trancas de ferro" (Is 45.2). A linguagem do *versículo 16* ecoa aquela descrição do louvor de Deus por sua soltura dos prisioneiros em Babilônia.

4. *Livramento da Enfermidade (vs. 17–22)*

Os pecados do povo também causaram doenças físicas, e destas Deus também os libertou (*vs. 17,18*). Outras maldições pactuais constituíam a ameaça de doenças divinamente impostas (Lv 26.16,25; Dt 28.20–22,35,58–61). Os que sofriam essas doenças são chamados "insensatos", não porque eram mentalmente estúpidos, mas porque sua vida era marcada por insolência contra Deus (cf. o contraste entre os que têm o temor do Senhor e os insensatos que desprezam a instrução, Pv 1.7). Sua doença era tão séria que perdiam todo o apetite e buscavam a morte. Os *versículos 19 e 20* introduzem a recuperação que Deus ordenava. Ele pronunciou a palavra, e eles foram restaurados, sendo assim resgatados da morte. O estribilho (*vs. 21,22*) conclama ao louvor por esta evidência adicional do amor infalível de Deus e pelos atos tangíveis para mostrar quão profunda era sua gratidão. Esta conclamação e a próxima (*v. 31*), ambas especificam a forma que o louvor assume. Jeremias 33.11 descreve a alegria que era característica do regresso do exílio.

5. *Livramento dos Perigos do Mar (vs. 23–32)*

A quarta situação de angústia é o perigo no mar (*vs. 23–27*). Enquanto Israel não era notado por não ser uma nação marítima, contudo ele tinha comerciantes que se aventuravam longe em busca de bens preciosos. No tempo de Salomão, particularmente, houve um comércio além-mar muito ativo (ver 1Rs 9.26–28; 10.22). Os que trafegavam pelos mares reconheciam que as poderosas tempestades eram trazidas pela palavra do Senhor. Chegavam ao ponto em que suas habilidades pessoais de nada lhes valiam ("chegavam ao limite de sua inteligência", heb. literalmente, "e toda sua sabedoria se desvanecia").

Pela quarta vez, faz-se a mesma descrição da oração a Deus e o subseqüente livramento (*vs. 28–30*). Neste caso, o livramento tomava a forma de calmaria das tempestades marítimas, de modo que podiam, por fim, alcançar o porto para onde se destinavam. O Senhor da natureza tinha o poder de controlar a selvagem tormenta, justamente como o Senhor Jesus foi capaz de acalmar a tempestade no Mar da Galiléia (Mc 4.35–41). A ocorrência final do estribilho (*vs. 31,32*) conclama o povo a congregar-se publicamente, e diante de seus líderes reconhecer o que Deus lhes havia feito. Seu louvor tinha de ter um aspecto comunitário, quando testificavam desta demonstração do maravilhoso amor do Senhor.

6. *Preservação da Terra (vs. 33–38)*

Segue uma descrição geral dos períodos de devastação da terra e então as bênçãos renovadas quando Deus uma vez mais lhes dava colheitas abundantes (*vs. 33,34*). Como conseqüência dos pecados do povo, Deus enviou à terra da Palestina o reverso de bênçãos. Em vez de ser uma terra de leite e mel, ela foi visitada por seca e fome, tornando-se uma desolação salgada quase como Sodoma e Gomorra (Gn 19.1–29). Uma vez mais, o ponto é que Deus tem completo controle sobre a natureza, e seu poder se estende até os "rios", "fontes" e "terra frutífera". O exato oposto podia ocorrer com toda a certeza (*vs. 35–38*), e a linguagem usada se assemelha à de Isaías 35.6,7; 41.18; e 43.19,20. "O deserto" e "o solo ressequido" podiam converter-se, respectivamente, em "mananciais" e em "uma cidade". Os famintos agora tinham em abundância, e eles mesmos, e o gado, aumentavam profusamente. Este era o resultado da bênção do Senhor, parte das promessas feitas aos exilados (ver Is 49.19,20; 54.1–3).

7. *Proteção na Calamidade (vs. 39–42)*

A seção final da recordação histórica trata da devastação causada por invasão. Parte do castigo de Deus contra os pecados de seu povo consiste em permitir a invasão de sua terra (*vs. 39,40*). Tinham de enfrentar ataques dos poderosos exércitos tais como os dos sírios (2Rs 6.24,25), assírios (2Rs 17.3–5; 18.13–15) e babilônios (2Rs 25.1–26). Tais ataques trouxeram grande devastação à terra, e eram particularmente humilhantes aos líderes da nação. É bem provável que fossem os últimos dois reis de Judá – Joaquim e Zedequias – que estivesse particularmente em pauta (ver 2Rs 24.8–25.7). Mesmo tais infortúnios foram revertidos por Deus quando ouviu o clamor do povo e os livrou de sua angústia (*vs. 41,42*). Uma vez mais, os números da população aumentaram, e, respectivamente, os bons e os maus dentro da terra sabiam o que acontecera. Os bons o viam e se alegravam. Os mais o viam e, reconhecendo a mão divina no problema, mantinham silêncio.

8. *Convocação aos Sábios (v. 43)*

O poeta termina sua composição de uma maneira que lembra o fim da profecia de Oséias (Os 14.9). Ambos terminam com a indagação: "Quem é sábio?", dirigindo a atenção para a função de ministrar o ensino do que precede imediatamente. "Estas coisas" poderiam ser uma referência aos *versículos 33–42*, ou, mais provavelmente, a todos os *versículos 4–42*. O salmo, que começou com uma afirmação da misericórdia pactual do Senhor (v. 1), termina com um apelo à contemplação de seus grandes feitos e à reflexão sobre essa misericórdia.

SALMO 108

Cântico. Salmo de Davi.

Este salmo é composto de partes de dois outros salmos. O Salmo 57.7–11 e o Salmo 60.5–12 são combinados, e não há indicação no texto bíblico por que se fez isto. Há algumas ligeiras variações quando comparadas com os salmos originais, mas nenhuma de muita significação. Para comentário, ver aqueles sobre os Salmos 57 e 60.

SALMO 109

Para o diretor de música. De Davi. Salmo.

Esta é uma oração feita por alguém que se autodenomina servo do Senhor (*v. 28*). Ele apela ao soberano por intervenção, visto achar-se sob o ataque de seus acusadores. Nos *versículos 6–19*, o acusador é mencionado como uma só pessoa, mas em outros lugares no salmo os acusadores surgem no plural. Talvez seja preferível pensar num bando de acusadores, chamando especial atenção para um único líder do bando. Há no salmo três petições primordiais (*vs. 1–5,21 e 26–29*), juntamente com uma longa seção envolvendo maldições contra o [principal] acusador (*vs. 6–20*). Uma descrição do pobre e necessitado suplicante (*vs. 22–25*) e um cântico final de louvor ao Senhor completa o salmo. Para as questões mais amplas suscitadas pelas maldições neste salmo de Davi, ver a Introdução, pp. 64,65.

1. *Um Clamor Urgente (vs. 1–5)*

A oração do salmista se volta para o divino Juiz, da parte de quem ele deseja pronta resposta (*vs. 1,2*). "Louvo", neste contexto, traz a idéia de reconhecimento público de que Deus é seu defensor. Permanecer em silêncio demonstraria uma atitude de despreocupação por seu bem-estar (para o uso da mesma expressão, cf. Sl 35.22). Os acusadores haviam difundido falsas notícias sobre Davi, agindo contra ele com intenção maliciosa. A descrição mais completa das acusações que eram feitas contra o salmista produz um contraste entre seu caráter e o de seus inimigos (*vs. 3–5*). Ele se devota à oração (o hebraico simplesmente diz: "Mas eu estou orando"), enquanto atacam sem a devida razão e inclusive retribuindo bem com mal. Ele mantém sua inocência na situação, tentando manter relações amistosas com outros que só respondem com ódio e amargura.

2. *Apelo para a Justiça Divina (vs. 6–15)*

Seu primeiro apelo é para que alguém seja designado a fim de conduzir seu inimigo à barra do tribunal divino (*v. 6*). Ele o chama acusador (heb. Satanás), um significado que a palavra hebraica invariavelmente tem no Antigo Testamento. Estar à destra evidentemente era a posição que o acusador assumia nos tribunais (cf. Zc 3.1).

Para seu inimigo, o salmista busca a pena de morte judicial (*vs. 7–10*). Aquele que lhe tem causado tanta tribulação era um líder na nação ou o

líder de um bando de homens que buscavam sua destruição. Mesmo que esse indivíduo pleiteie por um veredicto diferente, suas orações não teriam resposta. O veredicto final não só afetará o inimigo, mas sua esposa e filhos também sofrerão. Esta é uma expressão do princípio declarado no Segundo Mandamento, no qual Deus pune os filhos até a terceira e quarta geração dos que o odeiam (Êx 20.5). As palavras do *versículo 8* são citadas em Atos 1.20 em referência à substituição de Judas por outro apóstolo.

Os sobreviventes da família também serão privados de quaisquer bens que pudessem de outra forma lhes estar disponíveis (*vs. 11–13*). Os de fora da família tirarão proveito da obra que fosse incluída no negócio ou propriedade. Os credores tinham amplos poderes (ver 2Rs 4.1) e tomarão parte na situação. Normalmente se esperaria piedade para os filhos órfãos, mas o salmista roga que ela seja subtraída neste caso. Em Israel, não ter descendentes era considerado uma desgraça, e assim ter os nomes apagados significaria a extinção da linhagem familial.

Toda a família do inimigo é considerada como estando envolta em seus pecados, e por isso devem participar de seu castigo (*vs. 14,15*). O uso do verbo "eliminar", nos *versículos 13 e 15* ecoa a linguagem da aliança (ver Gn 17.14), e pressupõe que o inimigo tem de ser visto como um rebelde à aliança sobre quem deve ser lançada a maldição divina. Com a desobediência pactual, revertem-se as promessas de vida longa e próspera na terra da promessa (Lv 26.9; Dt 6.2,18,24; 7.12–15).

3. *O Caráter do Inimigo (vs. 16–20)*

O inimigo tem sido notório por maltratar o destituído e inclusive provocar a morte dos que deveriam ser protegidos e nutridos (*v. 16*). Para com tais pessoas, ele não demonstrou nenhuma incumbência de amor e misericórdia, negando inclusive as responsabilidades básicas de proteção e cuidado.

Em lugar de bondade, o inimigo substituiu por maus desejos, os quais expressou em termos de um procedimento maldito (*vs. 17–19*). É possível que as palavras do *versículo 18* reflitam alguma prática em que houvesse um ritual envolvendo água e óleo. É provável que fossem derramados sobre o corpo para demonstrar a forma na qual supunha-se que a maldição entrava diretamente nos ossos. Cria-se que a maldição então envolvia a pessoa como se fosse uma roupa que era atada junto ao corpo por um cinto.

Em vez de ler o *versículo 20* como uma continuação da maldição, ele deve ser traduzido como uma declaração concernente ao juízo divino sobre o inimigo: "Esta é a recompensa do SENHOR aos meus acusadores." O salmista é inocente, e está certo de que Deus irá devolver as maldições ao próprio acusador.

4. *Uma Oração Urgente por Auxílio (vs. 21–29)*

As palavras iniciais da oração ("Tu, porém") são muito enfáticas, contrastando o mau caráter do acusador com o caráter gracioso do Deus que ouve a oração. Davi deseja a ação do Senhor, não por sua própria causa, mas por causa de Deus. Ele considera o caráter de Deus como estando em prova, e sabe que o justo Juiz é sua única fonte de livramento. Ele agirá em concordância com seu próprio caráter.

Nos *versículos 22–25*, Davi alega que ele é "pobre e necessitado", expressão que já foi usada (ver *v. 16*) e que denota sua profunda necessidade neste momento (cf. o uso da mesma frase no Sl 70.5; 86.1). Sua força se esvai e está para desfalecer. Ele usa uma variedade de expressões para comunicar a idéia de que não possui nenhum poder propriamente seu, com seu corpo tão fraco e desamparado. Seus acusadores conhecem a realidade de sua posição, e por isso zombam dele em sua fraqueza e impotência. Acreditam que seu fim já está à vista.

Aos clamores prévios, "intervém" e "livra-me" (*v. 21*), o salmista agora acrescenta: "ajuda-me" e "salva-me" (*vs. 26,27*). Tudo isso aponta para sua consciência de que somente no Senhor há alguma esperança de alívio de sua angústia. Quando seu livramento chegar, ele quer que seus acusadores saibam que o mesmo provém unicamente da ação do Senhor. A salvação é sempre do Senhor.

Como esta seção do salmo termina (*vs. 28,29*), muitas das idéias que já foram introduzidas são reforçadas. Davi está confiante de que, mesmo que os inimigos amaldiçoem, contudo Deus abençoará. O resultado será que ele, como servo devoto de Deus, se alegrará quando seus oponentes sofrerem infortúnio.

5. *Um Voto de Louvor (vs. 30,31)*

Como se dá com muitos outros cânticos de queixa, este em particular, ainda que comece com a grave situação do salmista, termina com uma nota

de louvor. Quando estiver reunido com a assembléia de Israel em culto, Davi se compromete de que entoará louvores ao Senhor. A razão para este louvor é que o Senhor está à sua destra como seu defensor, não como seu acusador (cf. *v. 6*). No juízo, ele terá alguém presente ali, e este o livrará de seus acusadores.

SALMO 110

De Davi. Salmo.

Nenhum salmo é mais freqüentemente citado no Novo Testamento do que este. Jesus o usou (Mt 22.43–45; Mc 12.36,37; Lc 20.42–44) e Pedro apelou para ele no Dia de Pentecostes (At 2.34–36). O autor do Livro de Hebreus também se vale dele amplamente (Hb 1.13; 5.6–10; 7.11–28). Não há indicação do cenário ou ocasião do salmo. É possível que tenha tido sua origem no tempo da entronização de Salomão; Davi, porém, está olhando profeticamente (ver 2Sm 23.2) para seu futuro filho maior, o Messias. Mesmo em tempos pré-cristãos, ele era considerado pelos judeus como messiânico, e Jesus, pelo uso que faz dele, silenciou seus críticos: "Ninguém pôde dizer uma palavra em resposta, e daquele dia em diante ninguém ousava fazer-lhe nenhuma outra pergunta" (Mt 22.46).

O salmo é estruturado em torno de dois oráculos proféticos (*vs. 1 e 4*), e estes são os versículos do salmo citados no Novo Testamento. Um profeta fala, e faz declarações concernentes ao sacerdote-rei messiânico. O salmo tem este padrão:

1. **Uma Promessa Divina**: "Assenta-te à minha direita" (*v. 1*)
   Explicação: Um cetro de Sião (*v. 2a*)
   Governo sobre os inimigos (*v. 2b*)
   Um povo disposto (*v. 3*)

2. **Um Juramento Divino**: "Tu és sacerdote para sempre" (*v. 4*)
   Explicação: o auxílio imediato de Deus (*v. 5a*)
   Vitória sobre as nações (*vv. 5b,6*)
   Confiança no Senhor (*v. 7*)

1. *Uma Promessa Divina (vs. 1–3)*

Há três pessoas envolvidas no *versículo 1* – O Senhor Deus, o salmista/profeta e aquele a quem ele chama "meu Senhor". A maneira de introduzir esta afirmação ("diz", heb. *ne'um*) lembra aquela dos profetas. Ela ocorre somente aqui nos Salmos, porém é muito comum em Jeremias (175 vezes), Ezequiel (85 vezes), Isaías (24 vezes) e Amós (21 vezes). A palavra profética aponta para a exaltação do Messias de Deus à sua direita (a posição de honra junto ao rei, ver Sl 45.9; 1Rs 2.19). Ele está para assentar-se ali até que seus inimigos lhe estejam em sujeição. Como Pedro realça em seu sermão do Pentecoste, isto se refere a Jesus, que é "exaltado à mão direita de Deus" (At 2.33).

Os *versículos 2 e 3* contêm três comentários explicativos. Primeiro, seu governo se destina a estender-se para além de Sião, que era não só a cidade de Davi, mas também a habitação do Senhor (Sl 132.13). Segundo, ainda que seus inimigos tomem posição contra ele, todavia exercerá seu governo régio sobre eles. Terceiro, seu povo, o povo pactual, se mostrará disposta a servi-lo, e especialmente os jovens pactuais o seguirão. São parecidos ao orvalho refrescante que desce durante a aurora (ver nota de rodapé da NIV).

2. *Um Juramento Divino (vs. 4–7)*

No *versículo 4* há uma garantia divina à guisa de juramento. O Senhor se obriga em termos absolutos quando fala ao sacerdote/rei. Ele declara que o rei é também um sacerdote eterno (ver também Zc 6.13: "ele será vestido de majestade e se assentará e governará em seu trono. E será sacerdote sobre seu trono"). Isso jamais poderia ser dito de qualquer sacerdote ou rei humano. Isso recebe ênfase acrescida pela referência de que ele será da ordem de Melquisedeque, o qual foi rei de Salém e sacerdote do Deus Altíssimo (Gn 14.18–20). Justamente como Melquisedeque, que viveu muito antes de Levi e de Arão, foi sacerdote/rei, tendo seu sacerdócio diretamente de Deus, de modo que Jesus recebeu um sacerdócio permanente por meio deste juramento feito por Deus (ver a explicação completa no NT em Hb 7.1–28).

Justamente como se apresentaram três pontos explicativos da realeza do Messias (*vs. 2,3*), também agora seguem três pontos explicativos sobre seu sacerdócio (*vs. 5–7*). Primeiro, lhe é assegurado que Deus o ajudará prontamente (*v. 5a*). Segundo, ele será vitorioso sobre seus inimigos no dia em que a ira de Deus se abater contra as nações rebeldes (*vs. 5b*, 6; cf.

Sl 2.5). Terceiro, ele terá uma confiança tal, de que a vitória é infalível, que se deterá para refrescar-se no ribeiro antes de atravessá-lo para a vitória final (*v. 7*). O escritor aos Hebreus esboça as implicações práticas deste ensino concernente ao sacerdócio de Jesus, dizendo que ele é capaz de dar salvação eterna a todos quantos lhe obedecem (Hb 5.9) e salvar completamente a quantos virem a Deus através dele (Hb 7.25).

SALMO 111

Os Salmos 111–118 consistem de um grupo de salmos de Aleluia, assim chamados porque enfatizam o louvor, como se mostrou pela palavra hebraica "aleluia" que ocorre com tanta freqüência. Os Salmos 111 e 112 formam um par para dar início ao grupo. São semelhantes em estrutura, em que o principal corpo do cântico expande a idéia inicial, e então o versículo final leva o foco central a uma conclusão apropriada. São também semelhantes, sendo poemas acrósticos, os quais (contrariando o padrão normal) dão início a *cada meio versículo breve* com as letras consecutivas do alfabeto hebraico. O inicial "Louvem ao SENHOR" (heb. *aleluia*) fica fora do padrão acróstico. O tema principal do Salmo 111 é louvor dedicado às obras do Senhor por aqueles que o temem, com a afirmação na forma de credo de Êxodo 34.6 provendo a base principal.

1. *Louvor Público ao Senhor (v. 1)*

Uma exclamação de louvor espontâneo forma o início e o fim deste salmo. O compositor sem nome se empenha, com a mais plena devoção, a confessar o Senhor tanto na assembléia geral do povo quanto também num grupo menor. Este último grupo, chamado aqui "o conselho dos retos", provavelmente fosse um grupo de amigos comprometidos que partilhavam da mesma reverência ao Senhor.

2. *Louvor pelo Redentor (vs. 2–9)*

As obras do Senhor são grandes porque demonstram seu poder intrínseco. Exibem sua magnificência e manifestam seu caráter singular, especialmente como o Redentor de seu povo (*vs. 2,3*). A palavra "justiça", no Antigo Testamento, às vezes significa mais que retidão. Como aqui, ela às vezes denota a atividade salvífica de Deus em favor de seu povo em

concordância com suas promessas pactuais (ver *v. 5*). Os que são redimidos por ele ponderam profundamente suas ações, quando cuidadosamente analisam aquelas coisas que lhes constituem um deleite (cf. o uso da mesma palavra em Sl 1.2). Justamente como o Salmo 104.1 declara que a criação é uma exibição do "esplendor e majestade de Deus", assim igualmente são as ações de Deus na redenção "gloriosa e majestosa" (em hebraico as palavras são as mesmas em ambos os salmos).

De formas variadas, porém, especialmente na designação da celebração anual da Páscoa, Deus providenciou a recordação e ponderação sobre os grandes fatos da redenção do Egito (*vs. 4,5*). O povo tinha que compreender e asseverar sempre a declaração em Êxodo 34.6, de que o Senhor é "gracioso e compassivo" (o fato de que estes adjetivos ocorrem na ordem reversa aqui é porque o poeta precisava desta ordem a fim de adequar seu padrão acróstico). O Senhor é também louvado porque provê alimento para seu povo, para o cumprimento das promessas pactuais. A palavra "aliança" (como distinta do conceito) não é comum nos Salmos, contudo ocorre duas vezes neste salmo.

Deus não agia secretamente. Ele fez promessas concernentes às suas ações futuras, e então, depois que os próprios eventos aconteciam, ele fornecia explicações do que ocorrera (*vs. 6–8*). Isto foi assim em relação à dádiva da terra de Canaã a Israel; e nenhuma de todas as boas promessas de Deus jamais falhou (Js 23.14). Há certeza sobre as ações de Deus porque, segundo a declaração de Êxodo 34.6, ele é um Deus "rico em amor-e-fidelidade". Todos os seus requerimentos para seu povo ("preceitos", palavra usada mais comumente em Sl 119) são infalíveis e confiáveis. Os preceitos de Deus refletem a ele mesmo como o Deus da verdade e retidão.

Versículo 9: Parte do compromisso da aliança divina com Abraão era a promessa da redenção do Egito (Gn 15.13–16), promessa reafirmada a Moisés (Êx 3.7–10,16,17). Na profecia posterior do Antigo Testamento (Is 42.6,7; 49.8,9; 55.3–5; Jr 31.31–34) e em seu cumprimento no Novo Testamento (Mt 26.28; Lc 22.20) a redenção retinha idéia central da aliança. O Deus pactual, o Redentor de seu povo, também revelou seu caráter no que ele fez na provisão da redenção. Ele era visto como santo (Êx 3.5,6; Dt 5.23–27) e terrível (Dt 10.17).

3. *Sumário da Verdadeira Sabedoria (v. 10)*

A conclusão extraída de todas as maravilhosas do Senhor é que a reverência para com ele é fundamental para o viver sábio. O Deus que é *terrível* (*v. 9*) deve ser *temido* (o hebraico para estas duas palavras vem da mesma raiz). Este temor especial é prático. Relaciona-se com o viver diário sensível, e em particular se revela pela obediência aos preceitos de Deus (ver comentário sobre 34.8–14).

SALMO 112

O Salmo 111 louva a Deus por sua obra e caráter, e o Salmo 112 o complementa por reconhecer a obra e o caráter do homem piedoso. Ele elabora a idéia do temor do Senhor (Sl 111.10) e a desenvolve descrevendo o caminho da vida do homem justo. O conteúdo do salmo mostra grande similaridade com o do Salmo 1, ainda que o contraste com os perversos não se desenvolva tanto. A estrutura deste salmo é a mesma da anterior, e partilha do mesmo padrão acróstico. Além do mais, onze termos ou frases usadas no Salmo 111 são também usadas para a pessoa justa. A seguinte tábua as estabelece (em cada caso a palavra hebraica usada é a mesma, ainda que a versão NIV varie).

Salmo 111	**Salmo 112**
As Qualidades do Senhor	As Qualidades do Homem Piedoso
gracioso e compassivo (4)	*gracioso e compassivo* (4)
justo (7)	*justiça* (5)
lembra-se (5)	*lembrou-se* (6)
é firme (8)	*seguro* (8)
providencia (heb. *deu*, 5)	*dons* (heb. *ele deu*, 9)
para sempre (5,8,9)	*para sempre* (6)

1. *A Bênção do Temor do Senhor (v. 1)*

O familiar “Aleluia” começa o salmo e põe a melodia antes de se fazer uma descrição do verdadeiro temente a Deus. A linguagem lembra o Salmo 1.1,2. O temor do Senhor anuncia a proclamação de uma bênção em prol de tal pessoa, cuja principal distinção é seu deleite nos requerimentos de Deus. Reverência para com Deus e alegria nele fluem da obediência voluntária.

2. *A Descrição dos Justos (vs. 2–9)*

Os filhos dos justos também desfrutam as bênçãos (*vs. 2,3*). Em geral, serão privilegiados (a palavra hebraica, “poderoso”, indica nobreza, isto é, os que tinham o direito de carregar as armas do rei), e enquanto mantiverem o caráter dos “retos” serão declarados “bem-aventurados”. “Ricos e riquezas” significam prosperidade, enquanto o que se disse da justiça de Deus no Salmo 111.3 agora se diz dos tementes de Deus. A fidelidade de Deus a sua aliança garante que há continuidade em seu cuidado por seu povo. Isto é verdadeiro, não obstante o reconhecimento na Bíblia de que a adversidade às vezes lhes sobrevém.

É bem provável que a linguagem do *versículo 4* seja extraída de Isaías 60.2. Significa que em momentos de tribulação (“em trevas”), Deus envia sua salvação, denominada aqui pela figura de linguagem “luz”. Os que são piedosos partilham das características de Deus mesmo, e quando recebem a misericórdia de Deus demonstram compaixão semelhante a outros.

“Bom” (*v. 5*), numa afirmação tal como esta, é equivalente a “bem-aventurado” (no hebraico, as frases são paralelas: *bem-aventurado é o homem ... bom é o homem*). Ser “generoso” é oferecer espontaneamente assistência quando outros necessitam do que alguém tem disponível. A mesma frase, “generoso e empresta com generosidade”, é usada no Salmo 37.26 (cf. o uso de frase semelhante, “dá generosamente”, no *v. 21* do mesmo salmo). O tipo de pessoa descrita toma iniciativa para agir honestamente, e nisto é um imitador de Deus (ver Sl 111.7).

Durante sua vida terrena, o justo permanecerá inabalável (*vs. 6–8*), enquanto na morte ele será lembrado e sua memória será uma bênção (Pv 10.7). Ele não será perturbado se houver más notícias ou ameaças, porque sua confiança foi posta no Senhor. É possível que tais notícias tragam tristeza, mas ele mantém sua postura piedosa em face da adversidade. Quanto aos perversos, ele está certo de que os verá receber seu castigo merecido (cf. *v. 4* e Sl 91.8). O *versículo 9* reforça o *versículo 5*. O justo

espalha suas dádivas de forma generosa, tão graciosamente como alguém que semeia sementes, e assim satisfaz as necessidades dos pobres. Esta é uma demonstração prática de seu caráter. Tal comportamento não fica sem ser notado por Deus, que enaltece uma pessoa como esta a uma posição de honra.

3. *O Contraste com os Perversos (v. 10)*

O versículo final oferece o quadro reverso. A pessoa perversa é o exato oposto da justa. Ela não conhece nem o que é ser gracioso nem compassivo, e sua atitude para com a vida é totalmente diferente. Ela é colérica, contudo, como é comum a ira nos injustos, seu ódio não levará a nenhum resultado positivo. Sejam quais forem suas aspirações, e especialmente se incluem a destruição dos justos, serão fúteis. Faltando a bênção de Deus, ela perecerá completamente.

SALMO 113

Com os Salmos 114 a 118, este salmo formava parte do assim chamado "Hallel Egípcio" ("Louvor Egípcio"), o qual os judeus costumavam cantar nas ocasiões das principais festas religiosas (Páscoa, Festa das Semanas, Tabernáculos). A referência a "egípcio" se radica no fato de que a primeira Páscoa foi celebrada no Egito (Êx 12.21–30). Os Salmos 113 e 114 eram cantados no começo do serviço da Páscoa, enquanto os Salmos 115–118 eram usados na conclusão (cf. Mt 26.30; Mc 14.26). Enquanto de um lado o Salmo 113 é um hino de louvor a Deus, ele é também uma declaração concernente ao seu cuidado pelos humildes. Deus manifesta seu poder e graça em condescender-se a escolher as coisas do mundo que são tolas, fracas e humildes (1Co 1.26–29), recebendo os que eram alienados dele por seus pecados e os exaltando, assentando-os com Cristo nas regiões celestiais (Ef 2.1–7).

1. *Convocação ao Louvor Universal (vs. 1–3)*

Este hino começa e termina com um "Aleluia!". O uso da expressão "servos" (*v. 1*) parece que veio a ser uma descrição-padrão de toda a comunidade adoradora no período seguinte ao regresso do exílio (cf. seu

uso em Ed 5.11; Ne 1.10). Esses servos são agora solicitados a juntar-se ao louvor comunitário quando o nome do Senhor é enaltecido.

Nos *versículos 2 e 3*, o chamado é para que esse louvor seja perpétuo e universal. A repetição da frase "o nome do SENHOR" é típica deste gênero de convocação ao louvor (cf. Sl 96.1,2). A frase "do nascente do sol ao lugar onde ele se põe" também ocorre no Salmo 50.1, com uma frase semelhante ocorrendo duas vezes em Isaías (45.6; 59.19) e em Malaquias 1.11. Seu uso aponta para a união de israelita e gentio no culto do único e verdadeiro Deus, pois dificilmente pode referir-se somente aos judeus dispersos. A compreensão mais completa desta visão só veio com o ministério de Jesus e a proclamação do evangelho por todo o mundo.

2. *O Senhor Universal (vs. 4–6)*

O *versículo 4* ("O SENHOR é exaltado sobre todas as nações, sua glória acima dos céus") explica a convocação ao culto universal no versículo precedente. O Senhor é soberano sobre todas as nações, não apenas sobre Israel, seu povo especial. Seu reinado infinito é também exibido pelo fato de que sua glória está acima dos céus, chamando a atenção para seu governo sobre toda a criação. Nos *versículos 5 e 6*, o salmista usa uma pergunta retórica para realçar o ponto principal. A graciosa condescendência de Deus é algo que extasia, mas ela é ensinada, respectivamente, no Antigo (Sl 138.6) e no Novo Testamentos (Fp 2.5–8). O Deus exaltado se condescende em satisfazer sua ordem criada com misericórdia.

3. *Ilustrações Práticas (vs. 7–9)*

O salmista ilustra a verdade geral que acaba de declarar apontando para os modos como Deus revela sua preocupação pelos humildes. Os *versículos 7 e 8* são tomados quase palavra por palavra do cântico de Ana (1Sm 2.8). Uma das maiores tragédias para uma mulher casada em Israel era viver sem filhos, porque isto significava que ela podia ficar sozinha na velhice, sem alguém a ajudá-la. Deus se condescendeu em responder à oração de Ana por um filho; e, quando seu filho nasceu, ela deu-lhe o nome de "Samuel", dizendo: "Porque eu o pedi ao SENHOR" (1Sm 1.20). O "Aleluia" final provê uma conclusão adequada a um hino triunfal no louvor do Deus majestoso e gracioso.

SALMO 114

No meio de um grupo de salmos ligados pelo uso na Páscoa, ali ocorre este com referência específica ao êxodo e à conquista de Canaã. O salmo anterior enalteceu a majestade de Deus, e agora isso é ilustrado no controle que ele exercia sobre sua criação no tempo do êxodo. O salmo dá um relato bem condensado e visualiza em conjunto os eventos que ocorreram muitos anos à parte. Ele usa imagem poética vívida para mostrar como o Criador usou as forças da natureza para concretizar seus propósitos, e é construído de quatro estrofes igualmente equilibradas.

1. *A Significação do Êxodo (vs. 1,2)*

Esta simples descrição inicial declara o fato do êxodo. Israel/Jacó vivera no Egito entre um povo de "língua estranha". Esta frase não ocorre em nenhuma outra parte do Antigo Testamento, mas parece significar que os egípcios falavam um idioma que era ininteligível aos israelitas. Ouviam o que para eles era uma língua gaguejante. Presumivelmente, os israelitas aprenderam suficientemente o egípcio a fim de haver comunicação entre eles seus senhores. Foi desse ambiente estranho que Deus os libertou, e toda a nação de doze tribos (Judá/Israel) tornou-se seu santuário. Isso poderia significar que o santuário era a própria terra prometida (ver Êx 15.17), ou o tabernáculo/templo situado no meio do povo. Em vista do uso da palavra "domínio", o primeiro caso é mais provável, quando Israel era o tesouro especial de Deus, seu reino de sacerdotes (Êx 19.6).

2. *Uma Descrição Poética do Êxodo (vs. 3,4)*

As travessias do Mar Vermelho e do Rio Jordão são enfeixadas como se fossem um único evento. Os eventos propriamente ditos são descritos em prosa em Êxodo 14.21,22 e Josué 3.14–17. Os rios são personificados, e assim são descritos como que vendo a aproximação de Deus e fugindo. De modo semelhante, os montes (especialmente o Monte Sinai) tremeram ante a presença de Deus. Toda a imagem pretende trazer à mente os formidáveis eventos do êxodo (cf. Êx 19.18) e da conquista que se deveram ao incrível poder de Deus.

3. *Perguntas que Necessitam de Respostas (vs. 5,6)*

Quatro perguntas retóricas enfatizam o ponto recém-formulado na estrofe anterior e preparam para a convocação à terra que é seguida nos *versículos 7 e 8*. Enquanto ecoam as palavras já usadas nos *versículos 3 e 4*, contudo também antecipam o clímax nos versículos finais.

4. *O Deus de Bênção Presente (vs. 7,8)*

O clímax é atingido nesta estrofe. "O SENHOR" que controla a natureza é também "o Deus de Jacó", o Deus que fez aliança com seu povo. A repetição de "na presença de" lembra o leitor de que, diante deste Deus, a terra só pode abalar-se quando ele exibe seu poder. Aqui se recordam as duas grandes experiências do grande poder (Êx 17.6; Nm 20.11), uma logo depois de deixarem o Egito; a outra quando chegam perto da terra prometida. Que Deus é ainda aquele que "converte" (assim o hebraico) as rochas em águas, é uma segurança de seu cuidado protetor contínuo em prol de seu povo. Não surpreende que a terra seja convocada a responder ao seu poder divino.

SALMO 115

Muitas das antigas traduções dos Salmos (grega, latina, siríaca, arábica e etiópica) e uns poucos manuscritos hebraicos enfeixam os Salmos 114 e 115. Não obstante, não há razões plausíveis para isso, porque o conteúdo dos dois salmos é bem diferente. Este salmo é um cântico, provavelmente preparado e usado no culto no templo depois do regresso do exílio, o qual enaltece a pessoa e o caráter do Deus de Israel em contraste com os ídolos inúteis das nações gentílicas. Os *versículos 3–8* aparecem em forma bem semelhante no Salmo 135.6,15–18. Dentro do salmo há alternância entre a segunda e a terceira pessoa, o que sugere que se destinavam a vozes antifonais, com a congregação e o(s) sacerdote(s) participando do cântico ou recitação. A repetição ao longo de todo o salmo é também típica de uso litúrgico (cf. Sl 96.1; 103.20–22; 118.2–4; 135.1; 136.1–3).

1. *Uma Atribuição de Louvor Exclusivo (v. 1)*

A exposição inicial é, respectivamente, uma afirmação e uma negação. Ela nega que se deva qualquer glória à comunidade de Israel, porque tal glória pertence exclusivamente ao Senhor. Se o salmo vem do período pós-

exílio, como é mais provável, as expressões aqui se ajustam bem às declarações de Ezequiel e Daniel, respectivamente (Ez 20.9; 36.21–23; Dn 9.18,19). Deus tem cumprido suas palavras de promessa a seu povo, e contudo demonstrou novamente seu amor e fidelidade em restaurá-los à Palestina.

2. *A Futilidade do Culto aos Ídolos (vs. 2–8)*

Nos diversos períodos de sua história, Israel foi desafiado a considerar a realidade de seu Deus (ver, p.ex., 2Rs 18.32.35; Sl 42.3; 79.10). No período do exílio, as nações gentílicas passaram a zombar dos israelitas com respeito à capacidade de Deus em socorrer seu povo (*v. 2*). Ao povo de Deus, a indagação das nações parecia pôr em relevo o procedimento dos israelitas, contudo falhavam em levar em conta o fato de o Deus de Israel ser o único e verdadeiro Deus.

Em resposta, o povo afirmava novamente a existência de seu Deus no céu que cumpre sua vontade soberana (*vs. 3–7*).

Não a nós, ó Senhor do céu,
Mas ao teu nome seja dada glória;
Em amor e verdade, Senhor, tu cumpres
Os conselhos de tua soberana vontade.
Ainda que as nações deixem de reconhecer teu próprio poder,
Contudo, Senhor, tu reinas, somente tu.
(Trinity Hymnal, 1961)

Em oposição a este Deus, os ídolos dos gentios são impotentes e sem vida. Podem ter todas as partes visíveis semelhantes a um corpo humano, porém não possuem capacidade de responder às necessidades humanas. São simplesmente obras das mãos humanas. Isaías, de uma maneira ainda mais plena, zomba da loucura dos que crêem que podem criar seus próprios deuses (Is 44.9–20). O povo que cria e cultua tais ídolos de prata e ouro será justamente tão ineficaz quanto esses mesmos deuses (*v. 8*). Podem zombar dos adoradores do Deus verdadeiro, contudo estão pondo sua confiança em suas próprias criações fúteis, que jamais poderão oferecer qualquer auxílio.

3. *Apelo à Confiança no Senhor (vs. 9–11)*

O uso das três frases, “casa de Israel”, “casa de Arão” e “você que o teme” também ocorre nos Salmos 118.2–4 e 135.19,20 (com a adição de “casa de Levi”). O envolvimento da “casa de Arão” é particularmente adequado ao período pós-exílio, quando os sacerdotes tiveram que assumir um papel muito proeminente no governo, e foram os principais mestres do povo (Ml 2.1–9). “Vocês que o temem” poderia ser uma referência a toda a comunidade adoradora, ou ainda poderia referir-se aos prosélitos que vieram a confiar no Deus de Israel (cf. o uso neotestamentário do termo “tementes a Deus” para os gentios que vieram a aderir ao judaísmo; At 10.2; 16.14; 17.4,17). O apelo é para que todos esses grupos renunciem qualquer aliança com os ídolos e para que confiem no Senhor. A expressão “auxílio e escudo” é usada também no Salmo 33.20 (ver comentário ali).

4. *Confissão de Confiança (vs. 12,13)*

Em resposta ao apelo à confiança, o povo agora faz um novo compromisso com o Senhor. A repetição “ele abençoará” oferece a certeza da continuidade do amor e fidelidade de Deus a todos os grupos já mencionados nos *versículos 9–11*. Oferece-se um adendo à certeza, dizendo que Deus “se lembra” deles. Isto significa que Deus rememora suas promessas e atos sobre todos aqueles que confiam nele. Classe social ou ricos não fazem diferença quando chegam para receber a bênção de Deus. “Pequenos e grandes, igualmente, só são distinguidos pela presença (ou ausência) de fé em Deus.

5. *A Bênção Sacerdotal (vs. 14,15)*

Depois do regresso do exílio, o número de Israel era bem pequeno. Parte da bênção de Deus pela obediência era o aumento dos filhos (Dt 28.4). É bem possível que as palavras usadas aqui sejam um eco da oração que Moisés pronunciara justamente antes de Israel atravessar o Jordão rumo à terra de Canaã: “Que o SENHOR, o Deus de seus pais, os aumente mil vezes e os abençoe como prometera!” (Dt 1.11). Podem estar confiantes de que a bênção será efetuada, porque aquele a quem oram é deveras “o Criador do céu e terra”. Esta é a descrição-padrão usada reiteradamente em referência ao Deus vivo (ver Sl 121.2; 124.8; 134.3; 146.6).

6. *Confissão Congregacional (vs. 16–18)*

A comunidade de Israel se une numa resposta que magnifica o Deus que cultuam. Embora ele seja o Deus do céu, contudo tem habitado na terra com a humanidade (*v. 16*). "Ele não a criou para ser vazia, mas a formou para ser habitada" (Is 45.18). Ao homem foi dada responsabilidade especial pela terra, sobre a qual governa como vice-regente de Deus (Gn 1.28–30).

Parte da responsabilidade das pessoas vivas é louvar o Senhor (*vs. 17,18*). Os que estão nos túmulos não se comprometem a louvar. Não são cadáveres que rendem ação de graças ao Senhor, mas corpos vivos. Daí a comunidade encorajar-se a fazer isso continuamente, e imediatamente o fazem com a exclamação: "Aleluia!". O Novo Testamento ministra ensino mais completo sobre o estado pós-morte e anterior à ressurreição final. Os crentes, na morte, estão imediatamente presentes com o Senhor.

SALMO 116

Um salmista sem nome clama aqui em ação de graças por seu livramento pessoal. Não se indicam as circunstâncias exatas de sua tribulação, mas é evidente que ora atravessava águas profundas, e então deseja expressar seu sincero louvor a Deus seu Salvador. Há muitas formas nas quais este salmo é reminiscente da ação de graças do rei Ezequias depois de sua recuperação de séria enfermidade (Is 38). O salmo parece provir de um período posterior à monarquia, quando usa frases que conhecemos em outros salmos (especialmente 18,27,31 e 56).

1. *Clamor Ouvido (vs. 1–4)*

A versão do *versículo 1* na NIV é possível, mas a posição da palavra "SENHOR" é questionável. A tradução preferível e mais literal é "Eu amo, porque o Senhor ouviu a voz de minhas súplicas". Duas vezes mais no salmo usam-se verbos sem um sujeito ("invoquei", no *v. 2*; "cri", no *v. 10*). É bem provável que esta expressão incomum chame a atenção para a intensidade do amor que ele sentia pelo Senhor, justamente como o apóstolo João diz: "Amamos, porque ele nos amou primeiro" (1Jo 4.19). Por todo este salmo, usa-se o título pactual para Deus (heb. *yhwh*,

"SENHOR"), e mais tarde o salmista declara que ele é um verdadeiro servo pactual (ver *v. 16*).

"Inclinar os ouvidos" (*v. 2*) é uma expressão comum no Antigo Testamento para prestar atenção ao que se diz, ou atender a uma oração. Porque o Senhor respondera à sua oração, o salmista deseja vida longa, por isso lhe apresenta seu apelo como seu libertador. O padrão é posto aqui para outros crentes, como segue:

Eu amo o Senhor; ele ouviu meu clamor
E apiedou-se de meus gemidos.
Enquanto eu viver, quando a tribulação chegar,
Eu correrei para seu trono.

O salmista se confrontara com alguma grande doença ou perigo, e sentiu-se à beira da sepultura (*vs. 3,4*). A combinação de várias expressões para o perigo enfatiza quão premente era o perigo. Não obstante, ele conta como naquele tempo clamara ao Senhor, rogando por livramento. Literalmente, o verbo traduzido "salva-me" é "ajuda-me a escapar", que dirige a atenção novamente para a natureza premente de sua tristeza e tribulação. Ele se via enredado nas cordas da morte.

2. *O Caráter de Deus Reafirmado (vs. 5–7)*

O salmista não diz que Deus lhe respondera, mas, em vez disso, fixara a atenção em seu Deus (*v. 5*). Uma nova experiência com a misericórdia divina requer uma nova declaração relativa ao seu caráter. Pela palavra da Escritura, e agora através da experiência pessoal, o salmista sabe que Deus é misericordioso e justo. Ele já falara de seu clamor anterior por misericórdia (*v. 1*) e agora diz que Deus é deveras misericordioso por haver ouvido e respondido! A conjugação dos atributos de Deus de graça e compaixão é algo freqüente no Antigo Testamento (ver Êx 34.6,7; 2Cr 30.9; Ne 9.17,31; Sl 103.8).

A expressão "os simples de coração" (*v. 6*) não implica falta de entendimento, mas que tais pessoas repousam no Senhor e em suas promessas. O salmista era uma pessoa simples de coração quando invoca o Senhor, e foi salvo. A palavra hebraica usada aqui (*yehoshi'a*) nos lembra o nome *Josué*, que significa "salvador". Com a tribulação para trás dele, o salmista pode animar-se a descansar (*v. 7*), pois o Senhor o tem tratado como um de seus filhos. O filho necessitado por fim encontrou

cuidado gracioso e paternal, e há um abundante descanso para a alma que nele confia (i.e., realçado no hebraico pelo uso do substantivo plural, "estar em *repouso*").

3. *Graças pela Misericórdia de Deus (vs. 8–19)*

Agora o salmista volta às suas necessidades de outrora (*vs. 8,9*). Ele havia encarado a morte de frente, porém Deus o livrara. Ele usa ainda outro sinônimo para descrever sua soltura (cf. "deu escape", *v. 4*; "salvou", *v. 6*). O resultado de sua experiência foi que ele continuava vivo, e vivendo sua vida na presença de seu Deus. Estes versículos parecem ser um eco deliberado do Salmo 56.13, e isto também explicaria a mudança aqui para a segunda pessoa singular ("*tu*, ó SENHOR").

Versículos 10 e 11: Neste ponto, a versão grega (LXX) começa um novo salmo, provavelmente como parte da necessidade de restaurar os 150 salmos (ver Introdução, p. 27). Embora as palavras "Eu cri" correspondam a "Eu amei" no versículo 1, contudo não há razão para partir o salmo em dois. Mesmo nas profundezas do desespero, o salmista jamais perdeu a esperança em Deus. É bem provável que os homens procurassem enganá-lo com seus falsos engenhos, e ele os conhecia suficientemente bem para declará-los mentirosos. Deus, porém, era sempre fiel e digno de confiança.

Recordando seu livramento, o salmista pergunta qual seria um reconhecimento adequado ao Senhor (*vs. 12–14*). O uso da palavra "bondade" liga a pergunta diretamente com a última parte do *versículo 7*. "O cálice da salvação" poderia ser uma referência geral a experimentar as bênçãos salvíficas que Deus dá a seus filhos, ou poderia referir-se a alguma ocasião festiva específica. O último bem que poderia estar em pauta, por causa da referência a votos, e ao fato de que o salmista pretendia comparecer na casa do Senhor em Jerusalém (ver *v. 19*). Alguns têm visto a expressão "o cálice da salvação" como uma referência a um dos cálices usados na Páscoa (cf. 1Co 10.16). Há talvez apoio para esta idéia, visto que este é um dos salmos usados pelos judeus por ocasião da celebração da Páscoa, e provavelmente fosse um dos salmos que Jesus e seus discípulos cantaram depois da instituição da Ceia do Senhor (Mt 26.30).

O *versículo 15* ("Preciosa à vista do SENHOR é a morte de seus santos") dificilmente pode significar que Deus fica contente quando seu povo morre. No contexto, significa mais que Deus jamais se descuidará quando seu povo enfrenta a morte. Seu sangue é precioso a seus olhos (Sl 72.14).

No *versículo 16*, o salmista se expressa em linguagem pactual. Dizer "Sou teu servo" era uma expressão de submissão e lealdade (cf. as palavras de Acaz, 2Rs 16.7). Ele faz esta declaração ao Senhor pactual e a repete na afirmação de que ele é o filho de uma mulher que igualmente se devotara a seu Senhor. Contudo, este servo conhece a liberdade.

Versículos 17–19: As regulamentações referentes ao oferecimento de sacrifícios de ação de graças, e também os sacrifícios no cumprimento de votos estão em pauta em Levítico 7.11–21. O salmista não só fará a oferta, mas também invocará o nome do Senhor. Isto poderia significar que ele orará, mas "invocar" em hebraico pode também significar "clamar", "proclamar". O segundo significado se ajusta melhor aqui, como também concorda com o Salmo 22.25 em que proclamação ou confissão pública era parte da ação de graças. Os votos que ele fizera se cumpririam nos átrios do templo em Jerusalém, quando tivesse a oportunidade de assentar-se com outros para comer bolos que seriam apresentados. A refeição comunitária era um modo adequado de regozijar-se diante do Senhor. O último "Aleluia", "Louvem ao SENHOR", de forma alguma causa surpresa.

SALMO 117

Este mais breve de todos os salmos é um apelo missionário. Procedente da experiência do amor inabalável de Deus, o salmista visualiza as nações gentílicas e as convoca a virem e a se regozijarem em Deus com Israel. Lutero afirmou que este salmo era breve para que todos pudessem apreender seu significado. Ele fala de misericórdia abundante. Em resposta, faz-se indispensável o grito "Aleluia". O salmo é um excelente exemplo de um hino de louvor (ver Introdução, pp. 49,50).

1. *Apelo Missionário (v. 1)*

O salmista emite um apelo às nações gentílicas a que se unam no louvor dedicado ao Senhor. Com efeito, este é um apelo a que se experimente o poder salvífico de Deus, e a conhecê-lo justamente como fez o Israel crente. Paulo usa este versículo juntamente com outras citações veterotestamentárias para mostrar que era a intenção divina que o evangelho resultasse na glorificação a Deus por parte dos gentios por sua misericórdia (Rm 15.8–12).

2. *Uma Explanação (v. 2a–b)*

Fornece-se uma dupla explanação pela razão por trás da convocação ao louvor. Primeiro, o salmista diz que o amor pactual de Deus nos fora grande. Segundo, ele sabe que a plena fidelidade de Deus é um característico perene. Estes dois, amor e fidelidade pactuais, vão de mãos dadas, como fazem no Salmo 89.1,2.

3. *Outro Aleluia (v. 2c)*

O salmista pratica o que prega. Tendo convocado os gentios a "louvar o Senhor", ele mesmo faz isso. Esse apelo inicial é agora expresso em discurso direto, uma atribuição de louvor àquele que é digno de toda honra. O coro de "Aleluia" soará plenamente no céu: "Aleluia! Salvação e glória e poder pertencem ao nosso Deus" (Ap 19.1).

SALMO 118

Várias interpretações se têm dado a este salmo. As abordagens diferentes provêm do fato de que ele combina elementos pessoais e comunitários, e seu conteúdo envolve, respectivamente, imagem de batalha e do templo. O antecedente mais satisfatório para o salmo é o período quando o Senhor concedeu vitória a seu povo, tal como quando Josafá e seu exército derrotaram as forças combinadas de Moabe e Amom (ver 2Cr 20.1–30, especialmente 20.23,27,28). Depois do louvor inicial, os guerreiros vitoriosos se regozijam na salvação divina, enquanto na última parte do salmo o povo como um todo se une no louvor. O uso deste salmo como parte do louvor no fim da Páscoa era mais adequado (ver introdução ao Sl 113). Ele tem relação em linguagem com o Cântico de Moisés (Êx 15), e mais provavelmente formava parte do hino que Jesus e seus discípulos usaram depois da instituição da Ceia do Senhor (Mt 26.30).

1. *Amor Perene (vs. 1–4)*

Os versículos iniciais e finais do salmo são parte da terminologia de louvor que aparece em forma quase idêntica nos Salmos 105–107,136; 1 Crônicas 16.8,34; e 2 Crônicas 20.21. Por ocasião do louvor pessoal e nacional, o uso do título pactual de Deus ("SENHOR") e o tema de amor

pactual dirigem a atenção para o objetivo do louvor. Uma vez mais, a misericórdia de Deus tem sido experimentada pelo rei e pelo povo.

Nos *versículos 2–4*, a repetição tríplice de "Israel", "casa de Arão" e "os que temem ao SENHOR" lembra o mesmo uso no Salmo 115.9–11,12,13. Estes títulos abrangentes são usados para que ninguém na nação pactual fosse excluído do apelo a afirmar ainda uma vez o prodígio da graça divina em seu favor.

2. *Cântico de Livramento (vs. 5–21)*

Nos *versículos 5–7*, o poeta pondera o que aconteceu quando se viu dominado por angústia. Os termos que ele usa pressupõem alguma situação militar, provavelmente sendo sitiado por exércitos opositores (ver *vs. 10–12*). Ele fora libertado dessa posição, e por isso pode declarar que, já que o Senhor está consigo, seu temor é banido. A repetição de "o SENHOR está comigo" é uma de muitas dessas repetições em todo o salmo. Servem para realçar o efeito poético e atrair a atenção para o pensamento aí expresso. Alegar que o Senhor é o ajudador também aponta para uma situação de batalha, quando "ajudador" às vezes tem uma conotação militar. Visto que ele conta com tal assistência, o salmista sabe que pode visualizar o triunfo sobre seus inimigos. O Salmo 54 forma um paralelo apropriado, contendo, respectivamente, a idéia de Deus como ajudador (54.4) e visualizando o triunfo sobre os inimigos (54.7). O *versículo 6* é citado em Hebreus 13.6 como um estímulo ao contentamento.

Os *versículos 8 e 9* são idênticos à parte da frase final em cada um. Ambos, profetas e salmistas, advertem aos tolos quanto a buscar no homem força como auxílio, em vez de buscá-la no Senhor (Sl 33.16–19; Is 30.1–5). A expressão combinada é um modo forçado de enfatizar quão bom é depositar no Deus vivo nossa confiança.

Quando Israel se viu cercado por nações vizinhas, que o atacavam como abelhas (para o uso de abelhas para descrever um exército atacante, ver Dt 1.44; Is 7.18,29), o rei foi capaz de vencê-las no nome do Senhor (*vs. 10–12*). "O nome do SENHOR" equivale a seu caráter, o qual se exibira nas vitórias que ele concedera a seu povo sobre seus inimigos. O rei reconhece que a vitória só veio através da confiança depositada no Senhor e em seu poder. A linguagem do *versículo 12* pressupõe um feroz ataque pelos inimigos, mas a vitória foi do lado de Israel.

Nos *versículos 13 e 14*, o rei rememora como teve que bater em retirada e estava quase perdido (i.e., morto na batalha) quando o Senhor interveio. O *versículo 14* é extraído de Êxodo 15.2, o qual parece ter se tornado um cântico de louvor usado em situações tais como esta (ver-também Is 12.2). Cada novo ato de salvação divina pode apresentar a mesma resposta que o povo deu à salvação proveniente da saída do Egito.

A alegria comunitária marca a vitória que o Senhor trouxera (*vs. 15,16*). Por "as tendas" quase provavelmente significa as habitações permanentes dos justos, ainda que também possa sugerir que significa a acomodação temporária erigida em Jerusalém para as grandes ocasiões festivas. A parte piedosa da nação enaltece as ações da destra do Senhor. Uma vez mais, o cântico de triunfo depois do êxodo fornece a linguagem usada pelo povo muitos séculos mais tarde (ver Êx 15.6). "Mão direita" aponta para o poder do Senhor, pois ele conduziu à vitória. O divino guerreiro venceu! (Para uso semelhante desta expressão, ver Sl 89.13; 98.1.)

O rei sobrevivera à batalha (*vs. 17,18*), e agora promete declarar a outros o que o Senhor fez. É o vivo que o louva, não aqueles que desceram à sepultura (Sl 115.17,18). Mesmo os atos paternais de disciplina são dignos de louvor. Deus disciplina com eqüidade (Jr 30.11), e o Novo Testamento desenvolve a idéia dizendo que o propósito da disciplina é tornar-nos participantes da santidade de Deus (Hb 12.10). O salmista fora poupado da morte, e vive para testificar da misericórdia de Deus.

A procissão vitoriosa retorna a Jerusalém, e o rei solicita que os portões da cidade fiquem abertos amplamente para receberem os adoradores agradecidos (*vs. 19–21*). Eles vêm com júbilo para celebrar no santuário e render graças pelas orações respondidas. Nos momentos de batalha, Deus ouviu os clamores de seu povo, e respondeu propiciando livramento ou salvação. Os justos entrarão na presença de Deus, conhecendo suas exigências (ver Sl 15.2–5; 24.3–6) e compreendendo que em sua manifestação ali receberão bênção do Senhor e vingança do Deus seu Salvador" (Sl 24.5).

3. *Louvor Comunitário à Misericórdia de Deus (vs. 22–27)*

Quando canta a misericórdia de Deus, é bem provável que o povo usasse palavras que constituíssem um dito proverbial (*vs. 22,23*). Uma pedra que foi rejeitada pelos construtores, essa veio a ser a principal pedra de uma entrada. A referência inicial aqui é ao rei, que foi desprezado pelos

líderes dos exércitos invasores. Não obstante, as palavras foram tomadas em vários passos do Novo Testamento. Jesus as usa seguindo sua parábola dos locatários para corroborar a tese de que o reino está sendo tirado dos judeus (Mt 21.42; Mc 12.10; Lc 20.17). Aplica-se também à rejeição de Jesus (At 4.11) e ao fato de que ele veio a ser a pedra do fundamento do novo edifício de Deus, a igreja (Ef 2.20; 1Pe 2.7). Associado a isto, neste salmo, está a afirmação de que a vitória efetuada foi obra exclusiva do Senhor, e isso é algo maravilhoso aos olhos do povo. O dia da vitória do Senhor se torna um dia de júbilo para o povo (*v. 24*). Este versículo continua o tema que já se observou nos versículos 15–17.

Versículos 25 e 26: O júbilo inspira o povo a clamar: "Salva-nos" (Heb. *hôshi'ah na'*, cf. *Hosana* em Mt 21.9; Mc 11.9,10, quando as multidões de Jerusalém saúdam a Jesus com as palavras destes versículos). Originalmente, este foi um clamor por auxílio (Sl 28.9) ou por misericórdia (2Sm 14.4), mas foi mais tarde usado como uma declaração de que o Senhor salva. O grande comentário judaico sobre o Antigo Testamento, por volta de 200 d.C. (o Mishnah) registra que estas palavras eram usadas pelos sacerdotes depois do oferecimento de sacrifícios por ocasião da Festa dos Tabernáculos. Pronunciava-se bênção sobre o rei que granjeava a vitória no nome do Senhor (ver *vs. 10–12*). É incerto se o rei é também um dos abençoados da casa do Senhor. Eis a razão por que o *vós* é plural (nota de rodapé da NIV). O plural pode ter sido usado como sinal de respeito pelo rei (o *nós* régio), ou poderia referir-se ao exército coletivamente de regresso com ele da batalha.

Versículo 27: O povo novamente reconhece que seu Salvador, o Senhor, é deveras o seu Deus. Ele trouxe luz do meio de suas trevas num momento de angústia nacional. "Fazer a luz resplandecer" é uma alusão às palavras da bênção araônica (Nm 6.25). A expressão seguinte é de difícil tradução (cf. o texto da NIV e nota de rodapé), ainda que o significado geral seja bastante claro. Em adição aos cânticos de júbilo, o povo também vinha com manifestações externas apropriadas de sua resposta à misericórdia de Deus, provavelmente trazendo ao altar ofertas sacrificiais de gratidão.

4. *Confissão Renovada (v. 28)*

Como o primeiro orador individual no salmo é o rei, é melhor presumir que ele agora reafirma sua relação com seu Deus. Confiança nele

inevitavelmente leva ao louvor e adoração. Sempre que houver uma declaração de que "a salvação pertence ao nosso Deus", haverá também reverência e culto.

5. *Amor Perene (v. 29)*

As palavras finais do salmo são idênticas às palavras iniciais, de modo que toda a resposta do rei e do povo é formada por esta declaração da natureza perene da bondade e do amor de Deus.

SALMO 119

Este salmo se sobressai em toda a coleção dos salmos por várias razões notáveis.

1. É um poema acróstico, baseado em todas as letras do alfabeto hebraico em ordem consecutiva, e assim é dividido em vinte e duas estrofes. Todos os versículos de cada estrofe começam com a mesma letra do alfabeto hebraico. O fato de ter oito versículos em cada estrofe o torna o mais longo de todos os salmos. O efeito do acróstico é notável tanto aos olhos quando lemos quanto aos ouvidos quando ouvimos.

2. É um poema que se alegra no fato de Deus haver se revelado a seu povo. Ele falou, e o salmista sem nome revela intensa devoção pela palavra de Deus. O foco da atenção em todo ele está em Deus, quer pelo discurso direto, quer pelo uso do pronome "teu": "*tuas* justas leis", "*tua* palavra", "*teus* mandamentos". O padrão acróstico e a repetitividade das idéias principais podem parecer muito estranho aos leitores ocidentais modernos, mas o poeta usa os característicos da poesia hebraica com grande maestria para expressar sua plena devoção à palavra de Deus. Essa palavra nutre sua esperança, mas também forma seu guia para a vida.

3. Uma gama de termos hebraicos é usada para descrever a revelação de Deus: lei, estatutos, preceitos, mandamentos, leis, decretos, palavra, promessa. Seu uso é distribuído por todas as vinte e duas estrofes, de modo que todos estes oito termos aparecem em seis estrofes, e nunca menos que seis em qualquer uma das estrofes. Há apenas umas poucas expressões variantes, tais como "caminhos", nos *versículos 3 e 15* (palavras diferentes em hebraico) e "fidelidade", no *versículo 90*. Só nos *versículos 84,121 e 122* não ocorre nenhum sinônimo. Não há padrão regular para seu uso,

quer em relação ao número de vezes que ocorrem numa estrofe ou na ordem em que aparecem.

4. O salmo não se ajusta em quase nenhuma categoria particular, porque ele envolve aspectos distintivos de muitos tipos. Contém elementos próprios de hinos, mas ao mesmo tempo há muitos versículos que tratam de dor e tristeza. Ele comunica inabalável confiança no Senhor, mas também apela para o auxílio em tempos de perigo e estresse.

5. Os dois outros salmos que se aproximam bem deste são o Salmo 1 e o 19. O primeiro destes mostra o comprometimento do crente com a lei do Senhor; enquanto o segundo, ao louvar a revelação divina, usa seis desses mesmos sinônimos que aparecem no Salmo 119. Enquanto os dois primeiros salmos contêm o mesmo tema, não podem combinar o desenvolvimento dele em toda sua amplitude e plenitude neste salmo.

6. Há uma forte afinidade entre este salmo e as primeiras porções do Antigo Testamento, com muitas expressões seguindo estreitamente passagens em livros tais como Deuteronômio. Por exemplo, na seção inicial do salmo, as palavras do versículo 2 ecoam as de Deuteronômio 4.29, enquanto o mandamento de Moisés em Deuteronômio 6.6–9 relativo à palavra de Deus se cumpre na experiência do salmista. Para ele, a palavra de Deus é uma realidade viva em sua vida.

7. Enquanto ali não houver qualquer desenvolvimento progressivo do tema no salmo, contudo na maioria das estrofes está em foco um aspecto primordial. A escolha da estrutura acróstica, ainda que notável em si mesma, limita o desenvolvimento das idéias numa forma estrutural que leva a um clímax.

Aleph (*vs. 1–8*)

Os versículos 1–3 armam o palco para todo o salmo. Assemelham-se estreitamente ao conteúdo e à forma do Salmo 1. Empregam termos que são usados vezes e mais vezes, contudo sem defini-los. A palavra usada para "lei" (heb. *tora*) contém uma ampla gama de significado, apontando para qualquer instrução que Deus tem ministrado a seu povo, enquanto "estatutos" apontam para estipulações pactuais. Justamente como o Salmo 1 fala da bem-aventurança dos que meditam na lei do Senhor, assim o Salmo 119 começa com uma atribuição de bem-aventurança para aqueles cuja vida segue as veredas estabelecidas pelo Senhor em sua palavra. O salmista não está atribuindo perfeição impecável aos crentes (como os

versículos seguintes deixam claro), mas um compromisso com a verdade revelada de Deus, bem como uma submissão obediente aos seus mandamentos.

Versículo 4: As primeiras palavras de discurso direto a Deus, no salmo, constituem uma declaração de que Deus falou e que seus preceitos se relacionam com a prática. O caminho para a vida é o caminho da obediência (ver Dt 30.15,16). O chamado ao discipulado sob o evangelho permanece sendo um chamado à obediência implícita (Jo 14.23,24; 15.10,14).

Versículos 5 e 6: O desejo do salmista é que sua vida seja dedicada às diretrizes pactuais que Deus deu a seu povo (para o uso do termo "decretos", ver Dt 6.2; 28.15,45; 30.10,16). Isto de fato pode ser um eco do desejo que Deus mesmo expressou concernente a seu povo: "Quem dera eles tivessem sempre no coração esta disposição para temer-me e para obedecer a todos os meus mandamentos. Assim tudo iria bem com eles e com seus descendentes para sempre!" (Dt 5.29). "Considerar os mandamentos" significa prestar-lhes atenção. Se isso for feito, então o resultado será que as esperanças do salmista não serão frustradas e ele não se envergonhará ante seu compromisso às diretrizes divinas.

Versículos 7 e 8: As leis de Deus são justas, algo que o Salmo 19.9 já asseverou, e que este salmo reiteradamente proclama (*vs. 62,75. 106,123,138,144,160,164,172*). Assim como Deus mesmo é justo (Sl 119.137), igualmente justas são suas leis. A confiança já expressou que a obediência resulta na coragem de louvar a Deus por aqueles cujos corações são postos nele e em seus caminhos. O versículo final da seção é realmente um apelo por auxílio. É uma confissão de que sem a presença de Deus e de seu auxílio, seus decretos não podem ser guardados.

Beth (*vs. 9–16*)

Versículo 9: O conteúdo da pergunta não significa necessariamente que o salmista era propriamente jovem. Ele está falando de uma maneira usada particularmente pelos mestres sapienciais nos Salmos e nos Provérbios (Sl 34.11–14; Pv 1–7). Isto teria sido um artifício didático regular. Ele responde à sua pergunta dirigindo sua atenção para o papel que a palavra de Deus exerce ao restringir alguém de pecar.

Versículos 10 e 11: O salmista se identifica com aqueles sobre quem ele já pronunciou uma bênção no *versículo 2*. Seu compromisso é sincero,

e tem entesourado a palavra de Deus em seu coração a fim de poder guardar os caminhos da justiça. “Palavra”, neste caso, é um termo hebraico (*’imrah*) que, em muitas outras ocorrências, é amiúde traduzida corretamente por “promessa”. Esconder a palavra de Deus no coração é muito mais que apenas estar apto a recitá-la de memória. Ela é viva de acordo com as diretrizes que ele tem dado. Deixar de ouvir essa instrução leva alguém a “desviar-se das palavras do conhecimento” (Pv 19.27). Daí ele apelar para Deus a fim de o manter fiel.

Versículos 12 e 13: Antes de solicitar um ensino adicional, o salmista enaltece a seu Deus (heb. *Bendito és tu, ó Senhor*), que é um prelúdio à alegria que expressa nos versículos finais desta seção. Ponderar as leis poderia significar simplesmente meditar nelas, e assim recitá-las mais e mais, uma após outra. Não obstante, poderia apontar para algo mais formal, quando havia recitação das estipulações pactuais (cf. Sl 50.16). Quando os sacerdotes se punham a ler a lei como fora designada por Deus (Dt 31.9–13), é possível que o povo se unisse na recitação, justamente como fazem as igrejas cristãs quando recitam os Dez Mandamentos ou o Credo Apostólico.

Versículos 14–16: A resposta espiritual à lei de Deus é a de alegria, justamente como quando se descobre um grande tesouro (cf. Mt 13.44). As ordenanças de Deus são mais preciosas que “muito ouro puro” (Sl 19.10), “que milhares de peças de prata e ouro” (Sl 119.72) ou “grande despojo” (Sl 119.162). A idéia de meditação nos preceitos de Deus é bem freqüente em todo este salmo, e o verbo usado aqui também ocorre nos *versículos 23,27,48,78 e 148*. Refere-se à recitação em voz alta de coisas relativas a Deus – suas obras, seus preceitos, seus prodígios, suas promessas. Tal deleite em Deus leva o salmista a prometer que jamais se permitirá esquecer o que Deus tem falado.

Gimel (*vs. 17–24*)

Versículo 17: Esta seção se abre com uma súplica pelo tratamento gracioso de Deus. A expressão “trata com bondade” tem uma ampla gama de significado no Antigo Testamento, mas é usada em conexão com conselhos aos filhos e (como aqui) a agir generosamente com alguém (cf. seu uso no Sl 13.6; 116.7). O cuidado divino assegurará a vida, e, como uma resposta de gratidão, o salmista promete obediência.

Versículos 18 e 19: A lei de Deus contém muitas coisas preciosas que demandam iluminação espiritual. Sem ela, essas coisas maravilhosas permanecem ocultas e não podem formar parte da meditação (ver *v. 27*, onde a mesma palavra hebraica é traduzida por "maravilhas"). Confessar que ele é um "estrangeiro na terra" faz duas coisas. Primeiro identifica o salmista com seu povo, que experimentou o que significa ser estrangeiros e exilados no Egito ou em Babilônia. Segundo pressupõe que ele não tem um lar real aqui na terra. Ele não é um cidadão que sente pertencer aos reinos deste mundo. O Novo Testamento desenvolve isto ainda mais com a lembrança de que somos estrangeiros e peregrinos nesta terra (1Pe 2.11), cuja cidadania real é no céu (Fp 3.20).

Versículos 20 e 21: O contraste entre os justos e os injustos é realçado nestes versículos. Um ama as leis de Deus com anelo profundo e intenso. O outro as despreza, recusando-se a obedecer a seus mandamentos. Deus usa fortes admoestações contra os desobedientes, que como rebeldes são malditos, e assim se privam de sua bênção.

Versículos 22–24: Pela primeira vez neste salmo há referência a tribulações que têm atingido o salmista por causa de sua atitude para com a palavra de Deus. Sua relação com Deus é a de servo (*vs. 7 e 23*), que tem grande prazer no que Deus revelou, fazendo dela sua meditação e seu guia. Não obstante, isso também traz conflito com outros que lhe causam opróbrio e o deturpam. Embora o apelo a Deus mude suas circunstâncias, ele não demonstra nenhum movimento de desistência de sua devoção a seus estatutos. Como Asafe, ele é guiado pelo conselho do Senhor (Sl 73.24).

Daleth (*vs. 25–32*)

Os problemas envolvidos na composição de um poema usando um padrão-acróstico vieram a lume nesta seção em hebraico. Quatro dos versículos começam com o mesmo substantivo hebraico (*derek*, "o caminho de …"): um começa com o plural desta palavra, enquanto dois começam com o mesmo verbo (*davaq*, "aderir a").

Versículos 25 e 26: O salmista se concentra em suas dificuldades nesta seção, e ora por força e consolação provenientes da palavra de Deus. Sua situação é desesperadora, quase levando-o à sepultura. Não obstante, ele sabe "que o homem não vive só de pão, mas de toda a palavra que vem da boca do SENHOR" (Dt 8.3). Daí seu apelo a Deus para que ele seja mantido

vivo, pois sabe que este já lhe respondera no passado, e também deseja que lhe seja ministrada mais instrução.

Versículo 27: Há um contraste entre os caminhos do salmista e os caminhos de Deus (heb. "meus caminhos", *v. 26*; "o caminho de teus preceitos", *v. 27*). Anteriormente reavaliou seus caminhos, e agora deseja entender a vereda que os preceitos divinos lhe estabeleceram. O conhecimento mais pleno deles conduzirá a uma detida apreciação das maravilhas que eles contêm.

Versículos 28–30: A palavra de Deus ministra àqueles que enfrentam tristeza, não só quando há a perda de um membro da família, mas quando circunstâncias difíceis causam dor e irritação. A decepção provinda de outras pessoas não deve produzir no crente um comportamento semelhante. A força e o conforto de Deus, através de sua palavra, confirmam a resolução de abster-se dos maus caminhos dos que atormentam e de seguir sinceramente "o caminho da verdade" (heb. "o caminho da fidelidade").

Versículos 31 e 32: As expressões de dedicação ao Senhor continuam, visto que seu coração tem sido alargado para receber um acréscimo de entendimento (NIV "deixar livre"). Ele adere aos estatutos de Deus, e se põe a seguir o caminho estabelecido neles. "Correr" não parece ter aqui qualquer idéia de ação urgente, mas, antes, de adesão resoluta à vereda reta (cf. Pv 4.10–12). Retoma-se o pensamento de ser envergonhado, primeiramente introduzido no *versículo 6*. As esperanças não serão frustradas, se houver confiança inabalável no Senhor e em sua palavra.

He (*vs. 33–40*)

Nestes oito versículos, a súplica principal é por mais instrução da parte do Senhor, e por preservação em suas veredas.

Versículo 33: O pedido é modelado estreitamente na oração: "Ensina-me teus caminhos", que ocorre nos Salmos 27.11 e 86.11. A tradução "até o fim" é tomada do grego e aramaico primitivos que traduzem este versículo. Não obstante, em hebraico a palavra final do versículo é a que às vezes indica a conseqüência de algo, ou uma retribuição, e é preferível preservar esta interpretação (ver também *v. 112*). O que agrada ao Senhor é considerado pelo salmista como em si mesmo uma recompensa satisfatória.

Versículos 34 e 35: Continua-se o pensamento do versículo anterior com o salmista confessando o prazer que sente em seguir os mandamentos da lei de Deus. Ele reconhece que necessita de entendimento espiritual que provém unicamente de Deus, usando a expressão hebraica idêntica já usada no *versículo 27* (NIV "Dá-me entendimento"). Quando esse ensino espiritual se concretizar, ele promete agir com base nele e prestar espontânea obediência à lei.

Versículos 36 e 37: A combinação de coração e olhos é comum no Antigo Testamento (ver Nm 15.39; Jó 31.7; Jr 22.17; Sl 101.2–5). O coração é considerado a diretriz total que controla a vida, enquanto a menção dos olhos pressupõe as influências externas que afetam o comportamento. O salmista quer um coração motivado pela devoção aos estatutos de Deus, não pelo pensamento de receber recompensas materiais. Ele sabe que a visualização de tais coisas pode constituir uma tentação, porém pede que a palavra de Deus se cumpra em relação à sua pessoa.

Versículos 38–40: Como ocorre amiúde em todo este salmo, faz-se menção das promessas graciosas de Deus, as quais provêem base para a confiança. Cada cumprimento de uma promessa traz estímulo adicional e faz volver a atenção para Deus mesmo. A ação tomada em concordância com sua palavra fornece nova razão para reverência e a adoração ao Deus vivo. A devoção a Deus e à sua palavra às vezes traz opróbrio, e o salmista ora para que seja poupado de tais atitudes da parte de seus inimigos. Seu coração está posto nos preceitos de Deus, e ele sabe que o poder salvífico de Deus (sua justiça) é suficiente para guardá-lo. O Novo Testamento amplia isto, apontando para as palavras das profecias que se têm cumprido na salvação que vem através de Cristo. Isto significa que podemos ser guardados "pelo poder de Deus até à vinda da salvação que está pronta a revelar-se no último dia" (1Pe 1.5).

Waw (*vs. 41–48*)

Cada versículo nesta seção começa com a letra *waw*, a qual é usada para formar a conjunção "e" em hebraico. As construções hebraicas usadas indicam que os versículos se enfeixam de modo que um tema comum percorre através de todos eles. Consistem de uma oração de que a palavra de Deus permanecerá com o salmista e então ele será capaz de responder aos que zombam dele, e também testificar diante de reis.

Versículos 41 e 42: O salmista está ainda preocupado por causa da perseguição contra a verdade que ora enfrenta. Ele confia na palavra infalível da promessa que lhe fora dada como um esteio, e sabe que Deus o livrará em conformidade com seu amor pactual (heb. *chesed*). A resposta aos que o injuriam tomará a forma de intervenção e salvação divinas.

Versículos 43–45: Para o crente, é indispensável ter a palavra de Deus constantemente no coração (ver *vs. 11–13*). É bem provável que o salmista esteja pensando no sussurro silencioso desta palavra durante a meditação, desejoso de que a mesma jamais lhe seja tirada. A relação do versículo 43 é corretamente traduzida "por isso não retires a palavra da verdade." Pode parecer haver alguma contradição entre obedecer à lei de Deus andar em liberdade, mas engajar-se em devoção e serviço integrais a Deus faz um coração livre (ver 32) para dar atenção aos seus mandamentos por toda a vida.

Versículos 46–48: Uma vez mais, o salmista faz referência ao seu papel oficial, pois ele tem a responsabilidade de falar diante dos reis (como mencionado aqui) e governantes (*vs. 23 e 161*). Como os sacerdotes eram os mestres da lei (Ml 2.4–9), é provável que ele mesmo ocupasse tal posição no período pós-exílio. Sua atitude é a de constante prazer nos mandamentos de Deus, abarcando-os com suas mãos. Esta expressão é incomum, mas, como se menciona o levantar as mãos em relação com louvor (Sl 28.2; 63.4; 134.2), provavelmente signifique que ele louva os mandamentos que ama.

Zayin (*vs. 49–56*)

Justamente como a letra *waw* não começa muitas palavras em hebraico, assim também se dá com a letra *zayin*. Três dos versículos desta seção começam com o verbo "lembrar" (heb. *zakar*) e dois com a palavra "este" (heb. *z'ot*).

Versículos 49 e 50: Quando ele pondera suas experiências, o salmista sabe que repousa na palavra que Deus falou. Este é um tema recorrente por todo o salmo 119 (ver *vs. 43,81,114,147*). Sua confiança não repousa em seus próprios planos, mas nos propósitos revelados de Deus (que permanecem em base segura para a esperança do crente, Rm 8.28–30). Em seu presente sofrimento (i.e., perseguição), ele está firmado nas promessas de Deus.

Versículos 51 e 52: As injúrias dos escarnecedores orgulhosos fracassam em fazer o salmista desviar-se de sua adesão à lei de Deus. Ele lembra que esta lei não é uma nova revelação. A lei de Deus foi dada a partir da criação; no Monte Sinai ela foi promulgada de uma forma especial quando Deus entrou em aliança com a nação de Israel. Os profetas e sacerdotes podem apelar para a memória dos decretos e da lei que Deus deu a todo o Israel (Ml 4.4). A expressão "achar conforto" vem de um verbo reflexivo em hebraico, o qual pressupõe que o salmista se consola quando contempla essas leis antigas.

Versículo 53 expressa outro aspecto da relação com a lei. O amor de Deus e seus mandamentos têm como seu complemento sentimentos muito fortes contra os que se recusam a se submeter aos seus mandamentos (cf. o modo como Paulo se sentiu profundamente angustiado pela idolatria dos atenienses, At 17.16). "Os perversos" não são gentios, mas os de dentro de Israel que, embora conhecendo a lei, voluntariamente decidiram rejeitar suas reivindicações.

Versículos 54–56: Depois do expediente das atividades diurnas, a noite traz a oportunidade para meditação e louvor. Vários outros salmos se referem a cânticos noturnos (42.8; 77.6; 92.1–3). A frase "onde quer que me aloje" se associa com a referência no versículo 19 de ser um peregrino na terra. Ao longo de sua vida terrena, o salmista se compromete em fazer o que prometera, a saber, guardar e cumprir as estipulações do Senhor. Ele mostra por meio de sua obediência que lhe pertence.

Heth (*vs. 57–64*)

Versículo 57: A palavra "porção" poderia subentender que o próprio salmista era levita. É uma palavra usada para a participação que as várias tribos tinham na terra de Canaã. À tribo de Levi não tocou nenhum território, e fez-se provisão especial para sua manutenção destinada pelo Senhor como sua porção (Nm 18.20; Dt 10.9). Não obstante, a palavra assumia um significado mais amplo quando usada para descrever a relação entre Deus e seu povo (Sl 16.5; 73.26), e este provavelmente seja seu sentido aqui. Obediência é a resposta à provisão graciosa de Deus.

Versículos 58 e 59: A intensidade da emoção que ele sente pelo Senhor é posta em relevo, seja pelo verbo usado ("busquei"), ou novamente pela referência ao fato de que todo seu ser está por trás de sua súplica. A súplica por misericórdia tem por base a promessa que lhe fora feita. A versão NIV

do versículo 59 pressupõe um tempo passado de reflexão e resolução. Ainda que também possa referir-se à constante atitude do salmista: "Sempre que considero meus caminhos, volto meus pés …". Esta é uma afirmação de que as diretrizes pactuais são um constante guia para o salmista, cujos planos para a vida são guiados pela adesão à verdade revelada.

Versículos 60 e 61: A obediência prometida não é deferida, mas é rendida com prontidão imediata. O verbo "apressarei" é às vezes usado pelos salmistas quando rogam que Deus os socorra imediatamente (Sl 22.19; 38.22; 40.13; 70.1,5; 71.12; 141.1), mas também pode ser usado para indicar prontidão no agir. Todo o esquema dos inimigos não o impedirá de prestar atenção à lei de Deus. "Prender com cordas" não é apenas opressão literal, mas qualquer forma de trama que restringe ou impede.

Versículos 62 e 63: O pensamento dos cânticos noturnos (ver comentário sobre *v. 55*) é elaborado novamente. A frase idêntica, "leis justas", já ocorreu no *versículo 7*. Andar nos caminhos do Senhor significa partilhar da mesma companhia, justamente como aqueles dos dias de Malaquias que "falavam uns com os outros, e o SENHOR ouvia com atenção" (Ml 3.16). Lealdade comum ao Senhor começa com o compromisso de unir devoção e serviço.

Versículo 64: Em certo sentido, o amor de Deus se estende a toda a criação, feita por sua habilidade e mantida por sua fidelidade. Ele fez uma eterna aliança entre si e todas as criaturas viventes (Gn 9.16). Pois orientação e salvação demandam muito mais que o mero conhecimento de Deus que extraímos do mundo natural. Neste salmo se declara com freqüência a instrução na revelação pessoal de Deus pelo uso da frase particular que é usada aqui ("ensina-me teus decretos"), a qual aparece sete vezes (*vs. 12,26,64,68,124,135,171*).

Teth (*vs. 65–72*)

O pensamento do que é bom domina esta seção. O adjetivo hebraico (*tov*) ocorre quatro vezes, e também aparece uma vez um substantivo relacionado (*tuv*) e o verbo "fazer o bem" (*metiv*).

Versículo 65 sumaria o ensino da seção como um todo. O apelo é para que Deus aja no cumprimento de sua palavra e trate seu servo de forma graciosa. É possível que as palavras de Salomão estivessem em sua mente,

quando ele assegurou ao povo durante a dedicação do templo que nenhuma palavra falhara de todo o bem que o Senhor prometera a seu povo (1Rs 8.56). Deus continuará agindo em plena fidelidade à sua palavra.

Versículo 66: A súplica por instrução é feita numa forma variante daquela já observada (ver comentário sobre *v. 64*), ainda que com significado praticamente idêntico. A palavra "juízo" traduz um termo hebraico que pode significar "discernimento" ou "comportamento" (cf. seu uso em 1Sm 21.14 para a mudança de conduta de Davi diante de Aquis). Este significado se ajusta bem aqui, pois o salmista está pedindo instrução em conhecimento e bons padrões comportamentais, enquanto confessa que em seu coração ele concorda com os mandamentos de Deus. Ele nutre inabalável confiança neles.

Versículos 67–70: O salmista reconhece que conhecera muito bem o que significa errar; mas, vindo um período de aflição (mais provavelmente a perseguição e opressão que enfrentara), ele está agindo como um servo obediente. Procedente de sua experiência com Deus, ele pode louvá-lo, quer por seu caráter, quer pela maneira que ele exibe isso em suas ações. Ele fornece mais detalhes concernentes aos seus inimigos, cujos corações são calejados e insensíveis (heb. lit. "cair pesadamente pela gordura"). Eles o caluniam, mas nem mesmo isso o levou a mudar sua atitude para com a lei de Deus, pois nela ele ainda nutre grande prazer.

Versículos 71 e 72: O período de aflição volveu o coração do salmista mais e mais em direção à lei de Deus. Sua estima continua sendo que ela lhe é mais valiosa que grande soma de dinheiro (ver as referências afins nos *versículos 14,127,162*). Os valores espirituais suplantam as riquezas mundanas.

Yodh (*vs. 73–80*)

Versículo 73: O salmista busca em seu Criador o discernimento espiritual para aprender seus mandamentos. Justamente como ele veio à existência pelo poder de Deus, assim ele precisa confiar nele para receber iluminação. A mesma combinação dos verbos "feito" e "formado" ocorre no Cântico de Moisés: "Não é ele [o SENHOR] o seu Pai, o seu Criador, que o *fez* e o *formou*?" (Dt 32.6).

Versículos 74–76: Os que temem o Senhor já foram mencionados como os amigos do salmista (*v. 63*). Ele anseia a que sejam encorajados por seu exemplo, confiando também no Senhor. Ele já havia notado que o Senhor

foi quem o conduziu a essa atitude de confiança (ver *v. 49*). Agora continua falando de suas aflições, porém sem qualquer acusação contra Deus. Ao contrário, ele confessa que as decisões de Deus (heb. *mishpatim*) a seu respeito são justas, e que Deus permanece absolutamente veraz às suas promessas. É bem provável que o Cântico de Moisés esteja também por trás do pensamento do versículo 75 (cf. Dt 32.4). O salmista repousa na palavra de Deus concernente a ele, descobrindo que em sua aflição há a certeza do amor pactual que as promessas contêm. O modo como a oração é formada em hebraico (usando o particípio *n*‘’) pressupõe que ela provém do que ele já dissera sobre a natureza das leis de Deus no versículo anterior.

Versículo 77: A oração precedente é corroborada por um pedido adicional por misericórdia. Ela é praticamente sinônima da primeira petição no versículo 17: “Faze o bem a teu servo, e então viverei.” A referência a deleitar-se na lei é idêntica em hebraico àquela no *versículo 70*, ainda que a NIV varie em tradução.

Versículos 78–80: A atitude de dois grupos em sua sociedade é tão diferente em relação ao salmista. De um lado, os perseguidores arrogantes não nutrem amor pelos caminhos de Deus e tentam envergonhálo. Do outro, os que temem ao Senhor partilham de comunhão com ele, unindo-se em entendimento comum em favor das estipulações pactuais. Orar por um coração inculpável é rogar que Deus dê espírito de devoção por seus estatutos. Se isso for concedido, então o salmista sabe que não enfrentará opróbrio por causa de seu comprometimento com as diretrizes divinas.

Kaph (*vs. 81–88*)

A primeira metade do salmo termina com esta estrofe, a qual, como a estrofe final do salmo (*vs. 160–176*), é mais uma oração por auxílio do que apenas uma descrição de necessidade. Em tonalidade, com indagações como “Quando me consolarás?” e “Até quando?”, se assemelha aos apelos por auxílio, tais como os do Salmo 13.

Versículos 81 e 82: A fraqueza sentida pelo salmista é descrita pelas frases: “minha alma *desfalece*” e “meus olhos *fraquejam*” (em hebraico, estes dois verbos são o mesmo). Ele se sente perto da morte, e seus olhos falham por causa do pranto. Não obstante, como em muitos lamentos, sua confiança está ainda nas promessas que Deus lhe fizera, e pode indagar: “Quando?”.

Versículos 83 e 84: O efeito de sua tribulação é que ele sente como se fosse um odre, seco e encarquilhado, visto que estivera pendurado sobre o fogo. Suas aflições lhe deixaram suas marcas, e ele sente como se estivesse próximo do fim de sua vida (ver *v. 87*). Ele indaga, até quando viverá antes que seu Deus intervenha (heb. lit. "Quantos são os dias de teu servo?"). Não obstante, a despeito de suas circunstâncias, ele adere à palavra de Deus e não a removerá de seus lábios.

Versículos 85 e 86: Seus inimigos fracassam em viver em conformidade com a lei de Deus, e em sua rebelião contra seus mandamentos tentam trazer o salmista a seu fim. É bem provável que "covas" signifiquem "armadilhas" ou "laços", porém podem ter o significado mais forte de "sepulturas". Destruição total era seu alvo. Perseguem sem qualquer razão válida; mas, dada sua hostilidade para com a lei de Deus, quem a amasse se tornaria seu alvo natural.

Versículos 87 e 88: A despeito da perseguição que quase põe termo à sua vida, o salmista ainda está comprometido com os preceitos de Deus. "Não abandonei" é apenas outra maneira de dizer "não esqueci" (ver *v. 83*). Em meio a todas as suas tribulações, o amor pactual de Deus se mantém firme, e se sua vida deve seguir em frente, ele mesmo cuidará em obedecer ao que Deus falou. Ele repete o clamor por preservação que já havia feito várias vezes antes no salmo (ver *vs. 25,37,40*), e que se destina ainda a aparecer várias vezes mais adiante (ver *vs. 107,149,154,156,159*).

Lamedh (*vs. 89–96*)

Esta estrofe se concentra na natureza perene da palavra de Deus.

Versículos 89 e 90: Justamente como Deus é eterno, assim é sua revelação e sua fidelidade (ver Sl 89.1,2, e cf. as palavras de Jesus em Mc 13.31). Foi pela palavra de Deus que os céus foram criados (Sl 33.9), e permanecem como testemunhas desse fato, bem como de sua fidelidade em sustentá-los. A criação é uma testemunha do poder da palavra de Deus, e geração após geração tem um testemunho a dar em confirmação do caráter inabalável de Deus.

Versículo 91: As leis que governam a criação são inerentes, pois toda a criação tem Deus como seu Criador e ele mesmo estabeleceu os princípios sobre os quais opera. A criação não deve ser adorada como se fosse divina, pois todas as partes da criação são servas que cumprem sua incumbência.

Versículos 92 e 93: O salmista pondera o encorajamento e confessa que este veio das leis de Deus. Ele tem sido preservado pela palavra de Deus (cf. *v. 88*), e aqueles estatutos nos quais ele se deleita (cf. as mesmas expressões, ou semelhantes, nos *vs. 24,77,143,174*) têm sido seu esteio em tempos de aflições. O compromisso de jamais se esquecer deles repete mais uma das diversas vezes já dadas neste salmo (ver *vs. 16,61,83*).

Versículos 94 e 95: Em hebraico, a ênfase recai na relação do salmista com Deus: "*Eu sou teu*; salva-me." Como uma conseqüência, ele dirige sua oração ao *seu* Deus, e roga por preservação no meio dos perigos atuais (cf. Sl 54.1). Seus inimigos têm em mente sua destruição total, mas ele confia em seu Salvador que o pode livrar. Ele sabe o que a palavra de Deus promete, e faz desse fato sua meditação.

Versículo 96: Quando olha ao redor, o salmista percebe as limitações das coisas terrenas, como tudo se ajusta dentro das fronteiras que Deus determinou. Em contrapartida, os mandamentos de Deus são ilimitados, e há neles riquezas que jamais se exaurirão.

Mem (*vs. 97–104*)

Versículo 97: O tema central deste salmo é sumariado por esta exclamação. O salmista já declarou duas vezes seu amor pelos *mandamentos* de Deus (*vs. 47,48*), e se volve para este último (*v. 127*). Agora, pela primeira vez, ele diz que ama a *lei* de Deus, uma afirmação que se repete (*vs. 113,163*), juntamente com a afirmação do amor pelos *estatutos* (*v. 119*) e *preceitos* (*v. 159*) de Deus. Meditação constante na revelação de Deus provê sabedoria que não pode ser achada em outra parte, e esta sabedoria excede à dos inimigos, mestres e anciãos, como o explicam os versículos seguintes.

Versículos 98–100: Estes versículos fazem comparações com outras fontes de sabedoria. Os inimigos, ainda que revelem grande habilidade em engendrar tramas, lhes falta acesso à palavra perene de Deus. Os mestres podem possuir considerável sabedoria mundana, porém não foram instruídos pela meditação nos estatutos de Deus. Os membros mais idosos da comunidade podem possuir ricas experiências em seus antecedentes, porém ainda não possuem tanta intuição espiritual como já recebeu aquele que obedece aos preceitos de Deus.

Versículos 101 e 102: A fonte da sabedoria do salmista está em Deus: "*tu mesmo* me ensinas." As leis de Deus o instruíram em conformidade

com seu pedido anterior por instrução (ver *v. 33*). A obediência o guarda de andar por caminhos pecaminosos, e assegura que ele não se afastará das veredas da obediência.

Versículos 103 e 104: Justamente como as palavras de Deus têm sido comparadas a grandes riquezas (ver *v. 72*, e cf. *v. 127*), assim agora se faz a comparação com a coisa mais doce de se imaginar. Como a boca gosta de degustar o mel, assim o salmista expressa seu deleite nas palavras de Deus. São-lhe extremamente agradáveis, provendo-o com instruções que lhe dão alegria na verdade e o desviam das falsas veredas.

Nun (*vs. 105–112*)

Versículo 105: A idéia de que a palavra de Deus fornece luz aparece em outras partes do Antigo Testamento (cf. Pv 6.23). Ele reconhece que sem o ensino e diretriz de Deus andamos em trevas. A expressão mais elevada da idéia vem das palavras de Jesus em João 8.12: "Eu sou a luz do mundo. Quem me segue jamais andará em trevas, mas terá a luz da vida."

Versículos 106 e 107: Uma vez que as alianças normalmente envolvem um juramento solene, é possível que a expressão "prometer sob juramento" seja idêntica a "fazer uma aliança". E assim, mesmo quando enganados pelos gibeonitas, fazendo com eles uma aliança, os israelitas se reportam a essa aliança, dizendo: "Nós lhes demos nosso juramento pelo SENHOR …" (heb. "temos-lhes *jurado*", Js 9.19; cf. também Ne 10.29). O salmista não só entrou em aliança com o Senhor, mas a confirmou em algum estágio posterior, prometendo obediência aos mandamentos justos de Deus. Tal afeição pelo Senhor lhe trouxe intenso sofrimento, e assim ele uma vez mais suplica por preservação em meio às suas tribulações (ver sobre *v. 88*).

Versículos 108–110: Mesmo quando sob perseguição, o salmista aprendeu a viver alegremente, mantendo sua adesão aos preceitos de Deus. O perigo constante que ronda sua vida, enquanto prossegue confessando o Senhor, não o levou a desviar-se rumo a outras veredas. Ele vive perigosamente, evitando as armadilhas que lhe foram armadas por seus inimigos, contudo anseia por mais instruções para que seja guiado e fortalecido.

Versículos 111 e 112: Como parte de sua herança espiritual, o salmista recebeu os estatutos de Deus. Tribulações externas não destroem sua alegria íntima, quando confirma sua resolução em observar as diretrizes

para a vida que ele recebeu de Deus. A expressão "até o fim" traduz um termo hebraico (*'eqev*) que às vezes indica a conseqüência de algo, ou uma recompensa. Como no *versículo 33*, é melhor manter esta interpretação e traduzir assim: "Meu coração se dispõe em guardar teus decretos: a recompensa é perene." Daí, o que o salmista está dizendo é que há constante deleite ou bênção espiritual em guardar os decretos de Deus.

Samekh (*vs. 113–120*)

Versículos 113–115: Em contraste com os malfeitores, o salmista reafirma sua relação pessoal com Deus. Ele possui nele um refúgio seguro, enfeixando os dois termos para descrever Deus, sendo eles favoritos para o salmista (para o heb. *seter*, "refúgio" ou "abrigo", ver Sl 27.5; 31.20; 32.7 [NIV "esconderijo"]; 61.4; 91.1; para o heb. *magen*, "escudo", ver Sl 3.3; 28.7; 33.20; 84.11). Ele demonstra amor e esperança contínuos para com a lei de Deus, e deseja que nenhuma influência dos malfeitores o distraia da obediência devida às reivindicações da lei. Os primeiros dois versículos da seção se dirigem a Deus, chamando a atenção para o modo como ele vê com desagrado aqueles demonstram duplicidade mental, isto é, que são divididos em sua lealdade. Tal duplicidade indica uma pessoa instável, a qual "não crê que receberá do Senhor todas as coisas" (Tg 1.7,8). O terceiro versículo se dirige aos malfeitores, desejando que sejam removidos para bem longe dele.

Versículos 116 e 117: Ser guardado pelo poder de Deus é uma promessa dada tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. Daí a oração pelo auxílio e apoio contínuos de Deus em meio às tribulações. Resposta a essas orações significará vida e salvação, sem qualquer motivo para que a esperança em Deus seja frustrada. O verbo hebraico traduzido "estar atento" geralmente é usado para o ato de olhar ansiosamente para alguém, ou olhar com aprovação e favor. É uma palavra apropriada para a atitude do salmista em relação aos decretos de Deus.

Versículos 118 e 119: A linguagem usada aqui para os perversos é semelhante àquela usada no Salmo 1.4,5. Os pecadores rebeldes se destinam a ser lançados fora como a escória é removida durante o processo de refinação. O logro não lhes traz segurança. O único modo de assegurar progresso espiritual e ausência do juízo é amando o Senhor e se devotando aos seus mandamentos. Quem tem os mandamentos de Jesus e lhes

obedece, com isso mostra que o ama, e todos quantos amam a Jesus também serão amados pelo Pai (Jo 14.21).

Versículo 120: As expressões finais nesta estrofe falam fortemente da reverência para com Deus e suas leis. Não é o medo do juízo, mas a devota atitude e sentimentos para com Deus que dominam o coração crente. Onde há amor perfeito, aí também há ausência de medo (1Jo 4.18).

Ayin (*vs. 121–128*)

Numa estrofe em que a oração por livramento é mais proeminente, há também uma tríplice referência ao fato de que o salmista é servo de Deus (ver *vs. 122,124,125*). Ele faz seu apelo como um devoto membro da comunidade pactual.

Versículos 121 e 122: O salmista assevera que suas tribulações atuais não provêm de sua própria e voluntária deserção dos caminhos de Deus. Ele tem agido retamente, e por isso roga por livramento, e sua atitude revela que esta não é uma afirmação radicada na autojustiça. Estes e o *versículo 84* são os únicos versículos em todo o Salmo 119 que não têm ou uma referência direta à palavra de Deus, ou uma referência indireta a ela (ver *vs. 90,132*). A expressão inicial é digna de nota, porque em hebraico contém a idéia de assumir a responsabilidade por alguém. Por exemplo, Judá assegurou a seu pai que garantiria a segurança de Benjamim, se ele descesse ao Egito (Gn 43.9). Aqui, o servo apela a seu soberano Senhor que o protegesse e assumisse a responsabilidade por sua segurança.

Versículos 123–125: A fé adere às promessas de Deus, mesmo quando o livramento ou a intervenção se delongue. Ela sabe que Deus continuará a agir em conformidade com sua promessa e seus compromissos pactuais. Ao enfrentar oposição e opressão contínuas, o salmista solicita mais instrução e iluminação concernentes aos decretos de Deus. Um espírito aberto à instrução é uma das marcas da piedade, e o salmista perseverantemente roga uma vez mais por instrução (*vs. 12,26,64,66,73,108,135,171*) e por iluminação espiritual (*vs. 27,34,73,144,169*).

Versículos 126–128: A referência à lei "sendo quebrada" é um termo técnico usado para o rompimento da aliança (ver Is 24.5; 33.8; Jr 11.10; 31.32). A opressão contra o salmista é feita pelos transgressores da aliança, que se volveram às veredas pelas quais ele sente aversão. Ele solicita

auxílio imediato, para que a honra de Deus seja sustentada. De sua parte, ele novamente faz referência à preciosidade dos mandamentos de Deus (ver a primeira referência nos *vs. 14,57,72 e 111*, e a última no *v. 162*), realçando a comparação pelo uso da expressão para "ouro puro". No tempo do salmista, o ouro era o metal mais valioso, e daí a referência a ele ser um modo adequado de descrever o valor inapreciável da lei de Deus.

Pe (*vs. 129–136*)

Versículos 129–131: Louvor adicional à palavra de Deus começa com o uso da palavra "maravilhosos". É uma palavra usada exclusivamente para as ações ou palavras de Deus, e realça o que não pode ser produzido pelo esforço humano (cf. comentários sobre Sl 7.17; 72.18). Aqui seu uso enaltece sua origem e a glória da verdade divina, respectivamente. O reconhecimento da natureza da revelação de Deus (produzida pela obra do Espírito Santo) produz convicção quanto à autoridade da verdade sobre nossas vidas. Quando o significado da palavra de Deus nos é aberto, então se assemelha à luz que irradia em nosso caminho (cf. *v. 105*). Todos quantos são carentes de conhecimento espiritual estão incluídos na classe chamada "os simples" (ver Sl 19.7). Quando pondera na natureza da palavra de Deus, o salmista expressa seu intenso anelo por ela, comparando-se a um animal ofegante que suspira por água.

Versículos 132 e 133: O conhecimento de como Deus habitualmente age ("tu *sempre* fazes", heb. *mishpat*) produz este apelo por misericórdia. Visto a fidelidade de Deus ser incomensurável, suas compaixões jamais falham (Lm 3.22,23). "Os que amam teu nome" é um modo de descrever os crentes fiéis (cf. Sl 69.36; cf. "os que amam tua salvação", Sl 70.4). O salmista deseja que seus passos sejam bem firmados em conformidade com a palavra da promessa divina, e assim o pecado não poderá tiranizá-lo. O verbo "governar" contém a conotação de exercer domínio de uma forma tirânica (cf. seu uso em Ne 5.15).

Versículos 134 e 135: Uma vez mais, a opressão que o salmista enfrenta o comprime, e então clama para se veja livre dela. As pressões dessa opressão o constrangem, e militam contra sua liberdade de guardar as leis de Deus. A oração do versículo 35 é feita em termos da bênção araônica (Nm 6.24–26; cf. também Sl 31.16; 80.3,7,19).

Versículo 136: O salmista descrevera previamente sua indignação quando a lei de Deus é abandonada (*v. 53*). Agora ele expressa sua

profunda tristeza quando percebe outros abandonando os mandamentos de Deus. Suas lágrimas se transformam em dilúvio, justamente como fez o autor anônimo de Lamentações, o qual deplora a destruição de seu povo (Lm 3.48).

Tsadhe (*vs. 137–144*)

O que domina esta seção é o importante pensamento de Deus e de suas leis justas, com as palavras hebraicas para reto/justo ocorrendo cinco vezes em oito versículos.

Versículos 137 e 138: O caráter de Deus é refletido nas leis que ele dá. Em contextos como este, "justo" traz a idéia de plena fidelidade, pois os sinônimos usados nela são "fidedigno" e "verdadeiro". O Rei divino promulgara seus estatutos, o que concorda, respectivamente, com sua natureza e seus planos para o bem-estar de suas criaturas.

Versículos 139 e 140: "Zelo" é praticamente equivalente a "ira" (cf. "indignação", no *v. 53*). Enquanto o salmista amiúde ora para que não esqueça a lei de Deus (ver *vs. 16,61,83,93,109,141,153,176*), esta é a mesma coisa que ocorre com seus inimigos ("ignorar" é o heb. *shakach*, "esquecer"). Em todas as suas tribulações, o salmista pôde manter sua confiança na palavra de Deus, e descobriu que ela é absolutamente fidedigna. Ela é como um precioso metal que passa pelo processo maleável de refinação. Nos *versículos 121–128*, o salmista já confessara ter uma relação servo/senhor com Deus, e agora reconhece isso novamente, e confirma seu amor pela palavra de Deus.

Versículos 141–143: Ainda que outros o tratem como um ser insignificante, o salmista se compromete em manter sua adesão às leis de Deus. Em meio às dificuldades, ele tem prazer nelas, como já declarara várias vezes (o mesmo verbo, "deleitar", é usado nos *vs. 16,47,70*; seu substantivo relacionado ocorre nos *vs. 24,77,92,143*). A segunda parte do *versículo 142* poderia jazer por trás das palavras de Jesus em João 17.17: "tua palavra é a verdade."

Versículo 144: O pensamento do *versículo 138* é ampliado pela referência à natureza perene dos estatutos justos de Deus. Não são os decretos levianos de um rei humano, mas as ordenanças perenes do Deus eterno. Uma percepção espiritual de seu significado provê sabedoria que guia pela vida fora.

Qoph (*vs. 145–152*)

Versículos 145 e 146: O espírito de oração é uma das marcas do crente. Como este salmo se move em direção à conclusão, as orações a Deus aumentam em volume. O início desta estrofe é muito semelhante ao primeiro versículo do Salmo 4: "Responde quando clamo a ti, ó meu Deus justo." Seguindo uma estrofe que enaltece a justiça de Deus, o salmista lhe clama e suspira por uma resposta que lhe traga livramento. O compromisso feito na segunda parte de ambos estes versículos já foi feito reiteradamente no início do salmo (para o uso do heb. *natsar*, "obedecer, guardar", ver *vs. 22,33,34,56,69,100,115,129*; para o hebraico *shamar*, "obedecer, guardar", ver *vs. 5,8,17,34,44,55,57,60,67,88,101,106,134*). É inspirado pela devoção a Deus e é a resposta de um coração dedicado ao seu serviço. Jesus corrobora o princípio quando ensinou que amá-lo deve ser demonstrado pela obediência a seus mandamentos (Jo 14.15,21; 15.10,12).

Versículos 147 e 148: O salmista suplica com extrema urgência, quer se levante de manhã ou fique acordado durante a noite. A aplicação neotestamentária do princípio surge na parábola da viúva persistente (Lc 18.1–8), quando Jesus formula aos discípulos as perguntas: "Acaso Deus não fará justiça a seus escolhidos, que clamam a ele dia e noite? Continuará fazendo-os esperar?" (*v. 7*). A meditação em e a confiança nas promessas de Deus constituem um fundamento indispensável da oração piedosa.

Versículo 149: Promete-se a misericórdia pactual, de modo que o salmista suplica que o Senhor ouça atentamente sua oração. "Voz" é um modo abreviado de descrever uma voz usada em oração, pois nos Salmos "voz" ocorre normalmente em frases que indicam ser ela uma voz audível em oração ou súplica. A súplica por preservação parece estar reiterada em forma idêntica no *versículo 156*.

Versículos 150 e 151: Os contrastes traçados são mais marcantes. Embora os inimigos estejam próximos, contudo estão longe da lei de Deus. Embora estejam próximos, o Senhor está ainda mais próximo, pronto a socorrer e a prover livramento. As atitudes e ações dos inimigos mostram que são afastados para longe dos caminhos do Senhor. O testemunho do salmista é que o Deus da verdade deveras "está perto de todos os que o invocam, de todos os que o invocam com sinceridade" (Sl 145.18).

Versículo 152: Experiências recentes não conduziram o salmista ao conhecimento dos estatutos de Deus. Esse conhecimento lhe veio desde

muito, e ele confia nos estatutos porque bem sabe que são parte da revelação perene de Deus. Como Jesus o expressou: "Enquanto existirem céus e terra, de forma alguma desaparecerá da lei a menor letra ou o menor traço, até que tudo se cumpra" (Mt 5.18).

Resh (*vs. 153–160*)

Versículos 153–155: Um servo aflito, porém leal, ora para que Deus o contemple com compaixão. Diferente dos perversos que não indagam pelos decretos de Deus, ele pôs neles seu coração e os mantém em sua mente. As palavras "defende minha causa e me redime" constituem terminologia jurídica, tendo Deus como advogado que sai em auxílio do acusado. Os verbos "defender" (heb. *riv*) e "redimir" (heb. *ga'al*) vêm juntos em outras passagens veterotestamentárias (ex., Jr 50.34), e a tradução poderia corretamente ser "Defende-me … e me vinga". Nenhum livramento desse gênero será propiciado por Deus aos que voluntariamente transgridem suas leis.

Versículo 156: O que tão freqüentemente sustenta os crentes é a confiança na exuberante compaixão de Deus (cf. as palavras de Davi a Gade, 1Cr 21.13). Isso é visto em atos em favor daqueles a quem exibe sua misericórdia. O salmista sabe que a infalível compaixão do Senhor é que o manterá vivo.

Versículos 157 e 158: Enfatiza-se novamente o contraste entre o salmista e seus inimigos. Distintos dele, eles são caracterizados por seu afastamento das leis de Deus e por sua indisposição em sujeitar-se a elas. A expressão "os infiéis" é uma descrição dos que provam ser falsos para com o Senhor (cf. Jr 9.2; Sl 78.57), rompendo-se com suas obrigações pactuais. Ainda que enfrente uma multidão de tais inimigos, o salmista não se desvia do caminho da justiça. Sua atitude para com a forma de vida deles é a de repulsa.

Versículos 159 e 160: O ponto de vista expresso de uma forma negativa, nos versículos precedentes, é agora expresso positivamente. Há devoção sincera aos preceitos de Deus (ver expressões semelhantes de amor aos mandamentos de Deus [*vs. 47,48,127*], lei de Deus [*vs. 97,113,163*] e estatutos de Deus [*v. 167*]). A totalidade das palavras de Deus (heb. "a cabeça de suas palavras, isto é, a soma delas, como no Sl 139.17) é absolutamente certa, pois todas as suas palavras são fidedignas (vs. 86,138), verídicas (vs. 142,151,160) e eternas (vs. 89,111,142,144,152).

Sin e Shin (*vs. 161–168*)

Versículo 161: Logo no começo (*vs. 23 e 46*) fez-se referência à relação que o salmista tinha com governantes e reis (ver comentários sobre esses versículos). Mesmo quando zombavam dele, o salmista está preparado para lhes declarar os estatutos de Deus. Ele não nutre medo deles, pois seu coração se devota à palavra de Deus. A idéia de um coração tremente provavelmente seja explicada por Provérbios 28.14, onde temer a Deus é contrastado com a dureza de coração.

Versículos 162 e 163: O inestimável valor da palavra de Deus se compara ao tomar despojo no campo de batalha (heb. *shalal*, cf. o nome do segundo filho de Isaías, Maher-Shalal-Hash-Baz, "Rápido-Despojo-Presa-Segura", Is 8.1). Isto está associado a referências iniciais ao tesouro encontrado na lei de Deus (ver comentário sobre *v. 97*).

Versículos 164–166: "Sete vezes" expressa completude. O salmista está asseverando que enaltece a lei de Deus todos os dias. Revelando, paulatinamente, misericórdia para com os que amam sua lei (*v. 132*), Deus lhes dá "paz" (heb. *shalom*). Isto é muito mais que mera ausência de hostilidade e intriga. É uma dádiva concedida aos que são abençoados, guardados e tratados graciosamente pelo Senhor (Nm 6.24–26). Significa uma relação ininterrupta com ele, a qual vem por intermédio do Príncipe da Paz (Is 9.6) sendo ele mesmo nossa paz (Ef 2.14).

Versículos 167 e 168: A seção termina com uma dupla declaração de obediência às leis e estatutos de Deus. O versículo final é incomum pelo fato de conter dois dos sinônimos para a palavra de Deus no mesmo versículo. A declaração final confirma o que o salmista acaba de dizer. Sua conduta diária, que é bem conhecida de Deus, mostra seu amor por e obediência às leis de Deus.

Taw (*vs. 169–176*)

Justamente como a primeira metade do salmo conclui com uma estrofe clamando por auxílio (*vs. 81–88*), assim a segunda metade do salmo termina de uma maneira semelhante. Todos os versículos, exceto um, contém um apelo direto a Deus. A grande necessidade do salmista e sua confiança na palavra do Senhor dominam seus pensamentos.

Versículos 169 e 170: O acesso a Deus é definido como "meu clamor" e "minha súplica". O primeiro destes termos descreve um ressonante

clamor ou de alegria (cf. Is 14.7) ou de tristeza (cf. 1Rs 8.28). À luz do contexto fica em evidência aqui a última alternativa. O segundo termo significa sempre ou misericórdia, ou um clamor por misericórdia. O salmista deseja que Deus ouça sua oração e a responda com graça. Ele necessita de mais auxílio para apreciar a palavra de Deus e o modo de ministrá-la às suas necessidades. Também renova seu pedido por livramento.

Versículos 171 e 172: Louvor é a resposta adequada à misericórdia, e assim o salmista pede que lhe seja dado um cântico de alegria. Ele espera que Deus responda seu clamor, e assim possa visualizar seu próprio louvor subseqüente. Em meio a todas as suas experiências, ele ainda sabe que os mandamentos de Deus são justos, e que necessita de mais instruções acerca deles.

Versículos 173 e 174: "Mão" é um sinônimo de "poder" (como em Dt 32.39 e Is 28.2). O apelo é por uma demonstração da ação divina em resgatá-lo de seu problema. Já próximo ao fim de sua vida, Moisés põe diante de Israel as alternativas de "vida e prosperidade", estimulando o povo a escolher a "vida". Isto foi definido em termos de amar ao Senhor e andar em seus caminhos, e guardar seus mandamentos, decretos e leis (Dt 30.15,16). Aqui, o salmista fala de sua escolha responsável. Ele está seguindo os caminhos do Senhor; e, quando o salmo termina, ele reafirma seu deleite na lei (cf. para o uso do verbo "deleitar em", *vs. 16,47 e 70*, e o substantivo "deleite", usada aqui, *vs. 24,77,92 e 143*).

Versículos 175 e 176: O tema *louvor* tem segmento. Já que Deus preserva, então o salmista o exaltará com louvores e adoração. As palavras finais deste salmo são supremamente significativas. Ainda que, por toda parte, professe profundo amor e devoção aos mandamentos de Deus, o salmo termina com uma nota de confissão. O salmista tem vagueado como uma ovelha perdida, e por isso pode partilhar da confissão de Isaías: "Todos nós, como ovelhas, temos nos transviados" (Is 53.6; usa-se o mesmo verbo hebraico). Ele é ainda um servo, e por isso desejo ser achado por um pastor gracioso. A bela imagem de Deus como o pastor (cf. Sl 23; Is 40.11; Ez 34.11–16) é tomada por Jesus ao declarar que ele é o bom pastor (Jo 10.11,14). Ele também usa o quadro da ovelha desgarrada para ensinar a preocupação divina com os perdidos (Lc 15.4–7).

SALMO 120

Cântico de ascensão.

Este salmo começa um grupo (Sl 120–134) que partilha de um título inusitado. Pressupõe peregrinos subindo para Jerusalém, provavelmente para a Páscoa. As tribos subiam para Jerusalém (ver Sl 122.4), e este grupo de salmos provavelmente tivesse uso especial nessas ocasiões. O Salmo 120 é oriundo da idéia da ovelha desgarrada, já mencionada no versículo final do Salmo 119. Aqui o salmista se assemelha a uma ovelha entre lobos em seu próprio país, e isto abre a cena para a peregrinação de um ambiente doméstico hostil para as alegrias e bênçãos do culto em Jerusalém.

1. *Recordando as Experiências Passadas (v. 1)*

O salmo se abre, não com a situação imediata confrontando o salmista, mas com a recordação do auxílio anterior do Senhor. Reiteradamente fora a ele no passado, e seu clamor sempre lhe trouxe resposta imediata. A lembrança do auxílio de outrora é o estímulo para dirigir novamente sua oração a Deus.

> Seu amor no passado
> Proíbe-me de pensar
> Que um dia ele me deixará
> Mergulhado em tribulação.
>
> (John Newton)

2. *Clamor da Angústia (vs. 2–4)*

As palavras iniciais desta seção especificam a necessidade atual (*v. 2*). As circunstâncias atuais não estão registradas. Se o salmo pertence ao período pós-exílio, é bem provável que a situação fosse aquela enfrentada pelos exilados em seu regresso, os quais contenderam contra a difamação dos samaritanos (Ed 4.12ss.; Ne 4.1ss.; 6.5–14). Os cristãos devem seguir o exemplo de nosso Senhor. Ele foi chamado glutão e beberrão (Mt 11.19), e contudo não respondeu nos mesmos termos (1Pe 2.23).

O *versículo 3* constitui um apelo direto a que Deus envie juízo sobre os difamadores. Ele é fraseado em termos semelhantes aos juramentos hebraicos tais como “Deus o castigue, e o faça com a mesma severidade” (1Sm 3.17; 20.13). O apelo nesses juramentos é para que Deus lide com a situação, ainda que, naturalmente, a pena real não seja prescrita. É

provável que houvesse alguma ação acompanhante que sugerisse a natureza da pena. Aqui o castigo é especificado (*v. 4*). A resposta parece ter em mente as descrições dadas em outras partes da língua subjacente. No Antigo Testamento ela é chamada espada afiada (Sl 57.4), e uma flecha mortífera (Jr 9.8), enquanto mais tarde o Novo Testamento a denomina um membro posto em chama pelo inferno (Tg 3.6). O esperado castigo será uma resposta adequada, pois se equiparará à ofensa. A árvore da vassoura tinha uma madeira muito dura, e por isso produzia carvões de longa duração. O ato de julgamento será mais mortífero do que as próprias palavras dos caluniadores.

3. *Estrangeiro em Sua Própria Terra (vs. 5–7)*

Meseque e Quedar (*v. 5*) não eram próximos um do outro. Meseque foi chamado em conformidade com um filho de Jafé (Gn 10.2), e se refere à Anatólia Oriental (moderna Turquia). Quedar foi um dos filhos de Ismael e pai da tribo que traz seu nome (Gn 25.13). Refere-se aos árabes beduínos que viviam a sudeste de Damasco. Tão aguda era a angústia do salmista, que sentia como se estivesse vivendo entre bárbaros! Ele era um estrangeiro em sua própria terra!

O contraste entre os dois grupos em sua sociedade é ilustrado pelos *versículos 6 e 7*. Luz e trevas são incompatíveis. As palavras de paz do salmista são desafiadas por suas palavras de guerra. O hebraico diz concisamente: “Eu [pela] paz; eles pela guerra.” Embora o clamor por auxílio, no *versículo 2*, não seja repetido novamente, ele constitui um eco até o fim do salmo. Há claramente um intenso anseio por livramento que deve vir do Senhor.

SALMO 121

Cântico de ascensão.

O cenário deste salmo certamente parece revelar a idéia de ascensão a Jerusalém, pois parece ser uma ocasião de subida para Jerusalém. De todos os salmos deste grupo, este é o único que tem em hebraico a designação particular: “cântico *para* os degraus” (cf. NIV), talvez ressaltando especialmente seu uso na viagem. As palavras do salmo, ainda que tenham trazido conforto e inspiração a muitos, particularmente os cristãos as têm

cantado ao longo dos séculos. A versão métrica escocesa deste salmo tem algumas expressões poderosas, e seu uso tem produzido sua apreciação mundial.

1. *O Auxílio do Salmista (vs. 1,2)*

Como o peregrino avista seu destino, ele vê as colinas que circundam Jerusalém. Essas colinas inspiravam em muitos o senso de confiança. O salmista, porém, então indaga de onde *realmente* vem seu socorro. Sua resposta é enfática. Certamente este não vem das colinas! Enfaticamente, ele vem de Deus. O Deus pactual de Israel é seu ajudador, cujo poder criativo como Criador do céu e da terra é uma garantia de sua capacidade de ajudar seu povo. O Criador de todas as coisas é capaz de condescender-se em saciar suas necessidades.

2. *A Segurança do Salmista (vs. 3,4)*

O peregrino cantará agora tropeçando neste estágio da jornada? Certamente que não, pois ele tem um guarda que não dorme, e com ênfase ele diz que não se permitirá que seus pés resvalem (cf. Sl 17.5). Esta expressão provavelmente envolva a idéia de que Deus está alerta a qualquer dos perigos da jornada. "De fato" chama a atenção para a afirmação enfática que segue, embora "dormitar" e "dormir" pareçam ser sinônimos. Quão diferente de Baal era o Deus verdadeiro! Elias, no Monte Carmelo, podia ridicularizar os profetas de Baal, dizendo que ele estava dormindo (1Rs 18.27).

3. *A Proteção do Salmista (vs. 5,6)*

O Senhor é não apenas aquele que guarda todo o Israel, mas podese dizer que ele é "o seu guarda". Chamá-lo "sombra" provavelmente seja uma forma abreviada da expressão "a sombra de suas asas" (Sl 17.8; 36.7; 57.1; 63.7). A "mão direita" pressupõe a posição do defensor ou protetor (Sl 73.23; 77.10; 110.5), e o salmista sabe que seu Deus está tão perto dele, que exercerá essa função. Ele será guardado dia e noite, em segurança, de qualquer mal. A insolação era comum na Palestina, e embora não percebamos qualquer ameaça da lua, as palavras gregas e latinas para insanidade se originam da palavra relativa à lua, daí nosso termo "lunático".

4. *A Preservação do Salmista (vs. 7,8)*

O cântico termina com Yahweh sendo descrito como o Guarda eterno, tendo avançado das pequenas coisas (passos) para as grandes coisas (toda a vida). Em meio a um mundo pecaminoso e perigoso, ele é capaz de guardar-nos de cairmos (Jd 24). Deus guardará em meio a todas as variadas experiências da vida, e por fim conduzirá seus escolhidos à glória (Rm 8.30). Se somos peregrinos sérios hoje, nos alegraremos ante o fato de que o Guarda de Israel é ainda o nosso Deus vivo e verdadeiro. Ele continua cumprindo este papel em relação ao seu povo. Que nossa oração então seja:

> Cada passo desconcertante da vida que damos,
> Guia nossos passos com teu cetro;
> Dá-nos a cada dia nosso pão,
> E provê-nos da roupa necessária.
>
> Oh, estende tuas asas em redor e cobre-nos,
> Até que nossa jornada chegue ao fim,
> E cheguemos à amada morada de nosso Pai
> E nossas almas descansem em paz!
>
> (Philip Doddridge, 1702–1751)

SALMO 122

Cântico de ascensão. De Davi.

Três dos salmos de peregrinação são atribuídos a Davi: este e os Salmos 124 e 131. A relação de Davi com Jerusalém – sua captura, seu programa de construção e o transporte da arca da aliança para lá – torna todas estas expressões ainda mais relevantes, se Davi é seu autor. As gerações posteriores poderiam tomar seu estribilho e usá-lo para sua jubilosa chegada em Jerusalém, bem como expressar sua oração pela prosperidade dela.

1. *Alegria em Jerusalém (vs. 1,2)*

Davi lembra sua sincera alegria quando os vizinhos formularam o convite: “Vamos à casa de Deus!” Esses dois característicos do amor pela presença de Deus e pela comunhão de seu povo predominaram na igreja

primitiva (Hb 10.25), e deveria ser assim hoje. O segundo versículo pressupõe que os peregrinos por fim chegaram em Jerusalém. As provações da viagem chegaram ao fim, e há grande alegria quando atravessam os portões que avistaram de longe. O nome "Jerusalém" significa fundamento da paz (ver o jogo de palavras mais adiante no salmo, *v. 6*).

2. *Apreço por Jerusalém (vs. 3–5)*

Certamente para os que vinham das partes remotas de Israel, a visão de Jerusalém era algo emocionante. Não era apenas uma conglomeração de edifícios, mas uma cidade compacta e bem ordenada – a capital. Era um símbolo da unidade da nação, quando todas as tribos do Senhor subiam para lá em ocasiões festivas especiais. Era o lugar que escolhera como a habitação para seu nome. O propósito era louvar fisicamente o nome do Senhor; porque as grandes festas, como a Páscoa, a Festa das Semanas e a Festa dos Tabernáculos significavam que chegara o momento de regozijo pessoal e nacional na presença do Senhor (Dt 16.1–17).

Jerusalém era também o centro da vida cívica (*v. 5*), ao qual o povo vinha para que o rei julgasse suas queixas. O sistema nem sempre funcionava perfeitamente, pois Absalão, filho de Davi, a explorou a fim de granjear seguidores para si (2Sm 15.1–6).

3. *Preocupação por Jerusalém (vs. 6–9)*

O chamado à oração (*vs. 6,7*) envolve um jogo do nome *Jerusalém*. Ele usa uma forma da palavra hebraica "shalom", que significa "paz". O jogo de palavras (e também a combinação que o nome soa em hebraico) pode ser realçado aproximadamente pela tradução: "Peça pelo shalom de Yerushaláyim" ("Peça pela paz do fundamento da paz"). O salmista também deseja a bênção de segurança para todos os habitantes de Jerusalém e os peregrinos. Desde o tempo que Davi capturou Jerusalém (2Sm 5.6–10), esta cidade passou a ocupar o lugar central no pensamento do povo de Israel. Assim no exílio Daniel roga junto a Deus: "Desvia teu furor e tua ira de Jerusalém, *tua cidade*, *teu santo monte*" (Dn 9.16).

O que está em vista não é só a nação como um todo, mas também os amigos íntimos do salmista (*vs. 8,9*). Ele percebe que a bênção para eles depende da prosperidade de Jerusalém. Em particular, a casa de Deus é tão

importante que ele anela pela prosperidade contínua da própria cidade. Mesmo antes da construção do Templo, a arca já lograra moradas permanentes, tais como em Silo (ver 1Sm 3.1–3,21) e em Jerusalém. Esses edifícios podiam ser facilmente descritos como "a casa do Senhor". Os sentimentos profundos do povo para com o templo são demonstrados nos lamentos sobre sua destruição (Sl 74.3–8; Is 64.11; Lm 2.6,7), e a alegria com que os exilados que regressaram saudaram sua reconstrução.

SALMO 123

Cântico de ascensão.

Este breve salmo contém muitas similaridades com o Salmo 120. Ambos começam com referência à fonte de socorro e ambos falam da acusação dos vizinhos. Enquanto o Salmo 120 focaliza a capacidade de Deus em resgatar, este se concentra em sua graça. O salmista olha para além das coisas terrenas, para o trono celestial, e apresenta seu apelo por misericórdia.

1. *Nossa Atitude Junto a Deus em Oração (v. 1)*

Aqui é a atitude de reverência para com Deus. Nosso salmista desconhecido vem em oração. Ele ergue os olhos para o Senhor, como os crentes genuínos sempre fazem (Sl 25.15). A diferença entre ele e seu Deus é enfatizada pelo reconhecimento de que o Senhor está entronizado nos céus como o Criador Todo-Poderoso de todas as demais coisas – mas o escritor não passa de uma criatura dependente. Nosso Senhor Jesus nos ensina não só a nos dirigirmos a Deus como "Pai", mas também a dizermos: "que estás no céu" (Mt 6.9). Quando chegarmos a Deus, devemos dizer com John Newton:

> Aproxime-se, minha alma, do propiciatório,
> Onde Jesus responde às orações;
> Ali humildemente caia ante seus pés,
> Porque ali ninguém jamais perecerá.

2. *Nossa Expectativa (v. 2)*

Em países orientais, os servos são amiúde orientados por sinais das mãos. Daí ser preciso que estejam bem atentos aos desejos de seus senhores. De modo semelhante, a atitude do indivíduo e comunidade crentes tem de ser de expectativa em relação ao Senhor. Deus, que não despreza o clamor dos destituídos (Sl 102.17), responderá com graça a seus filhos. Paulo sabia que Deus suprirá todas as necessidades de seus filhos "segundo suas graciosas riquezas em Cristo Jesus" (Fp 4.19).

3. *Nossa Necessidade (vs. 3,4)*

O clímax consiste neste reiterado apelo à misericórdia. O salmista vive num ambiente de hostilidade. Ele tem vivido exposto ao ridículo dos orgulhosos e arrogantes cujas palavras amargas o teriam ferido profundamente. Do povo o salmista não pode esperar misericórdia, de modo que ele volve seus olhos confiantes para Deus, que é o único que demonstra verdadeira misericórdia. De sua profunda necessidade vem este grito por socorro.

SALMO 124

Cântico de ascensão. De Davi.

Alguns manuscritos antigos omitem a referência a Davi. Se ele é de Davi, provavelmente provenha bem do início de seu reinado, e assim reflete a severa pressão imposta sobre seu reino pelos filisteus. Em Baal Perazim, ele disse: "O SENHOR destruiu meus inimigos diante de mim" (2Sm 5.20). Não obstante, é bem provável que o salmo surgisse depois do exílio, quando o povo se alegra por Deus os haver preservado. Isto explicaria por que as idéias são expressas em termos comunitários: "Israel", "contra *nós*", "não *nos* deu", "*nós* escapamos", "*nosso* auxílio". Há muito os cristãos têm dado boas-vindas a este triunfante cântico de louvor, quando o Senhor lhes estende seus braços e os livra.

1. *A Afirmação do Auxílio do Senhor (vs. 1,2)*

O duplo uso de "se" é apenas hipotético, pois não há dúvida alguma de que seu Deus pactual tem estado com eles. O apelo é para que Israel faça uma declaração sobre o livramento de Deus, mas as palavras a serem usadas estão omitidas. É possível que o *versículo 8* as forneça: "Que Israel

diga … Nosso auxílio está no nome do Senhor, o Criador do céu e da terra.” O fato de que, pela graça de Deus, foram resgatados da beira da ruína, agora conclamam o louvor de seus corações e lábios.

2. *Ilustrações (vs. 3–5)*

A fim de tornar muito mais gráfico o senso de livramento, o salmista usa duas ilustrações. A primeira (*v. 3*) trata do modo como seus inimigos visualizaram a destruição completa da nação. O perigo extremo em que a nação se encontrava se torna ainda mais vívido pela insinuação de que o monstro atacante só precisaria de um golpe para consumi-los. A segunda ilustração (*vs. 4,5*) se relaciona com as súbitas torrentes que são um característico familiar da vida no Oriente Próximo. Um ribeiro seco pode tornar-se água corrente em minutos. O quadro de destruição causada por uma enchente repentina descreve os ataques feitos a Israel por inimigos arrogantes. Ambas as ilustrações apontam para o ataque tencionando total destruição da nação.

3. *Escape Providenciado (vs. 6,7)*

O fracasso desses ataques súbitos e severos é a causa para um cântico de louvor e ação de graças (*v. 6*). A resposta certa à experiência pela qual passamos é: “Louvado (ou ‘Bendito’) seja o Senhor.” Esta expressão amiúde ocorre nos salmos quando há recordação do que Deus fizera por seu povo (cf. Sl 28.6; 31.21; 66.20; 144.1). O monstro terrificante não os devorara!

A metáfora muda quando Israel é comparado a uma ave que escapa de uma armadilha (*v. 7*). Atinge-se o clímax nas palavras “a armadilha foi quebrada”. Deus destruiu a armadilha, não menos terrificante que mandíbulas escancaradas, voltadas para seu povo (semelhante a uma ave indefesa). Puderam escapar. Estas palavras têm sido aplicadas em muitas situações no decurso da história da igreja, quando a graça e o poder de Deus se têm demonstrado a seu povo que enfrenta severa opressão e perseguição.

4. *Profissão de Confiança (v. 8)*

Como se sugeriu anteriormente, é bem provável que este seja o estribilho que levou Israel a ser chamado a cantar (ver *v. 1*). Enquanto os

versículos interpostos consideram o passado (*vs. 2–7*), agora a visão é posta no futuro, com uma profissão de confiança no Deus pactual de Israel. Deus revelara seu "nome" ou "caráter", e isto inclui seu poder que é evidente em sua obra como Criador. O Criador do céu e terra tem a capacidade e poder de ser o constante ajudador de seu povo. Nossa confiança em nossa própria força ou realizações deve ser substituída pelo prazer de possuirmos o nome de nosso Deus (Sl 20.7). Passado, presente, futuro – ele continua sendo o ajudador, e podemos confiar nossas almas nas mãos do fiel Criador (1Pe 4.19). Não surpreende que as Igrejas Reformadas, entre outras, tenham tão amiúde usado as palavras deste versículo como uma confissão pública em seus cultos.

SALMO 125

Cântico de ascensão.

Os peregrinos agora meditam na posição de Jerusalém – cercada de montes – e extraem uma lição de fé. Contrastam os caminhos dos justos com os caminhos dos perversos. O mesmo contraste aparece em passagens proféticas, tais como Isaías 3.10,11, e é reiterado no Novo Testamento pelo próprio Senhor Jesus (ver Mt 7.13,14 e 25.31–46).

1. *Cântico de Confiança (vs. 1,2)*

O salmo se abre declarando o caráter derivado do povo de Deus (*v. 1*). *Fé* é um tema primordial dos salmos, e aqui temos a descrição do característico permanente do povo de Deus. São não simplesmente salvos pela fé, mas vivem pela fé! Esta confiança realça o crente individual, mas também deve caracterizar a igreja como um todo. Os santos crentes do Senhor são comparados ao Monte Sião, com o ponto de comparação posto em sua estabilidade. O salmista fala das defesas naturais de Jerusalém (*v. 2*), e faz disto uma ilustração da proteção que o Senhor propicia a seu povo. Justamente como os montes cercam Jerusalém, assim o Senhor cerca seu povo em todo tempo. A referência a "seu povo" evidentemente se refere à sua posição como o povo pactual de Deus.

2. *A Promessa (v. 3)*

Este é um versículo difícil, ainda que sua importância geral seja clara. O cetro se refere ao governo que os conquistadores exercem sobre as terras que ocupam. Isto pode ser uma referência ao exílio, quando Deus permitiu que outros povos assumissem temporariamente o território judaico. Não obstante, Deus pusera um limite ao governo deles, e não se permitiria que o cetro estrangeiro permanecesse indefinidamente sobre ele. Como um fato da história, o período pós-exílio teve pouco da glória do império dadívico/salomônico. A segunda parte do versículo poderia significar que, se o governo dos ímpios devia continuar por alguma grande extensão de tempo, então os justos poderiam começar a invejá-los e volver suas próprias mãos para o mal.

3. *A Oração (v. 4)*

Seguindo uma promessa, agora vem uma oração: "Faz o bem, ó SENHOR, aos que são bons, aos que são retos de coração." Deus às vezes dá ou reafirma uma promessa que então inspira seu povo a orar. Esta palavra "bem" contém matizes pactuais, pois é usada para coisas que foram prometidas sob a aliança divina (ver, p.ex., 1Sm 25.30; 2Sm 7.28; Sl 23.6). O salmista suplica as misericórdias prometidas ao povo de Deus que também é descrito como sendo reto de coração. Esta é uma declaração profética de que só Deus realmente abençoa os que têm este tipo de caráter.

4. *A Advertência (v. 5)*

O salmista agora passa para o outro lado dos dois caminhos (*v. 5a*). Os que se focalizam nas coisas que são opostas a Deus, por fim descobrirão que são banidos por Deus (ver as palavras de nosso Senhor em Mt 25.31–46). Os malfeitores não dominarão para sempre, porque chegará o dia em que prevalecerá o poder de Deus sobre eles.

A declaração final diz respeito ao Israel de Deus. "Paz seja sobre Israel" (*v. 5b*). Que bênção é pertencer a Israel, especialmente quando este desfruta a bênção de Deus! Para o povo hebreu, "paz" denotava prosperidade e riqueza, o desfruto das riquezas da bênção divina (cf. a oração semelhante em Gl 6.16).

SALMO 126

Cântico de ascensão.

Não pode haver dúvida de que a experiência no exílio foi algo amargo para o povo hebreu (cf. Sl 137). Mas a restauração à pátria trouxe intensa alegria. Embora o povo não pudesse cantar em Babilônia (Sl 137.1–6), quando foram trazidos de volta a Judá entoaram "cânticos de alegria" (*v. 2*). Este salmo expressa algo da maravilha do que Deus fizera por seu povo. Há muitas semelhanças entre este salmo e o Salmo 85, bem como a profecia de Joel. Como no Salmo 85, este tem os mesmos dois aspectos em vista – restauração passada e um apelo por mais livramento. É "um cântico de ascensão", porque Jerusalém/ Sião está em foco.

1. *A Alegria da Restauração de Sião (vs. 1,2a)*

Seguindo o decreto de Ciro em 537 a.C., alguns dos exilados em Babilônia voltaram a Jerusalém. O fundamento do segundo templo fora lançado com uma mistura de pranto e alegria (Ed 3.13). Deus havia soerguido a Ciro para este exato propósito (ver Is 44.24–45.7), e através dele efetuou o regresso do povo. A referência a sonhos pode descrever o êxtase do povo no que acontecera, ou, mais provavelmente, à sua condição enquanto ainda em Babilônia. Sonhavam com o regresso, estimulados por antigas profecias relativas a tal prospecto e por aquelas de seu companheiro de exílio, Ezequiel (ver Ez 36.24; 37.1–14). O efeito foi que a tristeza e as sombras do exílio foram substituídas por riso e cânticos. Isto está em conformidade com as descrições proféticas de como a restauração ocorreria (ver Is 49.8–13; 52.8–10).

2. *Anúncio às Nações (vs. 2b, 3)*

Além do efeito sobre o povo de Deus, o regresso também teve o efeito sobre as nações adjacentes. Isaías falara do povo de Deus como suas testemunhas (Is 43.10–13; 44.8). Agora se proclamava às nações o que acontecera. A explicação era: "O SENHOR os tem tratado magnificamente." Esta mesma confissão foi feita pelos que regressavam, que com base na experiência pessoal testificavam do poder redentor de Deus. A manifestação do poder salvífico de Deus no êxodo egípcio e regresso do exílio babilônico foi preparatória de uma exibição ainda maior na vinda e obra de Jesus.

3. *A Oração (v. 4)*

Parece haver uma lacuna no tempo entre a restauração inicial e a situação em que o salmo é escrito. Este poderia ser o período seguinte à restauração parcial em 536 a.C. até a conclusão do novo templo em 516, ou o período mais longo antes das reformas de Esdras e Neemias no século seguinte (458/444). O salmista roga que aconteça uma restauração mais plena para os cativos de Israel, de modo que haja mais um ajuntamento dos que ainda se encontram dispersos no exílio. A segunda metade do versículo contém uma referência a um fenômeno bem conhecido – enchentes súbitas no Neguebe (a parte sul de Israel). Esta referência chama a atenção para a forma repentina com que o regresso adicional podia concretizar-se, e a bênção resultante, justamente como a reflorir do deserto depois de chuvas refrescantes (cf. Is 35.1).

4. *A Certeza (vs. 5,6)*

O salmista fala do tempo do exílio como a semeadura, e da restauração como a ceifa. Ele faz um retrospecto das lágrimas anteriores que foram substituídas pela alegria. Estas palavras têm a sonoridade de um dito proverbial sobre eles, não diferentes das palavras de Jesus em João 4.36–38, o que pode bem ser um eco deste salmo. O período da dolorosa semeadura passou, e a colheita chegou. Como o salmo começou, assim termina com a nota de alegria.

SALMO 127

Cântico de ascensão. De Salomão.

Das palavras iniciais deste salmo, em latim, a cidade de Edimburgo, Escócia, derivou seu moto (*Nisi Dominus frustra – sem o Senhor é tudo vão*). Esse uso de parte do salmo realça seu ponto principal. Nenhuma atividade ou obra humana para o reino de Deus será frutífera, a menos que Deus abençoe com sua presença e auxílio. As três atividades principais mencionadas no salmo são edificação, segurança e soerguimento da família. A atribuição a Salomão é notável, pois ele falhou nas mesmas coisas que o salmo enfatiza. Parte de seu programa de construção não foi sábia (1Rs 9.10–19), seu reino terminou em divisão (1Rs 11.11ss.), e seus casamentos negaram o Deus pactual de Israel (1Rs 11.1ss.).

1. *Edificando sem o Senhor (vs. 1,2)*

As primeiras duas atividades com que a frase “em vão” é usada são edificar uma casa e guardar uma cidade (*v. 1*). Ambas eram atividades comuns, as quais requeriam considerável esforço, amiúde realizadas com autoconfiança; porém, sem o auxílio do Senhor, a obra fracassa. A terceira ilustração é a de alguém “obcecado” (*v. 2*). Ele se levanta bem cedo e vai para a cama bem tarde, mas depois de todo esse esforço experimenta tristeza, não alegria. Quando o Senhor intervém há bênção, e o sono é sua dádiva à humanidade e uma marca especial de amor inabalável por seu povo.

2. *Edificando uma Família (vs. 3–5)*

O foco agora muda para outra sorte de casa. Esta mudança é realçada no texto hebraico pelo uso de uma palavra (*hinneh*) no começo do versículo, a qual prende a atenção: “Tome nota!” A edificação de uma família é em última análise uma dádiva do próprio Senhor (*v. 3*), como aqueles cristãos que adotam filhos sabem mais que os demais. Deus é o Criador e Sustentador da vida, e a vinda de filhos deve ser vista como algo que ele outorga aos pais.

Filhos trazem responsabilidade aos pais (*vs. 4,5*), mas em troca se tornam ativos na vida da família. Seus dons e capacidades servem às necessidades de toda a família. A ilustração aqui é da sociedade do Oriente Próximo, com o pensamento de os filhos provendo proteção em tempo de tribulação e velhice. Uma aljava cheia ajudaria a defender a família quando diante de um ataque.

SALMO 128

Cântico de ascensão.

Este é um salmo sapiencial semelhante ao anterior, objetivando particularmente as bênçãos da família. O modo como ele começa (“Bem-aventurados são …”) é o mesmo do Salmo 1, embora o final fosse composto para uso de um sacerdote como bênçãos sobre as famílias reunidas em Jerusalém para as festividades anuais. A repetição de temer a Deus (*vs. 1 e 4*) mostra que o foco é o viver piedoso e a bênção divina.

1. *A Bênção da Vida Familial (vs. 1–4)*

A pessoa piedosa pode ser descrita de várias maneiras. Aqui duas marcas são postas em realce: temor reverente para com o Senhor e andar em seus caminhos (*v. 1*). Onde houve verdadeira reverência para com o Senhor, aí também haverá uma vida de obediente atenção aos seus caminhos. Os que andam em conformidade com a lei do Senhor são deveras abençoados (Sl 119.1). Parte dessa bênção é o desfruto de comer os frutos de seu labor (*v. 2*).

Outro aspecto da bênção é uma vida familial feliz (*vs. 3,4*). Uma esposa e filhos são também dádivas de Deus. É bem provável que o uso de videira e oliveira como ilustrações seja porque ambas eram tão centrais na vida diária em Israel, e ambas eram bem conhecidas pelo fato de terem uma existência muito longa. O salmista volta ao seu pensamento inicial para concluir o quadro, chamando a atenção novamente para a conexão inevitável entre bênção e temor ao Senhor.

2. *A Bênção (vs. 5,6)*

Os *versículos 5 e 6* parecem ser uma bênção pronunciada sobre um adorador temente a Deus em Jerusalém. Ele veio em peregrinação, e agora o sacerdote ora pelas bênçãos do Senhor, para que as mesmas lhe fluam de Sião. Um Cântico de Ascensão anterior já fez menção de paz e prosperidade sobre Jerusalém (Sl 122.6–9). Parte da alegria dos israelitas devotos consistia em verem eles a prosperidade contínua de Jerusalém, e também vida longa na terra prometida. A oração usada no final do Salmo 125 é uma vez mais empregada para concluir este salmo. A bênção divina se estende dos indivíduos para as famílias, e então para toda a nação de Israel. Não devemos imaginar estas petições como sendo triviais, mas indicativas de confiança nos aspectos básicos da fé, quer para o hebreu, quer para o cristão.

SALMO 129

Cântico de ascensão.

A tonalidade deste salmo o distingue daqueles que o precedem imediatamente (Sl 124–128). Enquanto falam das muitas bênçãos que Deus outorga a Israel, este solicita a negação da bênção. Nenhum cenário

preciso é dado a este salmo, mas a referência a livramento, no versículo 4, pressupõe que ele surgiu depois do regresso do exílio babilônico. Há fortes semelhanças entre este salmo e o Salmo 124, não menos na repetição que ocorre nos primeiros dois versículos de cada, e o uso da frase "Que Israel diga". É um cântico de confiança, no qual Israel como nação canta o livramento da opressão e no qual ele ora pelo juízo sobre seus inimigos.

1. *Isenção de Opressão (vs. 1–4)*

Israel é solicitado a repensar sua história pregressa; sim, em sua "juventude" no Egito (*vs. 1,2*). Justamente como fora escravo então, assim deve suportar muitos anos de dominação sob seus inimigos durante o curso de seus anos de "adulto". Não obstante, é um cântico de vitória que Israel está entoando, porque esses inimigos não alcançaram seus objetivos. Ele ainda está vivo e livre!

Embora seja possível estar em pauta o duro tratamento de prisioneiros de guerra, inclusive o costume de puxar implementos agrícolas em suas costas (cf. Am 1.3), contudo a expressão no *versículo 3* é mais bem interpretada em termos figurativos. A imagem da agricultura é usada para ilustrar tanto o sofrimento de Israel quanto sua eventual soltura do cativeiro. Os "aradores" são os soldados que o haviam atacado, e suas "costas", marcadas por longos sulcos, equivalem a todo o período da história durante o qual ele viveu à mercê de seus agressores. A liberdade veio porque o Senhor o liberou de suas cordas (*v. 4*), justamente como um jugo é posto no pescoço de um animal. O último grande jugo foi removido, e um Israel restaurado se regozija no livramento divino.

2. *Juízo Sobre os Opressores (vs. 5–8)*

É característico dos inimigos que eles odeiem tudo o que representa Sião – a presença de Deus, as bênçãos pactuais, a comunidade crente (*v. 5*). A oração é que alcançarão uma posição na qual seus planos perversos são frustrados e se verão em profunda desdita aos olhos de outros. Justamente como Israel conheceu o opróbrio do exílio, assim os inimigos conhecerão confusão e desilusão.

A analogia da agricultura é mantida (*vs. 6,7*). É possível que relva cresça no telhado, mas, por falta de solo, logo murchará. Ninguém pode segar uma safra de mantimento que cresceu sozinho em tal lugar. O

salmista deseja ver as vidas dos inimigos de Sião sem qualquer produtividade, se seu fim é certo.

Não pode haver simultaneamente bênção e maldição (*v. 8*). Ninguém deve invocar a bênção divina sobre aqueles cujos corações são totalmente opostos a ele e a seu reino. Embora continuem a odiar a Sião, o único curso de ação consiste em não pronunciar qualquer bênção sobre eles.

SALMO 130

Cântico de ascensão.

Temos aqui um clamor vindo das profundezas do desespero, e este forma o sexto dos sete salmos penitenciais (Sl 6,32,38,51,102,130,143). Na história da igreja cristã, ele é freqüentemente conhecido por suas palavras iniciais em latim: *De profundis*. É muito mais que um mero clamor por auxílio, pois também contém a certeza da exuberante misericórdia de Deus que é capaz de apagar nossos pecados e iniqüidades. Os paralelos mais estreitos ao vocabulário usado aqui se encontram no Salmo 86. A situação na tela de fundo, para ambos, era bem semelhante, ainda que o versículo final do Salmo 130 vá além do pensamento do Salmo 86.

1. *A Condição do Salmista (vs. 1,2)*

As palavras iniciais marcam a tonalidade. A expressão "das profundezas" não é comum nos Salmos, mas quando ocorre denota uma situação de profunda angústia. Quando numa situação de completa calamidade, e cônscio do abismo entre si e Deus que seu pecado causou, o salmista apela para a misericórdia do Senhor. A urgência de sua situação vem a lume pela repetição de seus pedidos, usando uma variedade de expressões (*Eu clamo … ouve minha voz … que teus ouvidos …*).

2. *Certeza de Perdão (vs. 3,4)*

A impossibilidade de um pecador tal como ele pôr-se na presença de um Deus tão santo leva o salmista a formular a pergunta do *versículo 3*. Ele sabe que ninguém é justo diante de Deus (cf. Sl 143.2), e isso inclui ele próprio. Deus perdoa e não mais se lembra do pecado por amor de seu próprio nome (Is 43.25); e os pecadores perdoados são cônscios da

reverência a ele devida por sua graça e misericórdia. A recepção de misericórdia aumenta nosso senso de temor e reverência na presença santa de Deus.

3. *Espera Paciente (vs. 5,6)*

O *versículo 5* constitui uma declaração de inabalável confiança no Senhor. O salmista não está esperando ainda que Deus seja gracioso. Ao contrário, ele certamente já recebeu o perdão, e agora continua na firme confiança de que Deus, permanecendo justo, é capaz de apagar as iniqüidades (cf. Rm 3.26). Ele deposita sua inteira confiança na própria palavra de Deus (cf. linguagem semelhante no Sl 119.49). O *versículo 6* é um poderoso quadro de solicitude, paciência e confiança – a aurora sempre desponta. O anseio dos atalaias da cidade pela aurora não é tão grande quanto a do salmista cuja confiança está depositada no Deus perdoador.

4. *A Misericórdia de Deus para com Israel (vs. 7,8)*

Havendo experimentado o perdão divino em si próprio, o salmista apela a Israel como um todo a que deposite sua confiança no Senhor (*v. 7*). No Senhor, e tão-somente nele, está o amor inabalável (heb. *chesed*) e a plena medida da graça redentora se encontra somente nele. Embora o verbo hebraico, "redimir", ocorra cerca de sessenta vezes, o *versículo 8* é o único lugar no Antigo Testamento em que ele é usado em associação com "pecado". "Redenção" é entendida em termos espirituais, e Paulo corretamente usa a linguagem deste versículo quando descreve a obra que Jesus fez por seu povo – "que deu a si mesmo por nós, para redimir-nos de toda impiedade" (Tt 2.14). Em termos neotestamentários, redenção flui da livre graça de Deus (Rm 3.23–25; Ef 1.7), e o perdão é baseado no sacrifício expiatório de Jesus pelo pecado (1Jo 2.2). Por fim, a redenção depende de se pertencer, pela fé, ao verdadeiro Israel de Deus, pois "nem circuncisão, nem incircuncisão, significa algo; o que conta é uma nova criação" (Gl 6.15).

SALMO 131

Cântico de ascensão. De Davi.

Seguindo o Salmo 130, este breve cântico continua a idéia de confiança no Senhor, com a qual aquele salmo se encerrou (cf. 130.7 com 131.3). Ele descreve o caráter do adorador humilde que não busca iluminação em questões que pertencem unicamente a Deus, nem tenta exaltar-se a uma posição que pertença tão-somente a Deus. O salmista também revela um espírito de contentamento com sua posição na vida.

O salmista nega ser motivado pelo orgulho, arrogância ou ambição quando comparece diante do Senhor (*v. 1*). Quando esta chega a ser uma forma de vida, ele não se preocupa (lit. "não anda em …") com questões que estão além dele, e seu foco não é buscar grandes coisas. Como a palavra hebraica traduzida "coisas maravilhosas demais" às vezes é usada para os grandes feitos de Deus (ver Sl 71.17; 72.18), a idéia pode ser que ele não tenta elevar-se a uma posição divina.

Em serena confiança, o salmista repousa no Senhor (*v. 2*). O pensamento de uma criança desmamada é ambíguo. Poderia significar uma criança que foi prematuramente desmamada, e por isso não tinha descanso pela falta de leite. Mais provavelmente a referência seja a uma criança desmamada que está ainda descansando satisfeita no seio de sua mãe. De uma forma semelhante, a alma confiante é descrita como estando quieta e submissa, visto estar na presença do Senhor.

No *versículo 3*, o apelo a Israel, no salmo precedente, é agora reiterado (sl 130.7), mas com a adição da frase "agora e para todo o sempre". Justamente como Davi está descansando no Senhor, assim todo o Israel deve fazer o mesmo em todos os tempos. Esperar no Senhor não é um ato momentâneo, mas uma experiência permanente.

SALMO 132

Cântico de ascensão.

Dois salmos, 89 e 132, expressam em forma poética a aliança que Deus fez com Davi (2Sm 7=1Cr 17). Expressamente, chamam o relacionamento uma *aliança* (ver Sl 89.3,28,34; Sl 132.12), mesmo quando as passagens históricas não usem este termo. Nisto estão de acordo com 2 Samuel 23.5 e Isaías 55.3. Os *versículos 8–10* deste salmo são citados em 2 Crônicas 6.41,42 em relação com a dedicação do Templo em Jerusalém. O salmo é uma oração para que Deus mostre seu favor ao rei que se assenta no trono

de Davi. A linguagem e idéias apontam para uma data de composição no início do período da monarquia.

1. *Lembra-te! (v. 1)*

Um indivíduo ou a congregação ora pelo rei davídico, e especialmente pede que Deus se lembre de todas as dificuldades que Davi enfrentou como resultado de seu juramento. É bem provável que a expressão "lembra-te" seja significativa quando usada em cenário pactual em que Deus "presta atenção" às suas promessas. Por exemplo, ele lembrou-se de sua aliança e libertou seu povo do Egito (Êx 2.24), e mais tarde lembrou-se de preservá-los (Lv 26.44,45). Esta idéia se ajusta bem aqui.

2. *Juramento de Davi (vs. 2–5)*

Na narrativa histórica em Samuel e Crônicas não há menção expressa de um juramento por parte de Davi, ainda que esteja implícito. Agora se torna explícito que houve juramentos recíprocos feitos por Davi e Deus. Quando Davi viu a bênção que sobreviera a Obede-Edom por causa da presença da Arca da Aliança (2Sm 6.12), então transportou a Arca para Jerusalém e lhe estabeleceu um lar perene ali. Duas vezes nestes versículos ocorre a frase "o Poderoso de Jacó". Isto retrocede a Gênesis 49.24, onde Jacó usou esta expressão ao invocar uma bênção sobre seu filho José. Evidentemente, ela é sinônima com "o Poderoso de Israel" (Is 1.24). Davi fez um juramento solene de que não descansaria enquanto não encontrasse um lugar adequado de descanso para a Arca de seu Deus.

3. *Convite ao Culto (vs. 6–9)*

Muitas traduções e comentários assumem que a referência ao que era ouvido (*v. 6*) é à arca (ver a segunda nota de rodapé sobre o *v. 6* na NIV). Não obstante, o pronome hebraico "ele" é feminino, enquanto a palavra "arca" é masculina. Portanto, mais provavelmente, a convocação ao culto que segue é o que era ouvido. Ambos os nomes de lugares aqui demandam alguma explicação. Lemos que a arca que havia regressado dos filisteus ficara vinte anos em Quiriate Jearim ("cidade das florestas", 1Sm 6.21–7.2). Davi levou a arca de Baala de Judá para Jerusalém (2Sm 6.2; ver nota de rodapé NIV). Aqui, "Efrata" é usado para a região adjacente a Belém, da qual veio Davi (Rt 4.11; Mq 5.2), enquanto "campos de Jaar" é

justamente outro modo de descrever Quiriate Jearim ("Jearim" representa o plural hebraico de "Jaar"). Efrata foi a segunda esposa de Calebe (1Cr 2.19), e assim deu seu nome a seus descendentes ao redor da região belemita.

Nos *versículos 7–9*, o quadro apresentado é das pessoas na região doméstica de Davi que estimulam umas às outras a ir a Jerusalém e ao culto. A localização da arca era a "habitação" de Deus (*v. 7*), "o lugar de descanso" de Deus (*v. 8*). Além de tudo, suas viagens finalmente chegaram ao seu lar permanente, e ali a arca formou um estrado para o Senhor (cf. Sl 99.5). Ela é chamada "a arca de seu poder", porque representava a própria presença do Deus de poder com seu povo. Ambos, sacerdotes e o povo, deviam unir-se em culto e ponderar a justiça salvífica de Deus.

4. *Não Rejeites! (v. 10)*

A primeira metade do salmo é completada com esta referência adicional a Davi, a qual se harmoniza com o versículo inicial. O apelo é feito com base na relação pactual de Davi com o Senhor. Aqueles reis que o seguiam eram considerados ungidos do Senhor. O paralelo a "lembra-te" no *versículo 1* é agora "não rejeites", que significa "continuar olhando com favor" (cf. Sl 84.9). A promessa divina era que Davi jamais desviaria seu amor pactual da dinastia davídica (Sl 89.33–37).

5. *O Juramento do Senhor (vs. 11,12)*

Embora a primeira metade do salmo se devote ao juramento de Davi, a atenção, na segunda metade, é posta no juramento do Senhor. Sua relação com Davi foi confirmada por um juramento divino. As palavras aqui não são citadas exatamente de 2 Samuel 7 ou de 1 Crônicas 17, mas sumariam as promessas dadas a Davi, que foram também reiteradas a Salomão depois que este construiu o templo e o palácio real (1Rs 9.3–5; 2Cr 7.17,18). Ao falar a Salomão, Deus diz que fizera uma aliança com seu pai Davi (2Cr 7.18), e o Salmo 89 faz menção da promulgação de um juramento (vs. 3,35). A relação constitui uma obrigação pactual da parte da família davídica, porém condicional à obediência aos estatutos do Senhor.

6. *Sião Escolhida (vs. 13–16)*

Assim como Deus escolhera Israel para ser seu povo (Dt 7.7), ele também escolhera Sião como o lugar onde faria habitar seu nome (Dt 12.11; Sl 2.6). A oração do povo (*v. 8*) é seguida da certeza de que Sião é deveras a escolhida de Deus (*v. 13*). Sinais miraculosos marcaram essa escolha (fogo do céu sobre o altar do holocausto estabelecido por Davi na eira de Araúna [1Cr 21.26] e o fogo do céu e a nuvem de glória na dedicação do templo [2Cr 7.1]). O desejo de Davi por uma habitação permanente para a arca em Jerusalém coincidia com o desejo de Deus mesmo.

A palavra hebraica para "lugar de descanso" (*v. 14*) é usada não só para o lugar de descanso temporário que Deus buscava para seu povo (Nm 10.33), mas também do descanso que ele lhes providenciara na terra de Canaã e, particularmente, em conexão com Jerusalém (1Rs 8.56).

Como o Grande Rei, ele está entronizado em Sião, e conseqüentemente promete provisões abundantes a seu povo (*v. 15*), inclusive bênçãos profusas mesmo para os pobres (cf. Dt 15.4).

A oração do *versículo 9* é respondida em termos ainda mais plenos do que o pedido, como mostra o *versículo 16*. O desejo por "justiça" é respondido pela promessa de "salvação", embora os santos não apenas "cantem de alegria", mas "gritam alto de alegria" (heb. *rannen yerannenu*, usando duas partes do mesmo verbo para prover ênfase: "realmente gritam de alegria"). Os cristãos têm ainda maior motivo para tal expressão de júbilo.

7. *Deus Renova Garantias a Davi (vs. 17,18)*

No Antigo Testamento, amiúde "chifre" é usado como símbolo de força ou vigor (cf. Sl 18.2; 75.4,5; e ver nota de rodapé NIV aqui), embora nos filhos de Davi ele tenha uma lâmpada continuamente acesa, que jamais será apagada (ver oração de Davi no Sl 18.28, e as palavras do Senhor a Jeroboão em 1Rs 11.36). A promessa a Davi foi de uma sucessão contínua de reis, sendo que o trono de Davi por fim seria dado ao Senhor Jesus (Lc 1.31–33). O versículo final reitera esta idéia ao contrastar a vestimenta dada aos sacerdotes (*vs. 9 e 16*) com uma diferente sorte de vestimenta para os inimigos do povo de Deus. Para eles, "vergonha" tomará o lugar de "salvação", embora a família davídica não só cresça, mas também floresça. Em Jesus Cristo, o Senhor faz isso!

SALMO 133

Cântico de ascensão. De Davi.

Um cenário adequado para este salmo seria o período após Davi tornar-se rei não só de Judá, mas também de Israel (ver 2Sm 5.1–5). Sua aplicação original à jubilosa unidade das doze tribos abarcando Israel e Judá seria ainda mais corroborada quando fosse usada na peregrinação anual a Jerusalém. Quando as tribos subissem a Jerusalém e fizessem ecoar a proclamação de paz concernente a ela (ver Sl 122), o uso deste salmo corroboraria o senso de unidade entre o povo e lhes lembraria as bênçãos do Senhor aqui e na eternidade.

1. *O Privilégio da Unidade (v. 1)*

O versículo no hebraico começa com uma palavra que chama a atenção para a afirmação que segue (heb. *hinneh*, "eis", "preste atenção"). Esta palavra serve para alertar o leitor para a exclamação que segue. Unidade na família é enaltecida como algo mui precioso.

2. *Aplicação (vs. 2,3)*

Duas ilustrações seguem a exposição inicial. A primeira é a do óleo usado na unção do sumo sacerdote que escorre de sua cabeça, até sua barba, chegando inclusive à gola de suas vestes. Assim, simbolicamente, as tribos são permeadas com a santa unção do amor fraternal. A segunda ilustração diz respeito ao orvalho do Hermom, o qual é descrito como que chegando ao Monte Sião. Provavelmente a idéia seja que a mesma umidade que afeta o Hermom ao norte, quando atinge Sião, ao sul. Deus provê o orvalho refrescante para toda a terra. Menção a Sião insinua o pensamento de que ela é o lugar onde Deus tem um encontro especial com seu povo e lhe concede suas bênçãos, as quais são sumariadas na idéia de vida permanente que se encontra nele. De modo semelhante, os crentes hoje possuem uma unidade em Cristo quando fazem sua trajetória para o Monte Sião, a cidade do Deus vivo (Hb 12.22–24; 13.14–16).

SALMO 134

Cântico de ascensão.

O quinto cântico dos peregrinos termina com uma nota de bênção. Todos eles concluem com os peregrinos rogando aos ministros do Senhor que o bendigam (*vs. 1,2*), e então, por sua vez, rogam a bênção do Senhor em Sião (*v. 3*). Ele constitui um "Amém" a todo o grupo.

1. *Louvem ao Senhor (vs. 1,2)*

A ordem de louvar se dirige aos servos do Senhor, a qual é explicada pela frase seguinte com sua referência ao ministério sacerdotal no Templo (*v. 1*). Parte da obra dos levitas era "carregar a arca da aliança do Senhor, permanecer diante do SENHOR para ministrarem e para pronunciarem bênçãos em seu nome" (Dt 10.8). Evidentemente havia um ministério vespertino no Templo, porém detalhes sobre ele são incertos. Erguer as mãos (*v. 2*) representava uma atitude externa e interna de oração. O Novo Testamento toma sua terminologia quando Paulo diz que deseja que "os homens, em todos os lugares, ergam mãos santas em oração, sem ira nem animosidade" (1Tm 2.8). No santo lugar do Templo, louvores deviam subir dos lábios dos sacerdotes.

2. *A Bênção do Senhor (v. 3)*

É importante o uso da frase "o Criador do céu e da terra". Ela lembra Gênesis 1, onde Deus abençoa a criação. A oração consiste em que o Criador continuasse a abençoar e a capacitar seus servos. A expressão "os abençoe" é um eco da bênção araônica (Nm 6.22–26), embora "os abençoe desde Sião" já tenha ocorrido no Salmo 128.5. Agora, na era neotestamentária, a ênfase não é ao Templo, mas a Jesus. Nossas bênçãos vêm por meio dele, da Jerusalém celestial (Hb 12.22–24).

SALMO 135

O autor anônimo deste salmo estava, evidentemente, bem familiarizado com outras partes do Antigo Testamento, e especialmente com outros salmos. Este salmo é uma expansão do salmo precedente, e é complementado pelo seguinte. Muito do pensamento e linguagem lembra o Salmo 115, inclusive a tríplice convocação dirigida às casas de Israel e de Arão, aos que temem ao Senhor, expandida aqui para incluir também a casa de Levi. O louvor "temam ao Senhor", fixa a atenção no caráter do

Senhor (contrastado com a incapacidade dos ídolos de socorrerem aos seus adoradores), e em seus grandes atos de salvação para Israel. *Redenção* forma o tema central do salmo.

1. *Louvor de Israel (vs. 1–4)*

O salmo se abre e se fecha com um "Aleluia" (NIV, "Louvem ao Senhor"). A convocação é aos que ministram no santuário (sacerdotes e levitas) a que louvem irrestritamente o nome do Senhor (*vs. 1,2*). O cenário parece ser o período pós-exílio, que é também indicado pelas porções bíblicas mosaicas primitivas, integradas a este salmo. A razão primordial dada para louvar-se é simplesmente a bondade do Senhor (*vs. 3,4*). Mais adiante no salmo se faz menção de maneiras específicas como essa bondade era demonstrada. A frase "pois isso é agradável" é ambígua, visto que em hebraico o sujeito poderia ser Deus: "pois ele é agradável" (i.e., belo; cf. RSV, "cantem ao seu nome, pois ele é gracioso!"). Não obstante, uma comparação com os Salmos 54.6 e 147.1 endossa a interpretação da NIV. Era um ato de graça haver Deus escolhido Israel (Dt 7.7,8) e o tomado para ser seu tesouro pessoal (Êx 19.5). A palavra hebraica traduzida "tesouro pessoal" (*segullah*) é um termo raro, ocorrendo somente oito vezes no Antigo Testamento. Denota como o povo de Deus é um tesouro a seus olhos. Tito 2.14 e 1 Pedro 2.9 elaboraram esta idéia veterotestamentária.

2. *Louvor ao Criador (vs. 5–7)*

Precedendo a descrição posterior dos ídolos sem vida (*vs. 15–17*) surge uma declaração concernente ao Deus vivo (*v. 5*). Ele está além de qualquer comparação com quaisquer deuses feitos pelo homem. A mesma declaração foi feita por Davi justamente após haver Deus feito com ele uma aliança (2Sm 7.22). A palavra hebraica, "grande" (*gadol*), às vezes é combinada com o nome divino para formar nomes pessoais (ex., Gedalia, "o SENHOR é grande"). Deus é soberano em seu universo, sendo capaz de fazer tudo quanto lhe apraz (*vs. 6,7*). A expansão dos céus ou as profundezas dos mares estão igualmente à sua disposição, pois ele é seu Criador. Todas as forças da natureza são parte de seu plano, e ele é capaz de usar o vento, a chuva e os relâmpagos para cumprir seus propósitos.

Eles são servos, não poderes a seu próprio modo, como criam muitas religiões no Oriente Próximo.

Eu sei que o Senhor é elevado em posição,
Nosso Deus é grande, acima de todos os deuses;
O Senhor realiza o que decreta,
No céu e na terra, nos abismos e nos mares.
Ele faz subir a umidade
Formando nuvens até os confins mais remotos da terra;
À sua ordem, os relâmpagos faíscam;
Ele mantém o ciclone em suas mãos.
(*The Psalter*, 1912)

3. *Graça Redentora (vs. 8–14)*

Sempre que os salmistas e os profetas começam a falar da graça soberana, invariavelmente apontam para a redenção do Egito (*vs. 8,9*). Não só Israel, mas o Egito é também lembrado do que aconteceu por ocasião do êxodo. Tanto naquele tempo, quanto no mais recente regresso do exílio, Deus "viu que não havia ninguém, admirou-se porque ninguém intercedeu; então seu braço lhe trouxe livramento e sua justiça deu-lhe apoio" (Is 59.16). Ferir os primogênitos e enviar as pragas é um sumário muito breve do que está registrado em Êxodo 7–14, no entanto realça o modo como Deus agiu soberanamente em favor de seu povo.

Os *versículos 10–12* sumariam os relatos da derrota de Sion e Ogue (Nm 21.21–35) e a ocupação da terra de Canaã (Js 1–20). Só foi pelo poder de Deus que os inimigos fortes foram vencidos, e a posse da terra por Israel foi sua dádiva. Mesmo antes da ocupação de Canaã, Moisés lembrou a Israel que seus esforços pessoais não iriam granjearlhe a posse de cidades, casas, poços e vinhas (Dt 6.10–12). A terra foi uma dádiva em herança da parte do Senhor (Dt 4.21; 4.38; 12.9; e muitas outras passagens por todo o Deuteronômio). Parte do cântico de Israel constituía o louvor pelo cumprimento da promessa feita a Abraão de uma terra para sua semente (cf. Sl 78,105,106,136).

O "nome" do Senhor é o caráter que ele exibe em suas ações (*vs. 13,14*). Isto é trazido à lembrança (NIV, "renome") por gerações sucessivas. A linguagem do *versículo 13* retrocede à declaração de Deus a Moisés: "Este é meu nome para sempre, o nome pelo qual devo ser lembrado de geração

a geração" (Êx 3.15). O salmista aqui está ou diretamente ecoando aquela declaração, ou extraindo a linguagem de uma passagem tal como Salmo 102.12. Deus exerce seu governo sobre Israel e as nações, respectivamente, e ele é capaz de sustentar a seu próprio povo e manter seu próprio nome em face de ataques hostis. O *versículo 14* é extraído de Deuteronômio 32.36.

4. *A Futilidade do Culto aos Ídolos (vs. 15–18)*

Estes versículos são quase idênticos ao Salmo 115.4–6,8 (ver comentário sobre os mesmos). As diferenças são verbais de pouca importância (tais como verbos diferentes para o uso da audição), a omissão da referência a mãos e pés e a substituição de "nem há alento em suas bocas" por "narinas, porém não podem cheirar".

5. *Convocação Renovada ao Louvor (vs. 19–21)*

Embora a convocação às casas de Israel e Arão, e aos que temem a Deus, lembre o Salmo 115.9–11 (ver também a tríplice convocação no Sl 118.2–4), contudo a forma da convocação nos versículos 19 e 20 é mais estreita na conclusão do Salmo 103.20–22. Em ambos os Salmos, 103 e 135, a convocação é para que "louvem o SENHOR" (heb. *barak*, "bendizer"), o que indica que os adoradores estão sendo encorajados a expressar ação de graças e adoração. Há também menção da "casa de Levi", provavelmente porque o salmo venha de um cenário do templo, onde os levitas estariam ministrando (ver *vs. 1,2*). A congregação reunida e os sacerdotes oficiando imprimem louvor unificado ao Senhor.

O Templo em Jerusalém era o emblema visível da presença de Deus com seu povo. De lá ele os abençoava (ver Sl 128.5), e por sua vez eles lhe tributavam louvor (*v. 21*). O louvor deve fluir de Jerusalém. O cumprimento final disto foi a disseminação do evangelho de Jerusalém, até a Judéia e Samaria, e então até os confins da terra (At 1.8). O "Aleluia" inicial acha sua contraparte na frase conclusiva. Depois de tanta evidência do poder e graça de Deus, é oportuno que haja um tributo final de louvor.

SALMO 136

Não há outro salmo como este em todo o Saltério, com um estribilho ocorrendo em cada versículo. É bem provável que um líder levítico de música liderasse o recital histórico, e que os adoradores respondessem com um estribilho (2Cr 7.3,6; 20.21). O mesmo estribilho ocorre nos Salmos 106.1; 107.1; e 118.1,29. Este salmo continua os temas de Deus como Criador e Redentor, os quais ocorrem no Salmo 135. Muitos dos temas que ele usa fazem paralelo com aqueles que ocorrem no salmo anterior.

1. *Convocação ao Louvor (vs. 1–3)*

Os versículos iniciais contêm uma convocação idêntica ao louvor, exceto que o objeto do verbo é variado: "SENHOR", "Deus dos deuses", SENHOR dos senhores". A razão para o louvor é a bondade e o amor pactual do Senhor. Ambos estes termos têm por base o louvor na esfera da aliança, pois a bondade de Deus é uma maneira de expressar as bênçãos da aliança (ver sobre 34.8), embora seu amor seja o compromisso de fidelidade pactual (ver sobre 36.5). Os termos variados para Deus parecem ser usados para chamar a atenção para sua unicidade, e portanto para sua reivindicação de louvor exclusivo.

2. *Louvor pela Criação (vs. 4–9)*

A criação forma a base para a recordação dos grandes acontecimentos históricos em Israel, e é a primeira das muitas maravilhas que Deus realizara. É também uma exibição da sabedoria de Deus (cf. Pv 3.19; Jr 10.12). "Estender a terra sobre as águas" é um eco de Gênesis 1.6–8, com a palavra hebraica para "firmamento" se originando da mesma raiz que a palavra traduzida "estender". A palavra inglesa [e portuguesa], "firmamento", é simplesmente um empréstimo do latim, na tentativa de expressar a idéia de expansão do céu. Isaías 42.5 ecoa novamente a mesma linguagem. A formação do sol, da lua e das estrelas é sumariada nos *versículos 7–9*, com ligação direta a Gênesis 1.16.

3. *Louvor pelo Êxodo (vs. 10–15)*

A linguagem exata de Êxodo 12.12,23,27,29 é usada no *versículo 10* para descrever a última das pragas do Egito, enquanto o *versículo 11* lembra que só foi pelo poder de Deus que Israel foi tirado da escravidão e servidão do Egito. "Tirou" é uma das expressões mais comuns em

Deuteronômio para descrever o êxodo (cf. Dt 1.27; 4.20; 4.37; 5.6; 16.1; 26.8; 29.25), e é amiúde ligada a "mão poderosa e braço estendido" (*v. 12*) para indicar a maneira como o êxodo se concretizou (cf. Dt 5.15; 7.8; 9.29; 26.8). A redenção de Israel do Egito foi apenas uma forma maravilhosa de Deus agir.

Os *versículos 13–15* sumariam Êxodo 14.21–31. A travessia do Mar Vermelho significou salvação para os israelitas, porém juízo para o exército egípcio perseguidor. A ação de Deus teve duas conseqüências inteiramente diferentes. As águas foram divididas, e Israel passou por terra seca, o Senhor, porém, submergiu os egípcios no mar. Tal demonstração de poder divino levou os israelitas a temerem e a depositarem sua confiança nele e em Moisés, seu servo (Êx 14.31).

4. *Louvor pelas Experiências no Deserto (v. 16)*

Não foi só no tempo do êxodo que Deus exibiu seu poder. Durante as experiências no deserto, ele deu a seu povo proteção e sustento divinos. Ele foi o grande pastor que guiou seu povo como um rebanho e os conduziu em segurança (Sl 78.52,53). Os salmistas parecem ter tomado expressões por empréstimo de Deuteronômio (ver Dt 8.2; 8.15; 29.5), e os profetas descrevem a condução pelo deserto em termos semelhantes (ver Is 48.21; Jr 2.6; Am 2.10).

5. *Louvor pela Conquista (vs. 17–22)*

Em sua partida rumo a Canaã, os israelitas tiveram que atravessar território hostil a leste do Mar Morto. Nem Seom, rei dos amorreus, nem Ogue, rei de Basã, permitiram sua passagem sem disputa, e depois de serem derrotados pelas mãos dos israelitas suas terras foram tomadas. Os relatos históricos são dados em Números 21.21–35 e Deuteronômio 2.24–3.11. O território de Seom e Ogue forneceu terra a duas tribos e meia – Gade, Rúben e a metade de Manassés. A promessa básica da terra de Canaã dada a Abraão (Gn 12.7) foi reafirmada no tempo do êxodo e chamada herança de Israel (Êx 32.13). Quando Israel ocupou Canaã, esta foi distribuída por sorte como herança (Nm 33.54), de modo que Deus estabeleceu "as tribos de Israel em seus lares" (Sl 78.55). Os israelitas individualmente eram servos de Deus, mas a nação como um todo podia também ser chamada por Deus "minha serva" (cf. também Is 41.8; 44.1,2).

6. *Convocação Renovada ao Louvor (vs. 23–26)*

Os versículos conclusivos servem para sumariar o salmo como um todo, e talvez expressem a experiência reiterada de Israel desde o tempo da conquista até o exílio. Deus não se esquecera de seu compromisso pactual, porém manteve em mente seu povo (*v. 23*, sobre o uso de "lembrar-se", ver comentário sobre Sl 132.1). "Nosso abatimento" é uma expressão veterotestamentária para "rebaixamento" ou "humilhação", e podia descrever os tempos de dominação por povos adjacentes durante o período dos juízes ou algum dos períodos posteriores, inclusive a humilhação abjeta do exílio.

Os temas gêmeos da criação e redenção são enfeixados novamente nos *versículos 24 e 25*. Deus era o libertador, mas foi também aquele que supriu a todos de carne em abundância segundo sua promessa a Noé (o uso da frase "toda carne" [NIV, "toda criatura"] enfeixa Gn 9.11,15–17 e Sl 136.25).

O versículo final toma o cântico de louvor inicial (*vs. 1–3*), e o reitera com uma leve alteração. O modo de falar a Deus se torna "o Deus do céu". Em nenhuma outra parte nos salmos ocorre este título, e parece ser essencialmente uma designação para Deus no período pós-exílio (Ed 1.2; Ne 1.4; Dn 2.18).

SALMO 137

A realidade da amargura do exílio em Babilônia é rememorada por um salmista que recentemente regressara à pátria. O haver enfrentado os horrores da destruição de Jerusalém pelas mãos dos babilônios e edomitas, e então as crueldades da deportação, foram experiências que afetaram profundamente o povo. Havia a preocupação não só por si mesmos, mas por Sião e por tudo o que ela representava. Mesmo numa oração de confissão, tal como a de Daniel (Dn 9.4–19), com seu reconhecimento da retidão dos juízos divinos, há a súplica a que Deus olhasse com favor para seu santuário em ruínas e contemplasse a desolação da cidade que leva seu nome (*vs. 17,18*). Neste salmo, o cantor revela aquele mesmo amor por Sião quando recorda a angústia da alienação de todos os que lhe eram queridos.

1. *Infortúnio em Babilônia (vs. 1–3)*

Os rios Tigre e Eufrates, e uma série de canais de irrigação, forneciam a fonte de vida em Babilônia (*v. 1*). Para o povo hebreu, viver em exílio não era o mais cruel, nem a prisão fechada, mas viver separados de Sião afetava profundamente os crentes fiéis. Assentar-se não era um sinal de ócio e conforto. Era a postura dos pranteadores, e as lágrimas eram derramadas quando se lembravam de tudo o que ficou perdido na destruição de Jerusalém.

Os captores babilônicos queriam ouvi-los entoar algum dos cânticos pelos quais o povo hebreu se tornara famoso (*vs. 2,3*). Como poderiam entoar cânticos de júbilo e entreter seus atormentadores "ali" – o local de cativeiro e pranto? Em tais momentos, "a harpa jubilosa fica silente" (Is 24.8), e os choupos eram um local conveniente nos quais penduravam as harpas e assim demonstrar sua recusa em tomar parte no entretenimento.

2. *Compromisso com Sião/Jerusalém (vs. 4–6)*

A pergunta no *versículo 4* ("Como podemos entoar os cânticos do SENHOR enquanto estivermos numa terra estranha?") não deve ser tomada no sentido de que os judeus nunca haviam cantado longe de sua própria terra. No contexto, evidentemente, significa que não podiam tomar parte num concerto para o entretenimento de seus captores. Os cânticos de Sião não se destinavam a ser usados em tais cenários.

O lugar de Jerusalém na afeição dos fiéis transpira dos *versículos 5 e 6*. A mesma atitude transparece no Livro de Lamentações, quando o autor desse livro pranteia por Jerusalém desolada (Lm 1.16; 2.11). Como Deus havia escolhido Sião (Sl 78.68; 132.13), desde então seu povo crente se lembrava dela como o lugar de sua habitação com seu povo, e suspiravam intensamente por seu regresso para lá. O salmista evoca uma maldição sobre si mesmo se um dia fosse infiel às promessas concernentes a Jerusalém. Ele preferiria que sua mão direita se ressecasse (e assim o impedisse de tocar a harpa), e que sua língua se apegasse ao céu de sua boca, de modo que não mais cantasse, se um dia fosse desleal para com Jerusalém. Ela constitui sua mais intensa alegria, por causa de sua associação com Deus.

3. *A Maldição Divina Sobre Edom e Babilônia (vs. 7–9)*

Os edomitas (*v. 7*) eram descendentes de Esaú (ver Dt 2.4,5). Desde o princípio do Antigo Testamento há comparativa inimizade entre Israel e Edom; mais tarde, porém, desenvolveu-se amarga hostilidade (ver as maldições expressas contra Edom em Am 1.11,12; Jr 49.7–22; Ob 1–21; Ml 1.2–5). Embora Edom não passasse de um poder menor, ele havia ajudado Babilônia no tempo da queda de Jerusalém. Os edomitas haviam dominado a cidade e matado os fugitivos que tentavam escapar (Ob 11–14; Ez 25.12–14; 35.5–15). Não só queriam ver Jerusalém arrasada até o chão, mas destruído até os fundamentos o governo de Deus. A invocação do juízo divino sobre Edom é expressa mais plenamente no livro de Obadias.

Dois importantes fatos nos ajudam a entender o desejo de vingança nos *versículos 8 e 9*. Primeiro, a linguagem aqui ecoa a de Isaías 13.16, e recorda a sentença judicial já pronunciada pelos profetas contra Babilônia, a grande inimiga de Sião (ver juízo semelhante descrito em Os 13.16). Segundo, muitos dos tratados bíblicos e extrabíblicos contêm maldições relativas à ausência de descendência ou à eliminação de gerações sucessivas (cf. Sl 55.23; 69.25; 109.8,9,13). Quando esses fatos se combinam, pressupõem que o salmista está ecoando profecias bem conhecidas já pronunciadas contra Babilônia e (usando a linguagem da guerra brutal daquele tempo) rogando pela destruição de Babilônia como nação. Se seus filhos forem eliminados, então seus dias como nação estarão contados. O inimigo final do povo de Deus é chamado “Babilônia” no Livro do Apocalipse, e sua destruição é saudada com alegria (Ap 18.1–19.4).

SALMO 138

De Davi.

Este salmo é o primeiro do grupo final de salmos (Sl 139–145) atribuídos a Davi. As dificuldades mencionadas no salmo (ver *vs. 3 e 7*) parecem ser mais do que incidentes pessoais. Refletem alguma situação nacional mais intensa em que Deus interveio para resgatar seu próprio povo Israel. Assim o salmo tem traços em comum com o cântico de Davi em ação de graças (Sl 18), ainda que bem mais breve e mais direto. Ele constitui, respectivamente, um cântico e uma expressão de inabalável confiança.

1. *Louvor por Livramento (vs. 1–3)*

No *versículo 1*, o salmista se alegra pelo que o Senhor fizera por ele. É bem provável que a referência a "de todo meu coração" seja uma lembrança deliberada de Deuteronômio 6.5. Aqui, como em outros lugares, "deuses" é um termo hebraico aplicado aos governantes humanos (ver Êx 21.6; 22.8,9; Sl 82.1), e portanto sinônimo de "reis", no *versículo 4*.

A menção do templo (*v. 2*) não compele a uma data do salmo após a construção do primeiro templo, muito menos após a construção do tempo pós-exílio. O termo hebraico para templo (*hekal*) é aplicado à tenda que fora a casa de Deus antes que o templo fosse construído (1Sm 1.9; 3.3), e no Salmo 27 ele é usado juntamente com casa (*bet*), barraca (*sok*) e tenda (*'ohel*) para descrever a habitação temporária para a arca da aliança. O rei se prostrará em adoração diante de Deus, e em particular o louvará por seu amor e fidelidade pactuais. Ao prover livramento, para si e seu povo, Deus demonstrara acima de tudo mais seu caráter imutável e seu apego a suas promessas.

No dia do livramento ouviu-se e respondeu-se a um clamor por auxílio (*v. 3*). Deus respondeu às necessidades de seu servo, o rei, e às de seu povo. Em face dos agressores, ele sentiu-se encorajado e ajudado. Em outro lugar, Davi afirma que Deus é sua "força" (Sl 28.7). Aqui ele confessa que Deus lhe comunicou força (NIV, "fez-me … corajoso").

2. *Oração pelos Governantes Gentílicos (vs. 4,5)*

A oração de Davi é pela conversão dos reis (e, presumivelmente, seus súditos) quando ouvirem seu testemunho (cf. seu desejo de louvar a Deus entre as nações no Sl 18.49). O que ouvirem serão as promessas que Deus fizera a Israel, a manifestação de seus graciosos propósitos em relação aos que confiam nele. Os caminhos do Senhor são as instruções que ele ministra para guiar seus filhos e assim dirigir seus passos (ver Sl 25.8–12). Reis e nações gentílicas se unirão em louvor por esses caminhos amoráveis e fiéis, os quais por si mesmos testificam que Deus é justo (Sl 145.17) e que exibe sua glória suprema.

3. *Confiança no Poder Guardador de Deus (vs. 6–8)*

O Deus da glória se condescende em olhar com favor para os humildes, enquanto ao mesmo tempo observa de longe (possivelmente significando "do céu") o caráter dos soberbos (*v. 6*). Ele zomba dos soberbos, porém dá graça aos humildes (Pv 3.34). O salmista sabe que tem sido protegido por Deus em meio a seus perigos, estando a mão de Deus voltada sobre ele com poder salvífico. Não obstante, essa mesma mão se volve contra seus odiosos inimigos (*v. 7*).

O verbo "cumprir" (heb. *gamar*) é uma palavra rara (*v. 8*), mas, como no Salmo 57.2, parece referir-se ao propósito ou vontade de Deus sendo completada, daí a adição que a NIV usa as palavras "seu propósito" para realçar bem seu significado. Parte desse propósito é que o amor pactual seja mantido por todo o tempo (ver o estribilho no Sl 136, "seu amor dura para sempre"). A oração final é para que o povo de Deus não seja abandonado. Esta interpretação de "as obras de suas mãos" é endossada pela referência a Isaías 60.21 e 64.8.

SALMO 139

Para o diretor de música. De Davi. Salmo.

Este salmo é intensamente pessoal. Seu tema principal é o modo como Deus conhece todas as suas criaturas. Não existe lugar algum em que possamos nos esconder dele, e as próprias trevas não podem encobrir-nos, nem nossas ações, de seus olhos que a tudo vêem. Depois dos primeiros dezoito versículos, há no salmo uma súbita mudança, pois então somos confrontados com uma seção onde se invocam maldições sobre os inimigos do salmista (e de Deus). Evidentemente, esta é uma parte integral do salmo, pois a oração final (*vs. 23,24*) repete as idéias e linguagem dos *versículos 1–3*. Se queremos juntar-nos a essa oração final, devemos entender o conteúdo do salmo e orar no mesmo espírito que o salmista.

1. *O Deus que a Tudo Vê (vs. 1–6)*

Cada detalhe da vida humana está aberto diante de Deus (*vs. 1,2*). A linguagem de penetração e pesquisa humanas é usada para mostrar quão profundo e pessoal é o conhecimento que Deus tem de cada um de nós. Independente de nossa situação imediata, ele nos conhece absolutamente,

e mesmo os mais íntimos recessos de nossas mentes são como que um livro aberto diante dele.

Toda a vida, sumariada pelas expressões "sair" e "deitar-se", está aberta diante dele (*vs. 3,4*). Nossos próprios pensamentos são percebidos por Deus antes mesmo que articulemos uma palavra. Como se torna evidente mais adiante no salmo, os inimigos do salmista estão evidentemente em sua mente quando fala do conhecimento que Deus tem de sua situação. Ele se dirige a Deus como o Governante do mundo e o divino Juiz de todos.

Não há escape da presença de Deus (*v. 5*). Se o salmista vai para longe, Deus está ali. Se ele volta, ainda o encontra. Sua mão (o hebraico tem o plural "mãos") o alcança para mantê-lo sob controle. Seu Deus não é apenas todo-conhecedor (onisciente), mas também está presente em toda parte (onipresente). O conhecimento de Deus está além da compreensão humana (*v. 6*). Ele é chamado aqui conhecimento "maravilhoso", usando a expressão hebraica que regularmente denota ações que por sua por sua própria natureza estão além da capacidade humana (cf. seu uso no Sl 71.17; 72.18; 86.10; NIV, "feitos maravilhosos"). Realmente podemos conhecer a Deus porque ele se nos revela, mas não podemos conhecê-lo exaustivamente. Esse tipo de conhecimento pertence unicamente a ele, e isso é o que o salmista quer dizer quando fala em conformidade com o texto hebraico: "Eu não posso [atingir] a ele."

2. *O Deus Inescapável (vs. 7–12)*

As perguntas retóricas no *versículo 7* ("Para onde irei de teu Espírito? Para onde fugirei de tua presença?") introduzem várias possibilidades sobre para onde o salmista poderia ir a fim de escapar de Deus. A questão, como em Jeremias 23.24, é que não há nenhum lugar para onde se possa fugir de Deus. Em toda a criação não há como se esconder de Deus (*vs. 8,9*). As extremidades são usadas para significar a totalidade do universo (para linguagem semelhante, ver Jó 11.7–9; Am 9.1–4). Altura e profundidade, leste ("os ventos da aurora") e oeste ("o mar", i.e., o Mediterrâneo), abarca tudo o que existe. Seja para onde que alguém vá, a mão de Deus é capaz de alcançar e controlar os eventos ainda não manifestos (*v. 10*). Outra ilustração é dada nos *versículos 11 e 12*. Se a distância (altura/profundidade, leste/oeste) não permite que alguém escape de Deus, talvez as trevas forneçam um esconderijo adequado. A resposta é que o dia e a noite são iguais para Deus. A sentença final é muito breve

em hebraico: “como as trevas, como a luz” (o provérbio foi substituído para: “tal pai, tal filho”). As trevas não propiciam que alguém escape da superintendência divina.

3. *O Deus Criador (vs. 13–18)*

No *versículo 13*, ao descrever sua criação, o salmista usa um verbo incomum para criar (*qanah*). Ele só ocorre seis vezes neste sentido no Antigo Testamento, em vez do verbo mais comum (*bara*’) de Gênesis 1.1 e em muitos outros lugares. Abraão o usou ao falar a Melquisedeque e ao rei de Sodoma, quando chamou Deus “Criador do céu e terra” (Gn 14.19,22). À luz de nossa concepção, somos criação de Deus, com um corpo cuidadosamente construído e entretecido. Daí, quando o salmista pondera sobre si mesmo, ele fica extasiado nesta obra criativa (*v. 14*). O uso das palavras “maravilhosamente” e “maravilhoso” chama a atenção para a atividade divina que trouxe a vida à existência (cf. comentários sobre Sl 71.17; 72.18 para o uso desta palavra hebraica).

Sua vida era aberta diante de Deus, ainda desde seu nascimento (*vs. 15,16*). A madre é chamada “lugar secreto” e “as profundezas da terra”, porque nessas áreas ela partilha das idéias de separação da esfera normal da vida. Ela é escura e oculta da visão humana, mas bem clara aos olhos de Deus. A extensão da vida é soberanamente determinada por Deus, e com presciência ele conhece a história da vida como se fosse escrita de antemão. Deus não precisa de um registro escrito, mas a idéia de um livro é usada no Antigo Testamento como um modo de falar para garantir o conhecimento de Deus e seu cuidado sobre seu povo (Êx 32.32; Sl 56.8; 69.28; Ml 3.16). Tais pensamentos trazem muito conforto ao crente, que canta:

> Tudo quanto meu Deus ordena está certo;
> Aqui minha posição é estabelecida;
> Ainda que sejam minhas a dor, a necessidade ou a morte,
> Contudo eu não sou abandonado;
> O cuidado de meu Pai me cerca ali:
> Ele garante que não cairei,
> E por isso eu lhe entrego tudo.
>
> (Samuel Rodigast, 1649–1708)

"Os pensamentos" de Deus são seu interesse em preocupar-se com o salmista (*vs. 17,18*). Eles são preciosos ou valiosos simplesmente porque provêm das profundezas incomensuráveis da sabedoria de Deus. Se se fizer a tentativa de contá-los, então seria o mesmo que contar os grãos de areia. Se tal contagem faz dormir, então, ao acordar, o salmista ainda descobre que sua mente está preocupada com seu Deus. Esta é uma rica meditação.

4. *O Deus Vingador (vs. 19–22)*

O salmo tem uma súbita mudança neste ponto. Da gratidão a tonalidade muda para juízo e maldição, quando se aborda a situação dos inimigos do salmista (e de Deus) (*vs. 19,20*). O salmista apela a Deus para que intervenha e remova seus inimigos. Nota-se que o caráter dos perversos é sedento de sangue, e sua linguagem é maliciosa e blasfema. A última sentença é ambígua, porque o texto hebraico diz: "exaltaram-se em vão – suas cidades." A NIV (juntamente com a maioria das versões inglesas, inclusive a AV) considera que se deve ler "cidades" como "adversários" (só uma letra é diferente em hebraico), e que "exaltaram-se em vão" é um eco do terceiro mandamento. Os adversários abusam do nome de Deus, quer usando-o de forma blasfema, ou causando-lhe injúria por sua falsa maneira de viver.

Os *versículos 21 e 22* evidentemente mostram que o clamor por vingança contra os inimigos não provém do espírito de vingança pessoal. Como no Salmo 5.8–10 (ver comentários), os inimigos são inimigos *de Deus*. Aqui, o salmista está confessando sua lealdade ao Senhor de uma maneira costumeira no antigo Oriente Próximo. Nos tratados internacionais do antigo Oriente Próximo, a parte que entrasse em aliança era obrigada a tratar os inimigos da outra parte como seus inimigos. O princípio era, como o expressa um antigo tratado hitita: "Com meu amigo, você será amigo; e com meus inimigos, você será inimigo." Deus mesmo prometera, no Livro da Aliança: "Serei inimigo de seus inimigos, e me oporei aos que se opuserem a você" (Êx 23.22). Para os resultados mais amplos suscitados pela maldição nos salmos, ver a Introdução, p. 54.

5. *O Deus que Guia (vs. 23,24)*

Os pensamentos conclusivos ecoam a abertura do salmo. O salmista se expôs aos olhos de Deus que a tudo vêem, e está disposto a deixar-se testar por ele, em seus pensamentos. Ele contrasta dois caminhos – o caminho ofensivo e o caminho eterno. Ele se esquiva do primeiro e ora para que seus passos sejam guiados no último. É bem provável que "o caminho eterno" seja uma referência a retrospecto e prospecto. É no velho caminho, revelado a Abraão, Isaque e Jacó, e no qual andaram, que o salmista deseja ser guiado. Se ele segue esse caminho, então será guardado e continuará na presença de Deus eternamente.

SALMO 140

Para o Diretor de música. Salmo de Davi.

Enquanto este apelo por auxílio descreve os ataques feitos contra o salmista, ele mostra como a fé se firma em Deus no momento da provação. A última parte do versículo 3 é citada por Paulo em Romanos 3.13 como parte da lista de citações do Antigo Testamento que apontam para a pecaminosidade universal. O uso de *Selá*, neste salmo, é bem equilibrado, ocorrendo depois de cada uma das três estrofes (ver a nota sobre *Selá* no comentário sobre Sl 3.2). A tradução e interpretação do salmo se tornam particularmente difíceis, porque ele contém várias palavras que não se encontram em qualquer outra parte do Antigo Testamento. Torna-se útil uma comparação com os Salmos 54 e 64, visto que geralmente são semelhantes em conteúdo, e todos os três salmos terminam com a mesma nota.

1. *Súplica por Auxílio (vs. 1–3)*

O salmista usa o verbo "resgatar" (*v. 1*), o qual ocorre com muita freqüência, descrevendo o resgate de Deus, tirando seu povo da angústia (ver, p.ex., Sl 6.4; 18.19; 34.7; 50.15; 81.7). Os perversos agem em secreto arquitetando seus planos, e então põem em obra seu mal premeditado. Com intenção hostil, eles saem contra o salmista, que necessita da proteção divina em tais circunstâncias. Ele vive numa situação de guerra perpétua. O *versículo 3* é uma combinação das idéias dos Salmos 64.3 e 58.4. As línguas dos perversos são tão afiadas e tão venenosas quanto as das serpentes.

2. *Oração por Proteção (vs. 4,5)*

A oposição dos inimigos não é apenas verbal. Também assume a forma de violência física (*v. 4*). A súplica inicial do versículo 1 se estende neste versículo para enfatizar a natureza das atividades dos inimigos. Eles lhe armam redes, na tentativa de apanhá-lo e fazê-lo tropeçar. O adjetivo "arrogantes" (*v. 5*) é usado no Antigo Testamento tanto negativa quanto positivamente. Aqui ele descreve aqueles cuja fonte última de confiança são eles mesmos, não Deus. As metáforas da caça continuam quando o salmista fala dos ataques que lhe foram feitos. O Salmo 10.2–11 contém a mesma imagem e algo da mesma linguagem (tal como "arrogância", que vem da mesma raiz hebraica que "arrogante").

3. *Afirmação de Confiança (vs. 6–8)*

Como é típico em apelas por auxílio, há uma forte afirmação de confiança no Senhor (*v. 6*). O escritor professa sua íntima relação com ele, e usa isso como base para sua súplica.

O Senhor é o protetor de seus servos, protegendo-os dos golpes mortais dos inimigos (*vs. 7,8*). Eles têm seus desígnios postos na destruição, e é somente Deus quem pode intervir para frustrá-los. A palavra hebraica para "planos" não ocorre em nenhum outro lugar no Antigo Testamento, mas seu significado aqui parece semelhante às palavras relacionadas nos Salmos 26.10 e 37.7 ("esquemas perversos"). A frase final do *versículo 8* é difícil. O texto hebraico simplesmente diz: "se exaltam", o que a NIV interpreta como se exaltando com orgulho e arrogância. Outras traduções modernas (ver RSV, GNB, REB) o ligam com o versículo seguinte. Deus às vezes parece permitir que os perversos sejam bem sucedidos em seus planos, mas isso tem de ser visto contra a perspectiva mais ampla de seus propósitos globais para sua igreja e seu reino.

4. *Oração por Vingança (vs. 9–11)*

O contexto mostra que esta não é uma vingança pessoal do salmista contra seus inimigos. Ele é um servo pactual leal (ver *v. 6*) cujo desejo é que Deus o vingue revertendo aos inimigos o mal que lhe fizeram. A oração é para que recaia sobre eles um juízo mais severo (parecido com "carvões em brasa", "fogo" e "lamaçais") que será final ("nunca se ergam"). Alguns dos ataques não são físicos, mas verbais (ver *v. 3*), e sua

oração é para que tais difamadores nunca encontrem um lugar seguro na terra (*v. 11*). Têm sido os caçadores (*vs. 4,5*), e agora a oração é para que seus próprios planos se revertam contra eles. O que planejaram para outros lhes seja infligido.

5. *Confiança no Juízo Divino (vs. 12,13)*

Como se dá com os Salmos 54 e 64, este termina com uma nota de feliz triunfo. Estes versículos fazem paralelo com os *versículos 6 e 7*, com verbos na primeira pessoa no começo de ambas as seções (“Eu digo”, “Eu sei”). O salmista descansa certo de que o Senhor velará para que os direitos dos pobres e necessitados sejam mantidos. Essa confiança se traduz na expectativa de que quando a vitória vem aos retos, eles se alegrarão de que suas vidas foram poupadas. Nesse momento haverá confissão de que a graça divina tem suplantado a todos os inimigos, e que o nome de Deus seja exaltado em virtude de sua vitória maravilhosa.

SALMO 141

Salmo de Davi.

Os Salmos 140 e 141 são estreitamente relacionados em linguagem e tonalidade. Este salmo também apela por auxílio e exibe a mesma confiança no Senhor. Depois que o Templo foi construído em seguida ao regresso do exílio, este salmo se tornou parte da liturgia entoada quando as lâmpadas vespertinas eram acesas. A prática de se usar este salmo, desta forma, continuou na vida da igreja primitiva, ainda que João Crisóstomo (ca. de 347–407) comentasse que ele era entoado sem que suas partes obscuras fossem entendidas. O uso de palavras hebraicas raras aumenta a dificuldade de tradução e interpretação. Embora permaneçam incertezas, o papel primordial do apelo e sua expressão de confiança no Senhor são claros.

1. *Apelo por Auxílio (vs. 1,2)*

A linguagem do *versículo 1* é típica de apelo por auxílio (cf. Sl 70.1; 86.1). A solicitação é por intervenção rápida da parte do Senhor e pronta resposta ao clamor do salmista. A linguagem do sistema sacrificial é usada para dar expressão à oração para que fosse aceita (*v. 2*). Uma leitura bem

atenta das palavras sugere a idéia de que a oração substitui o sacrifício. O salmista deseja que sua oração seja aceita por Deus justamente como são o incenso e os sacrifícios vespertinos.

2. *Oração por Sabedoria (vs. 3–5c)*

No salmo anterior faz-se menção da calúnia dos ímpios (Sl 140.3). Agora, nos *versículos 3 e 4*, o salmista roga que ele não partilhe desse uso da língua. Se Deus guardar sua boca, então nenhuma palavra nociva sairá dela. Além disso, ele pede que seus pensamentos e suas ações sejam guardados puros. Ele não quer associar-se com os malfeitores, nem mesmo quando partilham de sua hospitalidade. É bem provável que o salmista estivesse pensando particularmente em seus ganhos mal adquiridos que lhes possibilitavam a comprar tais iguarias. Por seus pensamentos, palavras e atos ele seria distinguido dos que são intrinsecamente maus.

O salmista está disposto a deixar-se repreender por um homem bom (*v. 5a–c*), pois tal repreensão deve ser considerada "feridas de um amigo" (Pv 27.6; cf. também Pv 17.10). Quando isso acontece, é uma expressão de genuína bondade (Heb. *chesed*), um sinal da força dos laços entre duas pessoas. Em vez de infligir-lhe mal, é tão suave como óleo sobre a cabeça (cf. Sl 23.5).

3. *Oração por Vingança (vs. 5d–7)*

Em salmos consecutivos ocorrem orações por vingança (Sl 14.7; 141.5d–7). Nesta ocasião, a oração é dirigida, respectivamente, contra os malfeitores e seus líderes. Estes são distinguidos porque foi permitido que o mal triunfasse na sociedade. O desejo é que eles sejam encaminhados a um fim cruel. Quando isso acontecer, então os perversos farão um pronunciamento, usando o que parece ser um dito proverbial. A idéia por trás do *versículo 7* é a de um agricultor quando ara a terra, ele a revira tanto que o que está embaixo vem à superfície. Assim os ossos dos líderes não terão sepultura permanente, mas serão espalhados por sobre o solo.

4. *Oração por Livramento (vs. 8–10)*

O salmo termina com oração adicional, mas também com uma afirmação da sólida convicção do salmista, de coração e mente. Sua esperança está em seu Deus, para quem olha com expectativa e em quem

ele acha refúgio (*v. 8*). Em face do perigo dos perversos, ele roga pela preservação da vida (heb. *não deixes minha vida vazia*). As solicitações finais (*vs. 9,10*) são por segurança em face das tramas dos inimigos e para que estes sejam enredados por seus próprios esquemas.

SALMO 142

Um maskil de Davi. Quando estava na caverna. Oração.

Há muitas expressões repetidas por todo este salmo, as quais dão intensidade à solidão e tristeza do salmista. O título localiza o salmo no período em que Davi estava fugindo de Saul, mais provavelmente com a caverna em Adulão (1Sm 22.1), em vez de En-Gedi (1Sm 24). Como a parte final de uma trilogia de salmos, seu tema dá segmento ao dos Salmos 140 e 141. Em meio ao estresse há confissão de sólida confiança no Senhor, e reconhecimento de que ele conhece todas as circunstâncias em que seu servo se encontra.

1. *Clamor por Auxílio (vs. 1–4)*

O salmista adota linguagem formal para expressar seus pedidos iniciais, linguagem tal como seria usada no discurso dirigido a um superior, por exemplo, a um rei (*vs. 1,2*). Há um paralelismo no hebraico, não em evidência nas versões inglesas: "Com minha voz clamo ao SENHOR; com minha voz faço súplica." Isto enfatiza tanto a natureza de seus pedidos quanto aquele da parte de quem ele busca socorro. A linguagem típica de lamento prossegue no *versículo 2* (cf. Sl 42.4; 62.8), quando se faz menção de suas queixas em sua angústia.

Falar do espírito quase desmaiando descreve a condição quando circunstâncias externas esmagam uma pessoa (*v. 3*, cf. Sl 77.3; Is 57.16). Davi sabe que seus inimigos já planejaram contra ele e já lhe armaram uma cilada com o fim de prendê-lo (cf. o uso de "armadilha" no Sl 14.5 e 141.9). Mas, a despeito de sua angústia, ele reconhece que seus caminhos são conhecidos de seu Deus. Esta mudança para o discurso na segunda pessoa ("Tu és") realça sua profunda relação pessoa com o Senhor, o qual entende seu caminho. "Vereda" provavelmente signifique "saída de sua angústia". Quando Davi olha para sua direita, o lugar do ajudante está

vacante (*v. 4*). Ninguém percebe sua situação exceto o Senhor, o que fica quando outros ajudantes falham (cf. Sl 109.31; 121.5).

2. *Clamor do Coração (vs. 5–7)*

Justamente como o salmo começou com um apelo reiterado, assim a segunda seção começa com uma dupla expressão de necessidade e confiança ("Eu clamo … Eu digo", *v. 5*). Davi não encontrava nenhum refúgio entre os homens (heb. *manos*, *v. 4*), porém sabe que ele tem no Senhor um lugar de refúgio (heb. *machseh*). Fazer esta confissão ao Senhor equivale um reconhecimento de sua insegurança e desamparo pessoais. "Minha porção" é um empréstimo da linguagem relativa à provisão divina para os levitas (ver comentário sobre Sl 16.5).

A urgência da situação é clara à luz da série de clamores: "Escuta … resgata … livra-me" (*vs. 6,7*). A "prisão" não tem o sentido de uma prisão moderna, mas, antes, é uma metáfora para solidão e desespero. Se Deus age em resposta à oração, então o louvor virá em seguida. Ainda que atualmente separado dos companheiros crentes, o livramento trará consigo comunhão renovada e louvor unificado. Em contraste com os inimigos, Deus agirá com terno amor para com seu servo aflito.

SALMO 143

Salmo de Davi.

Este é o último "Salmo Paulino" segundo Lutero (ver Introdução, p. 39), e também o último dos salmos penitenciais (ver comentário introdutório sobre Sl 51). Não surpreende um mínimo sequer que o apóstolo Paulo fizesse ecoar este salmo duas vezes (Rm 3.20; Gl 2.16), e em ambos os casos acrescenta as palavras explicativas de que a justificação, aos olhos de Deus, não provém da observância da lei. Esta é uma implicação do que o salmo diz sobre o juízo divino, pois o versículo 2a constitui um reconhecimento de que, se Deus julga segundo as obras, então o salmista será condenado. O salmo põe a ênfase na graça e na fé, e Paulo vê claramente isso, e o usa quando expande o evangelho.

1. *Oração Inicial por Misericórdia (vs. 1,2)*

Como em muitos dos versículos posteriores, o *versículo 1* tem similaridades com outras passagens nos salmos. Evidentemente, houve profundo conhecimento de outras passagens bíblicas que pudessem ser utilizadas na oração (ver comentário introdutório sobre Sl 86). As petições iniciais lembram os Salmos 28.2; 39.12; e 54.2, enquanto a menção de "fidelidade e justiça" lembra o caráter do Deus pactual de Israel (Êx 34.6). A NIV corretamente parafraseia o hebraico "responde-me" com as palavras "vem em meu socorro".

Davi sabe que será condenado se for julgado com base em seu próprio comportamento e caráter. Nem sequer uma pessoa é capaz de manter uma posição justa diante de Deus por suas próprias obras (*v. 2*). Este ensino veterotestamentário está implícito no Novo Testamento onde somos ensinados que Deus "nos salva, não por causa de algo justo que tenhamos feito, mas por causa de sua misericórdia" (Tt 3.5). Augustus Toplady descreveu com exatidão esta compreensão bíblica da salvação:

> Os labores de minhas mãos
> Não podem satisfazer as exigências de tua lei;
> Se meu zelo nunca conhecesse trégua,
> Se minhas lágrimas nunca parassem de fluir,
> Todo meu pecado não poderiam expiar:
> Tu, unicamente tu, podes me salvar.

2. *Infortúnio Atual e Misericórdia Pregressa (vs. 3–6)*

A perseguição que o salmista ora suporta tem como alvo sua destruição final (*v. 3*). "Trevas" é sinônimo de sepultura. A segunda parte do *versículo 3* ("me faz … há muito morreram") aparece numa forma quase idêntica em Lamentações 3.6, enquanto a primeira parte do *versículo 4* é uma repetição do Salmo 142.3a. A perseguição constante alcançou seu efeito, e o salmista está a ponto de completo desespero (*v. 4*).

Em circunstâncias como estas, o que traz esperança é a reflexão sobre as ações pregressas do Senhor (*v. 5*). As palavras e idéias deste versículo são muito semelhantes às do Salmo 77.11,12 (ver comentário). Meditação sobre a maravilhosa atividade de Deus no passado injeta confiança para o presente. Estimulado pelo passado, o salmista estende suas mãos quando ora a Deus (*v. 6*, para expressões semelhantes, ver Sl 28.2; 44.20; 88.9; Lm 1.17). Justamente como o solo seco anseia por chuva refrescante,

assim sua alma tem sede de Deus (cf. as expressões semelhantes do anseio por Deus no Sl 42.1,2 e 63.1).

3. *Oração por Livramento (vs. 7–10)*

Requer-se socorro imediato, pois a aparente ausência de Deus na situação põe a alma em pânico (*v. 7*). Quando Deus parece estar ausente, isto é referido como um ocultar de sua face (ver Sl 30.7; 44.24; 88.14). Freqüentemente, como aqui, a súplica a ele não é para que oculte sua face (ver Sl 27.9; 69.17; 102.2). O estado de morte às vezes é descrito como descendo ao poço (ver Sl 28.1; 88.4,6).

O servo pactual tem seu coração solidamente fixo em Deus ("Eu pus minha confiança", expressão de convicção sólida), e suplica que se lhe demonstre (*v. 8*) misericórdia pactual (heb *chesed*). As trevas da noite estão para ser substituídas pela luz matutina do favor divino. O servo que soergueu seu coração em devoção e louvor a seu Deus, também pede orientação no caminho da justiça, pedido que é reiterado em outra forma no versículo 10. Estes versículos são muito semelhantes ao Salmo 25.1,2,4.

O pedido por livramento (*v. 9*) é seguido de uma frase difícil. O texto hebraico diz: "Eu cobri", o que a NIV interpreta como "Eu me escondo". Enquanto muitas sugestões têm sido apresentadas, e as versões inglesas diferem amplamente, a NIV o traduz em conformidade com o contexto, pois o que se espera é uma expressão de confiança. A seção termina com um pedido adicional por instrução (*v. 10*), pondo a oração do *versículo 8a* em outra forma. O que se requer é submissão a Deus, de modo que a vida sem riscos se assemelhe a um terreno nivelado (cf. uma expressão hebraica semelhante usada em Dt 4.43, "no planalto do deserto"). Aqui se dá uma aplicação espiritual a um termo físico. O termo "bom Espírito" é usado em outras partes também para o Espírito Santo (Ne 9.20).

4. *Oração em Sumário Final (vs. 11,12)*

Os versículos finais ecoam uma vez mais a abertura do salmo. Enquanto o salmista novamente reconhece ser um servo do Senhor, contudo sabe que não pode apelar por auxílio em seu próprio benefício. A salvação lhe é dada pelo próprio favor divino, pois ele sempre age em conformidade com seu compromisso pactual (heb. *chesed*; NIV "amor infalível"). Os

adversários do servo eram também os adversários de seu suserano pactual, e assim Davi pede que Deus, que sempre age em concordância com sua justiça, destrua completamente seus inimigos.

SALMO 144

De Davi.

Há muitas similaridades entre este salmo e o cântico de Davi quando Deus o libertou das mãos de Saul (Sl 18). Aparecem também ecos fortes de outros salmos. A primeira parte (*vs. 1–10*) consiste da oração pessoal do rei por auxílio, rogando por livramento da espada mortífera. Depois de um versículo transicional (*v. 11*), a seção conclusiva busca bênçãos para o povo como um todo. Enquanto a mudança no *versículo 12* é muito marcante, a versão da NIV nota corretamente a conexão entre as duas partes do salmo: "Livra-me e resgata-me … *Então* nossos filhos, em sua juventude, serão bem nutridos como plantas."

1. *Cântico de Louvor (vs. 1–4)*

A exclamação inicial de louvor (*v. 1*) é uma leve expansão do Salmo 18.46, enquanto a segunda parte ecoa o Salmo 18.34a. O rei sabe que sua segurança se encontra unicamente no Senhor; e se a vitória vier na batalha, isso se deve a sua assistência.

O acúmulo de títulos para Deus, no *versículo 2*, é bem parecido com o Salmo 18.2, exceto para o primeiro. "Meu Deus amorável" é uma tentativa de traduzir um título singular para Deus (heb. *chasdi*, "meu amor inabalável"). A expressão provavelmente seja uma abreviação da expressão mais completa (heb. *'elohe chasdi*, "Deus de meu amor inabalável") que ocorre no Salmo 59.9,17. Os títulos realçam o caráter de Deus como o Salvador poderoso, que defende o rei e que lhe dá vitória sobre as nações adjacentes.

A pergunta no *versículo 3* ("Ó SENHOR, que é o homem para que te preocupes com ele, o filho do homem para que penses nele?") é muito parecido com aquela do Salmo 8.4, enquanto a resposta ("O homem é como o fôlego; seus dias são como a sombra efêmera", *v. 4*) sumaria o pensamento do Salmo 39.4,5. Se a existência do homem é de uma natureza tão efêmera, então ele necessita totalmente do auxílio do Senhor!

2. *Oração por Livramento (vs. 5–8)*

O que é descrito no Salmo 18 como sendo as ações de Deus em favor de Davi agora se torna o sujeito da oração. Busca-se outra aparição de Deus (*vs. 5,6*) como se deu no Monte Sinai (cf. Êx 20.18,19; Dt 5.22–27). As faíscas dos relâmpagos são vistas como as flechas de Deus (ver o mesmo uso no Sl 18.14; 77.17; Hc 3.11). A série de rogos diretos continua (*vs. 7,8*). O notável efeito dessas orações enfatiza a urgência da necessidade. O salmista deseja que Deus lhe mostre condescendência em sua tribulação, quando enfrenta os poderosos exércitos que o cercam. Quando os líderes estrangeiros erguem suas mãos direitas para fazer um juramento (cf. Dt 32.40–42), ou juram falsamente, ou fracassam em manter sua palavra. Fazem um compromisso, porém sua única intenção é granjear para si vantagem na batalha.

3. *Cântico de Ação de Graças (vs. 9,10)*

A resposta de Davi é cantar "um novo cântico", usando esta expressão da mesma forma que nos Salmos 33.3 e 40.3. O novo cântico é em louvor à ação salvífica de Deus que libertara Davi da ameaça da morte. Ele se denomina aqui como faz no Salmo 18.50, chamando a atenção também para seu papel como servo que exerce o governo régio pela designação divina (ver o uso da frase "o servo do SENHOR" no título ao Sl 18).

4. *Oração Renovada (v. 11)*

Este versículo serve a dois propósitos. Ele reitera a oração dos *versículos 7 e 8* (abreviando-a pela omissão de "do alto" e "das águas poderosas") a fim de enfatizar a urgência de seu clamor. Também serve para prover um elo com os versículos seguintes, pois, se a oração for respondida, então paz e prosperidade seguirão para a nação.

5. *A Bênção Divina Sobre a Nação (vs. 12–15)*

O livramento divino da ameaça do ataque inimigo resultará em segurança para seu povo. Filhos e filhas serão nutridos num ambiente de segurança, onde poderão crescer e desenvolver-se. A graça e beleza das filhas são comparadas a colunas lavradas, visto que amiúde era costume no Oriente Próximo esculpir as colunas na forma de jovens (*v. 12*).

A bênção divina resultará em colheita abundante e em grande aumento nos rebanhos e gados (*vs. 13,14*). A linguagem reflete a promessa pactual de bênção contínua em passagens tais como Deuteronômio 28.1–14. Parte dessa promessa era a segurança contra o ataque de inimigos (Dt 28.7), aqui expressa em termos dos muros de defesa não rompidos, não exílio, e nenhum dos tumultos de batalha nas ruas da cidade que levem à lamentação.

A exposição final é um sumário da posição privilegiada de Israel (*v. 15*). Deveras se poderia declarar "bem-aventurado" o povo ao qual Deus escolhe para ser sua herança (Sl 33.12)! Uma relação pactual permanente com o Senhor resulta em bênçãos mantenedoras para seu povo, ainda que a bênção maior de todas é podermos chamá-lo nosso Pai. Para o cristão, as bênçãos materiais não podem comparar-se com o privilégio de poder, pela obra do Espírito Santo, dizer que na verdade "Jesus é Senhor" (1Co 12.3).

SALMO 145

Salmo de louvor. De Davi.

A seção final dos salmos davídicos (Sl 138–145) é concluída com um cântico que enaltece a realeza universal de Deus e sua graciosa e justa provisão para todas as suas criaturas. Esta ênfase sobre o escopo da misericórdia de Deus é ressaltada na versão NIV pelo uso reiterado de "todos" (ver *vs. 9,10,12,13,14,15,17,18,20*). O salmo é um acróstico alfabético, ainda que na maioria dos manuscritos hebraicos a estrofe que começa com a letra hebraica *nun* esteja faltando (*v. 13b*). Não obstante, como a nota de rodapé da NIV registra, um dos manuscritos hebraicos a contém, como se dá com um dos rolos do Mar Morto e versões antigas tais como a Siríaca e a Grega. Algumas outras versões posteriores, inclusive a Gálica Escocesa, a têm também inclusa. O salmo, depois de um cântico de louvor inicial (*vs. 1,2*), contém quatro seções, com uma expressão final de louvor inclusa (*v. 21*). Entre todos os salmos com títulos, este é o único que faz uso da palavra "louvor" (heb. *tehillah*), palavra essa repetida também no versículo final ("em louvor").

1. *Louvor ao Rei (vs. 1,2)*

A linguagem que abre este cântico de louvor concernente ao Grande Rei e seu reino é muito semelhante à dos Salmos 30.1 e 34.1,3. Nos momentos em que Deus era louvado por seu povo, linguagem como a constante nestes salmos (e a doxologia de Davi em 1Cr 29.10–13) fornecia uma reserva da qual se podia extrair expressão adequada. Faz-se o compromisso de louvor constante a ser prestado ao Rei, e não há diferença aparente no significado entre "exaltar", "louvar" e "enaltecer".

2. *O Esplendor da Majestade de Deus (vs. 3–7)*

Uma vez mais há linguagem emprestada aqui. A primeira metade do *versículo 3* ("Grande é o SENHOR e mui digno de ser louvado") ecoa os Salmos 48.1 e 96.4, enquanto a segunda parte ("sua grandeza ninguém pode imaginar") é modelada em Jó 5.9; 9.10 e Isaías 40.28. O salmista chama a atenção para o modo como Deus é distinguido de suas criaturas. Sua grandeza é tal que não penetra no escrutínio humano, pois ela transcende infinitamente a toda sua criação.

"As obras" de Deus e seus "atos poderosos" constituem o tema do louvor reiterado, geração após geração (*vs. 4,5*). Era parte da responsabilidade dos pais e anciãos ensinar às gerações sucessivas sobre os grandes feitos do Senhor (ver comentários sobre Sl 78.1–8). Quando o povo meditava sobre o que o Senhor fizera, se sentia movido a louvar as maravilhas de suas ações na criação e na redenção. A descrição das ações de Deus equivale (*vs. 6,7*): "obras tremendas", "grandes feitos", "bondade profusa", "justiça". Estas expressões, e as dos versículos precedentes, não se destinam a ser cuidadosamente distinguidas umas das outras, mas seu efeito cumulativo é atrair a atenção para o poder e majestade esmagadores das ações de Deus.

3. *A Glória do Reino de Deus (vs. 8–13a)*

A própria declaração de Deus, de seu caráter (Êx 34.6), uma vez mais forma a base para o louvor (*vs. 8,9*, ver comentários sobre Sl 86.5 e 103.8). A palavra "gracioso" vem primeiro em ordem no texto hebraico para ajustar-se ao acróstico-padrão. Em relação a toda sua criação, o Senhor se exibe como o Deus de infindo amor e compaixão.

Nos *versículos 10–12*, os seres humanos e a criação inanimada, respectivamente, são descritos como rendendo louvores a Deus. "Reino",

aqui, comunica a idéia do reinado universal de Deus sobre toda a criação. Os "santos" (para este termo, ver comentário sobre Sl 30.4) têm a tarefa de proclamar a grandeza de Deus e a gloriosa natureza de seu reino. O propósito desta proclamação tem um intento missionário, em que todos os homens venham a conhecer quão gracioso e condescendente é Deus. Ao ensinar seus discípulos, Jesus aplicava o princípio do cuidado que Deus tinha para com as aves, com o intuito de mostrar quanto mais seu cuidado providencial se estende a seus seguidores crentes (Mt 6.25–34).

A afirmação no *versículo 13a* ("Teu reino é um reino eterno, e teu domínio dura por todas as gerações") expressa em outras palavras a declaração no Cântico do Mar: "O SENHOR reinará para todo o sempre" (Êx 15.18), e palavras semelhantes ocorrem em Daniel 4.3,34. Diferente dos reinos terrenos, o reino de Deus não é temporário, mas eterno. Eis por que geração após geração pode testificar de seus atos poderosos (*v. 4*).

4. *O Cuidado Gracioso do Senhor (vs. 13b–16)*

Para com sua criação, o Senhor exibe plena fidedignidade (*v. 13b*). Suas palavras são infalíveis; e, tendo feito um compromisso, ele sustenta sua criação e assim demonstra sua fidelidade. A palavra traduzida por "bondoso" (*chasid*) é usada aqui para Deus, enquanto é mais comumente usada para seus leais servos pactuais (ver comentários sobre Sl 4.3; 12.1; 18.25; 31.23).

O *versículo 14* é uma exposição das ações gerais e reiteradas do Senhor. Ele sustenta os que estão tropeçando (ver Sl 37.17,24; 54.4; 119.116) e restaura os que se curvam ante a angústia e pela humilhação (Sl 18.6).

A linguagem e as idéias dos *versículos 15 e 16* são muito estreitas àquela do Salmo 104.27,28 (ver comentário). Ambos, homens e animais, são alimentados pelas mãos de um Criador gracioso que, como o Pai celestial, cuida mesmo daqueles que nem semeiam nem colhem (Mt 6.26).

5. *A Providência do Senhor (vs. 17–20)*

Na maneira em que ele opera, o Senhor sempre cuida em concordância com as normas que ele mesmo estabeleceu (*v. 17a*). Ele é gracioso e justo (Sl 116.5), e suas leis são retas (Sl 119.137). O *versículo 17b* é a repetição do versículo 13b. Enquanto os que vivem afastados do Senhor não conhecem sua disposição em responder ao seu clamor (Is 29.13), contudo

aos que o invocam em verdade ele se prontifica a responder achegando-se para socorrer (*v. 18*).

Nos *versículos 19 e 20*, o povo do Senhor é descrito por dois termos usados em outros lugares nos Salmos. São "os que o temem" (Sl 22.23; 25.12,14; 33.18; 60.4; 119.63) e os "que o amam" (Sl 5.11; 97.10; 119.132). Amor e reverência pelo Senhor são plenamente compatíveis. Aqui o "desejo" não é por alimento (cf. *v. 16*), mas por livramento do perigo e estresse. Enquanto os perversos são levados à destruição, o Senhor preserva os seus (heb. *shamar*, o mesmo verbo presente no Sl 121.7,8).

6. *Louvor ao Senhor (v. 21)*

A convocação inicial ao louvor é resumida (*vs. 1,2*), mas contém um estágio adicional. O salmista não só se compromete a louvar, mas ele convoca a todas as criaturas a participarem dele. "Toda criatura" (heb. "toda carne") só pode reportar-se aos humanos (Sl 65.2), mas a frase afim, "tudo o que respira", descreve homens e animais (Sl 150.6). Provavelmente a versão NIV esteja certa, e por isso o salmo termina com um convite não só aos humanos, mas para que todas as coisas vivas se juntem em perpétuo louvor ao Senhor.

SALMO 146

O grupo final de salmos (146–150) tem uma feição comum. Todos começam e terminam com a expressão "Louvem ao SENHOR" (heb. *halleluyah*). Por esta razão eles foram chamados os salmos "Hallel" (cf. comentário sobre Sl 113 para referência ao grupo de salmos denominados o "Hallel Egípcio"). Juntamente com o Salmo 145, eram usados na prática hebraica posterior do culto matutino na sinagoga. Eles conduzem todo o Livro dos Salmos ao seu final com uma nota de louvor triunfante. O Salmo 146 é um hino típico de louvor, com apelos iniciais e finais ao louvor incluindo uma descrição dos modos como o Criador e Rei ajuda os necessitados. Nas versões gregas e latinas, ambos os Salmos, 146 e 147, são atribuídos a Ageu e Zacarias. A linguagem do próprio salmo pressupõe que ele vem do período pós-exílio, mas não há afirmação expressa que o confirme.

1. *Convocação ao Louvor (vs. 1,2)*

Depois da convocação comunitária inicial ao louvor, o hino continua com o salmista estimulando-se a louvar o Senhor. Ele, pois, faz um voto de fazer isso perpetuamente. Enquanto se reporta a Deus reiteradamente como "o Senhor" (onze vezes neste breve salmo), contudo também o chama "meu Deus". É com base na fé pessoal que ele se compromete a uma vida de louvor consagrado ao seu Criador e Libertador.

2. *Exortação à Confiança no Senhor (vs. 3–9)*

Antes de descrever a Deus como o grande ajudador, o salmista estabelece um contraste, pronunciando uma advertência contra depositar a confiança nos homens (*vs. 3,4*). O tema da recusa em depender dos meros homens ou meras forças militares é comum nos salmos (ver, p.ex., Sl 44.4–8; 118.6–12). Os líderes humanos são meros mortais falíveis, e não se pode achar neles salvação alguma. Sua mortalidade se exibe no fato de que, quando vem a morte, voltam à terra e seus planos nunca chegam à concretização.

Nos *versículos 5 e 6*, o salmista canta à feliz condição dos que verdadeiramente têm confiado no Senhor (para comentário sobre "bem-aventurado", ver Sl 1.1). O Deus do patriarca Jacó é equiparado ao Senhor de Israel. O título, "o Deus de Jacó", é muito comum no Saltério (ver Sl 20.1; 46.7,11; 75.9; 76. 6; 81.1; 84.8; cf. também o termo em Isaías, "O Poderoso de Jacó", Is 49.26; 60.16). Como no Salmo 121.1, a referência a "auxílio" traz novamente a certeza de que o ajudador real é o Criador do céu e da terra. Primeiro, o Criador onipotente tem a capacidade de ajudar seu povo, porque tudo no céu, terra e mar foi feito por ele (para a frase "Criador do céu e terra", ver Sl 115.15; 121.2). Segundo, ele é um Deus que não falha em conservar sua palavra pactual (heb. "que guarda a verdade para sempre"). Todo aquele que confia neste Deus é eternamente abençoado!

No texto hebraico dos *versículos 7–9*, uma série de particípios explica mais sobre o Criador do céu e terra. Ele "sustenta … e dá … põe em liberdade os prisioneiros … dá vista … exalta … ama … vigia". Muitas das expressões usadas ocorrem em outros salmos, tais como a abertura do *versículo 7* que abrevia o Salmo 103.6. A referência a exaltar e humilhar ocorre nesta forma no Antigo Testamento somente aqui e no Salmo

145.14. As duas afirmações finais (“sustenta … frustra”) completam a descrição afirmando dois fatos opostos. Para com os mais necessitados da sociedade, o Senhor exibe compaixão, porém faz tortuosos os caminhos dos perversos.

3. *Apelo Final ao Louvor (v. 10)*

Quando o poeta renova o apelo ao louvor, ele ecoa as palavras de Êxodo 15.18: “O SENHOR reina para sempre.” Seu discurso é a Sião/ Jerusalém, lembrando-a de que Deus é o Rei eterno, que escolheu habitar com seu povo (ver Sl 132.13,14). Esse fato deve trazer nova certeza àqueles cuja esperança está no Senhor (*v. 5*), e produz neles a resposta ao apelo final: “Louvem ao SENHOR” (heb. *halleluyah*).

SALMO 147

Enquanto a versão grega (LXX) divide este salmo em dois (*vs. 1–11*, Sl 146; *vs. 12–20*, Sl 147; ver Introdução, p. 27), sua unidade é evidente à luz do paralelismo por toda as seções e o modo como a abertura e encerramento formam uma estrutura para o conteúdo central do salmo. A dependência das partes iniciais do Antigo Testamento (especialmente Dt 4 e Sl 33 e 104) e a referência ao regresso dos exilados pressupõem que ele foi um cântico composto no período pós-exílio. A ocasião mais provável para sua composição teria sido a dedicação dos muros reconstruídos de Jerusalém (Ne 12.27–43). Esse tempo jubiloso teria sido mais apropriado a um cântico conclamando a todos que louvem o Senhor por seu grande amor e favor demonstrados a Israel.

1. *Louvem ao Grande Criador (vs. 1–6)*

A convocação inicial ao louvor é seguida de exclamações que falam do valor de tal louvor (*v. 1*). É “bom”, “agradável” e “próprio”. Embora haja alguma similaridade com o Salmo 33.1,2, contudo o paralelo mais estreito a esta abertura é o Salmo 135.3. É bem provável que ele tome o hebraico aqui como uma afirmação enfática: “*Deveras* é bom cantar louvores …”. Louvar é uma resposta apropriada, mas é também algo jubiloso.

O cenário do salmo é o período após o regresso do exílio (*vs. 2,3*). O que aconteceu quando se permitiu aos exilados regressarem à pátria e a

subseqüente reconstrução de Jerusalém foram obra do Senhor (Sl 126.2,3). Aqui o salmista visualiza isto como uma obra contínua de cura ("sara … pensa") quando o Senhor trata com graça os exilados golpeados pela tristeza e aflitos (ver Sl 137).

O estímulo vem ao povo com o pensamento de que o restaurador de Israel é ninguém mais senão o Deus da criação (*vs. 4–6*). Mesmo as estrelas são suas, e ele as conhece individualmente. Sua obra providencial em sustentar sua criação é evidência de seu poder e sua sabedoria. Uma das implicações disto é que Deus é por isso capaz de intervir em favor de seu povo a fim de "sustentá-lo" (o mesmo verbo é usado no Sl 146.9). Uma vez que ele conhece tanto sobre as coisas, como as estrelas, a ponto de lhes dar nomes, quanto mais ele cuida de seu povo ferido. Ele também age julgando e destruindo os perversos, conduzindo-os à sepultura.

2. *Louvor ao Grande Provedor (vs. 7–11)*

A palavra inicial do *versículo 7*, "cantem", literalmente é "respondam" ou "correspondam". Louvar é um excelente modo de proclamar a grandeza de Deus. É uma ação de graças ou uma confissão a outros sobre o que sabemos dele. Em hebraico, "fazer música" é o mesmo verbo que a NIV traduz "cantem louvores", no *versículo 1*. Aqui a menção de "harpa" associa tal louvor com acompanhamento musical.

O Criador não só se preocupa com as estrelas (*v. 4*), mas também com as necessidades do gado e aves, que também são obra sua (*vs. 8,9*). Ele provê chuva com facilidade, a qual por sua vez ajuda a produzir o alimento para os animais domésticos e selvagens, respectivamente. Portanto, a força humana, mesmo o poder militar, não é substitutivo do poder divino (*vs. 10,11*). Deus não se deleita no que os homens porventura realizem. Antes, ele se deleita nos que reconhecem sua própria deficiência, e então confiam em seu inabalável amor (heb. *chesed*). Os que o temem (com a reverência de uma criança, não a de um escravo; ver Sl 25.12; 34.9) têm confiança na capacidade dele de satisfazer suas necessidades.

3. *Louvor ao Deus de Sião (vs. 12–20)*

Nos *versículos 12–14*, Sião/Jerusalém é abordada diretamente, e é instigada a louvar o seu Deus. Apresentam-se as razões para esta ordem. Ele fornece as defesas da cidade, e concede suas bênçãos a seus habitantes.

O povo tem descanso da batalha e lhes dá colheitas profusas para que sua fome seja satisfeita com o melhor trigo.

A palavra de Deus se assemelha a um mensageiro que velozmente leva avante suas ordens. À primeira referência a nuvens e chuvas (*v. 8*) agora se acrescenta neve, geada e saraiva. Esse tempo ventoso é uma demonstração do poder de Deus, diante do qual nenhum ser humano pode permanecer. Mas quando Deus envia sua palavra adicional, a brisa morna vem e a neve e o gelo derretem (*vs. 15–18*).

Não obstante, a maior dádiva de Deus é outra "palavra", a qual envolvia revelação de sua vontade a seu povo (*v. 19*). A nação que ele fez para si era guiada pelas leis que promulgara, de modo que as gerações sucessivas temessem o Senhor e tivesse vida longa na terra de Canaã (Dt 4.40; 6.1,2). A posição de Israel era singular (*v. 20*). Nenhuma outra nação pôde reivindicar o privilégio desfrutado por Israel de decretos e leis justos. Isto teria provocado inveja quando as outras nações viram quão íntimo era Deus de seu povo (Dt 4.5–8).

Após o recital de todas estas obras do Senhor, a conclamação final oportunamente é uma repetição da inicial. A consideração das ações divinas na criação e na redenção levaria a mais louvor.

SALMO 148

Como parte do grande clímax de louvor do Saltério, o Salmo 148 celebra a honra do grande Criador. Seres celestiais, corpos celestes e criaturas terrestres são conclamados a enaltecê-lo. Pelo menos desde o tempo de Hilário de Poitiers na igreja primitiva (cerca de 315–367), muitos têm visto este salmo como um quadro profético do louvor que seria dado a Deus quando a criação ficar isenta de sua presente escravidão (Rm 8.18–21). Não obstante, o salmo não pressupõe um cenário escatológico. Antes, ele se dirige ao céu e à terra – inclusive aos anjos, homens e animais – como um apelo ao enaltecimento do nome do Senhor, e é semelhante aos Salmos 33,103 e 104. A estrofe final dirige a atenção para o povo de Deus, que tem possuído um rei que lhes foi designado por Deus.

1. *O Louvor de Deus nos Céus (vs. 1–6)*

O paralelo mais estreito aos versículos 1–3 se encontra nos versículos finais do Salmo 103. Ordena-se a todas as criaturas nos céus que louvem

o Senhor. Estas se estendem desde seus mensageiros angélicos até o sol, lua e estrelas. Nenhuma parte do céu fica isenta de dar-lhe louvores. Os céus e as águas acima (ver Gn 1.7) devem participar desses louvores (*vs. 4–6*). A motivação para o louvor é o modo decisivo como foram criados. Deus "falou, e tudo se fez; ele ordenou, e tudo surgiu" (Sl 33.9). Ele trouxe todas as coisas à existência, e as pôs em seu lugar (o mesmo verbo é usado aqui em hebraico como em Gn 1.17). A parte final do *versículo 6*, em vez da interpretação dada pela NIV, poderia significar que a criação não pode transgredir os limites impostos por Deus.

2. *O Louvo de Deus na Terra (vs. 7–12)*

Em geral, estes versículos seguem a ordem da criação em Gênesis 1, chegando a um clímax com as referências ao gênero humano. Tudo na terra – vegetal, animal e humano – deve unir-se ao coro de louvor. Justamente como Deus ordenara e tudo veio à existência (*v. 5*), assim sua "palavra" (NIV "ordenança") controla as operações da natureza.

3. *O Louvor de Deus da Parte de Seu Povo (vs. 13,14)*

A criação é testemunha do poder e perícia de Deus (*v. 13*). Como anteriormente o *versículo 5b* deu a motivação para o louvor, assim também este versículo. Quando a criação é considerada, tornam-se evidentes "o poder eterno de Deus e a natureza divina" (Rm 1.20), e assim seu nome é exaltado. Esse "seu esplendor está acima da terra e dos céus" significa que o esplendor do Criador excede infinitamente ao da criação.

Em outras partes nos salmos o termo "chifre" (*v. 14*) é usado para o rei (ver Sl 132.17), e faz melhor sentido tomá-lo desta forma também aqui. A provisão da família davídica é corretamente vista como ato criativo de Deus. Usam-se três termos para descrever o povo de Deus. Primeiro são chamados "santos" (ver sobre Sl 30.4). Segundo ele denomina o povo "Israel". Terceiro ele faz referência a eles como "o povo segundo seu coração". Esta última expressão não é comum, ainda que ocorra em Levítico 10.3 ("os que se aproximam de mim"). Serve como uma expressão conveniente para denotar a relação especial entre Deus e seu povo. A conclamação final ao louvor envolve o cântico majestoso de adoração.

SALMO 149

Embora os elementos de louvor deste salmo não sejam de modo algum estranhos, contudo a parelha de louvor (*vs. 1–5*) com maldição (*vs. 6–9*) é singular no Saltério. O paralelo mais próximo seria a terna compaixão de Deuteronômio 7 (ver especialmente *vs. 7–9*) lado a lado com o juízo divino sobre aqueles que o odeiam, em Israel e em Canaã, respectivamente (*vs. 1–6,9,10*). É melhor entender a alegria do povo como sendo direcionada primeiro à sua presente posição. Então o salmista aponta para um dia escatológico quando poderes estrangeiros terão que se sujeitar ao juízo divino. O presente e o futuro são enfeixados pelo decreto escrito de Deus (*v. 9*).

1. *Conclamação ao Louvor (v. 1)*

A ordem de louvar vem com a instrução relativa ao seu conteúdo. O cântico a ser entoado é "um novo cântico". Como no Salmo 96.1 (ver comentário) ou Isaías 42.10, isto significa mais do que apenas um cântico recém-composto. A frase contém matizes escatológicos concernentes ao juízo final, o que explica seu uso no Livro do Apocalipse (5.9; 14.3). O louvor deve ser comunitário, quando o povo adorador de Deus se congregar. "Santos" é um dos muitos sinônimos para povo de Deus, neste salmo.

2. *Regozijando-se no Senhor (vs. 2–5)*

Atos de misericórdia salvífica estão por trás da alegria espiritual do povo. Aquele que formou Israel numa nação é exaltado como seu Criador (cf. Sl 95.6; 100.3), mas também como seu Soberano e Rei (*v. 2*). Quando os súditos experimentam o poder salvífico de seu Rei, exaltam seu nome com cântico exuberante, usando instrumentos tais como tamboril e harpa para magnificar seu louvor (*v. 3*). É incerto se instrumentos como o tamboril fossem permitidos na liturgia do templo. Se não, então este louvor é entoado em alguma ocasião fora dos recintos sacros. O tamboril é em outras partes associado à dança (Êx 15.20; 1Sm 18.6; Sl 150.4).

No *versículo 4*, expressa-se novamente o prazer de Deus nos que o temem (Sl 147.1). Mais dois sinônimos são adicionados pela companhia dos crentes: "seu povo" e "os humildes". O prodígio da graça de Deus é

visto no fato de que ele atrai a si os que não são seu povo e assim os converte em "filhos do Deus vivo" (Os 1.8–10; Rm 9.25,26). Ele concede salvação aos humildes, um elo no pensamento com o Salmo 147 (ver *v. 6*).

Os santos são conclamados a responder jubilosamente a esta expressão de salvação (*v. 5*). Noites de tristeza se destinam a ser substituídas por noites de cântico. A referência a "leitos" confirma a visão assumida supra de que louvor aqui é algo fora da liturgia do templo. O leito inundado com lágrimas (Sl 6.6) se destina a ser substituído por cânticos noturnos (Sl 42.8; 77.6).

3. *Regozijando-se na Esperança (vs. 6–9)*

O contraste entre as duas partes principais do salmo é muito agudo, mas ele procede das duas classes de pessoas aqui descritas. Nos *versículos 1–5* é o povo de Deus que está em pauta. Aqui é outro povo (o hebraico usa palavras diferentes para "povo(s)" nos vs. 4 e 7) que não reconhece o senhorio do Deus de Israel, e que tem uma sentença de juízo pendente contra eles. A sentença escrita poderia ser como aquela dada em Isaías 65.6,7. A vingança não é prerrogativa do homem, mas de Deus (Dt 32.35,41; cf. o uso desta passagem em Rm 12.19 e Hb 10.30). É uma expressão de seu caráter como o justo e santo Deus. O quadro aqui é de juízo no fim dos tempos, do qual o povo de Deus participará (1Co 6.1–3). No tempo atual, o povo de Deus vence pelo uso da espada do Espírito (Ef 6.17; Hb 4.12). Os santos têm uma posição de honra peculiar (*v. 5*) que será vista especialmente no último grande dia do juízo. Uma conclamação final ao louvor reúne novamente os santos para suas presentes tarefas.

SALMO 150

Com toda probabilidade, este salmo foi composto como a doxologia final. Enquanto os livros anteriores que compõem o Saltério terminam com doxologias breves (41.13; 72.18,19; 89.52; 106.48), o livro final termina com um salmo completo que constitui o clímax do louvor. Treze vezes se comunica a ordem: "louvem ao SENHOR" (heb. *halleluyah*). Justamente como o Salmo 1 forma uma introdução apropriada, assim o Salmo 150 avança para o final de toda a coleção. Enquanto os salmos percorrem todos os variados modos da vida humana, este último conduz o hinário de Israel

a uma conclusão com a nota de louvor esmagador rendido a Deus em sua dignidade.

1. *Louvor na Terra e no Céu (vs. 1,2)*

A abertura dos salmos convoca terra e céu ao louvor. Parece haver um uso deliberado de "santuário" como referência à habitação terrena de Deus, enquanto a frase seguinte convoca os coros celestiais a entoar o louvor de Deus (heb. "no firmamento de sua força"). Céu e terra se destinam a unir-se em adoração jubilosa, cantando as demonstrações de sua grande força e seu majestoso poder. Sem dúvida, tanto a criação quanto a redenção estão em pauta.

2. *Louvor com Orquestra Completa (vs. 3–5)*

A referência inicial ao acompanhamento musical no *versículo 3* é logo ampliada, quando o salmista procede a enumerar os outros instrumentos, usando frases duplicadas para fazer isso. Este aspecto estilístico aumenta o senso de movimento rumo a um clímax. Toda a orquestra é envolvida, desde a flauta do pastor à percussão altissonante de instrumentos. Faz-se menção de dança, o que em outros lugares caracteriza a jubilosa resposta ao poder salvífico de Deus (Jr 31.4,13).

3. *Louvor de Todas as Criaturas (v. 6)*

O último versículo no Livro dos Salmos termina com uma conclamação para que todas as criaturas dêem louvores ao Senhor. As ordens precedentes são implicitamente dirigidas a Israel, como o demonstra a nomeação dos instrumentos. Agora a direção é ampliada para abarcar não só os humanos, mas todas as criaturas de Deus que respiram. Enquanto a expressão hebraica aqui (*neshamah*), particularmente, denota seres humanos, contudo ela é usada mais amplamente para todas as criaturas vivas (Gn 7.21,22). Este imperativo final ao louvor no Saltério tem seu eco numa visão do Livro do Apocalipse. João diz: "Então ouvi toda criatura no céu e na terra e debaixo da terra e no mar, e tudo o que neles existe, cantando: àquele que se assenta no trono e ao Cordeiro seja o louvor e a honra e a glória e o poder, para todo o sempre!" (Ap 5.13). O salmo

conclusivo termina mui adequadamente com um final “Louvem o SENHOR!”, “Aleluia!”[1]

[1] Harman, A. (2011). *Salmos*. (V. G. Martins, Trad.) (1ª edição, p. 1–478). São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã.